UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

MARCEL DIEGO TONINI

DENTRO E FORA DE OUTROS GRAMADOS:
Histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros
no continente europeu

Versão corrigida

São Paulo
2016

MARCEL DIEGO TONINI

DENTRO E FORA DE OUTROS GRAMADOS:
Histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros
no continente europeu

Versão corrigida

Tese apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo para obtenção
do título de doutor

Área de concentração: História Social

Orientador: Prof. Dr. José Carlos Sebe
Bom Meihy

O exemplar original encontra-se no
CAPH-FFLCH (Centro de Apoio à
Pesquisa em História)

De acordo,

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy

São Paulo
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

T663d Tonini, Marcel Diego
 Dentro e fora de outros gramados: histórias orais
 de vida de futebolistas brasileiros negros no
 continente europeu / Marcel Diego Tonini ;
 orientador José Carlos Sebe Bom Meihy. - São Paulo,
 2016.
 478 f.

 Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras
 e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.
 Departamento de História. Área de concentração:
 História Social.

 1. CH741.2.2.6.47. 2. CB312.13.5.3.3. 3.
 CH764.1.3.4.1.3.1. 4. CH764.1.3.4.1.6.6. 5.
 CH781.4.12. I. Meihy, José Carlos Sebe Bom, orient.
 II. Título.

TONINI, Marcel Diego. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de doutor.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy (presidente)

Instituição: FFLCH-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes

Instituição: DPH-SMCSP – externo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. Flavio de Campos

Instituição: FFLCH-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. José Paulo Florenzano

Instituição: PUC-SP – externo

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Katia Rubio

Instituição: EEFE-USP

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Para meus pais, Antônio e Terezinha,
por toda uma vida de amor e dedicação.

Para meus amores, Veruska e Lara,
pela força e alegria a cada dia.

AGRADECIMENTOS

Entendo ser este o momento mais marcante em minha carreira. Chegar ao término do doutorado significa ter passado por um longo caminho de formação educacional, tanto a formal quanto a não formal. Sem procurar me estender em demasia, gostaria, assim, de agradecer a cada uma daquelas pessoas que em momentos distintos e distantes foram essenciais em minha trajetória.

Em primeiro lugar, aos meus pais, Antônio e Terezinha, que me ensinaram desde tenra idade, pelo exemplo e pela palavra, os valores elementares da vida humana: amor, respeito, justiça, sinceridade, solidariedade, honestidade, responsabilidade, simplicidade, humildade, entre outros cada vez mais raros nos dias e no Brasil de hoje, os quais formaram meu caráter. Agora que sou pai, percebo quão difícil é educar uma criança. Que eu tenha a mesma sabedoria e paciência. Preciso agradecer-lhes também pela extraordinária educação formal que me possibilitaram, fruto de muito esforço e trabalho, e pela valorização dada aos estudos desde cedo, exatamente por não terem tido a mesma oportunidade. Por me sustentarem durante a graduação e por possibilitarem que saísse de casa nas melhores condições. E, ainda, pelo apoio dado em inúmeros momentos, em especial no fim do doutorado. Ao meu pai, pelo fascinante universo do futebol e pelo amor ao Corinthians, cujas glórias e fracassos tanto nos ensinaram juntos. À minha mãe, que fez de tudo para me ajudar no mestrado e no doutorado com as entrevistas e as respectivas transcrições.

À minha irmã, Marília, cuja palavra e escuta foram tão importantes, sobretudo na longa fase da juventude de formação da personalidade. À ela e ao meu cunhado, Ricardo, pelo apoio em vários momentos e pelos numerosos livros trazidos do exterior, fundamentais para o meu conhecimento e para a elaboração da Parte 1 desta tese. Aos meus sobrinhos, Isabela e Mateus, que me alegraram e me distraíram em tantos finais de semana.

Ao meu irmão, Tales, exemplo de dedicação e estudo, com quem tenho uma enorme afinidade. A distância física só nos aproximou ainda mais. Mesmo de longe sempre esteve presente, interessou-se por minha pesquisa e compartilhou notícias sobre casos de racismo na sociedade e nos esportes australianos. Agradeço-lhe também por me auxiliar na tradução da e para a língua inglesa de muitos resumos para eventos acadêmicos e, em especial, do texto publicado na 17th *International Oral History Conference* e do resumo desta tese. Por esse mesmo motivo, sou muito grato a Erika Pollock.

Aos meus sogros, Henrique e Sílvia, por sempre me apoiarem, me incentivarem e confiarem em meu trabalho. À minha cunhada, Erika, e ao meu concunhado, Fernando,

exemplos de sensibilidade e fé, pela fraternidade e sinceridade. Ao meu sobrinho, Arthur, que tanto me ensina e me alegra a cada ida a São José do Rio Preto. A eles e às tias Ribelta e Damares, por proporcionarem momentos de intenso convívio e felicidade familiar. Ao meu cunhado, Leandro, à minha concunhada, Roberta, e aos meus sobrinhos, Matheus e Nicholas, que apesar da distância transmitem palavras reconfortantes. À Dona Aparecida, pelo abraço carinhoso e pelos votos sinceros de sempre. Ao seu Octaviano (*in memorian*), ao tio Miguel, à tia Zilda e a todos os familiares (Diego, Francisneire, Rodolfo, Isis, Eva, Fagner, Andreia, Walax, Gabriel, Tatiane, Lidiane, Santo, Reinaldo, Flávia, Cauê, Maria, Bernardo, Fabíola, Delinho, Sofia e Heitor) pelos momentos tão agradáveis e revigorantes. Aos meus próprios familiares, em especial à tia Maria, à tia Chiquita, ao tio Zé Carlos, ao tio Elias, ao tio Geraldo (*in memorian*) e à tia Geni, pelos votos e pelas palavras de incentivo.

Ao Recanto Infantil Miudinho e ao Colégio Sagrado Coração de Jesus, por me formarem do maternal à sexta série do ensino fundamental. Ao Instituto Educacional Imaculada, por me formar da sétima série ao terceiro ano do ensino médio e, principalmente, por me convidar a fazer parte de um grupo de jovens que me despertou para os problemas sociais do Brasil e do mundo. Através desse grupo, escolhi as ciências humanas como área de atuação e conheci grandes pessoas que foram muito importantes em minha adolescência. Alguns deles, mais “velhos”, com destaque para Leonardo e Vinicius Rondon, serviram-me de exemplo e apresentaram-me o desconhecido caminho da pós-graduação. Felizmente, mantenho contato com pelo menos um deles, Alexandre Baptista, amigo de tantas jornadas.

Em especial, conheci o Davi Faria De Conti, amigo e “irmão” para a vida toda. Embora tenha a mesma idade que a minha, sempre foi meu mentor cultural, humorístico, literário, cinematográfico, intelectual, político. Com profunda admiração, agradeço-lhe pela amizade e pelas conversas iluminadoras. Através dele, conheci seus pais, meus padrinhos, Dallas e Regina, pessoas que tanto estimo e tão importantes em minha formação. Possuem palavras sábias, que a cada reencontro ensinam algo novo sobre a vida e os valores humanos. A eles, ao Pedro, à Maria e ao pequenino Francisco, pelos momentos tão agradáveis e pelos livros trazidos do exterior. Ao Dallas, ainda, que além de padrinho é médico de minha família, por cuidar com extrema atenção e carinho da Larinha, como se fosse sua neta, trazendo à Veruska e a mim tranquilidade em incontáveis otites desde que ela nasceu em 2012.

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Araraquara, e à Faculdade de Ciências e Letras, por me formarem em Ciências Sociais como Bacharel e Licenciado. A todos os professores que me lecionaram e me abriram horizontes. Em especial,

à Ana Lúcia de Castro, ao Dagoberto José Fonseca, à Dora Isabel Paiva da Costa, ao Guilherme Correa de Toledo, à Leila de Menezes Stein, ao Luis Fernando Ayerbe, à Marcia Teixeira de Souza, ao Marco Aurélio Nogueira, à Maria Helena Galvão Frem Dias da Silva, à Maria Orlanda Pinassi, ao Milton Lahuerta, ao Raul Fiker e ao Richard Miskolci, pelas aulas e conversas esclarecedoras. Ao Heitor Frúgoli Júnior, por abrir as portas da USP ao me aceitar como aluno especial. À Renata Medeiros Paoliello, pela orientação informal e pelo incentivo à pesquisa. À Maria Lúcia Lamounier, pela orientação durante o trabalho de conclusão de curso, por me ensinar a elaborar um projeto e a pesquisar, e por sugerir novos ares. Aos amigos daqueles tempos, Daniel Dias Angelo, Diego Francisco de Carvalho, Diego Vitorino, Elber Santos, Elisa Justulin, Fábio Barbo, Francine Morelato, Juliano Vituri, Luciano Oliveira, Maíra Cavallieri, Rafaela Rabesco, Simone Míssio, Wilder Nascimento, entre outros que eventualmente esteja me esquecendo neste momento.

À Universidade de São Paulo, à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, ao Departamento de História e ao Programa de Pós-Graduação em História Social, pela formação tanto no mestrado quanto no doutorado, possibilitando-me não apenas o desenvolvimento de minhas pesquisas, mas também a realização de um sonho. Dividir os mesmos espaços de tantos mestres do passado e do presente foi um privilégio e uma honra. À Comissão de Pós-Graduação, em especial ao seu presidente Prof. Dr. Marcelo Cândido da Silva, pela extensão de prazo, fundamental para que pudesse concluir adequadamente os estudos. A todos os professores com quem tive a oportunidade de aprender com suas aulas e palestras. Em especial, ao Kabengele Munanga, pela simplicidade, clareza, posicionamento e ensinamentos fundamentais acerca do racismo e do antirracismo. Ao Flavio de Campos, pelas aulas sobre história do futebol, conversas, orientações, críticas e suporte, essenciais em minha formação. Ao Elias Thomé Saliba, pelas aulas divertidas e profundas sobre nacionalismo e produção cultural. À Maria Luiza Tucci Carneiro, pelo rigor metodológico e pelos conhecimentos adquiridos em análise do discurso. À Sara Albieri, pelas aulas filosóficas, conversas e apoio. A todos os funcionários do Departamento de História e do Serviço de Pós-Graduação da FFLCH, pelos inúmeros auxílios ao longo de todos esses anos. Aos amigos Danilo (Mandioca) e Vera Rodrigues, pelas sugestões e trocas durante o mestrado.

Um agradecimento especial e necessário a meu orientador, Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy. Uma de suas grandes virtudes é estar sempre aberto a quem vem de fora, seja de outra cidade, seja de outra universidade, seja de outra área de formação, independentemente do tema de pesquisa. Mesmo sem me conhecer, convidou-me para participar das reuniões do

Núcleo de Estudos em História Oral (NEHO) e abriu a possibilidade para ser seu orientando. A ele devo minha entrada na USP e toda minha formação, muito além da história oral. Agradeço-lhe por sua abertura, confiança, atenção, apoio, ensinamentos, orientações e amizade ao longo de quase dez anos.

Ao NEHO, por minha iniciação, desenvolvimento e amadurecimento enquanto pesquisador. Por suas reuniões memoráveis, pelos cursos extracurriculares, pela oportunidade de trabalhar em diversos minicursos e na revista *Oralidades: Revista de História Oral*, e pelas pessoas que tive o privilégio de conhecer, aprender e fazer amizade. São elas: Alfredo Oscar Salun, Ana Maria Dietrich, Andrea Paula dos Santos, Archimedes da Silva, Cassia Milena Nunes Oliveira, Catarina Menezes, Diógenes Nicolau Lawand, Glauber Cícero Ferreira Biazio, Gustavo Esteves Lopes, Eduardo Meinberg, Maranhão, Elizabeth Stela, Fernanda Paiva Guimarães, João Mauro Barreto de Araújo, Kaliandra de Moraes Santos Araújo, Leandro Seawright, Lourival dos Santos, Márcia Nunes Maciel, Maria Aparecida Blaz Vasques Amorim, Natanael Francisco de Souza, Ricardo Santhiago, Ricardo Sorgon, Rodrigo Casali, Samira Adel Osman, Suely Ramos, Tainá Khalarje, Thomas Machado Monteiro, Valéria Barbosa Guimarães e Xênia de Castro Barbosa. Em especial, à Juniele Rabêlo de Almeida, à Marcela Boni Evangelista, à Marta Gouveia de Oliveira Rovai, à Suzana Lopes Salgado Ribeiro e à Vanessa Generoso Paes, pelos aprendizados e pela parceria na *Oralidades*, em cursos e fora do núcleo. À Fabíola Holanda e à Vanessa Paola Rojas Fernandez, também pelas trocas e conversas em tantas idas e vindas entre Campinas e São Paulo.

Ao Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF), pelo aceite desde antes do mestrado, por contribuir enormemente para minha formação, pelas agradáveis reuniões e pelos profundos debates. Aos amigos de tantas jornadas: Diego Frank Marques Cavalcanti, Diana Mendes Machado da Silva, Enrico Spaggiari, Giovana Capucim e Silva, João Paulo França Streapco, Luciana Ferreira Angelo, Marco Antunes de Lima, Marco Aurélio Duque Lourenço, Marcos Marques dos Santos Júnior, Marina Oliveira, Max Filipe Nigro Rocha, Melina Nóbrega Miranda, Paulo Henrique do Nascimento, Paulo Miranda Favero, Ricardo André Richter, Tiago Machado Rosa e Victor de Leonardo Figols. Ao Vítor Canale, pelas conversas e viagens à capital. Ao amigo Sérgio Settani Giglio, em especial, pela parceria, trocas e por tantos auxílios fundamentais, sobretudo no contato com os futebolistas.

Ao Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas (Ludens), pelo aprendizado, pelas trocas e pelo apoio técnico. Ao professor Flavio de

Campos, como coordenador. Ao funcionário William Maranhão, pelo auxílio em burocracias, na parte técnica e na informática. Em especial, aos que participaram da pesquisa “Memórias de Boleiros”: Aira Bonfim, Bruna Gottardo, Daniela Alfonsi, Paulo Henrique do Nascimento e Sérgio Settani Giglio, pelo desenvolvimento da pesquisa e pelos contatos realizados. Aos estagiários, Amanda Macedo, André Feres, Breno Macedo, Bruno Jeuken, Guilherme Manzoni Leite, Pedro Sant’Anna e Willian Contini, pela elaboração de roteiros, produção das entrevistas, transcrições e auxílios diversos. Ao Museu do Futebol, pelo apoio técnico e pela disponibilização do auditório e de outras salas.

Ao Núcleo de Estudos das Diversidades, Intolerâncias e Conflitos (Diversitas), pelo apoio técnico em distintos momentos. Em especial, à professora Zilda Márcia Grícoli Iokoi, ao Assad Abdalla Ghazal e à Teresa Teles, pelas conversas, parcerias e oportunidades.

Aos professores membros da banca, por aceitarem participar deste momento único em minha carreira acadêmica. Ao Flavio de Campos (USP) e ao José Paulo Florenzano (PUC-SP), pela participação na banca de qualificação, leitura atenta, apoio e sugestões preciosas que aprofundaram discussões na pesquisa. À Katia Rubio (USP), pelo incentivo e pelo esforço em participar da defesa, mesmo diante da proximidade dos Jogos Olímpicos. À Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes, pela educação e atenção diferenciadas, bem como por acompanhar e indicar caminhos ao longo do doutorado. Aos membros suplentes, Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (USP), Bernardo Borges Buarque de Hollanda (FGV-SP), Dennis de Oliveira (USP), Suzana Lopes Salgado Ribeiro (UNITAU), pelo aceite e por contribuições em distintos momentos. À Samira Adel Osman (UNIFESP), pela condição especial de suplência, além das trocas, leituras e sugestões desde o mestrado.

Às professoras Áurea Maria Guimarães e Dirce Djanira Pacheco e Zan, pelo convite para participar de sua disciplina na pós-graduação da Faculdade de Educação, da Unicamp, bem como pela amizade, confiança e ensinamentos em história oral e sociologia. Aos professores Arlei Sander Damo, Fábio Franzini e Wilson Barbosa do Nascimento, pela leitura, diálogo e indicações valiosas durante o mestrado. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, pelo apoio técnico e financeiro que viabilizou e engrandeceu aquela pesquisa, e possibilitou a base para o doutorado.

À Ana e ao Sandro, assim como aos funcionários da Copiadora Aquário, que ao longo de todos esses anos, me auxiliaram com qualidade e presteza, mesmo nos momentos mais corridos.

Aos futebolistas entrevistados no doutorado, Amoroso, Betão, Cláudio Caçapa, Denilson, Djalminha, Ewerthon, Gilberto Silva, Jair da Costa, João Paulo, Júlio César, Junior, Luís Pereira, Paulo César Lima, Paulo Sérgio, Roque Júnior e Zé Maria, pela paciência, confiança, tempo e pelas histórias compartilhadas.

Finalmente, à minha esposa Veruska, por todo o seu amor, sua enorme compreensão e seu incondicional apoio desde sempre. À minha filha Lara, pelo carinho absolutamente essencial e revigorante. Chega de saudade...

Minhas pernas são cartas geográficas. Me encheram de pancadas e insultos. Me diziam sporco negro e, tudo bem, porque o futebol também é feito de palavrões.

Amarildo, campeão mundial pela Seleção Brasileira em 1962, atuou entre 1963 e 1972 no futebol italiano.

Como Sócrates, o imigrante é atópos, sem lugar, deslocado, inclassificável. Aproximação essa que não está aqui para enobrecer, pela virtude da referência. Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.

Pierre Bourdieu, “Um analista do inconsciente”, prefácio do livro “A imigração ou os paradoxos da alteridade”, de Abdelmalek Sayad.

“Preto sujo!” Ou simplesmente, “Olha, um preto!”.

Frantz Fanon, “Pele negra, máscaras brancas”.

RESUMO

TONINI, M. D. **Dentro e fora de outros gramados**: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu. 2016. 478 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

Esta pesquisa propõe um estudo sobre o fenômeno do racismo e da xenofobia na Europa através de levantamento bibliográfico, fontes diversas e, principalmente, histórias orais de vida de alguns futebolistas brasileiros negros que atuaram no continente europeu a partir da década de 1960. O conjunto de procedimentos adotados é o da história oral, mais especificamente aquele praticado pelo Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo. Constituí documentos inéditos, em cujos textos estão expressas as experiências e as memórias da comunidade de destino. O objetivo geral da pesquisa foi relacionar o problema da negritude no futebol em vista de um contexto social mais amplo, o qual tem como pano de fundo a globalização e as migrações internacionais. A tese está dividida em três partes. Na primeira, intitulada de “História do projeto”, introduzo a pesquisa, apresento os conceitos fundamentais, coloco o tema em perspectiva histórica, justifico a escolha pela história oral, exponho os procedimentos adotados e relato as minhas experiências de entrevista com personalidades futebolísticas. Na segunda, “Histórias orais de vida”, apresento cinco histórias de vida que abrangem as décadas de 1980 a 2000 e narram as experiências vividas pelos futebolistas nas principais ligas europeias e na vida social nos respectivos países. Na terceira e última parte, “Memória coletiva” seleciono temas recorrentes nas narrativas, os quais dizem respeito à própria trajetória de vida e profissional, ao movimento migratório e, por fim, ao racismo e à xenofobia. Há um jeito brasileiro de lidar com a questão? Esta é a pergunta que procuro responder nas considerações finais.

Palavras-chave: Jogador, Futebol, Negros, Racismo e História Oral.

ABSTRACT

TONINI, M. D. **On and off of foreign pitches**: oral life stories of black Brazilian footballers in the European continent. 2016. 478 f. Thesis (PhD) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

This research is a study of racism and xenophobia in the European society through literature review, various sources and, primarily, oral life stories from some black Brazilian footballers that played in the European continent from the 1960's onwards. The methodology used is oral history, more specifically that which is practiced by the Centre for Studies in Oral History of the University of São Paulo (Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo). I have composed unpublished documents in which experiences and memoirs of the destiny community are expressed. The research's overall objective was to discuss the black footballers' issue within a broader social context, having globalisation and international migration as background. The thesis consists of three parts. In the first one, entitled "The project's history", I introduce the research, present the core concepts, put the theme in historical perspective, justify my choice for using oral history, explain the methodology and report on my experiences interviewing football personalities. In the second, "Oral life stories", I present five life stories spanning from the 1980's to the 2000's and narrate the footballers' experiences in the main European leagues and their social lives in their respective countries. In the third and last part, "Collective memory", I pick up recurring themes in those narratives, which relate to the footballer's life and career, migration, racism and xenophobia. Is there a Brazilian way to deal with the issue? This is the question I try to answer in the final considerations.

Keywords: Football Players, Football, Black People, Racism, Oral History.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1 – A imagem do negro Pelé sendo confortado pelo goleiro branco Gylmar após a vitória da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1958 rodou o mundo e reforçou a crença na democracia racial supostamente vivida na sociedade brasileira. Fonte: Wikipedia.30
- Figura 2 – Reportagem e ilustração do jornal argentino *Crítica*, publicado em 3 de outubro de 1920, retrataram os brasileiros como macacos. Esta matéria empregou pela primeira vez o termo “*macaquitos*” em referência aos futebolistas brasileiros. Fonte: PALACIOS; CHACRA, 2014, p. 36.81
- Figura 3 – Retrato da Seleção Brasileira de 1921 escancara a discriminação racial da época. Fonte: Careta, 17 set. 1921 apud PEREIRA, 2000, p. 177.....84
- Figura 4 – José Leandro Andrade com a camisa do Uruguai na década de 1920. Fonte: *Blog Museu Virtual do Futebol*.....85
- Figura 5 – Charge em jornal espanhol estigmatizou futebolistas brasileiros negros na década de 1930. Fausto seria o segundo da fila, seguido por Jaguaré. Fonte: *El Mundo Deportivo*, 28 ago. 1931 apud SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 461.....93
- Figura 6 – O afro-americano Jesse Owens estava no ponto mais alto do pódio após ganhar a prova de salto em distância nos Jogos Olímpicos de 1936, sediados em Berlim, em pleno Terceiro Reich. À direita, o alemão Luz Long, fazendo a saudação nazista. Fonte: Wikipedia.95
- Figura 7 – Charge de Nássara em que o goleiro negro Barbosa foi estigmatizado e culpado pela derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950. Fonte: JAL; GUAL, 2004, p. 41.98
- Figura 8 – Seleção Brasileira de 1958, o primeiro time inteiramente multirracial a vencer uma Copa do Mundo. Fonte: brazilofallworldcups.com.104
- Figura 9 – Capa de revista norte-americana sobre a história de amor entre o futebolista brasileiro negro Germano e a condessa italiana Giovanna Agusta, vista como um “escândalo” nos anos 1960. Fonte: *JET*, 23 mar. 1967.111
- Figura 10 – Didi, o “Príncipe Etíope”, com Di Stéfano, “*La Saeta Rubia*”, e Puskas, o “*Cañocito Pum*”, no então Novo Estádio Chamartín, 1959. Fonte: Twitter oficial do Real Madrid C. F., 8 out. 2015.113

Figura 11 – Ângulos diferentes do protesto silencioso, com a saudação <i>Black Power</i> feita pelos atletas afro-americanos Tommie Smith (ao centro) e John Carlos (à direita), durante a cerimônia de premiação dos 200m nos Jogos Olímpicos de 1968, disputados na Cidade do México. Fonte: BBC News.....	117
Figura 12 – Muitos negros no elenco da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1970, nenhum, porém, com penteado no estilo <i>black power</i> . Fonte: Terceiro Tempo.....	121
Figura 13 – Todos os jogadores negros que entraram em campo na partida contra a Alemanha Oriental, na Copa do Mundo de 1974, usavam penteado no estilo <i>black power</i> . Fonte: Gazeta Press.....	121
Figura 14 – Eusébio exibiu uma de suas duas Botas de Ouro conquistadas com a camisa do Benfica. Fonte: <i>Blog Em Defesa do Benfica</i>	128
Figura 15 – Famosa foto em que John Barnes tirou de letra uma banana atirada em sua direção, num clássico entre Everton e Liverpool em 1988, no <i>Goodison Park</i> . Fonte: <i>The Telegraph</i>	131
Figura 16 – Charge de Osnei satirizou “o êxodo dos craques” brasileiros para o futebol italiano no início dos anos 1980 como se fosse a “solução” para a crise vivida pelos clubes nacionais. Fonte: <i>Placar</i> , n. 684, 1º jul. 1983, p. 55.	138
Figura 17 – Com o título “ <i>Los gringos</i> ”, a capa do caderno de esportes da <i>Folha de S.Paulo</i> valorizou a legião estrangeira do time titular da Inter de Milão que se sagrou campeã da <i>UEFA Champions League</i> na temporada 2009-2010. Fonte: <i>Folha de S.Paulo</i> , 23 maio 2010, p. D1.....	164
Figura 18 – Polêmica foto de um almoço na concentração da seleção holandesa que disputou a Eurocopa de 1996 expôs a divisão racial na delegação. Fonte: JACKSON, 2012.	169
Figura 19 – Anton Ferdinand esnobou John Terry no primeiro reencontro entre os dois atletas após o caso de racismo ocorrido na temporada 2011-2012 da <i>Premier League</i> . Fonte: XAVIER, 2012.	174
Figura 20 – <i>Fanzine</i> de um grupo de torcedores do Leeds contra o racismo e o fascismo no futebol. A capa desta edição procurava discutir duas ofensas cometidas por torcedores do clube ao jogador Eric Cantona: o fato de ele falar francês estando	

na Inglaterra e de ser tachado como jogador de meia temporada. Fonte: lib.com.org.....	175
Figura 21 – O ex-jogador palestrou para o São Paulo em 2015. Na vida pós-atleta, retirou o uniforme esportivo e vestiu o traje social, condizente com o novo <i>status</i> de " <i>businessman</i> ". Fonte: <i>internet</i>	216
Figura 22 - Junior com a camisa do Torino. Fonte: barbadillo.it.	234
Figura 23 - Paulo Sérgio com a camisa do Bayern de Munique. Fonte: pesmitidelcalcio.com.	263
Figura 24 - Djalminha com a camisa do Deportivo La Coruña. Fonte: <i>Blog Além do Placar</i> ..	280
Figura 25 - Denilson com a camisa do Arsenal. Fonte: signedsport.co.uk.....	315
Figura 26 - Betão com a camisa do Dínamo de Kiev. Fonte: <i>Blog Maníacos por Futebol</i>	338
Figura 27 – Daniel Alves comeu uma banana que foi atirada em sua direção durante a partida entre Villareal e Barcelona, disputada no <i>El Madrigal</i> , em 27 abr. 2014. Fonte: The Mirror.	440

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1925-1945).....	89
Tabela 2 – Clubes de origem e destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1925-1945)	90
Tabela 3 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1946-1966)*	109
Tabela 4 – Clubes de origem e destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1946-1966)*	110
Tabela 5 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para o exterior (1973-2010)*	125
Tabela 6 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para Portugal (2002-2009).....	127
Tabela 7 – Os dez maiores fluxos por volume de transferências (jan. 2011 – jul. 2014).....	127
Tabela 8 – Local de atuação dos futebolistas brasileiros convocados para cada Copa do Mundo	135
Tabela 9 – Regulamentos relativos aos jogadores estrangeiros nas principais ligas nacionais europeias na temporada 1980-1981*	137
Tabela 10 – Distribuição dos jogadores da geração de 1982 que migraram para a Europa*	139
Tabela 11 – Distribuição dos jogadores da geração de 1986 que migraram para a Europa .	139
Tabela 12 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001)*	140
Tabela 13 – Clubes de origem nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001).....	141
Tabela 14 – Clubes de destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001)	142
Tabela 15 – Distribuição decenal da porcentagem de estrangeiros nas cinco maiores ligas europeias em conjunto.....	150
Tabela 16 – Propaganda antirracista de televisão da Nike com Eric Cantona e Les Ferdinand (1995).....	178
Tabela 17 – Futebolistas procurados.....	223

Tabela 18 – Etapas até a entrevista.....	226
Tabela 19 – Entrevistas realizadas.....	228
Tabela 20 – Distribuição geral das temporadas dos entrevistados no futebol europeu	229
Tabela 21 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol italiano	230
Tabela 22 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol espanhol	230
Tabela 23 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol alemão	231
Tabela 24 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol francês	231
Tabela 25 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol inglês	232
Tabela 26 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados em outros mercados do futebol europeu.....	232

LISTA DE SIGLAS

Adefútbol	<i>Asociación Colombiana de Fútbol</i>
CBD	Confederação Brasileira de Desportos
CBF	Confederação Brasileira de Futebol
CND	Conselho Nacional dos Desportos
Conmebol	<i>Confederación Sudamericana de Fútbol</i>
Dimayor	<i>División Mayor del Fútbol Colombiano</i>
FA	<i>The Football Association</i>
FARE	<i>Football Against Racism in Europe</i>
FFF	<i>Fédération Française de Football</i>
FIFA	<i>Fédération Internationale de Football Association</i>
FIGC	<i>Federazione Italiana Giuoco Calcio</i>
Ludens	Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas sobre Futebol e Modalidades Lúdicas – USP
NEHO	Núcleo de Estudos em História Oral – USP
ONU	Organização das Nações Unidas
OPHR	<i>Olympic Project for Human Rights</i>
RFEF	<i>Real Federación Española de Fútbol</i>
RFS	<i>Rossíiskiy Fútbol'niy Soyúz</i>
URBSFA	<i>Union Royale Belge des Sociétés de Football-Association</i>

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	20
1. HISTÓRIA DO PROJETO	24
1.1 INTRODUÇÃO	25
1.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS	31
1.3 O TEMA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA	80
1.4 A ESCOLHA PELA HISTÓRIA ORAL.....	187
1.5 O PROJETO “MEMÓRIAS DE BOLEIROS”	201
1.6 ENTREVISTANDO PERSONALIDADES	204
2. HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA	233
2.1 JUNIOR	234
2.2 PAULO SÉRGIO	263
2.3 DJALMINHA	280
2.4 DENILSON.....	315
2.5 BETÃO	338
3. MEMÓRIA COLETIVA.....	374
3.1 ORIGEM SOCIAL: CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO.....	376
3.2 IDA À EUROPA: MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS E RECEIOS	391
3.3 RACISMO E XENOFOBIA: OLHARES E EXPERIÊNCIAS	402
CONSIDERAÇÕES FINAIS	435
FONTES E BIBLIOGRAFIA	442

APRESENTAÇÃO

“Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Este é o título que escolhi para a tese e é por ele que eu gostaria de apresentá-la.

“Dentro e fora de outros gramados” porque essa expressão lança luz tanto sobre a categoria profissional dos entrevistados, quanto ao gênero de história oral adotado para esta pesquisa. “Dentro” remete ao jogo de futebol em si, à sua prática, às relações estabelecidas, às particularidades internas de uma atividade esportiva repleta de acontecimentos em sua duração. “Fora” refere-se às experiências vividas não só no entorno do jogo, mas principalmente na sociedade em geral, seja pelos atletas profissionais, seja por seus familiares. “Dentro e fora”, em conjunto, ainda alude à condição específica desse tipo de imigrantes, ao fato de “passarem” – para me valer de uma expressão nativa – anos vivendo no exterior, mas se sentirem ou desejarem estar próximos ao Brasil, e ao próprio caráter circular do fenômeno da migração, uma vez que esses futebolistas estão constantemente indo e voltando entre aqui e lá a cada folga, contusão ou férias na carreira.

“De outros gramados”, mais do que uma referência óbvia ao futebol praticado alhures, estabelece uma relação de continuidade com a pesquisa desenvolvida no mestrado, cujo título é “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”. Naquela oportunidade, entrevistei negros e brancos de distintas áreas do universo do futebol brasileiro – a saber: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, torcedores, jornalistas e intelectuais – a fim de propor um estudo sobre as relações raciais no interior do esporte mais popular do país e refletir a forma como ele é analisado na comparação com outras esferas da sociedade. Se no mestrado a intenção era possibilitar um olhar panorâmico sobre tais relações dentro do universo do futebol, no doutorado é aprofundar o debate, incorporando novas problemáticas: a imigração, a identidade nacional e a pluralidade cultural na Europa.

“Histórias orais de vida” faz referência à fonte de pesquisa (oral) que serve de base para o desenvolvimento desta investigação, aos procedimentos metodológicos (história oral) que sistematizam o estudo e ao gênero de história oral adotado (história oral de vida), o qual estipula um tipo de entrevista que possibilita posteriormente a construção de uma narrativa oral específica, em outras palavras, transcrita. Trata-se de longas e profundas narrativas acerca dos processos vivenciais ao longo do tempo de uma pessoa, as quais são lembradas, selecionadas, ordenadas e contadas com ampla liberdade por ela própria. Se essas narrativas valorizam o protagonismo, a memória e as experiências de cada indivíduo, é no coletivo que elas ganham sentido, unificam um grupo e apontam para identidades comuns.

“Futebolistas brasileiros negros no continente europeu” por circunscrever minha comunidade de destino, um grupo de pessoas marcado pelas experiências da migração e do racismo. Se por vezes falta-lhes consciência racial e coletiva para buscar soluções diante da reincidência do problema social por eles vividos de forma individual, o simples registro de histórias e memórias individuais possibilita, em seu conjunto, traçar elementos identitários de uma comunidade. Mais do que isso, permite refletir sobre tais fenômenos, caracterizá-los conforme a especificidade do sujeito migrante e estigmatizado por sua origem étnica, e relacionar o problema da negritude no futebol em vista de um contexto social mais amplo, o qual tem como pano de fundo a globalização e as migrações internacionais.

Não se trata, é preciso dizer desde já, de quaisquer futebolistas brasileiros negros no continente europeu, mas sim daqueles que tiveram enorme sucesso na carreira, que jogaram pelos grandes clubes do futebol brasileiro, que disputaram as maiores competições europeias e que, à exceção de um entrevistado, vestiram a camisa da Seleção Brasileira. Foram dezesseis entrevistados ao todo, dos quais oito jogaram Copa do Mundo e cinco foram campeões mundiais em quatro Copas distintas. Essas informações expõem a minha intenção de entrevistar atletas profissionais de distintas épocas (da década de 1960 até hoje) e países de atuação (Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália, França, entre outros). O processo de espetacularização do futebol, com papel crucial dos meios de comunicação, no Brasil e no mundo, elevou o *status* dessa categoria profissional, e os futebolistas que estão no alto dessa pirâmide são vistos e se veem como celebridades. O futebol transformou e pautou as suas histórias de vida. Diante desse perfil de entrevistado, pode-se imaginar as dificuldades enfrentadas ao longo da pesquisa na busca por contatos, na negociação de entrevistas e no relacionamento com essas pessoas após a realização de encontros únicos.

Esta tese divide-se em três partes. Na primeira, intitulada de “História do projeto”, faço uma introdução da pesquisa, apresento os conceitos nos quais fundamento o trabalho, coloco o tema em perspectiva histórica, justifico a escolha pela história oral, exponho os procedimentos adotados, delimito a comunidade de destino e, finalmente, elaboro questões relativas ao contato e às entrevistas com os referidos futebolistas, as quais apareceram de maneira recorrente no caderno de campo e mereceram destaque. Na segunda, “Histórias orais de vida”, apresento cinco histórias de vida que abrangem as décadas de 1980 a 2000 e narram as experiências vividas nas principais ligas europeias e na vida social nos respectivos países. Na terceira e última parte, “Memória coletiva” seleciono temas recorrentes nas narrativas, os quais dizem respeito à própria trajetória de vida e profissional, ao movimento migratório e,

por fim, ao racismo e à xenofobia. Trata-se de um trabalho de memória e ao mesmo tempo historiográfico.

1. HISTÓRIA DO PROJETO

1.1 INTRODUÇÃO

Esta tese é um desdobramento da pesquisa de mestrado, intitulada: “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”. O objetivo daquela pesquisa foi propor um estudo panorâmico sobre a situação atual dos negros no esporte mais popular no país. Adotando os procedimentos metodológicos da história oral, particularmente aqueles que se referem às histórias de vida, constituí a minha própria fonte. Realizei ao todo vinte entrevistas com negros e alguns brancos de várias áreas de atuação, quais sejam: jogadores, treinadores, árbitros, dirigentes, jornalistas, torcedores e intelectuais.

De todas as narrativas registradas, uma em especial me forneceu um indício de que o tema da negritude no futebol poderia ser aprofundado se somasse a ele novas problemáticas: a imigração, a identidade nacional e a pluralidade cultural na Europa. Trata-se de um trecho da entrevista com o ex-jogador Junior (Leovegildo Lins Gama Junior), o único entre os cinco ex-atletas entrevistados naquela oportunidade com passagem pelo continente europeu. Estimulado a falar sobre situações pessoais de discriminação racial quando vivera na Itália, ele lembrou-se de um episódio em que um companheiro do Torino lhe indagou a respeito de uma faixa da torcida da Juventus cujos dizeres eram: “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”. A sua reação ao tomar conhecimento do fato veio pela expressão de uma frase significativa: “Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.”.

Datado de 18 de novembro de 1984 – ano em que Junior chegara à Itália –, o acontecimento deu-se no *Derby della Mole*, entre Juventus e Torino, disputado no então Estádio *Comunale*, partida em que o Torino venceu de virada, 2 a 1, com o segundo gol saindo após escanteio cobrado pelo brasileiro nos instantes finais. Junior era um dos quatro futebolistas estrangeiros da partida, sendo o único de fora da Europa e negro. Mesmo se a faixa da torcida da Juventus não tivesse destinatário, ele era o alvo da discriminação racial. No entanto, ela tinha endereço, e Junior soube de sua existência por um colega, comprovando no dia seguinte ao ver no jornal, conforme relatou.

A representação do diálogo também é expressiva. Primeiro, o ex-jogador brasileiro disse os escritos contidos na faixa de forma traduzida; depois, em italiano, *ipsis litteris*. A tradução manteve o significado principal da ofensa original (a palavra portuguesa *sujo* no lugar do vocábulo italiano *sporco*), porém a etimologia com a palavra *porco* (porco) se perdeu. E esta palavra tem um peso simbólico que não podemos descartar, sobretudo na cultura ocidental cristã, que a associa a um ser desprezível, à imundice e à impureza. No sentido figurado, ainda está relacionada a algo que ofende a moral. Atrelada a palavra *negro*,

(des)qualifica-a e, obviamente, remete-se aos negros de origem africana e à escravidão a qual foi submetida tal população durante o período do colonialismo moderno, entre o fim do século XV e o fim do século XIX. O sentido pejorativo do termo ainda ganha expressividade com a referência subliminar à metáfora animal, bestializando o futebolista brasileiro negro ou, em outros termos, tirando-lhe a natureza humana.

A reação de Junior merece atenção, tanto por sua forma, quanto pelo seu conteúdo. Embora estivesse representando um diálogo ocorrido no passado, o ex-atleta demonstrou certa surpresa ao usar uma interjeição inicial (*Ah*) que pelo contexto expressa negação. Ao mesmo tempo, a hesitação na formulação da segunda frase (*Isso aí...*) leva-me a conjecturar que o tempo presente da entrevista estaria influenciando a rememoração do evento passado. Em vista da tensão racial estabelecida entre cidadãos locais e um estrangeiro, ou entre torcedores italianos e um futebolista brasileiro negro, Junior contrapôs a discriminação através da afirmação exagerada (*total*) de sua própria cultura: a miscigenação racial. Ao valorizar a mestiçagem brasileira dessa maneira – como se a mistura racial fosse algo ocorrido somente aqui ou, de outro modo, como se os povos de outros países fossem compostos por raças “puras” –, a minha primeira impressão foi a de que, aos olhos de Junior, não há racismo no Brasil. Sua reação não é de indignação, mas de minimização do acontecimento.

Ocorreu-me, então, uma série de perguntas. Em primeiro lugar, como Junior se declara em termos raciais: negro ou branco¹? Penso que seja inequívoco dizer que, na Itália onde jogou, na Europa como um todo e na maior parte do mundo, ele é considerado negro. Se no exterior ele não consegue controlar a maneira como os outros o classificam racialmente, no Brasil é possível negociar diante da confusão entre raça e cor, da multiplicidade de termos (clara, escura, morena, mestiça, mulata etc.) usados pela população e da subjetividade na autoatribuição, que considera e varia, de indivíduo para indivíduo, conforme a situação social, econômica e contextual (lugar, tempo e interlocutor). Dessa forma, tanto ele quanto os brasileiros com quem se relaciona podem se valer de sua categoria profissional anterior (atleta profissional de futebol), do fato de ter jogado na melhor fase da história do Flamengo e em uma das melhores da Seleção Brasileira, de ter sido bem sucedido profissional e

¹ Ao dar apenas duas opções, torno clara a minha posição em relação ao polêmico debate acadêmico e político acerca da classificação racial no Brasil. Compactuo com as ideias de tantos intelectuais e militantes que veem na bipolarização uma estratégia eficaz de conscientização identitária e, consequentemente, de luta por políticas públicas de promoção da igualdade racial, com vistas a reparar a exclusão histórica, social e econômica à qual os negros estão submetidos no Brasil.

financeiramente, e, por fim, da consequente idolatria e fama, ou de seu *status* social, para embranquecer-se/embranquecê-lo.

Esses são argumentos que, apesar de serem enunciados de outra forma, estão presentes em sua narrativa e fazem com que ora ele negue a sua negritude (“Tem que perguntar a alguém que tenha vivido, que tenha sofrido esse tipo de situação [discriminação racial]...”) e fale dos negros em terceira pessoa, ora ele relativize a sua identidade (“Quer dizer, até porque eu não sou um negão nem sou branco, digo que tô ali no meio da África.”). Fato é que, em um país que não só desejou mas desenvolveu um projeto político de branqueamento, assumir a negritude é uma tarefa difícil e dolorosa para muitas pessoas. Significa aceitar o próprio corpo, a sua cultura e a sua história no mundo moderno, ainda mais no Brasil que viveu sob o regime escravocrata por mais de três séculos e cuja ideologia racista nega a contribuição cultural dos negros e enfraquece a sua unidade.

Considerando a autodeclaração de Junior, surgiu-me outra pergunta: qual a história dele com a negritude? Nos anos 1970, ele recebeu a alcunha de “Junior Capacete” em referência ao penteado no estilo *black power*, da mesma forma como tantos jogadores negros na época. A valorização do cabelo, e do corpo negro em geral, bem como a maneira de se vestir, de falar e, sobretudo, de se posicionar cultural e politicamente na sociedade são expressões do movimento *Black Power*, surgido na década de 1960 nos Estados Unidos. Difícil precisar se havia além do estilo de cabelo algum envolvimento ou clareza do debate relativo ao movimento por parte de Junior. Tomando por base a sua própria narrativa e identificação, atualmente não me parece haver nada além de uma simpatia à causa negra e um repúdio ao racismo.

De qualquer modo, ficam as perguntas: como a sua identidade foi construída, de que forma recebeu o referido apelido e como a sua posição aparenta um processo de assimilação e incorporação do que Ianni (2004, p.71) chamou de “ideologia racial do branco”? O que sabemos é que Junior teve uma origem distinta e privilegiada em relação à maioria dos futebolistas negros no Brasil. Desde os seus avós, que moravam em João Pessoa, é possível notar que era de outra classe social. Enquanto seu avô paterno era dono de uma “fábrica de mosaicos” e construiu diversas obras na cidade, seu avô materno possuía uma fazenda, onde administrava um “engenho de cana de açúcar”. Ao migrarem para o Rio de Janeiro no início dos anos 1960, Junior e sua família foram morar em Copacabana, a uma quadra da praia. Ao invés de trabalhar, como vários negros que entrevistei, Junior gozou de uma infância visivelmente abastada, fosse pelo relato da posse de imóveis (fazenda do tio, casa grande e

casa na praia), da vivência em lugares (Parque Sólon de Lucena, à época bairro nobre de João Pessoa, e Praia do Poço) ou do desfrute de objetos (bicicleta e fotografias). O desenrolar de sua narrativa é bastante esclarecedor.

Se na sociedade brasileira, tanto pela história pessoal de Junior quanto pelo modo como as relações raciais se estabeleceram no país, ele talvez não tenha passado por situações racistas, como terá sido no futebol? Ainda que ele tenha dito que “essa vez lá de Torino foi a única que vivi isso na pele, mas superficialmente”, esse é um ponto que deve ser melhor refletido, uma vez que dentro do universo do futebol há uma máxima em muito aceita e difundida que diz: “tudo o que acontece no campo deve permanecer no campo”. É como se durante o espaço-tempo (estádio-90 minutos) do futebol valessem outras normas sociais, em que atos discriminatórios seriam permitidos, tolerados ou, ao menos, não deveriam ser levados tão a sério. Paradoxalmente, esse pensamento nativo contradiz a crença amplamente propagada, inclusive por intelectuais, de que o futebol no Brasil seja um espaço exemplar da democracia racial, dada a presença e o destaque de inúmeros negros. Assim sendo, tal esporte é tomado como uma arena pública singular para a disseminação e a prática do racismo.

Ao enunciar com outras palavras que as relações raciais no Brasil se dão de maneira diferente, estaria Junior tentando dizer que, ainda que haja racismo aqui, ele não se manifesta de forma tão explícita como no exterior? Se ele não se deparou nos estádios brasileiros onde jogou, nas mais diversas e distantes regiões, com faixas com os dizeres “Junior, negro sujo!”, quão enganado está em seu raciocínio? Será que esse tipo de manifestação transgride o limite de uma atitude racista “aceitável” dentro do próprio meio? Uma vez que se trata de mais de um tipo de racismo no futebol, haveria aqueles que são toleráveis e outros não toleráveis? Esse tipo proveniente de torcedores ou torcidas organizadas seria justamente aquele que é inadmissível? Ou seria propriamente a manifestação explícita o que não é aceitável?

À medida que me atentava para o referido trecho da entrevista feita com Junior, um sem número de perguntas ou dúvidas surgia: situações de discriminação racial também teriam acometido as carreiras de outros futebolistas brasileiros negros que atuaram no exterior? Na convivência social com os cidadãos locais, eles e suas famílias também passaram por tais circunstâncias? Como eles reagiram? As experiências vividas no exterior teriam influenciado o modo como eles enxergam as relações raciais no Brasil? Tais vivências fizeram com que eles refletissem sobre sua própria identidade étnica? Teriam assumido a negritude pelo estabelecimento de uma oposição étnica, nacional? A visão de Junior sobre a questão corresponderia a de toda uma coletividade de jogadores que passaram pelas mesmas

experiências? A crença na democracia racial brasileira estaria presente no discurso de outros futebolistas? Esse mito seria tão forte que se reproduz consciente ou inconscientemente em suas narrativas? Os futebolistas brasileiros negros na Europa reforçariam o mito na crença da democracia racial ou despertariam uma tomada de consciência? Quanto a democracia racial reduz a margem de afirmação da negritude? Como ela permite a perpetuação do racismo no Brasil?

Todo esse conjunto de perguntas somado à grande quantidade e recorrência de episódios atuais de racismo no futebol conclamavam-me a continuar os estudos na tentativa de entender melhor esse fenômeno. Se a Europa se colocava como novo cenário para a investigação em gestação, os profissionais do universo do futebol que mais poderiam contribuir para o entendimento dessa complexa discussão eram justamente os futebolistas brasileiros negros que atuaram nas diversas ligas europeias. Por meio dos procedimentos metodológicos da história oral, almejava constituir documentos inéditos e dar ouvidos às vozes dos principais sujeitos e vítimas desse processo histórico. As narrativas orais, portanto, estão no centro desta pesquisa.

A proposta desde o início foi buscar mapear a situação atual dos referidos atletas profissionais em outro mercado de trabalho, em outra sociedade; registrar as experiências vividas e as memórias lembradas/construídas por eles; compreender as expectativas para a partida e o processo de integração social; identificar as características dessa migração e as diferenças culturais apontadas por eles; abranger os laços mantidos com a terra natal e o retorno ao Brasil após o término ou no fim de suas carreiras. À luz das experiências vividas pelos futebolistas brasileiros negros na Europa, propus caracterizar o racismo e a xenofobia no futebol e refletir sobre as relações raciais e a identidade brasileira. A intenção maior sempre esteve na relação do problema da negritude no futebol em vista de um contexto social mais amplo, o qual tem como pano de fundo a globalização e as migrações internacionais.

Conforme transpareceu nesta discussão introdutória, o tema da tese é um campo extremamente complexo e escorregadio, por vezes minado, cheio de meandros, imbricações, controvérsias, pontos de vista. É um imenso desafio porque ainda existe um tabu na sociedade brasileira ao abordar assuntos como identidade étnica, relações raciais e racismo. Nós, brasileiros, temos tanta dificuldade de falar a respeito, devido ao modo como as relações raciais se estabeleceram e à imposição do discurso da democracia racial ao longo de décadas, que se tornou comum tentar escamotear os nossos preconceitos e reproduzir o mito de que não existe racismo no país, ainda que diante de tantos fatos irrefutáveis sobre a desigualdade racial

em diversas esferas sociais (mercado de trabalho, educação, saúde, polícia, justiça). Se nas vezes em que reconhecemos o racismo no Brasil ele é sempre um atributo do “outro”, como argumenta Schwarcz (2001, p. 77), que dirá quando esse “outro” é estrangeiro ou quando se trata da imagem do Brasil no/para o exterior. Em determinado momento histórico, a crença na democracia racial chegou a tal ponto que se cristalizou a ideia de que o Brasil seria um “paraíso racial”, um modelo internacional de sociedade com relações harmoniosas, livre de preconceitos e discriminações raciais. Diante desse quadro, ouvir as histórias e os discursos construídos por futebolistas brasileiros negros que imigraram para a Europa e retornaram ao Brasil nos últimos cinquenta anos apresenta-se extremamente relevante, sobretudo por ser uma das áreas profissionais supostamente mais representativas desse processo histórico-cultural. As imagens das congratulações entre os jogadores negros e brancos da Seleção Brasileira ao vencer a Copa do Mundo de 1958, em especial o momento em que o negro Pelé foi confortado pelo goleiro branco Gylmar (ver Figura 1), rodaram o mundo e reforçaram aquela visão mentirosa, revelando o importante papel exercido pelo futebol. Desde então, Pelé tornou-se para o mundo o próprio retrato do Brasil.

Figura 1 – A imagem do negro Pelé sendo confortado pelo goleiro branco Gylmar após a vitória da Seleção Brasileira na final da Copa do Mundo de 1958 rodou o mundo e reforçou a crença na democracia racial supostamente vivida na sociedade brasileira. Fonte: Wikipedia.

1.2 CONCEITOS FUNDAMENTAIS

Seguindo o desenvolvimento do projeto, torna-se necessária a apresentação dos conceitos fundamentais que norteiam esta pesquisa, quais sejam: negritude; raça e etnia; preconceito, discriminação e racismo; xenofobia; nação e nacionalismo; migração; e diáspora. São conceitos elementares para a discussão aqui proposta, bem como complexos e polissêmicos. Tornar evidente os sentidos atribuídos a cada um deles evita imprecisões e ambiguidades, além de explicitar minhas escolhas teóricas. Esclareço, contudo, que não tenho a pretensão de circunscrever, com extrema atenção, a construção ideológica de tais conceitos ao longo do tempo nem atribuir os múltiplos significados de cada um deles. Apenas exponho sinteticamente alguns dos seus significados, de acordo com um ou outro autor.

1.2.1 Negritude

A essa altura, é possível que o leitor se pergunte qual o critério que eu utilizo para definir um futebolista como negro. Seriam os próprios entrevistados que se autodeclaram como negros ou seria uma imposição minha? Poderia sair dessa incômoda pergunta utilizando algumas estratégias. Talvez a maneira mais fácil de dirimir qualquer dúvida fosse perguntar diretamente nas entrevistas como eles se autoclassificam racialmente. Não me vali, contudo, desse artifício justamente por considerar que, em se tratando de um assunto tabu no Brasil, essa seria uma das perguntas mais indelicadas que eu poderia fazer, o que vai contra os preceitos da história oral. Ao fazê-la, certamente eu (ainda mais por ser branco) os ofenderia², já que seria óbvio (se não para todos, ao menos para a maioria deles) que eles são negros. A palavra “óbvio” remete tanto aos traços fenotípicos (cor da pele, estilo do cabelo, formato do nariz, espessura dos lábios, entre outros) atribuídos aos negros quanto ao fato de as classificações raciais se estabelecerem na interação pessoal e de modo tácito.

Nesse sentido, poderia argumentar que a definição que o indivíduo faz de si mesmo nem sempre corresponde com a aquela que a sociedade faz dele. Essa seria provavelmente a saída mais questionável, uma vez que estaria arbitrariamente fazendo do meu critério, subjetivo e falho sem dúvida, o de toda uma coletividade. Poderia ainda justificar dizendo que, independente da maneira como se autoclassificam, boa parte deles sofreu racismo no futebol, conforme se pode comprovar através de matérias veiculadas pela imprensa. No

² A ofensa poderia ser tamanha que eles poderiam encerrar a entrevista imediatamente.

entanto, prefiro me ancorar em suas próprias narrativas, pois invariavelmente eles abordam a referida questão de maneira indireta, seja por vontade própria, seja por um estímulo meu. Como poderá ser percebido na leitura de suas histórias de vida, nem todos os entrevistados assumem a negritude plenamente, porém nenhum deles, cabe ressaltar, a negou por completo. Ainda que isso demonstre a existência da mestiçagem – e sabendo que ela é valorizada na cultura brasileira –, considero como negros as pessoas classificadas pelo censo demográfico brasileiro como “pretas” e “pardas”.

Na tentativa de elucidar esse polêmico debate, cabe retomar alguns desses pontos abordados, começando pelo conceito de negritude. Talvez fosse melhor escrever no plural – negritudes –, tantas são as acepções dessa noção. Enquanto movimento surgiu por volta de 1934, em Paris, pelo poeta antilhano Aimé Césaire (apud BERND, 1988, p. 17), que a definiu como “uma revolução na linguagem e na literatura que permitiria reverter o sentido pejorativo da palavra negro para dele extrair um sentido positivo”. O conceito de negritude só seria enunciado pela primeira vez em 1939, pelo próprio Césaire, no célebre poema *Cahier d'un retour au pays natal* (Caderno de um regresso ao país natal). A definição inicial, de origem literária, manifesta uma intenção de apropriação do termo pejorativo *nègre*, ao invés de *noir*, também em francês, usado para ofender os negros. A proposta foi assumir a conotação negativa da palavra, vista com vergonha e revolta, para dar-lhe um novo sentido, positivo, usando-a com orgulho e, por conseguinte, destituindo o racista branco. Essa proposição traz subjacente um conflito racial, uma reação racial negra a uma agressão racial branca, e faz com que a negritude mantenha, portanto, uma relação direta com o fenômeno do racismo, do qual é “consequência e resultado”, como nos ensina Munanga (2009, p. 15).

A tomada de consciência do processo histórico vivido pelos negros desde o período da colonização, passando pela situação de dominação e exploração nas Américas e na África, pela destruição – negação em um dado momento – de suas culturas, pela construção ao longo de séculos de um estereótipo negativo em relação aos negros, pela introjeção de ideologias racistas e subsequente alienação, até chegar ao estado de discriminação e segregação na passagem do século XIX para XX é crucial para a reação coletiva em busca de uma identidade negra. Esse é o sentido amplo dado ao conceito negritude, substantivo comum, com *n* minúsculo, em paralelo ao sentido restrito, que se refere ao movimento Negritude, substantivo próprio, com *N* maiúsculo. Naquela acepção, pode-se considerar como manifestação ou até gênese da negritude qualquer insurgência dos negros escravizados, tais como os movimentos conhecidos por *marronnage*, no Caribe, *cimmarronage*, na América

Hispânica, e quilombismo, no Brasil. É dentro dessa perspectiva que Depestre (2001, grifo do autor) argumenta que a negritude “tem um passado” e é “estritamente tributária da história e das estruturas sociais formadas pelo escândalo americano do tráfico negreiro e do regime da *plantation*.”.

A Negritude, nas palavras do próprio Césaire, apresentou-se como uma resistência à política de assimilação, a qual pressupunha: a aceitação da colonização e a autorrecusa³. Ambas estavam assentadas na ideologia racista que culminava numa tríplice redução do negro: ontológica, epistemológica e teologicamente. O processo de aculturação pelos valores do branco caminhou *pari passu* com o processo de desculturação, ou seja, destruição das memórias e tradições culturais de origem africana, iniciada justamente a partir do momento em que os negros foram apartados de suas terras e tiveram suas comunidades diluídas por grande parte das Américas. Tanto a Igreja Católica, que “fez do preto a representação do pecado e da maldição divina” (MUNANGA, 2009, p. 29), quanto a Ciência, que formulou diversas teorias da inferioridade racial, prestaram um importante papel nessa longa duração através da construção de discursos pseudojustificativos da colonização e escravidão. Diante desse quadro, o embranquecimento foi utilizado como uma tentativa de saída pelo negro colonizado: primeiro, através da busca por assemelhar-se⁴ culturalmente tanto quanto possível ao branco para, na sequência, reclamar dele o reconhecimento de fato e de direito; segundo, por meio do matrimônio misto da mulher negra com o homem branco, num esforço de ascensão social e de salvação da raça.

A rejeição à assimilação e a consciência da desculturação sofrida pelos negros levaram a um processo de “neoculturação”, isto é, memorização e revalorização do patrimônio cultural dos ancestrais africanos negros e a sua adaptação ao contexto diaspórico⁵. Numa época de “desejo geral de renascimento”⁶, presente tanto nas lutas políticas quanto nas diversas correntes artísticas, após a Primeira Guerra Mundial, manifestou-se em um vasto fenômeno confluyente de busca de identidade⁷. Essa “volta às raízes”, quando ultrapassou o indivíduo e se expressou através de grupos e movimentos, atingiu um ponto em que a

³ Cf. BERND, 1988, p. 18.

⁴ A acepção pejorativa da palavra “macaquear”, como sinônimo de arremedar, tem origem com essa tentativa do negro de reproduzir os valores culturais do branco, imitando-o.

⁵ Cf. BERND, 1988, p. 19.

⁶ Cabe recuperar uma das acepções da palavra “renascimento” de acordo com o dicionário de língua francesa Littré: “é empregado algumas vezes para indicar um vivo movimento nas mentalidades após um tempo de opressão”.

⁷ Cf. DEPESTRE, 2001.

contestação à cultura do branco se transformou em confrontação à dominação estrangeira, o que levou à luta pela libertação, um prelúdio do movimento de independência dos países africanos.

Aimé Césaire, em outro momento, redefiniu negritude em três palavras: identidade, fidelidade e solidariedade⁸. Como procurei expor, identidade consiste em assumir plena e orgulhosamente a condição de negro; fidelidade repousa na ligação com a terra-mãe; e solidariedade é o sentimento que liga secretamente todos os irmãos negros do mundo, inclusive como forma de preservação da identidade. É nesse sentido que Munanga (2009, p. 20) argumenta que “a negritude deve ser vista também como afirmação e construção de uma solidariedade entre as vítimas”. Ao convocar permanentemente todos os herdeiros dessa condição, a negritude transforma a solidariedade e a fraternidade em “armas de combate”, com vistas a “garantir a todos o mesmo direito fundamental de desenvolvimento, a dignidade humana e o respeito das culturas do mundo.” (MUNANGA, 2009, p. 21).

Em resumo, a Negritude provocou uma ruptura com um padrão cultural imposto pelo colonizador branco, com o que foi chamado de “mentalidade colonial” por Cashmore (2000d, p. 134). A partir da esfera cultural, “a ação subversora do movimento se propagou para as esferas econômica, social e política.” (BERND, 1988, p. 52). Os desdobramentos e as críticas ao movimento foram muitos e de diversas ordens. Não cabe neste momento destrinchá-los. Os autores nos quais eu me fundamentei são ótimas referências. O essencial, a meu ver, é reter que a literatura negra possibilitou a tomada de consciência social do negro e levou à busca da reconstrução da identidade negra e à reorganização do mundo negro na diáspora e posteriormente na África.

No Brasil, a dificuldade de definir a identidade se dá porque a base está quase exclusivamente no critério racial. Daí surge a famosa pergunta: “Quem é negro no Brasil?”. No passado, até meados da década de 1930, essa pergunta não era tão importante por duas razões: primeira, pelo fato de os negros sempre estarem excluídos socialmente e concorrerem pouco e de modo desigual com os brancos no mercado de trabalho (até hoje, diga-se); segunda, por conta de a ideologia da democracia racial, a qual está fundamentada na dupla mestiçagem biológica e cultural, ainda não estar cristalizada no imaginário social. Neste terceiro milênio, quando as cotas raciais foram implementadas nas universidades brasileiras, o debate em torno da negritude – aqui entendida como pertencer-se à “raça” negra – atingiu

⁸ Cf. MUNANGA, 2009, p. 52.

parte da população e tomou espaço nos noticiários. As classes alta e média, sentindo-se “prejudicadas”, lançaram mão de todas as justificativas possíveis – em especial a de que é difícil definir quem é negro em uma sociedade em que a cultura mestiça estava atrelada inerentemente à cultura nacional – para reaver um espaço social onde deveria prevalecer a “meritocracia”, palavra que desvelada visava defender um espaço tido tradicionalmente como “de brancos”.

Em 1957, numa época de crítica da tese da democracia racial entre uma parcela significativa dos intelectuais brasileiros, Guerreiro Ramos propôs um alargamento da definição de negro, que deveria incluir mulatos e pardos, além de pretos. Sua postura explicase por sua militância no movimento negro, mais especificamente no Teatro Experimental do Negro. A visão era a de que os negros longe de ser uma minoria, era “o povo” brasileiro, excluído do pleno gozo dos direitos civis e sociais, supostamente garantidos pelas constituições republicanas⁹. Concebendo o negro como “um problema na sociedade brasileira”, sua intenção era solucionar a falta de integração social, econômica e política da grande massa da população brasileira¹⁰.

Inspirado nessa ideia, o movimento negro no Brasil, sobretudo a partir dos anos 1970, defendeu que negros são todos aqueles com alguma ascendência africana, desde que assim se identifiquem. Independentemente de essa posição ter gerado outros debates, a intenção era agrupar indivíduos que sofriam igualmente discriminação e desigualdades raciais em nossa sociedade¹¹. A estratégia mostrou-se eficiente, uma vez que permite lutar por uma conscientização identitária daqueles que são descendentes de africanos e por políticas públicas que reparem a exclusão histórica, social e econômica à qual os negros estiveram e estão submetidos, ainda que sob fórmulas mais abrangentes, tais como “negros e carentes” e “negros e pobres”¹². É exatamente por esse motivo que Munanga (2009, p. 16) afirma duramente: “Ser negro é ser excluído.”.

De acordo com a classificação racial do IBGE (branco, preto, pardo, amarelo e indígena), convencionou-se dizer, para fins demográficos, que negro é o somatório de preto e pardo ou aquele que se autodeclara em uma dessas categorias. É necessário dizer, contudo,

⁹ Cf. GUIMARÃES, 2005, p. 89.

¹⁰ Cf. MAIO, 1996b, p. 188.

¹¹ O fato de o movimento negro no Brasil ter adotado uma política de identificação racial muito próxima do modelo bipolar norte-americano é alvo de muitas críticas por parte de intelectuais que valorizam a mestiçagem.

¹² Fátima Oliveira (2004) faz uma análise breve porém fecunda sobre essa questão, principalmente no tocante às contribuições que o recorte racial traz para a compreensão da realidade vivida pelos negros no Brasil.

que toda classificação racial é arbitrária e aceita com reservas. Exatamente por isso, muitos intelectuais criticam tal definição de negro, já que parte da população que se define como parda pode ter origem indígena e não africana. Outros críticos valem-se dos atuais estudos da genética para argumentar que muitos brasileiros aparentemente brancos podem se identificar como afrodescendentes, sob a condição de terem marcadores genéticos africanos, o que é provável.

De acordo com Munanga (2009, p. 17), isso é uma manipulação política do conceito “afrodescendente” em vista do que está em jogo: assumir a afrodescendência para ser beneficiado pelas ações afirmativas. Segundo ele, este termo surgiu para aglutinar as pessoas que assumiam a sua negritude – vista como modo de afirmação e legitimação de uma determinada especificidade cultural – e os mestiços que não a assumiam, porém sabiam da sua ancestralidade africana como origem¹³. Sob seu ponto de vista, graças às cotas, o grande público e a mídia têm discutido a questão racial no Brasil em âmbito nacional, fora dos limites acadêmicos. Para além de efeitos de consciência racial, o debate tem sido produtivo por permitir às pessoas comuns aprender e conversar sobre o mito da democracia racial e sobre as discriminações sofridas pelos negros nos diversos setores da sociedade.

A identidade, para se construir como realidade, pressupõe uma “interação”, como salienta d’Adesky (2005, p. 76), entre a ideia que um indivíduo faz de si mesmo e o reconhecimento na relação com os outros. Em outras palavras, a identidade se constrói por meio de uma negociação, nunca no isolamento. Acerca da construção da identidade negra, N. L. Gomes (2008, p. 21) argumenta que esse é um processo complexo e tenso, no qual o corpo se destaca como “veículo de expressão e de resistência sociocultural, mas também de opressão e de negação.”. No corpo negro, tanto o cabelo quanto a cor de pele são os ícones identitários mais expressivos, pelos quais as pessoas procuram ou se afirmar ou se afastar. Conforme assinala a autora, “Ambos são largamente usados no nosso critério de classificação racial para apontar quem é negro e quem é branco em nossa sociedade, assim como as várias gradações de negrura por meio das quais a população brasileira se autoclassifica nos censos demográficos.” (GOMES, N. L., 2008, p. 21).

Ser negro é essencialmente um posicionamento político, sentir-se pertencente a um grupo com essa específica identidade racial. Por mais que não seja unânime ou mesmo fácil definir quem são os negros no Brasil, é certo que na prática, principalmente em momentos de

¹³ Para uma definição semelhante do termo “afrodescendente”, consultar R. F. Ferreira (2000, p. 50).

disputa e tensão racial (seja em conflitos cotidianos corriqueiros, seja principalmente no mercado de trabalho, na família ou em casos de polícia), todas as taxonomias raciais parecem se alinhar a um ou a outro polo: brancos ou não brancos. Nesses momentos, a negritude deixa de ser algo abstrato ou impreciso.

1.2.2 Raça e etnia

Raça é um conceito polissêmico. De acordo com Cashmore (2000m, p. 451), “é um significante mutável que significa diferentes coisas para diferentes pessoas em diferentes lugares na história e desafia as explicações definitivas fora de contextos específicos.”. Se no século XVI o conceito de raça foi usado pelos cientistas naturais para classificar as inúmeras espécies de animais e vegetais, no século das Luzes tal noção foi transposta por filósofos e cientistas sociais para entender as relações entre classes sociais (nobreza, aristocracia e plebe) e, sobretudo, os diversos tipos humanos “descobertos” em terras distantes desde a expansão marítima europeia do século XV. Discutiu-se, inclusive, se esses “outros” poderiam ser considerados humanos, já que, sob o ponto de vista dos europeus, adotavam práticas imorais, tais como: canibalismo, poligamia, politeísmo e nudismo¹⁴. Dessa forma, o conceito de raça serviu como uma ferramenta para classificar a variabilidade humana, que passou a ser um dado incontestável.

Com o desenvolvimento das ciências biológicas ao longo dos séculos XVIII, XIX e início do XX, uma série de critérios objetivos, morfológicos e químicos foi estabelecida com base nas diferenças e semelhanças dos seres humanos. Desde então, a cor da pele sempre foi um dos principais fundamentos, sendo utilizada ainda hoje para dividir a espécie humana em, pelo menos, três raças distintas: branca (caucasóide), negra (negróide) e amarela (mongolóide). O maior problema não estava em reconhecer e identificar as inúmeras diferenças entre os tipos humanos, mas, sim, em erigir “uma relação intrínseca entre o biológico (cor da pele, traços morfológicos) e as qualidades psicológicas, morais, intelectuais e culturais”, com o intuito de “estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças” (MUNANGA, 2004b, p. 21).

De modos variados, promoveu-se uma naturalização de hierarquias raciais e sociais, que culminou, como se sabe, no surgimento de teorias pseudocientíficas e racistas. Acreditou-se, assim, na existência de características que determinassem beleza/feiúra,

¹⁴ Cf. SCHWARCZ, 2001, p. 16.

inteligência/burrice, mando/obediência, aptidão/inaptidão e um conjunto de outros atributos que supostamente levaria tanto a justificar a superioridade de uns frente à inferioridade de outros, quanto a promover políticas públicas de dominação, desigualdade, segregação raciais e massacre de determinadas populações, como ocorreu na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) por meio do nazismo¹⁵.

As consequências nefastas do holocausto levaram inúmeros geneticistas e cientistas sociais a discutir sobre o tema, concluindo que “a raça não é uma realidade biológica, contudo sim apenas um conceito, aliás, cientificamente inoperante, para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estanques. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.” (MUNANGA, 2004b, p. 21). É por esse motivo que o geneticista Frota-Pessoa (1996, p. 29) afirmou que “raças são populações que diferem significativamente nas frequências de seus genes.”¹⁶. Ter esse conhecimento, contudo, não foi suficiente para que as pessoas comuns deixassem de se valer de tal noção. Por quê? A resposta para essa pergunta está no fato de que, no imaginário e na representação sociais, existem raças para explicar as diferenças humanas, sobretudo com relação às características biológicas observáveis. Conforme explica Montes:

Em suma, há um imaginário que se constrói em torno da diferença, que tem uma ancoragem profunda nessa leitura das sociedades e das culturas que tenta explicar a diferença, e portanto a identidade de cada grupo social, dentro de limites dados por um *continuum* da natureza. A diferença e o *continuum* são dados por esse mesmo elemento, que é a raça dos homens, como se a biologia, por si só, fosse capaz de fixar os contornos da totalidade da experiência humana, explicando a vida dos homens e das sociedades. E é essa visão reificadora que está na base da idéia psicologizante da identidade. (MONTES, 1996, p. 53, grifos da autora).

Raça, portanto, é um conceito construído histórica e socialmente, cujo conteúdo é político-ideológico, não biológico¹⁷.

Ainda que a categoria social “raça” obedeça a certa matriz universal, como ela é construída e utilizada no Brasil? De acordo com Schwarcz (2001, p. 53), a nossa própria

¹⁵ Até essa época, metade do século XX, muitos intelectuais ainda usavam o termo raça no sentido de nação, como: raça alemã, raça italiana, raça britânica, raça brasileira e assim por diante.

¹⁶ Apesar de se saber que a miscigenação faz parte da história da humanidade, foram necessárias pesquisas em genética para mostrar cientificamente que não há raças puras na espécie humana. Mesmo aquelas pessoas com traços fenotípicos bem demarcados têm uma frequência genética diversificada. Basta ver, por exemplo, o que os exames de DNA da ginasta Daiane dos Santos revelaram quanto à sua ancestralidade: 39,7% africana, 19,6% ameríndia e 40,8% europeia. É necessário dizer, contudo, que a maioria desses estudos ditos “científicos” não leva em consideração aspectos históricos e culturais da nossa sociedade. Cf. SANTOS, J. R., 2009, p. 59.

¹⁷ De acordo com Wieviorka (2007, p. 27), o sociólogo britânico Michael Banton, nos anos 1960 e 1970, chegou a desenvolver “o conceito de ‘racialização’ para designar o uso da raça como representação ou percepção, como modo de categorização de certas populações por outras”.

Constituição traz um enunciado confuso, já que “‘raça’ aparece como sinônimo de cor, numa comprovação de que, aqui, os termos são homólogos e cambiáveis.”. A cor, no Brasil, é vista como um fato objetivo e natural, funcionando, pois, como uma imagem figurada de raça. Exemplo claro disso é a autodefinição dos brasileiros, trazida pela Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio de 1976, os quais tentaram claramente descrever as cores de pele. Como resultado, obteve-se uma miscelânea de 136 cores diferentes, “reveladoras de uma verdadeira ‘aquarela do Brasil’” (SCHWARCZ, 2001, p. 68). As palavras de Henry Louis Gates Jr. acerca dessa discussão ajudam-nos a entender melhor a questão:

Necessita-se de pouca reflexão, contudo, para se reconhecer que essas categorias pseudocientíficas são, elas próprias, imagens. Quem já viu realmente uma pessoa preta ou vermelha, uma pessoa branca, amarela ou marrom? Esses termos são construções arbitrárias, não registros de realidade. Mas a linguagem não é apenas o meio de veiculação dessa tendência insidiosa; é-lhe, também, o signo. O uso da linguagem corrente significa a diferença entre culturas e seu diferencial de poder, expressando a distância entre subordinado e superordinado, entre servo e senhor, em termos de “raça”. (GATES JR., 1985, p. 6 apud GUIMARÃES, 2005, p. 46).

Dessa maneira, a cor da pele e uma série de outros traços fenotípicos (tais como: formato do nariz ou da testa, espessura dos lábios ou dos cabelos, tamanho da cabeça ou dos membros) não são fatos objetivos, naturais e neutros. Ao contrário, são subjetivos e é por este motivo que a autoidentificação racial varia muitas vezes de indivíduo para indivíduo, dependendo da sua situação econômica e social e, até mesmo, do lugar, do tempo e do próprio interlocutor. Mais do que isso, tais traços só têm significado dentro de uma ideologia racial preexistente, como acontece no Brasil. Não é sem razão que Oracy Nogueira (1985), em sua famosa tese, afirmou que temos um preconceito de marca, baseado na aparência, e não de origem, como nos Estados Unidos, baseado na ascendência negra.

É em virtude desse conteúdo e do emprego de uma conotação negativa que muitas pessoas se ofendem quando são perguntadas à que raça pertencem. Principalmente aqui no Brasil, ainda se usa tal termo, num sentido racista, para fazer referência à população negra e para identificá-los como supostamente “inferiores” ao remeter a seus atributos físicos e ao evocar o nosso passado de escravidão. Além destas razões e daquelas já apontadas, dados os horrores da Segunda Guerra Mundial, muitos intelectuais rejeitaram o uso do conceito “raça” e passaram adotar, no lugar, o já existente termo “etnia”, o qual, em tese, é politicamente

correto por superar a ideia de que a humanidade se divide em raças e por não fomentar, consequentemente, a hierarquização das mesmas¹⁸.

Se raça é pautada pela biologia, etnia o é pelos processos históricos e culturais. Pode ser definida, pois, como um grupo composto por indivíduos que, histórica ou mitologicamente, têm ou creem ter um ancestral, uma língua, uma religião ou cosmovisão, um território e costumes em comum¹⁹. Na tentativa de compreender melhor a relação entre raça e etnia, alguns estudiosos adotaram a expressão “*etnicorracial*”, com o intuito de abarcar tanto a dimensão cultural quanto a biológica de um dado grupo social. Tal qual raça e todos os outros conceitos, etnia é um termo fruto de uma construção social, cultural e política, podendo ter diferentes sentidos ao longo da história.

Na visão de Munanga, a substituição do conceito de raça por etnia

[...] não muda em nada a realidade do racismo, pois não destrói a relação hierarquizada entre culturas diferentes que é um dos componentes do racismo. Ou seja, o racismo hoje praticado nas sociedades contemporâneas não precisa mais do conceito de raça ou da variante biológica, ele se reformula com base nos conceitos de etnia, diferença cultural ou identidade cultural, mas as vítimas são as mesmas de ontem e as raças de ontem são as etnias de hoje. O que mudou, na realidade, são os termos ou conceitos, mas o esquema ideológico que subentende a dominação e a exclusão ficou intato. É por isso que os conceitos de etnia, de identidade étnica ou cultural são de uso agradável a todos: racistas e anti-racistas. Constituem uma bandeira carregada por todos, embora cada um a manipule e a direcione de acordo com seus interesses. (MUNANGA, 2004b, p 29).

Em virtude de raça e etnia serem conceitos ideologicamente manipulados, o referido antropólogo prefere adotar os termos “negros”, “brancos” e assim por diante ou “população”, entendendo por isso, baseado no geneticista Jean Hiernaux, “um conjunto de indivíduos que participam de um mesmo círculo de união ou de casamento e que, *ipso facto*, conservam em comum alguns traços do patrimônio genético hereditário.” (MUNANGA, 2004b, p. 30).

¹⁸ Entre os antirracistas, quer sejam intelectuais, quer sejam integrantes do movimento negro, o uso do conceito raça suscita discussões até os dias atuais. Como em todo debate polêmico, há aqueles que defendem o uso e os que são contra. Os militantes defensores argumentam, basicamente, que o não uso implicaria em um disfarce para o racismo, que etimologicamente vem de raça. Além disso, acreditam que só com a utilização de tal conceito poderão lutar pela igualdade de tratamento, oportunidades e direitos entre as raças. Já os intelectuais defensores, embora cientes da não existência de raças biológicas, empregam o termo por ser uma ferramenta analítica que permite inferir a permanência da ideia de “raça” na cultura de uma sociedade, independentemente da forma como aparece. Exatamente por ser uma categoria nativa, muitos deles grafam-na sempre entre aspas. Por sua vez, os intelectuais que são contrários à manutenção de tal conceito defendem que, sendo uma política de negação do racismo existente, o antirracismo não deve adotar um termo cientificamente errôneo e que conduz ao racismo e a todas as suas consequências racistas e antidemocráticas. Particularmente, apesar de ser, do mesmo modo, contra a ideia e a crença em raças, defendo o uso de tal conceito justamente porque, através dele, se revelam as desigualdades e discriminações raciais na sociedade brasileira, a partir das quais se pode organizar a resistência ao racismo. Sobre este debate, consultar Guimarães (2002, p. 48-61).

¹⁹ Cf. SILVA; SILVA, 2009, p. 125.

Entre outras observações, Cashmore chama a atenção para o sentido identitário e político contido na forma contemporânea do conceito de etnia:

[...] um grupo possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, composto por pessoas conscientes, ao menos em forma latente, de terem origens e interesses comuns. Um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação consciente de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas. (CASHMORE, 2000f, p. 196).

Por fim, cabe assinalar que grupo étnico não é o mesmo que etnia, já que supõe uma interação entre todos os seus membros. Assim, por exemplo, os negros que são descendentes de angolanos compõem, como um todo, uma etnia no Brasil, ao passo que os negros membros de uma mesma comunidade remanescente de um determinado quilombo compõem um grupo étnico.

1.2.3 Preconceito, discriminação e racismo

Nas palavras de Wieviorka (2007, p. 59), o preconceito é “uma primeira forma elementar do racismo.”. Pode-se defini-lo como uma ideia, julgamento ou sentimento positivo ou negativo concebido previamente acerca de alguém ou de um grupo, sem levar em consideração fatos que o contestem ou desmentem nem muito menos um exame crítico a respeito. Principalmente no tocante às relações inter-raciais, nas quais talvez o preconceito mais se manifeste, trata-se de uma opinião de natureza hostil em consequência da generalização apressada de características a toda uma raça, independentemente da veracidade da atribuição ou da real variação desta entre seus membros.

Esses estereótipos são resultados de experiências da infância e da pressão de outras pessoas para se adequar à coletividade em que se vive²⁰. A pessoa preconceituosa acredita na existência de raças humanas e, sobretudo, na hierarquização das mesmas. No Brasil, há não apenas uma crença compartilhada de que o branco seja “superior” ao negro, mas também de que o padrão ideal de civilização é o europeu, considerado da mesma maneira “superior” aos asiáticos, africanos e americanos. O preconceito em relação aos negros dá-se, pois, tanto por uma questão biológica (racial) quanto cultural (étnica), já que, além dos seus traços físicos não corresponderem ao ideal de beleza ocidental, a sua cultura – africana – é vista como folclórica, primitiva e inferior ao ser comparada com a branco-europeia²¹.

²⁰ Cf. CASHMORE, 2000l, p. 438-442.

²¹ Cf. FERREIRA, R. F., 2000, p. 52.

Segundo Munanga:

A ação anti-racista ordinária só pode visar os preconceitos raciais quando estes são verbalizados, declarados e até mesmo proclamados. Por exemplo, a discriminação de emprego, a recusa de acolhimento ou de alojamento em hotéis, a oposição ao casamento, os genocídios etc. É impossível legislar contra os preconceitos porque eles são invisíveis. Não se pode fazer as leis para lutar contra um preconceito. Fazem-se as leis para lutar contra os comportamentos discriminatórios concretos. Isto significa que o subsolo infernal do preconceito racial escapa, por princípios, ao tipo jurídico político da ação anti-racista. (MUNANGA, 1998, p. 47).

Cabe lembrar que o preconceito racial não é exclusivamente fruto da ignorância de uma pessoa. Se fosse assim, a educação bastaria para erradicar o racismo. Esse tipo de preconceito está embutido na própria ideologia racista de nossa sociedade e, por esse motivo, afeta o modo como os negros percebem e avaliam a si mesmos, enfraquecendo a construção de uma identidade negra e legitimando um processo de dominação de brancos sobre negros.

Para se ter uma ideia de quão arraigados estão os estereótipos negativos sobre o negro no Brasil, vejamos, por exemplo, as respostas depreciativas trazidas por uma pesquisa da Sociedade Nacional de Agricultura datada de 1920, levantamento este que buscava saber se o imigrante negro seria benéfico ou não ao país: mau trabalhador (razões econômicas); inteligência inferior, degenerado, amoral, indolente, bêbado e criminosos (razões intelectuais e morais); inferioridade congênita, ódio ao branco oculto no coração do negro, existência do preconceito de cor (razões raciais); dentre outras razões²². Isso revela como o negro era rejeitado enquanto mão de obra, bem como a penetração da ideologia do branqueamento na sociedade brasileira. A seguinte frase de Munanga (1998, p. 48) faz, dado o intervalo de tempo e o desenvolvimento educacional no Brasil de lá pra cá, todo o sentido: “não se corrige a ideologia simplesmente pela educação”. Sendo assim, a educação é apenas uma das maneiras de se lutar contra o racismo.

Se preconceito racial se trata de pensar ou crer desfavoravelmente a respeito de uma raça, discriminação racial está para além disso, uma vez que implica colocar essas crenças em ação. Pode ser definida como um comportamento individual ou coletivo observável desferido contra alguma pessoa ou grupo motivado por sua raça, estabelecendo, pois, uma diferença. É um ato que quebra consequentemente o princípio da igualdade racial por meio da distinção, exclusão, restrição ou preferências. Quando o tratamento desigual toma forma de abuso, exploração e injustiça sistemáticos, torna-se, então, uma opressão social. Assim, nas palavras

²² Cf. Moura (1988, p. 80). A pesquisa acerca do racismo no Brasil realizada pelo Datafolha em 1995 abordou uma série de outros estereótipos com relação aos negros neste país, a qual pode ser consultada em Turra e Venturi (1998).

de Munanga e Gomes (2006, p. 184): “A discriminação racial pode ser considerada como a prática do racismo e a efetivação do preconceito.”. Há, sob esse ponto de vista, uma continuidade entre os pensamentos preconceituosos e as atitudes discriminatórias.

Contudo, nem toda discriminação baseia-se no preconceito. Um exemplo disso é as ações afirmativas enquanto políticas públicas. Referem-se a elas de várias maneiras: “discriminação positiva”, “discriminação inversa”, “políticas de compensação” ou ainda “políticas de reparação”. O tema é extremamente polêmico e vem sendo discutido com maior atenção no Brasil desde 2000, quando foi aprovada a primeira lei que determinava cotas raciais nas universidades públicas do Rio de Janeiro. O fato é que, para usarmos outra frase comum dos seus defensores, a “ação afirmativa trata desigualmente os desiguais” com o intuito de possibilitar uma maior realização do ideal de integração igual de indivíduos e grupos numa sociedade que se quer democrática²³.

A discriminação racial é suscetível de exercer-se em todos os setores da vida social, mas, no Brasil, atitudes dessa natureza acontecem de maneira mais veemente sobretudo no trabalho, na interação familiar em virtude de relacionamentos amorosos e no tratamento dado pela polícia. Pesquisas recentes, no entanto, revelaram que esse tipo de manifestação se dá também em campos como justiça²⁴, educação²⁵ e, até mesmo, música²⁶, que, como o futebol, parece ser, e crê-se nisso, um domínio social “isento” de racismo.

Wieviorka (2007, p. 68), bem como outros intelectuais, acha fundamental não confundir discriminação racial com segregação racial. Embora o racismo possa “amalgamar essas duas formas elementares”, como por exemplo na separação de negros e brancos nos transportes públicos, discriminação “corresponde de preferência a uma lógica de hierarquização”, enquanto segregação, “a uma lógica de diferenciação”. Ambas as noções designam ao mesmo tempo um processo e o seu resultado, porém segregação racial estabelece espaços próprios destinados a negros e a brancos. É uma separação geográfica que completa-se, ocasionalmente, com medidas de circulação restritivas, como aconteceu de maneira extrema e institucionalizada na África do Sul, com o *apartheid*.

O exemplo sul-africano é o caso típico do que se chama de segregação *de jure*, ou seja, definida e exigida por lei. Há, também, a segregação *de facto*, que é a existência de uma separação não regulamentada legalmente, mas que ocorre na prática. Para Johnson (1997, p.

²³ Sobre esse debate, ver: J. Souza (1997), Guimarães (2005), Fry (2005) e Carvalho (2005).

²⁴ Cf. ADORNO, 1996.

²⁵ Cf. CAVALLEIRO, 2001.

²⁶ Cf. R. S. CORRÊA, 2009.

203), isso se dá, entre outros casos, quando “os membros dos diferentes grupos deixam de estar representados proporcionalmente em vários setores da vida social.”. Sendo assim, poderíamos argumentar, por exemplo, que os negros, que correspondem a 50% do total da população brasileira – levando-se em consideração os números relativos de “pretos” e “pardos” da Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios de 2008 –, não são integrados plenamente nas universidades públicas brasileiras, o que permitiria dizer que há uma segregação de fato²⁷.

Preconceito e discriminação raciais são elementos preliminares necessários para a existência do racismo. Dentro dessa proposta, o racismo é visto como um fenômeno recente da história da humanidade, indissociável da modernidade, da história da ciência e da cultura ocidental, sendo este o seu sentido “científico” ou “clássico”²⁸. Ainda que o conceito, propriamente, tenha sido formulado somente no início do século XX, há uma relação direta entre racismo e raça, sendo esta o seu elemento central na crença e na postulação de uma humanidade dividida e hierarquizada em grandes grupos chamados “raças”, cujas características biológicas determinavam as características culturais e psicológicas. Do ponto de vista dos mentores dessa doutrina científica e dos racistas, há uma ordem “natural” dessas raças dentro da sociedade humana, em que uns (brancos, “civilizados”, europeus) seriam “superiores” e estariam ali para dominar, e outros (negros, amarelos, “selvagens”, “bárbaros”, nativos das Américas, da África, da Ásia e da Oceania), “inferiores” e para serem dominados. A racionalidade eurocêntrica, por meio da invenção de uma hierarquia racial, construiu e buscou naturalizar as diferenças entre “raças”, prestando serviço à colonização, de modo a manter a relação de dominação, o controle do trabalho e a acomodação na sociedade colonial²⁹. Racismo é, assim, uma ideologia essencialista que imputa características negativas reais ou supostas a um determinado grupo, as quais justificam um tratamento desigual desse grupo definido perante o resto da sociedade³⁰.

As implicações do racismo pseudocientífico tiveram o seu auge, como se sabe, com o nazismo. A partir da segunda metade do século XX, com o conceito de raça sofrendo inúmeras críticas e perdendo a sua legitimidade científica e mundial, o racismo não mais

²⁷ Cf. IBGE, 2008.

²⁸ Muitos intelectuais, como J. R. Santos (2005), defendem que o racismo tal como conhecemos hoje é um fenômeno ligado ao desenvolvimento capitalista, ainda que exista também em países socialistas e, sob outras formas, em tempos remotos.

²⁹ Cf. QUIJANO, 2005.

³⁰ Cf. WIEVIORKA, 2007, p. 19-25.

necessitava teoricamente dessa noção e continuou a atribuir uma relação determinista entre um grupo e as suas supostas características. Ocorre, pois, uma ampliação da sua aplicação (contra mulheres, jovens, homossexuais, pobres etc.) embora lhe falte um sentido analítico. Nesse sentido, de acordo com Michael Banton e Robert Miles (2000, p. 458), “racismo denota todo um complexo de fatores que geram a discriminação racial e designa às vezes, mais livremente, também aqueles fatores que produzem as desvantagens raciais.”. É um uso “popular” do conceito de racismo, em que qualquer atitude ou comportamento de rejeição e de injustiça social é qualificado como racismo. Devido ao uso generalizado desse termo, Munanga, tal como outros intelectuais, defende uma definição mais precisa de racismo, levando em consideração o contexto mundial do final do século XX e início do XXI. Sob sua análise:

Além da essencialização somático-biológica, o estudo sobre o racismo hoje deve integrar outros tipos de essencialização, em especial a essencialização histórico-cultural. Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam. O difícil é aniquilar as raças fictícias que rondam nossas representações e imaginários coletivos. Enquanto o racismo clássico se alimenta da noção de raça, o racismo novo se alimenta da noção de etnia definida como um grupo cultural, categoria que constitui um léxico mais aceitável que a raça (falar politicamente correto). (MUNANGA, 2004b, p. 27).

Independentemente de estar ou não justificado por fundamentos biológicos, o racismo persiste enquanto fenômeno com implicações sociais profundas tanto, por exemplo, na África do Sul, nos Estados Unidos e no Brasil, quanto em países europeus, como a França, a Inglaterra e a Alemanha, onde a extrema direita política tem ressurgido com um novo discurso nacionalista. Não é sem razão que Barker o definiu como um “novo racismo”, cujo fundamento racista se encontra na diferença cultural (língua, religião, tradições, costumes etc.) e na ameaça que isto pode representar à identidade nacional³¹.

Este, porém, não é o caso do racismo no Brasil, já que a sua singularidade se encontra em uma ideologia racial integracionista, ou seja, “apresenta-se como um sistema homogeneizador através da mestiçagem racial”³². Não se trata de um racismo genocida que visa o extermínio dos negros, mas de um racismo universalista totalitário, uma vez que impõe a todos um modelo normativo de síntese do humano. A “indiferenciação” racial brasileira acaba por negar a herança histórica e cultural dos negros, bem como fragiliza a sua identidade

³¹ Cf. WIEVIORKA, 2007, p. 34. Para Taguieff, esse tipo de racismo é definido como diferencialista. Sobre o modelo quadripartito de racismo elaborado por este autor, consultar d’Adesky (2005, p. 25-30).

³² Cf. D’ADESKY, 2005, p. 82.

enquanto grupo. Por esse motivo, para d'Adesky (2005, p. 83), o nosso racismo é uma forma de dissolução e absolutização da etnia negra, revelando-se etnocida.

Atos racistas geralmente estão associados a cenas lamentáveis de discriminação racial cometidas individual ou coletivamente. Há, contudo, uma outra forma de funcionamento do racismo que é subliminar e anônima. Trata-se do racismo institucional, conceito este que foi originalmente formulado em 1967 por dois militantes do movimento negro norte-americano: Stokely Carmichael e Charles V. Hamilton. É camuflado no sentido de suas causas específicas não serem detectáveis (pelo menos, aparentemente) apesar de seus efeitos e resultados serem bastante visíveis³³. Se a força desse conceito está em mostrar como as estruturas institucionais são racistas, a sua fraqueza reside na dissociação dos seus atores perante o sistema, eximindo-os e fazendo do racismo um fenômeno abstrato. Daí, alguns intelectuais defenderem a definição “racismo institucionalizado”, dando a ideia de que, no limite, há alguém que não só institucionaliza ou mantém institucionalizado tal fenômeno, mas que é responsável por suas práticas.

O conceito de racismo institucional foi desenvolvido à luz das experiências norte-americanas e serviu para uma reavaliação dos acontecimentos sul-africanos e nazifascistas. Devido às suas características, muitos autores são contrários ao seu uso em contextos outros. Outros, porém, abrangeram a sua definição para tanto. Vejamos as observações de Munanga e Gomes, tendo em vista a experiência brasileira:

A forma institucional do racismo [...] implica práticas discriminatórias sistemáticas fomentadas pelo Estado ou com o seu apoio indireto. Elas se manifestam sob a forma de isolamento dos negros em determinados bairros, escolas e empregos. Estas práticas racistas manifestam-se, também, nos livros didáticos, tanto na presença de personagens negros com imagens deturpadas e estereotipadas quanto na ausência da história do povo negro no Brasil. Manifestam-se ainda nos meios de comunicação de massa (propagandas, publicidade, novelas), que insistem em retratar o negro e outros grupos étnico/raciais que vivem uma história de discriminação, de maneira indevida e equivocada. (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 180).

Por fim, escrevo breves notas sobre o que é interpretado como “racismo invertido” ou “racismo às avessas”. Nas últimas décadas, brancos e grupos dominantes foram alvo de indiferença e hostilidade por parte dos negros e grupos minoritários. Em virtude disso, acusaram a existência desse tipo de “racismo” e promoveram uma comparação excessivamente simples com o racismo branco, como se fosse até uma justificativa para a sua existência. Nas palavras de Ellis Cashmore (2000o, p. 474), “a grande diferença é que o

³³ Cf. CASHMORE, 2000n, p. 470.

racismo branco é um legado do imperialismo, enquanto a versão negra é uma reação à experiência do racismo.”. Mais do que isso, deve ser dito que as consequências são completamente diferentes: se este no máximo discrimina os brancos, aquele tem a função ideológica de sustentar, perpetuar e justificar a opressão social dos negros³⁴. Uma vez que o *status* e a condição social desses grupos envolvidos não estão no mesmo patamar, deve-se sempre considerar as experiências históricas diferentes de negros e brancos.

1.2.4 Xenofobia

Inicialmente, a xenofobia foi objeto de estudo da psicologia³⁵. Nesse sentido restrito, ela é caracterizada como um medo excessivo e descontrolado diante do diferente ou desconhecido, sem que haja motivos justificáveis. Seus sintomas mais comuns são angústia e ansiedade intensas, as quais podem desencadear em crises de pânico nas ocorrências mais graves. A essa altura, esses sintomas interferem na rotina, nos relacionamentos e nas atividades sociais do paciente, transformando-se em um transtorno psiquiátrico. Pode ser tratada por meio de terapia comportamental ou, nos casos extremos, através de medicação.

Embora seja um termo muito usado e estudado na atualidade, a xenofobia, contudo, é paradoxalmente pouco conceituada. A palavra, datada do século XX, significa literalmente medo ou aversão aos estrangeiros, dada a sua origem etimológica do grego *ξένος* (*xenos*, estrangeiro) e *φοβία* (*phobia*, temor)³⁶. Faz, portanto, referência à desconfiança, ao medo ou à antipatia por pessoas estranhas, que vêm de fora, que são diferentes ou desconhecidas. Na base desse discurso não irracional, está tanto a ideia de preconceito quanto o sentimento de superioridade. Nesse sentido amplo, trata-se de um fenômeno social geralmente associado ao etnocentrismo, racismo, nacionalismo, antissemitismo e, recentemente, à islamofobia³⁷.

Fundamentado em diversos fatores (históricos, culturais, raciais, religiosos, nacionais, econômicos ou sociais), a xenofobia é manifestada por meio de atos desrespeitosos, hostis, intolerantes, demonstrações de repúdio, ódio ou discriminações em face das crenças, hábitos, sotaques e aparência física do outro. A violência de tais ações pode ser, pois, simbólica (pichações, manifestações, passeatas ou discursos) ou física (agressões, linchamentos, atentados ou assassinatos). É evidente que não se pode desconsiderar a influência do

³⁴ Cf. JOHNSON, 1997, p. 162.

³⁵ Cf. SANTANA, 2015; MORAES, 2015.

³⁶ Cf. BANTON, 2000, p. 560.

³⁷ Cf. JOHNSON, 1997, p. 255.

componente patológico na tomada dessas atitudes. A manutenção de uma dada identidade grupal e a defesa nacional são as pseudojustificativas dos xenófobos, uma vez que se sentem “ameaçados” pelo outro. Não é sem razão que essas pessoas identificam-se politicamente com os ideais e objetivos da extrema direita e do chamado neonazismo.

Ainda que não trate especificamente da xenofobia, mas sim da intolerância, Ricouer ilumina esse debate com a seguinte reflexão:

A intolerância tem sua origem em uma predisposição comum a todos os humanos, a de impor suas próprias crenças, suas próprias convicções, desde que disponham, ao mesmo tempo, do *poder* de impor e da crença na *legitimidade* desse poder. Dois componentes são necessários à intolerância: a desaprovação das crenças e das convicções do outro e o poder de impedir que esse outro leve sua vida como bem entenda. (RICOUER, 2000, p. 20, grifos do autor)

Primeiro, o autor entende que a origem da intolerância estaria na vontade humana, manifestada por meio de comportamentos reprovativos, de impor as próprias opiniões e crenças diante de uma dada alteridade, com valores e convicções distintos. Segundo, ele refere-se à relação de poder entre grupos sociais. Uns fariam uso do poder (político, econômico, social, legal) para impor as próprias crenças sobre outros, uma vez que estariam convencidos da legitimidade desse poder. Se voltarmos ao conceito inicial a partir da exposição dessas ideias acerca da intolerância, e pensarmos na relação entre cidadãos nacionais e estrangeiros, podemos tanto notar a discrepância de forças em favor dos habitantes locais, quanto o peso desse poder que subjuga cidadãos provenientes de outros países em face da dominação em diferentes níveis (econômico, social, cultural, simbólico). Aliás, as crenças e convicções do “outro” não precisam nem ser enunciadas por meio de palavras para serem reprovadas pelos locais, uma vez que são expostas por sua própria aparência (traços físicos, modos de se vestir, de usar o próprio corpo, de se apresentar para o mundo).

Os acontecimentos de 2015 relativos à crise migratória escancararam o fenômeno da xenofobia. Centenas de milhares de imigrantes vindos do Oriente Médio e da África arriscam-se na travessia do Mar Mediterrâneo rumo à Europa³⁸. Fugindo de guerras civis, terrorismo, perseguições e misérias, principalmente na Síria, no Afeganistão e na Eritreia, buscam condições dignas de vida e asilo político. Muitos morrem nas travessias e tentam a perigosa rota dos Balcãs Ocidentais, na esperança de chegar à Alemanha e a outros países do Norte da

³⁸ Cf. COOKE, 2015; PETER, 2015.

União Europeia³⁹. Os que chegam ao Velho Continente enfrentam hostilidade, resistência e discriminação por parte das populações e também das autoridades políticas e policiais locais, especialmente nos países do Leste Europeu⁴⁰.

Olhando de modo geral para outros fatos passados, pode-se dizer que os maiores alvos dos atos xenofóbicos na Europa são os asiáticos, africanos e latinos. Atraídos pelo desenvolvimento econômico dos países europeus mais ricos, esses imigrantes vindos de países pobres estão à procura e na expectativa de melhores condições de vida, em especial de trabalho, estudo, moradia e saúde. No entanto, a crise econômica e social (baixos salários, desemprego, arrocho financeiro, déficit estatal, queda da qualidade em diversos serviços públicos, aumento de subsídios aos pobres e imigrantes, crescimento da criminalidade) pela qual passam os países da Europa Ocidental desde a década passada reflete-se diretamente no sentimento de rejeição aos estrangeiros, especialmente em momentos de pico nos deslocamentos populacionais em massa, como na atualidade.

Os imigrantes são escolhidos, assim, como “bodes expiatórios”, para quem os cidadãos de um país ou de uma comunidade (neste caso, a europeia) transferem as responsabilidades por seus próprios infortúnios e frustrações, uma vez que se trata de grupos minoritários visivelmente identificáveis, tais como: negros, asiáticos, árabes, turcos, indianos, judeus, muçulmanos. A figura do bode expiatório oferece explicações simplistas e preconceituosas, sem a necessidade de análises mais profundas, principalmente quando há um estereótipo “disponível” para culpar. É justamente nesse sentido que Cashmore (2000b, p. 96) argumenta que “[...] a imagem do grupo identificado e responsabilizado pode ser reajustada com o propósito de criar um bode expiatório, porém, mais freqüentemente, a percepção negativa do grupo já existe no imaginário popular; o bode expiatório apenas adiciona novas dimensões.”.

Por mais que a Europa sempre venha à mente quando se fala sobre xenofobia, esse fenômeno obviamente não é exclusividade desse continente, nem de países do Hemisfério Norte, nem mesmo dos países mais desenvolvidos economicamente. Nos Estados Unidos, por exemplo, após os atentados de 11 de Setembro, os islâmicos e árabes tornaram-se vítimas de inúmeras atitudes xenofóbicas, do mesmo modo que mexicanos e outros povos latinos o são há décadas. No Brasil, por sua vez, fato semelhante acontece em relação aos bolivianos,

³⁹ Cf. CAMPOS, 2015; UM OLHAR..., 2015.

⁴⁰ Cf. PERGUNTAS..., 2015.

peruanos, haitianos e demais povos da América Latina neste terceiro milênio, sobretudo nas cidades-destino onde há aglomeração, como é o caso de São Paulo⁴¹.

Diante de tantos casos ao redor do mundo e ao longo da história, a xenofobia passou a ser considerada crime e violação dos Direitos Humanos, do mesmo modo que o racismo já o era. Como xenofobia é um fenômeno, por vezes, entrelaçado e confundido com outros, principalmente com o racismo, cabe trazer finalmente a opinião de dois autores que estabelecem diferenças. Para Banton (2000, p. 591): “Se quisermos diferenciar o racismo da xenofobia, podemos dizer que o racismo se baseia em idéias de inferioridade enquanto a xenofobia em diferenças fundamentais entre culturas.”. Serra, por sua vez, não só distingue “xenofobismo” também de etnicismo, como salienta que as fronteiras entre tais fenômenos são “fictícias e porosas”:

No racismo actua-se por marcadores físicos elementares – é a racialização do social; no etnicismo, por marcadores simbólicos (língua, “costumes”, anterioridade de chegada a um território, heróis epónimos) da comunidade imaginada de origem – é a etnicização do social; no xenofobismo, por marcadores simbólicos alargados ou globais da comunidade imaginada alargada (nação) – é a nacionalização extrema do social. [...] Todavia, não podemos colocar fronteiras absolutas entre os três fenômenos. O xenofobismo, por exemplo, pode surgir vestido de etnicismo ou de racismo. A permeabilidade é, muitas vezes, imediata, as fronteiras são fictícias e porosas. (SERRA, 2011).

1.2.5 Nação e nacionalismo

Definir os conceitos de nação e nacionalismo é sem dúvida uma tarefa problemática e sempre arriscada, tamanha a controvérsia existente entre os pesquisadores desse campo do conhecimento. Poderia iniciar por três definições clássicas. A primeira, de Ernest Renan, é datada de 1882, escrita em clima de revanchismo francês diante da perda da Alsácia-Lorena para a Alemanha após a Guerra Franco-Prussiana entre 1870 e 1871. Em seu célebre ensaio sobre a nação, o acadêmico francês delimita:

Uma nação é uma alma, um princípio espiritual. Duas coisas que, para dizer a verdade, são uma só, constituem essa alma, esse princípio espiritual. Uma está no passado e a outra no presente. [...] Uma nação é, assim, uma grande solidariedade, constituída pelo sentimento de sacrifícios já feitos e daqueles que ainda estão por fazer. Ela supõe um passado. Ela se resume, entretanto, no presente por um fato tangível: o consentimento, o desejo claramente expresso de continuar a vida em comum. A existência de uma nação é (perdoem-me essa metáfora) um plebiscito

⁴¹ Ver, por exemplo, a dissertação de Paes (2011), que discute os deslocamentos populacionais na América Latina, tomando por base as histórias de vida de bolivianos na cidade de São Paulo.

diário, como a existência do indivíduo é uma afirmação perpétua da vida. (RENAN, 1982 apud MELLO, 1999, p. 159-160).

A abordagem de Renan é nitidamente liberal e voluntarista. Ele rejeita o papel do Estado na constituição da nação a fim de identificá-la como uma “consciência moral”⁴². Tomando essa assertiva como verdadeira, argumenta que “o homem não é escravo nem de sua raça, nem de sua língua, nem de sua religião, nem do curso dos rios, nem da direção das cadeias de montanhas.” (RENAN, 1982 apud MELLO, 1999, p. 161). Embora a ideia mais conhecida de sua concepção (“plebiscito diário”) seja ambígua e utópica – e, portanto, careça de explicação quanto a sua aplicabilidade –, ele apresenta a “solidariedade” como a essência da nação. Ela se estabelece, para o autor, tanto através de esforços, sacrifícios, sofrimentos, devotamentos e glórias comuns no passado, quanto por meio de um consentimento, um desejo e uma vontade compartilhada no presente.

A formulação de Josef Stalin, por sua vez, data de 1913 e foi elaborada a pedido de Lenin, com intenção de compreender a questão nacional no Leste Europeu. Ao contrário de Renan, o conceito de nação empregado por Stalin é essencialmente objetivo, e tornou-se declaração marxista canônica até os anos 1950. Diferenciando nação de raça e tribo, por um lado, e de estado imperial, de outro, ele a define da seguinte maneira: “Uma nação é uma comunidade de pessoas historicamente constituída e estável, formada com base em uma língua, território, vida econômica comuns, e características psicológicas que se manifestam em uma cultura comum.” (STALIN, 1973 apud HUTCHINSON; SMITH, 1994, p. 20, tradução minha). Ao enfatizar sua afirmação, argumenta que nenhum dos traços distintos citados define uma nação se tomado isoladamente. Mais do que isso, defende que, na falta de uma única característica, a nação deixa de existir. Alegações que somadas o levam a concluir de modo peremptório: “É somente quando todas essas características estão presentes que nós temos uma nação.” (STALIN, 1973 apud HUTCHINSON; SMITH, 1994, p. 21, tradução minha). Por trás de sua conhecida formulação, estava uma preocupação com o caso russo e um claro interesse político de definir critérios para forjar tal nação.

Max Weber também elaborou uma definição que se tornou referência. Em sua proposição, a nação baseia-se em “sentimentos de prestígio” e é dotada de uma missão “cultural”⁴³. Estando muito mais próximo da concepção de Renan do que da de Stalin, ele argumenta: “Num certo sentido, o conceito indubitavelmente significa, acima de tudo, que

⁴² Cf. RENAN, 1982 apud MELLO, 1999, p. 161.

⁴³ Cf. WEBER, 1982, p. 201 e 206.

podemos arrancar de certos grupos de homens um sentimento específico de solidariedade frente a outros grupos. Assim, o conceito pertence à esfera dos valores.” (WEBER, 1982, p. 202). Tornando claro seu método interpretativo ou compreensivo, ele analisa diversas situações observáveis de modo a questionar a adoção de critérios unicamente objetivos, tais como aqueles abordados por Stalin. Dentre os vários fatores considerados, em especial a língua e a etnia, ele destaca o “campo da política”, definindo nação da seguinte forma: “uma nação é uma comunidade de sentimento que se manifestaria adequadamente num Estado próprio; daí, uma nação é uma comunidade que normalmente tende a produzir um Estado próprio.” (WEBER, 1982, p. 207). O compromisso com um projeto político seria justamente o que diferenciaria *nação* de *comunidade étnica*, ainda que ambas estivessem ligadas pelas “noções de descendência comum e de uma homogeneidade essencial” (WEBER, 1982, p. 203). Em sua análise multicausal, Weber (1982, p. 206) evidencia a atenção dada fundamentalmente à ação individual e aos “valores culturais” de determinados grupos, o que se transparece na passagem: “A significância da ‘nação’ está habitualmente ligada à superioridade, ou pelo menos à insubstituibilidade, dos valores culturais que devem ser preservados e desenvolvidos exclusivamente através do cultivo da peculiaridade do grupo.”.

Os três autores citados cobrem um espectro amplo ao considerarem diversos fatores, os quais podem ser distinguidos entre objetivos (língua, religião, território, economia, instituições) e subjetivos (solidariedades, sentimentos, desejos, valores, ações). A reflexão da nação na relação com o campo da política, particularmente com a instituição do Estado, é um ponto muito debatido pelos estudiosos que se seguiram. Mais do que isso, localiza histórica e geograficamente a discussão, enquanto algo moderno e relativo ao Ocidente. Os argumentos abordados por Renan, Stalin e Weber sobre os termos consentimento, etnia e cultura também moveram um sem número de intelectuais, dentre os quais chamarei atenção para alguns.

O período que se seguiu a Maio de 1968, especialmente até o final da década de 1980, também foi particularmente fértil para o surgimento de novas teorias nessa área, que buscavam entender a origem, o desenvolvimento e as consequências do fenômeno nacional que culminou em guerras mundiais. Um dos autores cuja teoria sobre nacionalismo ganhou notoriedade foi Ernest Gellner. Em sua perspectiva histórica, o nacionalismo é um inevitável produto da modernidade. Foi somente a partir desse período histórico que houve mudanças no sistema político e econômico que levaram a uma popularização da educação, a qual, por sua vez, resultou na unificação da linguagem e na homogeneidade cultural.

Influenciado por Weber, ele argumenta que: “O nacionalismo é, essencialmente, um princípio político que defende que a unidade nacional e a unidade política devem corresponder uma à outra.” (GELLNER, 1993, p. 11), uma definição que depende dos termos Estado e nação. Estado, para ele, é aquele conjunto de instituições voltado à manutenção da ordem, numa evidente referência ao monopólio da violência legítima na sociedade, formulado por Weber. A existência do Estado é uma pré-condição para o surgimento do nacionalismo, assim como as suas fronteiras e distribuição do poder são o motivo de respectivos ressentimentos⁴⁴. Numa tentativa de definição de nação, Gellner a diferencia de Estado e argumenta que ambos “são uma contingência e não uma necessidade universal. Nem os Estados nem as nações existiram sempre e em quaisquer circunstâncias.” (GELLNER, 1993, p. 19). O filósofo francês impõe três condições para que dois homens pertençam à mesma nação: se ambos partilharem a mesma cultura, se ambos se reconhecerem como pertencentes a uma mesma nação, e se tanto a cultura quanto a vontade corresponderem com a unidade política⁴⁵. Com base nessas premissas, ele conclui: “Estas condições não definem a situação humana em si, mas somente a sua variante industrial. É o nacionalismo que dá origem às nações, e não o contrário.” (GELLNER, 1993, p. 89). Enraizado na modernidade, o autor resume as características-chave desse fenômeno: a homogeneidade, a instrução e o anonimato⁴⁶.

Apoiando-se em grande parte nessas concepções de Gellner, Eric Hobsbawm corrobora tais definições de nacionalismo e nação. O historiador também não considera a nação como uma entidade social originária ou imutável. Segundo ele:

A “nação” pertence exclusivamente a um período particular e historicamente recente. Ela é uma entidade social apenas quando relacionada a uma certa forma de Estado territorial moderno, o “Estado-nação”; e não faz sentido discutir nação e nacionalidade fora desta relação. Além disso, com Gellner, eu enfatizaria o elemento do artefato, da invenção e da engenharia social que entra na formação das nações. [...] Em uma palavra, para os propósitos da análise, o nacionalismo vem antes das nações. As nações não formam os Estados e os nacionalismos, mas sim o oposto; (HOBSBAWM, 1990, p. 19).

É exatamente nessa “invenção” nacional que se situa um ponto importante e distinto de sua argumentação. Do mesmo modo que Gellner, Hobsbawm argumenta que as nações são construídas essencialmente pelo alto, por governos, porta-vozes e ativistas de movimentos nacionalistas ou antinacionalistas, uma elite política que inventa tal tradição a fim de legitimar

⁴⁴ Cf. GELLNER, 1993, p. 16 e 19.

⁴⁵ Ibid., p. 19 e 88.

⁴⁶ Ibid., p. 200.

o seu poder em um século de revolução e democratização. Contudo, ele entende as nações como “fenômenos duais”, o que significa dizer que a compreensão desse fenômeno só será descoberta se incluir também uma “visão de baixo”, ou seja, a forma como as pessoas comuns, que são objeto de ações e propagandas nacionalistas e antinacionalistas, experimentam tais fatos históricos, “em termos das suposições, esperanças, necessidades, aspirações e interesses” (HOSBAWM, 1990, p. 20).

As massas populares, no entanto, são as últimas a serem afetadas pela “consciência nacional”, a qual se desenvolve desigualmente entre grupos e regiões sociais de um país. Antes de os movimentos nacionais representarem ou serem sustentados de alguma maneira por elas, haveria outras duas fases de acordo com a cronologia de Hroch, a qual é incorporada por Hobsbawm em seu estudo: primeiro, uma etapa “puramente cultural, literária e folclórica, sem implicações políticas particulares e mesmo nacionais”; segundo, a existência de “um conjunto de pioneiros e militantes da ‘ideia nacional’ e o começo das campanhas políticas em prol dessa idéia.” (HOSBAWM, 1990, p. 21). A consideração de uma “visão de baixo” escancara que Hobsbawm possuía objeções frente a classificações de comunidades enquanto nações com base apenas em critérios objetivos. Sua abordagem, portanto, procura analisar as nações e seus fenômenos associados sob várias condições: econômicas, administrativas, técnicas, políticas, culturais, subjetivas, entre outras⁴⁷.

Outro autor que procura transpor essa discussão entre critérios objetivos ou subjetivos na definição de nação é Anthony Smith. Os primeiros, argumenta ancorando-se em Weber, “pecam sempre por não incluírem todas as nações”; e os segundos “geralmente abarcam um campo demasiado vasto de casos”, o que dificulta “a distinção entre nações e outros tipos de coletividade” (SMITH, 2006, p. 23-24). A solução encontrada pelo sociólogo é a adoção de critérios que alargam o espectro “objectivo-subjectivo”⁴⁸. Dessa maneira, ele traça diferenças entre nação e Estado, de um lado, e nação e comunidade étnica, de outro; propondo, por conseguinte, um conceito que é tanto independente quanto compatível com a ideologia do nacionalismo: “uma comunidade humana específica que ocupa uma pátria e possui mitos comuns e uma história partilhada, uma cultura pública comum, uma só economia e direitos e deveres comuns a todos os seus membros.” (SMITH, 2006, p. 26).

A nação, é claro, está no centro das preocupações da ideologia do nacionalismo, a qual procura promover o seu bem-estar. Em palavras mais precisas, Smith (2006, p. 20) sugere o

⁴⁷ Cf. HOSBAWM, 1990, p. 19.

⁴⁸ Cf. SMITH, 2006, p. 24.

nacionalismo como “um movimento ideológico para alcançar e manter a autonomia, a unidade e a identidade de um povo que alguns dos seus membros crêem constituir uma ‘nação real’ ou potencial.”. Essa é uma definição que prescreve alguns objetivos (autonomia, unidade e identidade nacionais) e atrela a ideologia a um movimento, não apenas a movimentos independentistas, mas também a nações existentes e “em potencial”. Vista como um ideal central da ideologia do nacionalismo, a identidade nacional também merece uma conceituação abrangente, porém rigorosa: “a contínua reprodução e reinterpretação do padrão de valores, símbolos, memórias, mitos e tradições que compõem a herança específica das nações e a identificação dos indivíduos com esse padrão e herança, e com os seus elementos culturais.” (SMITH, 2006, p. 32). Essa proposta refere-se tanto a elementos materializados e reproduzidos pelas memórias coletivas quanto a processos de reinterpretação e reconstrução cultural que possibilitam mudanças dentro de uma longa duração⁴⁹.

Ao publicar seu estudo pela primeira vez em 1983, Benedict Anderson tornou-se referência obrigatória no debate sobre nação e nacionalismo. A originalidade de sua contribuição está, em parte, no rompimento com análises consagradas (e eurocêtricas) que vinculavam o surgimento do nacionalismo ao iluminismo, à Revolução Francesa, ao liberalismo ou ao industrialismo europeu, teses defendidas por tantos autores, tais como Gellner, Kedourie e Hobsbawm. Para Anderson, a origem da consciência nacional dá-se nas novas entidades políticas que surgiram nas Américas, portanto nas ex-colônias europeias, entre 1776 e 1838. O papel histórico decisivo, segundo o autor, “foi desempenhado por funcionários-peregrinos e impressores locais crioulos.” (ANDERSON, 2008, p. 106).

Tal afirmação sugere, se assim posso dizer dado o risco da sumarização, a outra parte original de sua obra: a argumentação baseada na importância ocupada pela imprensa. O desenvolvimento dela enquanto mercadoria pressupôs, por um lado, a “vernacularização” – haja vista que somente um número diminuto de pessoas falava latim – e, por outro, o fenômeno do “capitalismo editorial” – o qual não só conferiu fixidez à língua impressa, mas também “permitiu que as pessoas, em números sempre maiores, viessem a pensar sobre si mesmas e a se relacionar com as demais de maneiras radicalmente novas.” (ANDERSON, 2008, p. 70). O autor chega à conclusão de que “a convergência do capitalismo e da tecnologia de imprensa sobre a fatal diversidade da linguagem humana criou a possibilidade de uma nova forma de comunidade imaginada, a qual, em sua morfologia básica, montou o cenário para a nação

⁴⁹ Cf. SMITH, 2006, p. 34-35.

moderna.” (ANDERSON, 2008, p. 82). Em outras palavras, ele quer dizer que a nação, por meio do material impresso (jornal ou romance), é convertida em uma comunidade sólida, que seleciona e naturaliza recorrentemente a própria história ao inventar um passado e um “nós” comum e identificado, construindo, por fim, tempos vazios e homogêneos.

Imbuído por um “espírito antropológico” na busca pelas raízes culturais do nacionalismo, Anderson propõe a seguinte definição de nação: “uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsecamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana.” (ANDERSON, 2008, p. 32). As nações são “imaginadas” porque, embora seus membros não conheçam uns aos outros em sua maioria, têm em mente a imagem viva da comunhão entre eles, ou seja, consideram-se uma nação. A distinção entre as nações dá-se pelo “estilo” em que são imaginadas e não por sua suposta falsidade ou autenticidade⁵⁰. É nesse sentido que elas são mais do que inventadas, uma vez que constituem objeto de desejos e projeções⁵¹. Nessa operação imaginativa, constrói-se um passado, através da seleção e da concatenação de fatos, invariavelmente conscientes. Datas são transformadas em eventos, passagens em marcos fundadores, pessoas em heróis, edifícios em museus, histórias particulares em nacionais. Tudo num processo que constrói um “nós” comum e forja uma identidade, ao mesmo tempo que apaga um “eles” e elimina as diferenças. Ao “esquecer” determinados fatos em detrimento de outros, dá-se uma sequência e uma lógica ao passado. Por conseguinte, o futuro também é sonhado, projetado, destinado.

As nações são “limitadas” porque possuem fronteiras finitas, a partir das quais existem outras nações, sendo que nenhuma delas imagina ter a mesma extensão da humanidade⁵². As nações são “soberanas” porque surgem exatamente após o Iluminismo e a Revolução, que destruíram a legitimidade dos reinos dinásticos e de ordem divina⁵³. A soberania nacional é a garantia e o símbolo da liberdade diante de antigas estruturas de dominação, quer se refiram às monarquias, quer à colonização europeia nas Américas e na Ásia. Finalmente, as nações são imaginadas como “comunidades” porque, independentemente de haver desigualdades e relações hierárquicas entre seus membros, elas sempre são concebidas como uma profunda camaradagem horizontal. Está nessa fraternidade, de acordo com Anderson (2008, p. 34), a explicação para o fato de milhões de pessoas se disporem tanto a matar, quanto sobretudo a morrer “por essas criações imaginárias limitadas”.

⁵⁰ Cf. ANDERSON, 2008, p. 33.

⁵¹ Cf. SCHWARCZ, 2008, p. 10.

⁵² Cf. ANDERSON, 2008, p. 33.

⁵³ Ibid., p. 34.

Tomando essa última passagem como referência, Gopal Balakrishnan apresenta sua crítica à proposição de Anderson:

O problema para a tese de Anderson é que as afinidades culturais moldadas pelo capitalismo de imprensa não parecem suficientemente ressonantes, em si mesmas, para gerar os sacrifícios colossais que os povos modernos às vezes se dispõem a fazer por suas nações. É relevantemente fácil ver por que as pessoas se dispõem a morrer por sua religião, pois entram na balança questões de maior peso do que a mera vida terrena. Mas é bem mais difícil entender como sociedades civis que conduzem seus assuntos numa língua vernácula haveriam de inspirar o mesmo espírito. Se imaginarmos as sociedades em idiomas sagrados, a sociabilidade vernácula parecerá oferecer pouco, comparada à religião. (BALAKRISHNAN, 2000, p. 219).

A analogia mais plausível, argumenta o autor, seria comparar as afinidades imaginadas da nação com a estrutura afetiva dos laços de parentesco, ao invés da religião, uma vez que “[a]teus, nacionalistas e cristãos correm em igual número para salvar seus filhos de casas em chamas.” (BALAKRISHNAN, 2000, p. 217). Dentro da perspectiva andersoniana, é só na luta que a nação se transforma em uma “comunidade de vida e morte”, que se apodera da imaginação. Isso leva Balakrishnan (2000, p. 221) a concluir que, “na maior parte do tempo, a experiência de pertencer a uma nação é tênue e superficial.”. Preocupado com o futuro do nacionalismo na nova conjuntura mundial, após um século de imaginação política radical, o autor espera que as comunidades possam ser “imaginadas” no bom sentido, ou seja, com senso de realidade social, compromisso civil e ação coletiva transformadora⁵⁴.

Como se pode notar, ao lançar a ideia original de buscar nos jornais e romances as narrativas e representações da nação imaginada, Anderson influenciou muitos estudiosos, especialmente os adeptos do pós-modernismo. Um deles é Partha Chatterjee, cujo trabalho a ser analisado tem um título instigante: “Comunidade imaginada por quem?”. Após elogiar a sutileza, a originalidade e a engenhosidade de Anderson ao dizer que as nações são produtos da imaginação e ao enunciar as formas institucionais pelas quais elas são imaginadas, com destaque para aquelas relacionadas ao capitalismo editorial, Chatterjee expõe uma objeção central à tese do cientista político:

Se os nacionalismos do resto do mundo têm que escolher suas comunidades imaginadas entre certas formas “modulares”, já colocadas a seu dispor pela Europa e pelas Américas, que lhes resta imaginar? A história, ao que parece, teria decretado que nós, do mundo pós-colonial, seremos apenas perpétuos consumidores da modernidade. A Europa e as Américas, os únicos verdadeiros sujeitos da história, elaboraram, em nosso benefício, não apenas o roteiro do esclarecimento e da exploração coloniais, mas também o de nossa resistência anticolonial e o de nossa

⁵⁴ Cf. BALAKRISHNAN, 2000, p. 222 e 224.

miséria pós-colonial. Até nossa imaginação tem que permanecer perenemente colonizada. (CHATTERJEE, 2000, p. 229).

Os motivos dessa crítica dura e irônica, na qual Chatterjee escancara o lugar da onde fala, são justamente a incongruência dos elementos da imaginação nacional anticolonial com aquelas formas “modulares” da sociedade nacional propagadas pelo Ocidente moderno⁵⁵. O problema, para o autor, está em considerar as reivindicações do nacionalismo como um “movimento *político*” (CHATTERJEE, 2000, p. 229, grifo do autor). E é aí que ele apresenta a própria interpretação, que trata justamente do traço fundamental dos nacionalismos anticoloniais da Ásia e da África: a divisão das instituições e práticas sociais em dois domínios, o material e o espiritual. Em suas palavras:

O material é o domínio do “externo”, da economia e da política, da ciência e tecnologia, um campo em que o Ocidente provou sua superioridade e em que o Oriente sucumbiu. Nesse campo, portanto, a superioridade ocidental teve que ser reconhecida, e suas realizações, criteriosamente estudadas e reproduzidas. O espiritual, por outro lado, é um domínio “interno”, que traz as marcas “essenciais” da identidade cultural. Quanto mais sucesso se obtém na imitação das aptidões ocidentais no campo material, maior a necessidade de preservar a singularidade da cultura espiritual. (CHATTERJEE, 2000, p. 230).

Isso significa que o Estado é mantido fora do domínio “interno” da cultura nacional, ainda que sobre ela exerça influência. Por mais que ele esteja nas mãos do poder colonial, a nação, enquanto comunidade imaginada, é soberana para criar a própria cultura nacional “moderna”, haja vista que isso compete ao domínio espiritual⁵⁶. O autor, contudo, adverte para o risco da submissão e da miséria pós-coloniais. Elas não estão na incapacidade de tais sociedades elaborar novas formas de comunidades modernas, mas sim em sua rendição às antigas formas do Estado moderno⁵⁷. Reivindicando liberdade de imaginação para as ex-colônias europeias, Chatterjee conclui de modo ambicioso com vistas a uma nova ideia universal: a possibilidade de pensar novas formas da comunidade moderna pode levar a novas formas do Estado moderno⁵⁸.

Anderson também influenciou Homi Bhabha, um dos mais conhecidos autores pós-modernos que discute o tema. De difícil compreensão, e por vezes criticado pela escrita difícil e pela criação de neologismos, Bhabha (1998, p. 199) afirma logo no início de seu texto: “A nação preenche o vazio deixado pelo desenraizamento de comunidades e parentescos,

⁵⁵ Cf. CHATTERJEE, 2000, p. 229.

⁵⁶ Ibid., p. 230-231.

⁵⁷ Ibid., p. 235.

⁵⁸ Ibid., p. 237-238.

transformando esta perda na linguagem da metáfora.”. Entendendo nação como narração, ele questiona justamente a metáfora progressista da coesão social moderna, o “muitos como um”, ou seja, a visão homogênea e horizontal associada com a comunidade imaginada da nação, aquela que ignora diferenças culturais e sociais, tais como as de classe, raça e gênero⁵⁹. Ao invés de aceitar a proposta de Bakhtin, que lê o espaço nacional como alcançado somente na “plenitude do tempo”, o mesmo que embasa o tempo da modernidade, o autor indiano propõe a apreensão do tempo “duplo e cindido” da representação nacional, o “de muitos, um”⁶⁰. O trecho a seguir explica melhor a sua concepção da nação enquanto narração, bem como apresenta o nome dado às duas temporalidades:

Na produção da nação como narração ocorre uma cisão entre a temporalidade continuísta, cumulativa, do pedagógico e a estratégia repetitiva, recorrente, do performático. É através deste processo de cisão que a ambivalência conceitual da sociedade moderna se torna o lugar de *escrever a nação*. (BHABHA, 1998, p. 207, grifos do autor).

Entre os discursos pedagógico e performático, emerge a referência a um “povo” como um movimento narrativo duplo, ambivalente, e por esse motivo um território conceitual disputado. De um lado, por meio de uma narração que funda uma tradição e inventa um passado, ele consiste em “objetos” históricos de uma pedagogia nacionalista, sendo tratado de forma homogênea enquanto corpo político patriótico. De outro, através de uma narração que introduz a temporalidade do entre-lugar, ele constitui-se em “sujeitos” de um processo de significação, e passa a representar no presente distintos grupos dentro da nação, dividindo-a e articulando a sua heterogeneidade⁶¹. É nesse sentido que Bhabha (1998, p. 209-210) diz que o performático lança uma sombra sobre a imagem cristalizada de povo construída pelo pedagógico e busca seus signos diferentes do Eu, do Outro ou do Exterior⁶². Dessa maneira, o autor indiano argumenta que a nação se torna um espaço liminar de significação na contemporaneidade:

A nação barrada Ela/Própria [*It/Self*], alienada de sua eterna autogeração, torna-se um espaço liminar de significação, que é marcado *internamente* pelos discursos de minorias, pelas histórias heterogêneas de povos em disputa por autoridades antagônicas e por locais tensos de diferença cultural. (BHABHA, 1998, p. 209-210, grifos do autor).

⁵⁹ Cf. BHABHA, 1998, p. 203-204.

⁶⁰ Ibid., p. 203-204.

⁶¹ Ibid., p. 206-209.

⁶² Ibid., p. 209.

Em tempos de globalização e deslocamentos de massa intensos, as metrópoles oferecem o espaço dentro do território nacional transgredido em que identificações emergem, novos movimentos sociais irrompem e a perplexidade dos vivos é experimentada de modo mais intenso⁶³. É para elas que migrantes, minorias e diaspóricos se mudam e escrevem uma outra narrativa nacional. Afinal, como resume Bhabha (1998, p. 238), “[...] é vivendo na fronteira da história e da língua, nos limites de raça e gênero, que estamos em posição de traduzir as diferenças entre eles, numa espécie de solidariedade.”.

1.2.6 Migração

Os deslocamentos de populações são um fenômeno que ocorre desde o início da história humana, sendo responsáveis pelo próprio povoamento de territórios espalhados por todo o mundo. Basicamente, pode-se definir migração enquanto um movimento de pessoas de uma área geográfica para outra, com a intenção de se estabelecer temporária ou permanentemente. De acordo com Borjas (2000), ela pode ser residencial, interna ou internacional. A residencial ocorre quando uma pessoa muda seu local de residência de um bairro para outro dentro de uma mesma cidade. A interna refere-se a um movimento que atravessa grandes áreas geográficas (cidades, regiões metropolitanas, estados ou províncias), mas dentro de um mesmo país. E a migração internacional, como o próprio nome sugere, ocorre quando uma pessoa se move por entre fronteiras nacionais. Ao movimento de saída de um país dá-se o nome de emigração, e ao de chegada, imigração. A migração pode ocorrer de forma individual, familiar ou grupal. Ela pode ser voluntária ou forçada.

Movimentos nômades geralmente não são considerados como migrações devido o seu caráter sazonal. Do mesmo modo, são encarados aqueles deslocamentos de populações que vivem em montanhas no verão e nas planícies no inverno. A circulação de pessoas para fins de viagens, turismo, peregrinações ou trajetos entre metrópoles e cidades-dormitório também não constitui uma migração, dada a ausência de intenção de viver e se estabelecer nos lugares para os quais se deslocam.

O mercantilismo europeu marcou o florescimento do comércio de longa distância e da abertura de linhas mundiais de comunicação. Através das rotas marítimas, eram transportados não apenas mercadorias, especiarias, metais, animais, entre outros diversos produtos, mas também marinheiros, colonizadores, mercadores e escravos. Os mais amplos processos de

⁶³ Cf. BHABHA, 1998, p. 237-238.

migração forçada foram iniciados nesse período. Estima-se que cerca de 12 a 15 milhões de pessoas escravizadas tenham sido trazidas da África para o Novo Mundo entre os séculos XVI e XIX⁶⁴. Além dos africanos escravizados, milhares de desocupados, mendigos, criminosos e crianças órfãs da própria Europa também foram compelidos a migrar para as Américas. Com o fim dos impérios coloniais, grandes populações de repatriados percorreram o caminho inverso e foram absorvidos pela Inglaterra, França, Portugal, Espanha e Holanda⁶⁵.

O crescimento do império europeu foi impulsionado pelo mercantilismo. Se, num primeiro momento, deu-se com a comercialização da agricultura, a extração mineral e vegetal e o tráfico transatlântico de escravos; num segundo momento, foi possibilitado pela exportação de produtos manufaturados. Estes, direta ou indiretamente, são resultados da exploração colonial, seja pelo fornecimento de matérias-primas, seja pelo enriquecimento, os quais levaram ao desenvolvimento das metrópoles. Fato é que a Revolução Industrial provocou grandes deslocamentos populacionais, tanto nos países europeus com a migração rural-urbana⁶⁶, quanto nas ex-colônias com a migração interna. A implementação dos primeiros empreendimentos industriais (companhias ferroviárias, marítimas, elétricas, de gás) nas ex-colônias exigiu a vinda de uma mão de obra qualificada da Europa. Foi o início da internacionalização do mercado de trabalho⁶⁷.

De acordo com Cohen (2000), quatro formas de migração predominam no período pós-1945. A primeira foi em decorrência do processo de independência e formação de novos Estados nacionais, quer nas ex-colônias europeias na África, Ásia e Oriente Médio, quer no próprio continente europeu com a dissolução dos antigos Estados socialistas, notadamente a Iugoslávia. A segunda dá-se com a mão de obra não-especializada que continua a migrar para a Europa e para os Estados Unidos, apesar das restrições legais impostas desde a década de 1970. A terceira refere-se aos trabalhadores altamente qualificados (empresários, executivos, cientistas, médicos, engenheiros) que não têm dificuldade para atravessar fronteiras internacionais. Por fim, a quarta forma de migração remete-se às pessoas que buscam asilo e esperam ser reconhecidas legalmente como refugiadas conforme as convenções

⁶⁴ Cf. CASHMORE, 2000e, p. 189.

⁶⁵ Cf. COHEN, 2000, p. 354.

⁶⁶ A migração rural-urbana em parte é explicada pelo desenvolvimento industrial e urbano, em parte pelas pressões comerciais nas próprias áreas agrícolas, tais como: cercamento de terras, ocupação de terras por colonizadores, lutas entre rancheiros e fazendeiros, e altos custos do negócio agrícola. Dada à concorrência desleal e à sobrevivência cada vez mais difícil na zona rural, muitos pequenos agricultores tornam-se sem-terra, outros migram para outras regiões rurais, outros para centros urbanos. Cf. COHEN, 2000, p. 355.

⁶⁷ O crescimento de novas indústrias de massa nos Estados Unidos, por exemplo, atraiu em torno de 35 milhões de europeus entre 1870 e 1914. Cf. COHEN, 2000, p. 354-355.

internacionais. Como geralmente elas procuram se estabelecer em países mais desenvolvidos, especialmente os Estados Unidos e os da Europa Ocidental, as restrições legais têm aumentado numa tentativa de diminuir o fluxo. Com exceção da terceira forma, todas as outras têm gerado nas sociedades receptoras uma reação xenófoba, racista e por vezes violenta. Não é mera coincidência, portanto, o ressurgimento no fim dos anos 1960 de grupos neonazistas, *skinheads*, Ku Klux Klan, do que se denominou de “racismo europeu” e de partidos políticos da Frente Nacional em diversos países⁶⁸.

Teorias da migração surgiram desde o século XIX a fim de compreender por que algumas pessoas migram e outras não, quando e por quais motivos migram, de onde vêm e para onde vão, e quais os fatores e variáveis que afetam tanto o local de origem quanto o de destino. O desenvolvimento dos meios de transporte e as novas tecnologias de informação e comunicação proporcionaram o aumento em quantidade e em velocidade da mobilidade humana, principalmente na metade final do século XX. As migrações internacionais constituem um dos principais fatores de transformação e desenvolvimento de cidades, regiões e países, implicando consequências e impactos quer no país emissor, quer no receptor.

Do mesmo modo que os outros conceitos aqui trabalhados, a migração também tem sido tomada como objeto de estudo de várias áreas do conhecimento, com destaque para a economia, a geografia e a sociologia. São muitas as teorias explicativas, que ou valorizam aspectos macro ou micro, quantitativos ou qualitativos, objetivos ou subjetivos, coletivos ou individuais, gerais ou particulares, globais ou locais. Devido à suposta inexistência esperada de uma “teoria geral da migração”, Jansen assinala:

A migração é um problema demográfico: influencia a dimensão das populações na origem e no destino; é um problema económico: muitas mudanças na população são devidas a desequilíbrios económicos entre diferentes áreas; pode ser um problema político: tal é particularmente verdade nas migrações internacionais, onde restrições e condicionantes são aplicadas àqueles que pretendem atravessar uma fronteira política; envolve a psicologia social, no sentido em que o migrante está envolvido num processo de tomada de decisão antes da partida, e porque a sua personalidade pode desempenhar um papel importante no sucesso com que se integra na sociedade de acolhimento; e é também um problema sociológico, uma vez que a estrutura social e o sistema cultural, tanto dos lugares de origem como de destino, são afectados pela migração e, em contrapartida, afectam o migrante (JANSEN, 1969, p. 60 apud PEIXOTO, 2004, p. 4).

Como se trata de um fenómeno multifacetado, a adoção de uma única disciplina isolada talvez leve à desconsideração de outras relevantes questões, hipóteses, variáveis e

⁶⁸ Cf. CASHMORE, 2000k, p. 390-392; Id., 2000p, p. 511-513; Id., 2000h, p. 292-295; SOLOMOS, 2000, p. 465-469; TROYNA, 2000, p. 221-222.

perspectivas. Provavelmente, o melhor caminho seja, por conseguinte, o da interdisciplinaridade, não descartando explicações sistêmicas, nem desprezando experiências de pessoas em trânsito. É exatamente com este objetivo que Castles (1993, p. 30, tradução minha) argumenta em favor da combinação de elementos de várias disciplinas: “O estudo da migração e sociedades multiculturais deve, portanto, ser entendido como uma ciência social em seu próprio direito, a qual é fortemente multidisciplinar em sua teoria e metodologia.”.

Um dos primeiros estudiosos a se debruçar sobre a migração foi Ernst Ravenstein, que utilizou dados censitários de mais de vinte países europeus e norte-americanos para formular as “leis da migração”, apresentadas nos anos de 1885 e 1889. Embora ambiciosas, o geógrafo tinha clareza de elas não tinham a mesma rigidez das leis da física. Por mais que tenha sido criticado, Ravenstein realiza uma análise empírica pormenorizada do fenômeno, propondo procedimentos metodológicos, conceitos e uma tipologia dos migrantes, aspectos que foram estudados e aprofundados ulteriormente. De modo sintético, são eles: (1) a relação entre migração e distância, (2) a ocorrência da migração por etapas, (3) a compensação de um fluxo migratório por um contrafluxo, (4) as diferenças urbano-rurais na influência da migração, (5) a predominância de mulheres na migração interna e de homens na migração internacional, (6) a relação entre migração e desenvolvimento econômico e tecnológico na região receptora, e (7) a preponderância dos motivos econômicos na decisão de migrar⁶⁹.

A importância da teoria de Ravenstein está, para além de ser precursora, no fato de ela servir de base para todos os modelos de atração e repulsão, ou como ficou conhecido vulgarmente *push-pull factors*⁷⁰. Fatores repulsivos são aspectos negativos ligados ao país de origem que estimulam os indivíduos a emigrar; e fatores atrativos são aspectos positivos do país de destino que seduzem indivíduos a imigrar. Ambos os fatores estão relacionados a questões econômicas, sociais, políticas, religiosas e ambientais. Entre os repulsivos, podem-se listar genericamente: desemprego, pobreza, instabilidade, perseguição e desastres. Entre os atrativos: oportunidade, melhores condições de vida, serviços públicos de melhor qualidade, estabilidade, liberdade e condições climáticas mais agradáveis. O argumento elementar é que um agente racional compara as características de uma dada localidade com aquelas relativas ao lugar onde reside e, ao levar em consideração a sua situação individual e grupal, decide-se pela migração ou pela permanência. Nesse caso, a ação individual é preponderante em relação às circunstâncias macroeconômicas na explicação do movimento migratório.

⁶⁹ Cf. LEE, 1966, p. 48.

⁷⁰ Cf. PEIXOTO, 2004, p. 5.

Três quartos de século depois, Everett Lee reformulou a teoria de Ravenstein a fim de propor uma série de hipóteses acerca do volume da migração considerando diversas condições, o desenvolvimento de fluxos e contrafluxos migratórios e as características dos migrantes. Segundo o autor, são quatro os fatores levados em conta no ato da migração: “1. Fatores associados com a área de origem; 2. Fatores associados com a área de destino; 3. Obstáculos intervenientes; 4. Fatores pessoais.” (LEE, 1966, p. 50, tradução minha). Lee argumenta que um mesmo fator pode ser analisado como positivo, negativo ou indiferente para distintos indivíduos. Por exemplo: um bom sistema educacional pode ser visto como positivo para migrantes que tem crianças, negativo para aqueles que não tem filhos e compram imóveis (devido aos altos impostos inclusos), e indiferentes para não proprietários solteiros. Os obstáculos intervenientes situam-se entre os fatores de origem e de destino, e podem ser superados ou não pelos migrantes. A distância é o obstáculo onipresente, porém não é o mais importante. Outros são: barreiras físicas (por exemplo: cercas e muros entre países), leis migratórias e custos de transporte⁷¹. Como se pode supor, esses e outros obstáculos afetam de modo diferente distintos migrantes. Acerca dos fatores pessoais, o autor salienta que eles são muitos e podem acelerar ou retardar o deslocamento. Referem-se às subjetividades, ao estágio em que o migrante está no ciclo da vida, aos contatos e informações a respeito do país de destino, às capacidades intelectuais e de adaptação às mudanças de vida.

Os modelos de atração e repulsão influenciaram mormente a teoria econômica neoclássica, que tem duas abordagens: a macroeconômica e a microeconômica. A macroeconômica⁷² procura explicar a migração de trabalhadores dentro do processo de desenvolvimento econômico. De acordo com essa teoria, a migração internacional é causada por diferenças geográficas na oferta e demanda de trabalho e, conseqüentemente, por diferenças de salário entre países⁷³. Quanto maior a oferta de trabalho, menor o salário do trabalhador; e vice-versa. Somado a essa lei do mercado, há o fato de que países com excedente de capital e demanda laboral tendem a oferecer maiores salários, e países com déficit de capital e oferta laboral, menores salários. Assim, trabalhadores de países com excedente laboral e baixos salários movem-se para países com demanda laboral e altos salários. O resultado desse movimento leva, em tese, ao equilíbrio de mercado, ou seja, o fornecimento de mão de obra diminui e os salários aumentam nos países com déficit de

⁷¹ Cf. LEE, 1966, p. 51.

⁷² Os principais autores desse modelo são: Arthur Lewis, Gustav Ranis e J.C.H. Fei.

⁷³ Cf. MASSEY et al., 1993, p. 433.

capital, e o aumento de mão de obra no mercado leva a uma diminuição dos salários nos países com excedente de capital.

A abordagem microeconômica⁷⁴, por sua vez, privilegia a escolha individual. Segundo esse modelo, indivíduos racionais decidem migrar se o retorno esperado do cálculo de custos e benefícios for positivo, geralmente pesando o fator monetário. As pessoas escolhem o próprio destino onde podem obter maiores salários e ser mais produtivas, dadas as suas competências. Antes, porém, é necessário assumir determinados investimentos, tais como: os custos materiais da viagem; os custos de sobrevivência enquanto se procura um emprego; a dificuldade de inserção em um novo mercado de trabalho; os impactos psicológicos devido o desenraizamento do local de origem e o distanciamento da família; e o esforço envolvido na aprendizagem de uma nova língua, na integração social e na adaptação frente às diferenças culturais⁷⁵. A migração internacional, desse modo, é conceituada como uma forma de investimento em capital humano.

A partir dos anos 1980, uma nova corrente econômica⁷⁶ da migração surgiu e concorreu com a teoria neoclássica. O principal ponto divergente dessa abordagem está na aposta de que a migração é um projeto familiar. Isto é, a decisão de migrar é tomada pelos membros de uma família, e não por uma pessoa isolada⁷⁷. No lugar da independência há uma interdependência entre migrantes e suas famílias. De modo coletivo, portanto, as pessoas podem não só maximizar o retorno esperado, mas também minimizar os riscos (tais como: desemprego, queda de rendimentos, perda de colheita e restrições do mercado de crédito) para a renda familiar, sobretudo considerando a volatilidade do mercado de trabalho, seja dentro ou fora do país de origem. Daí a importância de os membros familiares terem profissões diferentes e diversificarem as fontes de renda. As remessas de divisas vindas do exterior têm um papel importante tanto para a renda familiar quanto para a economia local do país de origem. Nessa teoria, diferenças salariais entre países não são necessariamente a causa da migração internacional, mas sim a busca por uma estabilidade, uma diversificação e um possível aumento dos rendimentos familiares.

⁷⁴ Entre os seus representantes estão: John R. Harris, Larry Sjaastad e Michael Todaro.

⁷⁵ Cf. MASSEY et al., 1993, p. 434.

⁷⁶ Chamada de “nova economia da migração laboral”, essa abordagem é defendida por David E. Bloom, J. Edward Taylor e Oded Stark. Outro autor que desenvolve uma argumentação sobre a migração internacional baseada nos laços familiares é Jacob Mincer.

⁷⁷ Cf. MASSEY, 1999, p. 36.

Para além desses modelos de escolha racional, seja individual, seja familiar, a teoria do mercado dual ou segmentado de trabalho⁷⁸ argumenta que a migração internacional decorre da demanda permanente pelo trabalho imigrante, o qual é inerente à estrutura econômica de países desenvolvidos. Isso significa que a imigração, ao invés de ser causada por fatores repulsivos (sobretudo baixos salários e desemprego) nos países de origem, o é por fatores atrativos (uma necessidade crônica e inevitável de trabalhadores estrangeiros) nos países de destino⁷⁹. Em outras palavras, ela se baseia menos na oferta e mais na demanda por determinado tipo de mão de obra, sendo que o seu recrutamento é feito pelos empregadores ou por governos que agem em seu nome. Nesse caso, diferenças salariais não seriam nem necessárias nem suficientes para a migração laboral ocorrer.

O mercado de trabalho bifurcado é um traço marcante de economias industriais avançadas. O dualismo intrínseco entre trabalho e capital estende-se à força de trabalho sob a forma de uma estrutura de mercado de trabalho segmentado. O setor primário é caracterizado pela mão de obra qualificada, empregos estáveis, salários relativamente altos, produtividade alta e progresso técnico. Os empregadores investem na formação desses trabalhadores, os quais costumam ser sindicalizados e possuem contratos de trabalho que os protegem contra demissões. O setor secundário, por sua vez, caracteriza-se pela baixa qualificação da mão de obra, rotatividade, salários relativamente baixos, baixa produtividade, estagnação tecnológica e altos índices de desemprego. A terceirização da contratação desses funcionários é comum, uma vez que tal prática se mostra mais vantajosa para o empregador. Os trabalhadores costumam, assim, ter pouquíssima margem de negociação por melhores condições de trabalho, salário e benefícios. Tornam-se, enfim, dispensáveis. Por todos esses fatores arrolados, o setor secundário dificilmente atrai trabalhadores nativos⁸⁰. Isso faz com que os empregadores tenham de recorrer aos imigrantes, os quais se submetem a baixos salários, condições instáveis e falta de perspectivas razoáveis de mobilidade profissional⁸¹. Dada a xenofobia existente na sociedade, o próprio fato de essas ocupações serem vistas como “de imigrantes” já faz com que os nativos não queiram aceitar essas vagas de emprego.

⁷⁸ De acordo com Lima (1980, p. 236-245), são três os grupos principais de autores dentro dessa linha teórica, os quais identificam diferentes causas para o processo de segmentação do mercado de trabalho: (1) Michael J. Piore e Peter Doeringer; (2) Barry Bluestone, Bennet Harrison e Thomas Victorisz; (3) Michael Reich, Stephen A. Marglin, H. Gintis, entre outros. Não cabe neste momento aprofundar os pormenores dessa corrente teórica.

⁷⁹ Cf. MASSEY et al., 1993, p. 440.

⁸⁰ Ibid., 1993, p. 443.

⁸¹ É preciso dizer, contudo, que nem todos os imigrantes se orientam para o setor secundário do mercado de trabalho. Cf. GONÇALVES, 2009, p. 33.

A teoria do sistema-mundo moderno formulada por Immanuel Wallerstein na década de 1970 ilumina esse debate, uma vez que a migração passa a ser explicada como uma consequência natural de rupturas e deslocamentos que inevitavelmente ocorrem no processo de desenvolvimento capitalista, dada a expansão de mercados dentro de uma hierarquia global⁸². Constituindo-se um sistema econômico internacional que governa a distribuição de riqueza, poder, prestígio e recursos para o desenvolvimento de países, o sistema-mundo moderno afeta a vida social nas diversas sociedades, quer através do nível alto das instituições políticas, quer no baixo das condições de trabalho⁸³. Sobrevivendo há mais de quinhentos anos, sua força está na coexistência de múltiplos sistemas políticos e no fato de os fatores econômicos operarem no seio de uma arena maior do que qualquer entidade política possa governar⁸⁴.

As economias dos mais longínquos países são englobadas dentro do sistema, porém as funções exercidas dentro da estrutura estão distribuídas de forma desigual; daí a divisão proposta de países centrais, periféricos e semiperiféricos. Por meio de uma relação de dominação e dependência entre centro e periferia, empresas capitalistas e governos de países centrais penetram em sociedades periféricas em busca de terras, matérias-primas, mão de obra e novos mercados consumidores. Como resultado, o sistema-mundo moderno deu início a uma intensa divisão internacional do trabalho e criou uma população móvel propensa a migrar da periferia para o centro. Em vista da demanda, a maioria dos imigrantes dirige-se a poucas cidades-globais (como por exemplo: Nova York, Londres e Tóquio), as quais concentram a produção industrial de alta tecnologia, o comércio financeiro, a administração de grandes empresas, organizações e governos, bem como uma série de serviços. Esse processo em marcha tende a aumentar as disparidades econômicas e sociais entre os países.

Desde o final da década de 1910, sociólogos têm reconhecido a importância das redes de trabalhadores imigrantes na promoção de deslocamentos populacionais⁸⁵. Essas redes sociais são identificadas por muitos autores como uma “forma de capital social”⁸⁶, uma vez que possibilitam o acesso a um conjunto de recursos e informações que ajudam pessoas ou grupos a atingirem seus objetivos. Ao conectar pessoas a redes, grupos e organizações por

⁸² Entre os teóricos expoentes dessa vertente estão: Alejandro Portes, Elizabeth Petras, Ewa Morawska e Saskia Sassen. Cf. MASSEY, 1999, p. 41.

⁸³ Cf. JOHNSON, 1997, p. 209.

⁸⁴ Cf. ARRUDA, 1983, p. 172.

⁸⁵ Especialmente, a partir dos estudos de William I. Thomas e Florian W. Znaniecki, da Escola de Chicago.

⁸⁶ Cf. MASSEY, 1999, p. 44.

meio de laços de parentesco, amizade ou entre conterrâneos, o capital social não só mantém como reforça ao longo do tempo a integridade, a reciprocidade e a cooperação dentro de uma dada comunidade⁸⁷. As redes migratórias constituem um importante elo entre os países de origem e destino, ligando migrantes, ex-migrantes e não migrantes. O estabelecimento dessas redes aumenta a probabilidade de o movimento internacional ocorrer porque reduz os custos e os riscos do deslocamento, em vista do compartilhamento de experiências, informações, recursos e apoios. A existência de tais redes ajuda a explicar o caráter duradouro e as diferenças entre distintos fluxos migratórios⁸⁸. A abordagem das redes sociais⁸⁹, por fim, combina perspectivas micro e macro de análise, haja vista que os migrantes retomam o poder de decisão sobre o ato migratório, embora outras variáveis sociais, culturais e econômicas não sejam descartadas.

Na passagem do século XX para o XXI, surgiu uma nova perspectiva sobre o fenômeno migratório: o transnacionalismo⁹⁰. Ele foi impulsionado pelo advento de novas tecnologias na área dos transportes e das telecomunicações, as quais facilitaram o deslocamento e a comunicação rápidas através das fronteiras nacionais e a grandes distâncias⁹¹. Foi a partir de estudos antropológicos e sociológicos sobre campo social e redes sociais de imigrantes que se passou a delimitar essa nova corrente teórica. Isso significa dizer que, embora houvesse há tempos pesquisas sobre as atividades dos governos e das empresas multinacionais, o conceito de transnacionalismo se refere “às actividades transfronteiriças de actores de base privados, neles se incluindo os imigrantes.” (PORTES, 2004, p. 75). Em suma, o transnacionalismo é um fenômeno popular de base.

Cabe frisar e esclarecer, contudo, que nem todos os imigrantes são transnacionais. No lugar do antigo binômio emigração-imigração, o qual supunha um movimento unidirecional de indivíduos e grupos de um país de origem para um país de destino, o transnacionalismo implica uma continuidade espacial e uma circulação entre os países envolvidos, seja dos próprios migrantes, seja dos seus recursos⁹². Daí o fato desse fenômeno trazer consequências macrosociais, uma vez que o fluxo monetário de milhares de imigrantes se traduz em uma fonte importante de moeda estrangeira (que é obviamente mais forte) para os governos dos

⁸⁷ Cf. FUSCO, 2007, p. 19.

⁸⁸ Cf. PEIXOTO, 2004, p. 29.

⁸⁹ Dois autores fundamentais nesses estudos são Charles Tilly e Douglas S. Massey.

⁹⁰ Alguns autores importantes nessa área são Alex Stepick, Luis Eduardo Guarnizo, Peter Kivisto e Steven Vertovec.

⁹¹ Cf. PORTES, 2004, p. 74.

⁹² Cf. PERALVA, 2007, p. 28.

países de emigração, e em investimentos significativos para a indústria e o comércio das regiões de origem por meio de suas próprias ações ou das de seus familiares⁹³. No entanto, o alcance e as formas de ativismo transnacional variam com os contextos de saída e de acolhimento. Podem ser mais ou menos intensos, próximos ou distantes, conforme a situação social, política e econômica que é vivida na sociedade emissora, ou de acordo com a maneira com que foram acolhidos ou hostilizados por diversas razões na sociedade receptora.

Gostaria de terminar essa seção recuperando o que considero a essência do trabalho de um autor reconhecidamente importante – ainda que seja menos citado do que deveria (ao menos em língua portuguesa e inglesa) – para a reflexão do fenômeno migratório: Abdelmalek Sayad. Embora o sociólogo argelino radicado na França tenha se mantido longe da perspectiva transnacional, certamente pela época de seus estudos (dos anos 1960 aos 1980), sua contribuição é fundamental, perpassando por toda essa breve revisão que elaborei. À luz de Mauss, Sayad compreende a imigração como um “fato social total” e o itinerário do imigrante como um “itinerário epistemológico”, em que as ciências sociais se colocam como ponto de encontro de inúmeras disciplinas para o entendimento do fenômeno em questão⁹⁴. No entanto, o espaço dos deslocamentos de pessoas, o qual define a imigração, é tanto um espaço físico – ou seja, geográfico e demográfico –, quanto qualificado – isto é, sociológico, econômico, político, cultural etc. Em suas palavras:

“Fato social total”, é verdade; falar da imigração é falar da sociedade como um todo, falar dela em sua dimensão diacrônica, ou seja, numa perspectiva histórica (história demográfica e história política da formação da população francesa), e também em sua extensão sincrônica, ou seja, do ponto de vista das estruturas presentes da sociedade e de seu funcionamento; mas com a condição de não tomarmos deliberadamente o partido de mutilar esse objeto de uma de suas partes integrantes, a parte relativa à emigração. (SAYAD, 1998, p. 16).

Esta última preocupação do autor explica-se por nos fazer lembrar que imigração e emigração são duas faces de uma mesma realidade⁹⁵. Em outros termos, o processo migratório envolve três atores: a sociedade de emigração, a sociedade de imigração e os próprios indivíduos que se deslocam por entre esse espaço. O movimento dos migrantes é resultado da dominação, da dissimetria e da desigualdade nas relações de força entre os países emissores e receptores, o que, para ser entendido, requer a recuperação dos acontecimentos passados. Assim, a imigração argelina para a França, do mesmo modo que a de outros países periféricos

⁹³ Cf. PORTES, 2004, p. 77.

⁹⁴ Cf. SAYAD, 1998, p. 15.

⁹⁵ Ibid., p. 14.

para centrais, em geral do hemisfério sul para o hemisfério norte, é produto da colonização e da exploração que continuou no período posterior à independência. Trata-se, portanto, de um deslocamento de ex-colonizados, da “importação” de trabalhadores para tarefas desagradáveis e socialmente desvalorizadas pela mão de obra nacional, mas nunca de cidadãos, atuais ou futuros⁹⁶.

Os próprios estudos sobre o fenômeno migratório “nasceram”, comenta o autor, da observação dos diferentes problemas sociais nos países receptores advindos com os imigrantes. O fenômeno foi dividido, interessando apenas a imigração, e a preocupação não estava com a alteridade, mas sim consigo mesmo, com os efeitos que tal deslocamento traria em termos demográficos, sociais, culturais, econômicos e políticos. Na produção desse discurso etnocêntrico, a imigração é vista como uma “provação” para a nação, cujo objetivo está na manutenção do *status quo*⁹⁷. De outro modo, pode-se dizer que Sayad argumenta em favor de um discurso sobre a imigração vindo, senão de fora – dos países de emigração –, pelo menos de baixo, levando em consideração as experiências dos próprios participantes desse processo, para que se deixe de falar de si quando se fala dos outros.

Atento à alteridade, o sociólogo desvenda os paradoxos do fenômeno, os quais são compartilhados por todos os atores do processo: a ilusão de uma presença/ausência provisória no país de imigração/emigração; a ilusão de que essa presença/ausência se justifica pelo trabalho; e a ilusão da “neutralidade política” dos e/imigrantes em proveito de sua única função econômica⁹⁸. Em decorrência, Sayad (1998, p. 20) assinala uma dupla ficção: “a ficção de uma volta que se sabe impossível e a ficção de uma naturalização ambígua.”, haja vista que o imigrante será sempre imigrante, pois seu estado não é nem provisório, nem definitivo. Seu lugar pode até ser durável, mas está à margem e na parte inferior da hierarquia social; algo que pode ser facilmente notado quando se volta o olhar a sua habitação, tão provisória quanto a sua condição⁹⁹.

Com o tempo, a imigração não só se tornou permanente, mas também se generalizou para outros países desenvolvidos, institucionalizou-se opondo um “mundo da emigração” e

⁹⁶ Cf. SAYAD, 1998, p. 71.

⁹⁷ Ibid., p. 21.

⁹⁸ Ibid., p. 18-19. Em um dado momento do texto, Sayad (1998, p. 55) apresenta de forma dura o ponto de vista etnocêntrico em relação ao imigrante: “Afinal, um imigrante só tem razão de ser no modo do provisório e com a condição de que se conforme ao que se espera dele; ele só está aqui e só tem sua razão de ser pelo trabalho e no trabalho; porque se precisa dele, enquanto se precisa dele, para aquilo que se precisa dele e lá onde se precisa dele.”.

⁹⁹ Ibid., p. 47.

um “mundo da imigração”, e, ao se universalizar, constituiu-se em “sistema”¹⁰⁰. Dessa maneira, Sayad, mais do que comparar o processo migratório à colonização, estabelece uma relação de continuidade e de evolução na forma de dominação. Se antes a exploração dava-se entre metrópole e colônia, agora ocorre no mercado de trabalho dos países desenvolvidos, entre empregadores e empregados, trabalhos qualificados para os nacionais e desqualificados e desprestigiados para os imigrantes. O fenômeno perpetua-se com o adensamento da imigração, por meio da sua continuidade, passando pelo desenvolvimento de redes de solidariedade entre e/imigrantes até a imigração de famílias inteiras (lembrando que o grupo familiar para os argelinos abarca muito mais do que os familiares consanguíneos). Para chegar à análise sistêmica da migração, Sayad considera sempre as vozes dos sujeitos desse processo, todavia sem jamais, como observou Bourdieu, se valer da palavra dada, ou mesmo se instituir como porta-voz¹⁰¹.

1.2.7 Diáspora

Etimologicamente, a palavra *diáspora* deriva dos termos gregos *dia* (através de, por meio de) e *speirō* (espalhar, semear), significando literalmente “semeadura ampla”, tal como a dispersão de sementes em um campo. Por uma extensão de sentido, o conceito passou a exprimir a dispersão de um povo, cuja origem está vinculada a uma região geográfica específica, para diferentes partes do mundo. Ainda que a metáfora seja bela – uma vez que ela carrega a imagem dos grãos que aterram em um solo, fincam raízes, crescem e produzem uma boa colheita –, ela não expressa a conotação negativa associada à palavra em virtude do deslocamento forçado, da opressão, da vitimização, da alienação, da degradação moral e da perda em muitos sentidos¹⁰². Isso porque *diáspora* manteve-se quase que exclusivamente relacionada à experiência judaica, evocando o traumático exílio dos judeus do que é considerada sua pátria ancestral (Terra de Israel) e a sua dispersão por tantos países¹⁰³. Junto com esse arquétipo, havia um sonho de retorno¹⁰⁴. Com o tempo, além de dispersão, o termo em questão passou a significar a área externa àquele local estabelecida pelos judeus e os próprios judeus que moram fora daquela região.

¹⁰⁰ Cf. SAYAD, 1998, p. 105.

¹⁰¹ Ibid., p. 9.

¹⁰² Cf. HARINK, 2009, p. 35.

¹⁰³ Cf. De acordo com Safran (1991, p. 83), esse era o “significado muito específico” do termo.

¹⁰⁴ Cf. VERTOVEC, 2000, p. 169.

Já na segunda metade do século XX, *diáspora* foi aplicada por derivação a outras populações que também saíram de sua terra natal e se dispersaram pelo mundo¹⁰⁵, sobretudo aquelas que o fizeram forçosamente em decorrência da escravidão, preconceito ou perseguição religiosa, política ou étnica, tais como os africanos e os armênios. Daí ser mais apropriado usá-la no plural, *diásporas*. No entender de Safran, o conceito pode ser aplicado a comunidades minoritárias expatriadas desde que seus membros compartilhem várias das seguintes características, as quais foram pensadas a partir da diáspora judaica, vista como o “tipo ideal”:

1) eles, ou seus ancestrais, foram dispersos a partir de um “centro” original específico para duas ou mais regiões “periféricas”, ou estrangeiras; 2) eles conservam uma memória coletiva, visão ou mito sobre sua terra natal – sua localização física, história e realizações; 3) eles acreditam que não são – e talvez não possam ser – totalmente aceitos pela sociedade de acolhimento e, portanto, sentem-se parcialmente alienados e isolados; 4) eles consideram sua terra natal como lar ideal, verdadeiro e como o lugar para o qual eles ou seus descendentes iriam (ou deveriam) eventualmente retornar – quando as condições forem apropriadas; 5) eles acreditam que deveriam estar, coletivamente, comprometidos com a manutenção ou o restabelecimento de sua terra natal e com a sua segurança e prosperidade; e 6) eles continuam a se relacionar, pessoalmente ou por terceiros, com a terra natal de uma maneira ou de outra, e sua solidariedade e consciência coletivas são, sobretudo, definidas pela existência de tal relação. (SAFRAN, 1991, p. 83-84, tradução minha)¹⁰⁶.

Por mais que Safran tenha sido criticado por delimitar um modelo, pelos critérios adotados ou mesmo por tomar a experiência judaica como balizadora de outras, sua abordagem comparativa ilumina esse complexo campo de estudo¹⁰⁷. A partir dela, Clifford (1994) sugere rastrear o fenômeno diaspórico por meio da identificação de diferentes tipos, bem como de suas características respectivas, e do cruzamento deles de modo a traçar semelhanças e diferenças. Cohen (2008), por sua vez, aprofunda a discussão ao investigar as transformações do conceito, periodizar as pesquisas na área, realizar estudos de caso e propor uma tipificação e caracterização de diferentes diásporas¹⁰⁸, muito mais detalhada do que a proposição inicial de Safran, como era de se esperar. De qualquer maneira, todos esses autores atentam para o risco da pouca validade teórica do termo *diáspora* caso seja usado de modo generalizado, ou melhor, indiscriminado, quando se remete aos deslocamentos de quaisquer

¹⁰⁵ Na definição de Connor (apud SAFRAN, 1991, p. 83, tradução minha): “[...] aquele segmento de pessoas que vivem fora de sua terra natal.”

¹⁰⁶ É visível a influência dessa proposição nas características comuns traçadas por Cohen (2008, p. 17).

¹⁰⁷ Cf. CLIFFORD, 1994, p. 305.

¹⁰⁸ A saber, o autor propôs cinco principais tipos ideais de diáspora, dividindo os povos dentro deles (de acordo com as características de cada deslocamento): vítima, trabalho, imperial, comércio e desterritorializada. Cf. COHEN, 2008, p. 18.

imigrantes, trabalhadores temporários, residentes estrangeiros, minorias étnicas, refugiados, expatriados ou até viajantes.

O conceito até aqui foi empregado para delimitar uma categoria social, a qual é seu uso mais frequente. Há ainda outras três formas de acordo com Vertovec (2000). A segunda delas é como uma forma de conscientização, sendo Paul Gilroy seu expoente. Partindo da formulação inicial de DuBois e passando por pensamentos e experiências de outros negros, como por exemplo Johnson e Wright, o sociólogo inglês reflete sobre a noção de “dupla consciência”, a qual emerge das experiências de populações negras ao se deslocarem da África e se estabelecerem em novos territórios nas Américas e na Europa. Trata-se de um sentimento dual, ambivalente e paradoxal de se sentir simultaneamente negro e norte-americano (ou outra nacionalidade), em casa e longe de casa, aqui e lá, dentro e fora; ou de uma tensão entre as afirmações de particularidade racial e o apelo aos universais modernos que transcendem a raça; ou ainda de uma inclusão excludente dos negros na história moderna¹⁰⁹. Conforme sintetizou Reis, a dupla consciência implica

“[...] em um conflito psicológico e existencial para os negros da diáspora, que viram seus *self* dilacerados por meio da internalização de uma imagem negativa e outrificante construída pelo discurso dominante, que implode a personalidade dos afrodescendentes, ao mesmo tempo em que os inviabiliza.” (REIS, 2012, p. 43).

É a dupla consciência que confere à produção cultural e à ação política da diáspora sua natureza característica. A ausência da dupla consciência é, a meu ver, a razão da incompreensão por aqueles que não vivenciaram uma experiência diaspórica ou que insistem em comparar as experiências voluntárias de trabalhadores e viajantes brancos com as de deslocamento e reterritorialização de refugiados, migrantes e escravizados.

Segundo o próprio Gilroy (2001, p. 17), a discussão contemporânea sobre a diáspora negra teria surgido “[...] como uma resposta mais ou menos direta aos ganhos trans-locais advindos do movimento Black Power durante a Guerra Fria.”. O sociólogo inglês propõe uma transformação da ideia mais antiga, unidirecionada e catastrófica da diáspora para algo bem mais complexo e frutífero, que permite “[...] estabelecer novas compreensões sobre a *self*, a semelhança e a solidariedade.” (GILROY, 2001, p. 20). No lugar de uma relação África-Américas como uma via de mão única, instaura-se um circuito comunicativo entre esses continentes e entre eles e a Europa. Em detrimento do Estado-nação moderno e sua ordem institucional, populações dispersas interagem em padrões subnacionais e supranacionais de

¹⁰⁹ Cf. GILROY, 2001, p. 284.

poder, comunicação e conflito¹¹⁰. E, principalmente, ao invés de uma visão essencialista que se traduz em pensar a cultura e a identidade negras de modo enraizado, intacto, fixo, absoluto e corporificado, pensá-las enquanto um processo histórico e político, de maneira contingente, indeterminada, híbrida, fluida, em construção e em movimento. Daí a beleza da referência ao mar no título, “O Atlântico Negro”, visto como uma “[...] estrutura rizomórfica e fractal da formação transcultural e internacional” (GILROY, 2001, p. 38).

Ao quebrar a sequência dos laços explicativos entre lugar, posição e consciência, rompe-se com o poder fundamental do território para determinar a identidade¹¹¹. A questão das origens, assim, passa a interessar menos do que as experiências de desenraizamento, deslocamento e criação cultural. Por esse motivo, Gilroy (2001, p. 18) afirma que “[...] a diáspora é um conceito que ativamente perturba a mecânica cultural e histórica do pertencimento.”. O autor, contudo, vai muito além, pois, com a sua proposta conceitual, ele almeja especificar a diferenciação e a identidade da comunidade negra fora de referenciais binários restritivos não só essencialistas, mas também pluralistas¹¹². Se o essencialismo moderno de um lado foi e é prejudicial pelas divisões, desigualdades e discriminações provocadas no seio da sociedade, de outro o pluralismo pós-moderno leva por vezes a uma relativização que também se mostra contraproducente, uma vez que se amplia a tal ponto a visão que se perde o foco do problema (dos indivíduos racializados vítimas de racismo) e traz mais dificuldades à luta antirracista. É nesse sentido que Gilroy procura apreender o Atlântico Negro como contracultura da modernidade a partir da análise da produção intelectual, literária e musical de uma gama de negros “africano-americanos”, questionando, finalmente, a ideia de raça por meio da retomada do conceito de diáspora, tal como ele sintetizou no prefácio da edição brasileira:

Sob a idéia-chave da diáspora, nós poderemos então ver não a “raça”, e sim formas geo-políticas e geo-culturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem. (GILROY, 2001, p. 25).

O terceiro uso do termo “diáspora”, recuperando Vertovec (2000), é como uma forma de produção cultural, com destaque para as contribuições trazidas por Stuart Hall. Assumindo-se como um intelectual diaspórico, o sociólogo de origem jamaicana reflete sobre a diáspora por causa das luzes que ela lança sobre “[...] as complexidades não simplesmente

¹¹⁰ Cf. GILROY, 2001, p. 20-21.

¹¹¹ Ibid., p. 18.

¹¹² Ibid., p. 239.

de se construir, mas de se imaginar a nação e a identidade caribenhas, numa era de globalização crescente.”(HALL, 2009, p. 25-26). A frase já indica que o autor está mais preocupado em pensar a diáspora afrocaribenha na Grã-Bretanha no pós-Segunda Guerra Mundial do que propriamente a africana no Caribe do período colonial¹¹³. As causas dessa segunda diáspora são os legados do imperialismo britânico: a pobreza, o subdesenvolvimento e a falta de oportunidades na Jamaica¹¹⁴.

Hall, então, retoma a narrativa do Velho Testamento, em referência ao povo judeu, para falar de sua potência enquanto mito fundador que estrutura uma concepção fechada de diáspora. Esta, por sua vez, caracteriza-se por ter uma origem comum, forjar uma identidade cultural fixa, criar um “Outro”, estipular e opor quem está dentro e quem está fora, enfim pela constituição de um núcleo imutável, atemporal e linear, cuja redenção aponta para o futuro por meio do retorno às “raízes”¹¹⁵. O sociólogo questiona essa interpretação tão literal da metáfora bíblica, argumentando:

Nossas sociedades são compostas não de um, mas de muitos povos. Suas origens não são únicas, mas diversas. Aqueles aos quais originalmente a terra pertencia, em geral, pereceram há muito tempo – dizimados pelo trabalho pesado e a doença. A terra não pode ser “sagrada”, pois foi “violada” – não vazia, mas esvaziada. Todos que estão aqui pertenciam originalmente a outro lugar. Longe de constituir uma continuidade com os nossos passados, nossa relação com essa história está marcada pelas rupturas mais aterradoras, violentas e abruptas. (HALL, 2009, p. 30).

Em seu lugar, o autor propõe uma perspectiva diaspórica em que a cultura está em um constante processo de produção, já que em toda a parte, seja no Caribe, seja em qualquer lugar do mundo, há hibridismo e *différance*¹¹⁶. Essa diferença não opera através de binarismos, mas por meio de uma tradução, no sentido empregado por Derrida. É evidente que os elementos diferentes estão dentro de uma relação de poder que é desigual, tal como no colonialismo com as relações de dependência e subordinação. Isso não impede, contudo, que haja diálogo, sincretismo e subversão. Nessa mistura cultural propiciada pela diáspora, pelo encontro de povos de distintos lugares que se dispersaram, ocorre negação, assimilação, revisão, reapropriação, negociação, um processo de tamanha transformação que cada vez mais

¹¹³ Ao se referir à pessoa que já tinha sido “diáspora” e volta a ser “diáspora”, Handerson chama esse processo de “rediasporização”. Segundo o autor: “Essa escala de análise permite romper com a dicotomia subjacente na ideia de retorno que implica uma relação de emigrante/imigrante, aqui/lá, mudando de paradigma e de abordagem, colocando o acento mais sobre a circulação e a mobilidade em si do que sobre a emigração e a imigração como se fossem polos antagônicos.” (HANDERSON, 2015, p. 355).

¹¹⁴ Cf. HALL, 2009, p. 28

¹¹⁵ Ibid., p. 29.

¹¹⁶ Ibid., p. 32.

as culturas se distanciam de suas origens. O almejado “retorno” à África (ou ao Caribe, em referência à diáspora afrocaribenha na Europa e nos Estados Unidos) não se trata, pois, de percorrer de volta o caminho rumo à terra natal, como tantos líderes negros propuseram (com destaque para Marcus Garvey), e sim de produzir a África novamente na diáspora, conscientizar, orgulhar-se, descolonizar as mentes ou criar “homens novos”, na expressão de Fanon (2005, p. 53). Por isso, Hall diz:

Mas o que esse “desvio através de seus passados” faz é nos capacitar, através da cultura, a nos produzir a nós mesmos de novo, como novos tipos de sujeitos. Portanto, não é uma questão do que as tradições fazem de nós, mas daquilo que nós fazemos das nossas tradições. Paradoxalmente, nossas identidades culturais, em qualquer forma acabada, estão à nossa frente. Estamos sempre em processo de formação cultural. A cultura não é uma questão de ontologia, de ser, mas de se tornar. (HALL, 2009, p. 43).

Esse é um processo que se assevera com a nova fase da globalização após 1970, quando as migrações internacionais e a interação cultural são tão amplas e irrefreáveis quanto os fluxos de capital e o desenvolvimento tecnológico. É verdade que do lado do capital está uma força dominante de homogeneização cultural, algo facilmente notável por meio da mundialização de marcas como por exemplo McDonald's, Coca Cola e Nike. No entanto, de modo fundamentalmente contraditório, ocorre ao mesmo tempo um processo oposto de disseminação da diferença cultural. A presença e as ações do sujeito diaspórico dentro das antigas sociedades metropolitanas, através do que Hall (2009, p. 44) chamou de “minorização”, também transformam, ainda que vagarosa e sutilmente, a cultura dominante. Alguns dos desdobramentos dessa subversão dos modelos culturais tradicionais são a diversidade cultural, a hibridização, o esfacelamento de uma forjada identidade cultural nacional, a descentralização e a ligação cada vez mais próxima do local ao global, e vice-versa. Dominante ou subversiva, fato é que a globalização cultural é desterritorializante.

A “invasão” estrangeira que altera a composição populacional, o mercado de trabalho e, principalmente, a formação cultural é vista por grupos sociais conservadores como uma ameaça à segurança do Estado e às normas tradicionais. Esse “novo tipo de problema” compõe o quarto e último enfoque dado à noção de diáspora conforme Vertovec (2000, p. 170). Embora não esteja relacionado, é reagente aos três primeiros. Mais uma vez, Hall ilumina o debate ao abordar sobre um “novo tipo de nacionalismo” que surgiu no período pós-colonial em virtude da presença de sujeitos diaspóricos nas sociedades ocidentais:

Um “fundamentalismo” de impulso racial veio à tona em todas essas sociedades da Europa ocidental e da América do Norte, um novo tipo de nacionalismo defensivo e racializado. O preconceito, a injustiça, a discriminação e a violência em relação ao

“Outro”, baseados nessa “diferença cultural” hipostasiada, passou a ocupar seu lugar – o que Sarat Maharaj chamou de um tipo de “sócia-assombrança do apartheid” – junto com racismos mais antigos, fundados na cor da pele ou na diferença fisiológica [...]. (HALL, 2009, p. 45)

Elaborar os conceitos fundamentais é uma parte importante da pesquisa no intuito de compreender a complexidade dos fenômenos a eles relacionados, bem como os seus múltiplos usos e definições. Trata-se de termos interligados, que se cruzam, se misturam, se assemelham. Trabalhar seus significados permite estabelecer diferenças, evitar ambiguidades e corrigir imprecisões. Ao delimitar seus conteúdos, podemos relacioná-los de modo mais apropriado e apurado a fim de avançar a discussão e, sobretudo, o entendimento da minha problemática. Esse é o desafio. A partir do referencial teórico, proponho uma série de perguntas para os temas abordados.

Negritude

Qual a história dos futebolistas brasileiros negros com a negritude? Como eles se autodefinem? Como são vistos na sociedade brasileira e como o eram nos países europeus em que atuaram? Em que momento o fato de eles serem negros veio à tona? Qual o papel da família nesse processo de formação de identidade? Participam de algum movimento negro? Identificam-se com algum negro ou negra de destaque que lutou pela causa negra?

Racismo

Sentiram-se discriminados em algum momento? Quais e como foram as primeiras experiências, pessoais ou familiares, de discriminação racial? Ocorreram no Brasil, no exterior ou em ambos? Reagiram de alguma forma? Como analisam o racismo no Brasil e no exterior? Estabelecem comparações? E no futebol? Qual a frequência desses casos? Quais os episódios em que eles ou seus colegas foram discriminados? Quem os discriminou (torcedores, jogadores, treinadores, dirigentes, do adversário ou do próprio clube)? Há diferença em atuar no Brasil ou no exterior nesse sentido? Como avaliam as medidas tomadas pelos clubes e federações para combater o racismo no futebol? Qual a punição mais indicada? De que maneira o fato de serem futebolistas bem-sucedidos e terem uma situação econômica visivelmente privilegiada transforma a sua experiência enquanto negros?

Xenofobia

Sentiram-se discriminados em algum momento por serem estrangeiros? Quais as situações pessoais ou familiares vivenciadas? Dificuldades relacionadas à língua em algum momento levaram a esse tipo de situação? Como era o relacionamento entre os futebolistas dentro dos clubes estrangeiros? Havia alguma divisão entre nacionais e estrangeiros, ou entre europeus e sul-americanos, africanos e asiáticos? De que maneira o fato de serem brasileiros e negros transformou a sua experiência enquanto estrangeiros? Há algum fato relacionado às torcidas a ser destacado nesse sentido, com eles ou colegas de profissão?

Migração

Como se deu a transferência para o exterior? Quais as motivações, expectativas e medos no ato de emigrar? Já tinham saído do Brasil? O que conheciam sobre o país que os acolheu? Como foi a viagem? O que levaram do Brasil na bagagem? Emigraram sozinhos ou acompanhados (por quem)? Quais as primeiras impressões ao chegarem no destino? Onde foram morar? Alguém ajudou nesse processo? Sabiam falar a língua? O clube disponibilizou tradutor? Quais as principais dificuldades na integração social? Quais as principais diferenças culturais entre o Brasil e o país que os acolheu? Havia outros futebolistas brasileiros no clube que os contratou? Havia algum relacionamento com os outros futebolistas fora do clube? Constituíram laços com cidadãos locais? Quais as melhores e piores experiências que passaram no exterior? Constituíram família no estrangeiro? Que língua falavam dentro de casa? Quais as condições sociais e econômicas antes e depois de imigrar? Como se sentiam no exterior (imigrante, estrangeiro, brasileiro)? Tiveram interesse na dupla-cidadania? O clube ajudou? Receberam ofertas de naturalização? Do que mais sentiam falta do Brasil? O que significava defender a Seleção Brasileira? Quando retornaram ao Brasil? Quais as motivações? Houve alguma dificuldade na readaptação? Do que mais sentiam falta do país que os acolheu? Que balanço fazem do movimento migratório? Fariam tudo de novo?

Diáspora

Se o movimento contemporâneo de esportistas negros das Américas para a Europa pode ser analisado como um processo de rediasporização, tanto quanto o de intelectuais negros por exemplo, a pergunta que se impõe é: de que maneira eles contribuíram consciente ou inconscientemente para a reflexão da condição do negro na diáspora? Considerando que sua atividade profissional têm grande apelo popular e seus discursos e atitudes,

consequentemente, profunda inserção, qual a importância de suas ações no conjunto de movimentos de conscientização racial e empoderamento? Que papel eles podem assumir futuramente?

1.3 O TEMA EM PERSPECTIVA HISTÓRICA

1.3.1 A origem do termo “*macaquitos*” e a discussão acerca do futebolista negro representando o Brasil

Em fins do século XIX, os debates acerca da modernização, da construção da identidade nacional, do higienismo e do racismo também adentraram a cena futebolística no Brasil. A tal ponto que a introdução de tão “fidalgo *sport*” foi escrita como obra de Charles Miller, um representante da elite, da “raça” branca, do bacharelismo, do progresso e da industrialização brasileiros¹¹⁷. Nada surpreendente se lembrarmos que outras passagens importantes de nossa história também ficaram vinculadas por tanto tempo ao protagonismo de figuras como Dom Pedro I, Princesa Isabel e Marechal Deodoro¹¹⁸. Felizmente, pesquisadores das mais variadas disciplinas das ciências humanas trataram de escrever outras versões com o passar dos anos sobre tais acontecimentos. O ponto a ser frisado é que a elite que se apresentou como introdutora e organizadora do futebol brasileiro tentou controlar a sua prática oficial, mantendo-a restrita aos *sportmen*.

A despeito da popularização do futebol nos primeiros anos do século XX, as distinções raciais sempre acompanharam a escolha dos selecionados brasileiros. O episódio que certamente mais escancare esse fato é aquele em torno do Campeonato Sul-Americano de 1920. Atual campeão da competição, a Seleção Brasileira levou ao Chile um grupo sem jogadores negros, nem mesmo Friedenreich, autor do gol do título no torneio anterior, tido como o melhor jogador de sua época¹¹⁹. Ao retornar de Viña del Mar, depois de ficar em terceiro lugar, a equipe nacional fez escala em Buenos Aires, onde faria um amistoso beneficente com a seleção da Argentina no estádio do Sportivo Barracas. No dia em que era para ser disputado o jogo, em 3 de outubro daquele ano, choveu torrencialmente na cidade e a partida foi adiada. Naquela mesma manhã, no entanto, foi publicada uma crônica no diário “Crítica” intitulada “*Monos en Buenos Aires: un saludo a los ‘ilustres huespedes’*”¹²⁰. A

¹¹⁷ “Um fidalgo *sport*?” é o título do capítulo um do livro de Pereira (2000).

¹¹⁸ Cf. FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 61.

¹¹⁹ Cf. FRANZINI, 2000, p. 18. Na construção de J. R. Santos (1981, p. 19), Friedenreich, *El Tigre*, foi “o fundador da Escola Brasileira de Futebol: o drible desconcertante, a firula diabólica, a doce matada no peito, o passe que deixa o companheiro cara a cara com o goleiro inimigo. Friedenreich rasgou os manuais ingleses que ensinavam a jogar futebol.”. Mais do que isso, nas palavras carregadas de Mario Filho (2003, p. 69), “O chute de Friedenreich abriu o caminho para a democratização do futebol brasileiro.”. Opiniões que são compartilhadas por Galeano (2002, p. 47).

¹²⁰ Em uma tradução livre: “Macacos em Buenos Aires: uma saudação aos ‘ilustres hóspedes’”.

reportagem é assinada pelo jornalista uruguaio Antonio Palacio Zino e ilustrada pelo caricaturista argentino Diógenes Taborda, curiosamente apelidado de “*el mono*”.

Do ponto de vista iconográfico (ver Figura 2), foram desenhados ao todo dezoito macacos, sendo que seis deles estão olhando para a esquerda e os demais, para frente¹²¹. Há dois casais vestidos elegantemente à esquerda e à direita da imagem. Os machos estão de fraque e cartola. O da esquerda veste também uma faixa com os dizeres “os delegados”, está fumando e empunha um objeto (talvez uma bengala); e o da direita está comendo uma banana. Ambas as fêmeas estão de vestido e chapéu, sendo que a da direita segura uma sombrinha com uma mão e uma bolsa com a outra. Com o uniforme da seleção brasileira – naquela época camisa e calção eram da cor branca –, estão treze macacos ao centro da imagem. O símio que está sentado exatamente no meio apoia os braços sobre uma bola. Na parte superior e ao centro está escrito “*en zoolandia*” e na inferior, “‘*os pavorosos*’ componentes de un cuadro celebre”¹²². Há ainda um último macaco, à direita da imagem, que está sem trajes e segurando-se em uma bananeira, a qual está plantada em um vaso, contém um cacho de banana e cujo caule cobre a genitália do primata.

Figura 2 – Reportagem e ilustração do jornal argentino Crítica, publicado em 3 de outubro de 1920, retrataram os brasileiros como macacos. Esta matéria empregou pela primeira vez o termo “*macaquitos*” em referência aos futebolistas brasileiros. Fonte: PALACIOS; CHACRA, 2014, p. 36.

¹²¹ Sigo aqui os procedimentos metodológicos propostos por Kossoy (2001).

¹²² Em uma tradução livre: “os pavorosos” membros de um time célebre”.

Pode-se dizer, em termos iconológicos, que a bananeira e este último macaco representariam, respectivamente, a flora e fauna brasileiras. Os demais símios simbolizariam a própria população brasileira, cuja única diferença para com aquele macaco mais à direita seria o uso de vestimentas. Gráficamente, o Brasil é tratado como uma terra de animais. Note-se que todos são retratados como macacos, independente de serem jogadores ou delegados, negros ou brancos, homens ou mulheres. A imagem reproduz as ideias correntes daquele período sobre evolucionismo, darwinismo social, racismo e eugenia. A figura do macaco faz referência à presença negra na composição populacional brasileira (como se isso tivesse sido ruim para o Brasil). Indiretamente, alude à escravidão deles na modernidade (como se isso tivesse se dado por sua suposta inferioridade racial). Faz menção, também, à miscigenação da população brasileira (como se a mistura com o elemento negro tivesse degenerado a “raça brasileira” e nos imposto um destino nefasto). Por acreditar como verdadeiro um discurso pseudocientífico, trata os negros e os brasileiros como seres intermediários da evolução humana, supostamente “menos evoluídos” do que os argentinos ou uruguaios brancos (como se eles compusessem uma “raça pura”)¹²³. Ao animalizar, desumanizar e reduzir os brasileiros a um estereótipo, a caricatura não só reflete o racismo de quem a desenhou e de quem a usou como ilustração do texto, mas também encoraja o comportamento racista de outros. Feito em 1920, esse desenho introduziu um estigma acerca dos brasileiros, enquanto “*macaquitos*”, que foi reproduzido ao longo do tempo no universo do futebol e fora dele, sobretudo na América do Sul e na relação de rivalidade estabelecida com os argentinos¹²⁴. Por último, cabe frisar que o futebol, desde o seu início, foi usado como campo simbólico de disputas, capaz de canalizar identidades e tensões, reproduzir dilemas e valores sociais, sendo mais um meio de propagação do discurso racista¹²⁵.

De acordo com Palacios e Chacra (2014, p. 35), o articulista Zino, que era “[...] famoso por dar apelidos a todo tipo de clube ou jogador”, havia sido jogador da seleção uruguaia e, inclusive, tinha enfrentado o Brasil um ano antes. Logo na primeira frase do texto,

¹²³ A discussão racial sob o ponto de vista da genética é elaborada com propriedade nos textos de Pena. Entre eles, ver: Pena e Birchall (2005-2006). Consultar também o ótimo artigo de Magalhães (2014).

¹²⁴ De acordo com a clássica definição de Goffman (1975, p. 7 et seq.), estigma é “[...] a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena. [...] Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída. Tal característica é um estigma, especialmente quando o seu efeito de descrédito é muito grande – algumas vezes ele também é considerado um defeito, uma fraqueza, uma desvantagem – e constitui uma discrepância específica entre a identidade social virtual e a identidade social real. [...] O termo estigma, portanto, será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso na realidade é uma linguagem de relações e não de atributos. [...] Um estigma é, então, na realidade, um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.”

¹²⁵ Cf. DAMATTA, 1982; LOPES, 2004.

ele ofendeu os brasileiros por meio de uma expressão que se manteria em nossa memória coletiva: “*Ya están los macaquitos en tierra argentina.*”¹²⁶. Convém esclarecer que *macaco* em espanhol é *mono*, cujo diminutivo é *monito*. *Macaquito*, portanto, é um hibridismo formado pela junção de elementos de línguas diferentes: *macaqu_* (de *macaquinho*, em português) + *_ito* (de *monito*, em espanhol)¹²⁷. Ainda segundo Palacios e Chacra, o conteúdo do restante do texto é fortemente preconceituoso e sarcástico para com os brasileiros; em contrapartida, há uma valorização da “raça americana”, em referência à mestiçagem entre espanhóis e indígenas¹²⁸.

Três dias depois de publicada a reportagem, a delegação brasileira tomou conhecimento e, indignada, dirigiu-se à redação do jornal para interpelar os responsáveis, os quais teriam pedido desculpas. Fato é que sete jogadores se recusaram a entrar em campo na partida que seria disputada naquela tarde. Desfalcada, a Seleção Brasileira apresentou-se com sete jogadores apenas (sendo um deles o próprio técnico), ainda assim em respeito à camisa, ao público que havia comprado as entradas e, sobretudo, porque a renda era destinada ao Lar dos Órfãos Militares¹²⁹. Outros quatro atletas argentinos integraram o time de modo a completar os onze. O público presente, estimado em cinco mil, logo percebeu a presença de argentinos na equipe brasileira e ficou furioso, passando a vaiar e a atirar objetos em campo. Os organizadores tiveram que interromper o jogo beneficente para apaziguar os ânimos. Após a confusão, a partida recomeçou com apenas sete homens para cada lado, mantendo times com nacionalidades distintas¹³⁰. Os argentinos venceram por 3 a 1, mas o embate não entrou para as estatísticas oficiais.

O incidente ainda ressoaria, levando a discussões acaloradas no Brasil. Nos preparativos para o Campeonato Sul-Americano de 1921, que seria disputado exatamente na Argentina, foi noticiado na imprensa fluminense que os dirigentes da CBD admitiam restrições à presença de “jogadores de ‘cor’”¹³¹. A denúncia transformava o que era uma prática tácita em uma proibição aberta e franca. Meses depois, uma informação muito mais grave viria à tona. Em contrapartida ao auxílio do governo brasileiro no custeio da viagem, o próprio presidente Epitácio Pessoa – que era inclusive membro de honra da CBD – teria feito

¹²⁶ Em uma tradução livre: “Já estão os macaquinhos em solo argentino.”

¹²⁷ Aparentemente, essa é uma expressão não usual na Argentina. Cf. PALACIOS; CHACRA, 2014, p. 33-42.

¹²⁸ Ibid., p. 37.

¹²⁹ Cf. LARA, 2015.

¹³⁰ Cf. PALACIOS; CHACRA, 2014, p. 38.

¹³¹ Cf. O Paiz, 27 jul. 1921 apud PEREIRA, 2000, p. 176.

uma exigência à entidade: “a não ida para o Rio de Prata de jogadores que não sejam rigorosamente brancos” (Correio da Manhã, 17 set. 1921 apud PEREIRA, 2000, p. 176)¹³². A questão saiu, assim, do foro esportivo e passou para o oficial, revelando que o selecionado nacional, do ponto de vista do governo brasileiro, deveria projetar uma imagem da nação, na qual os negros não tinham lugar. O próprio retrato da Seleção (ver Figura 3), aliás, escancara a discriminação racial daquela época, uma vez que era composta somente por jovens brancos, de traços finos e aparência elegante, que eram sócios de distintos clubes, letrados e endinheirados, cuja fonte de renda vinha de negócios fora do futebol e que por isso mesmo o encaravam como um *hobby* e uma marca de sua suposta superioridade¹³³.

Figura 3 – Retrato da Seleção Brasileira de 1921 escancara a discriminação racial da época. Fonte: Careta, 17 set. 1921 apud PEREIRA, 2000, p. 177.

Partindo desse episódio conhecido de insulto racial a futebolistas brasileiros no exterior, mais propriamente o da origem do termo “*macaquitos*” na Argentina, que acarretou na exposição do racismo institucionalizado no interior da própria Seleção Brasileira, retomarei nesta seção alguns fatos marcantes que tenham relação com o tema da pesquisa, qual seja o racismo e a xenofobia no futebol, e o fenômeno correlato da migração de futebolistas brasileiros para a Europa. Em alguns momentos, abordarei acontecimentos externos a esse âmbito, mas que se justificam pela importância no cenário internacional e pela

¹³² Para maiores detalhes da repercussão tanto do episódio ocorrido em Buenos Aires quanto da proibição da convocação de jogadores negros, consultar: Franzini (2000) e Pereira (2000).

¹³³ O goleiro Marcos Carneiro de Mendonça era a personificação máxima desse perfil. Ele abandonou o futebol com apenas 27 anos, pela segunda vez, para se dedicar totalmente aos próprios negócios e por perceber que o interno e o entorno desse esporte havia mudado. Cf. PEREIRA, 2000, p. 181.

influência direta ou indireta no universo do futebol. A exposição que segue está baseada em literatura atinente à problemática. Cabe salientar que não pretendo cobrir todos os fatos a respeito, trata-se de uma seleção.

1.3.2 O reconhecimento da qualidade do futebol sul-americano e a excursão do primeiro clube brasileiro à Europa

A década de 1920 marca o reconhecimento da qualidade do futebol sul-americano pelos europeus. Em muito se deve às vitórias da seleção uruguaia nos Jogos Olímpicos de Paris, em 1924, e de Amsterdam, em 1928, bem como na primeira Copa do Mundo, sediada no próprio Uruguai, em 1930. Estas duas últimas finais, aliás, foram disputadas contra a seleção argentina. Em particular, o valor estético da forma de jogar dos uruguaios teve um peso considerável na avaliação. Alguns jornalistas franceses, por exemplo, ou se valeram da analogia animal para compará-los aos ingleses (nesse caso, descrevendo-os como “cavalos árabes de puro-sangue”), ou conjecturaram que o futebol constituía a sua “segunda natureza”¹³⁴. Um jogador em especial recebeu destaque da imprensa e foi logo considerado um “ídolo”: o meio-campista negro José Leandro Andrade (ver Figura 4), descrito como um jogador “elegante, elástico, um mago com a bola”, com a qual “adorava fazer malabarismos”¹³⁵. Enfatizaram, além disso, o fato de ele ser também um dançarino profissional de tango. Por sua atuação nos Jogos Olímpicos de 1924, recebeu, assim, o apelido de “Maravilha Negra”¹³⁶. A construção de um discurso biologizante – do qual falarei mais adiante – em torno do futebolista negro dá-se, pois, há muito

Figura 4 – José Leandro Andrade com a camisa do Uruguai na década de 1920. Fonte: *Blog Museu Virtual do Futebol*.

¹³⁴ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 69.

¹³⁵ Ibid., p. 70.

¹³⁶ Cf. GALEANO, 2002, p. 53.

tempo, desde as suas primeiras aparições no cenário internacional.

Esse olhar europeu exótico sobre o negro não era novidade, uma vez que as imagens do negro e da África já vinham sendo construídas desde as grandes navegações¹³⁷. A aparente positividade e admiração nas representações de brancos sobre negros, sobretudo pela vanguarda artística europeia e norte-americana, fixa-se apenas na segunda metade do século XX, fruto do mal-estar com os limites da civilização ocidental¹³⁸. O negro pode ser visto como o seu duplo, o outro que “espelha um lado seu valorizado e reprimido: a espontaneidade das emoções e das formas desprovidas de rigidez.” (GUIMARÃES, 2003, p. 45). O ponto é que, tal como o racismo, o exotismo é um dispositivo de que as culturas dispõem para dominar o estranho¹³⁹. Ambos os discursos, o racista e o exótico, estão muito próximos, convivem lado a lado, quando não se mesclam e se confundem¹⁴⁰.

Cabe lembrar ainda que os anos 1920 foram chamados de *Anées folles* em francês, *Goldene Zwanziger* em alemão e *Roaring Twenties* em inglês para retratar um período de grandes transformações sociais, crescimento econômico e efervescência cultural e artística na Europa Ocidental e na América do Norte, durando até a quebra da bolsa de Nova York em 1929. São os anos de florescimento do *Harlem Renaissance*, do jazz e da *Revue nègre*. Alain Locke, Langston Hughes, DuBois, Louis Armstrong e Joséphine Baker são contemporâneos. É o período de divulgação da “cultura negra” nas grandes cidades europeias. Aliás, sobre a aceitação acalorada de uma dessas personagens, Joséphine Baker, na Paris dos anos 1925, Phylis Rose irá dizer, com razão, que isso “não significou o fim da visão racista do negro como animal, mas significou que tal animal, longe de ameaçador, passou a ser visto como rítmico, musical e divertido.” (GUIMARÃES, 2003, p. 48). Uma avaliação, como se vê, compatível ao futebolista negro José Leandro Andrade.

Mil novecentos e vinte e cinco marca, também, o ano da primeira excursão de um clube brasileiro para a Europa¹⁴¹. Por iniciativa e organização de Antônio da Silva Prado Filho, o Club Athletico Paulistano, do qual era presidente na época, partiu no dia 10 de fevereiro daquele ano, no navio a vapor Zeelândia, rumo à França, e de lá para a Suíça e

¹³⁷ A construção desse imaginário exótico é elaborada por G. A. Santos (2002), que explica como ele justificou a escravidão e naturalizou a inferioridade dos negros.

¹³⁸ Cf. GUIMARÃES, 2003, p. 45.

¹³⁹ Cf. CHNAIDERMAN, 1996, p. 89.

¹⁴⁰ Cf. SANTOS, G. A., 2002, p. 288.

¹⁴¹ Neste mesmo ano, Nacional, do Uruguai, e Boca Juniors, da Argentina, também excursionaram pela Europa. Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 71.

depois Portugal¹⁴². Junto com o time, viajaram representantes da imprensa, da indústria, do comércio e do funcionalismo público paulistano, todos formando uma grande delegação. A importância e a oficialidade do evento é revelada, sobretudo, por quem os recepcionou na chegada a Paris: o embaixador brasileiro e o filho do imperador Dom Pedro II. Nas tribunas do estádio de Bufalo, na estreia contra a seleção francesa, estavam presentes o presidente brasileiro, Washington Luís, e o presidente da FIFA, Jules Rimet. Se todos esses elementos ainda não são suficientes para mostrar que o que estava em jogo era mais do que as cores alvirrubras do distinto clube da capital paulista, o suposto grito de Friedenreich em reação ao gol que inaugurou o placar da partida em favor da França não deixaria dúvidas: “O Brasil precisa vencer” ou “Tudo pelo Brasil, tudo pelo Brasil”¹⁴³. Este teria sido o momento da virada dos atletas brasileiros que estavam com frio e nunca tinham jogado em um campo com lama e neve. O resultado não poderia ser mais convincente, 7 a 2.

A partir do dia seguinte diversos jornais destacariam a atuação do clube paulistano, entre eles: *Paris Soir*, *Figaro*, *L’Echo de Paris*, *Le Journal*, *Le Petit Parisien*, *Le Matin*, *L’Auto*, *Le Soir*, *Le Miroir des Sports*, *Sporting*, *Excelsior* e *The New York Herald*¹⁴⁴. No matutino francês *Le Journal*, foi escrito: “[Os brasileiros] São mais perigosos, mais eficientes, pelo estilo de jogo fogofo, ardente e insistente, em passes rápidos, seguros, e em investidas excessivamente velozes que deixam estupefato o adversário. São os reis do futebol.” (PLACAR, n. 1097, out. 1994, p. 17). Araken Patuska reproduz uma frase que teria sido dita por uma menina francesa, surpresa com o feito dos brasileiros: “*Papa! Les petits brésiliens sont de petits géants, et ils sont blancs et pas sauvages!*”, cuja tradução livre seria “Papai! Os pequenos brasileiros são pequenos gigantes, e são brancos e não selvagens!”¹⁴⁵. O Paulistano ainda faria mais nove jogos, vencendo oito – entre eles, a seleção suíça, então vice-campeã olímpica, e a seleção lisboeta – e perdendo apenas um. Foram ao todo 30 gols a favor e oito contra. De todos os jogadores, Friedenreich, com 11 gols na excursão, foi considerado, conforme o relato carregado de seu amigo Geraldo Lunardelli, “o mais fantástico atleta que o

¹⁴² Cf. HOLLANDA, 2013.

¹⁴³ A primeira versão é narrada por Araken Patuska, jogador daquele time e escritor de um livro sobre a epopeia, intitulado “Os reis do futebol”, publicado pela primeira vez em 1945. Cf. RIBEIRO, A., 2013. A segunda versão é de Geraldo Lunardelli, amigo de Friedenreich, relatada no livro de Costa (1999).

¹⁴⁴ Cf. HOLLANDA, 2013.

¹⁴⁵ Cf. RIBEIRO, A., 2013. A caracterização de todos os jogadores do Paulistano como brancos, independente de a fala ter sido pronunciada ou não, pode ser tanto uma leitura da jovem francesa em virtude do pomposo contexto, supostamente incongruente com a presença de um negro, quanto uma interferência do próprio narrador, Araken Patuska, que não concebia o afortunado Friedenreich, sabidamente filho de um alemão com uma negra, como negro.

mundo jamais vira. ‘O rei dos reis’, diziam os europeus.” (COSTA, 1999, p. 21). Aquelas apresentações vistosas e elogiadas da equipe brasileira prenunciavam a consagração, na mesma Paris, doze anos depois, na Copa do Mundo de 1938.

1.3.3 O início do fluxo de futebolistas brasileiros à Europa na década de 1920 e as experiências de Fausto e Jaguaré nos anos 1930

No final da década de 1920, iniciou-se o primeiro fluxo migratório de futebolistas sul-americanos para a Europa, mais especificamente para a Itália, algo que se estendeu até o início dos anos 1940. O futebol naquela época já tinha sido disseminado e apropriado pelas colônias de italianos em capitais como Buenos Aires, Montevideu e São Paulo¹⁴⁶. Reflexo do crescimento econômico pelo qual passava a Itália fascista dos anos 1930, depois de uma depressão após a Primeira Guerra Mundial, vários clubes, patrocinados por grandes empresários, tomaram a importação de futebolistas sul-americanos como um compromisso¹⁴⁷. Essa migração trouxe à tona diferentes concepções e interpretações de cidadania e raízes nacionais. Embora nascidos na Argentina, no Uruguai e no Brasil (*jus soli*), a esses estrangeiros a nacionalidade era vista como um direito em virtude de sua ascendência italiana (*jus sanguinis*). Foram tratados na Itália como cidadãos residentes no exterior, sendo denominados de *rimpatriati*, isto é, repatriados. Outros fatores que contribuíram para esse processo de reintegração de futebolistas da América do Sul foram: o sucesso das primeiras tentativas (Julio Libonatti, Raimundo Orsi e Renato Cesarini), a quebra da economia mundial, a instabilidade política na Argentina e no Brasil e a profissionalização tardia do futebol sul-americano¹⁴⁸.

Entre 1925 e 1945, transferiram-se para a Itália 29 futebolistas brasileiros (ver Tabela 1)¹⁴⁹. Os clubes brasileiros que mais cederam jogadores nesse período foram Palestra Itália/SP, Corinthians e Botafogo, com nove, seis e quatro transferências respectivamente (ver

¹⁴⁶ Entre tantos, cito apenas dois trabalhos que fazem essa discussão, tomando como caso específico a cidade de São Paulo: Salun (2007) e Streapco (2010). Acerca do futebol argentino, indica-se Archetti (1995) que trata da criação do estilo *criollo*.

¹⁴⁷ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 73.

¹⁴⁸ Ibid., p. 77. O profissionalismo deu-se no futebol argentino em 1931, no uruguaio em 1932 e no brasileiro em 1933.

¹⁴⁹ O primeiro brasileiro a atuar no futebol italiano foi o araraquarense Arnaldo Porta, no Verona, entre os anos de 1914 e 1929, excetuando o período da Primeira Guerra Mundial evidentemente. Os dados que eu apresento não conferem com aqueles levantados por Lanfranchi e Taylor (2001, p. 81) e pelo jornalista PVC (COELHO, 2009, p. 147-149).

Tabela 2)¹⁵⁰. Os clubes italianos que mais contrataram no mesmo intervalo de tempo foram Lazio, Torino e Napoli, com 12, seis e três atletas respectivamente (ver Tabela 2). Somente em 1931, saíram do Brasil dez jogadores, oito deles dirigindo-se para a Lazio, incluindo Amílcar Barbuy que ainda acumulou o cargo de treinador¹⁵¹. Somados aos outros três brasileiros que já estavam no clube (os irmãos Fantoni, conhecidos no Brasil como Ninão, Nininho e Niginho), o time da cidade de Roma totalizava 11 brasileiros, o que fez com que ficasse conhecido como *Brasilazio*¹⁵². Cabe salientar uma diferença: os atletas que atuavam nos clubes de São Paulo e de Belo Horizonte rumaram majoritariamente para Roma e Nápoles, já os do Rio de Janeiro foram para Torino.

Tabela 1 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1925-1945)

Ano	Saídas	Ano	Saídas
1925	2*	1936	-
1926	-	1937	-
1927	-	1938	1
1928	3	1939	-
1929	1	1940	1
1930	-	1941	1
1931	10	1942	-
1932	2	1943	-
1933	6	1944	-
1934	-	1945	-
1935	3		
Total			30

Nota: *De acordo com a CBF [200-a], Armando Del Debbio teria saído do Brasil nesse período em duas oportunidades, uma em 1925 para atuar na Luchese e outra em 1931, na Lazio. Unzelte (2016), no entanto, assegura que ele fez partidas pelo Corinthians em 1925 e 1926.

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

As contratações feitas nessa época são tratadas por Rodrigues (2007, p. 158) como “saques”, uma vez que os clubes italianos negociavam diretamente com os atletas, sem qualquer tipo de compensação financeira aos clubes brasileiros. Segundo o autor, a FIFA

¹⁵⁰ Embora não revele sua fonte e nem apresente números, Streapco (2010, p. 165-166) argumenta que metade dos brasileiros que saíram no referido intervalo de tempo era do Corinthians e outra, do Palestra Itália/SP.

¹⁵¹ Apesar de não revelar sua fonte, Agostino (2002, p. 60) fala em 39 transferências do Brasil para a Itália somente no ano de 1931.

¹⁵² Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 82; SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 386.

considerava a transação “perfeitamente legal”¹⁵³. Lopes (2004, p. 142), por sua vez, afirma que há casos em São Paulo e no Rio de Janeiro de jogadores brancos sem ascendência italiana que falsificaram documentos adotando nomes com tal origem, de modo a justificar e viabilizar a transferência internacional, sendo que os clubes italianos foram coniventes com tais ações. A saída desses ítalo-brasileiros é vista como uma das razões para uma maior integração dos negros no futebol brasileiro. Nas palavras do referido sociólogo, estes atletas estavam excluídos daquele processo ou, ao menos, tornavam-se “pouco exportáveis”, estando “condenados ao sucesso ‘local’” e sendo identificados como “os grandes iniciadores do futebol nacional”¹⁵⁴.

Tabela 2 – Clubes de origem e destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1925-1945)

Clube brasileiro	Saídas	Clube italiano	Entradas
Palestra Itália/SP	9	Lazio	12
Corinthians	6*	Torino	6
Botafogo	4	Napoli	3
Clube não informado	4	Milan	2
Palestra Itália/MG	3	Luchese	2
Fluminense	2	Virtus Bologna	1
Paulistano	1	Juventus	1
Atlético Santista	1	Treviso	1
		Cavese	1
		Verona	1
Total	30		30

Nota: *Armando Del Debbio teria se transferido do Corinthians para a Itália em duas oportunidades.

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009), Unzelte (2016) e Wikipedia.

Ao longo do período de 1929 a 1943 – conforme dados levantados por Lanfranchi e Taylor (2001, p. 83), os quais não conferem com os da CBF [200-a]¹⁵⁵ –, deslocaram-se 118 jogadores sul-americanos para a Itália, sendo 60 argentinos, 32 uruguaios e 26 brasileiros. Desse total, 15 vestiram pelo menos uma vez a camisa da seleção italiana, sendo que seis foram campeões mundiais (quatro deles, argentinos)¹⁵⁶. Entre os cinco que foram campeões na Copa do Mundo de 1934, sediada na própria Itália, estava o brasileiro Amphilóquio

¹⁵³ Cf. RODRIGUES, 2007, p. 158.

¹⁵⁴ Cf. LOPES, 2004, p. 143. Acerca dessa discussão, consultar também Streapco (2010, p. 168).

¹⁵⁵ Este documento da CBF foi enviado a mim por e-mail a partir de um funcionário da própria instituição.

¹⁵⁶ Conferir as duas tabelas expostas por Lanfranchi e Taylor (2001, p. 83), em que esses dados são discriminados por ano, país e jogador.

Marques Guarisi, conhecido no Brasil como Filó e na Itália como Anfilogino Guarisi¹⁵⁷. Lanfranchi e Taylor (2001, p. 82) argumentam que os brasileiros tiveram papel marginal se comparado aos argentinos¹⁵⁸. Duas razões são apontadas: (1) a saudade da família, do clima e do Brasil (teriam sofridos com o frio rigoroso italiano e com o medo de morrer longe de casa); e (2) a dificuldade de integração social (pouco esforço para aprender a língua italiana e tensões com os jogadores locais). A crítica dos italianos para com a importação de jogadores passou a ser aberta: “Nós estamos fartos de ‘italianos’ que não são capazes de falar italiano, e que não ajudam os companheiros de equipe. Pode parecer xenofobia, mas nós preferimos produtos nacionais.” (LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 84, tradução minha). Como consequência, houve uma considerável diminuição da repatriação de brasileiros a partir da metade da década de 1930.

O jornalista PVC, por sua vez, argumenta que duas tragédias influenciaram na decisão dos atletas brasileiros e dos dirigentes italianos. Primeiro, a morte do jogador Nininho, conhecido na Itália como Fantoni II, causada por uma infecção hospitalar depois de o atleta ser internado por um incidente de jogo, em fevereiro de 1935¹⁵⁹. Segundo, a morte do presidente da Juventus, Edoardo Agnelli, causada por um acidente aéreo, em julho do mesmo ano. Ambas teriam freado o desejo dos jogadores brasileiros, de um lado, e o investimento no futebol pelos dirigentes italianos, de outro¹⁶⁰. Certo é que a proximidade da Segunda Guerra Mundial trazia consequências para todos os setores da sociedade italiana, inclusive o futebol.

Em número bem menor, outros futebolistas sul-americanos deslocaram-se para Espanha, França e Portugal nesse mesmo decênio. As excursões de clubes continuaram, e

¹⁵⁷ A repatriação dos melhores jogadores sul-americanos de origem italiana para compor a seleção italiana é uma clara demonstração da forma como o futebol foi utilizado pelo Estado fascista como um instrumento de propaganda política. Era preciso vencer a qualquer custo, ainda mais na própria Itália, para mostrar a força do regime e a superioridade da “raça italiana”, conforme ficou nítido após a vitória sobre o Brasil na semifinal: “triunfo da inteligência itálica contra a força bruta dos negros” (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 51). Conta-se a história que, antes da final da Copa do Mundo de 1938, na França, Mussolini teria enviado um telegrama aos jogadores italianos com os dizeres “Vencer ou morrer”, sendo a conquista noticiada da seguinte maneira por *La Gazzetta dello Sport*: “Para além da vitória atlética, resplandece a vitória da raça.” (20 jun. 1938 apud FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 52). Evidente que essa apropriação do esporte pelo Estado não era exclusividade do fascismo. Entre tantos autores que trabalham com essa temática no Brasil, ver D. A. Souza (2008).

¹⁵⁸ A maioria dos clubes italianos dava preferência à repatriação de sul-americanos de determinados países. A Juventus e o Genoa o fizeram com os argentinos; a Lazio, o Torino e o Napoli, com os brasileiros; e o Bologna, a Fiorentina e a Inter de Milão, com os uruguaios. A respeito destes últimos, dos oito contratados pelo Bologna, sete casaram-se com italianas e permaneceram no país após encerrarem a carreira no futebol. Alguns jogadores brasileiros também se integraram na Itália. De acordo com Lopes (2004, p. 143), a colônia italiana em São Paulo estimulava e considerava como um ideal a volta em boas condições dos descendentes no Brasil ao país dos antepassados. Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 85.

¹⁵⁹ Cf. COELHO, 2009, p. 49.

¹⁶⁰ *Ibid.*, p. 50.

alguns jogadores viam nelas uma oportunidade permanecer na Europa, caso tivessem um bom desempenho. Foi nesse cenário, por exemplo, que Jaguaré e Fausto adentraram no futebol espanhol após viagem do Vasco para uma série de amistosos na Espanha e em Portugal no ano de 1931¹⁶¹. A atuação dedicada de Fausto rendeu os seguintes comentários no jornal paulista *El Diluvio*: “Fausto trabalha como um escravo. É possível que todos os *center-halves* brasileiros trabalhem como escravos? Será por isso que todos eles são negros?” (SANTOS, J. R., 1981, p. 32, grifo do autor). Já em Portugal, um cronista do diário lisboeta *Os Sports* expôs todo o seu preconceito racial ao elogiá-lo: “Fausto- o centromédio de cor, a Maravilha Negra como lhe chamam no Brasil, fêz verdadeiras maravilhas em campo, passeando com um à-vontade extraordinário. Êle joga de modo a justificar a sua fama. Com tanta classe até se pode não ser branco.” (MÁXIMO, 1965, p. 51).

A permanência de Fausto e Jaguaré no Barcelona durou pouco, um ano e meio para o primeiro e apenas uma temporada para o segundo. Como a RFEF não permitia a inscrição de atletas que não fossem descendentes ou naturalizados, eles jogaram somente partidas amistosas com a camisa azul e grená. Ambos se negaram a se naturalizar espanhóis, o que, somado às noitadas, criou um mal estar¹⁶². Há relatos de que ambos tiveram dificuldades também de relacionamento com os espanhóis, de quem teriam sofrido discriminação racial¹⁶³. A fundamentada argumentação de J. M. C. M. Santos torna isso evidente:

A cor da pele dos novos jogadores do Barcelona, a origem de um país considerado pelos europeus como fora do círculo dos países civilizados e com forte apelo às festas populares, como o carnaval, logo foram estereotipados pela imprensa espanhola. Uma charge do periódico *El Mundo Deportivo* condicionava o bom rendimento dos jogadores brasileiros a um “*machiche brasileiro*” após o jogo. Em outra charge [ver Figura 5], que dava conta das novo Barcelona [*sic*], Fausto, retratado com duas cabeças encimadas por auréolas de anjo, tem a cor preta ressaltada e os lábios exagerados. Jaguaré, por sua vez, entra em campo com sua boina, com vestimentas que lembram um “homem das cavernas”. Quanto ao espanhol Samittier, a caricatura não remete a grandes exacerbações, exceção feita à asa angelical. (SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 384).

Fausto¹⁶⁴ passaria ainda uma temporada na Suíça, e Jaguaré¹⁶⁵, após curta estadia no Brasil, retornaria à Europa para atuar em Portugal e na França, onde faria sucesso no

¹⁶¹ Cf. COELHO, 2009, p. 55.

¹⁶² Cf. SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 387-390.

¹⁶³ Cf. COELHO, 2009, p. 58.

¹⁶⁴ O profissionalismo e a “rebeldia” de Fausto, num tempo em que as relações eram amadoras e subservientes aos brancos, foram motivo para criticá-lo, conforme escreve com perspicácia J. R. Santos (1981, p. 33): “Fausto sempre jogou futebol com raiva. Ia na bola como num prato de comida. Jogava sério e encarava o futebol como meio de escapar à pobreza, ganhar dinheiro para poder desfrutar a vida em gafieiras e *rendez-vous*, muita cachaça e violão. Os críticos chamavam-no de tudo – mercenário, acomplegado, exibido – as mesmas acusações

Figura 5 – Charge em jornal espanhol estigmatizou futebolistas brasileiros negros na década de 1930. Fausto seria o segundo da fila, seguido por Jaguaré. Fonte: *El Mundo Deportivo*, 28 ago. 1931 apud SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 461.

Olympique de Marseille. A busca por uma melhor remuneração, devido ao falso amadorismo¹⁶⁶ e ao profissionalismo incipiente no Brasil¹⁶⁷, e a “Lei do Estágio”¹⁶⁸, a qual estipulava o prazo de um ano de espera para que jogadores pudessem atuar após trocarem de clube, foram motivos que levaram atletas brasileiros ao exterior, inclusive para a Argentina e o Uruguai. Por parte dos nossos vizinhos, havia uma necessidade de repor jogadores perdidos para o futebol italiano a baixo custo, sendo os brasileiros a solução. Boa parte daqueles atletas que estiveram presentes no título da Seleção Brasileira na Copa Rio Branco de 1932, que se transformou em uma vitrine, foi contratada. Em 1933, ano da profissionalização do futebol no Brasil, cerca de 15 dos melhores jogadores brasileiros foram contratados dos clubes do Rio de Janeiro, São Paulo e, inclusive, Porto Alegre¹⁶⁹. Dois deles eram Domingos da Guia e

que fizeram depois, em outras épocas, a Zizinho, a Jair, a Didi, e, hoje, a Paulo César.”. Resta lembrar que Fausto morreu desempregado, miserável e jovem, aos 34 anos, fruto de uma tuberculose.

¹⁶⁵ Além de conquistar o título da Copa da França na temporada 1937-38, ele ficou conhecido por ser o primeiro goleiro do clube a marcar um gol, o que até então era exclusividade de atletas de linha. Cf. MADEIRA, 2014.

¹⁶⁶ Mesmo antes da profissionalização do futebol no Brasil, em 1933, era prática comum dos clubes remunerar atleta, por mais que fosse oficial e contraditoriamente proibida pelas ligas. Cf. STREAPCO, 2010, p. 82.

¹⁶⁷ Para Lopes (2004, p. 142), a “evasão de jogadores” fortaleceu as correntes favoráveis a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro. J. R. Santos (1981, p. 48), contudo, salienta que: “A fuga [para a Itália e para o Prata] precipitou a profissionalização. Não a causou, como muitos pensam. A sua razão profunda está na revolução que vinha modificando a nossa sociedade pela base.”.

¹⁶⁸ Sobre a “Lei do Estágio”, consultar J. M. C. M. Santos (2010, p. 205).

¹⁶⁹ Cf. SANTOS, J. M. C. M., 2010, p. 407-408. De acordo com a CBF [200-b], 107 futebolistas brasileiros transferiram-se para a primeira divisão da Argentina entre os anos de 1932 e 2005, dos quais 16 foram no período entre 1932 e 1942: Bibí, Caxambú, Domingos da Guia, Juan Jamón, Jurandyr, Moisés, Og Moreira, Petronilho, Ramón, Silveira, Souza, Teixeira, Thadeu, Waldemar, Wergkifer e Zarzur. Este documento da CBF também foi enviado a mim por e-mail a partir de um funcionário da própria instituição.

Leônidas da Silva, personagens que seriam fundamentais para a invenção do estilo de jogo do futebol brasileiro¹⁷⁰.

1.3.4 Os Jogos Olímpicos de 1936 e o feito de Jesse Owens

Antes, porém, cabe falar do fato mais importante dos Jogos Olímpicos de 1936, sediados em Berlim. Em franca ascensão do nazismo, Hitler utilizou a XI Olimpíada como forma de propaganda política da força do regime e dos ideais da supremacia ariana. Para tanto, não mediu esforços para melhorar a infraestrutura da cidade, com destaque para o Estádio Olímpico, e registrar por meio das lentes das câmeras a apoteose esportiva e estética do Terceiro Reich¹⁷¹. Esses Jogos constituíram, pois, a mais emblemática manifestação midiática de massas. Na visão de Peter Reichel:

[...] as Olimpíadas de 1936 aparecem, assim, como uma espécie de obra-de-arte total fascista, mistura de consagração nacional com ópera wagneriana, fenômeno quase religioso em sua concepção, que transformava uma competição pacífica entre nações em uma explosão de violência secreta, de terror de Estado e de preparação de corações e mentes para a guerra. (AGOSTINO, 2002, p. 72).

Foi nesse cenário que o afro-americano Jesse Owens (ver Figura 6) quebrou recordes mundiais e conquistou quatro medalhas de ouro em provas de atletismo (100m, 200m, 4x100m e salto em distância). Para além de suas façanhas esportivas, ele tornou-se mundialmente conhecido por sair abraçado de uma das provas com seu competidor alemão Luz Long e por evidentemente quebrar a barreira racial diante do regime nazista de Hitler¹⁷². Owens, portanto, usou sua posição para mostrar grandeza e compaixão, sendo considerado desde então uma lenda. O sucesso esportivo dos negros Jesse Owens e de seu contemporâneo Joe Louis, boxeador norte-americano, ajudou a mudar a percepção então corrente da “inferioridade” negra para os esportes¹⁷³. Com o passar dos anos e o triunfo de negros em

¹⁷⁰ As altas cifras na contratação de Domingos da Guia fizeram com que o jornal uruguaio *El País* publicasse uma foto do brasileiro com a seguinte legenda: “Oro negro”. De acordo com J. M. C. M. Santos (2010, p. 409-411), além do regime duro do profissionalismo da Prata e do frio enfrentado, outra questão que incomodou os brasileiros foi a discriminação racial.

¹⁷¹ Cf. AGOSTINO, 2002, p. 72.

¹⁷² Ao contrário do que costuma ser dito de que Hitler se recusou a cumprimentá-lo no pódio, Owens disse que eles trocaram acenos de longe depois da prova. A bronca dele era com o presidente norte-americano Franklin Delano Roosevelt: “Hitler não me esnobou, foi FDR quem me esnobou. O presidente nem sequer me enviou um telegrama.”. Cf. THOMAS, 2015.

¹⁷³ Antes desses dois atletas, Jack Johnson já havia surpreendido a sociedade norte-americana ao se tornar o primeiro boxeador negro campeão dos pesos pesados em 1908 e chocado, fora do esporte, ao se relacionar e se casar com mulheres brancas no início do século XX. Por conta de seus feitos, alguns estados do país proibiram o

vários esportes, elaborou-se nos Estados Unidos um discurso oposto, no qual se acreditava na “superioridade” negra devido a uma constituição biológica, algo que também encontraria eco no Brasil.

Figura 6 – O afro-americano Jesse Owens estava no ponto mais alto do pódio após ganhar a prova de salto em distância nos Jogos Olímpicos de 1936, sediados em Berlim, em pleno Terceiro Reich. À direita, o alemão Luz Long, fazendo a saudação nazista. Fonte: Wikipedia.

1.3.5 A Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1938 e a invenção do estilo brasileiro de jogar futebol

Por aqui, ao longo das décadas de 1930 e 1940, foi construída a ideia de “democracia racial”, sendo Gilberto Freyre o principal inspirador¹⁷⁴. O próprio título da Seleção Brasileira na Copa Rio Branco de 1932 sobre os atuais bicampeões olímpicos e campeões mundiais serviu de mote para que o literato e dirigente esportivo José Lins do Rego (1943, p. 7) escrevesse que o futebol expressava a nossa formação sociorracial: “Os rapazes que venceram, em Montevideú, eram um retrato da nossa democracia racial, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martin. Tudo feito à boa moda brasileira.”. Seis anos depois, na Copa do Mundo de 1938, sediada na

casamento interétnico e boxeadores negros não puderam disputar o título por mais de duas décadas. Cf. HARRIS, 1997, p. 55, 68.

¹⁷⁴ Para uma análise detalhada sobre o termo “democracia racial”, consultar: Guimarães (2002).

França, Gilberto Freyre foi interpelado por um repórter estrangeiro o que achava das “admiráveis performances brasileiras nos campos de Strasburgo e Bordeaux”, por ocasião das vitórias do Brasil diante da Polônia (6 a 5) e da Tchecoslováquia (1 a 1 e 2 a 1), que levaram a Seleção a uma inédita semifinal¹⁷⁵. Como resposta, o intelectual pernambucano definiu o que denominou de “foot-ball mulato” em contraposição ao estilo dos europeus:

O contraste pode ser alongado: o nosso foot-ball mulato, com seus floreios artísticos, cuja eficiência – menos na defesa do que no ataque – ficou demonstrada brilhantemente nos encontros deste ano com os poloneses e os tchecoslovacos é uma expressão de nossa formação social democrática como nenhuma. Rebelde a excessos de ordenação interna e externa; a excessos de uniformização, de standartização; a totalitarismos que façam desaparecer a variação individual ou espontaneidade pessoal. No foot-ball, como na política, o mulatismo brasileiro se faz marcar por um gosto de flexão, de surpresa, de floreio que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas sobretudo de dança. Dança dionisíaca. Dança que permita o improviso, a diversidade, a espontaneidade individual. Dança lírica. Enquanto o foot-ball europeu é uma expressão apolínea – no sentido spengleriano – de método científico e de esporte socialista em que a pessoa humana resulta mecanizada e subordinada ao todo – o brasileiro é uma forma de dança, em que a pessoa humana se destaca e brilha. (FREYRE, 1938, p. 4).

Essas ideias tiveram uma definição mais conhecida, sem sofrer mudanças substanciais, quando Gilberto Freyre escreveu o prefácio do livro “O negro no futebol brasileiro”, de Mario Filho. Nesse texto, o pensador de Apipucos trouxe novos elementos para corroborar a sua argumentação, defendendo que: “O desenvolvimento do futebol, não num esporte igual aos outros, mas numa verdadeira instituição brasileira, tornou possível a sublimação de vários daqueles elementos irracionais de nossa formação social e de cultura.” (FREYRE, 2003, p. 25)¹⁷⁶. Entre esses elementos que confeririam a “autenticidade brasileira”, estariam a “capoeiragem”, o “samba”, a “molecagem baiana”, a “malandragem pernambucana” e até mesmo o “cangaceirismo” e possíveis “influências ameríndias”¹⁷⁷. Em seus escritos sobre futebol, como bem observou Franzini:

[...] Freyre define o nosso estilo de jogo a partir da contraposição entre um padrão de cultura “apolíneo” (formal, racional, ponderado), que seria próprio aos europeus, e outro “dionisíaco” (individualista, emocional, impulsivo), característico da índole mestiça que demarcaria a singularidade brasileira. (FRANZINI, 2000, p. 53)

A narrativa coloca os jogadores negros brasileiros como reinventores do esporte bretão, de aprendizes a verdadeiros mestres da arte da bola, forjando, assim, uma nova

¹⁷⁵ Cf. FREYRE, 1938, p. 4. A Seleção Brasileira perderia a semifinal para a Itália por 2 a 1, sem contar com a presença de Leônidas, que estava machucado, mas ganharia a disputa do terceiro lugar diante da Suécia por 4 a 2.

¹⁷⁶ Ou “sublimação das tensões”, nos termos de Rosenfeld (1993, p. 106).

¹⁷⁷ Cf. FREYRE, 2003, p.25 .

tradição para o futebol neste país. Mesmo passados quase dez anos da Copa do Mundo de 1938, os atletas Domingos da Guia e, principalmente, Leônidas da Silva, artilheiro e destaque daquela competição, eram retomados como ícones do nosso futebol, fosse por autores brasileiros, fosse por estrangeiros. Nas palavras de Pereira (2000, p. 343): “Com sua técnica refinada e seus movimentos originais, esses jogadores iam fazendo do futebol um jogo brasileiro, uma tradição tropical capaz de ressaltar frente ao mundo o valor do país.”.

“Diamante Negro”, aliás, era visto como o legítimo representante de “nossa” forma de jogar, uma vez que esta se expressaria, inclusive, na criação de jogadas, tal como a sua célebre “bicicleta”, ou a “domingada” por parte de Domingos da Guia¹⁷⁸. A Copa do Mundo de 1938, enquanto competição internacional entre seleções de várias confederações de futebol, colocou-se, pois, como momento-chave para apresentação do “estilo brasileiro de jogar futebol” no exterior e consolidação no próprio país¹⁷⁹. É preciso dizer ainda que o sucesso desses jogadores em campo ajudou a construir para o Brasil uma imagem de “paraíso racial”, ainda que em suas trajetórias tenham enfrentado dificuldades e preconceitos, expondo, assim, os limites e contradições desse processo.

1.3.6 A Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1950 e 1954 e as contradições da invenção

A maior contradição desse discurso deu-se doze anos depois, na primeira Copa pós-Segunda Guerra Mundial, em 1950, sediada justamente no Brasil. Era uma época em que a nação queria deixar para trás o estigma de “país do futuro” e aspirava ocupar um lugar de destaque na “modernidade”, não sem razão construíra para o evento o maior estádio do mundo, o Maracanã, com capacidade para 200 mil pessoas¹⁸⁰. Naquele contexto ufanista, o destino do país e da “raça brasileira” foram colocados e definidos em campo.

A derrota inesperada frente ao Uruguai (2 a 1, de virada) levou à busca dos culpados pela “frustração nacional”. Entre vários fatores apontados com o tempo, um ganhou destaque. De acordo com Mario Filho (2003, p. 290), grande responsável pela construção da memória das primeiras Copas do Mundo, bem como do futebol carioca, “três pretos foram escolhidos como bodes expiatórios: Barbosa, Juvenal e Bigode.”. As causas da derrota na Copa de 1950,

¹⁷⁸ Cf. GALEANO, 2002, p. 81-82.

¹⁷⁹ A primeira versão dessa discussão acerca do “estilo brasileiro de jogar futebol” foi publicada em Tonini (2014).

¹⁸⁰ Cf. PERDIGÃO, 2000, p. 14; GUTERMAN, 2009, p. 89.

a “nossa Hiroshima” na expressão hiperbólica de Nelson Rodrigues (1966 apud MORAES NETO, 2000, p. 22), remontavam-se, assim, à constituição racial dos brasileiros, tornando evidente, naquele momento trágico, o racismo que estava latente. Mais do que isso, reproduziu-se tal preconceito por meio do reforço de certos estereótipos acerca dos negros. O goleiro Barbosa, quem mais sofreu, ficou marcado pelo segundo gol uruguaio, ao que Nelson Rodrigues (2013, p. 74) chamou de “frango eterno”; Juvenal foi acusado de “cachaceiro”, inclusive pelo técnico da seleção¹⁸¹; e a Bigode, disse também Flávio Costa, teria faltado “bravura”, “coragem física e moral”¹⁸², principalmente diante de um suposto bofetão de Obdulio Varela.

Há também uma conhecida charge de Nássara (ver Figura 7) que retrata o segundo gol do Uruguai sofrido por Barbosa na partida decisiva da Copa do Mundo de 1950. Contrastada apenas pelas cores preta e branca, apresenta um homem negro, de lábios carnudos e nariz largo, olhando para trás, em direção a um frango que passou entre suas pernas. Além de reforçar os traços negroides e a inabilidade de Barbosa no fatídico lance, a charge enfatiza a imagem do goleiro como responsável pela derrota brasileira, uma vez que a bola, representada pela figura do

NÁSSARA

Figura 7 – Charge de Nássara em que o goleiro negro Barbosa foi estigmatizado e culpado pela derrota brasileira na Copa do Mundo de 1950. Fonte: JAL; GUAL, 2004, p. 41.

frango, era defensável. É preciso dizer que a bola não passou entre as pernas de Barbosa, como sugere a charge, mas sim entre ele e a trave. Passados mais de trinta anos daquele jogo derradeiro do quadrangular final, Arno Vogel (1982, p. 99) resumiu da seguinte maneira as “deficiências da ‘raça brasileira’” em discussão: “Para as grandes decisões não era possível contar com os pretos e mestiços. Na hora agá eles se acovardaram.”¹⁸³.

A inferioridade mencionada manteve-se na avaliação da participação brasileira na Copa do Mundo de 1954, sediada na Suíça, quando o Brasil sucumbiu diante da Hungria de

¹⁸¹ Cf. FILHO, 2003, p. 290.

¹⁸² Cf. GUEDES, 1977, p. 60 apud VOGEL, 1982, p. 99.

¹⁸³ Embora antes do desfecho daquele 16 de julho José Lins do Rego tivesse demonstrado extremo ufanismo e entusiasmo, seu discurso mudou radicalmente e adotou pensamento semelhante quando sobreviera a derrota. De acordo com Antunes (2004, p. 77): “Dizia ser forçoso admitir a dura realidade: infelizmente, o brasileiro não estaria preparado para as grandes vitórias e para os grandes feitos.”

Puskas, Kocsis e companhia, sendo derrotado por 4 a 2 nas quartas de final. Se não bastasse ter perdido na bola, a Seleção perdeu também no equilíbrio emocional e envolveu-se em uma pancadaria que ficou conhecida como a “Batalha de Berna”¹⁸⁴. Isaac Cook (1954, p. 12), enviado especial do jornal *O Estado de S. Paulo*, conjecturou na época que “[...] causas talvez raciais, talvez morais, talvez sentimentais que possam ter influido para tal estado de coisas.”.

A suposta inferioridade ganharia contornos teóricos com João Lyra Filho e Nelson Rodrigues. O intelectual e dirigente esportivo João Lyra Filho, em 1954, escreveu um livro em que a partir do futebol, neste caso a Copa do Mundo daquele ano, elaborou uma interpretação do Brasil. O autor estabeleceu uma relação direta entre o selecionado e o “povo brasileiro”, na qual a perspectiva racial, de cunho evolucionista, atravessou o texto e serviu para a construção de um quadro comparativo entre os brasileiros e os europeus, como destacou Guedes (1998, p. 28) nas seguintes categorias: “BRASILEIROS[:] Improvisação - denodo - impavidez - brio - físico - instintivo - natural - espontâneo[:] EUROPEUS[:] Raciocínio - mente - espírito - maturidade - autocontrole - cultura - experiência”. E, assim, o intelectual definiu a causa mais profunda da derrota brasileira em terras suíças: “a *tenuidade* de nossa formação, o *enverdecimento* que dá lugar à *predominância dos instintos primitivos*” (GUEDES, 1998, p. 26, grifos da autora).

Dois anos depois, em uma crônica para a *Manchete Esportiva*, Nelson Rodrigues recorreu à psicanálise para analisar as derrotas brasileiras nas Copas de 1950 e 1954. No texto intitulado “Freud no futebol”, ele argumentou que saímos derrotados nessas competições não por falta de “técnica, brilho, agilidade mental”, mas, sim, “por uma dessas tremedeiras obtusas, irracionais e gratuitas” (RODRIGUES, 1993, p. 29). Ao final, o escritor foi além e afirmou que “só um Freud explicaria a derrota do Brasil frente à Hungria, do Brasil frente ao Uruguai e, em suma, qualquer derrota do homem brasileiro no futebol ou fora dele.” (RODRIGUES, 1993, p. 30).

Retomando tais ideias, Nelson Rodrigues (1993, p. 61), às vésperas da Copa do Mundo de 1958, sediada na Suécia, elaborou o que denominou “complexo de vira-latas”: “Por ‘complexo de vira-latas’ entendo eu a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isso em todos os setores e, sobretudo, no futebol.”. Tomando como exemplo um amistoso entre Brasil e Inglaterra, jogado havia dois anos, no qual a Seleção saiu derrotada por 4 a 2, o escritor argumentou: “Em Wembley, por

¹⁸⁴ Cf. AGOSTINO, 2002, p. 150.

que perdemos? Porque, diante do quadro inglês, louro e sardento, a equipe brasileira ganiu de humildade. Jamais foi tão evidente e, eu diria mesmo, espetacular o nosso vira-latismo.” (RODRIGUES, 1993, p. 61). Ou seja, os futebolistas brasileiros teriam se portado humildemente em vista da nossa composição racial e do passado colonial, aludindo para tanto à figura canina.

1.3.7 A Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1958, 1962 e 1970 e a mitificação da invenção

Levando em consideração essa “instabilidade emocional” discutida na época, a CBD, sob nova direção, presidida naquela altura por João Havelange, convidou o empresário Paulo Machado de Carvalho para organizar a preparação para a Copa do Mundo de 1958. Foi formada uma comissão técnica com profissionais de diversas áreas, entre eles as seguintes novidades: um dentista, um podólogo e um psicólogo. Este último, João Carvalhaes, gerou polêmica ao aplicar vários testes aos atletas, os quais serviriam para medir o “nível cultural, índices de tensão, reflexo e coordenação motora e níveis de impulsividade e agressividade”¹⁸⁵. De acordo com os resultados, ele não teria aconselhado o aproveitamento de Pelé e Garrincha.

A avaliação psicológica teria se somado aos dados de um suposto “relatório de Flávio Costa”, no qual, segundo Mario Filho (2003, p. 322), seria recomendada “a convocação só de jogador que, pelo menos, soubesse vestir-se e sentar-se a uma mesa.”. Isso se devia, principalmente, a um episódio em que o atleta negro Sabará teria ido ao salão de chá de um hotel em Londres vestindo apenas macacão e chinelos, o que teria assustado as senhoras inglesas ali presentes. “Daí a preocupação cebedense de um escrete, senão branco, o menos preto possível.”, escreveu o jornalista (FILHO, 2003, p. 322). Fato é que, por coincidência ou não, o único negro na Seleção na estreia da Copa do Mundo de 1958 foi Didi, cujo reserva (Moacir) também era negro¹⁸⁶. Tudo parecia válido na tentativa de superar o “complexo atávico”, ou seja, a crença na inferioridade do tipo brasileiro devido a sua mistura racial¹⁸⁷.

¹⁸⁵ Cf. CASTRO, 2009, p. 164.

¹⁸⁶ Embora Mario Filho (2003, p. 323) possa ter carregado na tinta para seguir coerente em sua narrativa, é significativo o trecho respectivo: “Onde se podia escolher entre um branco e um preto ficava-se, inicialmente, com o branco. De Sordi em vez de Djalma Santos, Orlando em vez de Zózimo. No lugar de Garrincha, Joel, no de Pelé, Dida. E mesmo entre o caboclo, mas moreno escuro, Vavá e o louro Mazola, o louro Mazola.”.

¹⁸⁷ Cf. SANTOS, J. F., 2006, p. 22.

O plano de 96 artigos elaborado pela comissão técnica visava modernizar o futebol brasileiro, empregando-lhe “uma postura racional, disciplinada e profissional”¹⁸⁸. Esse discurso, evidentemente, não estava isolado dos acontecimentos gerais. Lembremos que Jucelino Kubitschek havia vencido as eleições presidenciais com a promessa de crescer, diversificar e descentralizar a economia brasileira, integrando todas as regiões. Nada mais emblemático do que a construção da nova capital federal, Brasília, no centro do país para se convencer a acreditar no célebre lema “cinquenta anos em cinco”.

Envolto por esse clima, a Seleção Brasileira viajou rumo à Suécia em busca do feito inédito. Estreou na Copa do Mundo de 1958 com uma vitória de 3 a 0 sobre a Áustria na fase de grupos, que foi seguida de um empate sem gols com a Inglaterra, resultado que obrigava o Brasil vencer a União Soviética, então campeã olímpica, para seguir na competição. Com a entrada de Garrincha e Pelé no time titular, a Seleção teria proporcionado “os maiores três minutos da história do futebol”¹⁸⁹ e triunfou por 2 a 0. Nas quartas de final passou pela retranca do País de Gales (1 a 0), na semi pela França (5 a 2), que tinha o melhor ataque da competição, e na final repetiu este placar contra a anfitriã Suécia. Ao desembarcarem no Brasil, os jogadores desfilaram sobre um veículo do corpo de bombeiros para uma multidão ao som da marchinha *A taça do mundo é nossa*, a qual sintetiza a invenção do estilo brasileiro de jogar futebol, sobretudo no verso “Ganhou a taça do mundo / sambando com a bola no pé”¹⁹⁰.

Com o título máximo do futebol, os cronistas enalteceram o feito, atentando para a reversão dos precedentes. Mario Filho (*Jornal dos Sports*, 30 jun. 1958 apud ANTUNES, 2004, p. 199-200), em seu texto intitulado “No peito, na raça e no football”, lembrou os acontecimentos das Copas de 1950 e 1954 para dizer que os nossos atletas “agora não tremeram” e “[m]ostraram até onde o brasileiro pode ir, pela dedicação, pelo entusiasmo, pelo amor à pátria, pelo vigor atlético, pela disciplina e pela técnica.”. Em uma correlação direta entre jogador e brasileiro, ou em outros termos entre seleção e povo, o jornalista reiterou: “Duvidava-se do futebol brasileiro, duvidando-se do Brasil. E vocês varreram essa dúvida, exaltaram o Brasil perante o mundo.”, sem deixar de tratar o estilo brasileiro como algo exótico e até cômico: “Não somos apenas brilhantes, não somos apenas malabaristas, não

¹⁸⁸ Cf. SILVA, A. P., 2008, p. 128.

¹⁸⁹ Cf. CASTRO, 2009, p. 164. Na página da FIFA, há uma matéria sobre essa partida com um título sugestivo, lembrando o *slogan* político de Jucelino Kubitschek: “*Fifty years in five minutes*”, ou em português “Cinquenta anos em cinco minutos”. Cf. FIFTY..., s/d.

¹⁹⁰ Os compositores da música são Victor Dagô, Lauro Müller, Wagner Maugeri e Maugeri Sobrinho.

somos apenas artistas de circo: somos campeões do mundo.” (*Jornal dos Sports*, 30 jun. 1958 apud ANTUNES, 2004, p. 200). De *vaidosos, imaturos, covardes, humildes*, em suma *viralatas* – termos da época –, Nelson Rodrigues (1993, p. 73) criou uma nova imagem do brasileiro, a partir da qual, dada a euforia da conquista, se podia até escarnecer o destino traçado até então: “diziam de nós que éramos a flor de três raças tristes. A partir do título mundial, começamos a achar que a nossa tristeza é uma piada fracassada.”.

Pelé e Garrincha saíram do mundial como ídolos nacionais e, mais do que isso, eram motivo de orgulho e ufanía em busca do bicampeonato, em 1962, no Chile. O otimismo generalizado foi comprovado dentro de campo com técnica apurada, dribles, malandragem, gols e o título diante da Tchecoslováquia (3 a 1) na partida final¹⁹¹. De acordo com Antunes (2004, p. 231), a partida final “teria significado, aos olhos de Nelson [Rodrigues], uma batalha simbólica entre róseos europeus e brasileiros feios e tortos, estes últimos representados de forma notável por Mané Garrincha.”. A autora citada não foi a única a estabelecer uma comparação entre o “Anjo de Pernas Tortas” e Macunaíma, o “herói da nossa gente”, de Mário de Andrade. Entre outras características, sobretudo físicas, aquelas ligadas à prática do jogo merecem menção: astúcia, agilidade, molecagem, habilidade e imprevisibilidade¹⁹². Para Nelson Rodrigues (apud ANTUNES, 2004, p. 105), a Copa do Mundo de 1962 era a da reafirmação moral, para si e para os outros: “Esse time de negros ornamentais, folclóricos, divinos deslumbrou o mundo.”. Seu otimismo e alegria eram tamanhos que chegou a escrever naqueles tempos de guerra fria: “Eis a verdade: — a Rússia e os Estados Unidos começaram a ser o passado. Foi a vitória do escrete e mais: — foi a vitória do homem brasileiro, ele sim, o maior homem do mundo. Hoje o Brasil tem a potencialidade criadora de uma nação de napoleões.” (apud ANTUNES, 2004, p. 106).

Em 1964, quando Mario Filho redige em versão ampliada e definitiva *O negro no futebol brasileiro*, dois anos antes de sua morte, a Seleção Brasileira era, portanto, bicampeã mundial. Ao final de seu livro, como se sabe, exaltou Garrincha e Pelé como os dois ídolos

¹⁹¹ A malandragem brasileira concretizou-se, indubitavelmente, na ação de Nilton Santos no jogo contra os espanhóis, quando transformou um pênalti em uma falta fora dos limites da área ao dar um passo à frente e levantar os braços, enganando o árbitro. Naquele momento, a Seleção Brasileira estava perdendo por 1 a 0, e um segundo gol complicaria a sua situação na partida. Aos olhos do próprio jogador, foi “[a]í que começamos a ganhar o bi.” (SANTOS, N., 2000, p. 92).

¹⁹² Outras características podem ser encontradas em Bellos (2003, p. 87-108) e em Wisnik (2008, p. 275-293).

nacionais¹⁹³. Apesar de Garrincha ter comandado o time na conquista de 1962, Pelé, para o jornalista, era o “Rei” – cujo apelido já vinha desde 1958 – por *cumprir* com a *missão* “de exaltar a cor”, *completando* “a obra de Princesa Isabel” e *permitindo* “que os pretos, brasileiros e de todo o mundo, pudessem livremente ser pretos” (FILHO, 2003, p. 341-343, grifos do autor). Se Mario Filho construiu esse discurso com o bicampeonato, o que ele teria dito se tivesse visto o tri na Copa de 1970?

Pois Gordon Júnior (1995, p. 76, grifo do autor) viu e analisou o tricampeonato mundial em 1970 enquanto o “coroamento do processo descrito por Mário como *a revanche do preto*”, centralizado no “maior ídolo do esporte de todos os tempos – Pelé”, visão esta compartilhada por Vogel (1982). Entendendo o futebol como “um instrumento democratizador das relações entre raças no Brasil”, o sociólogo considerou:

Tampouco foi uniforme esse processo. Durante um século, desde sua introdução aqui, o futebol funcionou ora como elemento integrador (louvando as características supostamente negras e mestiças do nosso futebol, como “ginga”, “malícia”, “arte”), ora como diferenciador (ressaltando as velhas idéias de inferioridade negra, incapacidade mulata). Conquistas e derrotas brasileiras em nível mundial marcavam os avanços e recuos do processo. As derrotas servindo para acentuar preconceitos e ratificar estereótipos (quando negros e mulatos – e, em momentos mais extremos, a própria nação, por ser considerada “híbrida” ou “mestiça” – eram diretamente responsabilizados pelo insucesso esportivo do país). As vitórias, entretanto, servindo como instrumentos de democratização e de maior aceitação da participação dos negros e mestiços na vida social e econômica. (GORDON JÚNIOR, 1995, p. 73).

1.3.8 A linha tênue entre a constatação da quantidade e da qualidade de negros no esporte e a aceitação de um sedutor discurso biologizante

A Seleção Brasileira, de fato, foi o primeiro time inteiramente multirracial (ver Figura 8) a vencer uma Copa do Mundo, em 1958, e o primeiro a conquistar o tricampeonato e a posse definitiva da taça Jules Rimet, em 1970, consolidando o “futebol-arte” em contraposição ao “futebol-força”¹⁹⁴. É possível dizer que as aparições vitoriosas do Brasil em Copas do Mundo ajudaram a inventar uma tradição: o estilo brasileiro de jogar futebol, para o qual a contribuição cultural dos negros tem uma importância significativa. Esses feitos cumprem uma função social e permitem a construção de uma imagem positivada dos negros.

¹⁹³ Na análise de Lopes (2004, p. 150), esses dois atletas negros somados a Didi “contribuíram para inverter desvantagens e estigmas corporais como a cor da pele, transformando-os em corporificações da excelência do futebol.”.

¹⁹⁴ Antes da Seleção Brasileira, o Uruguai também teve negros campeões mundiais: José Leandro Andrade, em 1930, Rodríguez Andrade, seu sobrinho, e Obdulio Varela, em 1950. No entanto, não com a mesma quantidade como o Brasil em 1958. Cf. BELLOS, 2003, p. 92; LOPES, 2004, p. 149.

Contudo, possibilitam também a aceitação de um fácil e sedutor discurso biologizante, no qual se acredita que os negros manifestem uma “prontidão”¹⁹⁵ para a prática futebolística dada a sua quantidade e qualidade em abundância. A linha entre aquela constatação e esta crença é tênue, o que nos exige reflexão.

Figura 8 – Seleção Brasileira de 1958, o primeiro time inteiramente multirracial a vencer uma Copa do Mundo. Fonte: brazilofallworldcups.com.

Por discurso biologizante, entendo essencializações na ordem do discurso que buscam explicar o sucesso esportivo exclusiva ou principalmente por variáveis biológicas ou, em termos diretos, raciais. Esse tipo de argumentação, comum de ser ouvida em períodos de Copa do Mundo e Jogos Olímpicos, desconsidera a influência de outros fatores na *performance* esportiva dos atletas, tais como: classe social, nacionalidade, tradição esportiva, *status* de cada modalidade, afinidade identitária, exigência instrumental, condição material de preparação, apoio técnico, construção imagética do negro, supervalorização midiática e social de determinados esportes, entre outras. Esse conjunto de elementos explica a incidência maior ou menor de negros e brancos em modalidades como, por exemplo, futebol, basquete, boxe e atletismo, de um lado, e natação, ginástica, hipismo, vela, tênis, golf, esportes de inverno e motorizados, de outro. Há algo subentendido nas entrelinhas desse tipo de discurso, porém, que é ainda mais grave. O não dito de uma afirmação que trata os negros como predestinados ou vocacionados por natureza para atividades basicamente corporais, como nos campos

¹⁹⁵ Cf. WISNIK, 2008, p. 227.

esportivo e artístico, é a ideia subliminar de que eles não o são para atividades que demandem habilidades intelectuais, como nos campos político, econômico e acadêmico. Nas palavras de Damo (2010, p. 166): “Trata-se de um racismo difuso, mas muito presente dentro e fora do campo esportivo.”¹⁹⁶.

1.3.9 O influxo do movimento migratório de futebolistas brasileiros e o “*El Dorado*” colombiano

Aquele fluxo migratório de jogadores brasileiros para a Europa que se iniciou na passagem da década de 1920 para 1930 diminuiu na metade do decênio em virtude de fatores internos e externos, sendo interrompido com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Concomitantemente, como dissemos, os mercados argentino e uruguaio atraíram os nossos atletas numa época em que os clubes nacionais estavam se adaptando à profissionalização do futebol. A regulamentação propiciou a integração de forma consistente dos negros na cena futebolística, o que não significa evidentemente ausência de racismo¹⁹⁷. A profissionalização deu-se no mesmo período em que tal esporte foi forjado como uma das identidades nacionais e encampado pelo Estado, tal como o samba¹⁹⁸. Nesse processo de massificação, teve peso importante a formação de uma imprensa especializada em esportes e o surgimento do rádio¹⁹⁹. Tudo isso fez com que o futebol se transformasse em espetáculo, o que atraía e ao mesmo tempo gerava muito dinheiro. Os clubes, por sua vez, passaram a pagar quantias cada vez maiores aos protagonistas do jogo, sem dúvida influenciados pelo profissionalismo já estabelecido pelos países vizinhos e também europeus²⁰⁰. Novamente, contextos dentro e fora, nesta vez no Brasil, levaram a um influxo do movimento migratório dos nossos futebolistas.

No pós-Guerra, na virada dos anos 1940 para 1950, o futebol colombiano também se profissionalizou. Apoiado pelo governo local, que queria aliviar a violência política e a tensão social através da invenção de uma identidade nacional, ocorreu o primeiro campeonato de futebol profissional em 1948²⁰¹. Cabe lembrar que entre 1945 e 1955 a Colômbia viveu um período de crescimento econômico, demográfico, urbanização e modernização, que permitiu

¹⁹⁶ Outros autores que debatem esse assunto são: M. A. Souza (1996), Tonini (2015) e Vieira (2003).

¹⁹⁷ Cf. LOPES, 2004.

¹⁹⁸ Cf. ORTIZ, 1985; SOUZA, D. A., 2008; VIANNA, 1989.

¹⁹⁹ Cf. LOPES, 1994.

²⁰⁰ Cf. SANTOS, J. M. C. M., 2010.

²⁰¹ Cf. GOMES, E. S., 2012, p. 17; RACINES, 2011, p. 123.

também o desenvolvimento no futebol do país²⁰². Devido às disputas políticas no interior da Adefútbol, a Dimayor, que organizava o futebol profissional no país, foi considerada ilegal um ano depois²⁰³. Como a Adefútbol era filiada à FIFA, a Dimayor converteu-se automaticamente em uma “liga pirata”²⁰⁴. Apesar de perder a legitimidade, essa entidade manteve uma grande influência em diferentes âmbitos da sociedade colombiana, mobilizando empresários dispostos a transformar o futebol em um grande negócio lucrativo por meio de sua massificação²⁰⁵.

Em 1949, a chegada de Adolfo Pedernera – um dos grandes jogadores argentinos da década de 1940, de *La Máquina* do River Plate, e um dos líderes da greve dos jogadores argentinos naquele momento – ao Millonarios marcou o início do “El Dorado”, período de ouro do futebol colombiano, quando foram contratados futebolistas dos países mais importantes da América Latina (Argentina, Uruguai, Brasil, Paraguai, Peru, Costa Rica) e até da Europa (Inglaterra, Hungria, Lituânia)²⁰⁶. A institucionalização aberta da “*piratería futbolística*” só foi possível porque os clubes colombianos não pagavam pelo passe dos atletas aos seus antigos clubes, negociavam diretamente com eles e os convenciam oferecendo salários elevados e uma porcentagem do próprio passe em vendas futuras²⁰⁷.

Sentindo-se lesadas, as agremiações de distintos países recorreram à Conmebol para pressionar a FIFA, de modo a serem ressarcidos. Em outubro de 1951, em uma reunião da Conmebol, realizada em Lima, a Dimayor acordou tanto com a Confederação quanto com a Adefútbol em adequar as suas atividades e as ações dos clubes filiados dentro das normas da FIFA. No “Pacto de Lima”, como ficou conhecido, acordou-se que os jogadores contratados ilegalmente regressariam até 1954 aos antigos clubes, os quais seriam indenizados²⁰⁸. A partir do ano seguinte, começou um processo de normalização do futebol profissional colombiano, o que levou a uma queda significativa das grandes contratações internacionais²⁰⁹. Pelo contrário, os craques pouco a pouco foram deixando o país. Talvez a transferência de Alfredo

²⁰² Cf. RACINES, 2011, p. 114.

²⁰³ Cf. GOMES, E. S., 2012, p. 9; RACINES, 2011, p. 113.

²⁰⁴ Cf. RACINES, 2011, p. 117.

²⁰⁵ Cf. GOMES, E. S., 2012, p. 6.

²⁰⁶ Cf. RACINES, 2011, p. 114.

²⁰⁷ O câmbio favorável viabilizou grandes negócios naquele período. O dólar estava cotado 1,95 pesos colombianos. Cf. COELHO, 2009, p. 71; RACINES, 2011, p. 120.

²⁰⁸ Cf. GOMES, E. S., 2012, p. 16. De acordo com o jornalista PVC (COELHO, 2009, p. 72), os bastidores políticos do pacto envolviam um cargo na direção da FIFA a Alfonso Senior, que era presidente do Millonarios e da Dimayor. Na negociação com a entidade máxima do futebol, ele teria, inclusive, assegurado o direito de vender o passe de seus jogadores sem ter de ressarcir os clubes anteriores. Em contrapartida, teria de legalizar a liga profissional na Colômbia.

²⁰⁹ Cf. RACINES, p. 127.

Di Stéfano, do Millonarios ao Real Madri, em fevereiro de 1953 seja um marco simbólico do fim do “El Dorado”, que terminaria de fato no ano seguinte²¹⁰.

Ao longo desse período de 1949 a 1954, os argentinos foram quem mais se deslocaram para atuar na Dimayor em virtude principalmente do interesse dos empresários e presidentes de clubes colombianos dada a sua supremacia na América do Sul durante toda a década de 1940, o que foi facilitado pela greve dos jogadores argentinos no final do ano de 1948²¹¹. Esse êxodo é apontado como um dos fatores determinantes que fez com que a seleção argentina não participasse da Copa do Mundo disputada no Brasil. A presença dos futebolistas uruguaios na liga colombiana também foi significativa, incluindo dois campeões pela seleção em 1950 (Gambetta e Tejera). Os brasileiros, por sua vez, não se transferiram em grande quantidade. Segundo E. S. Gomes (2012, p. 12), o motivo central era a vontade dos atletas de disputar a Copa do Mundo em casa, cujas chances se reduziriam caso migrassem à Colômbia. Heleno de Freitas, que tinha problemas de relacionamento com o técnico da Seleção Brasileira, Flávio Costa, sabia que não seria convocado e foi o maior craque brasileiro a se dirigir ao futebol colombiano²¹². Outros jogadores foram Berascochéa, Tim e Marinho Rodrigues, zagueiro do Botafogo e pai adotivo de Paulo César Lima (Caju).

1.3.10 A migração de futebolistas brasileiros negros e uma escandalosa história de amor na Itália dos anos 1960

Enquanto isso na Europa, algumas federações de futebol alteravam os regulamentos relativos aos jogadores vindos de fora para tratar justamente da ida dos sul-americanos. Em 1947, a FIGC permitiu aos clubes italianos recrutar cinco atletas de associações estrangeiras, três dos quais cidadãos estrangeiros²¹³. Dois anos depois, uma pequena mudança fazia com que apenas três jogadores de fora fossem consentidos a cada clube, incluindo aí os *oriundi*. Cabe esclarecer que este termo não é sinônimo de *rimpatriati*. *Oriundi* significa “originalmente de” e diz respeito àqueles jogadores sul-americanos de ascendência italiana

²¹⁰ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 91.

²¹¹ A greve foi articulada pelo sindicato *Futbolistas Argentinos Agremiados* (FAA), fundado em 1944, que reivindicava salários mínimos para jogadores profissionais da primeira e segunda divisões, além de um seguro de previsão social, um percentual da renda dos jogos e o cumprimento dos contratos assinados. Quem mais sofria eram os jogadores de clubes pequenos. O governo de Juan Domingo Perón posicionou-se contra a greve. Os clubes retomaram o campeonato paralisado com jogadores juvenis. E muitos jogadores profissionais migraram para o futebol colombiano. Ao final, todos perderam. Cf. COELHO, 2009, p. 70; GOMES, E. S., 2012, p. 10.

²¹² Cf. NEVES, 2012, p.131 e 216.

²¹³ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 90.

habilitados a reintegrar a sua nacionalidade de “origem”²¹⁴. Isso quer dizer que para a federação havia efetivamente três categorias distintas de jogadores: nacionais, *oriundi* e estrangeiros. Em 1954, durante a ditadura do general Francisco Franco, foi feita uma emenda constitucional que tornava possível acordos de dupla cidadania com países sul-americanos. Como resultado, o número de descendentes espanhóis aumentou no campeonato nacional. Novamente, a transferência e a dupla cidadania concedida a Di Stéfano são exemplares, uma vez que o jogador tinha avós nascidos em diferentes países (Itália, Argentina, França e Inglaterra), curiosamente nenhum na Espanha²¹⁵. Ainda assim, ele defendeu as cores desta seleção nacional entre 1957 e 1962, inclusive na Copa do Mundo do Chile. Depois da criação de alguns torneios regionais europeus de sucesso, tais como a *Mitropa Cup*, a *Coupe des Nations* e a *Latin Cup*, era o momento de estabelecer uma competição continental entre os clubes campeões nacionais, alguns deles contando com a presença de jogadores internacionais. E, assim, foi criada e disputada a primeira *European Champion Club's Cup* (futuramente *UEFA Champions League*) na temporada 1955-1956, vencida pelo Real Madri. Aliás, este clube, que contava com duas estrelas argentinas naturalizadas (Di Stéfano e Hector Rial), dominou o cenário europeu nos cinco primeiros anos.

Se entre os anos de 1925 e 1945 o futebol italiano contratara 29 jogadores do Brasil, dos quais 22 ficaram concentrados em apenas três clubes (Lazio, Torino e Napoli)²¹⁶, no período entre 1946 e 1966 transferiram-se para a Itália 31 futebolistas do Brasil distribuídos em 19 clubes diferentes (ver respectivamente Tabelas 3 e 4)²¹⁷. É, pois, uma mudança considerável. Nota-se que quase dois terços das transferências (19 de 31) ocorreram exatamente depois do primeiro título mundial da Seleção Brasileira, em 1958, sendo que o ano com maior saídas de atletas coincidiu com o do bicampeonato, em 1962 (ver Tabela 3). Na comparação com aquele primeiro fluxo, houve neste segundo um número maior de clubes brasileiros cedendo jogadores, bem como uma distribuição mais equilibrada entre eles (ver Tabela 4). Fato semelhante ocorreu com os clubes italianos ao relacionarmos os dois intervalos de tempo. A Juventus, clube que mais contratou neste período, realizou quatro negociações, um terço apenas do que a Lazio fizera anteriormente.

²¹⁴ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 91.

²¹⁵ Ibid., p. 91.

²¹⁶ Por mais que a soma das contratações dos três clubes no referido período resulte em 21 jogadores (ver Tabela 2), considere também Paulo Innocenti, que após um ano no Virtus Bologna, atuou em seguida no Napoli por onze temporadas.

²¹⁷ Cf. CBF [200-a]. Lanfranchi e Taylor (2001, p. 92) afirmam que os clubes italianos recrutaram 35 futebolistas brasileiros no período entre 1949 e 1964.

Tabela 3 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1946-1966)*

Ano	Saídas	Ano	Saídas
1946	-	1957	2
1947	2	1958	1
1948	-	1959	-
1949	-	1960	3
1950	-	1961	3
1951	-	1962	8
1952	-	1963	2
1953	-	1964	1
1954	-	1965	-
1955	7	1966	1
1956	1		
Total			31

Nota: *Em 1966, a FIGC proibiu a contratação de novos futebolistas estrangeiros.

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

A partir das conquistas brasileiras em Copas do Mundo com um time multirracial, a migração que antes era apenas de atletas brancos passou também a ser de negros, “como um resultado do fenômeno Pelé”, nas palavras de Lanfranchi e Taylor (2001, p. 92)²¹⁸. Já que os clubes italianos não conseguiram contratar o jovem atacante de Três Corações, investiram em outras grandes promessas do futebol brasileiro: Germano (Milan, 1962), Jair da Costa (Inter de Milão, 1962), Cané (Napoli, 1962), Nenê (Juventus, 1963) e Amarildo (Milan, 1963). Todos negros e dianteiros, uma posição que se transformou em sinônimo do “estilo brasileiro”²¹⁹. À exceção de Germano, os outros quatro tiveram longa carreira na Itália. O irmão mais velho de Fio Maravilha transferiu-se do Flamengo para o Milan no verão de 1962. Recomendado pelos dois jogadores brasileiros no elenco *rossonero*, Mazzola (Altafini, para os italianos) e Dino Sani, Germano foi contratado por ser um atacante promissor, terceira opção para a ponta-esquerda da Seleção Brasileira, atrás de Zagallo e Pepe²²⁰. Apesar de marcar gols nas estreias do Milan na *European Cup* e na Serie A, ele foi afastado do plantel após cinco jogos e cedido ao Genova. O motivo: o romance com a “*contessina*” Giovanna

²¹⁸ O primeiro negro que se tem registro que jogou no campeonato italiano foi o uruguaio Roberto Luis La Paz, meio-campista que atuou no Frattese e no Napoli entre 1946 e 1949 e depois no futebol francês entre 1949 e 1953.

²¹⁹ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 92.

²²⁰ Juntamente com ele, chegaram à Itália Jair da Costa, para atuar na Inter de Milão, e Cané, no Napoli. O trio, segundo Madureira (2014), era chamado de “pérolas negras” da Série A (nome do campeonato italiano).

Agusta, filha do conhecido empresário Domenico Agusta, herdeiro milionário da fábrica aeronáutica e fundador da fábrica de motocicletas que levam o nome da família²²¹.

Tabela 4 – Clubes de origem e destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1946-1966)*

Clube brasileiro	Saídas	Clube italiano	Entradas
Botafogo	7	Juventus	4
Palmeiras	5	Milan	3
Portuguesa	3	Spal Ferrara	3
Santos	3	Fiorentina	2
Clube não informado	2	Genoa	2
Corinthians	2	Lazio	2
Flamengo	2	Mantova	2
Comercial/SP	1	Napoli	2
Guarani	1	Ascoli	1
Jabaquara	1	Catania	1
Juventus	1	Cuneo	1
Linense	1	Inter de Milão	1
Olaria	1	Lecco	1
Santa Cruz	1	Modena	1
		Roma	1
		Sampdoria	1
		Venezia	1
		Verona	1
		Vicenza	1
Total	31		31

Nota: *Dados referentes às transferências de futebolistas que partiram do Brasil rumo à Itália. São desconsiderados, portanto, jogadores brasileiros que saíram de outros países, sendo eles: Almir (ARG), Dino Sani (ARG), Faustinho (FRA), Fernando (POR) e Yeso Amalfi (FRA).

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

O casal se conheceu nas imediações de um campo de treinamento em Cascina Costa (antes de Milanello), onde havia uma escola de equitação frequentada pela alta sociedade italiana. Ambos se apaixonaram e iniciaram um relacionamento amoroso. Nas palavras de Madureira (2014): “O caso amoroso cai no domínio público e torna-se tema de conversa nos círculos sociais da cidade, com todas as implicações raciais e de conflitos de classes que se pode imaginar.”. Contrário ao namoro, Domenico Agusta influenciou os dirigentes do Milan a emprestar o jogador para um clube de outra cidade, afastando-o da filha²²². A estratégia, no

²²¹ Cf. MADUREIRA, 2014; LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 92.

²²² Um membro da família era, inclusive, diretor do clube italiano na época. Cf. SANDERS, 1967, p. 20.

entanto, não surtiu efeito, e eles mantiveram o romance mesmo a contragosto e à distância, por meio de cartas e telefonemas²²³. Após uma temporada no Brasil (1965-1966), Germano retornou à Europa para atuar no Standard de Liège, em cuja cidade belga se casaria com Giovanna em 1967, então com mais de 21 anos, independente e grávida do brasileiro. À essa altura, o relacionamento visto como um “escândalo” era noticiado pela imprensa de vários países (Itália, Brasil, França, Bélgica e Estados Unidos). Antes do casamento, em uma entrevista publicada pela revista norte-americana *Jet* (ver Figura 9) – que é voltada para o público afro-americano –, na qual aliás a condessa desafia a própria família e arrisca a sua fortuna – conforme noticia a capa –, o futebolista brasileiro confessa tristemente ao repórter negro:

Todo o problema – ele é por causa disto. Da pele. Você sabe porque você vem dos EUA. Você sabe o que eles pensam sobre a nossa cor. De volta para casa no Brasil, ninguém se importaria com o casamento. Raça, cor, elas não são importantes no Brasil. Mas em outros lugares... bem, você sabe. (SANDERS, 1967, p. 26, tradução minha).

Nessa entrevista, Germano demonstra ter consciência de que o problema vivido pelo casal seja fruto do preconceito racial que a família da jovem tem pelo fato de ele ser negro. O jogador se sente solidarizado com o repórter em virtude de ele ser afro-americano, dando a entender que nos Estados Unidos também existe tensão racial em razão de um casamento interétnico. O difícil momento emocional e profissional vivido pelo futebolista brasileiro, uma vez que a sua carreira sofreu consequências diretas pelo seu envolvimento com a condessa, fez com que elaborasse uma visão positivada das relações raciais no Brasil, onde “ninguém se importaria com o casamento” entre um negro de origem pobre e uma branca de família tradicional e rica. No entanto, quase uma década antes dessa entrevista, Ianni (2004, p. 71)

Figura 9 – Capa de revista norte-americana sobre a história de amor entre o futebolista brasileiro negro Germano e a condessa italiana Giovanna Agusta, vista como um “escândalo” nos anos 1960. Fonte: *JET*, 23 mar. 1967.

²²³ Cf. SANDERS, 1967, p. 20.

havia publicado um estudo em que argumenta que o ideal do brasileiro branco no comportamento interétnico é a “não ‘contaminação’”. Em suas palavras: “Quando um branco se encontra diante da alternativa de casar-se ou não com um negro ou mulato, o que conta fundamentalmente é a cor. Esse é o critério decisivo no seu julgamento.” (IANNI, 2004, p. 71). Não cabe aqui desconstruir o ponto de vista ou, muito menos, desconsiderar a vivência de Germano através de estudos acadêmicos contemporâneos ou atuais, mas sim observar que o relacionamento amoroso interétnico indesejado pela família de sua amante influenciou diretamente tanto a sua experiência enquanto futebolista brasileiro negro no exterior quanto a avaliação das relações raciais no Brasil.

Ao final daquela entrevista, Germano disse não se importar com a reprovação familiar da moça pelo fato de ser negro. Assegurou também que não queria nem precisava do dinheiro dos familiares dela²²⁴. Um ano após se casarem, ele abandonou os gramados. Dois anos mais tarde, em 1970, o casal se divorciou. Madureira (2014) afirma que o ex-sogro do brasileiro, “aliviado pelo fim da história”, comprou a ele “uma propriedade na cidade natal, Conselheiro Pena, Minas Gerais”, onde o ex-jogador teria vivido até falecer em 1997. Interessante notar que a própria filha do casal, Giovanna Agusta, homônimo da mãe, comenta laconicamente em italiano ao final da matéria publicada pelo jornalista português: “Uma história de esporte e amor, e também de mentiras da imprensa.” (tradução minha).

1.3.11 A experiência de Didi e o fim da dupla ou multinacionalidade esportiva

O futebol sul-americano era visto pelos europeus como fornecedor de atacantes talentosos, tendo os brasileiros um prestígio significativo pelas conquistas nas últimas Copas do Mundo. Além da Itália, os futebolistas brasileiros também se deslocaram para clubes da França, Portugal e Espanha. Para este último país rumou Didi no verão de 1959 para atuar no então tetracampeão europeu, o Real Madri, formando o “maior e mais caro time do mundo”, conforme gostava de proclamar o presidente do clube, Santiago Bernabéu²²⁵. Naquela equipe liderada por Di Stéfano e Puskas (ver Figura 10), o brasileiro, eleito o “Maior da Copa” de 1958 e aclamado como “*Mr. Football*”, chegou para tornar o time ainda mais estelar e

²²⁴ Cf. SANDERS, 1967, p. 26.

²²⁵ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 110.

imbatível, completando o ataque ao lado do espanhol Gento e do também brasileiro Canário, recém contratado do América/RJ²²⁶.

Figura 10 – Didi, o “Príncipe Etíope”, com Di Stéfano, “La Saeta Rubia”, e Puskas, o “Cañocito Pum”, no então Novo Estádio Chamartín, 1959. Fonte: Twitter oficial do Real Madrid C. F., 8 out. 2015.

No primeiro torneio disputado, Didi destacou-se com grandes atuações e gols, levando o Real Madri ao bicampeonato do Troféu Ramón de Carranza. O “assédio” da imprensa espanhola e de uma “multidão de fãs” teriam deixado Di Stéfano “enciumado ao extremo”²²⁷. Dono de uma personalidade forte, o argentino naturalizado espanhol teria comandado uma “campanha sórdida, orquestrada contra Didi”, afirmava categoricamente Guiomar, esposa do futebolista brasileiro. Aliás, as críticas expostas ao jornal carioca *Última Hora*, tanto em relação ao Real Madri quanto à ditadura franquista vivida na Espanha, prejudicaram ainda mais a situação do marido dentro do clube²²⁸. Di Stéfano e outros jogadores do elenco censuraram-na publicamente²²⁹. Ela rebateu dizendo que “Don Alfredo manipulava como

²²⁶ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 23, 34.

²²⁷ Ibid., p. 109, 110, 188.

²²⁸ Ibid., p. 114.

²²⁹ Cf. Placar, ago. 2000, p. 28; Placar, abr. 2001, p. 14; LEITE, 2013.

queria a imprensa *pró-Real*²³⁰. Se os jornalistas madridistas precisavam de um motivo para criticar Didi, Guiomar forneceu-lhes subsídios. O clima que já não era bom, ficou insustentável para o brasileiro. O próprio presidente do clube deu-lhe uma dura e não tardou a para afastá-lo e negociá-lo antes mesmo de a temporada terminar, demitindo juntamente o técnico paraguaio Fleitas Solich, que avalizara a contratação do meia brasileiro²³¹.

Ao longo do tempo, surgiram outros fatores, além do ciúme causado pelo cartaz de Didi, para o mal relacionamento entre ele e Di Stéfano. Alegou-se que o brasileiro teria sofrido racismo²³². É nesse sentido que Lopes (2004, p. 159, grifos meus) escreve que ele não conseguiu se adaptar a ponto de “superar a sabotagem explícita efetuada contra ele pelo jogador Di Stéfano e outras *menos explícitas*.”²³³. Fato é que Didi foi o primeiro negro a atuar com a famosa camisa branca do Real Madri. “*La Saeta Rubia*” – “A Flecha Loira”, apelido do argentino – sempre negou o boato de que não tocava a bola para o “Príncipe Etíope” – alcunha dada ao brasileiro por Nelson Rodrigues. Dizia que, como atacante, ele tinha de receber bolas, não passá-las ao meio-campista²³⁴. Daí a versão dita por alguns jogadores daquele time, entre eles o compatriota Canário, de que o estilo de jogo cadenciado de Didi não combinava com a velocidade do conjunto madrilenho e do futebol espanhol²³⁵. Outras causas mencionadas para o problema vivido pelo brasileiro no Real Madri foram: o frio europeu²³⁶, a perseguição da imprensa espanhola²³⁷, a aversão da torcida merengue, a falta de amizade com os patrícios, saudades melancólicas do Brasil²³⁸ e até mesmo a boa comida europeia²³⁹. A conquista do campeonato espanhol pelo Barcelona naquela temporada também influenciou. No entanto, ao contrário do que disse o biógrafo de Didi, o Real Madri liderou por quase o certame todo (em 21 das 30 rodadas), perdendo a liderança a quatro rodadas do fim²⁴⁰. Ainda assim, terminou com a mesma pontuação, sendo definido pelo saldo de gols favorável ao time azul-grená.

²³⁰ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 116.

²³¹ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 116; COELHO, 2009, p. 78.

²³² Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 92.

²³³ Lopes (2004, p. 159) ainda argumenta que Didi repete a história de futebolistas negros anteriores, citando Fausto, Domingos e Leônidas, todos “condenados ao sucesso no próprio país”.

²³⁴ Cf. Placar, ago. 2000, p. 28.

²³⁵ Cf. Folha de S.Paulo, 9 ago. 1960, p. 8; Placar, abr. 2001, p. 14; RIBEIRO, 2014, p. 113, 119.

²³⁶ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 106, 113.

²³⁷ Cf. Folha de S.Paulo, 25 fev. 1960, p. 14.

²³⁸ Cf. Folha de S.Paulo, 9 ago. 1960, p. 8. A versão de que Didi não se relacionava bem com o elenco do Real Madri é contestável, uma vez que ele fez amizade pelo menos com Puskas, Santamaría, Domínguez, Gento e, claro, com Canário. Aparentemente, o problema foi pessoal apenas com Di Stéfano. Cf. RIBEIRO, 2014, p. 118.

²³⁹ Cf. COIMBRA, 2012.

²⁴⁰ Cf. RIBEIRO, 2014, p. 112.

No início da década de 1930, atuaram no futebol espanhol apenas três brasileiros: Jaguaré, Fausto e Fernando Giudicelli, este último por apenas uma partida pelo Real Madri²⁴¹. Um quarto de século depois, mais especificamente entre o período de 1957 a 1962, transferiram-se para a Espanha 19 futebolistas brasileiros²⁴². Neste último ano, as fronteiras tanto da Espanha quanto da França foram fechadas, e em 1966 foi a vez da Itália impedir a contratação de futebolistas estrangeiros, excetuando os *oriundi*²⁴³. A presença desses atletas foi vista como responsável pelos maus resultados das respectivas seleções nacionais nas Copas do Mundo de 1962 e 1966. Embora tenha diminuído bruscamente a ida desses profissionais, a medida não impediu totalmente. O que se viu foi uma busca pela documentação que comprovasse a ascendência espanhola, francesa ou italiana, a ponto de o treinador da Inter de Milão, Helenio Herrera, declarar que o futebolista brasileiro negro Jair da Costa, contratado em 1962, “seria ‘oriundo’ pois a avó do jogador, Maria Crivellari, era italiana.”²⁴⁴.

Preocupada com a regra do *oriundi*, a FIFA, em 1964, estipulou uma decisão importante para prevenir que futebolistas representassem mais de uma seleção nacional, o que, no entender de Lanfranchi e Taylor (2001, p. 97, tradução minha), “foi um fator crucial na reavaliação das políticas de importação”. Jogadores que obtiveram a dupla cidadania ou que tinham mudado de nacionalidade não poderiam, assim, atuar pela segunda nação. Era uma clara reação à atitude das seleções italiana e espanhola que naturalizaram notáveis atletas que já tinham representado os países onde nasceram em competições oficiais, tais como o brasileiro Mazzola, o argentino Di Stéfano (que também defendera a seleção colombiana) e o húngaro Puskas. A partir disso, a regra do *oriundi* sofreu mudanças. Para conseguir tal *status* na Espanha, o jogador importado precisaria ter pais espanhóis e não ter defendido as cores da seleção nacional do país de nascimento; e na França ter uma óbvia ascendência francesa, de modo a facilitar a obtenção do passaporte nacional. Assim, demoraria em torno de uma década para que futebolistas brasileiros negros deixassem o país rumo à Europa novamente.

²⁴¹ Cf. COELHO, 2009, p. 76.

²⁴² Ibid., 167-168. Na temporada 1947-1948, houve uma transferência isolada, a de Lúcio da Silva para o Barcelona.

²⁴³ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 96.

²⁴⁴ Cf. Folha de S.Paulo, 7 ago. 1962, p. 10.

1.3.12 Os Jogos Olímpicos de 1968 e a revolta dos atletas afro-americanos

Justamente nesse intervalo de tempo, um gesto nos Jogos Olímpicos de 1968, disputados na Cidade do México, marcaria para sempre a história do esporte. Tommie Smith e John Carlos, dois afro-americanos, conquistaram respectivamente as medalhas de ouro e bronze na prova de 200 metros rasos. Durante a cerimônia de premiação, no alto do pódio, enquanto o hino dos Estados Unidos estava sendo tocado, eles fizeram um protesto silencioso, repleto de simbologia (ver Figura 11): a saudação *Black Power*, com a cabeça baixa e o punho cerrado e enluvado de preto, sendo que Smith ergueu o braço direito representando a força dentro da América negra e Carlos, o braço esquerdo formando um arco que significa a unidade negra; os pés sem calçados e com meias pretas para evidenciar a pobreza dos negros na sociedade norte-americana racista e desmistificar o progresso econômico negro através do esporte; o lenço preto usado por Smith como sinal do orgulho negro; o colar de adornos africanos usado por Carlos para prestar homenagem ao próprio patrimônio cultural; o agasalho aberto do medalhista de bronze para mostrar solidariedade aos membros da classe trabalhadora; e, finalmente, o emblema do OPHR acima do símbolo dos Estados Unidos na jaqueta do uniforme olímpico²⁴⁵.

Inicialmente, Harry Edwards, sociólogo organizador da OPHR, estava convencido de que os atletas afro-americanos deveriam boicotar os Jogos Olímpicos de 1968 como uma forma de protesto contra a opressão e o sofrimento de toda a população negra nos Estados Unidos²⁴⁶. Smith e Carlos tornaram-se membros do grupo ativista e, após meses de debate, decidiram, juntamente com os outros atletas negros, participar da XIX Olimpíada²⁴⁷. Depois

²⁴⁵ O australiano Peter Norman, medalhista de prata, solicitou-lhes um bóton da OPHR em forma de apoio. Smith ainda segurou com a mão esquerda uma caixa, recebida do oficial do Comitê Olímpico Internacional, que continha um ramo de oliveira, um antigo símbolo da paz, o qual aceitou sem reservas para compor a simbologia do protesto. Outro fato agravante para o banimento de Smith e Carlos foi terem mostrado a sapatilha de corrida com a logomarca da Puma no momento em que subiram no pódio, o que levantou suspeitas de terem sido patrocinados pela empresa de equipamentos esportivos, algo que violava a regra olímpica do amadorismo. Cf. BASS, 2002, p. 240, 245, 320; HARTMANN, 2003, p. 5, 20, 161.

²⁴⁶ Cf. HARTMANN, 2003, p. 93.

²⁴⁷ Cf. BASS, 2002, p. 84. Após tal decisão, Edwards juntamente com Louie Lomax, historiador e ativista veterano dos direitos civis, apresentaram seis demandas da OPHR: “1. Restauração do título mundial dos pesos pesados de Muhammad Ali e do direito de lutar nos Estados Unidos. 2. Destituição da personalidade antissemita e antinegra Avery Brundage do seu cargo de presidente do Comitê Olímpico Internacional. 3. Corte da participação de equipes inteiramente brancas e de indivíduos da África do Sul e da Rodésia do Sul [atual Zimbábue] em todos os eventos atléticos nos Estados Unidos e nos Jogos Olímpicos. 4. A adição de pelo menos dois treinadores negros à comissão técnica masculina de atletismo nomeada para o time olímpico dos Estados Unidos de 1968 (do qual Stan Wright é considerado inaceitável). 5. A designação de pelo menos duas pessoas negras para cargos de decisão política no Comitê Olímpico dos Estados Unidos. 6. A desagregação completa da instituição dominante e racista New York Athletic Club.” (HARTMANN, 2003, 95-96).

de anos de tanto esforço para chegar ao evento máximo do esporte, eles não poderiam desistir, ainda mais pela possibilidade de o evento potencializar a causa²⁴⁸. Eles sabiam que a corrida que decidiria as medalhas estaria sendo assistida por aproximadamente 400 milhões de pessoas²⁴⁹. Com grande chance de vencer, Smith e Carlos desenvolveram uma estratégia cultural capaz de fazer a diferença na tentativa de deslocar as disposições do poder, nos termos de Hall (2009, p. 321). E foi o que fizeram, usando o momento da entrega de medalhas para denunciar o racismo na sociedade norte-americana. Para Bass (2002, p. 239), o protesto deles exemplificou a transformação coletiva do atleta “*negro*” (denominação antiquada e atualmente ofensiva) para o atleta “*black*”, termos em inglês de difícil diferenciação na tradução, mas que remetem à mudança na consciência política negra.

Figura 11 – Ângulos diferentes do protesto silencioso, com a saudação *Black Power* feita pelos atletas afro-americanos Tommie Smith (ao centro) e John Carlos (à direita), durante a cerimônia de premiação dos 200m nos Jogos Olímpicos de 1968, disputados na Cidade do México. Fonte: BBC News.

Como se pode perceber o ato realizado por Smith e Carlos não foi o início, muito menos o fim, das manifestações de atletas negros na história do esporte²⁵⁰. Para entender este

²⁴⁸ Cf. HARRIS, 1997, p. 63.

²⁴⁹ Cf. BASS, 2002, p. 239.

²⁵⁰ Ibid., p. 257. Depois do protesto, as credenciais de Smith e Carlos foram revogadas, eles foram suspensos, expulsos da vila olímpica e forçados a retornar aos Estados Unidos. Banidos, nunca mais representariam novamente os Estados Unidos em qualquer competição de atletismo. Desde o início da proposta de boicote dos atletas afro-americanos, Jesse Owens posicionou-se veementemente contra, chegando a dizer: “Eu deploro o uso dos Jogos Olímpicos por certas pessoas para o engrandecimento político. [...] Não há lugar no mundo do

que é certamente o fato mais importante a respeito até hoje, é preciso lembrar determinados acontecimentos anteriores relativos ao movimento negro norte-americano. Desde 1955 quando Rosa Parks se recusou a ceder seu lugar em um ônibus em Montgomery (Alabama, Estados Unidos) a um homem branco, iniciou-se o Movimento pelos Direitos Civis, liderado por Martin Luther King Jr., ativista negro que pregava a desobediência civil não violenta²⁵¹. Uma série de manifestações e boicotes foi realizada ao longo dos anos seguintes com o objetivo de denunciar o racismo, reivindicar uma legislação abrangente que desse fim à segregação nas instituições escolares e à discriminação racial em repartições públicas e no mercado de trabalho, e garantir o direito de voto dos negros. À custa de muita luta e negociação, e a despeito da reação violenta dos sulistas brancos norte-americanos, os “programas graduais e moderados” de King resultaram em conquistas concretas na esfera legal e na valorização da identidade negra pelos próprios afro-americanos²⁵².

O ritmo lento, no entanto, das reformas legislativas fez com que muitos negros se sentissem insatisfeitos e buscassem alternativas mais diretas. É nesse cenário que a reputação de Malcolm X começou a crescer, justamente por adotar um discurso oposto ao de King. Rejeitando o conceito de integração, ele abandonou “qualquer ideia de que as melhorias nas condições materiais dos negros poderiam ser patrocinadas pelos brancos”, como escreve Cashmore (2000i, p. 332). Ele argumentava que a população negra deveria se defender e lutar contra o racismo “por quaisquer meios necessários”, mesmo que isso significasse fazer uso da violência²⁵³. A ele é creditado também a valorização do patrimônio cultural africano e a propagação do islamismo e do nacionalismo negro nessa comunidade nas décadas de 1950 e 1960. Sem dúvida, suas ideias influenciaram inúmeros ativistas e o surgimento de outros movimentos negros ao longo dos anos 1960 e 1970, tais como o movimento *Black Power*, o *Black Arts Movement*, o movimento cultural *Black is beautiful* e o *Black Panther Party*.

atletismo para a política.” (BASS, 2002, p. 93, tradução minha). Não é sem razão que a maioria daqueles atletas o considerava com o epíteto de “*Uncle Tom*”, um termo depreciativo usado para descrever um afro-americano que se comporta de maneira subserviente aos brancos, visto como cúmplice na opressão de seu próprio grupo, uma pessoa que age com passividade ao ser intimidada, insultada ou discriminada. Não surpreende, portanto, o fato de Owens ter se prestado ao papel de ser enviado pelo Comitê Olímpico dos Estados Unidos para comunicar a Smith e Carlos a decisão e instruir aos demais atletas considerados “radicais”, um grupo de aproximadamente vinte e cinco pessoas, em sua maioria afro-americanos, que evitassem o mesmo destino, tentando convencê-los a fazer apenas protestos “humanitários”, sem usar luvas pretas. A reprimenda surtiu pouco efeito, pois, embora não tenha sido no momento da execução do hino norte-americano, outros atletas levantaram seus punhos, usaram boinas pretas (símbolo do *Black Panther Party*) e dedicaram suas medalhas a Smith e Carlos. Cf. BASS, 2002, p. 248-249; HARTMANN, 2003, p. 160-164.

²⁵¹ Cf. CASHMORE, 2000j, p. 367-368.

²⁵² Id., 2000g, p. 291; 2000j, p. 369-370.

²⁵³ Id., 2000i, p. 334.

Os assassinatos de líderes como Malcolm X e Martin Luther King Jr., respectivamente nos anos de 1965 e 1968, levaram a insurreições em diversas cidades dos Estados Unidos e asseveraram um processo já em curso na busca de novas estratégias políticas, conclamando a população negra a atuar com base no poder de grupos organizados. A morte do líder pacifista, aliás, é vista simbolicamente como “o fim da era do Movimento pelos Direitos Civis”, assumindo em seu lugar o *Black Power*²⁵⁴. Enquanto *slogan* social e racial, esse termo foi usado pela primeira vez pelo ativista Stockely Carmichael, em junho de 1966, durante a Marcha Contra o Medo, após o atentado a tiro contra James Meredith, primeiro estudante negro da Universidade de Mississippi²⁵⁵. Para além do aspecto político, representou um período de renascimento cultural, de conscientização e de orgulho racial. Foi quando os próprios negros norte-americanos assumiram a autodenominação “*black*” no lugar do “*negro*” e recodificaram a identidade negra como bonita, devendo ser apropriada e mostrada²⁵⁶. Os penteados afro, as roupas *kente* e os adornos africanos foram a evidência disso.

Muhammad Ali certamente é o esportista que mais represente essa transformação na própria identidade ao longo de sua vida. Enquanto foi conhecido como Cassius Clay, seu nome de batismo, era visto como um “modelo” de comportamento para outros jovens por seu trabalho e patriotismo²⁵⁷. Seu ídolo naquela época era Joe Louis, porém sua postura e seu discurso em nada se assemelhavam aos do antigo boxeador. Assim que se tornou campeão mundial dos pesos pesados em 1964, ele anunciou a sua adesão à Nação do Islã – um grupo religioso islâmico voltado para os afro-americanos que prega a autossuficiência e o orgulho negro, do qual fazia parte naquele momento Malcolm X, seu mentor político e religioso –, causando grande controvérsia. Ao recusar o recrutamento militar para participar da Guerra do Vietnã, em 1966, Ali foi considerado pelo público e imprensa “antipatriótico, ingrato e modelo de comportamento perigoso”²⁵⁸. Como consequência, ele foi despojado de sua licença de boxe e de seu título mundial. Por suas convicções, eloquência e posicionamento contra o racismo, o *establishment* e a Guerra do Vietnã, e claro por seu talento, ele tornou-se uma inspiração para a revolta dos atletas afro-americanos ao longo da década de 1960²⁵⁹. Foi quando estes se rebelaram contra a segregação e a discriminação racial dentro e fora dos

²⁵⁴ Cf. CASHMORE, 2000j, p. 370.

²⁵⁵ Cf. JENNINGS, 2000, p. 89.

²⁵⁶ Cf. CASHMORE, 2000c, p. 101.

²⁵⁷ Cf. HARRIS, 1997, p. 57.

²⁵⁸ Ibid., p. 58.

²⁵⁹ Ibid., p. 59.

esportes, das universidades e da sociedade norte-americana como um todo, mesmo que isso compromettesse benefícios e a própria carreira²⁶⁰. Pode-se dizer, por último, que Ali abriu o caminho para o novo atleta negro, a ponto de Edwards reverenciá-lo da seguinte maneira:

Menção especial é devida a Muhammad Ali. Pois em um sentido muito real, ele é o santo desta revolução no esporte. Ele rebelou-se em um momento em que ele, como atleta, ficou sozinho. Ele perdeu quase tudo de valor para um atleta – seu prestígio, seus rendimentos e seu título. Mas ele manteve e reforçou o fator mais importante na mente dos negros de todos os lugares – a dignidade negra. [...] Jovens e velhos negros reverenciam-no como um campeão na luta pela libertação negra. [...] Para uma parcela significativa de pessoas – negros em particular –, ele ainda é campeão e o santo guerreiro na revolta do atleta negro nos Estados Unidos. (EDWARDS, 1969, p. 89-90 apud HARRIS, 1997, p. 67, tradução minha).

1.3.13 A influência do *Black Power* e a “rebeldia” de Paulo César Lima (Caju)

Para os que se perguntam como essa revolta influenciou os futebolistas brasileiros negros daquela época, vejamos duas fotos: uma da Seleção Brasileira de 1970 (ver Figura 12) e outra da de 1974 (ver Figura 13). Na primeira, vemos o elenco completo que participou da Copa do Mundo sediada no México. Há dez jogadores negros, porém nenhum deles usa penteado no estilo *black power*²⁶¹. Na segunda foto, temos o time que entrou em campo na partida contra a Holanda, válida pela segunda fase da Copa do Mundo sediada na Alemanha Ocidental. Todos os jogadores negros usam o referido penteado, ainda que alguns adotem um corte curto²⁶². Se observarmos os três jogadores que estão em ambas as fotos (Zé Maria²⁶³, Paulo César Lima²⁶⁴ e Jairzinho²⁶⁵), mais o massagista Nocaute Jack²⁶⁶, a diferença fica ainda mais visível. Conforme argumenta Kobena Mercer, o estilo de cabelo transformou-se naquela época em uma forma importante da resistência cultural negra frente à opressão racial:

Os padrões e as práticas de estilização estética desenvolvidos por culturas negras no Ocidente podem ser vistos como modalidades da luta cultural *inscrita* no engajamento crítico com a cultura branca dominante, e ao mesmo tempo *expressiva* de uma abordagem neoafricana aos prazeres da beleza no nível da vida cotidiana.

²⁶⁰ Cf. HARRIS, 1997, p. 60.

²⁶¹ Pela ordem, são eles: Joel Camargo, Carlos Alberto Torres, Everaldo, Paulo César Lima (Caju), Marco Antonio, Edu, Zé Maria, Dario (Dada Maravilha), Jairzinho e Pelé.

²⁶² São eles: Zé Maria, Luis Pereira, Valdomiro, Paulo César Lima (Caju) e Jairzinho.

²⁶³ Zé Maria é o segundo jogador sentado na Figura 12 e o primeiro em pé na Figura 13, da esquerda para a direita.

²⁶⁴ Paulo César Lima (Caju) é a sétima pessoa ajoelhada na Figura 12 e a terceira agachada na Figura 13.

²⁶⁵ Jairzinho é o sexto que está sentado na Figura 12 e o quarto agachado na Figura 13.

²⁶⁶ Nocaute Jack – apelido que veio do seu apreço pelo boxe – é o último sentado na Figura 12 e o último agachado na Figura 13.

(MERCER, 1994, p. 114 apud CARRINGTON, 2001, p. 108, grifos do autor, tradução minha).

Figura 12 – Muitos negros no elenco da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1970, nenhum, porém, com penteado no estilo *black power*. Fonte: Terceiro Tempo.

Figura 13 – Todos os jogadores negros que entraram em campo na partida contra a Alemanha Oriental, na Copa do Mundo de 1974, usavam penteado no estilo *black power*. Fonte: Gazeta Press.

Foi através do visual que Paulo César Lima, em especial, ganhou dois apelidos no futebol: Caju, em virtude da “cabeleira que expressava o orgulho racial e até chocantemente pintada ‘à caju’”, e Craque da Moda, por causa do seu “modo de vestir ousado”²⁶⁷. Conforme

²⁶⁷ Cf. CAJU, 2006, p. 127. Desde pelo menos 1971, Paulo César Lima demonstra ter sido influenciado pelo movimento negro norte-americano. Há várias fotos do jogador com o penteado no estilo afro e, inclusive, uma

conta em sua autobiografia, não se tratava de vaidade, mas sim de bom gosto: “Sempre gostei de moda, e a encaro como um instrumento de afirmação da minha raça.” (CAJU, 2006, p. 128). Para além da aparência, a base de sua “rebeldia”, como ele mesmo escreveu, estava em sua identificação com o *Black Panther*²⁶⁸. Por meio das várias viagens que fez para Los Angeles, ele afirmou ter acompanhado tal movimento político afro-americano, as suas lideranças e as suas causas, passando a adotar um “comportamento indomável”, “muito briguento e contestador”²⁶⁹. Ao compreender a razão da discriminação racial que “sentia na pele” e o machucava desde a infância, deu vazão a um “espírito inconformado”, questionando o fato de os brancos o aplaudirem no domingo em jogo no Maracanã, mas não o aceitarem durante o resto da semana, como se não tivesse o direito de ganhar bem, comprar carros luxuosos, vestir-se de maneira extravagante, namorar mulheres brancas e loiras ou frequentar espaços da elite²⁷⁰. Paulo César Lima, definitivamente, era um negro que rejeitava manter-se em “seu lugar”, ou seja, em espaços e posições subalternas definidas pelos brancos dentro de um padrão tradicional de relações raciais daquela época²⁷¹.

Na esfera do futebol, Caju “contestava a maneira como os jogadores eram tratados pelos dirigentes” e reivindicava melhores premiações e condições “em favor da equipe”, incluindo massagistas e roupeiros²⁷². Em permanente estado de “autodefesa”, cada ação que sofria gerava uma reação imediata, desafiando “o poder dos cartolas, jornalistas impertinentes

em que ele está com uma faixa de campeão carioca daquele ano pelo Botafogo, fazendo a saudação *Black Power*. Na verdade, o Fluminense venceria de maneira dramática e polêmica a partida final daquele campeonato contra o time apelidado de “Selefogo”, ficando com o título. Cf. PAULO, 2014.

²⁶⁸ Cf. CAJU, 2006, p. 127-128.

²⁶⁹ Ibid., p. 70 e 127.

²⁷⁰ Ibid., p. 70, 127 e 133. Conferir também o episódio três do documentário *Futebol*, de Arthur Fontes e João Moreira Salles, no qual se encontram relatos de diversas personalidades e do próprio Paulo César a respeito de sua trajetória de vida, carreira profissional e, em especial, da sua vida pós-atleta. Seus estilos, gostos, temperamento, personalidade e posicionamentos são abordados pelos entrevistados ou transparecem ao longo das cenas com o próprio personagem principal.

²⁷¹ Acerca dessa discussão, consultar principalmente o capítulo três, intitulado “Heteronomia racial na sociedade de classes”, do volume 1 de Fernandes (2008).

²⁷² Cf. CAJU, 2006, p. 128-129; ADGHIRNI, 2010; SILVA, J. L., 2014. Desde os tempos de jogador, Paulo César Lima critica Pelé por suas conhecidas declarações infelizes, sobretudo por minimizar o racismo no Brasil e não usar de sua influência para lutar pela causa negra. Na última delas, após Pelé polemizar ao dizer que achava “normal” a morte de operários em obras da Copa do Mundo de 2014, demonstrando maior preocupação com os atrasos em obras de infraestrutura para o megaevento, Paulo César questionou: “E o que dizer do maior jogador do mundo? Ele é lamentável neste caso, não se posiciona. É um absurdo. O cara é o atleta do século, a figura mais popular do mundo e não usa isso para brigar por causas justas. E sempre que abre a boca para se pronunciar não fala nada correto. [...] Se o Pelé tivesse um pouco de noção ou sensibilidade, faria uma revolução neste caso. Ele tem mais repercussão que líderes políticos e religiosos. Mas não, prefere ficar falando besteira. E, na boa, nem quero mais falar dele. Não vale. Temos que falar de Muhammad Ali, Martin Luther King, Nelson Mandela... Estes, sim, foram grandes líderes que aproveitaram o espaço que tinham para brigar pelos negros. Abdicaram de suas vidas e compraram brigas sérias, coisa que o Pelé deveria fazer e nunca fez. É brincadeira.”. Cf. ALMEIDA, 2014.

e mesmo as torcidas mais desaforadas”²⁷³. Ele mesmo admitiu que, quando se desentendia com um clube, “chegava atrasado nos treinamentos”, “fingia contusões”, jogava “peladas com os amigos”, “varava a noite nas boates” e até fugia “para a Europa”²⁷⁴. Ele tinha plena consciência de que suas atitudes e posicionamentos fizeram com que sofresse represálias durante a carreira. A pior delas, como ele mesmo reconheceu com pesar, foi a não convocação para a Copa do Mundo de 1978, disputada na Argentina, após ter discutido com o então presidente da CBD, o almirante Heleno Nunes. Depois disso, aceitou um convite do jornal *O Pasquim* para escrever uma coluna, onde criticou ainda mais o comando do futebol e a Ditadura Militar²⁷⁵. Por sua postura, conduta e opiniões manifestas na “contramão do mundo”, os cineastas João Moreira Salles e Arthur Fontes afirmaram categoricamente: “O Caju inaugurou a figura do jogador de futebol rebelde.”²⁷⁶. Se a palavra “rebelde” estivesse referida ao novo atleta negro brasileiro, creio que seria verdadeira a afirmação. No entanto, como está relacionada ao futebolista em geral, torna-se um exagero, uma vez que atletas anteriores como Fausto, Leônidas e Heleno de Freitas ou contemporâneos como Almir Pernambuquinho e Afonsinho também demonstraram rebeldia²⁷⁷. Outros jogadores posteriormente também foram influenciados pelo movimento *Black Power*, basta lembrarmos das comemorações de gol, do caráter estético e dos discursos de Reinaldo e Sócrates, por exemplo.

1.3.14 A abertura dos mercados espanhol e português, e a experiência de Eusébio

Em 1973, a RFEF alterou novamente a legislação e permitiu que cada clube espanhol contratasse até dois futebolistas estrangeiros. Nas palavras de Lanfranchi e Taylor (2001, p. 97, tradução minha): “Essa decisão foi na verdade uma consequência direta de uma série de

²⁷³ Cf. CAJU, 2006, p. 128.

²⁷⁴ Ibid., p. 129.

²⁷⁵ Ibid., p. 71.

²⁷⁶ Cf. CAJU, 2006, p. 133; FUTEBOL, 1998.

²⁷⁷ Manifestações distintas de rebeldia no futebol são encontradas e analisadas em J. R. Santos (1981) e Florenzano (1998, 2009). Entre elas, podem ser assinaladas: a que reivindica direitos trabalhistas e melhores condições de trabalho; a que exige maior liberdade dentro e fora do jogo; a que se rebela abertamente contra dirigentes, companheiros, treinadores, jornalistas e torcedores; a que age passivamente por meio de “contusões” ou “preguiça”; a que luta contra a concepção moderna de futebol; a que questiona a condição de minoridade submetida aos atletas; a que reivindica maior participação nas decisões do clube; a que luta a favor da separação das esferas da vida profissional e privada; a que luta contra a disciplinarização dos corpos e da conduta; a que se manifesta por meio da desobediência, da transgressão ou da violência; a que desafiou o autoritarismo do regime militar; a que desafia atualmente o poder do futebol brasileiro por meio do Bom Senso F.C., contra a vontade dos clubes, federações e CBF; entre outras.

escândalos envolvendo o método de recrutamento dos *oriundi*.”. Muitos casos vieram à tona quando o Barcelona, ao ter um jogador cuja transferência não fora aceita, enviou seu advogado para a América do Sul de modo a coletar certidões de nascimento, comprovando a falsificação da ascendência espanhola de muitos futebolistas que atuavam no país²⁷⁸. Dessa maneira, “a Federação decidiu não lutar mais contra a corrupção e os arranjos que colocavam estrangeiros ilegais nos campeonatos da Primeira Divisão” e reabriu a fronteira nacional, embora tenha continuado aceitar a existência do *oriundi*²⁷⁹. A medida tomada pela RFEF teve um impacto direto, uma vez que os clubes espanhóis recrutaram naquele ano 54 jogadores estrangeiros, dos quais 40 provieram de antigas colônias na América do Sul²⁸⁰. O baixo custo desses atletas facilitava a concretização dessas transferências, sendo que os laços culturais e a questão da língua minimizavam os seus riscos.

Aparentemente, a decisão também trouxe efeitos no mercado brasileiro, pois em 1973 – ano em que a CBF começou a registrar as transferências internacionais – saíram 131 futebolistas do país e no ano seguinte, 160 (ver Tabela 5). No entanto, se confiarmos em uma tabela apresentada por Lanfranchi e Taylor (2001, p. 99), na qual estão listados os jogadores estrangeiros recrutados pelos clubes espanhóis da primeira e da segunda divisão no ano de 1973, veremos que constam apenas dois brasileiros (Pelezinho e Toto, ambos contratados pelo Gimnàstic de Tarragona). Creio que no máximo a diferença numérica (31) entre os anos de 1973 e 1974 represente, nesse sentido, o impacto da medida tomada pela RFEF no futebol brasileiro, haja vista que a Argentina, país que historicamente mais cedeu jogadores para a Espanha, viu 19 de seus atletas profissionais atuarem nas duas principais divisões do futebol espanhol no ano de 1973. De qualquer maneira, qual fator teria contribuído para quantidade tão expressiva de saídas de futebolistas do Brasil no início da década de 1970? Suponho que um fator externo ao futebol seja a explicação mais plausível, neste caso a Convenção sobre Igualdade de Direitos e Deveres entre Brasileiros e Portugueses, datada de 1971. Embora não tenha sido o primeiro tratamento especial *vis-à-vis* entre Brasil e Portugal, esse acordo estipulava pela primeira vez as condições para requerimento dos direitos políticos por portugueses no Brasil e por brasileiros em Portugal, ou seja, sem perder a cidadania de

²⁷⁸ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 98.

²⁷⁹ Cf. COELHO, 2009, p. 76.

²⁸⁰ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 98.

origem, tornava possível a cidadania adquirida, vulgarmente conhecida por “dupla-cidadania”²⁸¹.

Tabela 5 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para o exterior (1973-2010)*

Ano	Saídas [†]	Entradas [‡]	Ano	Saídas [†]	Entradas [‡]
1973	131	-	1992	205	-
1974	160	-	1993	322	-
1975	57	-	1994	207	-
1976	52	-	1995	254	157
1977	80	-	1996	381	177
1978	87	-	1997	553	242
1979	51	-	1998	532	258
1980	76	-	1999	658	303
1981	154	-	2000	701	352
1982	154	-	2001	736	351
1983	82	-	2002	665	350
1984	71	-	2003	858	344
1985	64	-	2004	857	499
1986	96	-	2005	804	491
1987	199	-	2006	851	311
1988	227	-	2007	1.085	489
1989	129	-	2008	1.176	659
1990	134	-	2009	1.017	707
1991	136	-	2010 [§]	1.029	683
Total				15.031	6.373

Notas: *Os números levantados pelos autores citados no período entre 1973 e 2010 são discordantes entre si em vários anos. Após cruzamento, considerei primeiramente aqueles que tinha da própria CBF (2002-2007) e depois os que mais se repetiram. Os dados referentes aos anos posteriores a 2010 são ainda mais claudicantes. A causa provável talvez seja a adequação ao *Transfer Matching System*, imposto pela FIFA a partir de outubro de 2010. Há que se levar em conta a desorganização da própria CBF – cujos dirigentes e ex-dirigentes estão envolvidos em casos de corrupção –, que revelou dados incompletos, confusos e díspares nos anos posteriores. Talvez esteja aqui também a razão dos números distintos apresentados pelos autores, uma vez que todos disseram ter se baseado em dados da CBF.

[†] Ao que se sabe este registro não era feito pela CBF antes de 1973.

[‡] Ao que se sabe este registro não era feito pela CBF antes de 1995.

[§] Até 28 dez. 2010.

Fonte: Alvito (2006), CBF (2004a, 2004b, 2005, 2006, 2007a, 2007b), Jacobs e Duarte (2006), Proni (1998), Rodrigues (2007) e Siqueira (2010).

Indícios internos ao futebol levam-me a tal hipótese. Primeiro, o exemplo espanhol contemporâneo, quando clubes desse país recrutaram jogadores das antigas colônias na América do Sul. Segundo, o detalhamento dos dados apresentados pela CBF entre os anos de

²⁸¹ Cf. BRASIL, 1971. Este e outros tratados entre Brasil e Portugal são analisados por A. N. Gomes (1998).

2002 e 2010 revela que Portugal foi o país que mais contratou futebolistas do Brasil nesse período (ver Tabela 6)²⁸². Terceiro, as transferências entre esses dois países correspondem, segundo a FIFA, a dois dos três maiores fluxos entre janeiro de 2011 e julho de 2014, superando a distância geográfica que não existe em outros fluxos tradicionais, como, por exemplo, entre Inglaterra e Escócia, e Argentina e Chile (ver Tabela 7). Somadas as transferências de Portugal para o Brasil e vice-versa, elas representam 16,1% do total de negociações (805 de 5.003) envolvendo clubes brasileiros nesse intervalo de tempo, porcentagem próxima aos números da CBF. Sendo assim, em virtude de uma proximidade histórica, de uma suposta facilidade de integração social, de uma língua comum compartilhada, de uma legislação migratória especial e de um conjunto de dados atuais, não parece ser forçoso conjecturar que Portugal já tivesse se estabelecido desde pelo menos o início da década de 1970 como um dos principais destinos (senão o principal) dos futebolistas brasileiros. Do ponto de vista desses profissionais, por mais que não fosse (e ainda não seja) o destino desejado, o mercado português era (e ainda é) visto como “uma porta de entrada para a Europa”²⁸³, dada a sua condição semiperiférica no mercado europeu, porém central em relação aos mercados sul-americano e africano²⁸⁴.

Embora o goleiro Jaguaré, ao que se sabe, tenha sido o primeiro jogador brasileiro a atuar no futebol português, ainda nos anos 1930, um fluxo Brasil-Portugal começa a se estabelecer duas décadas depois, mesma época em que foram feitas as primeiras experiências com futebolistas africanos²⁸⁵. É inevitável que se lembre imediatamente de Eusébio, moçambicano naturalizado português, que se tornou o maior ídolo do Benfica e ganhou notoriedade internacional na Copa do Mundo de 1966, disputada na Inglaterra. Era apelidado de “Pantera Negra”, o que, de acordo com Lanfranchi e Taylor (2001, p. 180), se devia às “suas origens africanas” e ao “seu estilo na época de Malcolm X e Angela Davis” (ver Figura 14). Sempre demonstrou, no entanto, ser muito mais um símbolo de integração do que de

²⁸² Parte desses números também são levantados por Rial (2011, p. 29).

²⁸³ Essa conhecida expressão entre os brasileiros reproduz, como lembra A. N. Gomes (1998, p. 7), uma visão preconceituosa em relação a Portugal. Uma variável ainda mais grave é aquela que se refere a nossa antiga metrópole como “quintal da Europa”. Certamente, existe aí um forte ressentimento em virtude da colonização portuguesa. Trata-se de expressões comuns de serem ouvidas, as quais não raro são difundidas pela imprensa, inclusive ou principalmente pelo jornalismo esportivo.

²⁸⁴ Cf. RIAL, 2011, p. 31.

²⁸⁵ Outros países que se abriram para a migração de futebolistas africanos no pós-II Guerra foram França, Bélgica e Inglaterra. Vários autores discutem o quanto esse processo representa uma exploração neocolonial e um empobrecimento do futebol africano. Sobre jogadores africanos em Portugal, consultar Darby (2006) e Domingos (2006); e, na Europa como um todo, ver Lanfranchi e Taylor (2001), especificamente o capítulo seis, e Alegi (2010).

Tabela 6 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para Portugal (2002-2009)

Ano	Transferências para Portugal	Total das transferências internacionais	Porcentagem
2002	130	665	19,5%
2003	141	858	16,4%
2004	132	857	15,4%
2005	138	804	17,2%
2006	142	851	16,7%
2007	227	1.085	20,9%
2008	209	1.176	17,8%
2009	181	1.017	17,8%
2010*	202	1.029	19,6%
Total	1.502	8.342	18%

Nota: *Até 28 dez. 2010.

Fonte: CBF (2004a, 2004b, 2005, 2006, 2007a, 2007b), Pombo (2010), Rial (2011) e Siqueira (2010).

Tabela 7 – Os dez maiores fluxos por volume de transferências (jan. 2011 – jul. 2014)

País de origem	País de destino	Transferências
Portugal	Brasil	463
Inglaterra	Escócia	365
Brasil	Portugal	342
Argentina	Chile	309
Escócia	Inglaterra	284
Inglaterra	País de Gales	250
País de Gales	Inglaterra	224
Argentina	Uruguai	205
Alemanha	Turquia	189
Chile	Argentina	167

Fonte: FIFA \ TMS (2014).

rebelião. De todo modo, Eusébio foi, nas palavras de Alegi (2010, p. 89), “instrumental, juntamente com Pelé, na elevação do *status* dos jogadores negros no mundo do futebol”. Na opinião desse autor, contudo, futebolistas ligeiramente posteriores como o angolano Fernando Freitas (1967-1984) e o cabo-verdiano Carlos Alhinho (1968-1984) foram provavelmente mais representativos da situação dos migrantes africanos em Portugal, uma vez que migraram por seus talentos futebolísticos, casaram-se com portuguesas, conseguiram dupla-cidadania, atuaram pela seleção nacional, ascenderam economicamente e investiram em empreendimentos comerciais locais após o término da carreira. Um pouco antes de Eusébio, outros jogadores africanos já tinham sido bem-sucedidos nos clubes e na seleção portuguesa:

Matateu (1951-1974), Mario Coluna (1954-1970) e Hilario (1958-1973). De acordo com Garland e Rowe (2001, p. 38, tradução minha), o sucesso do brasileiro Pelé e do moçambicano Eusébio foram vistos por muitos como um “desafio do marginal ‘Terceiro Mundo’ à elite do futebol europeu dominante.”.

Atletas estrangeiros seriam contratados em maior número por clubes portugueses a partir do início dos anos 1970, alguns com passagem por seleções nacionais, tais como o argentino Héctor Yazalde, o peruano Teófilo Cubillas e o brasileiro Flávio Minuano. Aliás, este jogador negro, do mesmo modo que Germano, envolvia-se

pessoalmente com a filha de uma pessoa importante, Francisco Laport, então presidente do Fluminense²⁸⁶. O episódio, que criara

constrangimentos no clube carioca, foi um dos fatores que apressou a sua saída para Portugal²⁸⁷. Com semelhante e triste desfecho, esse fato é mais uma prova de que o relacionamento amoroso interétnico constituía (e ainda constitui) uma área “pesada” das relações raciais no Brasil, ao contrário do que acreditava o ex-atacante do Flamengo²⁸⁸.

A contratação de atletas estrangeiros era uma tentativa dos clubes portugueses Sporting e Porto de acabar com a hegemonia do Benfica no campeonato local. Era, também, o prenúncio do que aconteceria com a independência das colônias portuguesas em África a partir de 1975, quando a migração de futebolistas desse continente se tornaria “mais complicada legalmente”²⁸⁹. Não é sem razão que o próprio Benfica no fim daquela década, após dois anos sem conquistar o título nacional, alterou seu estatuto de modo a permitir a

Figura 14 – Eusébio exibiu uma de suas duas Botas de Ouro conquistadas com a camisa do Benfica. Fonte: *Blog Em Defesa do Benfica*.

²⁸⁶ Cf. COELHO, 2009, p. 106.

²⁸⁷ Cf. SARETTA, 2007, p. 30.

²⁸⁸ Cf. SANSONE, 2007, p. 80.

²⁸⁹ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 182.

contratação de jogadores estrangeiros, sendo o brasileiro Jorge Gomes o primeiro a atuar pelo clube de Lisboa²⁹⁰.

1.3.15 A experiência de John Barnes na Inglaterra e o recrudescimento do racismo no futebol europeu

Processo semelhante aconteceu em outros países europeus. Na França, por exemplo, o primeiro jogador brasileiro a migrar foi Yeso Amalfi nos idos de 1950, atuando aliás por várias temporadas. Duas décadas depois, particularmente no verão de 1974, os negros Paulo Cézar Lima e Jairzinho rumaram para Marselha para defender o tradicional Olympique. Apesar do sucesso, regressaram ao Brasil um ano depois. Os clubes da Inglaterra, por sua vez, não contratariam brasileiros até o final dos anos 1980, quando Mirandinha se transferiu para o Newcastle em 1987. Contudo, a presença de futebolistas negros provenientes das colônias e ex-colônias britânicas, em especial as do Caribe, começou a aumentar entre o fim da década de 1960 e início da de 1970. O bermudense Clyde Best, que jogou no West Ham entre 1968 e 1975, é lembrado por muitos jogadores negros como um pioneiro:

Era importante para mim ver Clyde Best, um negro. Eu ficava orgulhoso por ser negro. Eu não podia esperar pelo West Ham vir até aqui para ver esse grande, grande negro, jogando como centroavante. O cara era uma lenda, um herói. Ver um negro ali era tremendo. Foi uma sensação boa ver um de vós e ser capaz de dizer: “Se ele pode fazer, eu posso fazer.” (GARLAND; ROWE, 2001, p. 39, tradução minha)²⁹¹.

Esse relato revela que a participação desses negros era vista como uma novidade e a atuação deles como um ato de coragem em um esporte praticado até então naquele país apenas por brancos. Cânticos racistas, urros de macacos e bananas atiradas ao campo foram fatos recorrentes durante todos aqueles anos. A reação predominante dos clubes, da mídia e das autoridades esportivas às manifestações racistas dentro dos estádios ingleses era ou ignorá-las por completo, ou reproduzi-las de outras maneiras ou criticá-las de forma geral e ineficaz²⁹². Quando o zagueiro Viv Anderson se tornou o primeiro negro a começar e terminar

²⁹⁰ Cf. JORGE..., 2011.

²⁹¹ Os autores não revelam o nome do jogador que deu esse relato.

²⁹² Duas das maneiras em que o racismo foi reproduzido ocorreram dentro de um dos poucos clubes que recorrentemente contratava jogadores negros naquela época, o West Bromwich Albion: a primeira, quando o próprio treinador, Ron Atkinson – que seria a figura central de um caso de racismo com o Marcel Desailly em 2004 –, instigou uma campanha publicitária em 1978 em que os três negros do time (Brendon Batson, Laurie Cunningham e Cyrille Regis) foram chamados de “*Three Degrees*”, em referência a um trio de cantoras negras norte-americanas homônimo que fez sucesso na Inglaterra entre a metade da década de 1970 e a metade da de 1980, o qual faria uma apresentação naquele ano em uma discoteca da cidade; e a segunda, quando o clube decidiu comemorar os dez anos de um jogador branco no time, Len Cantello, com a péssima ideia de um jogo

uma partida com a camisa da seleção inglesa em 1978, isso foi considerado uma metáfora do progresso e da presença permanente das comunidades étnicas minoritárias na sociedade britânica. A análise de Garland e Rowe demonstram o tamanho daquele feito:

Numa era em que partidos extremistas como a Frente Nacional foram relativamente bem sucedidos em termos eleitorais, permanecendo sobre uma plataforma que incluía o “repatriamento” de negros e asiáticos, a aparição de uma pessoa negra na seleção inglesa foi amplamente considerada como uma réplica àqueles que desejavam perpetuar uma exclusiva identidade nacional branca. (GARLAND; ROWE, 2001, p. 42, tradução minha).

O próprio jogador, que seria convocado para as Copas do Mundo de 1982 e 1986, estava, no entanto, mais preocupado em não errar um passe do que fazer história, conforme contou futuramente: “A Rainha me enviou um telegrama, assim como o Elton John, tão claramente importante foi aquilo no momento, mas não para mim.” (ENGLAND’S..., 2010, tradução minha). Se essas conquistas graduais significavam avanços de um lado, de outro encorajavam grupos de torcedores racistas, ligados ideologicamente à extrema direita, a reagir de diversas maneiras. Uma delas se deu em 1982 quando o atacante negro Cyrille Regis foi convocado para a seleção inglesa e recebeu em sua casa uma bala através do correio²⁹³. Isso é representativo da resistência sofrida por negros em consequência da novidade de sua presença em outras seleções nacionais europeias naquele período – embora nenhuma outra com ameaça de morte –, tais como na Alemanha, Bélgica, França, Holanda e Irlanda²⁹⁴. Apesar de estarem estabelecidos numericamente em quase todos os clubes ingleses ao final daquela década, os futebolistas negros não contavam com qualquer respaldo das autoridades esportivas frente ao racismo recrudescente. A estratégia de combate se dava muitas vezes por atos silenciosos, mas significativos, tais como na famosa foto (ver Figura 15) em que John Barnes tira de letra uma banana atirada em sua direção, num clássico entre Everton e Liverpool em 1988, no *Goodison Park*, estádio do adversário.

entre negros e brancos, em 1979. Cf. GARLAND; ROWE, 2001, p. 41-43. Numa outra oportunidade, ao comentar na televisão inglesa a partida entre Inglaterra e Camarões na Copa do Mundo de 1990, “Atkinson descreveu os africanos como desprovidos de profissionalismo, atribuindo isso a sua descida recente das árvores.”. Cf. GIULIANOTTI, 2002, p. 206. Os jogos “Preto contra Branco” também ocorreram em São Paulo a cada 13 de maio entre 1927 e 1939, e outra versão acontece desde 1971 em São João Clímaco, bairro periférico da mesma cidade. Acerca desses jogos no Brasil, consultar a tese de Abrahão (2010) e ver o documentário de Morales (2004).

²⁹³ Cf. GARLAND; ROWE, 2001, p. 42.

²⁹⁴ Os primeiros negros convocados pelas respectivas seleções foram: Erwin Kostedde (1974), Dimitri Mbuyu (1987), Raoul Diagne (1931), Humphrey Mijns (1960) e Chris Hughton (1979). Naquele período entre 1970 e 1980, a França selecionou Marius Trésor (1971) e Jean Tigana (1980), e a Holanda, Ruud Gullit (1981) e Frank Rijkaard (1981).

Barnes foi o segundo negro a atuar com a camisa do Liverpool, mas foi o primeiro a aparecer exatamente no derby de Merseyside, no *Anfield Road*, em novembro do ano anterior. Naquela oportunidade, o fato até então inédito motivou os torcedores do Everton a colocar uma marca nos torcedores rivais e celebrar a identidade *Scouse* – típica daquele condado da Inglaterra – exclusivamente branca para si²⁹⁵. Assim que o atleta adentrou o campo, os torcedores do Everton atiraram dezenas de bananas em sua direção. Eles, inclusive, tinham roubado um macaco de um zoológico local com a intenção de soltá-lo em campo²⁹⁶. A simples aparição do futebolista negro no clássico levou-os a promover “uma das vaias e cantos racistas mais difundidos já testemunhados em um estádio inglês”²⁹⁷.

Figura 15 – Famosa foto em que John Barnes tirou de letra uma banana atirada em sua direção, num clássico entre Everton e Liverpool em 1988, no Goodison Park. Fonte: *The Telegraph*.

Na tentativa de melhor compreender o fato, Back, Crabbe e Solomos argumentam que, embora Barnes tenha sido o referente dos insultos raciais, seus alvos foram os torcedores brancos do Liverpool, haja vista outros cantos racistas gritados naqueles embates: “Everton são brancos [sic]” e “Niggerpool”²⁹⁸. Nas palavras dos autores: “A intenção era ‘acabar’ com os torcedores do Liverpool sobre a premissa de uma antipatia compartilhada em relação aos ‘pretos’, a qual está situada dentro de um entendimento comum sobre as características raciais

²⁹⁵ Cf. BACK; CRABBE; SOLOMOS, 2001, p. 80. O primeiro jogador negro a assinar contrato com o Liverpool foi Howard Gayle em 1977. Rotulado como um “ativista” e “causador de problema”, ele só estrearia com a camisa vermelha, no entanto, em outubro de 1980. Ao todo, fez apenas cinco jogos pelo clube, quase sempre saindo do banco de reservas, e marcou um gol. Cf. PERKINS, 2007.

²⁹⁶ Cf. BACK; CRABBE; SOLOMOS, 2001, p. 79.

²⁹⁷ Ibid., p. 78, tradução minha.

²⁹⁸ Ibid., p. 78, tradução minha.

associadas com a identidade Scouse.” (BACK; CRABBE; SOLOMOS, 2001, p. 78, tradução minha). A branquitude, portanto, é colocada como princípio definidor de uma identidade coletiva desejada, seja para os torcedores do Everton, seja para os do Liverpool. A entrada de jogadores e torcedores negros altera tal identidade clubística e é vista como motivo para que torcedores tradicionais insultem seus pares do outro clube, desde que o preconceito racial seja um valor compartilhado.

Dentro dessa perspectiva dos autores – a qual embora diga respeito à cultura do futebol inglês pode ser estendida ao futebol europeu como um todo –, o insulto racial da década de 1980 explicava-se pelo aumento da presença negra enquanto jogadores e torcedores nos estádios e tinha como alvo torcedores brancos rivais. Com o passar dos anos e a inclusão de negros no elenco de quase todos os clubes, bem como a adoção destes por imigrantes e cidadãos nacionais negros, era de se esperar que o racismo no futebol diminuísse. No entanto, não foi o que se viu. Insultos, cânticos e faixas racistas, assim como urros de macacos e bananas atiradas ao campo, insistem em ocorrer nos mais diversos campeonatos nacionais e continentais da Europa. Quais os motivos para o seu recrudescimento?

A resposta, sem dúvida, é complexa e passa obrigatoriamente pela consideração e correlação de três fenômenos contemporâneos e correlatos. Primeiro, a transformação do futebol em atividade econômica, em negócio. É verdade que o jogador tinha conquistado a regulamentação da profissão havia décadas, porém o futebol, embora estivesse massificado através do rádio, da imprensa escrita e de sua adoção como esporte nacional em muitos países, ainda não havia atraído o investimento da televisão para direitos de transmissão e dos patrocinadores para estampagem de camisas²⁹⁹. Quando isso ocorreu no início da década de 1980, os clubes europeus passaram a ter uma receita ainda maior para conseguir convencer os melhores futebolistas do mundo a migrarem para o Velho Continente. Não é sem razão que Murray (2000, p. 212) escreveu: “Os jogadores mais bem pagos do futebol italiano e espanhol eram todos estrangeiros.”. O poder econômico dos clubes europeus sobrepujou os laços culturais desse tipo de futebolista e a vontade dos próprios torcedores na manutenção de uma dada tradição ou identidade “intacta”.

Em segundo lugar, as transformações da ordem dos estádios, isto é, “as formas de comportamento e controle social que se manifestam nos estádios, as normas que são dominantes, bem como a natureza das relações entre os diferentes atores” (HOURCADE,

²⁹⁹ Cf. FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 185.

2014, p. 122). Até aproximadamente os anos 1970, imperava um “modelo consensual da torcida”, cujos tumultos não eram vistos como problemáticos e em que a ordem do estádio era controlada pelos responsáveis pelo futebol³⁰⁰. A partir da década de 1970, o fenômeno da torcida organizada ganhou força e se desenvolveu em toda a Europa, alterando a fisionomia através do uso de uniformes, cachecóis, faixas e bandeiras, o alarido devido às palavras de ordem e cânticos, e a ocupação dos estádios, haja vista que esses grupos de jovens torcedores mais radicais passaram a se aglomerar em pé geralmente atrás de um dos gols³⁰¹. Dos anos 1980 em diante, surgiu uma nova ordem, com quatro características principais: (1) surgimento e valorização da torcida, tornando os estádios cheios, coloridos e barulhentos; (2) diversidade das formas de torcida, com diferentes composições de membros, ocupações, ações e objetivos; (3) nova relação entre os clubes e seus torcedores, os quais se distanciaram; e (4) desenvolvimento da violência verbal e física, fazendo do “hooliganismo” um problema social³⁰². Passa-se, portanto, de uma ordem consensual nos estádios para uma ordem conflituosa, “baseada num embate de força entre os atores sociais”, uma vez que há a associação de torcedores mais reivindicativos e com mecanismos de ação³⁰³.

Em terceiro lugar, as décadas de 1970 e 1980 coincidem com o período da entrada de milhares de refugiados, ex-colonizados e imigrantes legais e ilegais na Europa. Esse fato causou reações nas comunidades locais. Alguns setores da sociedade adotaram um discurso nacionalista e passaram a reagir violentamente, de modo simbólico ou não. Estádios de futebol foram (e continuam sendo) usados por torcedores ultras e *hools*, uma parcela dessa

³⁰⁰ Cf. HOURCADE, 2014, p. 122.

³⁰¹ Ibid., p. 123. Esses setores do estádio atrás dos gols são chamados de diferentes maneiras em vários países e dão nome aos torcedores que ocupam esses lugares, como por exemplo: *kop/kops* na Inglaterra e na França, *side/siders* na Bélgica e na Holanda, e *curva/ultras* na Itália, na Suíça, na Croácia, na Sérvia, entre outros países.

³⁰² Ibid., p. 124-126. Hooliganismo é grafado entre aspas por se tratar de uma noção vaga que é designada para qualificar um conjunto de práticas violentas heterogêneas, que são realizadas por grupos de torcedores indistintamente chamados de “hooligans”. Como na maioria das vezes não diz respeito a uma categoria nativa, seu uso se torna ainda mais complicado. Por esse motivo, Hourcade (2014, p. 135) distingue três tipos de torcedores que se situam nos *kops*: (1) “os fãs não violentos”; (2) “os torcedores ostensivos que aceitam o recurso à violência”, autodenominados ultras; e (3) “os especialistas da violência que vêm ao estádio essencialmente para brigar, ou os que brigam completamente fora do estádio”, os quais têm diferentes nomes de acordo com o país e a época (*hooligans*, *hools*, *indépendants*, *casuals*, *siders*, *caisciolti*). Enquanto a violência é apenas um modo de ação dos ultras, ela se constitui o núcleo das práticas dos *hools*. Ao passo que ela é sempre apresentada de forma defensiva (reação à uma ação anterior) pelos primeiros, é abertamente ofensiva pelos segundos. Em vista disso, a violência é espontânea para os ultras e premeditada para os *hools*. Ainda assim, existe uma série de nuances que não cabe aqui ser detalhada. Dentro desse quadro, resta dizer que os torcedores que promovem violência racista nos estádios não o fazem de modo espontâneo, haja vista que cânticos não são elaborados, faixas não são produzidas nem bananas são brotadas natural ou casualmente nas arquibancadas durante os jogos de futebol. Acerca de uma análise histórica dos ultras na Itália, consultar Podaliri e Balestri (2001).

³⁰³ Cf. HOURCADE, 2014, p. 127.

população, como um espaço privilegiado para esse tipo de demonstração. Passou a ser comum ouvir o “buh” de torcedores, fazendo particularmente dos atletas da África e da América do Sul suas vítimas favoritas³⁰⁴. Nesse sentido, o futebol foi tomado como uma arena pública singular para a disseminação e a prática do racismo.

Concomitantemente, foram se consolidando algumas falas no universo do futebol, tais como: “Tudo o que acontece dentro de campo deve ficar em campo.”, “O futebol tem regras próprias.”, “Dentro das quatro linhas, isso é permitido.”, entre outras parecidas³⁰⁵. Em termos distintos, é como se durante esse espaço-tempo (estádio-90 minutos) do futebol valessem normas desassociadas das leis sociais, em que atos discriminatórios são permitidos ou, ao menos, não devem ser levados tão a sério³⁰⁶. Além de ter se mostrado como um das poucas instituições sociais que deu vazão e visibilidade a essas pulsões de grupos intolerantes na sociedade contemporânea, o futebol através de suas entidades pouco fez para combater o racismo, oferecendo, quando não ignorou, punições brandas aos insultantes, fossem torcedores, jogadores, treinadores ou dirigentes.

Não é coincidência, portanto, que torcedores ultras e *hools* cresceram no mesmo compasso em que se abriu os mercados de trabalho para imigrantes e futebolistas estrangeiros na Europa. Chegou-se, dessa maneira, a um paradoxo: de um lado, os dirigentes dos clubes europeus não podiam mais prescindir do pé de obra barato que vinha da periferia do sistema futebolístico; de outro, uma parcela dos torcedores locais reagia de maneira violenta a essa imposição do mercado global, aproximando-se cada vez mais das bandeiras da xenofobia e do racismo ao constatarem mudanças na identidade social, fosse em seu clube, fosse em sua nação.

1.3.16 A abertura do mercado europeu ao longo da década de 1980 e a “debandada” dos futebolistas brasileiros

Voltemos à Tabela 5 para analisar as diferenças referentes aos anos 1970 e 1980. Depois de um início com muitas transferências de futebolistas do Brasil houve uma queda considerável ao longo da década de 1970. Se no ano com maior número de saídas (1974)

³⁰⁴ Cf. FLORENZANO, 2010, p. 161.

³⁰⁵ Cf. TONINI, 2010, p. 409; GIGLIO; TONINI; RUBIO, 2014, p. 270.

³⁰⁶ Para Abrahão (2010, p. 8, grifo do autor), o futebol fornece um “*lôcus* privilegiado de investigação da ambiguidade das representações socialmente construídas sobre a raça negra e sobre o caráter ambivalente do racismo na cultura brasileira”.

foram registradas 160, no ano com menor (1979), apenas 51; uma queda de 68,1%. Ainda que seja difícil afirmar categoricamente os motivos, dois deles podem ser apontados. Primeiro, de ordem legislativa, visto que vigorava no Brasil a chamada “Lei do Passe” (instituída legalmente pela Lei 6.354/76), a qual prendia o atleta profissional ao clube mesmo depois de terminado o contrato de trabalho. Qualquer transferência dependia da anuência do clube, tratando-se, pois, de uma relação trabalhista de caráter servil. Não é sem razão que a situação do futebolista era recorrentemente comparada à “escravidão”³⁰⁷. Segundo, o desejo dos jogadores de alto nível de atuar na Seleção Brasileira. Ao menos até o final da década de 1970, jogar no exterior significava dedicar-se apenas ao clube, abdicando-se praticamente da seleção nacional (ver Tabela 8). Basta ver que, excetuando Rodolfo Barteczko (Patesko) na Copa do Mundo de 1934, somente em 1982 seriam convocados novamente futebolistas brasileiros que atuavam fora do Brasil (Falcão e Dirceu). Até mesmo Amarildo, decisivo na conquista do bicampeonato em 1962, não seria convocado para a Copa do Mundo seguinte, justamente porque se transferira para a Itália em 1963.

Tabela 8 – Local de atuação dos futebolistas brasileiros convocados para cada Copa do Mundo

Copa do Mundo	Local de atuação dos futebolistas brasileiros		Copa do Mundo	Local de atuação dos futebolistas brasileiros	
	Brasil	Exterior		Brasil	Exterior
1930	24		1978	22	
1934	16	1	1982	20	2
1938	22		1986	20	2
1950	22		1990	10	12
1954	22		1994	11	11
1958	22		1998	9	13
1962	22		2002	13	10
1966	22		2006	3	20
1970	22		2010	3	20
1974	22		2014	4	19

Fonte: Arquivo pessoal.

Duas histórias corroboram este segundo motivo. De acordo com o biógrafo de Didi, o então presidente da CBD, João Havelange, sabendo da situação complicada vivida pelo meio-campista no Real Madri em 1959, marcara um jantar com o brasileiro na capital espanhola de modo a persuadi-lo a voltar para o Botafogo e vestir de novo a camisa oitenta do Brasil, avisando-lhe: “Você sabe, Didi, que esse é o nosso critério. Quem está fora, não entra. Só

³⁰⁷ Cf. FLORENZANO, 1998, p. 99; PRONI, 1998, p. 242; RODRIGUES, 2007, p. 139.

convocamos quem atua em clubes brasileiros. Pense bem...” (RIBEIRO, 2014, p.117). Paulo Cézar Lima (Caju), por sua vez, escreve em sua autobiografia que, embora se sentisse bem na França no ano de 1975, decidiu se transferir do Olympique de Marseille para o Fluminense no auge de sua carreira para voltar a ser convocado pela Seleção Brasileira e realizar o sonho de disputar a sua terceira Copa do Mundo:

Foi uma transferência que fiz, contudo, meio a contra-gosto. Não me agradava deixar a França, porque eu me sentia bem em Marseille e meu contrato era muito bom. Mas, ao mesmo tempo, sonhava voltar para a Seleção Brasileira e me recuperar do trauma de não ter feito uma boa Copa do Mundo em 1974. (CAJU, 2006, p. 76).

Cabe lembrar que a quantidade e a rapidez dos voos comerciais naquela época eram bem menores se comparadas com hoje. Isso influenciava também a má vontade dos clubes europeus em colaborar com a liberação de seus atletas para os selecionados sul-americanos. Outro elemento importante era a não transmissão dos campeonatos europeus aqui no Brasil, fato que só ocorreria nos anos 1990. Além disso, a opção por atuar fora do país era vista de maneira negativa por dirigentes, jornalistas e torcedores brasileiros³⁰⁸.

O ano de 1980 marcou a abertura do mercado italiano, quando a FIGC, depois de catorze anos, resolveu consentir um jogador de fora do país por clube. Dois anos depois, permitiu o segundo estrangeiro, do mesmo modo que outras federações já tinham adotado. Como pode ser visto na Tabela 9, na temporada 1980-1981 as principais ligas nacionais europeias estavam com os respectivos regulamentos alterados para permitir a entrada de futebolistas estrangeiros. O próprio entendimento do que significava jogador “não nacional” ou “estrangeiro” variava de uma federação para outra. Ao mesmo tempo, as proibições de saídas de futebolistas nacionais, comuns em tempos que antecederiam grandes competições internacionais, principalmente a Copa do Mundo e a Eurocopa, foram sendo derrubadas ou usadas para atletas específicos³⁰⁹. Desde o início dos anos 1980, portanto, havia um processo que tendia ao livre movimento de futebolistas cruzando fronteiras nacionais europeias.

Todas essas alterações nos regulamentos relativos aos jogadores estrangeiros nas principais ligas europeias trouxeram consequência direta para o futebol brasileiro, como se pode notar na Tabela 5 com o aumento de mais de 100% nas saídas de atletas profissionais em 1981, mantendo-se no ano seguinte. Vários fatores foram preponderantes. Pelo lado europeu,

³⁰⁸ Cf. JACOBS; DUARTE, 2006, p. 12.

³⁰⁹ Dois exemplos são a Alemanha Ocidental para a Copa do Mundo de 1978 e a Argentina para esta e para a Copa do Mundo de 1982. Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 99-102, 219.

nessa mesma época os clubes passaram a ter novas fontes de renda através de fabricante de material esportivo, patrocínios estampados na camisa e cotas de televisão³¹⁰. A quantia de dinheiro recebida, por mais que em relação a hoje fosse irrisória, possibilitou-lhes naquela época a oferta de salários muito altos aos melhores atletas do mundo. As transferências na casa dos “milhões” começaram a frequentar o noticiário esportivo. Nas palavras de Guterman (2009, p. 231): “O movimento se retroalimentou, gerando riqueza e inflacionando o mercado. De uma hora para outra, todos os jogadores do mundo passaram a sonhar com o futebol europeu.”.

Tabela 9 – Regulamentos relativos aos jogadores estrangeiros nas principais ligas nacionais europeias na temporada 1980-1981*

Alemanha	2 jogadores estrangeiros nas 1ª e 2ª divisões. Jogadores estrangeiros que tenham jogado em equipes juvenis da Alemanha não são considerados estrangeiros.
Bélgica	3 jogadores estrangeiros além de um número ilimitado daqueles com passaporte estrangeiro que tenham jogado por cinco anos na Bélgica - os assim chamados "Belgas de futebol".
Escócia	O mesmo regulamento da Inglaterra.
Espanha	2 jogadores estrangeiros e 1 oriundo nas 1ª e 2ª divisões. O <i>oriundi</i> não pode ter sido selecionado por seu país de nascimento.
França	2 jogadores estrangeiros nas 1ª e 2ª divisões.
Grécia	2 jogadores estrangeiros na 1ª divisão. Nenhum estrangeiro na 2ª divisão.
Holanda	3 jogadores estrangeiros na 1ª divisão, sujeitos a visto de trabalho.
Inglaterra	2 jogadores estrangeiros (jogadores do Reino Unido e da Irlanda não são considerados estrangeiros). Estrangeiros necessitam de um visto de trabalho para entrar no país. Todos os cidadãos da União Europeia têm automaticamente direito a um visto de trabalho, porém jogadores não comunitários têm de ter alcançado um patamar internacional [isto é, ter sido convocado pelas respectivas seleções nacionais].
Itália	1 jogador estrangeiro na 1ª divisão. Jogadores estrangeiros não são permitidos em outras divisões profissionais.
Portugal	2 jogadores estrangeiros nas 1ª e 2ª divisões.

Nota: *Mantive o tempo verbal usado pelos autores.

Fonte: LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 219, tradução minha.

A diferença salarial ofertada pelos clubes europeus tornava-se ainda maior para os brasileiros, uma vez que o país vivia na década de 1980 uma profunda crise econômica, cujo quadro recessivo era o seguinte: os juros internos subiam, a inflação disparava, o poder aquisitivo era baixo, os índices de desemprego eram altos e a moeda desvalorizava

³¹⁰ Acerca da “revolução” causada pela televisão nas finanças do futebol, consultar o capítulo 5 de Giulianotti (2002).

drasticamente³¹¹. Havia ainda, pelo lado brasileiro, a desorganização administrativa dos clubes, das instituições esportivas e dos campeonatos locais³¹². A grave situação financeira dos clubes nacionais fez com que a “exportação” de jogadores fosse vista como “solução”³¹³. A demanda dos clubes europeus pelos futebolistas brasileiros não podia encontrar cenário melhor. Para o grande público, começava o “êxodo” ou, ao menos, tornava-se nítida a saída dos jogadores convocados para a Seleção Brasileira (ver Tabelas 10 e 11)³¹⁴.

A charge de Osnei Furtado da Rocha, publicada na revista Placar de 1 jul. 1983, ilustra essa situação do “êxodo dos craques” no início da década de 1980 – como está escrito dentro de um losango no alto da imagem –, crítica evidenciada pelo título da reportagem: “Exportar não é a solução” (ver Figura 16). Nela, vemos o meio-campista brasileiro Falcão, já consagrado no futebol italiano e apelidado de “oitavo Rei de Roma”, aparentemente fechando a tampa de uma caixa de madeira que está sendo içada para exportação, como se estivesse em um porto³¹⁵. No seu interior, estão três atletas contratados naquele verão europeu pelos clubes italianos Udinese, Genoa e Roma, a saber respectivamente: Zico, desenhado com a camisa do Flamengo, Eloi, com a camisa do Vasco, e Toninho Cerezo, com a camisa do Atlético Mineiro. Nas laterais da caixa, estão escritos “*Made in Brazil*”, em inglês, e “*Fragile*”, em italiano, numa clara alusão de que o futebolista brasileiro passava a ser um produto para exportação, assim como eram os tradicionais

Figura 16 – Charge de Osnei satirizou “o êxodo dos craques” brasileiros para o futebol italiano no início dos anos 1980 como se fosse a “solução” para a crise vivida pelos clubes nacionais. Fonte: *Placar*, n. 684, 1º jul. 1983, p. 55.

³¹¹ Cf. PRONI, 1998, p. 218.

³¹² Cf. HELAL, 1997, p. 33. O Campeonato Brasileiro, por exemplo, mudou de formato e até de nome várias vezes desde o seu início em 1971. Por mais de uma década, entre 1973 e 1986, incluiu no mínimo 40 clubes participantes. Maltratado pela CBF, o futebol nacional assistiu nesse mesmo período o endividamento dos clubes aumentar e o público diminuir. Não é coincidência, portanto, que 1979, ano em que o campeonato contou com inacreditáveis 94 clubes, registrou a pior média de público, apenas 9.140 pessoas por jogo. Cf. PRONI, 1998, p. 220.

³¹³ Cf. PRONI, 1998, p. 219.

³¹⁴ Cf. HELAL, 1997, p. 33.

³¹⁵ Cf. FALCAO..., 2013, tradução minha.

café, soja e minérios, e de que o seu destino era a Itália.

Tabela 10 – Distribuição dos jogadores da geração de 1982 que migraram para a Europa*

Geração	Jogador	Idade ao migrar	Ano em que migrou	Clube europeu
1982	Falcão	26	1980	Roma/ITA
	Edinho	27	1982	Udinese/ITA
	Batista	28	1983	Lazio/ITA
	Toninho Cerezo	28	1983	Roma/ITA
	Zico	30	1983	Udinese/ITA
	Sócrates	30	1984	Fiorentina/ITA
	Junior	30	1984	Torino/ITA
Média		28,4		

Nota: *Não inclui o Dirceu na lista pelo fato de ele ter migrado primeiramente para o México e de lá para a Europa.

Fonte: Arquivo pessoal

Tabela 11 – Distribuição dos jogadores da geração de 1986 que migraram para a Europa

Geração	Jogador	Idade ao migrar	Ano em que migrou	Clube europeu
1986	Casagrande	23	1986	Porto/POR
	Júlio César	23	1986	Stade Bretois/FRA
	Branco	22	1986	Brescia/ITA
	Careca	27	1987	Napoli/ITA
	Elzo	26	1987	Benfica/POR
	Alemão	26	1987	Atlético de Madri/ESP
	Muller	22	1988	Torino/ITA
	Silas	22	1988	Sporting/POR
	Valdo	23	1988	Benfica/POR
	Mauro Galvão	29	1990	Lugano/SUI
Média		24,3		

Fonte: Arquivo pessoal

Ao comparar as Tabelas 10 e 11, notam-se algumas mudanças. Primeiro, a quantidade de jogadores negociados aumentou de sete para dez³¹⁶. Segundo, a convocação para a Seleção Brasileira, ainda mais para disputar uma Copa do Mundo, prestava-se não só como filtro dos futebolistas brasileiros com maior qualidade, mas também como um forte indicativo de que o negócio seria menos arriscado para os clubes europeus³¹⁷. Não é sem razão que parte dos

³¹⁶ Cabe lembrar que Falcão, Edinho, Zico, Sócrates e Junior, futebolistas da geração de 1982 que migraram para a Europa, também participaram da Copa do Mundo de 1986.

³¹⁷ Cf. RIAL, 2008, p. 47.

jogadores foi negociada após tal competição. Terceiro, sobretudo, migraram não apenas atletas experientes e consagrados (Careca era o maior exemplo), mas também jovens promessas (Júlio César, por exemplo), o que se reflete na diferença de praticamente quatro anos na média de idade no ato da migração entre as duas gerações. Em outras palavras, se antes saíam do Brasil principalmente os “craques” ou os jogadores no auge da carreira, depois passaram a sair os atletas de qualidade, é claro, mas com toda uma trajetória e um amadurecimento profissional pela frente. Por último, os jogadores da geração de 1986 foram contratados tanto pelo rico mercado italiano, tal como ocorreu com a geração de 1982, quanto por mercados de menor poder de investimento, como o português, o francês e o suíço, com destaque para equipes pouco expressivas até mesmo no cenário nacional de alguns países europeus (Stade Bretois, Brescia e Lugano, por exemplo).

Tabela 12 – Distribuição anual das transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001)*

Ano	Saídas	Ano	Saídas
1980	3	1991	3
1981	1	1992	1
1982	3	1993	1
1983	7	1994	2
1984	4	1995	2
1985	-	1996	8
1986	2	1997	6
1987	3	1998	10
1988	10	1999	8
1989	8	2000	10
1990	2	2001	6
Total	100		

Nota: *Em 1980, a FIGC permitiu novamente a contratação de futebolistas estrangeiros.

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

Dada a importância histórica e a pujança especial naquele decênio do futebol italiano, vejamos as transferências de futebolistas do Brasil para a Itália desde a reabertura em 1980 até a virada do século em 2001, detalhadas na Tabela 12. Lembro mais uma vez que essa lista não representa todos os jogadores brasileiros no *calcio*, mas sim aqueles que saíram diretamente do Brasil para lá. Assim, é desconsiderada uma série de atletas que se transferiu nesse período indiretamente, tais como os renomados: Aldair (1990-91), André Cruz (1994-95), Casagrande (1987-88), Dirceu (1982-83), Ronaldo (1997-98), entre tantos outros. Houve três picos de transferências desta vez: o primeiro no início da década de 1980, quando a FIGC permitiu a

entrada do segundo estrangeiro; o segundo no fim daquele decênio, quando a mesma federação consentiu o terceiro estrangeiro; e o terceiro “pico” a partir da metade dos anos 1990 – que na verdade se trata de um novo patamar, uma vez que praticamente se mantém o número de saídas – é explicado pelas legislações nos âmbitos europeu (em decorrência do Caso Bosman) e brasileiro (“Lei Pelé”) que garantiram aos futebolistas a liberdade profissional após o término de seus contratos³¹⁸.

Tabela 13 – Clubes de origem nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001)

Clube brasileiro	Saídas	Clube brasileiro	Saídas	Clube brasileiro	Saídas
Clube não informado	16	Juventus	2	Esportivo/RS	1
Flamengo	12	Londrina	2	Goiás	1
Palmeiras	10	Santos	2	Grêmio	1
Vasco	8	Araçatuba	1	Joinville	1
Corinthians	6	Atlético/MG	1	Marília	1
São Paulo	5	Atlético/PR	1	Matsubara	1
Cruzeiro	4	Bangu	1	Ponte Preta	1
Guarani	3	Blumenau	1	Santo André	1
Portuguesa	3	Botafogo	1	São Caetano	1
Vitória/BA	3	Campo Grande	1	União Barbarense	1
Fluminense	2	Caxias	1	União São João	1
Internacional	2	Coritiba	1		
Total					100

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

Na comparação com o intervalo de tempo anterior (1946-1966 – ver Tabela 3), de duração quase igual, nota-se um expressivo aumento de 31 para 100 saídas de futebolistas do Brasil para a Itália. Neste terceiro fluxo, mais clubes brasileiros e italianos estão envolvidos nessas transferências, a ponto de ter de desmembrá-los em duas tabelas distintas. Se no segundo fluxo ao menos 13 agremiações brasileiras venderam seus jogadores, desta vez foram ao menos 34, com destaque para o Flamengo com 12 atletas negociados, sendo que o Palmeiras se manteve desde o primeiro fluxo (1925-1945 – ver Tabela 2) entre aqueles que

³¹⁸ A diminuição de transferências entre o segundo e terceiro “picos” teve duas causas segundo PVC: primeiro, a “rigidez maior” da polícia e justiça italianas para conter crimes de sonegação de impostos, lavagem de dinheiro e organização criminosa, investigação que também chegou ao futebol e afastou empresários; segundo, a indexação do real ao dólar, bem como a entrada de investimento privado como o da Parmalat, o qual “obrigou outros clubes a também tentar encontrar fórmulas de gastar mais com jogadores”. O resultado, assinala, foi “um ligeiro movimento de retorno”, dando como exemplos o Toninho Cerezo, o Antônio Carlos, o Mazinho, o Leonardo e o Romário. Cf. COELHO, 2009, p. 125.

mais cederam futebolistas para o “País da Bota” (ver Tabela 13)³¹⁹. Todos os doze grandes clubes brasileiros “venderam” futebolistas para o exterior. Uma tendência que apareceu no segundo fluxo e se acentuou no terceiro foi a participação de agremiações pequenas, tais como Blumenau, Campo Grande, Esportivo/RS, Matsubara e União Barbarense. No tocante ao número de clubes italianos que contrataram futebolistas brasileiros, o aumento foi ainda maior, passando de 19 para 51 (ver Tabela 14). Todas as “sete irmãs” (Juventus, Milan, Inter de Milão, Roma, Lazio, Fiorentina e Parma), famosas na década de 1990, “compraram” jogadores do Brasil. Provavelmente, o sucesso esportivo resultante das negociações com os atletas brasileiros Falcão, Zico e Junior fez com que Roma, Udinese e Torino, respectivamente, tivessem um papel de destaque no total das transferências nesse período. A participação dos clubes pequenos italianos é também numerosa e relevante.

Tabela 14 – Clubes de destino nas transferências internacionais registradas de futebolistas do Brasil para a Itália (1980-2001)

Clube italiano	Entradas	Clube italiano	Entradas	Clube italiano	Entradas
Roma	9	Perugia	2	Rotaliana	1
Udinese	7	Brescia	1	Rovereto	1
Inter de Milão	6	Caerano	1	Rovigo	1
Torino	6	Colorno	1	Salernitana	1
Parma	5	Como	1	Sandonà	1
Bologna	4	Ebolitana	1	Scorso	1
Fiorentina	4	Fiumicino	1	Suzzara	1
Atalanta	3	Giorgione	1	Teramo	1
Lecce	3	Juventus	1	Terranova	1
Milan	3	Olimpique Sancanta	1	Thiene	1
Venezia	3	Pescara	1	Treviso	1
Bari	2	Pisa	1	Vadese	1
Catania	2	Pistoiese	1	Verona	1
Empoli	2	Policassino	1	Viareggio	1
Genoa	2	Pro-Cisterna	1	Vicenza	1
Lazio	2	Ravenna	1	Vigevano	1
Napoli	2	Reggina	1	Vittorio	1
Total					100

Fonte: CBF [200-a], Coelho (2009) e Wikipedia.

O detalhamento das transferências de futebolistas do Brasil para a Itália evidencia um processo também presente na Tabela 5. Trata-se do que ficou conhecido como “debandada”

³¹⁹ Uso a expressão “ao menos” por conta dos atletas negociados cujos clubes não foram informados pelos documentos consultados.

nos anos de 1987 e 1988, quando teve dois recordes seguidos no registro das saídas: 199 e 227 atletas deixando o país³²⁰. Ela foi causada pela alteração nos regulamentos de várias ligas nacionais europeias permitindo a inscrição de três estrangeiros por clube. A partir de então, a imigração de jogadores brasileiros não só atingiu novamente como se manteve num nível superior à unidade centenária, tendo uma média aproximada de 200 saídas até a metade da década de 1990, cujo pico foi 1993 com 322. Não eram apenas jogadores consagrados em grandes clubes e na Seleção Brasileira que deixavam o país, mas também atletas promissores e medianos, cujos empresários, ávidos pela comissão na intermediação das vendas, buscavam um “preço compensador”³²¹. Proni (1998, p. 219) faz uma análise triste, porém realista do que estava acontecendo naquele período com o futebol nacional: “O futebol brasileiro havia se transformado numa espécie de ‘seleiro de craques’ para o futebol europeu. A estratégia de sobrevivência de quase todas as grandes equipes nacionais, nesse aspecto, tornara-se semelhante à dos pequenos times do interior.”.

E não era somente em termos econômicos que o esporte mais popular enfrentava graves problemas, mas também politicamente na administração de clubes e federações, assim como na organização de certames. O ano de 1987 ficou marcado para o futebol brasileiro tanto pela “debandada” quanto pela criação do Clube dos Treze e pela realização de um Campeonato Brasileiro que até recentemente era alvo de disputa judicial para determinar o legítimo campeão nacional³²². Nas palavras de Franco Júnior:

As tensões entre os clubes e a CBF, os recursos à Justiça Desportiva, as falcaturas nos bastidores, as mudanças casuísticas de regulamento e a impunidade revelavam o tumultuado processo de modernização do futebol brasileiro, em sintonia com o que ocorria na cena política nacional. (FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 157).

O historiador faz referência à transição democrática marcada pelo continuísmo, às pressões sofridas de diferentes grupos sociais pela Assembleia Nacional Constituinte, à formação de vários partidos políticos, à troca de legenda e de cargos conforme conveniências pessoais ou partidárias, bem como à adoção de novas regras com o jogo político em andamento. Lembremos ainda que, economicamente, foram criados vários planos ineficazes,

³²⁰ Cf. COELHO, 2009, p. 120.

³²¹ Cf. PRONI, 1998, p. 219.

³²² Cf. GUTERMAN, 2009, p. 232-233. Em 11 de março de 2016, foi rejeitado o último recurso possível do Flamengo no Supremo Tribunal Federal, mantendo finalmente o Sport como único campeão brasileiro de 1987. Naquele ano, o campeonato estava dividido em dois módulos, o verde e o amarelo. Os campeões e vices de cada um iriam se enfrentar para decidir o título. No entanto, Flamengo e Internacional, campeão e vice respectivamente do módulo verde, recusaram-se a participar do quadrangular final. Assim, Sport e Guarani enfrentaram-se novamente, sendo que o clube de Recife sagrou-se campeão. Cf. REJEITADO..., 2016.

atrelados à troca constante da moeda, que não conseguiram conter a hiperinflação daquele período, o que somado ao incontrolável déficit público levou à falência, a ponto de o país decretar, exatamente em 1987, a moratória do pagamento de juros da dívida externa³²³. Dessa maneira, a “debandada” dos futebolistas brasileiros para o exterior está relacionada, também, à crise política e econômica pela qual passavam (e voltariam a passar) naquele momento tanto o futebol quanto o Brasil.

A dura realidade era que ao final dos anos 1980 o futebol brasileiro não conseguia competir com o mercado europeu, para o qual via migrar a parte mais qualificada e promissora de seus jogadores. Se até a metade daquela década os clubes europeus esperavam comprovar a qualidade do futebolista brasileiro em Copas do Mundo para investir na compra de seu passe com maior probabilidade de retorno, ao término do decênio bastava ser convocado pela Seleção, tamanhas disparidade monetária e defasagem salarial. Exemplo disso ficou evidente quando, em julho de 1988, a Seleção Brasileira disputou o Torneio Bicentenário da Austrália, para o qual tinham sido convocados 11 atletas que atuavam em clubes brasileiros. No mês seguinte, após a conquista do título, seis deles foram negociados para o exterior³²⁴. Isso explica o fato de, na Copa do Mundo de 1990, disputada na Itália, termos pela primeira vez mais jogadores convocados atuando fora do país do que no Brasil (12 contra 10 – ver Tabela 8). Durante o torneio, agentes e empresários, conforme escreveu Guterman (2009, p. 235), “circulavam livremente pela concentração, negociando em nome de seus clientes futuros contratos milionários na Europa, bem ao gosto da época”. Após a dolorosa eliminação para a Argentina nas oitavas de final, sete atletas já tinham firmado novos contratos de trabalho, cinco deles com clubes italianos, sem considerar o próprio treinador da Seleção, Sebastião Lazaroni (Fiorentina), que também permaneceu na Itália³²⁵. Na passagem para os anos 1990, portanto, os europeus não se contentavam em levar apenas atacantes, meias e defensores, contratavam também o goleiro titular e até o treinador contestado do Brasil.

³²³ Cf. FAUSTO, 2007, p. 519-523.

³²⁴ Cf. COELHO, 2009, p. 119.

³²⁵ São eles: Aldair (Roma/ITA), Branco (Genoa/ITA), Mauro Galvão (Lugano/SUI), Mazinho (Lecce/ITA), Silas (Cesena/ITA), Taffarel (Parma/ITA), Tita (León/MEX).

1.3.17 Casos, leis e a saída de milhares de futebolistas do Brasil

Em março de 1990, Zico, que havia se retirado pela primeira vez dos gramados em dezembro do ano anterior, assumiu o cargo de secretário nacional de esportes do governo de Fernando Collor de Mello. Era mais uma demonstração do presidente de parecer “moderno”, ao invés de escolher um burocrata qualquer³²⁶. O projeto de lei original, no entanto, era de fato modernizante, uma vez que propunha em linhas gerais:

(i) regulamentar a presença de empresas e as formas de comercialização no futebol profissional, (ii) rever a participação dos recursos da Loteria Esportiva, (iii) extinguir a “lei do passe”³²⁷ e estabelecer uma nova norma para o contrato de trabalho do atleta profissional, (iv) redefinir os mecanismos de supervisão e assegurar a autonomia estatutária dos clubes, assim como (v) buscar mecanismos mais democráticos e transparentes de representação e administração das federações e da CBF. (PRONI, 1998, p. 230).

As medidas pretendiam, dessa maneira, “modernizar” o futebol brasileiro, libertando-o da “tutela estatal”, de um lado, e conclamando a iniciativa privada, de outro³²⁸. Para tanto, era inevitável a alteração no quadro de poder e a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas. O fim do “passe” fazia parte desse processo de racionalização. Era uma proposta que visava, finalmente, transformar o esporte em negócio, abrindo uma possibilidade real para que os clubes e o futebol brasileiro saísse da grave crise financeira em que se encontravam naquele início da década de 1990. As ideias foram consideradas muito avançadas e tanto clubes quanto federações opuseram-se às mudanças propostas. Os dirigentes se articularam – especialmente aqueles das federações Norte e Nordeste – e fizeram *lobby* sobre a “bancada da bola” na Câmara dos Deputados, de modo a “engavetar” o projeto³²⁹. Chegou a tal ponto que, desgastado, Zico deixou o cargo após treze meses à frente da pasta, influenciado também por um convite para atuar no futebol japonês, auxiliando em sua popularização e

³²⁶ Cf. GUTERMAN, 2009, p. 230.

³²⁷ Nota de rodapé explicativa do autor: “A ‘lei do passe’, regulamentada em 1976, dizia que um atleta teria direito ao ‘passe livre’ depois dos 32 anos e caso tivesse permanecido por mais de 10 anos vinculado ao mesmo time. Em 1986, o CND reviu essa regulamentação e estipulou que a partir dos 28 anos o atleta teria direito, gradualmente, a uma parcela do ‘passe’ (30% aos 28, 45% aos 29, 60% aos 30, 75% aos 31 e 90% aos 32).” (PRONI, 1998, p. 230). Não é sem razão que a “Lei do Passe” era comparada à escravidão, uma vez que neste caso ela se assemelha à Lei dos Sexagenários (também chamada de Lei Saraiva-Cotejipte), de 1885, a qual concedia liberdade aos escravos acima de 60 anos e estabelecia normas para a libertação gradual de todos os cativos, mediante indenização. Como se sabe, essa lei beneficiava mais os senhores do que os escravos, haja vista que poucos eram aqueles cativos que atingiam tal idade, devido ao trabalho pesado e às péssimas condições ao longo de toda a vida, e os que chegavam eram pouco produtivos. Do mesmo modo, quanto maior a idade do atleta profissional, menos produtivo ele é. “Libertá-lo” ao final da carreira através da “Lei do Passe” era desobrigar o clube de cumprir ou estabelecer um novo contrato profissional quando o jogador produziria menos, estaria mais suscetível a contusões e seu salário seria um fardo. Cf. FAUSTO, 2007, p. 219.

³²⁸ Cf. PRONI, 1998, p. 227.

³²⁹ Cf. RODRIGUES, 2007, p. 131; JÚNIOR; PIMENTEL, 2013.

profissionalização. Ainda assim, ao aprovarem a Lei nº 8.672, já em julho de 1993, foi-lhe atribuída a paternidade. À essa altura, ela estava bastante desfigurada, sem alterar as estruturas administrativas do futebol brasileiro nem dar fim ao “passe”. Passou a ser facultativa a transformação do clube em empresa. Em contrapartida, ampliou a capacidade de obtenção de receitas pelos clubes através de bingos e sorteios realizados em estádios³³⁰.

Em relação aos temas do meu interesse, o que é mais importante de ser dito é que o projeto de lei original apresentado por Zico já trazia em seu escopo a extinção da “Lei do Passe”. Esse processo de ruptura teve seus primeiros sinais com Afonsinho, que, suspenso pelo Botafogo, decidira recorrer à justiça reivindicando o direito de continuar exercendo a profissão em outro clube. Oito meses depois, já em março de 1971, obtivera surpreendentemente o “passe livre” no Superior Tribunal de Justiça Desportiva³³¹. Tamanhas rebeldia e conquista foram seguidas por vários outros jogadores nos anos que se seguiram, tais como Raul Plassmann, Spencer e Jairzinho³³². São todos esses elementos que demonstram que a crítica dos atletas profissionais à prevalência do vínculo desportivo (“passe”) sobre o vínculo trabalhista (contrato) é muito anterior à sentença do caso Bosman pela Corte Europeia de Justiça, em 15 de dezembro de 1995.

Na própria Europa, aliás, há um caso anterior ao de Jean-Marc Bosman: é o do também belga René Lombrette, datado de 1949, ou seja mais de quarenta e cinco anos antes. Ele estava atuando na França quando o Secretário Geral da FFF recebeu em fevereiro daquele ano uma carta do congênere belga solicitando esclarecimento do *status* de um jovem jogador³³³. Na época, Lombrette tinha 21 anos e era zagueiro recém-promovido ao primeiro quadro do Roubaix-Tourcoing, onde atuava pelo time amador desde os 16 anos, isto é, desde o final da Segunda Guerra Mundial. Na carta, ainda, o Secretário Geral da URBSFA observara que o atleta em questão “nunca havia recebido uma autorização de transferência para deixar o seu primeiro clube, Mouscron.”³³⁴. A FFF suspendeu provisoriamente Lombrette, de modo a investigar a ocorrência. Chegou-se a um impasse entre as federações, o qual foi mediado pelo vice-presidente da FIFA no momento, o inglês Arthur Drewry³³⁵. Enquanto os autos estavam sendo levantados, o atleta estava impedido de atuar. Após meses

³³⁰ Cf. FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 159.

³³¹ Cf. FLORENZANO, 1998, p. 104.

³³² Ibid., p. 106.

³³³ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 214.

³³⁴ Ibid., p. 214, tradução minha.

³³⁵ Ibid., p. 215.

sem definição, Lombrette foi forçado a retornar ao Mouscron e, em seguida, a deixar de exercer a profissão. Somente ao final de outubro, veio a resolução: Drewry recomendou que fosse anulado o registro do jogador pelo Roubaix-Tourcoing³³⁶. Endossada pela FIFA, a recomendação significou efetivamente o fim da promissora carreira de Lombrette.

Lanfranchi e Taylor (2001, p. 216, tradução minha) avaliam que o “caso de Lombrette é sintomático da existência de uma longa luta travada sobre as questões dos direitos humanos, direito do trabalho, regulamentos desportivos internacionais e realidades da carreira de um jogador de futebol.”. Somam-se a isso dois argumentos que se desenrolaram principalmente na segunda metade do século XX: (1) a formalização de um sistema de transferência internacional e (2) as alterações nas regulamentações das federações nacionais que tendiam ao livre movimento internacional de atletas profissionais. Para que tal formalização, em primeiro lugar, fosse possível foram necessários o registro de atletas nas respectivas federações nacionais e o reconhecimento dos direitos contratuais dos clubes. Um jogador só poderia se transferir quando seu contrato fosse dado por encerrado, fosse feito um pagamento ao clube de origem pelo “passe”, tivesse um certificado de liberação e realizasse um novo registro contratual na federação³³⁷. Quando preciso, a FIFA era acionada para averiguar esse processo. Em segundo lugar, uma série de restrições e proibições foi estipulada pelas diversas federações nacionais durante o século XX acerca dos jogadores “nacional” e “estrangeiro”, por mais variadas concepções acerca desses termos. Diante de tantas alterações na composição das seleções nacionais, provocadas por fraudes na comprovação da ancestralidade ou na naturalização de futebolistas, a FIFA decidiu regular e, em 1964, estabeleceu que um jogador só poderia atuar por uma única nação em competições internacionais, independentemente de ter dupla ou multinacionalidade³³⁸. As federações nacionais, por sua vez, foram cada vez mais abrindo o mercado, o que fez com que a partir dos anos 1980 um fluxo inédito de jogadores “estrangeiros” e comunitários passasse a circular pela Europa, sendo o caso brasileiro um exemplo claro desse processo. Considerando tais fatos, Lanfranchi e Taylor (2001, p. 213, tradução minha) questionam: “Bosman: uma verdadeira revolução?”³³⁹.

³³⁶ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 216.

³³⁷ Ibid., p. 216-217.

³³⁸ Ibid., p. 218.

³³⁹ Na verdade, esse é o título do capítulo 8 do referido livro.

Antes de respondermos, é preciso descrever o caso, bem como as suas implicações. Jean-Marc Bosman nasceu em Liège em 1964³⁴⁰. Meio-campista promissor, atuou nos juniores do clube mais conhecido de sua cidade natal, o Standard. Ainda nas categorias de base, chegou a jogar na seleção belga, porém não conseguiu manter o mesmo nível de atuação ao se profissionalizar. Após cinco anos, transferiu-se para outro clube local, o Royal Football Club (RFC) Liège, estabelecendo um contrato de dois anos. Ao encerrar o vínculo trabalhista em junho de 1990, o clube ofereceu-lhe um ano adicional com redução salarial de 75%, proposta que ele rejeitou³⁴¹. À procura de um novo emprego, Bosman estabeleceu um acordo com o Dunkerque, que participava da segunda divisão francesa e cuja cidade se situava há menos de 200 milhas de sua casa³⁴². Quem ficou responsável pela liberação do antigo clube foi o próprio jogador. Mesmo sem o pedido do RFC Liège, a URBSFA recusou liberar o certificado até o início da próxima temporada, com o que o contrato com o Dunkerque não se concretizaria. Expulso do RFC Liège e sem emprego, Bosman entrou com uma ação na corte local contra o clube, “demandando mensalmente pagamentos do Liège e a anulação do preço de seu passe, enquanto procurava um novo clube.”³⁴³. Dois anos depois o caso chegou à Corte Europeia de Justiça, que deu sentença favorável ao jogador somente no fim de 1995.

Os casos de Lombrette e Bosman envolvem a discussão da livre circulação de futebolistas ao cruzar fronteiras nacionais – coincidentemente ambos entre Bélgica e França –, os limites das responsabilidades das federações nacionais e o debate ético em torno da exigência de compensação financeira pela troca de clube por um atleta. Conforme analisam Lanfranchi e Taylor (2001, p. 215, tradução minha), em ambas as situações “os aspectos éticos e morais foram ao menos tão importantes quanto as considerações estritamente legais e regulatórias.”. O motivo é que nenhum dos dois parece ter sido mercenário nas respectivas tentativas de transferências, haja vista que “eles eram simplesmente trabalhadores procurando emprego na região em que moravam.”³⁴⁴. Tais casos transparecem, assim, as limitações por parte das legislações e justiças nacionais que desconsideram a existência de uma economia de fronteira, transnacional. De todo modo, tanto Lombrette quanto Bosman viram sua carreira de atleta profissional de futebol arruinar ao lutar por seus direitos.

³⁴⁰ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 213.

³⁴¹ Cf. GIULIANOTTI, 2002, p. 159.

³⁴² Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 213.

³⁴³ Cf. GIULIANOTTI, 2002, p. 159.

³⁴⁴ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 215. No caso de Lombrette, ainda há a evidência de que a razão primeira para o seu deslocamento a Roubaix fora procurar emprego em uma das confecções da cidade.

No tocante à decisão do caso Bosman, dois aspectos foram relevantes para a migração de futebolistas. Primeiro, a restrição imposta contradizia dois artigos do Tratado de Roma, o qual tinha sido assinado em 1957: o Artigo 48, que garantira a livre circulação a todos os trabalhadores da União Europeia contra qualquer discriminação baseada na nacionalidade; e o Artigo 85, que assegurava a livre concorrência entre os países membros³⁴⁵. Em razão disso, a “regra 3+2”, adotada pela UEFA desde 1992, e que permitia aos clubes jogarem com no máximo três jogadores “estrangeiros” e dois “assimilados”, foi automaticamente considerada ilegal³⁴⁶. Segundo, a objeção às taxas de transferências que até então eram aplicadas aos jogadores cujos contratos haviam terminado³⁴⁷. Ou seja, o vínculo esportivo era, também, considerado ilegal, bem como qualquer cobrança pecuniária para a liberação de atletas sem vínculo trabalhista.

São vários os impactos causados pelo caso Bosman no mercado futebolístico. Sob a perspectiva dos grandes clubes e atletas profissionais, Giulianotti identifica três “fundamentais”:

Em primeiro lugar, a mobilidade dos jogadores cresceu bastante, especialmente em uma escala européia. [...] Em segundo lugar, a balança de poder no futebol europeu pendeu cada vez mais para os clubes mais ricos, que abriram caminho para o melhor trabalho profissional. Em terceiro lugar, a renda dos grandes jogadores cresceu muito, embora ainda existam enormes abismos entre os salários dos jogadores das principais divisões européias. (GIULIANOTTI, 2002, p. 159).

Rodrigues, por sua vez, do ponto de vista inverso, lista outras quatro implicações:

(a) os clubes menores perderam recursos financeiros (renda) oriundos das taxas de transferências de jogadores (venda de passes de atletas); (b) crescimento da desigualdade nos salários dos jogadores; (c) aumento no número de taxas de transferências mais baratas (queda nos valores do preço do passe); (d) contratos mais longos e complexos.

Complementares, esses impactos apontam para um crescimento das transferências a partir do livre comércio. Nessas circunstâncias, prevalece o poder econômico, o que resulta em uma concorrência desigual entre clubes “grandes” e “pequenos”, e uma disparidade entre os salários dos atletas profissionais com maior e daqueles com menor qualidade técnica. Preocupados em perder o que até então era visto como “patrimônio”, os clubes adotaram

³⁴⁵ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 213; PRIMEIRA..., 2015. A exclusão de atletas estrangeiros apenas se podia justificar no âmbito das seleções nacionais.

³⁴⁶ “Assimilados” eram jogadores estrangeiros que tinham jogado por um período de cinco anos no país em questão, três dos quais, pelo menos, nas categorias de base. Cf. GIULIANOTTI, 2002, p. 165; PRIMEIRA..., 2015.

³⁴⁷ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 214.

algumas medidas para se proteger, tais como o estabelecimento de contratos longos e complexos, e de multas rescisórias altas. Enquanto os clubes “grandes” passaram a atrair com maior facilidade o interesse dos atletas mais qualificados antes com restrições de se transferir pelo “passe” dos clubes “pequenos”, estes tiveram que buscar novos mercados para repor tais perdas, movimentando ainda mais a economia do futebol.

Diante de tais considerações, voltemos à questão: o caso Bosman foi uma “revolução” para as transferências internacionais de futebolistas? Não há como negar a sua importância após resultar em uma jurisprudência, abolindo o “passe” e implementando a livre circulação de atletas profissionais após o término do contrato de trabalho, e a livre concorrência. Logo, seria adotada por países europeus fora da União Europeia (Rússia e antigas repúblicas soviéticas), por países africanos, caribenhos e sul-americanos, como o Brasil, conforme veremos. Os dados publicados pelo *Football Observatory*³⁴⁸ traduzem em números as consequências do caso Bosman para as cinco maiores ligas europeias, o *Big Five*³⁴⁹, e não deixam dúvidas sobre o crescimento da presença estrangeira e a relevância do julgamento (ver Tabela 15). Dez anos antes da sentença do caso, a porcentagem de estrangeiros era de 9,1%. Na temporada em que se deu tal decisão, 18,6%. Dez anos depois, o número praticamente dobrou de novo, 35,6%. Finalmente, nesta temporada, 2015-2016, 46,7%. Essa queda no crescimento é até esperada depois de ele quase quadruplicar em vinte anos. Mesmo que o crescimento caia para um terço novamente nos próximos dez anos, o que representaria um aumento de 10%, a presença estrangeira nas cinco maiores ligas europeias passaria dos 50%, algo que seria impressionante.

Tabela 15 – Distribuição decenal da porcentagem de estrangeiros nas cinco maiores ligas europeias em conjunto

Temporada	Porcentagem
1985-86	9,1%
1995-96	18,6%
2005-06	35,6%
2015-16	46,7%

Fonte: *Football Observatory* (CIES); COM..., 2016.

³⁴⁸ *Football Observatory* é um grupo de pesquisa interno do *Centre for Sports Studies* (CIES), uma fundação privada filiada à Universidade de Neuchâtel, na Suíça.

³⁴⁹ A saber: *Premier League* (Inglaterra), *La Liga* (Espanha), *Bundesliga* (Alemanha), *Ligue 1* (França) e *Serie A* (Itália).

Na análise de Lanfranchi e Taylor (2001, p. 222, grifo dos autores), “o caso Bosman pode ser usado como uma *desculpa* para a desregulamentação, ao invés de sua causa.”. Argumentam também que a chegada de futebolistas sul-americanos e africanos é mais significativa do que a de atletas comunitários na comparação com o que ocorria até 1995, sendo que a razão principal está no fato de eles serem de países com tradição futebolística e de economias pobres³⁵⁰. Para um melhor entendimento da migração de jogadores para e dentro da Europa, os autores dizem que é preciso olhar para a estrutura do futebol continental, que está dividida entre (A) clubes e futebolistas da elite dos campeonatos nacionais, que são aqueles que disputam as fases finais das competições europeias, (B) agremiações e jogadores intermediários, que disputam as primeiras divisões nacionais e eventualmente certames continentais, e (C) clubes e atletas de divisões nacionais inferiores ou de países europeus “marginais” no contexto futebolístico³⁵¹. Diante dessa estrutura, defendem que os futebolistas que mais se movem são os da elite, ironicamente aqueles que têm uma segurança maior na profissão³⁵². Esses atletas, aliás, sempre se deslocaram, desde muito antes do caso Bosman, como vimos ao longo dessa seção. Dessa forma, os autores concluem:

O volume da migração pode ter aumentado após 1995, porém isso é resultado, não de uma revolução, mas de uma evolução gradual. E esse é um processo que se estende muito além do foco relativamente estreito da liberdade de circulação de futebolistas dentro dos quinze países da União Europeia. Na verdade, a abertura das fronteiras do futebol dentro da União Europeia como um resultado do *Bosman* precisa ser considerado ao lado dos desenvolvimentos políticos e econômicos mais amplos de diferentes partes do mundo, particularmente no Leste Europeu, na África e na América do Sul, as quais têm contribuído para o aparente frenesi que agora nós parecemos testemunhar a cada verão. (LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 229, grifo dos autores, tradução minha).

Em minha avaliação, o caso Bosman é o momento de ruptura de um processo em curso havia décadas que tendia exatamente ao que foi deliberado, cujos indícios aparecem com maior evidência a partir dos anos 1980. Se não fosse Bosman, julgo que algum outro atleta profissional, não muito distante dele em questão temporal, que passasse pela mesma situação, qual seja a de ser impedido de se transferir e ser relegado pelo clube ao qual estava vinculado esportivamente, também haveria de entrar com uma ação na justiça, cuja sentença

³⁵⁰ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 223.

³⁵¹ Ibid., p. 225-228.

³⁵² A situação dos futebolistas brasileiros no próprio país é oposta ou, pelo menos, muito diferente disso. Aqui os que têm mais segurança na profissão movem-se menos do que aqueles que atuam em clubes intermediários e de divisões inferiores. A duração temporária dos campeonatos estaduais é certamente uma das grandes responsáveis, haja vista que, quando esses torneios terminam, clubes que não disputam nenhuma das quatro divisões nacionais acabam dispensando o elenco até a próxima edição.

seria a mesma. Muito provavelmente, acredito, seria um futebolista de qualidade técnica comum, como o próprio Bosman, por quem o clube interessado em contratá-lo não lutaria por tal concretização diante de tantas possibilidades parecidas no mercado. Se fosse um jogador de excelência, das duas uma: ou o clube interessado chegaria a um acordo de compensação pelo “passe”, ou o clube detentor do vínculo esportivo iria reintegrá-lo no elenco, uma vez que ambas as agremiações não poderiam prescindir de tal qualidade. Em se tratando de um jogador “comum”, o maior ou o único interessado em romper com a relação de dominação para com o clube detentor do “passe”, e controlar a própria força de trabalho, era ele mesmo.

Antes da aplicação de tal jurisprudência na legislação brasileira, os efeitos do caso Bosman já foram sentidos pelo futebol nacional. Como podemos notar na Tabela 5, o número de transferências internacionais registradas de futebolistas brasileiros acentuou-se na segunda metade da década de 1990. Se em 1995 tinham saído 254 atletas profissionais, em 1996, ano subsequente ao caso, deslocaram-se 381, e em 1997 e 1998, 553 e 532, respectivamente. Por mais que a referida sentença garantisse aqueles direitos aos futebolistas da União Europeia e embora tal jurisprudência não tivesse ainda sido aplicada na legislação brasileira, muitos atletas profissionais do Brasil já possuíam ou buscaram conseguir, com base em ascendência verdadeira ou falsa, a cidadania de algum país europeu membro. Destacam-se, como era de se esperar, Portugal, Itália e Espanha, países que têm fortes ligações históricas e culturais com o Brasil. Nas palavras do jornalista PVC:

Começou, assim, a caça aos passaportes da Comunidade Europeia. Cafu foi jogar na Roma com um passaporte italiano porque o avô de sua esposa era nascido na Itália. Dida conseguiu outro passaporte, sabe-se lá como, e veio daí a punição da Federação Italiana, que o suspendeu no final de 2001. (COELHO, 2009, p. 127).

Em setembro de 1997, Pelé, enquanto Ministro dos Esportes, encaminhou um projeto de lei que tinha por objetivo reformular artigos da “Lei Zico”, redefinindo o marco legal que passaria a reger o futebol brasileiro. Entre as propostas, estavam a fiscalização pública dos esportes, a obrigatoriedade da transformação dos clubes em empresas e a revogação da “Lei do Passe”. Acerca desta última, propunha-se retirar as proteções que a legislação garantia aos clubes (o “passe” em si) e aos atletas profissionais (15% na transferência e limite de três anos na duração do contrato)³⁵³. Dessa forma, as leis do mercado passariam a regular o esporte no Brasil.

³⁵³ Cf. PRONI, 1998, p. 245.

Clubes, federações, a CBF e até mesmo sindicatos de jogadores uniram-se novamente para pressionar a “bancada da bola” na Câmara dos Deputados, que conseguiu alterar alguns pontos do texto inicial e a forma em que seriam implementados³⁵⁴. No entanto, o fim do “passe” não foi retirado e passou a valer três anos depois de a lei ser sancionada, o que se deu em março de 1998. Mesmo com esse tempo, clubes dirigidos de maneira amadora foram incapazes de se adaptar à nova legislação.

O caso mais emblemático é o da transferência de Ronaldinho Gaúcho, do Grêmio para o Paris Saint-Germain, em 2001. Ele, que assinara contrato de dois anos com o clube porto-alegrense em fevereiro de 1999, teria seu vínculo trabalhista terminado justamente quando essa cláusula da “Lei Pelé” entraria em vigor³⁵⁵. Quando o Grêmio percebeu e tentou uma renovação, Ronaldinho passou a dar entrevistas evasivas³⁵⁶. Assis, seu irmão e assessor, tratou de negociá-lo com o Paris Saint-Germain, com quem o jogador assinou um pré-contrato. Encerrado o contrato, O Grêmio viu seu atleta mais valioso sair sem que fosse recompensado. Para os torcedores tricolores, o culpado da renovação frustrada era claro, conforme analisou Damo:

A imagem dos torcedores atirando moedas é muito forte e possui um imenso valor simbólico. Não tinha só o sentido de acusar o jogador de ser um mercenário, mas mostrava também o quão vil é o dinheiro para o ideário clubístico. A trajetória de Ronaldinho no Grêmio ilustra muito bem o vínculo conflituoso entre amor e dinheiro no bojo das relações entre atletas e torcedores. Mesmo sem um aprofundamento da análise dessa trajetória, pode-se afirmar que o processo de transferência do jogador foi mal conduzido do ponto de vista afetivo, tanto por Ronaldinho como pelo Grêmio. (DAMO, 2008, p. 146).

Especula-se que o Grêmio tenha negado propostas milionárias na esperança de faturar alto depois da Copa do Mundo de 2002, até quando o clube desejava manter Ronaldinho Gaúcho e para a qual a convocação dele era quase certa. Sentindo-se prejudicado, o Grêmio recorreu à FIFA. Num período superior a seis meses, Ronaldinho teve de esperar a decisão e não pode atuar pelo Paris Saint-Germain³⁵⁷. Ao final, a FIFA estipulou que o clube francês pagasse U\$ 5,9 milhões, um valor bem abaixo do que o clube gaúcho solicitava, U\$ 27

³⁵⁴ Cf. FRANCO JÚNIOR, 2007, p. 160.

³⁵⁵ Cf. COELHO, 2009, p. 128.

³⁵⁶ Cf. DAMO, 2008, p. 146.

³⁵⁷ Cf. RONALDINHO..., [2005].

milhões³⁵⁸. A profissionalização da gestão do futebol foi e ainda é o melhor caminho para que os clubes brasileiros não passem por situações iguais ou parecidas³⁵⁹.

A transferência de Ronaldinho Gaúcho foi, contudo, apenas uma das mais de setecentas realizadas no ano de 2001 (ver Tabela 5). Embora não tenha sido o único fator, é inegável o impacto da “Lei Pelé” no mercado futebolístico brasileiro. Se em 1998 quando ela foi sancionada transferiram-se 532 atletas do Brasil para o exterior, no ano seguinte foram 658 e na virada do século 736, aumentos consideráveis. Entre 2003 e 2006, atingiu e manteve números superiores a 800 transferências. A partir de 2007, alcançou-se um patamar acima de mil unidades, sendo que o ano de 2008 registrou o pico de 1.176 transferências.

Uma combinação de fatores, sem dúvida, explica melhor a saída de milhares de futebolistas do Brasil. Além da “Lei Pelé”, que pôs fim à “Lei do Passe” no país, devem ser considerados:

- 1) O caso Bosman, que resultou na livre circulação de atletas profissionais após o término do contrato de trabalho, na livre concorrência no mercado futebolístico, e no fim do sistema de cotas de jogadores estrangeiros nos países da União Europeia;
- 2) Os salários pagos pelos clubes estrangeiros serem não só maiores (em termos absolutos e, principalmente, relativos à diferença cambial, entre o real e a moeda estrangeira, seja o dólar, o euro, a libra esterlina ou outra), mas, sobretudo, em dia;
- 3) As melhores condições de trabalho (equipamentos, gramados, estádios, centros de treinamento e demais instalações, além de acompanhamento técnico, físico, fisiológico, fisioterápico, médico e nutricional), tendo um maior apoio do clube e sem sofrer pressão de dirigentes e torcidas organizadas;

³⁵⁸ Cf. Placar, n. 1.204, 9 nov. 2001, p. 8. Outras informações sobre o caso são encontradas em Placar, n. 1.191, 7 ago. 2001, p. 26-27.

³⁵⁹ Mesmo passados mais de quinze anos desde que a “Lei Pelé” entrou em vigor, não faltam exemplos de falta de organização dos clubes brasileiros, inclusive quando os dirigentes são profissionais. Neste início de ano de 2016, chamou atenção a situação vivida pelo Corinthians. O clube paulista viu seis jogadores de seu time titular campeão brasileiro de 2015 transferirem-se para o exterior, principalmente para a China. Em quatro destas negociações, o valor da multa rescisória, estipulado nos anteriores contratos firmados com os jogadores, era baixo, ainda mais para o mercado internacional. Isso significa dizer que os clubes contratantes simplesmente pagaram as referentes multas e levaram os jogadores. Nos dois casos em que a multa rescisória era alta, apenas em um o Corinthians detinha uma porcentagem elevada dos direitos federativos. Em duas das seis transferências, havia a combinação de multa rescisória baixa com porcentagem baixa dos direitos federativos, o que se reverteu em quantias irrisórias para os cofres do clube. Resultado: o Corinthians, cujo gerente de futebol (Edu Gaspar, ex-atleta profissional com passagem pelo clube) é remunerado, perdeu mais de meio time e recebeu em troca um valor incompatível com a qualidade técnica dos seis jogadores somados. Cf. RIBEIRO, D., 2016.

- 4) A organização dos campeonatos nacionais, com um calendário adequado, que tanto distribui jogos ao longo da temporada quanto respeita as datas FIFA³⁶⁰, o que permite aos futebolistas que atuam em clubes “pequenos” no Brasil ter uma maior segurança na profissão, ao invés de terem de trocar de clube a cada semestre, e aos que atuam em clubes “grandes” e são convocados por seleções nacionais, um maior respeito ao corpo e uma recuperação física apropriada;
- 5) Os fatores de ordem pessoal e familiar, tais como: a concretização de um projeto coletivo e de ascensão social³⁶¹, a realização de viver daquilo que gosta de fazer, a vontade de atuar e morar fora do país, o aprendizado profissional, a experiência cultural e uma melhor qualidade de vida, tendo em vista tantos problemas sociais no Brasil.

A “Lei Pelé”, portanto, não é a única responsável pela saída em massa de futebolistas do Brasil. Existem vários outros fatores que somados levaram a esse quadro. Antes de sua existência, centenas de atletas profissionais já migravam para o exterior. Ela apenas faz valer um direito concedido a todo e qualquer trabalhador, o da liberdade profissional. Esse desejo vinha sendo manifestado pelos jogadores brasileiros havia mais duas décadas. Previamente ao caso Bosman, como vimos, houve uma tentativa de pôr fim à “Lei do Passe” no Brasil. Com a sentença dada pela Corte Europeia de Justiça, era inevitável que tal jurisprudência chegasse ao país. A “Lei Pelé” é usada como desculpa pelos clubes, federações e CBF para escamotear a própria má e corrupta administração, que também influencia indiretamente a saída de jogadores do Brasil.

1.3.18 Os futebolistas brasileiros “*footloose*” e as características dessa migração específica

Uma reportagem publicada pela renomada revista inglesa *The Economist*, em janeiro de 2005, avaliou essa exportação crescente de futebolistas brasileiros. O título da matéria é sugestivo, “*Footloose*”, cuja intenção era mostrar que os nossos jogadores estavam livres, desimpedidos para ir, mover-se, transferir-se para onde quisessem, sem quaisquer amarras ou

³⁶⁰ As datas FIFA compõem o calendário oficial de partidas internacionais, as quais são acordadas com as seis confederações continentais. Nessas datas, os clubes são obrigados a ceder seus atletas profissionais às respectivas seleções nacionais, seja para jogos amistosos, seja para partidas oficiais de longas competições ou torneios de curta duração. Geralmente, são cinco ao longo do ano: final de março, início de junho, início de setembro, início de outubro e início de novembro.

³⁶¹ Cf. RIAL, 2008, p. 35.

restrições legais³⁶². O texto começa enfatizando a franca expansão do número de atletas profissionais que deixaram o país desde o início da década de 1990, passando de aproximadamente 130 para 850 na metade dos anos 2000, o que faz do Brasil “o maior exportador mundial de futebolistas”³⁶³. Como consequência, a decadência do futebol no Brasil, cujo Campeonato Brasileiro tinha uma média de público por partida mais de quatro vezes menor do que a *Premier League* (8.000 contra 35.000 torcedores) naquele momento. A gestão corrupta e não profissional é, também, identificada como um problema que faz com que os clubes tenham dificuldade de pagar altos salários. Outra razão apontada é a diferença salarial. De forma objetiva, organizo e resumo outras situações elencadas pela matéria e em seguida discuto essas e outras características da migração de futebolistas brasileiros para o exterior:

- 1) A carreira cada vez mais breve dos jogadores “estrelas” nos clubes brasileiros, antes de assinarem com clubes europeus;
- 2) A saída de jogadores de qualidade técnica mediana para quaisquer mercados do futebol, inclusive para divisões inferiores, porém com salários maiores que no Brasil, tais como Portugal, Indonésia, Armênia, Vietnã, Islândia e Índia;
- 3) O número crescente de jogadores que debutam profissionalmente fora do Brasil;
- 4) O número também crescente de atletas profissionais que retornam ao Brasil, sendo que as “estrelas” voltam quando estão envelhecendo;

Acerca do primeiro item, essa característica já havia se tornado visível ainda nos anos 1980, quando entre a Copa do Mundo de 1982 e a de 1986 a média de idade dos jogadores brasileiros que tinham sido selecionados e que se transferiram para o exterior tinha caído em mais de quatro anos (ver Tabelas 10 e 11). Antigamente, costumavam migrar atletas que tinham tido sucesso profissional em seus clubes e/ou na Seleção Brasileira. A intenção do clube estrangeiro de tentar minimizar o erro da escolha é notável, ainda mais quando o número de estrangeiros permitidos pelos regulamentos era diminuto. Isso não quer dizer, evidentemente, que não tenham existido exceções, seja pela transferência de atletas jovens sem passagem pela Seleção, como Sergio Clerici (que atuou na Itália entre 1960 e 1978), seja

³⁶² A reportagem também foi publicada no *site* da revista. Cf. FOOTLOOSE..., 2005.

³⁶³ Ibid., tradução minha. Desde 1993, quando o Banco Central do Brasil começou a contabilizar os valores referentes à venda de futebolistas para o exterior, a renda já passou de US\$ 1 bilhão. Em 2005 e 2006, a exportação de jogadores rendeu mais do que a de frutas tradicionais e a de alguns produtos industrializados. Cf. EXPORTAÇÃO..., 2007.

pela escolha que não surtiu o efeito esperado apesar do destaque no selecionado nacional, como Didi. Do final da década de 1980 em diante, têm migrado futebolistas que se destacaram em competições juvenis, sobretudo com a camisa amarelinha (como o Élber, que saiu do Londrina para o Milan, em 1990, com apenas 21 anos), e até mesmo aqueles que ainda não se firmaram como titulares em seus clubes (o William, que saiu do Corinthians para o Shakhtar Donetsk em 2007, é um exemplo).

O curto período de atuação de jogadores altamente qualificados nos clubes brasileiros significa, de outro modo, que eles saem cada vez mais jovens do Brasil. É o que Rial (2008, p. 49) chamou de “juvenilização da emigração”. A carreira dos mais talentosos é desenvolvida na maior parte na Europa, ou pelo menos enquanto tiverem condições de atuar em alto nível (Ronaldinho Gaúcho, por exemplo). Resultado disso é a composição da Seleção Brasileira por atletas que atuam majoritariamente no futebol europeu. Dos futebolistas convocados para as últimas três Copas do Mundo apenas dez dentre 69 jogavam no Brasil (ver Tabela 8), sendo que somente Robinho (em 2010) e Fred (em 2014) eram titulares, e estavam no país por opção pessoal. Raí, que da sua geração (1980-1990) foi um dos poucos que saiu “tarde” do Brasil, já no auge na carreira, relata exatamente essa mudança e em seguida aponta para a abertura de outros mercados:

Se fosse hoje, com certeza eu não atuaria no Brasil até os 28 anos. Fica muito difícil resistir às propostas dos europeus e os clubes brasileiros não conseguem mais segurar os jogadores por muito tempo. [...] Não dá para achar que todos os jogadores vão parar em times de ponta da Europa. Não há espaço para todo mundo. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 112).

Na esteira do sucesso dos jogadores conhecidos internacionalmente, migraram também atletas profissionais de qualidade técnica comum, o que é apontado no segundo item. Para tanto, foram necessários, primeiro, a flexibilização dos regulamentos e, depois, o fim da “Lei do Passe”. A transformação do futebol em negócio veio acompanhada do surgimento de um ator, hoje central no universo do futebol, o empresário ou agente³⁶⁴. Através dos contatos estabelecidos por eles, futebolistas amadores e profissionais têm saído do Brasil para atuar nos lugares mais longínquos e sem tradição no mundo do futebol, tais como: China (19 brasileiros, em 2002), Índia (11, em 2003), Indonésia (26, em 2004), Vietnã (30, em 2005), Angola (12, em 2006) e Hong Kong (31, em 2007)³⁶⁵.

³⁶⁴ O *status* internacional dessa profissão foi reconhecido pela FIFA em maio de 1994. Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 222.

³⁶⁵ Cf. CBF, 2004a; 2004b; 2005; 2006; 2007a; 2007b.

Quais os motivos que levam jogadores para tais lugares? É muito provável que questões de ordem pessoal, familiar e profissional sejam a razão maior para tamanha “aventura”, uma vez que muitos, para não dizer a maioria, migram sem saber a língua, os costumes, as condições de moradia e de trabalho, nem mesmo a localização geográfica do país. A fala de Márcio Gaia, jogador de início promissor com passagens pela Seleção Brasileira sub-17, mas que acabou atuando por vários pequenos clubes do Nordeste, não deixa dúvida: “Vim no escuro e fiquei um pouco preocupado com a falta de informações, mas sabia que havia uma boa chance de acertar uma ida para a Europa e ajudar minha família. Só quando cheguei no aeroporto é que soube para onde estava indo.” (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 40). Tratava-se de um teste no Exeter City, então na terceira divisão da liga inglesa. Essa situação dramática leva-me a pensar se não é uma questão, também, de sobrevivência. Certo é que foi a possibilidade que lhe apareceu para viver da atividade que gosta de fazer, ajudar a família a ter uma vida com mais qualidade e ter melhores condições de trabalho, com destaque para o recebimento de salários conforme o contrato e em dia.

Um dos efeitos da saída de milhares de futebolistas brasileiros, sejam eles “estrelas”, sejam “comuns”, é a presença cada vez maior deles em outras seleções nacionais. Os casos em que pesam a ascendência familiar (como Kevin Kurányi, pela Alemanha) são exceções. A maioria das oportunidades surge após o atleta atuar por vários anos no país e estabelecer um vínculo identitário (como Ruy Ramos, pelo Japão). Não se pode descartar, evidentemente, em ambas as situações, a vontade do futebolista de tentar a realização pessoal e profissional de jogar grandes competições entre seleções, especialmente a Copa do Mundo, sobretudo pela enorme dificuldade em ser convocado para a Seleção Brasileira. O relato de Eduardo da Silva, que se naturalizou croata e foi convocado para a Copa do Mundo de 2014, revela como várias circunstâncias são levadas em conta ao se naturalizar por outro país:

Não foi um caso de simplesmente escolher um país para representar, pois eu já morava há cinco anos na Croácia. E, sinceramente, para jogar na seleção brasileira hoje em dia você precisa ser pelo menos artilheiro do Real Madrid. Pela Croácia, tenho a chance de realizar o sonho de disputar uma Copa do Mundo. No amistoso de 2005, foi muito estranho quando tocou o hino nacional brasileiro, mas, ao entrar no jogo, já no segundo tempo, só pensava em ajudar o país que me adotou. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 54).

Mesmo quando jogadores criam laços identitários com outro país, isso não significa, contudo, um afastamento do Brasil³⁶⁶. Até para aqueles poucos que optam por continuar a

³⁶⁶ Cf. RIAL, 2008, p. 33.

viver no exterior, a proximidade do país de origem é, segundo Rial (2008, p. 33), “constantemente afirmada em suas falas e [...] em suas práticas cotidianas de consumo que compõem seus estilos de vida.”. A autora ainda argumenta que o objetivo de muitos jogadores é a circulação livre por entre os países da União Europeia, daí falarem em “*conseguir um passaporte comunitário*” e não em nacionalizar-se³⁶⁷. O clube também sempre tiveram interesse para abrir espaço a outro estrangeiro dentro do elenco. E o país, por sua vez, em recolher os devidos impostos, uma vez que o atleta profissional passa a ser cidadão como qualquer outro, o que no caso daqueles que recebem salários milionários representa uma grande quantidade de dinheiro. Por essas razões, a nacionalização favorece uma maior circulação de futebolistas³⁶⁸.

Sobre o terceiro item, a estreia profissional fora do Brasil, cabe dizer que uma das suas causas, talvez a principal, é a saída não registrada de futebolistas do país, como aqueles que atuam na várzea, em torneios amadores ou que estão sem contrato assinado com clubes brasileiros. A maioria deles vai ao exterior para atuar em divisões inferiores, como vimos. Engana-se quem pensa que os destinos deles são mercados periféricos ou “exóticos”³⁶⁹. Ao menos, a se considerar os dados da CBF relativos ao ano de 2009, a Alemanha foi o país que mais recrutou jogadores dessa maneira (96), seguida da Suíça (56) e de Portugal (47)³⁷⁰. Ao todo, saíram “clandestinamente” 349 jogadores naquele ano, número muito inferior aos 797, de 2008. Isso comprova que os próprios dados oficiais divulgados pela CBF, tal como apresentados na Tabela 5, são uma sub-representação da realidade das transferências internacionais de futebolistas brasileiros. Não é sem razão que a estimativa do total de jogadores brasileiros no exterior gira em torno de 4 mil³⁷¹. A CBF só fica sabendo quando os clubes estrangeiros entram em contato para registrar os contratos.

Um atleta profissional brasileiro que se tornou famoso e que fora recrutado dessa maneira foi Claudemir Jerônimo Barreto, o Cacau. Em 2000, ele deixou a escolinha Joana D’Arc, em Mogi das Cruzes/SP, para jogar no modesto Türk-Gücü, um clube da comunidade turca em Munique, então na quinta divisão nacional da Alemanha. Em 2001, foi contratado pelo time B do Nuremberg e, no mesmo ano, virou titular do time principal. Dois anos depois, transferiu-se para o Stuttgart, onde fez longa carreira, sagrou-se campeão nacional em 2007 e

³⁶⁷ Cf. RIAL, 2008, p. 32, grifos da autora.

³⁶⁸ Ibid., p. 33.

³⁶⁹ Cf. JACOBS; DUARTE, 2006, p. 89.

³⁷⁰ Cf. RANGEL, 2010, p. D2.

³⁷¹ Cf. RIAL, 2008, p. 26.

ganhou notoriedade. Naturalizou-se alemão em 2009, defendeu a seleção nacional entre 2009 e 2012 e, inclusive, foi convocado para jogar a Copa do Mundo de 2010, disputada na África do Sul, onde marcou um gol. Apesar do sucesso, ele tem clareza de que é uma exceção e adverte:

Apesar do meu sucesso, não quero ser tratado como exemplo. Já conheci muitos jogadores que vieram em condições parecidas com a minha e se deram mal. Muitos empresários até usam o meu nome para aliciar esses jovens. [...] Gostaria de deixar claro aos jovens que não se aventurem a jogar em clubes pequenos por aqui. Já vi cinco atletas brasileiros dividindo um quarto minúsculo, outro passando fome, e um que vendeu tudo no Brasil para jogar aqui, e o empresário sumiu. Essa vida não é fácil. (RANGEL, 2010b, p. D2).

O relato transparece que o sonho de atuar profissionalmente no exterior pode se transformar em pesadelo. Ter uma vida igual ou pior do que no Brasil também é uma possibilidade quando se migra, embora ela costume ser “apagada” e “esquecida” diante de tantas histórias de sucesso profissional e econômico de futebolistas brasileiros fora do país. Além das falsas promessas e da falta de apoio de empresários, existem outras diversas dificuldades enfrentadas pelos jogadores no exterior, tais como: a saudade do Brasil, dos familiares e dos amigos; a língua, a culinária, a religião e outras diferenças culturais; o frio ou o calor excessivo; as dificuldades de relacionamento no clube e na comunidade local; a solidão ou o isolamento pessoal e familiar; o racismo e a xenofobia; entre outras.

Penso não ser forçoso afirmar que a motivação básica para o futebolista brasileiro migrar está no fato de se pagar melhor e em dia no exterior. Talvez esta seja a explicação para que se tente contornar um problema enfrentado alhures que não seja de ordem profissional. Contudo, quando dificuldades fora do âmbito do trabalho se somam a uma circunstância profissional difícil ou inesperada, como atraso de salários ou problemas de relacionamento, a probabilidade do retorno ao Brasil ou da migração para outro país se torna quase inevitável. E, à medida que se consegue a propalada “independência financeira”, algo que é muito variável e subjetivo e que se traduz na acumulação de uma quantia pecuniária desejada antes da migração, essas outras situações e problemas que dizem respeito à vida no exterior passam a ter um peso maior na avaliação da experiência de residir e atuar fora do Brasil³⁷². Ao menos, é o que se pode deduzir de duas falas: uma de Leandro Alves, mais conhecido como Léo, que passou dois anos atuando no clube romeno Universitatea Craiova; e outra de Vágner Love, que saiu do país em 2004 após assinar um contrato milionário com o CSKA Moscou.

³⁷² Cf. JACOBS; DUARTE, 2006, p. 43.

[a] Adaptei-me bem, mesmo com o frio. O difícil era o racismo nas ruas. Só aturei porque nessa época já tinha uma filha para criar. Às vezes, saía do treino chateado porque os jogadores não tocavam a bola como gosto de jogar. Aí, ia caminhando na calçada para pegar um táxi, nisso passava um grupo de meninos brancos e começava a fazer som de macaco. É duro. Ficava revoltado. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 35).

[b] Quero voltar ao Brasil por motivos particulares. Mas isso não significa que não tenha sido bem recebido na Rússia ou que não me sinta adaptado. – explica o jogador [Vágner Love], que diz ter-se [sic] deparado com o racismo gritante da sociedade russa. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 46).

Não há como negar que todas essas situações influenciem bastante a decisão de voltar ao Brasil. É preciso considerar que a migração de futebolistas não envolve a simples e óbvia troca de clube e mudança de país, mas também uma série de fatores relacionada à distância da família e dos amigos, às diferenças culturais e climáticas, ao local e à comunidade onde reside, aos relacionamentos, ao ambiente de trabalho, à forma como é recebido por diferentes atores do universo do futebol, aos treinamentos e métodos de trabalho, ao diferente estilo de jogo e de posicionamento tático, à concorrência interna, à situação vivida pelo clube no momento, à cobrança dos dirigentes, companheiros e torcedores etc. Tantas circunstâncias exigem do atleta profissional maturidade. O crescente número de retornos, que compõe o item quatro daquela relação, deve-se também à falta disso, muitas vezes em virtude da pouca idade e da precocidade da saída para o exterior.

No início dos anos 1980, migravam jogadores com aproximadamente 28 anos, que estavam no auge da carreira e já haviam passado por inúmeras experiências ao longo da trajetória. Majoritariamente, estavam casados e tinham filhos. Nessas circunstâncias, a transferência para a Europa era uma etapa profissional planejada, quase sempre única, o que fazia com que fosse encarada com maior responsabilidade, comprometimento e seriedade. Mesmo diante daquelas dificuldades apontadas, havia um grande esforço para superá-las, contando sempre com o apoio da família e da religião. A vida fora do clube era, exatamente, dedicada à esposa e aos filhos, permanecendo em casa na maior parte do tempo livre. Diante desse quadro, a probabilidade da experiência migratória dar certo é muito grande.

A partir do momento em que passaram a migrar futebolistas cada vez mais jovens, em especial dos anos 2000 em diante, essa probabilidade diminuiu. Muitas vezes esses jogadores não têm interesse no matrimônio e, embora sejam religiosos, não são praticantes. Deslocam-se sozinhos, uma vez que os pais permanecem no Brasil em virtude do trabalho que exercem. Sem o apoio e a orientação familiar, estão mais suscetíveis à solidão e até à depressão, de um lado, e a levar uma vida desregrada, de outro. A busca por conhecer pessoas e “curtir” a vida ou a “*night*” é própria dessa idade. Como em qualquer profissão, as noites atrapalham o

desempenho no trabalho, mas para quem é atleta de alto rendimento, que trabalha no limite do corpo e em competição física, isso é ainda mais prejudicial e visível. Por falta de experiência ou orientação, por má influência ou estrelismo, dificuldades profissionais são, por vezes, mal conduzidas. Com certa frequência, a saída que se apresenta nesses casos de “falta de adaptação” é ou a troca de clube, como uma espécie de punição devido à má conduta, ou o retorno ao Brasil, onde geralmente há uma condescendência muito grande dos dirigentes com equívocos cometidos por jogadores de qualidade técnica superior.

Novamente, duas falas corroboram essa argumentação. Primeiro, vejamos um relato dado por Denílson, que em 1998, aos 20 anos de idade, se tornou o jogador mais caro do mundo numa transferência entre São Paulo e Betis:

Foi um erro. Dormi como jogador de destaque do São Paulo e acordei na Espanha como jogador mais caro do mundo, não sabia o que era isso. [...] Era impossível recusar aquela oferta, mas se o contrato fosse hoje, teria reagido de outra maneira. Só que me pegou muito jovem. Foi muito complicado. A pressão por ser o jogador mais caro do mundo pesou demais. [...] Ser alegre prejudicou-me muito. Você sorri e não levam a sério. Quer ser legal com todo mundo e se dá mal, porque não respeitam você. [...] Apanhei muito nos jogos. Aqui na Europa o seu prestígio está em jogo a cada sete dias. No Brasil, corria para frente. Na Espanha, aprendi a correr para trás para ajudar a defesa. No final, você acaba aprendendo, mas não vou mudar minha maneira de ser. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 68-69).

Sendo jovem e mimado no Brasil, não é difícil de entender que ele se coloque na posição de vítima e prefira culpar os estrangeiros a assumir a responsabilidade por não conseguir se integrar na Espanha, como ele e o clube esperavam. Uma fala de Dunga, em segundo lugar, torna essa situação ainda mais evidente:

A imprensa gosta de dizer que o jogador brasileiro vai para o exterior para desenvolver-se em termos táticos. Mas, na verdade, ele acaba aprendendo muito mais a ter responsabilidade. Aqui no Brasil, qualquer jogador acima da média pensa que ele pode ter mais privilégio do que os outros e, muitas vezes, o treinador faz vista grossa. Mas lá fora, se você não joga para o time, você perde a vaga. (JACOBS; DUARTE, 2006, p. 116).

Vejamos como esse conjunto de fatores que leva o futebolista a retornar ao Brasil acaba se traduzindo em termos estatísticos. Retomando a Tabela 5, vemos que desde 1995, quando se tem o primeiro registro de entradas de jogadores no Brasil, esse número só cresceu ao longo do tempo. Os dados de entradas apresentados não se referem somente aos retornos de brasileiros, mas também às contratações de atletas estrangeiros por clubes nacionais. Embora a presença destes tenha aumentado nos últimos anos, ainda correspondem a um

percentual muito pequeno do total de jogadores no Campeonato Brasileiro, apenas 6,1%³⁷³. Diante disso, creio não ser forçoso dizer que o percentual de retornos dentro dos dados de entradas contidos na Tabela 5 referem-se quase a sua totalidade. Isto posto, assumirei tais dados como equivalentes apenas para efeito de análise. Entre 1999 e 2003, manteve uma média de 340 retornos ao Brasil. Nos quatro anos seguintes, excetuando 2006, houve um novo patamar, na casa de 490. Entre 2008 e 2010, um último salto permanecendo na faixa aproximada de 680 retornos. No período de 1995 a 2010, o crescimento das saídas de jogadores do Brasil foi de 405,1%, e o das entradas, 435%. Portanto, o crescimento dos retornos até superou o das idas ao exterior. Se futebolistas partem para o exterior cada vez mais jovens e se a taxa de crescimento das entradas é superior à das saídas, pode-se conjecturar que boa parte dos retornados é composta por jovens também.

Ainda assim, os atletas já em fim de carreira também estão contemplados nesses dados e chamam a atenção do público geral. Exemplos não faltam, de diferentes gerações e posições: Júlio César, aos 38 anos; Mazinho, aos 35; Dida, aos 39; Zé Roberto, aos 38; e Ricardo Oliveira, aos 35. A maioria deles retorna ao Brasil antes mesmo de “pendurar as chuteiras” para vestir a camisa de um clube brasileiro pela última vez, geralmente daquela agremiação que os projetaram internacionalmente ou daquele clube pelo qual torciam na infância. Terminar a carreira na terra natal é visto como o último contradom, como uma forma de gratidão³⁷⁴.

Esse ponto revela a emigração como parte de uma circulação. É o “rodar”, do qual fala Rial (2008), aliás, o seu argumento central. Ele começa quando o futebolista sai de casa, afasta-se do convívio familiar e tem uma mudança radical de vida. Enquanto de um lado é vivido dolorosamente, de outro é cercado de grandes esperanças de realização profissional³⁷⁵. O trânsito no interior do campo futebolístico é mediado pelos empresários ou agentes. Através deles, consegue-se muitas vezes uma oportunidade de atuar no exterior. Fazendo parte da circulação, a emigração é encarada como uma situação provisória, “apenas uma passagem, algo que se faz como um trabalho, com sacrifício, para receber a recompensa de prestígio profissional e financeira.” (RIAL, 2008, p. 58). O retorno ao Brasil completa o movimento circular. A autora, assim, utiliza uma categoria nativa, o “rodar”, para refletir sobre o

³⁷³ Cf. COM..., 2016.

³⁷⁴ Acerca da discussão de dom/dádiva e contradom, consultar o capítulo 3 de Damo (2007), intitulado “O espectro do dom: talento, dádiva e capital futebolístico”.

³⁷⁵ Cf. RIAL, 2008, p. 47.

fenômeno migratório de futebolistas brasileiros, sendo que eles próprios atribuem à noção um valor positivo, qual seja o de propiciar experiências e ensinamentos³⁷⁶.

1.3.19 Reações, racismos e antirracismos

Há vinte anos, quando se olhava para a escalação de um time profissional europeu, podia-se facilmente supor o país daquele clube a partir dos nomes dos jogadores. Hoje em dia, isso tem se tornado cada vez mais difícil devido à migração em massa de atletas profissionais de diferentes lugares do mundo, o que alterou completamente a composição dos times no Velho Continente. Em alguns casos, a situação é tal que, dos onze homens que entram em campo, nenhum deles é da mesma nacionalidade que o clube, como já aconteceu com Arsenal, Chelsea, Wolfsburg e Internazionale, por exemplo. Esta última agremiação, aliás, foi, em 2010, o primeiro campeão europeu com todos os titulares estrangeiros, algo que foi bastante destacado pela imprensa esportiva na época. A capa do caderno de esportes da *Folha de S.Paulo* do dia seguinte à final da *UEFA Champions League* estampava o título “*Los gringos*”, valorizando a legião estrangeira que compunha o time, com destaque para a defesa brasileira, o ataque argentino e o comando técnico português (ver Figura 17). Alguns raros clubes preferem resistir à entrada de estrangeiros no time, com destaque para o Athletic Bilbao, da Espanha, o Belenenses, de Portugal, o Piacenza, da Itália e o Wimbledon, da Inglaterra³⁷⁷.

Essa nova realidade do futebol, globalizado e pluricultural, vem sendo discutida por todos os atores do universo do futebol. As autoridades máximas do esporte debruçaram-se sobre a questão e passaram a declarar publicamente o seu descontentamento com a grande presença de estrangeiros no futebol praticado na Europa. O então presidente da UEFA, Michel Platini,

Figura 17 – Com o título “*Los gringos*”, a capa do caderno de esportes da *Folha de S.Paulo* valorizou a legião estrangeira do time titular da Inter de Milão que se sagrou campeã da *UEFA Champions League* na temporada 2009-2010. Fonte: *Folha de S.Paulo*, 23 maio 2010, p. D1.

³⁷⁶ Cf. RIAL, 2008, p. 31.

³⁷⁷ Em 2015, Iñaki Williams tornou-se o primeiro jogador negro a marcar um gol com a camisa do Athletic Bilbao em 117 anos. Embora seja filho de pai ganês e mãe liberiana, ele nasceu no país Basco e cumpriu assim o critério essencial da política de contratações do clube. Cf. PIRES, 2015.

manifestou-se após a final da Liga Europa da temporada 2010/2011, disputada na ocasião entre os clubes portugueses Porto e Braga, cujos times eram repletos de futebolistas sul-americanos, sobretudo brasileiros:

Sou a favor da identidade local. Se o Porto é de Portugal, eles deveriam jogar com jogadores portugueses em vez de comprar esquerda, direita e meio de outros países. Jogadores jovens do Brasil e da Argentina seriam melhores jogando em seus próprios campeonatos. (PLATINI..., 2011).

Discurso xenofóbico menos agressivo já havia sido feito pelo então presidente da FIFA, Joseph Blatter, ao fazer uma visita ao México em 2009. Na oportunidade, reprovou também a grande presença de brasileiros e argentinos nas ligas e seleções europeias:

Há um excesso de jogadores sul-americanos, sobretudo do Brasil e da Argentina, que obtêm com facilidade o passaporte do país em que atuam. Isso pode resultar numa Copa de 2014 disputada, na maioria, por jogadores do Brasil e da Argentina. Por isso, devemos intervir. [...] Vou impor mais restrições. (BLATTER..., 2009).

As restrições a que se referiu Blatter se traduzem pela tentativa de implementação da regra “6+5”. A proposta era que os clubes europeus, no começo de cada partida, escalassem times com pelo menos seis futebolistas elegíveis de jogar na seleção nacional do país da agremiação. Essa composição poderia ser mudada ao longo do jogo através das alterações de atletas, mantendo liberdade de ação aos treinadores. Não haveria, também, limites sobre o número de jogadores estrangeiros que um clube poderia contratar³⁷⁸. A tentativa não era nova, vinha desde 1999, um ano depois da posse de Blatter como presidente da FIFA³⁷⁹. O objetivo era restaurar a identidade nacional dos clubes europeus que cada vez mais recorrem aos jogadores estrangeiros na formação do próprio plantel. Outra intenção era reduzir a crescente distância entre os clubes “grandes” e os “pequenos”, haja vista que os mais endinheirados têm maior poder para contratar os melhores atletas de outros países.

Em 2008, o Parlamento Europeu rejeitou novamente o plano para limitar o número de estrangeiros que poderiam ingressar uma partida de futebol pelos clubes do continente. A proposta foi considerada inviável porque viola as leis da União Europeia sobre a livre circulação de trabalhadores e a livre concorrência, tal como deliberadas pelo Tratado de Roma e pelo caso Bosman, e pode levar a contestações judiciais custosas. Dessa forma, a resolução foi: “O Parlamento insta os Estados membros e as associações desportivas a não introduzir

³⁷⁸ Cf. INSTITUTE, 2009, p. 1.

³⁷⁹ Cf. WAGMAN, 1999.

novas regras que criem discriminação direta baseada na nacionalidade, tal como a ‘6+5’ da FIFA.” (ENNIS, 2008, tradução minha).

A FIFA, mesmo assim, não se deu por vencida. Contratou uma instituição independente, o *Institute for European Affairs* (INEA), para a elaboração de um relatório supostamente isento sobre a proposta. A conclusão a que chegaram os “*experts*”, como está escrito no texto, é que a regra “6+5” era compatível com o direito europeu³⁸⁰. O Parlamento Europeu não se comoveu nem alterou a decisão anteriormente publicada. No Congresso da FIFA, ocorrido durante a Copa do Mundo de 2010, na África do Sul, Joseph Blatter, então, anunciou que a instituição máxima do futebol tinha finalmente abandonado a ideia da regra “6+5”. Disse, não obstante, que iria procurar outra solução para a questão, garantindo: “Eu ainda não completei minha missão como presidente da FIFA, estou motivado para ir para outro mandato.” (FIFA..., 2010, tradução minha).

Personalidades políticas fora do universo do futebol também chamaram a atenção da comunidade internacional ao abordarem sobre a grande presença de estrangeiros e de negros nos clubes e nas seleções nacionais europeias. Jean-Marie Le Pen, certamente, é quem mais se destacou. Durante a Eurocopa de 1996, disputada na Inglaterra, o ex-candidato a presidente da França deu a seguinte declaração, um dia após a seleção francesa se classificar para as semifinais da competição:

É um pouco artificial trazer jogadores do exterior e chamá-los de Seleção Francesa. Os jogadores em outras seleções cantam seu hino nacional com entusiasmo; a maioria dos jogadores na Seleção Francesa não canta *La Marseillaise* e nem sequer sabe cantá-la. (JEAN-MARIE..., 2002, tradução minha).

De acordo com sua opinião xenofóbica, franceses filhos de imigrantes e cidadãos nascidos nas ex-colônias naturalizados franceses não deveriam integrar a seleção nacional, pois não representavam o país³⁸¹. Valendo-se do futebol para falar da transformação social vivida na França, o líder da Frente Nacional expôs, muito mais do que seu nacionalismo ufanista, o teor racista de seu discurso, cujas propostas políticas frente à imigração, ao desemprego e à criminalidade crescentes naquele país tornavam isso ainda mais evidente. Um dos líderes daquele time, o volante negro Marcel Desailly respondeu com indignação: “Se há

³⁸⁰ Cf. INSTITUTE, 2009, p. 3.

³⁸¹ Se assim tivesse sido, aquele elenco estaria desfalcado pela metade, ou onze jogadores: Angloma (guadalupino), Desailly (ganense), Djorkaeff (ascendência armênia e calmuca), Karembeu (neocaladônio), Lama (ascendência guianense), Lamouchi (ascendência tunisiana), Loko (ascendência polonesa e congolense), Martins (ascendência portuguesa), Pedros (ascendência portuguesa), Thuram (guadalupino) e Zidane (ascendência argelina).

negros ou não no time, se cantamos ou não o hino, isso não me interessa. Sou francês e uso a camisa da seleção.” (BUENO, 1996, p. 10), sendo apoiado pelo capitão do time, Didier Deschamps, e pelo dirigente da FFF, Jean-Pierre Hureau.

Com poucas mudanças, aquela seleção francesa foi a mesma que, dois anos depois, conquistou a Copa do Mundo de 1998, sediada na própria França, vencendo o Brasil na final de forma indiscutível, 3 a 0. Composta por atletas de distintas origens étnicas e geográficas, a seleção ficou conhecida como “*Black-Blanc-Beur*” (Negros-Brancos-Árabes) e simbolizou o cadinho de povos e culturas que constitui a sociedade francesa³⁸². Naquele ambiente completamente favorável pela conquista inédita, quando os franceses tomaram as praças e as coloriram com o vermelho, branco e azul da bandeira nacional, o futebol foi analisado como uma “força integradora para as minorias étnicas” e a França, como um “modelo avançado de integração” multirracial³⁸³.

A realidade falsa, ou de outro modo supervalorizada, não duraria para sempre, nem no futebol nem na sociedade francesa. Em 2011, o *site Mediapart* publicou uma escuta completa de uma reunião realizada dentro da FFF em que dirigentes discutiram e aprovaram o estabelecimento de cotas raciais, limitando para 30% o número de jogadores vindos da África nos centros de treinamento do país³⁸⁴. Uma das pessoas presentes na reunião e acusadas de racismo foi o então treinador da seleção francesa Laurent Blanc, ex-zagueiro que havia sido campeão mundial pelos *Bleus* em 1998. Embora tenha rejeitado a acusação e a implementação de cotas raciais, ele admitiu que a dupla nacionalidade é um problema, uma vez que 20% dos jovens treinados pela FFF atuam posteriormente em outras seleções³⁸⁵.

No ano seguinte, foi a vez de Nicolas Sarkozy, então presidente francês, chamar a atenção. Na corrida eleitoral de 2012, em seu comício na *Place de La Concorde*, onde catorze anos antes tinha sido palco de efusivas comemorações da seleção francesa, Sarkozy bradou: “A França tem o direito de decidir quem aceita em seu território.” (ROSSI, 2012, p. A18), sendo acompanhado por uma plateia aproximada de 100 mil pessoas. Era uma óbvia alusão a

³⁸² Cf. KASSIMERIS, 2008, p. 64. Apesar da geração vitoriosa que se formou desde 1998, a presença de jogadores negros na seleção francesa não incomodou apenas políticos da extrema direita, mas também alguns intelectuais. O filósofo francês de origem polonesa Alain Finkielkraut ficou conhecido do público geral em 2005 ao dar uma declaração polêmica ao jornal israelense *Haaretz*: “As pessoas dizem que a seleção francesa é admirada por todos por que ela é *Black-Blanc-Beur*. Na verdade, a seleção da França é agora Black-Black-Black, sendo motivo de chacota em toda a Europa.”. Depois de um movimento social contra o racismo afirmar que sua fala incitava o ódio racial na França, ele logo pediu desculpas públicas e culpou a má tradução feita pelo jornal para a língua hebraica como a causadora da repercussão. Cf. M. FINKIELKRAUT..., 2005, tradução minha.

³⁸³ Cf. LANFRANCHI; TAYLOR, 2001, p. 9.

³⁸⁴ Cf. FEDERAÇÃO..., 2011, p. D16.

³⁸⁵ *Ibid.*, p. D16.

sua proposta política de eliminação da imigração ilegal e de controle da legal. Ainda que ele não tenha sido reeleito, seu discurso, somado ao da extrema direita, encontra eco entre uma parcela significativa da população francesa.

Descendo o nível na estrutura hierárquica do futebol, dos dirigentes para os treinadores, também são encontrados casos conhecidos que suscitaram o debate racial. Talvez o mais notório deles seja o da seleção holandesa que disputou, coincidentemente, a Eurocopa de 1996. Na verdade, a tensão racial havia transparecido pela primeira vez no jogo eliminatório em que a Holanda se classificou para a competição, quando Davids, Kluivert, Seedorf e Reiziger, todos atletas negros, disseram em uma entrevista para a televisão: “Nós somos a conspiração.” (JACKSON, 2012, tradução minha)³⁸⁶. Antes do torneio começar, novos rumores surgiram naquele elenco repleto de ótimos jogadores. De acordo com Yuri Mulder, um dos futebolistas brancos, havia uma divisão interna motivada pelos valores pagos aos atletas que serviam o selecionado³⁸⁷. Quem recebia menos eram os mais novos. Coincidentemente ou não, quase todos os negros convocados compunham esse grupo, os quatro já citados mais Bogarde e Taument³⁸⁸. Outra versão dos fatos assegura que havia uma antipatia mútua entre negros e brancos dentro do elenco, sendo que uns e outros não passavam a bola nem comemoravam gols juntos³⁸⁹.

Após a segunda partida na Eurocopa, o treinador Guus Hiddink consultou o capitão e zagueiro branco Danny Blind e optou por sacar Davids do time titular. O problema, então, tornou-se público quando o volante negro acusou o treinador de proteger os atletas brancos e de excluir os negros das decisões táticas, pronunciando ainda a frase bombástica: “*He’s [Hiddink] too deep in the ass of Blind.*” (JACKSON, 2012)³⁹⁰. Como consequência, ele foi excluído da seleção e mandado de volta para casa³⁹¹. A goleada de 4 a 1 sofrida na terceira rodada para o *English Team* fica melhor explicada diante desses fatos, por mais que os súditos da Rainha formassem um bom time e estivessem motivados por jogar em casa. Depois de chegar como uma das favoritas, a eliminação holandesa era questão de tempo e veio na partida seguinte, válida pelas quartas de final, contra a seleção francesa, nos pênaltis, depois

³⁸⁶ Em 1989, o craque holandês negro Ruud Gullit liderou uma revolta contra o então treinador da seleção Thijs Libregts, que era acusado de criticar injustamente os jogadores negros do time. Pouco antes da Copa do Mundo de 1990, Libregts foi demitido. Cf. HERSH, 1998, p. 1.

³⁸⁷ Cf. JACKSON, 2012.

³⁸⁸ Os outros dois negros do elenco eram Veldman e Winter.

³⁸⁹ Cf. KASSIMERIS, 2008, p. 71.

³⁹⁰ Cf. BUENO, 1996, p. 10; HERSH, 1998, p. 1; KASSIMERIS, 2008, p. 72. Por ser de baixo calão, optei por não traduzir a frase.

³⁹¹ Cf. BILLINGHAM, 2010.

de empate sem gols no tempo normal. Seedorf foi o único jogador holandês a errar a penalidade máxima, sendo confortado por Kluivert, Reiziger e Bogarde, companheiros negros da equipe, e por Lama e Karembeu, negros do time francês³⁹². Para Arthur Numan, outro futebolista branco daquele elenco, o resultado não surpreendeu: “Quando o ambiente não é bom na concentração, você vê isso no gramado. Não é surpresa nenhuma quando o grupo não é mais uma unidade.” (JACKSON, 2012, tradução minha).

A situação ficaria ainda pior. Logo após a eliminação para a França, foi divulgada em diversos jornais uma foto de um almoço entre os jogadores no jardim do hotel em que estavam concentrados (ver Figura 18). Nela são vistas três mesas, sendo duas ocupadas por atletas brancos e uma, ao fundo e à esquerda, pelos negros. Todos estão olhando para o fotógrafo e, pelas feições, demonstram inconformidade pela invasão de privacidade. O treinador, vestido de preto, é o único que está em pé e, visivelmente irritado, encara o fotógrafo. Segundo relatos, ele tentou evitar a captura da imagem³⁹³. O lugar vago na mesa da frente, onde também estava o capitão Blind (o jogador mais à esquerda), muito provavelmente era o dele. A foto que expunha a divisão racial foi o motivo que faltava para a imprensa criticar severamente a liderança de Hiddink, censurar a “postura segregacionista dentro da delegação” e estampar manchetes como: “A Seleção Holandesa é racista”³⁹⁴.

Figura 18 – Polêmica foto de um almoço na concentração da seleção holandesa que disputou a Eurocopa de 1996 expôs a divisão racial na delegação. Fonte: JACKSON, 2012.

³⁹² Cf. BUENO, 1996, p. 10.

³⁹³ Cf. JACKSON, 2012.

³⁹⁴ Cf. FOTO..., 2012; JACKSON, 2012, tradução minha.

Conforme a versão dada por Mulder, a explicação daquela divisão racial está nos pratos que foram preparados pelo cozinheiro. Alguns deles eram comidas típicas do Suriname, país de origem de vários daqueles atletas negros. “A fim de não servir a todas as mesas, os jogadores negros sentaram-se juntos.” (JACKSON, 2012, tradução minha), como se esses pratos tivessem sido feitos apenas para eles. Outra fala, porém, revela que havia, sim, uma tensão racial no interior da seleção: “Houve um jogador branco, Richard Witschge, que *teve* que se sentar lá também por causa da escassez de mesas.” (JACKSON, 2012, grifo meu, tradução minha). Para um país que é conhecido mundialmente por suas políticas liberais em relação à homossexualidade, às drogas, à prostituição, à eutanásia e ao aborto, bem como por sua tolerância social e racial, esse caso no microcosmo da seleção holandesa de futebol traz à tona as suas rebarbas, as suas tensões e as suas questões mal resolvidas diante de uma longa história de acolhimento de refugiados, imigrantes e ex-colonizados, em sua maioria negros.

O relacionamento entre jogadores, que estão em um nível abaixo na hierarquia do futebol, pode se mostrar ainda mais problemático do que nesse episódio anterior e ganhar grandes proporções e longa duração. Um dos maiores exemplos, sem dúvida, é o que envolveu principalmente o negro Anton Ferdinand e o branco John Terry, entre várias outras pessoas do universo do futebol, como veremos. Tudo começou em uma partida válida pela *Premier League*, na temporada 2011-2012, entre Queens Park Rangers e Chelsea. O *West London Derby*, sempre de muita rivalidade, terminou naquele dia 23 de outubro com duas expulsões para o lado dos *Blues* e vitória por 1 a 0 dos *Hoops*³⁹⁵. Pouco depois do jogo, Anton tomou conhecimento de vídeos que estavam sendo divulgados na *internet*³⁹⁶ e em canais de televisão, nos quais Terry aparentemente o teria insultado racialmente, dizendo: “*Fuck off, fuck off, yeah, yeah and you fucking black cunt, fucking knobhead.*”, o que segundo ele não teria escutado no momento³⁹⁷. Chocado, Ferdinand disse que a prova era evidente e que o caso iria para a FA³⁹⁸. Diante da repercussão nas mais variadas mídias, a Polícia

³⁹⁵ Informação disponível em: <<http://br.soccerway.com/matches/2011/10/23/england/premier-league/queens-park-rangers-fc/chelsea-football-club/1117127/>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

³⁹⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=huEnpumF8sE>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

³⁹⁷ Cf. JOHN..., 2012. Por ser de baixo calão novamente, optei por não traduzir a frase. Esse caso de racismo no futebol ocorreu apenas oito dias depois de outro caso de grande repercussão na Inglaterra, que envolvia o francês negro Evra, jogador do Manchester United, e o uruguaio branco Suárez, do Liverpool. Na ocasião, Suárez insultara racialmente Evra ao longo de todo o jogo pronunciando de modo pejorativo o termo “negro”. Em uma discussão num determinado momento da partida, o uruguaio chamara o francês dessa maneira por sete vezes em dois minutos. Após apurar os fatos em menos de dois meses, a FA suspendeu Suárez por oito partidas e o multou em £\$40 mil. Cf. FEDERAÇÃO INGLESA..., 2012.

³⁹⁸ Cf. ANTON..., 2011.

Metropolitana de Londres abriu inquérito e a promotoria britânica denunciou o jogador do Chelsea por cometer um “delito de alterações da ordem pública com agravante racial”³⁹⁹.

Naquela época, Terry, além de titular absoluto do *English Team*, havia assumido a tarja de capitão justamente depois que Rio Ferdinand, irmão de Anton, afastara-se da seleção por conta de uma lesão. O caso inevitavelmente chegou à FA, uma vez que ambos os jogadores formariam a dupla de zaga ideal da equipe nacional na Eurocopa de 2012, que seria disputada dali seis meses na Polônia e na Ucrânia. Numa tentativa de minimizar o prejuízo na preparação da seleção, a federação inglesa trabalhou nos bastidores para adiar o julgamento de Terry na justiça comum para depois da competição continental⁴⁰⁰. A crise instalou-se de vez quando o presidente da FA, David Bernstein, decidiu retirar a braçadeira de Terry no início de fevereiro de 2012, rumor que já havia sido especulado desde que o caso tinha vindo à tona⁴⁰¹. Demonstrava, assim, profundo descontentamento com a atitude cometida pelo jogador, que era reincidente em envolvimento com polêmicas⁴⁰². O então treinador da Inglaterra, Fabio Capello, deu uma entrevista ao canal de televisão italiano RAI criticando a decisão da FA, a qual, sob seu ponto de vista, deveria ter esperado a sentença da justiça ao invés de julgá-lo previamente⁴⁰³. Os comentários de Capello repercutiram muito mal na federação, o que culminou com a sua demissão⁴⁰⁴.

Roy Hodgson foi contratado para o cargo no *English Team*. Apesar de ter surgido a informação de que Rio Ferdinand estaria disposto, pela seleção, a superar tudo e atuar ao lado de Terry na Eurocopa daquele ano, ele foi preterido pelo novo treinador na convocação para o certame⁴⁰⁵. A imprensa inglesa, em geral, interpretou a decisão de barrar o zagueiro do Manchester United em detrimento do defensor do Chelsea “como uma tentativa de evitar que conflitos internos tumultuem o elenco na competição.”⁴⁰⁶. Mesmo quando jogadores convocados foram cortados por contusão, Rio Ferdinand não foi chamado, o que fez com que ele admitisse decepcionado: “Dá para dizer que acabou a seleção inglesa para mim.” (RIO..., 2012).

³⁹⁹ Cf. POLÍCIA..., 2011; TERRY..., 2011.

⁴⁰⁰ Cf. JULGAMENTO..., 2012.

⁴⁰¹ Cf. POR..., 2011; INGLATERRA..., 2012.

⁴⁰² Foram, ao menos, duas polêmicas. Em 2002, ele foi acusado de agressão em uma boate de Londres. Embora tenha sido absolvido, a confusão custou-lhe um lugar na Copa do Mundo de 2002. Já em 2009, foi divulgado na imprensa que ele havia traído sua esposa com a noiva de Wayne Bridge, antigo companheiro do Chelsea. O episódio fez com que perdesse pela primeira vez a tarja de capitão do *English Team*. Cf. CRISE..., 2012.

⁴⁰³ Cf. CRISE..., 2012.

⁴⁰⁴ Cf. FABIO..., 2012.

⁴⁰⁵ Cf. FERDINAND..., 2012; FERDINAND..., 2014.

⁴⁰⁶ Cf. JOHN TERRY..., 2012.

A escolha de Hodgson aparentemente não se deu só por Terry, que vivia grande momento técnico, mas também por Ashley Cole, lateral esquerdo titular da Inglaterra e companheiro do zagueiro branco no Chelsea. O motivo era que Cole, que é negro, tinha aceitado ser testemunha de defesa na ação que corria na justiça contra Terry. Após a Eurocopa, Ferdinand escreveu em sua conta no *Twitter*: “Parece que Ashley Cole é um *choc ice*, de novo parece que se vendeu. Uma vergonha.” (FERDINAND CRITICA..., 2012, grifo meu). *Choc ice* é uma expressão do inglês britânico que se refere àquele chocolate gelado que é branco por dentro e preto na cobertura. O *tweet* rendeu-lhe uma multa de £\$45 mil aplicada pela FA por conduta imprópria⁴⁰⁷. Durante o julgamento, Cole afirmou que não ouviu Terry fazer comentários racistas naquele jogo entre Queens Park Rangers e Chelsea, e considerou que o caso não deveria ter sido levado para o tribunal⁴⁰⁸.

A seleção inglesa havia confirmado a classificação para a Eurocopa daquele ano com antecedência e sem sofrer nenhuma derrota. Nos amistosos preparativos, ainda sob o comando técnico de Capello, tinha vencido também a Espanha e a Suécia. Havia um clima de otimismo e considerava-se que aquela boa geração de jogadores finalmente poderia fazer com que a Inglaterra vencesse pela primeira vez a competição continental. Quando, porém, a crise interna se irrompeu com o caso de racismo, o pessimismo dominou as expectativas dos torcedores e da imprensa inglesa, ainda mais com a troca de treinador. Após se classificar em primeiro no grupo, o *English Team* foi eliminado precocemente nas quartas de final pela Itália. Considerando que na lista dos 23 jogadores convocados oito eram negros e oito vinham ou do Chelsea ou do Manchester United, não há dúvida que a questão racial envolvendo atletas de ambos os clubes afetou de alguma maneira o ambiente interno da seleção e prejudicou o desempenho em campo.

Terminada a Eurocopa, foi realizado o julgamento. Apesar das imagens de televisão, dos peritos em leitura labial, das testemunhas ouvidas e da análise do promotor, o juiz decidiu “ser impossível ter certeza exata de quais palavras foram proferidas pelo Sr. Terry no momento relevante.” (JOHN..., 2012). Afirmou que as imagens não eram claras e que havia o barulho dos torcedores. Ademais, disse que futebolistas profissionais “naturalmente” se

⁴⁰⁷ Cf. RIO FERDINAND..., 2012.

⁴⁰⁸ Cf. FERDINAND CRITICA..., 2012. Após o depoimento, Anton Ferdinand se reencontrou com Ashley Cole no campeonato inglês e negou cumprimentá-lo antes do início do jogo entre Queens Park Rangers e Chelsea, em 15 de setembro de 2012. Quase um ano depois, nas férias de verão de 2013, voltaram a se encontrar por acaso nos Estados Unidos, durante uma festa de um amigo em comum. Eles discutiram e só não chegaram às vias de fato por intervenção de Andy Carroll, então atacante do Liverpool. Cf. IRMÃO..., 2013.

concentram mais no jogo do que nas palavras exatas ditas a eles ou por eles, e que não precisa de prova para dizer que no final de uma partida “jogadores estão não apenas fisicamente cansados, eles estão também mentalmente cansados” (JOHN..., 2012)⁴⁰⁹. Avaliou Terry como uma testemunha crível, julgando que “é possível” que a pequena fala comprovada, “*fucking black cunt*”, “não foi concebida como um insulto, mas sim como um desafio para o que ele [Terry] acreditava que tinha sido dito a ele.” (JOHN..., 2012). Na sua avaliação, portanto, a referida fala teria sido dita de forma interrogativa, não imperativa. Diante das circunstâncias e da existência da dúvida do que foi dito na frase completa, o juiz absolveu Terry.

Apesar do veredito da justiça comum, a federação inglesa decidiu realizar o próprio julgamento sobre o caso. Na véspera do primeiro dia de audiência, Terry anunciou sua aposentadoria do *English Team*, dizendo: “Sinto que a FA, prosseguindo com as acusações contra mim quando eu já fui inocentado no tribunal, fez a minha posição na seleção se tornar insustentável.” (TERRY SE..., 2012). Após quatro dias de julgamento, a federação divulgou que Terry foi considerado culpado de ter usado termos racistas para se dirigir a Anton Ferdinand. A punição imposta foi quatro jogos de suspensão e pagamento de multa no valor de £\$220 mil⁴¹⁰.

A imprensa britânica que cobriu amplamente o desenrolar dos fatos mostrou-se preocupada com a possibilidade de Terry sofrer rejeição de outros atletas negros durante a *Premier League*, na temporada 2012-2013. O tabloide *The Sun* chegou a falar em “guerra civil”⁴¹¹. Por mais exagerada e inapropriada que a expressão fosse, a discussão racial voltava à tona a cada dividida e discussão entre jogadores negros e brancos nas partidas do campeonato inglês. A tensão podia ser sentida no ar nos reencontros entre atletas que tinham se envolvido em casos anteriores. O protocolo de aperto de mãos antes do início dos jogos tornou-se um problema constrangedor para a FA, que viu alguns desses jogadores se negarem a cumprimentar o adversário, assim como ocorreu entre Anton Ferdinand e John Terry em 15 de setembro de 2012 (ver Figura 19). Alguns jornalistas, treinadores e jogadores propuseram que a medida fosse abolida⁴¹².

O clima de “revanche” contagiava os torcedores dos clubes envolvidos. Cada lance era comemorado de lado a lado efusivamente, sobretudo em esnobadas, divididas e dribles. Não é

⁴⁰⁹ Em minha humilde opinião, essas considerações de maneira alguma atenuam um insulto racial proferido por um atleta a outro dentro de uma partida de futebol profissional.

⁴¹⁰ Cf. TERRY É..., 2012.

⁴¹¹ Cf. FERDINAND CRITICA..., 2012.

⁴¹² Cf. XAVIER, 2012.

novidade afirmar que atitudes e comentários de jogadores dentro e fora de campo influenciam diretamente uma parcela significativa dos torcedores de seus clubes. No referido caso, por exemplo, muito antes das sentenças da justiça comum e da FA serem divulgadas um grupo de torcedores do Chelsea, na volta do jogo contra o Norwich City em janeiro de 2012, foi flagrado fazendo comentários e entoando cantos racistas sobre Anton Ferdinand dentro de um trem⁴¹³. Ao tomar conhecimento, o próprio clube londrino acionou rapidamente a polícia na tentativa de identificá-los e puni-los.

Figura 19 – Anton Ferdinand esnobou John Terry no primeiro reencontro entre os dois atletas após o caso de racismo ocorrido na temporada 2011-2012 da Premier League. Fonte: XAVIER, 2012.

Mais de um ano depois, em março de 2013, o *English Team* foi a San Marino jogar contra a seleção local, em partida válida pelas Eliminatórias europeias para a Copa do Mundo de 2014. Durante o jogo, a entidade antirracista FARE registrou insultos raciais direcionados aos irmãos Ferdinand, e os denunciou à FIFA⁴¹⁴. A letra de uma das canções entoadas dizia que ambos “mereciam arder numa fogueira”⁴¹⁵. O detalhe era que nenhum dos dois futebolistas estavam entre os convocados para a partida. Quando soube do ocorrido, Rio Ferdinand publicou um *post* em sua conta no *Twitter*, mostrando-se decepcionado com o episódio e surpreso por ter partido de torcedores ingleses: “Você aceita provocações de

⁴¹³ Cf. SUPOSTO..., 2012.

⁴¹⁴ Cf. ENTIDADE..., 2013.

⁴¹⁵ Cf. APÓS..., 2013.

torcedores nas arquibancadas porque isso faz parte do jogo, mas racismo não é uma brincadeira. E dos seus próprios torcedores...Uau!” (RIO FERDINAND..., 2013).

Entre o fim da década de 1980 e o início da de 1990, torcedores discordantes das atitudes cometidas por ultras e *hools* começaram a se unir e adotar “práticas de policiamento comunitário contra o abuso racial como mecanismo para imposição de ordem social dentro dos estádios.”⁴¹⁶ A intenção era criar um ambiente que se mostrasse ameaçador e intimidador para aqueles tipos de torcedores. Uma das ações, para atingir esse fim, foi a produção de *fanzines* específicos⁴¹⁷. *Fanzines*, neologismo formado pelas palavras em inglês *fan* (torcedor, nesta acepção) e *magazines* (revistas), são publicações não oficiais e não profissionais elaboradas por aficionados comuns, e distribuídas aos pares geralmente de forma gratuita no dia de jogos nos arredores dos estádios, sendo particularmente comuns na Inglaterra. Possuem frequentemente uma linguagem vulgar e irônica, refletindo, nas palavras do cofundador da associação *Leeds Fans United Against Racism and Fascism*, Paul Thomas (2011, p. 198, tradução minha), “a linguagem, sabedoria e sagacidade robustas das arquibancadas.”⁴¹⁸.

Um exemplo retirado da *fanzine* dessa associação, a *Marching Altogether* (Marchando em conjunto), torna isso evidente (ver Figura 20). Do ponto de vista iconográfico, a edição de número 15 da revista ilustrou a capa com uma fotografia de Eric Cantona, de cuja boca saía um balão em que ele estaria falando em francês: “o *fanzine* dos campeões”. Na foto em si, captada no estádio *Elland Road*, o jogador vestia a camisa do Leeds da temporada 1992-1993. A gola característica

Figura 20 – *Fanzine* de um grupo de torcedores do Leeds contra o racismo e o fascismo no futebol. A capa desta edição procurava discutir duas ofensas cometidas por torcedores do clube ao jogador Eric Cantona: o fato de ele falar francês estando na Inglaterra e de ser tachado como jogador de meia temporada. Fonte: lib.com.org.

⁴¹⁶ Cf. BEBBER, 2012, p. 187, tradução minha.

⁴¹⁷ Cf. GIULIANOTTI, 2002, p. 204.

⁴¹⁸ Essa associação surgiu e começou a panfletar na temporada 1987-1988 como uma resposta à presença de *fanzines* neonazistas nos arredores do estádio do Leeds, bem como aos frequentes cânticos racistas durante os jogos do clube em casa. Cf. THOMAS, 2011, p. 191; BACK; CRABBE; SOLOMOS, 2001, p. 187.

permite essa afirmação. Ao lado da imagem, foi reproduzido o logo da associação de torcedores. Na parte de baixo, imprimiu-se a frase: “*The piss off part timers issue*”, cuja tradução requer contexto.

Do ponto de vista iconológico, a capa da revista lidava com duas das várias ofensas que eram dirigidas a Cantona pelos torcedores do Leeds, daí o uso de sua imagem e não de outro jogador qualquer. A primeira delas está relacionada ao fato de o atacante ser francês e falar pouco a língua inglesa naquela época. Isso havia ficado evidente na festa de comemoração do último título nacional do Leeds, em 1991-1992, quando interagiu com a multidão de torcedores ingleses. Esse é o motivo de os editores terem colocado a fala dele no balão em francês. Os “campeões” contidos nela é uma referência óbvia à conquista esportiva do clube, além de valorizar o próprio *fanzine*.

Cantona chegara ao Leeds em fevereiro de 1992. Embora tenha participado apenas do segundo turno e feito três gols, contribuiu com muitas assistências ao goleador do time, Lee Chapman, sendo importante para o clube sagrar-se campeão⁴¹⁹. Ficara marcado, já no início da temporada seguinte, pelos três gols feitos na decisão da supercopa da Inglaterra, a *Charity Shield*, entre Leeds, campeão da *Football League First Division* (no último ano antes do início da *Premier League*), e Liverpool, campeão da *FA Cup*. Apesar do sucesso e da idolatria, Cantona decidiu trocar de clube em novembro de 1992, transferindo-se para um dos maiores rivais do Leeds, o Manchester United, o que para os torcedores foi visto como uma “traição”⁴²⁰.

Isso torna inteligível a segunda ofensa a ele dirigida, o grito vulgar típico da língua inglesa britânica contido na frase impressa abaixo da sua imagem. Aquela edição da revista, desse modo, convidava os torcedores para discutir “A questão ‘Vaza [Sai fora], jogador de meia temporada’”, melhor tradução encontrada dentro do contexto para a frase “*The piss off part timers issue*”, haja vista que Cantona havia chegado no meio da temporada 1991-1992 para o Leeds e partido na metade da seguinte para o Manchester United⁴²¹. O conteúdo da revista, certamente, deve ter abordado cânticos mais agressivos adotados por torcedores do *Whites* nos confrontos com os *Red Devils*, os quais remetiam às noções estereotipadas dos

⁴¹⁹ Cf. GARDINER, 2001, p. 252-253.

⁴²⁰ Ibid., p. 257.

⁴²¹ A norma culta nesse tipo de construção textual em inglês indica grafar a frase coloquial que se quer discutir de modo hifenizado. Se assim tivesse sido escrita, a frase seria: “*The piss-off-part-timers issue*”.

ingleses em relação à identidade nacional, à raça e à sexualidade dos franceses⁴²². Considerar a sua origem e os sentimentos ambíguos despertados por sua qualidade técnica e por seu temperamento e atitudes polêmicas é fundamental para entender por que Cantona era insultado na Inglaterra⁴²³.

Os editores da *Marching Altogether* valeram-se, assim, da própria linguagem das arquibancadas do *Elland Road* para se aproximar e se comunicar com os torcedores, especialmente com os mais jovens, que desde cedo eram atraídos para a prática racista⁴²⁴. A missão das *fanzines* antirracistas, portanto, era fazer com que os torcedores refletissem sobre tais insultos e gestos, desencorajando aqueles que seguiam as atitudes dos ultras e *hools* e inflamando os outros que discordavam a deplorá-los⁴²⁵.

As ações organizadas por associações antirracistas, especialmente através das *fanzines*, pressionaram os próprios clubes e as autoridades futebolísticas para fazerem mais contra o racismo⁴²⁶. Indiretamente, incentivaram torcedores de outros clubes a fazerem o mesmo, ampliando o “movimento” antirracista de aficionados por futebol, a ponto de serem criadas campanhas e, posteriormente, organizações regionais e nacionais de combate ao racismo no futebol⁴²⁷. A *Kick It Out*, a *Football Unites, Racism Divides* e a *Show Racism The Red Card*, fundadas respectivamente em 1993, 1995 e 1996, são exemplos disso na Inglaterra⁴²⁸. Com o tempo, foram aumentando o raio de ação, institucionalizando-se e ganhando apoio de entidades como a *Professional Footballers’ Association* (Associação de Futebolistas Profissionais), a *Premier League* e a própria FA. Iniciativas semelhantes também foram feitas em vários outros países europeus como Itália, Alemanha e Polônia, por exemplo⁴²⁹. A direção

⁴²² Dois desses cânticos eram: “*He’s gay, he’s French, he’s always on the bench*” e “*He’s French, he’s dumb, he’ll do fuck all with The Scum*”. Cf. GARDINER, 2001, p. 257.

⁴²³ O insulto que se tornou mais famoso foi aquele cometido por Matthew Simmons, torcedor *hool* do Crystal Palace, em 25 de janeiro de 1995, no *Selhurst Park*. Nesse dia em que se enfrentaram Crystal Palace e Manchester United, Cantona foi expulso de campo. Ao sair de campo e passar perto da arquibancada, o referido torcedor desceu vários degraus para insultá-lo, dizendo: “*Fucking cheating French cunt. Fuck off back to France, you mother fucker*” (GARDINER, 2001, p. 250). A reação do jogador foi instantânea: pulou as placas de publicidade com uma voadora, atingindo o peito de Matthew, e desferindo-lhe alguns socos na sequência. Cantona foi acusado de agressão, sendo condenado a duas semanas de prisão, as quais foram convertidas em 120 horas de prestação de serviços comunitários. A FA, por sua vez, o suspendeu por oito meses, além de ter de pagar multa. A consequência, porém, que foi mais sentida pelo jogador foi ter sido excluído da seleção francesa, da qual era capitão, justamente no período de excelência da equipe e no qual seu país sediaria a Copa do Mundo.

⁴²⁴ Cf. THOMAS, 2011, p. 194. Esse número específico da *Marching Altogether* foi publicado antes do acontecimento descrito na nota de rodapé anterior.

⁴²⁵ Cf. BEBBER, 2012, p. 187.

⁴²⁶ Cf. THOMAS, 2011, p. 195.

⁴²⁷ Cf. THOMAS, 2011, p. 198.

⁴²⁸ Cf. KASSIMERIS, 2009, p. 67, 105 e 139.

⁴²⁹ Id., 2008, p. 134-137.

caminhava para a formação de uma entidade europeia contra o racismo, o que se deu em 1999, quando mais de 40 organizações se juntaram em Viena para debater a questão, fundando a FARE⁴³⁰. Patrocinada desde o início pela Comissão Europeia, corpo executivo da União Europeia, não tardou para ser apoiada pela UEFA (em 2001) e, posteriormente, pela FIFA (em 2001).

Empresas esportivas ou com inserção no futebol viram nesse movimento antirracista uma oportunidade de marketing institucional. A Nike, por exemplo, fez uma campanha na televisão inglesa e francesa que ganhou notoriedade nas respectivas sociedades. Como garotos-propaganda figuraram o francês branco Eric Cantona e o inglês negro Les Ferdinand, primo mais velho de Anton e Rio Ferdinand, do quais já falei. A propaganda apresenta imagens e falas intercaladas de ambos os jogadores⁴³¹. Se a alternância das imagens sugeria um diálogo, o texto em si poderia se tratar de um monólogo, como se pode notar na Tabela 16 a seguir:

Tabela 16 – Propaganda antirracista de televisão da Nike com Eric Cantona e Les Ferdinand (1995)

Imagem	Áudio	Tradução
Cantona	What do you see?	O que você vê?
Ferdinand	A black man?	Um negro?
Cantona	A Frenchman?	Um francês?
Ferdinand	Or...	Ou...
Cantona	A footballer?	Um futebolista?
Ferdinand	Is it OK to shout racial abuse at me?	É certo insultar-me racialmente?
Cantona	Just because I'm on a football pitch?	Só porque eu estou em um campo de futebol?
Ferdinand	Some people say we have to accept abuse as part of the game.	Algumas pessoas dizem que nós temos que aceitar o insulto como parte do jogo.
Both	Why	Por que
Ferdinand	argue about differences?	discutir sobre diferenças?
Cantona	I'd rather play football.	Eu prefiro jogar futebol.
Just do it		Apenas faça isso.

Fonte: BACK; CRABBE; SOLOMOS, 2001, p. 209, tradução minha.

Não foi sem razão que a Nike convidou dois jogadores que normalmente reagiam ao racismo sofrido nos estádios de futebol minimizando os insultos, o que sempre foi e continua sendo a atitude padrão dos atletas insultados. Essa postura encaixava-se perfeitamente com a

⁴³⁰ Cf. KASSIMERIS, 2008, p. 123.

⁴³¹ Um vídeo não editado, sem a logomarca da Nike e de duração um pouco maior está disponibilizado no *site* da *Kick It Out* (selecionar o ano de 1995): <<http://www.kickitout.org/about/chronology/>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

versão voluntarista da propaganda da empresa, o *Apenas faça isso*. Conforme analisaram Back, Crabbe e Solomos (2001, p. 209, tradução minha): “Dentro desse quadro, antirracismo é apenas uma questão de escolha pessoal como se nenhuma concepção de sociedade existisse como um todo.”. A mensagem explícita é que *jogar futebol é preferível a discutir sobre diferenças*. *Jogar futebol* não significa, nesse caso, uma resposta ao insulto através de dribles, gols ou vitórias, mas sim ignorar o racismo. Isso, de algum modo, não é *aceitar o insulto como parte do jogo*? Ignorá-lo, a meu ver, não é a melhor maneira de combatê-lo. Retomando a fala do primo de Les Ferdinand, o Rio, provocações de torcedores nas arquibancadas são aceitas pelos jogadores em geral porque fazem parte do jogo, mas racismo não é “brincadeira”, ou seja, não se trata de uma mera provocação. Entre outras críticas que foram feitas ao anúncio da Nike, está a escolha do polêmico Cantona como um dos garotos-propaganda, haja vista que o jogador ao longo da carreira colecionou casos de racismo, fosse cuspidando, insultando ou agredindo adversários, árbitros ou torcedores, com destaque para o incidente de *Selhurst Park* (ver nota de rodapé 424).

Propagandas antirracistas de empresas esportivas não foram as únicas a ser criticadas por parte dos diversos atores do universo do futebol. As próprias organizações antirracistas também foram alvo. Exemplo disso está no referido caso Anton-Terry, quando Rio Ferdinand reclamou que nenhum representante da *Kick It Out* esteve presente no julgamento junto com sua família. Em sua autobiografia, mostrou-se decepcionado, também, pela falta de ação da organização diante de um “problema mundial” quando esperavam “obter exposição”:

Eu era um jogador de futebol que sempre apoiava a campanha da Kick It Out, sempre fui o primeiro a falar por eles. Nunca tive problemas com eles. Esse problema aconteceu - um enorme problema, problema mundial. Eles estavam esperando por esse tipo de caso para obter exposição. Aquele era o momento. Por que se afastaram disso? (RODRIGUES, 2014).

Depois, voltou a criticar a organização em sua conta de *Twitter*: “Peça-me para vestir uma camiseta da Kick It Out, mas não vista você mesmo algo que represente uma organização com apoio invisível e inútil.” (RODRIGUES, 2014). Isso é uma prova dos erros e limites desta e de outras associações com os mesmos propósitos. Não há como negar o progresso do movimento antirracista no futebol europeu e internacional desde o fim dos anos 1980. Ter o respaldo da UEFA e da FIFA para ampliar as ações e o escopo não significou, no entanto, que as campanhas dessas organizações, bem como as das federações, clubes e associações de torcedores, foram eficientes, muito menos que os casos de racismo diminuíssem no futebol.

Um exemplo disso ocorreu na Copa do Mundo de 2014, sediada no Brasil. Diante dos recentes e recorrentes episódios racistas no futebol brasileiro, sul-americano e europeu, envolvendo sobretudo atletas brasileiros⁴³², a presidente da República, Dilma Rousseff, afirmou repetidamente que a Copa do Mundo de 2014 seria não só “a Copa das Copas” como “a Copa contra o racismo”⁴³³. A proposta, convenientemente, foi aceita pelo presidente da FIFA, Joseph Blatter, servindo, pois, como mais uma inócua medida tomada pela entidade máxima do futebol no combate ao racismo nesse esporte. Fato é que no decorrer do certame nada foi feito efetivamente de diferente do que já ocorria em campeonatos mundiais desde 2006: as palavras da campanha “*Say no to racism*” (Diga não ao racismo) foram mostradas em letreiros eletrônicos e em faixas em todos os jogos; e os capitães das seleções nacionais leram mensagem antirracistas redigidas por outrem antes das partidas de quartas de final, demonstrando nenhuma concentração e envolvimento com o conteúdo das mesmas. O resultado não poderia ter sido outro. De acordo com a FARE, ocorreram catorze casos de racismo, discriminação ou propaganda neonazista nos estádios brasileiros no decorrer do megaevento. Ou seja, o lema proposto para a Copa foi não só esquecido como revelou uma desconexão entre o discurso e a prática, fosse da presidente do Brasil, fosse do da FIFA⁴³⁴.

As próprias reações negativas à presença de futebolistas estrangeiros e a insistente tentativa de implementar quotas para jogadores não comunitários, tanto por parte da FIFA quanto da UEFA, como vimos no início desta seção, evidenciam como as campanhas antirracistas dessas instituições não espelham o pensamento nem o real interesse em combater o racismo no futebol. São meras formalidades oficiais para responder a um clamor da sociedade. Diante de declarações xenofóbicas, medidas inócuas e punições irrisórias, tais episódios continuaram a acontecer por todo o mundo, em especial na Europa. Nos anos de 2013 e 2014, a FARE e a SOVA Center, organização não governamental que pesquisa nacionalismo e racismo na Rússia pós-soviética, levantaram mais de 200 casos de

⁴³² Embora tenha havido outros casos, os que ganharam repercussão nacional e internacional foram: o do árbitro Márcio Chagas da Silva (torcedores do Esportivo, Bento Gonçalves, 5 mar. 2014), e os dos jogadores Tinga (torcedores do Real Garcilaso, Cusco, 12 fev. 2014), Arouca (torcedores do Mogi Mirim, 6 mar. 2014), Neymar (torcedores do Espanyol, Barcelona, 28 mar. 2014) e Daniel Alves (torcedores do Villarreal, Villarreal, 27 abr. 2014).

⁴³³ Cf. DILMA..., 2014. Por mais que a proposta dela tenha sido motivada por questões políticas, já que se tratava de ano eleitoral, do que por uma preocupação social genuína, foi um imenso avanço se lembrarmos da atitude tomada pelo também presidente Epitácio Pessoa, em 1921, que mandara não incluir jogadores negros no selecionado nacional. A medida, mais uma vez, tal como em 1950, mostrava um posicionamento do Brasil como vanguarda da luta antirracista no cenário internacional, como se o país se tratasse de um “paraíso racial”.

⁴³⁴ Cf. CHADE, 2014.

comportamento discriminatório ligado ao futebol naquele país⁴³⁵. A fala de Hulk, atacante brasileiro negro que atua na Rússia desde 2012, simboliza esse número alarmante:

Isso [atos racistas] acontece em quase toda partida na Rússia, mas o mundo não ouve isso porque eles tentam silenciar. Vejo isso acontecer toda hora. Costumava ficar muito nervoso com isso, mas agora eu só mando um beijo para os torcedores e tento não ficar com raiva. (HULK..., 2015).

O marfinense Yaya Touré não teve a mesma reação diante de urros de macacos quando tocava na bola em jogo válido pela *Champions League*, em 23 de outubro de 2013, entre Manchester City, seu clube, e CSKA Moscou. Após a partida, registrou seu inconformismo e disse que, se providências não forem tomadas, os jogadores negros podem boicotar a Copa do Mundo de 2018, a ser realizada na Rússia: “É um problema real aqui, algo que acontece o tempo todo, e é claro que eles precisam resolver o problema antes da Copa do Mundo. Caso contrário, se não tivermos confiança para ir à Copa do Mundo na Rússia, nós não iremos.” (VÍTIMA..., 2013). Como resposta à ameaça e aos episódios recorrentes, a FIFA demonstrou aparentemente estar mais preocupada quanto a essa questão do que com relação ao cronograma de obras para o megaevento⁴³⁶. Tokyo Sexwale, consultor da entidade máxima na questão racial, teceu duras críticas à RFS:

A federação russa precisa ser mais séria na luta contra o racismo. A África do Sul foi banida da Fifa durante o apartheid. [...] É um fracasso a Rússia não tomar uma atitude contra o racismo. Poderíamos estar falando algo diferente sobre a Copa do Mundo de 2018, mas se o país não age contra o problema, mais pessoas vão dizer que não vão para a Rússia. (BOICOTE..., 2014).

A UEFA também foi cobrada pela Federação Internacional dos Jogadores Profissionais de Futebol (FIFPro) por não cumprir suas próprias diretrizes acerca do combate ao racismo no futebol, uma vez que o árbitro da partida, o romeno Ovidiu Hategan, foi condescendente com as atitudes racistas dos torcedores russos. De acordo com as normas da entidade, acontecendo manifestações desse tipo, o árbitro deve paralisar a partida, e o serviço de som do estádio deve solicitar que essas ocorrências cessem. Se mesmo assim elas não pararem, o árbitro é orientado a interromper o jogo, e os times têm de ir aos vestiários. Caso os torcedores mantenham tal comportamento, a partida deve ser suspensa⁴³⁷. Pressionado pela UEFA, o CSKA Moscou, como era de se esperar, negou o ocorrido e ainda atacou Touré:

⁴³⁵ Cf. JUNIOR, 2015.

⁴³⁶ Ibid. Com o falso discurso de que a Copa do Mundo não pode ser contaminada por questões políticas, Blatter preferiu censurar a ideia de boicote a pressionar a federação local: “Um boicote nunca vai ter efeito positivo. [...] Nós confiamos no país, no governo [russo].” (LOBO, 2014).

⁴³⁷ Cf. CAPITÃO..., 2013.

Depois de termos estudado cuidadosamente o vídeo do jogo, não encontramos insultos racistas de torcedores do CSKA. Em muitas ocasiões, especialmente durante os ataques à nossa meta, torcedores vaiaram e assobiaram para colocar pressão sobre os jogadores rivais, mas independentemente de sua raça. Por que o meio-campista marfinense tomou como tudo sendo direcionado para ele? (VÍTIMA..., 2013).

A punição aplicada pela UEFA foi novamente branda: fechamento por um jogo do setor da arquibancada de onde partira os insultos raciais⁴³⁸. Embora a RFS costume fazer vista grossa à maioria dos casos e aplicar penas também irrisórias aos agressores, há casos que o escândalo é tamanho que, se não tomar providência, a imprensa internacional irá cobrá-la veementemente, sobretudo por ser a organizadora do mundial de 2018. Um desses episódios ocorreu em 31 de outubro de 2014, quando o treinador do Rostov, o ucraniano Igor Gamula, ao ser questionado se o clube tinha interesse no zagueiro camaronês Benoit Angbwa, que tinha estado no estádio assistindo o último jogo do time, justificou com o seguinte argumento: “Nós já temos seis jogadores negros, você quer que eu tenha o sétimo? Angbwa apenas vive aqui, não vamos comprá-lo.” (ROGOVITSKIY, 2014, tradução minha), como se existisse e o Rostov já tivesse atingido uma quota máxima de atletas negros⁴³⁹. A declaração escancaradamente racista veio na sequência ao sugerir que a causa da febre de cinco dos seus jogadores russos vinha do vírus espalhado pelos jogadores negros: “Eu já estou preocupado que seja o Ebola.”, disse ele acrescentando que o comentário era “uma piada, obviamente” (HARDING, 2014, tradução minha).

Apesar de não terem mantido a posição posteriormente, cinco atletas negros do Rostov se negaram num primeiro momento a ser treinados por Gamula enquanto ele não fosse demitido pelo clube⁴⁴⁰. A notícia logo se tornou manchete de várias mídias esportivas na Europa, especialmente na Inglaterra. De modo a não deixar o caso tomar proporções ainda maiores, a RFS anunciou a punição: a suspensão do treinador por cinco partidas do campeonato russo, o que em nada contribuiu para resolver muito menos debater a questão⁴⁴¹.

⁴³⁸ Cf. POR..., 2013.

⁴³⁹ Outros dois casos conhecidos envolveram treinadores de renome internacional: (1) o espanhol Luis Aragonés, que em outubro de 2004 disse ao seu comandado José Antonio Reyes sobre o francês negro Thierry Henry, ambos companheiros de equipe no Arsenal: “*¡Reyes, Ven! Al negro dígale que juegue por su cuenta. Dígale al negro: ‘¡Soy mejor que usted! ¡Me cago en su puta madre negro de mierda! ¡Soy mejor que usted!’*”; e (2) o italiano Arrigo Sacchi, que em fevereiro de 2015 declarou: “Eu certamente não sou racista e minha trajetória como treinador comprova isso, a começar por Franck Rijkaard, mas ao assistir o torneio de Viareggio, digo que há muitos jogadores de cor, até nas equipes de base. [...] A Itália não tem dignidade ou orgulho, não está certo ver times com 15 estrangeiros.[...] Estou sendo mal interpretado. Você acredita que eu realmente seja racista? Eu só quis destacar que estamos perdendo nosso orgulho nacional e nossa identidade. Cf. LA ARENGA..., 2004; EX-TÉCNICO..., 2015.

⁴⁴⁰ Cf. CONTRA..., 2014.

⁴⁴¹ Cf. RUSSIAN..., 2014.

Gamula foi obrigado a se retratar publicamente, mostrando-se chateado e frisando que não teve a intenção de ofender qualquer pessoa⁴⁴². Prova de que seu pedido de desculpas não era verdadeiro veio com outro infeliz comentário, acusando a imprensa britânica pela má repercussão: “Eu tenho um grande relacionamento com todos os atletas de pele escura do time. A imprensa britânica simplesmente não entende o nosso humor russo.” (RUSSIAN..., 2014, tradução minha).

Outro episódio aconteceu aproximadamente um mês depois, no dia 29 de novembro, novamente direcionado ao brasileiro Hulk. Fora de casa, seu clube, Zenit São Petersburgo, estava perdendo a partida válida pelo campeonato russo para o Mordovia Saransk. Já no início do segundo tempo do jogo, um atleta do time adversário fingiu contusão, e o árbitro, Alexei Matyunin, mandou entrar os médicos e a maca. Ao invés de obrigar o jogador a sair de campo para ser atendido, como diz a regra, o juiz deixou que ele fosse atendido no gramado, sendo que depois não precisou acompanhar a maca. Por ser condescendente com a morosidade, Hulk foi reclamar educadamente com o árbitro. Quando o brasileiro o tocou, Alexei Matyunin virou-se arrogantemente, segundo o atacante, e disse para “não encostar nele”⁴⁴³. Hulk, então, pediu “calma”, mas, percebendo que a irritação do árbitro não diminuía, perguntou-lhe: “Você é racista?”. Para sua surpresa, o juiz respondeu: “Sou, não gosto de você e não gosto de preto.” (HULK..., 2014). Após o jogo, o atacante brasileiro revelou o episódio em uma entrevista para a agência de notícia *Reuters*, demonstrando inconformismo pela atitude de Alexei Matyunin:

Sempre houve racismo de torcida adversária. Não é aceitável, não podemos aceitar racismo independentemente da forma que for, é uma coisa que não deveria existir, mas quando é da torcida adversária a gente não aceita, mas entende que é a torcida adversária, quer fazer com que o jogador rival não se concentre, é normal. [...] Agora, o árbitro, que tem que implementar a lei do jogo, não pode se envolver nisso. (HULK..., 2014).

Os vários casos abordados nesta seção tornam evidente como o racismo e a xenofobia são cometidos por atores de diferentes níveis na estrutura hierárquica do futebol, do mais alto ao mais baixo: dirigentes da FIFA, da UEFA, das federações nacionais e dos clubes; árbitros; treinadores; jogadores; e torcedores. Essa constatação, por si só, revela as limitações e a fragilidade do movimento antirracista no futebol, uma vez que ele se volta quase que exclusivamente para combater o problema na esfera mais baixa. Pouco se discute o racismo

⁴⁴² Cf. CONTRA..., 2014.

⁴⁴³ Cf. HULK..., 2014.

institucionalizado nas federações e nos clubes, os quais com raríssimas exceções abrem espaço para que negros ocupem cargos de comando, sejam administrativos, sejam técnicos⁴⁴⁴. Isso mostra-se ainda mais problemático quando se nota que a maioria dessas funções é assumida por ex-atletas profissionais, sobretudo na posição de treinador. Apesar de o mundo ter assistido a ida de milhares de futebolistas estrangeiros e negros para a Europa desde os anos 1980, foram pouquíssimos os que conseguiram romper essa barreira racial na estrutura do futebol. Com ou sem boicote em Copas do Mundo, o futuro não parece ser promissor para mudança desse quadro. Dessa maneira, o futebol, repito, se coloca na contemporaneidade como um campo simbólico de disputas, capaz de canalizar identidades e tensões, reproduzir dilemas e valores sociais, sendo mais um meio de propagação do discurso racista.

Nesse longo caminho entre a origem do termo “*macaquitos*” e a constatação da institucionalização do racismo no futebol, selecionei os fatos que julguei mais importantes acerca do meu objeto de pesquisa, ou seja, o racismo e a xenofobia no futebol europeu, destacando a migração de futebolistas brasileiros negros para o Velho Continente. O intuito foi aprofundar essa discussão que, embora seja recorrente nas mais variadas mídias, não foi devidamente abordada pela academia brasileira, por mais que seja notória a presença de inúmeros jogadores brasileiros em praticamente todos os campeonatos nacionais europeus. Como o problema em questão não foi e não é vivenciado apenas por brasileiros, fiz questão de salientar episódios que ocorreram com atletas negros e estrangeiros de outros países, tanto dentro quanto fora do futebol. Tratar sobre esses acontecimentos se justificou pela extrema relevância deles no contexto geral e pela influência direta ou indireta no universo do futebol. Utilizei, para tanto, variadas fontes escritas e visuais: jornais, revistas, dados estatísticos, leis, relatórios, discursos, entrevistas, autobiografias, biografias, crônicas, charges, fotografias, documentários, ensaios; algumas delas disponíveis em suporte eletrônico, outras consultadas em uma bibliografia pertinente (livros, artigos, teses e dissertações).

Conforme os fatos foram sendo interligados, surgiram algumas perguntas centrais para a problemática: quais as histórias narradas pelos futebolistas brasileiros negros que migraram

⁴⁴⁴ Cinco exceções são: o francês Jean Tigana, os ingleses Chris Hughton e Chris Powell, e os holandeses Ruud Gullit e Frank Rijkaard, sendo que apenas este último treinou um clube da elite europeia, no caso o Barcelona. Quando Gullit foi jogador-treinador do Chelsea, o clube inglês estava longe de ter o poderio financeiro de hoje.

para a Europa no decorrer dos últimos cinquenta anos, de 1960 até hoje? De que maneira vivenciaram as experiências do racismo, da xenofobia e da migração? Que relações eles mantiveram com o Brasil durante e depois da experiência migratória? Como eles encararam o racismo sofrido, enquanto meras provocações da ordem da disputa esportiva ou enquanto ofensas inaceitáveis⁴⁴⁵? Como reagiram? Há mudanças de sentimento e pensamento acerca desses fenômenos entre jogadores que atuaram em distintas épocas e países? Há, enfim, um modo tipicamente brasileiro de lidar com essas questões?

A minha hipótese é que os futebolistas brasileiros negros que migraram para o continente europeu até fins da década de 1970 tenderiam a minimizar o racismo no futebol por terem sido educados no Brasil ainda num período de valorização do discurso da democracia racial, quando a transformação do pensamento de intelectuais e ativistas negros não tinha atingido o grosso da população brasileira⁴⁴⁶. Atletas como Paulo Cézar Lima (Caju), sem dúvida, são uma exceção, cujo posicionamento político crítico em pleno regime militar ditatorial tinha explicação: uma educação diferenciada. De outro modo, suponho que esses futebolistas tenderiam a caracterizar o racismo no continente europeu como mais claro e segregacionista do que o brasileiro, visto como dissimulado e assistemático⁴⁴⁷. A presença em menor número de negros nos países do Velho Continente, em parte pela ausência de políticas de miscigenação da população, faria com que eles fossem alvos fáceis, fruto inclusive de exotismo por parte dos europeus.

Os futebolistas brasileiros negros que migraram a partir da década de 1990 tenderiam, por sua vez, a não estabelecer grandes diferenças entre o racismo na Europa e no Brasil, haja vista que foram educados num contexto de redemocratização e de lutas e conquistas dos movimentos negros no Brasil. A democracia racial já havia sido propalada como mito, as práticas discriminatórias estavam sendo denunciadas nos mais diversos setores sociais e uma identidade racial positiva estava em construção, resultados do ressurgimento da causa negra em fins da década de 1970⁴⁴⁸. Embora estivessem em maior número, os jogadores negros continuavam a sofrer racismo nos estádios europeus. Esses futebolistas são contemporâneos

⁴⁴⁵ Bromberger (1995, p. 263-296) argumenta que, dentro da “retórica dos torcedores”, a violência tem um caráter principalmente “simbólico e teatral”, compondo uma “guerra ritualizada”, tratando-se, pois, de uma questão de “vida e morte”, cuja intenção é “desestabilizar o adversário”. Quando o “descrédito do outro”, no entanto, se volta contra um atleta da própria equipe, a ideologia do racismo se sobrepõe à lógica do jogo, da rivalidade. Isso prova que o sucesso esportivo ou o próprio espetáculo esportivo fica em segundo plano diante de questões de ordem identitária, seja clubística, seja nacional.

⁴⁴⁶ Cf. FERNANDES, 2008, p. 299; SILVA, A. P., 2008, p. 191.

⁴⁴⁷ Cf. NOGUEIRA, 1985.

⁴⁴⁸ Cf. GUIMARÃES, 2002, p. 160.

ao início do movimento antirracista no futebol do Velho Continente. Depois da experiência de viver no exterior, suponho que eles percebiam o racismo (e os demais problemas sociais) no Brasil de forma mais crítica. De qualquer maneira, tratando-se dos atletas negros migrantes dos anos 1970 ou daqueles dos anos 1990, haveria um afloramento da negritude na Europa, fosse para o “bem” (como sinônimo de ser bom jogador de futebol, o que recai no discurso biologizante), fosse para o mal (sofrer situações mais claras de discriminação racial).

A complexidade das questões assinaladas, que relacionam racismo, xenofobia, migração, pluralismo cultural, nacionalismo e globalização, será enriquecida evidentemente com a discussão dos temas recorrentes nas entrevistas, os quais marcam a memória coletiva da comunidade de destino. Espero, assim, que, à luz das experiências dos próprios sujeitos desse processo histórico, possa contribuir para uma caracterização dessa migração específica empreendida pelos futebolistas brasileiros negros, e uma melhor reflexão sobre as relações raciais na Europa.

Considerando a discussão elaborada, os objetivos propostos para esta pesquisa foram:

- Pesquisar os acontecimentos que envolveram atletas negros (especialmente os brasileiros, sem desconsiderar, contudo, aqueles de outras nacionalidades) no futebol europeu (mas também em outros esportes) através da consulta de diversas fontes;
- Constituir documentos inéditos através do registro audiovisual das histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros que atuaram nos principais mercados do futebol europeu a partir de 1960;
- Identificar características dessa migração empreendida por futebolistas brasileiros negros;
- Relacionar o problema da negritude no futebol em vista de um contexto social mais amplo, o qual tem como pano de fundo a globalização e as migrações internacionais.

1.4 A ESCOLHA PELA HISTÓRIA ORAL

Dada a minha trajetória acadêmica, a escolha pela história oral como conjunto de procedimentos para o desenvolvimento da pesquisa parece óbvia. É necessário dizer, contudo, que tal opção não se deu por supostamente enxergá-la como “a melhor fonte histórica”, do mesmo modo que não a vejo como uma “fonte complementar” ou cujo papel seria “preencher lacunas documentais”. Não pretendo entrar em nenhuma polêmica a respeito. Para mim, não há hierarquização de fontes, cada uma tem a sua especificidade e importância. A história oral é apenas mais uma delas.

Por que, então, optar pela história oral? Se a proposta é realizar um estudo sobre o fenômeno do racismo e da xenofobia na Europa, entendo que um ótimo caminho seja entrevistar os personagens principais desse processo histórico, entre eles os futebolistas brasileiros negros que atuaram no continente europeu da metade do século XX até hoje. Nesse sentido, utilizar os procedimentos metodológicos da história oral, mais especificamente aqueles que dizem respeito ao registro de histórias de vida, parece-me ser o mais adequado. Isso não significa deixar de consultar outras fontes de pesquisa, tais como jornais, revistas, vídeos, dados estatísticos, haja vista que existem muitas matérias, artigos, livros, filmes que tratam da vida pessoal e profissional dos jogadores de futebol. Nenhum pesquisador pode fechar os olhos para a grande massa documental produzida na contemporaneidade. É evidente que esses documentos também fornecem dados extremamente relevantes, por vezes relacionados diretamente com a minha problemática. O ponto é que, mesmo se tratando de entrevistas com jogadores ilustres, nas quais se abordam temas do meu interesse, elas são produzidas com outros procedimentos e finalidades.

É preciso deixar claro que entrevistar não corresponde a fazer trabalho de história oral. Como se sabe, mesmo na antiguidade os historiadores utilizavam relatos orais de testemunhas para descrever e verificar fatos históricos passados. Não é novidade também que, desde o século XIX, outras disciplinas das ciências humanas, notadamente a Sociologia e a Antropologia, também se valeram e desenvolveram técnicas de pesquisa baseadas na aplicação de questionários ou no uso de entrevistas para investigar uma dada realidade social.

O que se convencionou chamar de “moderna história oral” surgiu apenas em 1948 e tem relação direta com a eletrônica⁴⁴⁹. Nesse ano, Allan Nevins, professor da Universidade de Columbia, em Nova York, fundou e organizou o *Oral History Research Office*, estabelecendo

⁴⁴⁹ Sobre a história da história oral, ver: Trebitsch (1994) e Thomson (2000).

procedimentos criteriosos para uso e tratamento de entrevistas em projetos acadêmicos. Para além da questão metodológica, somente com os avanços tecnológicos da eletrônica e dos meios de comunicação foi possível a captação e a difusão de “experiências como as vividas então tanto por combatentes como por familiares e vítimas dos conflitos da Segunda Guerra Mundial.” (MEIHY, 2005, p. 92). Se o invento do gravador permitiu registrar essas histórias, o rádio possibilitou divulgá-las publicamente, aproximando e valorizando histórias individuais e locais dentro de um processo histórico mais abrangente.

Não cabe aqui remontar à história da história oral. Apenas dizer que, através da fundação de associações nacionais de história oral em diversos países e da consequente multiplicação de eventos acadêmicos entre as décadas de 1960 e 1980, foram discutidas e definidas questões teóricas e metodológicas específicas para a história oral⁴⁵⁰. Apesar das diferenças, em muito motivadas pela formação acadêmica de cada pesquisador, é possível traçar algumas etapas comuns de um trabalho nessa área: (1) elaboração de um projeto; (2) gravação das entrevistas; (3) estabelecimento do documento escrito; (4) sua eventual análise; (5) arquivamento; e (6) publicação ou devolução social⁴⁵¹.

1.4.1 Etapas de uma pesquisa em história oral

O primeiro passo para a realização de uma pesquisa de história oral é a (1) elaboração de um projeto, no qual devem ser apresentados e justificados: o tema e a sua relevância social, evidenciando a problemática, as hipóteses e os objetivos propostos a partir de uma revisão bibliográfica; o grupo de pessoas que será entrevistado; as técnicas e os procedimentos metodológicos adotados no processo investigativo; o *corpus* documental, esclarecendo se ele será composto exclusivamente por narrativas fruto de entrevistas ou se serão utilizadas outras fontes documentais, por meio das quais será feito um cotejamento; além de cronograma, orçamento e plano de trabalho. Representante da linha de pesquisa do CPDOC (Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – FGV), que influencia a maioria dos programas e projetos de história oral no Brasil, Alberti argumenta que

[...] uma pesquisa de história oral pressupõe sempre a pertinência da pergunta: “como os entrevistados viam e vêem o tema em questão?”. Ou: “O que a narrativa dos que viveram ou presenciaram o tema pode informar sobre o lugar que aquele

⁴⁵⁰ Para uma análise aprofundada do debate acadêmico em torno da história oral ao longo desse período, consultar Joutard (1999).

⁴⁵¹ Cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 30.

tema ocupava (e ocupa) no contexto histórico e cultural dado?” (ALBERTI, 2005, p. 30).

Sob a perspectiva do NEHO, entende-se que um projeto de história oral deve responder a quatro quesitos ou justificativas: quando, de quem, como e por quê? É verdade que há quem aplique estudos com base em entrevistas quando há vazios documentais. Este não é o meu caso, como já disse. Embora seja válido fazer história oral por esse motivo, penso que seu papel pode ser maior, principalmente quando

[...] identificam-se casos de segmentos que não tiveram oportunidade de apresentar argumentos que são considerados diferentes. Essas narrativas interessam mais do que as eventuais informações que contenham. Por possuir os próprios argumentos ou versões subjetivas capazes de iluminar o contexto de outra maneira, são essas as razões da história oral. O que se propõe é que, antes de tudo, se busque formular suportes documentais que menos cuidem de informar e mais de produzir estratégias capazes de permitir o entendimento além das informações. (MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 31).

Essa citação já revela com quem essa linha de história oral está compromissada. Privilegiam-se, pois, grupos de representação minoritária, marginalizados socialmente, oprimidos racial, religiosa, cultural e sexualmente. Eles têm direito de participação e devem ser incluídos. Isso não significa, contudo, adotar uma postura arrogante e ingênua de “dar voz” a vítimas, explorados ou silenciados, como se eles não a tivessem. Ao contrário, trata-se de oferecer-lhes ouvidos atentos às suas memórias e experiências de vida. O interesse está justamente em registrar e tornar públicas “outras versões” sobre determinados processos históricos.

A terceira justificativa, nas palavras de Meihy e Ribeiro (2011, p. 34), “[...] implica de saída definir o estatuto da história oral e ver como se ajustam os processos de entrevistas nas grades de procedimentos operacionais.”. Ou seja, qual uso se pretende fazer da história oral: enquanto ferramenta, técnica, método ou disciplina? Como ferramenta, ela é apenas um recurso que registra indiscriminadamente narrativas orais, sem, contudo, valorizar a especificidade delas. É vista como técnica quando se utilizam entrevistas pautadas por eixos temáticos capazes de problematizar discursos estabelecidos por outras fontes documentais. Enquanto método – e esta é a minha opção –, a história oral orienta toda a elaboração do projeto de pesquisa, no qual as narrativas resultantes das entrevistas são ressaltadas como o centro da investigação. É a partir do conjunto delas que são identificados problemas a serem refletidos, podendo ou não dialogar com outras fontes e argumentos estabelecidos pela historiografia. Por último, advoga-se que ela se constitui um campo específico do conhecimento, que se vale do aporte teórico de um conjunto de disciplinas (História,

Sociologia, Antropologia, Psicologia, Teoria Literária, Educação, entre outras), com procedimentos operacionais claros e preestabelecidos, e cujo objeto de estudo seja a memória oral.

Feita tal escolha, cabe explicar por que se faz história oral. Para além do valor acadêmico, há o compromisso assumido com as pessoas entrevistadas, o que implica cuidados éticos. Esse vínculo exige do pesquisador um posicionamento político sobre o assunto em questão que agrega cidadãos em torno de um problema ou uma causa. De acordo com Meihy e Ribeiro (2011, p. 39), “[...] é pela possibilidade de marcar lugar e propor mudanças que se faz história oral.”. Nesse sentido, eles entendem que o conceito de “devolução” não deve se esgotar no ato de entrega do texto resultante da entrevista. Esse é um “retorno” obrigatório por parte de quem entrevista alguém. Para os autores, portanto, há um significado político maior que está relacionado com o projeto como um todo, em que os argumentos reunidos dos colaboradores podem favorecer políticas públicas.

A (2) gravação das entrevistas é a razão de todo o trabalho em história oral e a materialização da parte principal do projeto. Independente da opção do pesquisador com relação ao documento em história oral – se o mesmo é o arquivo gravado ou o texto resultante da entrevista –, a gravação é etapa fundamental e anterior. Antes de pôr em prática, são necessárias algumas escolhas: quem e quantos serão os entrevistados, quantos serão os entrevistadores, quantas pessoas estarão presentes no auxílio da gravação, duração das sessões, tipo de entrevista (estruturada, semiestruturada ou não estruturada; perguntas abertas ou fechadas; perguntas diretas ou estímulos indiretos a partir dos relatos) – que têm relação direta com o gênero de história oral adotado (temática, relato de vida, história oral de vida, testemunhal, tradição oral e bancos de história)⁴⁵² –, tipo de gravador (analógico ou digital, em voz ou também em vídeo), conhecimento prévio da biografia de cada entrevistado, elaboração de um roteiro individual ou coletivo e preparação da carta de cessão⁴⁵³. Definido isso, realizam-se os primeiros contatos com os entrevistados, nos quais o pesquisador se apresenta e explica o projeto (tema e procedimentos) ou, ao menos, o motivo para a solicitação da entrevista. Nessas conversas, definem-se em conjunto as circunstâncias das entrevistas, ou seja, a data, o local e a forma de condução das sessões. Por fim, sugere-se que,

⁴⁵² A respeito da diferença de cada gênero de história oral, consultar: Lang (1996) e Meihy e Ribeiro (2011).

⁴⁵³ Conforme ponderam tantos pesquisadores de história oral, “a carta de cessão é documento fundamental, e imprescindível para a divulgação e uso da(s) entrevista(s).” (DELGADO, 2006, p. 31).

antes de iniciar a gravação, os entrevistados não só a autorizem como tenham consciência do uso que será feito com ela⁴⁵⁴.

A maioria das pesquisas em história oral tem por objetivo (3) transformar a fala em escrita. Aparentemente simples essa é uma etapa que exige do pesquisador tempo, atenção e, sobretudo, clareza do tipo de transcrição que se quer fazer, uma vez que nesse processo será constituído o documento escrito. A transcrição pode ser tanto literal quanto editada. A literal ou absoluta remete à passagem completa dos diálogos e sons diversos (como, por exemplo, telefone, risos, barulhos de outras pessoas ou animais) tal qual eles foram captados. Inclusive, os possíveis erros de linguagem cometidos por entrevistados e entrevistadores. Enfim, são vertidas para a escrita as palavras ditas e gravadas em estado bruto.

Apesar disso, alguns pesquisadores – entre eles, Caldas (1999), Meihy e Holanda (2007) e Meihy e Ribeiro (2011) – argumentam que a transcrição literal nunca traduzirá a *performance* dos entrevistados, muito menos tudo o que se passou no encontro. É em vista disso que são favoráveis ao uso tanto do caderno de campo quanto da edição dessa primeira transcrição. Emprestado da etnografia, o caderno de campo é uma ferramenta importante para a descrição não só das entrevistas em si e de tudo que as cercaram como também do conjunto das ações da pesquisa. Dessa maneira, podem ser anotadas as interações sequenciais com os entrevistados antes, durante e depois das gravações, além de outras observações feitas no campo que o pesquisador achar relevantes, sem se esquecer, evidentemente, das datas e locais. Stéphane Beaud e Florence Weber (2007, p. 66), ademais, advogam em favor do registro de um “mapa de suas questões, de suas hipóteses, suas dúvidas, de suas felicidades, suas leituras também, tudo que faz parte de sua ‘vida intelectual’ e não [somente] de sua ‘vida de pesquisador’.”. É em virtude desse caráter pessoal, diga-se de passagem, que o mesmo é denominado por tantos como “diário de campo”.

Cada vez menos pesquisadores dessa área trabalham apenas com transcrição literal. A edição tem sido prática comum basicamente para facilitar a leitura do texto resultante da entrevista. É verdade que não há um consenso ou “*soluciones milagrosas*”, como disse Joutard (1999, p. 274), sobre como deve ser vertido o código oral para o escrito. Vertentes mais tradicionais de história oral defendem a retirada apenas dos ruídos e das repetições na fala, além da correção de erros gramaticais, vícios de linguagem e informações imprecisas

⁴⁵⁴ Todos esses pontos listados são abordados e pormenorizados em inúmeros “manuais” de história oral. Destacamos apenas: Freitas (2006); Meihy (2005); Alberti (2005); Delgado (2006); Worcman; Pereira (2006); e Lang; Campos; Demartini (2010).

ditas pelos entrevistados. Para maior compreensão dos dados relatados (nomes, instituições, fatos, datas etc.), porém não explicados pelos narradores, sugerem adicionar apontamentos em notas de rodapé ou entre colchetes. Pequenos acréscimos ao texto só são permitidos no sentido de “tornar o seu conteúdo mais claro ao leitor.” (ALBERTI, 2005, p. 226).

Contudo, outras correntes – entre elas, a do NEHO – são favoráveis à retirada também das intervenções do entrevistador, de modo a tornar o texto ainda mais limpo e liso. Assim, o mesmo passa a ser predominantemente do narrador, o qual assume de maneira exclusiva a primeira pessoa. A isso se chama de “textualização suave” (CALDAS, 2008, p. 166). Alguns pesquisadores argumentam que a transcrição de palavra por palavra, tida como “fiel”, não é suficiente, uma vez que não contém em si

[...] a atmosfera da entrevista, seu ritmo e, principalmente, a *comunicação não-verbal* nela inclusa: emoções do depoente como risos ou choro, entonação e inflexão vocal, gestos faciais, de mãos, ou mesmo de corpo. O texto, ainda, não pode abandonar a característica de originalmente falado, devendo ser identificado como tal pelo leitor. (GATTAZ, 1996, p. 136, grifos do autor).

Privilegiando as ideias do narrador em detrimento da transcrição de um discurso, a textualização dá uma lógica ao texto. É nessa fase, também, que se escolhe o tom vital, isto é, uma frase que, por representar uma síntese moral da narrativa, serve de epígrafe e guia para a leitura da entrevista.

Embasando-se em dois conceitos, transcrição e teatro de linguagem, formulados respectivamente por Haroldo de Campos e Roland Barthes, Meihy propôs em diversos textos uma terceira etapa na transformação do oral para o escrito: a transcrição. Em outras palavras, é um texto recriado, a partir da relação de colaboração entre entrevistador e entrevistado, no qual se incorpora não só o dito, mas também o não dito, buscando o significado no conjunto das mensagens do narrador. A intenção é a elaboração de um texto claro, expressivo e de leitura agradável e fluente. Para que essa interferência tenha um bom resultado, é fundamental que o próprio entrevistador transcreva e utilize seu caderno de campo. O passo seguinte desse processo é a conferência do documento escrito com o entrevistado, que verifica a própria narrativa, corrige possíveis erros do pesquisador e, assim, valida e autoriza o uso da mesma. Segundo essa vertente, a palavra final dele deve ser respeitada caso queira retirar alguma frase.

Apreensivos com a possibilidade de o entrevistado rever o que falou, seja para aumentar o relato, retirar trechos ou fornecer versões díspares em relação ao “depoimento” inicial, outros programas de história oral não costumam incluir a participação do entrevistado

no processamento da entrevista e em sua consequente publicação⁴⁵⁵. Julgam, assim, que o documento perde a sua legitimidade e o seu valor com a conferência. Pode-se dizer, sem ter qualquer intenção de depreciar tal postura, que pesquisadores que defendem essa ideia se preocupam mais com a gravação e o seu futuro arquivamento do que com o entrevistado e a possibilidade de revisão da própria narrativa. É em virtude “da importância de manter o documento transcrito fiel ao que foi gravado” que dão tanta atenção à carta de cessão, na qual se amparam (ALBERTI, 2005, p. 229).

Aos que entendem que o trabalho em história oral não termina com a produção dos documentos escritos ou com a constituição de um acervo, sugere-se que os mesmos sejam analisados. Tudo, porém, depende do objetivo do projeto inicial. Arquivistas, por exemplo, geralmente preocupam-se mais com a elaboração do texto derivado da entrevista do que com sua (4) análise, deixando isso a cargo dos pesquisadores que forem consultar tal documento. Outros oralistas consideram que cada leitor, de posse da narrativa, é capaz de fazer a sua própria interpretação, não sendo necessário conduzir a sua leitura. Já os historiadores e sociólogos, por sua vez, não prescindem da crítica da fonte oral. Para estes, “Análise significa a atribuição de sentido aos dados. Acreditamos que o documento não fala por si e precisa ser analisado com vistas à questão em estudo.” (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010, p. 47).

Não existe uma regra para a análise dos documentos, que pode ser feita de várias maneiras. Em geral, são observados a sua forma e o seu conteúdo, ou seja, se foram adotados pelos entrevistados padrões narrativos (cronológico, épico, trágico, cômico, misto, entre outros) e quais e como assuntos diversos foram abordados, considerando a expressão de pensamentos, representações, visões de mundo, imaginários e ideologias. Nesse momento, mais uma vez, o caderno de campo torna-se instrumento eficaz, posto que esclarece não ditos, pontos não compreendidos, reações dos narradores quanto aos temas tratados, argumentos repetidos, ideias enfatizadas, passagens que os emocionaram, lembranças marcantes e assim por diante.

É comum também analisar os documentos em si, atentando-se para as experiências individuais dos entrevistados – com destaque para possíveis situações testemunhadas desconhecidas publicamente –, e em seu conjunto, buscando-se os pontos e temas comuns que

⁴⁵⁵ O fato de adotar ou não o recurso da conferência faz com que uns pesquisadores tratem os entrevistados como “colaboradores” e outros como “depoentes” ou “informantes”.

perpassam as histórias angariadas e que marcam a identidade da comunidade de destino⁴⁵⁶ e a sua memória coletiva⁴⁵⁷. Nesse sentido, Meihy e Holanda escrevem:

Isoladas, as entrevistas não falam por si, logicamente. Alinhá-las, contudo, é um procedimento capaz de sugerir, mais do que a condução do projeto, possíveis análises. Sozinhas, também, as entrevistas não se sustentam enquanto história oral; seriam apenas textos estabelecidos. A dimensão social é feita na medida em que são indicados os pontos de intercessão das diversas entrevistas. (MEIHY. HOLANDA, 2007, p. 131).

A associação das narrativas em torno de temas tem sido prática recorrente no intuito de organizar o *corpus* documental e aprofundar as reflexões⁴⁵⁸. Nesse processo, os estudiosos sustentam suas análises em autores consagrados acerca de cada um dos temas levantados, fazendo, portanto, correlação das narrativas com a literatura acadêmica. Independente de os temas serem propostos de antemão nos projetos ou identificados no cruzamento das entrevistas, há determinados referenciais que devem ser observados no momento da interpretação, visto que mantêm certa lógica no desenrolar narrativo de cada entrevistado: gênero, raça, classe social, opção sexual, educação formal, religião, idade e alinhamento político.

É prática tradicional o cotejamento das fontes orais com os demais tipos de fontes, em especial as escritas (dados censitários, imprensa, correspondência etc.)⁴⁵⁹. Muitos historiadores olham para a história oral com desconfiança, uma vez que suas narrativas seriam, no mínimo, mais suscetíveis à falibilidade, intencionalidade e subjetividade. Em nenhuma hipótese, conforme afirmam, ela é autossuficiente⁴⁶⁰. Se o relacionamento entre fontes escritas e fontes orais não é mais aquele da prima-dona e de sua substituta na ópera – ou seja, quando a estrela não pode cantar, aparece a substituta –, como já argumentou Jan Vansina, ao menos serve para que as perspectivas de uma corrija a da outra, complementando-se⁴⁶¹.

Depois do momento da análise, seguem as etapas do arquivamento e da publicação ou devolução social. Para que os documentos produzidos a partir das entrevistas possam ser

⁴⁵⁶ Cf. BOSI, 2007.

⁴⁵⁷ Cf. HALBWACHS, 2006.

⁴⁵⁸ Cf. DELGADO, 2006, p. 30.

⁴⁵⁹ Meihy define um trabalho com tais propósitos de “história oral híbrida”, justamente pela confrontação das fontes. Aquele estudo que centraliza as atenções no conjunto das narrativas, por sua vez, ele denomina “história oral pura”. Cf. MEIHY, 2005, p. 95; MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 128.

⁴⁶⁰ Esta é a postura, por exemplo, de historiadores como Maria Luiza Tucci Carneiro, Antônio Torres Montenegro e Regina Beatriz Guimarães Neto.

⁴⁶¹ Cf. PRINS, 1992, p. 166.

guardados devidamente e utilizados posteriormente por outros pesquisadores, é indicado o seu (5) arquivamento. Com esse intuito, é necessário catalogá-los e disponibilizá-los em formato impresso e/ou digital em um arquivo, além de estabelecer fichas técnicas e sumários dos mesmos⁴⁶². Ademais, deve-se atentar para algo muito importante: fazer cópias de segurança dos documentos sempre que possível em mídias diferentes (fita analógica, CD/DVD e arquivo digital em vários discos rígidos).

Afora essas questões técnicas de como arquivar, Lang, Campos e Demartini chamam a atenção também para o padrão ético, o qual deve ser respeitado nas eventuais citações dos documentos confeccionados quando disponibilizados para o público em geral. Pelo fato de a concessão da entrevista ser feita em uma situação de confiança do entrevistado no pesquisador, a questão ética é particularmente importante na história oral, visto que se trata de fazer uso da palavra do narrador. Sendo assim, as autoras salientam:

- o aspecto **legal** ou jurídico refere-se ao limite entre direitos e deveres das partes envolvidas e impõe a possibilidade de um documento de cessão dos direitos sobre a gravação em favor do pesquisador ou instituição a que este está ligado, assim como da autorização para utilização dos termos em que o uso poderá ser feito;

- o aspecto **moral** suscita reflexões, pois o trabalho de História Oral envolve o relacionamento com pessoas, registrando suas palavras e informações, assim como, muitas vezes, referências a terceiros. Entrevistados e pessoas citadas não poderão ser de modo nenhum prejudicados pela forma de utilização e divulgação que for feita dos relatos. (LANG; CAMPOS; DEMARTINI, 2010, p. 52, grifos das autoras).

A (6) devolução social, por sua vez, refere-se ao retorno dos resultados ao grupo que possibilitou a pesquisa, seja por meio da doação dos documentos produzidos, textos escritos (trabalhos acadêmicos, relatórios, catálogos), exposições ou novas mídias (*sites*, *blogs* e documentários em vídeo). Diz respeito, dessa maneira, a um tratamento ético e necessário em virtude dos compromissos assumidos com os entrevistados. Nas palavras de Meihy (2005, p. 108), “evoca os pressupostos sociais que asseguram a história oral como formuladora de políticas públicas, pois, afinal para quem se faz a história oral?”.

É preciso dizer, contudo, que isso não é ponto pacífico entre os pesquisadores da área, já que alguns deles adotam outros procedimentos com vistas à publicação. Na linha do CPDOC, por exemplo, faz-se necessário passar pela etapa do copidesque. É a última etapa de um processamento que visa ser consultado ou publicado em sua forma escrita. Tarefa a ser feita por um profissional com larga experiência no idioma empregado na entrevista e na

⁴⁶² Modelos de fichas de catalogação (cadastro, depoimento, fotos e documentos) podem ser consultados na obra de Worcman e Pereira (2006, p. 232).

adequação da linguagem escrita ao discurso oral, o copidesque tem o objetivo final de manter sempre “a correspondência entre o que é publicado e o que foi gravado, de modo que o que se lê no livro esteja sem dúvida na entrevista.” (ALBERTI, 2005, p. 214). Esse, no entanto, não é o procedimento seguido neste trabalho.

1.4.2 Qual história oral e que tipo de entrevista?

Se ainda não ficou claro, a linha de pesquisa de história oral adotada para este trabalho é a do Núcleo de Estudos em História Oral-USP, coordenado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, cujos procedimentos metodológicos, publicados em uma série de trabalhos (1996, 2003, 2005, 2007, 2011), já são de meu domínio desde a época do mestrado. Isso não significa dizer, evidentemente, que as referências teóricas e metodológicas de outras correntes não serão examinadas⁴⁶³. Ao contrário, como tentei mostrar na seção anterior, é justamente com o conhecimento de outras propostas que se reconsidera e fortalece a história oral aqui seguida. Nesse sentido, a definição de história oral adotada é a seguinte:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 15).

Dentre os gêneros de história oral, privilegio a história oral de vida por estar interessado mais na subjetividade (impressões, visões de mundo, sentimentos, omissões, distorções, mentiras, ironias, intenções, sonhos, silêncios) dos colaboradores do que nos dados objetivos (fatos, pessoas, partidas, placares, situações públicas) que eles possam eventualmente me informar. Como escreve Lang:

A *história oral de vida* é o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo. Os acontecimentos vivenciados são relatados, experiências e valores transmitidos, a par dos fatos da vida pessoal. Através da narrativa de uma história de vida, se delineiam as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, da sociedade global, que cabe ao pesquisador desvendar. (LANG, 1996, p. 34, grifos da autora).

⁴⁶³ Destacam-se os seguintes autores: Alberti (2005), Caldas (1999a, 1999b), Delgado (2006), M. M. Ferreira (1994, 2000, 2006), Freitas (2006), Janotti (1996, 2010), Lang (1996, 2007, 2010), Mauad (2010), Montenegro (1992), Simson (1997) e Worcman e Pereira (2006).

Observo, contudo, que não se trata de uma reconstrução cronológica e factual da biografia dos entrevistados através da sua memória. O fato de os meus entrevistados saberem do meu interesse em registrar o seu relato – as suas memórias e experiências sobre a sua própria atuação enquanto futebolistas brasileiros negros no continente europeu – já submete certamente a narração a algum tipo de corte, cada qual a sua maneira. Obviamente, não espero obter verdades absolutas por meio das histórias de vida, mas que “[...] a partir dela, da experiência concreta de uma vida específica, possamos reformular nossos pressupostos e nossas hipóteses sobre um determinado assunto.” (DEBERT, 2004, p. 142). Em outras palavras, busco uma “outra história” por meio de uma narrativa do conjunto das experiências de vida dessas pessoas, na qual elas tenham mais liberdade para falar – inclusive sobre seus aspectos mais íntimos –, revelando o valor dessa história de vida em si⁴⁶⁴.

Nessa perspectiva de trabalho, minha “comunidade de destino”⁴⁶⁵ é marcada por futebolistas brasileiros negros no continente europeu, isto é, um grupo de pessoas marcado pelas experiências da migração e do racismo. Dentro dessa ampla coletividade, cabe recortar o objeto, delimitando qual grupo de jogadores será entrevistado. Em se tratando de futebolistas profissionais, a minha “colônia”⁴⁶⁶ é composta por aqueles que tiveram enorme sucesso na carreira, que jogaram pelos grandes clubes do futebol brasileiro, que disputaram as maiores competições europeias por clubes conhecidos internacionalmente e que, à exceção de um entrevistado, vestiram a camisa da Seleção Brasileira. Procurei entrevistar atletas profissionais de distintas épocas (da década de 1960 até hoje) e países de atuação (Inglaterra, Espanha, Alemanha, Itália, França, entre outros).

Com a realização das entrevistas, busquei levantar e investigar questões superficialmente abordadas pela produção acadêmica até o presente, as quais dizem respeito à vivência deles no exterior, ou seja, às experiências, memórias e identidades dessa comunidade de destino. No intuito de aprofundar as discussões, alguns pontos foram preponderantes, tais como: motivações, expectativas e medos ao emigrar à Europa, principais dificuldades na integração social, diferenças culturais entre o país de destino na Europa e o Brasil, melhores e

⁴⁶⁴ Cf. JOUTARD, 1999, p. 314.

⁴⁶⁵ Por “comunidade de destino”, entende-se o resultado de uma experiência de bases materiais, psicológicas, de gênero ou de orientação (política, cultural ou sexual), que qualifica um grupo de pessoas, cuja memória marca os seus elementos identitários coletivos. Cf. MEIHY, 2005, p. 72; MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 51; BOSI, 2007, p. 30 e 38.

⁴⁶⁶ “Colônia” é uma primeira divisão da comunidade de destino, uma fração representativa dela que se apresenta como solução operacional, tornando viável a pesquisa. Deve tomar como base, pelo menos, um dos seguintes critérios: geração, localização geográfica, classe social, etnia, gênero, profissão, entre outros. Cf. MEIHY, 2005, p. 177; MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 52.

piores experiências vividas no exterior, relacionamento com os demais jogadores e cidadãos locais, situação pessoal de discriminação racial ou étnica no futebol e na sociedade, diferenças entre o racismo no Brasil e na Europa, motivações para retornar ao Brasil quando a carreira terminou ou estava no fim, principais dificuldades no retorno, balanço do movimento migratório empreendido. Enfim, a pergunta de corte da pesquisa foi: como é ser futebolista brasileiro negro na Europa?

A partir de um roteiro padrão elaborado para as entrevistas do mestrado, o qual estava dividido em grandes partes (origens, profissionalização, relacionamentos, vida pessoal, racismo, perguntas de corte e perguntas finais), somei, consultando vários roteiros de perguntas para projetos de história oral com migrantes, discussões relativas a essa temática em novos blocos, a saber: ida à Europa, retorno ao Brasil e xenofobia. Reafirmo que, apesar da existência desse roteiro, a proposta sempre foi dar total liberdade de narração para os entrevistados. O roteiro serviu apenas de apoio durante as entrevistas, jamais a sequência de assuntos foi seguida obrigatoriamente, muito menos feitas todas as perguntas contidas nele. Num primeiro momento, estimulava o futebolista a contar sua vida, o que geralmente durava em torno de meia hora. Se havia uma pausa significativa em sua narração, aproveitava a oportunidade para lançar mão de algum estímulo sobre o que estava sendo narrado. Num segundo momento, tentava retomar alguns pontos de interesse da pesquisa pelos quais o narrador havia passado rapidamente, o que também costuma tomar um tempo considerável de gravação. No fim da entrevista, caso ele ainda não tivesse abordado, estimulava-o a falar sobre racismo, xenofobia, minhas perguntas de corte e finais.

Por meio da “formação de redes”⁴⁶⁷ e da “indicação de colaboradores”, espero também que as diferentes vivências traduzam-se em diferentes versões e formas de encarar o fenômeno do racismo e da xenofobia na Europa, as quais são expressas através de pontos de vista, visões de mundo, comportamentos, reações e articulações políticas da própria categoria profissional ou da própria comunidade de destino. Outro fator que enriqueceu bastante esta pesquisa foi a realização de entrevistas com migrantes que atuaram em diferentes décadas (de 1960 até a atual), o que possibilitou pensar uma série de mudanças e transformações ao longo desse processo. Por fim, a comparação de redes pode evidenciar as “disputas de memórias”

⁴⁶⁷ “Rede” é a menor parcela de uma comunidade de destino, em que os entrevistados são divididos em grupos. Os seus argumentos não só justificam quanto permitem o entendimento das razões de cada segmento. Cf. MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 54.

construídas acerca da atuação e das experiências dos futebolistas brasileiros negros no continente europeu⁴⁶⁸.

De modo resumido, apresento o conjunto de procedimentos adotados:

Pré-entrevista

Primeiros contatos, esclarecimento de como se chegou aos colaboradores, de quais os objetivos do projeto e de alguns procedimentos, conhecimento prévio da história pessoal, preparação do material e dos estímulos específicos, e definição de datas, locais e horários de gravação das entrevistas.

Entrevistas

Gravação, agradecimentos, meios de contato e assinatura do termo de cessão dos direitos.

Tratamento dos arquivos

Relato em caderno de campo, transcrição, textualização, transcrição, conferência, validação, elaboração das fichas catalográficas e resumo para arquivamento, arquivamento do áudio/vídeo original e devolução do texto resultante para os entrevistados.

Sistematização dos dados

Análise do material para elaboração de relatórios, artigos para publicação e tese; e edição dos vídeos para divulgação nos *sites* do Museu do Futebol, Ludens e Ludopédio.

Depois de produzidas e validadas, as narrativas orais são analisadas em si (atentando-se para as experiências individuais dos entrevistados, com destaque para possíveis situações testemunhadas desconhecidas publicamente) e em seu conjunto (buscando-se os pontos e temas comuns que perpassam as histórias angariadas e que marcam as identidades da comunidade de destino e a sua memória coletiva). Tal como concluem Meihy e Holanda:

Logicamente, as entrevistas são relevantes, mas, mais do que elas individualmente, as comunicações com o geral, com o amplo e coletivo são essenciais. É exatamente por se equiparar histórias que tenham pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos

⁴⁶⁸ Cf. POLLAK, 1989, p. 4.

que, sob nova interpretação, teriam força social. (MEIHY; HOLANDA, 2007, p. 29).

Para tanto, utilizei uma bibliografia consagrada sobre a problemática da pesquisa, abordando uma série de autores de diversas disciplinas das ciências humanas que investiga temas e conceitos fundamentais, os quais foram trabalhados na Seção 1.2. Realizadas as entrevistas, constituídos os documentos e examinadas as narrativas, pretendo integrar o debate historiográfico através da compreensão dos fenômenos da migração de futebolistas brasileiros negros e do racismo e da xenofobia na Europa a partir dos pontos de vista e das experiências dos próprios sujeitos desse processo histórico. Procuro, pois, iluminar o discurso dessas pessoas e trazer à tona um conjunto de elementos subjetivos (experiências, sentimentos, pensamentos, visões de mundo, identidades) não contemplados pelas fontes tradicionais de pesquisa. Reitero que, com esta pesquisa, possa realizar ao final uma reflexão sobre as relações raciais em um continente que, nas últimas décadas, tem recebido milhões de imigrantes de todo o mundo e concomitantemente tem passado por crises econômicas, sociais e políticas – conflitos estes que de maneira recorrente invadiram a cena futebolística.

1.5 O PROJETO “MEMÓRIAS DE BOLEIROS”

Ainda no primeiro semestre desta pesquisa de doutorado, surgiu a ideia de um projeto paralelo, porém correlato. Com a criação do Ludens, veio a necessidade de os pesquisadores do núcleo desenvolverem projetos e outras atividades acadêmicas que justificassem o apoio da Pró-Reitoria de Pesquisa da Universidade de São Paulo. Conversando com os colegas e pós-graduandos Sérgio Settani Giglio, Paulo Henrique do Nascimento e Daniela Alfonsi, vimos nisso uma oportunidade para elaborarmos um projeto coletivo que poderia satisfazer interesses pessoais de cada um. Eu tinha acabado de ingressar no doutorado com esta pesquisa que visa registrar histórias de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu; o Sérgio e o Paulo estavam no meio de suas pesquisas individuais, as quais utilizavam entrevistas feitas para o projeto coletivo “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”, coordenado pela professora Katia Rubio (EEFE-USP); e a Daniela estava participando da conclusão da pesquisa coletiva “Futebol, memória e patrimônio”, que tinha por objetivo a constituição de um acervo de história oral para o Museu do Futebol, fruto de uma parceria desta instituição com o CPDOC-SP e que entrevistou ex-jogadores brasileiros que participaram de Copas do Mundo.

Nesse sentido, propusemos à Comissão Científica do Ludens o projeto: “Memórias de boleiros”, cujo objetivo central foi registrar as memórias dos jogadores de futebol e dos integrantes de comissões técnicas brasileiros que tivessem atuado no exterior nas últimas três décadas. Enquanto pesquisadores do Ludens, pretendíamos entrevistar e, conseqüentemente, refletir sobre as trajetórias, memórias e experiências vividas por esses profissionais fora do Brasil; para o Museu do Futebol, o produto pretendido de maior interesse foi o aumento do seu acervo de história oral. O projeto foi aprovado em meados de 2012.

Até então, eu tinha realizado três entrevistas para o doutorado: a primeira com Leovegildo Lins Gama Junior, ainda no mestrado; a segunda com Sérgio Luís Donizeti (João Paulo), juntamente com o amigo Sérgio Giglio, que intermediou o contato e me convidou para dela participar; e a terceira com Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento. As três foram gravadas em áudio e realizadas em espaços determinados pelos entrevistados. O Museu do Futebol, contudo, solicitava que as entrevistas tivessem, se possível, o mesmo padrão na produção, sendo gravadas no formato audiovisual, por meio de câmeras semiprofissionais, e realizadas no seu auditório, onde poderia controlar a iluminação e o som captado. O motivo era a utilização do material em futuras exposições.

Com o início das atividades, essa “superprodução” exigiu a participação de várias pessoas na execução da pesquisa, da qual integraram graduandos e pós-graduandos da Universidade de São Paulo bem como outros funcionários do Museu do Futebol⁴⁶⁹. Durante as entrevistas também: além de dois ou três entrevistadores (um ou dois do Ludens e um do Museu do Futebol), dois monitores do Ludens (responsáveis pelas câmeras fotográfica e de vídeo) e, pelo menos, um funcionário do Museu do Futebol (incumbido do apoio técnico). A princípio, imaginava que essa “superprodução” pudesse inibir os futebolistas, mas com a realização das entrevistas percebi que as suas narrações não sofrem grandes alterações se comparadas com aquelas das entrevistas que fiz sozinho e apenas com gravador de som. Pelo contrário, pareceu-me que estão acostumados a todo esse aparato tecnológico e número de pessoas. Mais do que isso, tive a impressão de que eles, de modo geral, encaram com maior seriedade a pesquisa pelo fato de as entrevistas serem realizadas no Museu do Futebol, que é uma instituição conhecida e reconhecida tanto por eles quanto por um público amplo, em especial por aquele que acompanha futebol. Ser convidado a conceder uma entrevista para o Museu do Futebol e, principalmente, entrar para o seu acervo significa ser reconhecido como um atleta importante da história do futebol brasileiro. Tamanha honraria, minha tese jamais seria capaz de oferecer.

A “superprodução” revela algumas diferenças na maneira de enxergar e fazer história oral entre os pesquisadores desse projeto, principalmente entre mim e o pessoal do Museu do Futebol. Eu, como já falei, me formei no NEHO, onde a história oral é vista como um campo interdisciplinar do conhecimento e cujos pesquisadores costumam realizar trabalhos utilizando apenas entrevistas como fonte. O pessoal do Museu do Futebol, por sua vez, que justamente por se tratar de um museu, tem uma preocupação muito grande com a constituição de acervos e vê a história oral com uma função arquivística, sofrendo, pois, influência da vertente do CPDOC, para quem a história oral está muito atrelada à História e é vista como uma técnica de pesquisa. Os orientandos da professora Katia Rubio, finalmente, também têm uma visão mais abrangente da história oral e seguem procedimentos mais próximos daqueles que eu estou acostumado.

Apesar dessa disparidade conceitual, isso nunca foi um empecilho muito menos dificultou o desenvolvimento da pesquisa, pois, conversando, encontramos um meio termo

⁴⁶⁹ Além dos já citados, são eles: Aira Bonfim (Museu do Futebol), Amanda Macedo (Ludens-USP), André Feres (Ludens-USP), Breno Macedo (Ludens-USP), Bruna Gottardo (Museu do Futebol), Bruno Jeuken (Ludens-USP), Guilherme Manzoni Leite (Ludens-USP), Pedro Sant’Anna (Museu do Futebol) e William Contini (Ludens-USP).

capaz de satisfazer a todos, principalmente no que se refere à condução das entrevistas. Se no começo os entrevistadores do Museu do Futebol interrompiam a narração dos entrevistados para fazerem perguntas mais diretas, com o tempo isso diminuiu bastante e as perguntas passaram a ser feitas preferencialmente nas pausas narrativas. Eles deixaram todos também muito à vontade para contatar quem desejássemos e tomar a frente de algumas entrevistas, conduzindo menos as narrações dos entrevistados e abordando temas que nos interessavam. Da nossa parte, compreendemos a necessidade de eles terem um material produzido em alta qualidade, o que impacta em um lugar de gravação adequado e com a presença de várias pessoas. Particularmente, foi um aprendizado muito grande desenvolver essa pesquisa em coletivo, dividindo tarefas, debatendo procedimentos, entrevistando em conjunto e discutindo temas abordados.

1.6 ENTREVISTANDO PERSONALIDADES

A realização de uma pesquisa de história oral com pessoas públicas é muito complicada. A categoria profissional em que essas pessoas atuam muitas vezes já lhes confere certa notoriedade. Se, além disso, elas são profissionais bem-sucedidas, sua fama atinge público de diversos meios. Esse é o caso, por exemplo, de futebolistas, cantores, atores, em suma, artistas, cujas atividades profissionais são extremamente valorizadas socialmente⁴⁷⁰. No Brasil, alguns jogadores de futebol são vistos não apenas como ídolos de seus clubes, mas também como “heróis nacionais”. Isso acontece, principalmente, com aqueles que vestem ou vestiram a camisa da Seleção Brasileira. Na sociedade do espetáculo⁴⁷¹, marcada pela representação, aparência e consumo de imagens, os meios de comunicação transformaram os atletas profissionais de futebol em celebridades.

Ainda que correspondam a uma ínfima parte do todo ou da realidade da profissão⁴⁷², os futebolistas bem-sucedidos, inclusive aqueles que já terminaram a carreira, aparecem constantemente nas mídias, sejam em um programa de televisão, em uma entrevista para rádio ou em matérias para *sites*, jornais e revistas. Eles passaram a ser mais assediados pela imprensa no Brasil a partir principalmente da metade da década de 1990, quando houve a fundação de vários canais de televisão exclusivamente esportivos⁴⁷³ e a criação de diversos *sites*⁴⁷⁴ e *blogs*⁴⁷⁵. Se isso não bastasse, a cada data comemorativa (aniversário de atletas, clubes, títulos ou eventos), Copa do Mundo e Jogos Olímpicos a procura pelos protagonistas

⁴⁷⁰ Ou, ao menos, conforme argumenta Damo (2007, p. 177-182), “o prestígio da profissão de futebolista possui um nítido recorte de gênero e de classe social” (meninos entre 11 e 13 anos que estudam em escolas públicas), sendo crescente “à medida em que se descende em relação à posse de capitais econômico e simbólico”, e decrescente no “percurso inverso”.

⁴⁷¹ Cf. DEBORD, 2003.

⁴⁷² De acordo com dados da CBF, no ano de 2015 foram registrados 28.203 contratos de trabalho de atletas profissionais de futebol no Brasil. Destes, 23.238 jogadores (ou 82,40%) receberam até R\$1.000,00; 3.859 (ou 13,68%) receberam de mil até R\$5.000,00; 381 (ou 1,35%), de cinco mil até R\$10.000,00; 499 (ou 1,77%), de 10 mil até R\$50.000,00; 112 (ou 0,40%), de 50 mil até R\$100.000,00; 78 (ou 0,28%), de 100 mil até R\$200.000,00; 35 (ou 0,12%), de 200 mil até R\$500.000,00; e apenas um jogador recebeu acima deste último valor. Cf. CBF (2016).

⁴⁷³ Os principais canais são: ESPN Brasil (1995), SporTV (1995), PSN (2000-2002), BandSports (2002), Esporte Interativo (2007) e Fox Sports (2012).

⁴⁷⁴ Talvez os mais importantes sejam: UOL (1996), Lancenet (1997), Gazetaesportiva.net (1998), Terra (1999), Yahoo (1999), iG (2000) e Globoesporte.com (2005).

⁴⁷⁵ Sem dúvida o mais acessado é o do jornalista Juca Kfourir, publicado desde 2005 no UOL. No entanto, *blogs* de outros profissionais também são muito visitados, ainda que seja difícil precisar a origem, uma vez que trocaram de emprego e reiniciaram as respectivas páginas pessoais em outros portais. Independente da qualidade, alguns deles são: Chico Lang, Cosme Rímoli, José Cruz, Lédio Carmona, Mauro Beting, Mauro Cezar Pereira, Milton Neves, Paulo Vinícius Coelho, Ricardo Perrone e Victor Birner.

do jogo intensifica-se⁴⁷⁶. Tamanho assédio contribuiu indubitavelmente para o estabelecimento de novos agentes no universo do futebol: assessor de imprensa (dos clubes e pessoal), empresário ou “agente” e até mesmo familiares próximos. Esses profissionais⁴⁷⁷ intermediam o contato e são mais uma barreira a ser transposta por entrevistadores.

A dificuldade na solicitação de entrevistas “exclusivas”, para usar o jargão jornalístico, não está colocada apenas para pesquisadores como eu ou jornalistas em início de carreira. Ao menos, é o que se pode presumir ao assistir e ouvir programas esportivos. Jornalistas experientes, mesmo com credencial de grandes empresas de comunicação, comentam frequentemente o esforço e o tempo decorrido na negociação para tais entrevistas, inclusive durante as próprias gravações⁴⁷⁸. Quando não conseguem, alguns deles reclamam publicamente da crescente objeção, relatando que o tratamento era diferente quando os jogadores estavam no início da carreira ou quando não tinham “estourados”, isto é, antes da projeção e da fama na profissão. De modo irônico, alguns dizem que naquela época a relação se invertia, uma vez que eram os atletas que os procuravam, “loucos por qualquer foco de luz”⁴⁷⁹, fazendo menção ao *flash* da câmera filmadora.

Sem entrar nessa discussão, cabe registrar que as entrevistas exclusivas realizadas pelos jornalistas, sejam gravadas, sejam ao vivo, raramente passam de uma hora de duração. Os motivos estão ligados principalmente às atividades profissional e particular dos atletas, e ao tempo limitado dos programas nas TVs e rádios. É evidente que existe uma enorme diferença no formato, no conteúdo e na finalidade dessas entrevistas em comparação com a que pesquisadores de história oral fazem. Trata-se de entrevistas objetivas, diretas, publicadas instantaneamente, com a presença de vários jornalistas, por vezes com a participação do

⁴⁷⁶ Um exemplo visível desse processo de espetacularização do futebol se deu no ano de 2014, com a realização da Copa do Mundo no Brasil. Tanto nos meses antecedentes quanto principalmente durante o evento, os futebolistas e ex-futebolistas concederam inúmeras entrevistas, fosse para reportagens escritas, faladas ou filmadas. Muitos deles, sobretudo aqueles que tiveram passagens pela Seleção Brasileira, assinaram contratos para trabalharem no período da Copa como comentaristas. Alguns continuaram mesmo após o término do megaevento, como, por exemplo: Djalminha (Bandeirantes), Velloso (BandSports), Zé Elias (ESPN Brasil), Mario Sérgio (Fox Sports), Juninho Pernambucano (Globo) e Carlos Alberto Torres (SporTV). Outros escreveram colunas em jornais e participaram da programação de rádios e TVs regionais por todo o Brasil.

⁴⁷⁷ Ainda que os familiares não sejam exatamente “profissionais” desta ou de outras áreas, são pessoas que estão constantemente ao lado do atleta e recebem uma recompensa pecuniária por prestarem serviços de diferentes tipos (fazer compras no supermercado, limpar casa, cozinhar, pagar contas, dirigir, fazer companhia, cuidar de negócios particulares, secretariar, agenciar, entre tantos outros).

⁴⁷⁸ A jornalista Bárbara Coelho, apresentadora do programa Tá na Área, do canal SporTV, relatou em setembro de 2015 que os colegas mais antigos têm saudade dos tempos em que após treinos e jogos “colavam” nos jogadores e conseguiam fazer entrevistas exclusivas facilmente, sem ter de solicitar e agendar com assessores de imprensa do clube e do atleta.

⁴⁷⁹ Fala dita desta maneira pelo jornalista Osvaldo Pascoal, em maio de 2015, no programa Fox Sports Rádio.

público, visando trazer informações atuais e abordando temas cotidianos e relacionados geralmente à situação de momento do próprio futebolista e do clube em que atua, ou atuou no caso dos ex-atletas. Esses interesses efêmeros também justificam a curta duração das entrevistas. Se até jornalistas conhecidos têm dificuldade para entrevistar jogadores renomados, ainda que seja por no máximo uma hora e retribuam com visibilidade, que dirá pesquisadores desconhecidos que buscam registrar a sua história de vida em encontros que podem durar horas, ou acontecer em vários dias, e cujo resultado é um texto.

Em minha experiência, tentei me valer de várias estratégias. Em primeiro lugar, procurei na *internet sites* oficiais dos jogadores, de suas empresas, instituições ou escolinhas de futebol, de modo que eu pudesse enviar uma mensagem virtual explicando minimamente a pesquisa e solicitando uma entrevista. Logo percebi que esse meio não surtia resultado, haja vista que de todos os contatos realizados o único futebolista que me respondeu por esse meio antes de qualquer telefonema foi, para minha surpresa, Leovegildo Lins da Gama Junior (Junior), um dos maiores ídolos da história do Flamengo e que marcou época na Seleção Brasileira. Ele forneceu seu número de telefone celular a fim de que eu explicasse melhor a pesquisa para a sua decisão de concessão ou não da entrevista. Após conversarmos por cinco vezes, marcamos a entrevista, o que já revelava que as dificuldades não terminavam quando conseguia falar pessoalmente com os boleiros.

Sem sucesso através desse tipo de contato, telefonei aos clubes e às demais entidades. Ainda que não tenha atingido o objetivo na maioria dos casos, houve progresso. As pessoas que me atenderam geralmente foram solícitas e passaram-me os telefones do responsável pelo setor relacionado à história e memória, dos assessores de imprensa (do próprio clube ou do atleta), dos empresários e dos familiares (sem que soubesse naquele momento do grau do parentesco), possibilitando-me seguir em frente. Em apenas três oportunidades, consegui diretamente os telefones particulares de ex-jogadores, sendo uma vez através de um clube do interior de São Paulo, outra por uma escolinha e, finalmente, por um campo de futebol *society*. Destas três, uma entrevista se realizou por esse tipo de contato.

Ao falar com a pessoa responsável pelo setor relacionado à história e memória dos clubes, a qual pode estar alocada em diferentes áreas dentro de sua estrutura (Departamento Cultural, Departamento de História, Memorial, Seleção Máster), buscava, como se supõe, contatos de ex-jogadores. Ao passo que, através dos assessores de imprensa, procurava me comunicar com atletas que estavam naquele momento exercendo a profissão e com aqueles

que haviam encerrado a carreira há pouco tempo, como, por exemplo, Rivaldo e Roque Júnior.

Cabe ressaltar a diferença de atenção dada a mim entre clubes “grandes” e “pequenos”. Nos clubes “grandes”, o contato era interrompido principalmente quando falava com os assessores de imprensa. Mesmo após inúmeros telefonemas e e-mails explicativos, ou pediam para entrar em contato num futuro próximo, ou, como era habitual, deixavam de atender as ligações e responder as mensagens. A exceção se deu com o assessor do São Paulo, que, depois de muita insistência de minha parte, agendou uma entrevista com Denilson Pereira Neves no próprio centro de treinamento do clube. No entanto, como o jogador chegou meia hora atrasado, ela teve de ser interrompida quando passou de trinta minutos, uma vez que haveria treino na sequência. Nota-se que, apesar de minha solicitação, a entrevista foi marcada pelo assessor para durar no máximo uma hora. Depois tentei continuar a entrevista, porém ele não mais retornou meus contatos. Essa falta de disposição em atender pessoas fora da imprensa é até compreensível pelo fato de terem de assessorar, diariamente, uma quantidade grande de jornalistas das mais variadas mídias, em especial aqueles que trabalham em canais de televisão aberta e fechada, na realização de entrevistas com jogadores de todo o elenco.

Nos clubes “pequenos”, recebi por parte desses profissionais uma maior atenção. Em algumas ocasiões, eu percebia, inclusive, um reconhecimento do valor da entrevista, uma vez que tinha fins acadêmicos. Apesar de contar com a boa vontade, nenhuma das tentativas deu certo diretamente. Os assessores, contudo, me passaram os telefones dos empresários ou das assessorias pessoais, de modo que pudesse negociar melhor as entrevistas. Isso já me revelava um poder de convencimento ou de decisão reduzido por parte deles. Mas afinal quem eram esses futebolistas? Tratava-se de jogadores cujo auge da carreira futebolística já tinha passado ou, de outro modo, de atletas que viveram essa fase no futebol europeu e em declínio estavam de volta ao Brasil.

Aos poucos fui percebendo que, ao invés de perder tempo com os assessores de imprensa dos clubes, deveria concentrar meus esforços juntamente com os assessores pessoais. Por serem pessoas contratadas exclusivamente para agenciar e organizar a relação de um jogador específico com veículos de comunicação ou interessados em sua história e marca, eles averigam a disposição e a disponibilidade dos atletas com muito mais agilidade do que as assessorias dos clubes em que atuam. Os empresários, por sua vez, os quais não ganham nada em prestar esse tipo de serviço, demonstravam certa má vontade em me atender. De

qualquer maneira, através de assessores pessoais e empresários eu consegui cinco entrevistas, entre elas a continuação da entrevista com o Denilson e outra com Ebert Willian Amâncio, conhecido no futebol como Betão. Ele mesmo, assim como Junior me surpreendera, fez questão de responder um e-mail que eu havia enviado a sua assessoria pessoal, no qual elogiou a proposta.

Ao contrário do que pode parecer pela descrição até aqui, os contatos com futebolistas não se estabeleceram de modo linear e constante. Houve momentos de estagnação e outros de avanço rápido e até concomitante. Nos primeiros dois anos e meio de pesquisa, eu havia entrevistado apenas seis jogadores, sendo três por esforço próprio, uma delas da época do mestrado.

Em virtude das dificuldades enfrentadas no contato com os futebolistas para o agendamento de entrevistas, conversei com muitos colegas pesquisadores da história oral. Os conselhos recebidos foram os mais variados, desde um “solicite uma entrevista, mas, se tiver recusa, parta para outra”, passando por “é preciso saber negociar” até “insista, só assim conseguirá uma entrevista com esse tipo de pessoa”. Tentei de tudo: procurar contatos pela *internet*, ligar para empresários, contatar assessorias de imprensa de antigos clubes, e até me deslocar aos centros de treinamento para falar pessoalmente com funcionários dos clubes. Tive algum progresso através da *internet* e de uma lista de contatos passada pelo Sérgio Giglio. Ainda assim, a grande maioria dos contatos não atingiu o objetivo esperado, ou seja, a realização de entrevistas. Esbarrou ora nos intermediários, ora nos próprios futebolistas, sob a alegação de que estavam trabalhando, viajando ou passando por um momento que lhes exigia concentração, no caso dos jogadores em atividade.

O primeiro contato tem uma importância, digamos, relativa para a viabilização da entrevista. De qualquer maneira, requer dos pesquisadores usar poucas e apropriadas palavras, além, é claro, de educação e cordialidade. Ao obter algum número de telefone, fosse de instituições, de assessores de imprensa dos clubes, fosse de empresários ou sócios desses atletas, ensaiava várias vezes o que ia dizer durante os poucos segundos de conversa. Não podia falar nem demais, nem de menos.

No início, as palavras que não podiam deixar de ser ditas eram: pesquisador da USP, doutorado sobre futebolistas brasileiros negros que atuaram na Europa, discussão sobre racismo e xenofobia e nomes de pessoas entrevistadas ou quem tinha indicado o contato, geralmente um ou outro “figurão” de modo a mostrar que já tinha começado a pesquisa e alguma inserção no meio, tais como Junior, Paulo Sérgio e Juca Kfourir. Com o projeto

“Memória de boleiros”, até por indicação do pessoal do próprio Museu do Futebol, as palavras “obrigatórias” passaram a ser: pesquisador do Museu do Futebol, pesquisa sobre futebolistas que atuaram no exterior e nomes dos entrevistados (Djalminha, Careca ou Evair). Portanto, em uns trinta segundos sintetizava uma apresentação pessoal e da pesquisa, solicitando ao final uma entrevista e um e-mail em que pudesse explicar melhor do que se tratava.

A ideia era valorizar a importância dessa pessoa em uma entrevista diferente – não nos moldes do jornalismo – para uma pesquisa acadêmica e, posteriormente, para o acervo do Museu do Futebol. A capacidade de sedução, porém, não tinha como ir muito além disso. A concretização da entrevista dependia bem mais do interesse do futebolista. Se ele tivesse realmente vontade de dar seu testemunho, acharia o tempo que sempre lhe servia de desculpa para não concedê-la.

Em muitos casos, o pedido de descrição da pesquisa partia dos próprios intermediários. Alguns me solicitaram comprovação do vínculo institucional com a Universidade de São Paulo, outros acharam que o fato de eu anexar uma declaração de matrícula no e-mail era uma atitude arrogante da minha parte. Ou seja, não havia uma solução que servia para todos os entrevistados, cada um deles reagia de uma maneira às minhas escolhas no primeiro contato. Numa tentativa de passar maior credibilidade, Sérgio Giglio indicou-me enviar mensagens da minha conta de e-mail USP ao invés da do Google, que utilizo desde 2005. Ao invés disso, passei a utilizar o logotipo do Ludens nas mensagens eletrônicas a partir de setembro de 2012, quando ele foi disponibilizado aos pesquisadores do núcleo. Aparentemente, isso não surtiu efeito, porém não acho também que tenha sido esse o fator preponderante para transmitir uma imagem confiável suficiente para o agendamento de uma entrevista.

Nos telefonemas posteriores ao primeiro contato, fosse com intermediários, fosse principalmente com os próprios futebolistas, uma frase repetiu-se de tal maneira que me fazia exercitar enormemente a paciência: “Estou em uma reunião, me ligue mais tarde.”, dito desse modo, sem cumprimentos anteriores, sem qualquer despedida posterior. Não importava o período do dia (manhã ou tarde) em que tentava o contato, havia sempre uma “reunião” capaz de salvá-los de uma ligação indesejada. A evidência de que essa é uma estratégia usada para livrar-se do contato veio ao final de uma entrevista em que um entrevistado indicou um ex-jogador para participar da pesquisa. Quando disse a ele que já havia ligado várias vezes para a

pessoa sugerida e que ela falara que estava em uma “reunião de showbol”, ele debochou afirmando que tal colega “não faz nada o dia inteiro”.

Isso me leva a outro ponto: a preferência pelo uso da expressão “estou em uma reunião” a simplesmente “estou ocupado”. “Estar em uma reunião” diz mais do que “estar ocupado”, pois nos induz a achar que eles têm, mais do que uma ocupação comum, uma atividade “de negócios”, envolvendo encontros com outras pessoas, possivelmente para discutir a carreira de jovens futebolistas, o dia a dia dos seus ex-clubes ou a organização de campeonatos. A meu ver, demonstram importar-se, portanto, não só com a ideia que os outros fazem deles, mas também com o *status* da atividade na vida pós-atleta.

Outra justificativa recorrente era a grande procura de outros profissionais para entrevistas. Aqui cabe uma observação importante sobre a concorrência com os jornalistas. Ela é desproporcional devido principalmente três razões: primeiro, nós, pesquisadores, não somos conhecidos pelos intermediários muito menos pelos jogadores; segundo, a instituição da qual fazemos parte não é valorizada por ambos, e não há também nenhum auxílio acadêmico direto de modo a facilitar a pesquisa; e, terceiro, talvez mais importante para eles, os produtos que oferecemos como resultado da entrevista, um texto transcrito de cunho autobiográfico e um DVD contendo toda a gravação, também não têm seu valor reconhecido. Há que se considerar que o retorno em termos de imagem que eles têm de uma emissora de televisão ou rádio é infinitamente maior, dado o público consumidor.

Nenhum dos jogadores, curiosamente, disse não ter interesse em conceder entrevista, possivelmente para não ser indelicado ou não arranhar a própria imagem. De qualquer maneira, trata-se de pessoas que não têm tempo a perder, muito ocupadas e de difícil acesso. É sabido que os futebolistas têm uma rotina de trabalho intensa, com muitos treinos, concentrações, viagens, jogos duas vezes por semana e poucas folgas (raramente passando de um dia). Além disso, muitos deles têm compromissos com patrocinadores individuais e investem parte dos seus rendimentos em negócios fora do futebol. Nesse sentido, outro fator importante a ser levado em conta é o fato de eles passarem, ou terem passado no caso dos ex-atletas, grande parte de suas vidas longe da família e dos amigos. No pouco tempo que lhes resta, penso que dificilmente concedem entrevista para pessoas anônimas, como eu, embora tenha sempre valorizado no curto tempo de contato com eles a importância do seu relato e da discussão sobre a vida de futebolistas no exterior, do racismo e da xenofobia.

Quando o projeto “Memórias de boleiros” foi iniciado, esperava que a parceria com o Museu do Futebol facilitasse não só os contatos como o agendamento de entrevistas com os

jogadores e ex-jogadores de futebol. Não foi isso, porém, o que aconteceu, apesar de reconhecer que tenha ocorrido algum progresso nesse sentido por conta do auxílio e esforço dos demais colegas que participam dessa pesquisa, em especial do pessoal do Museu do Futebol. Ao longo de semanas, conversava com futebolistas ou com seus assessores, mesmo assim sem sucesso. De tempos em tempos, retomava alguns contatos e nada de conseguir entrevistas. Por vezes, ficava com a impressão de que minhas ligações não eram atendidas pelo fato de serem facilmente identificáveis, uma vez que meu DDD (19 – Campinas/SP) era de fora da cidade de São Paulo. De todos os contatos frustrados, um me chamou muito a atenção: um ex-jogador que atuou por muitos anos na Europa e na Seleção Brasileira, tendo sido campeão mundial. Em algumas das conversas pessoais que tivemos, ele até concordou com relevância do debate, mas disse não ter tempo para tal. Reproduzo a seguir parte do meu caderno de campo referente a esse contato.

Caderno de campo

Através de uma busca na *internet*, descobri que o ex-jogador em questão tem um *site* pessoal, no qual havia, como de costume, um espaço para contato. Em 28 julho de 2011, enviei um e-mail sucinto explicando minha pesquisa de doutorado e solicitando uma entrevista. Não obtive resposta. Em 16 setembro do mesmo ano, acessei o *site* novamente e liguei para o telefone nele disponível. Falei com a secretária e pedi para falar com o assessor do ex-jogador. Segundos depois, para minha surpresa, ele próprio atendeu a ligação. Falei do que se tratava, porém ele disse que, como recebe muitos pedidos, iria analisar naquele fim de semana o meu caso, já que a entrevista não poderia ser feita por telefone e demandaria certo tempo. Apesar disso, ele foi muito solícito e educado. Agradei o contato e enviei prontamente o e-mail solicitado explicando detalhes da pesquisa.

Depois de uma semana sem resposta, reenviei o e-mail perguntando se ele poderia me conceder a entrevista. Dias depois, liguei novamente para seu escritório, mas, após uns minutos, a secretária disse que ele estava em uma reunião, sugerindo que eu retornasse no dia seguinte, entre 9h30 e 10h00, quando falaria diretamente com ele. Exatamente no horário indicado, voltei a ligar. A secretária disse ter passado a ligação para a sala dele, sem retorno contudo. Ela anotou meu telefone celular dizendo que ele retornaria a ligação. Como não senti muita confiança, perguntei se eu poderia ligar novamente dali uma hora. Ela me encorajou e garantiu que ele teria chegado nesse horário.

Na expectativa, retornei a ligação. A secretária me deixou esperando e em seguida disse que ele estava em uma reunião, mas iria entrar em contato comigo assim que ela terminasse. Uma hora depois, o ex-jogador de fato ligou para o meu celular. Muito educado, disse que não havia retornado a ligação anteriormente em virtude de estar bastante ocupado e justamente por não ter uma posição para me dar. Segundo ele, se a entrevista fosse por telefone, mesmo que demorasse 20 ou 30 minutos, seria muito mais fácil. No entanto, como ela precisaria ser presencial e exigia em torno de uma hora de duração, ele disse não saber quando teria esse tempo para me atender. Respondi demonstrando compreensão, mas argumentei reforçando que a entrevista não era objetiva nem direta, na qual eu solicitaria que contasse sua história de vida. Ele mesmo concordou que a entrevista presencial tem um resultado muito melhor. Ao final daquele contato, ele disse que iria procurar um horário para me atender nas próximas duas semanas. Assim que tivesse uma posição, responderia meu e-mail. Agradei a sua atenção e educação, e nos despedimos.

Como das outras vezes, ele não respondeu. Liguei novamente para o seu escritório no dia 21 de outubro, uma sexta-feira. Mais uma vez, após me apresentar, a secretária me deixou esperando na linha e quando retornou disse que ele estava em uma reunião, indicando novo contato às 15h00. Ao desligar, fiquei pensando se a intenção dele era me fazer desistir ou como iria negar a entrevista. Voltei a telefonar no horário combinado. A secretária tentou repassar a ligação para o ramal dele por duas vezes: na primeira, tocou até cair; na segunda, tocou até retornar para ela. Então, ela disse que provavelmente ele deveria já ter ido embora e sugeriu que telefonasse novamente na segunda-feira seguinte. Mais uma vez, desconfiei do que ela disse, embora realmente pudesse ser verdade. Duvidei se o escritório seria tão grande a ponto de ela não vê-lo sair. Desanimei...

Mais de um ano se passou e fiz nova tentativa. Telefonei para a empresa do ex-jogador e disse que gostaria de falar com ele. Após me apresentar, a secretária repassou a ligação. Como certamente ele não se lembrava de mim, comecei “do zero”. Apresentei-me e falei desta vez, ao invés da minha pesquisa de doutorado, do projeto “Memórias de boleiros”, em desenvolvimento por investigadores do Museu do Futebol e da Universidade de São Paulo. Argumentei sobre a importância do seu relato e afirmei que Djalminha e Careca já tinham sido entrevistados. Quando perguntei se ele gostaria de participar e teria disponibilidade de nos atender, o ex-jogador solicitou um e-mail detalhando o projeto de modo a avaliar se teria interesse de nos conceder a entrevista. Agradei a sua atenção e desliguei. Enviei o e-mail no mesmo dia, 28 de março de 2013. Reenviei o e-mail outras duas

vezes nas duas semanas seguintes, mas não obtive qualquer retorno.

Na manhã de 16 de abril, fiz nova ligação para a empresa dele. Expliquei à sua secretária do contato anterior que tinha tido com o ex-jogador. Ela pediu para esperar na linha. Depois de mais de um minuto, disse que ele estava em uma reunião, mas assim que terminasse entraria em contato comigo para dar uma resposta. Aguardei até às 16h00 e, sem resposta, telefonei novamente. Um outro funcionário atendeu desta vez e, segundo ele, tentou repassar a ligação por três vezes para o celular do ex-jogador. Disse também que provavelmente ele deveria estar em alguma reunião ou apresentação, já que não estava no escritório. Expliquei a esse funcionário do que se tratava. Ele disse, porém, que só quem poderia dar uma resposta positiva ou negativa da sua disponibilidade era o próprio ex-jogador, já que não havia qualquer outra pessoa que cuidava de sua agenda. Muito atencioso e educado, o funcionário me questionou se havia enviado o e-mail naquele dia, dando a entender que eles recebem diariamente muitas mensagens e que, se elas não fossem respondidas em um curto espaço de tempo, ficariam sem resposta. Com a minha negativa, embora tivesse deixado claro que poderia reenviar o e-mail, ele afirmou que poderia voltar a ligar dentro de uma hora.

Assim sendo, retornei por volta das 17h00. Falei com a secretária desta vez, que tentou repassar a ligação. Depois de uma pausa, ela voltou dizendo que ele estava em um evento fora de São Paulo e que não conseguiria atender a minha ligação. No entanto, segundo ela, garantiu que assim que terminasse o evento responderia o meu e-mail. Agradei a sua atenção e desliguei.

Como não obtive retorno por parte de ninguém, insisti em mais um telefonema. Assim que a secretária me atendeu, repassou a ligação. Passado um tempo de espera, o próprio ex-jogador atendeu e foi, como ele mesmo disse, “transparente”. Demonstrou profundo desagrado com a minha insistência. De maneira áspera, afirmou: “Não é só você que me procura para uma entrevista gravada. O pessoal do Pão de Açúcar está me solicitando há tempos!”. Sem respirar nem dar tempo para eu responder, continuou em tom elevado de voz: “A entrevista não acontecerá dentro do seu tempo, quando você quiser ou precisar, mas sim dentro da minha agenda e da minha disponibilidade e generosidade em conceder. Pois, se for para você ficar me pressionando, eu vou dizer não e provavelmente você ouvirá ‘não’ de muitos outros ex-jogadores.”.

Fiquei surpreso com a sua reação e atordoado com o teor de sua fala. Tentei contornar a situação e me explicar, mas o ex-jogador me interrompeu dizendo-se “indignado” com o

fato de eu ligar por duas vezes no dia anterior e novamente naquele dia, sendo que ele havia dito que responderia meu e-mail – como se ele já não tivesse prometido isso das outras vezes. Ainda irritado, disse também: “Ontem, eu estava em um evento e não pude atender. Hoje, a mesma coisa. Tive de parar de fazer o que estava fazendo para atendê-lo. Eu não sei se você está fazendo isso para me pressionar. Mas na pressão eu não vou te dar essa entrevista. Eu imagino que isso seja importante para a sua pesquisa, mas não é assim.”.

Quando ele terminou de falar, eu estava “sem chão”. Lamentei o mal estar criado, falei que a intenção não era pressioná-lo e que havia imaginado que ele se esquecera de minha solicitação de entrevista. Pedi desculpas pela situação. Um pouco mais calmo, ele retrucou: “Se a entrevista fosse algo mais simples, por telefone, mais curta, provavelmente já teria te concedido. Mas, pela leitura do seu e-mail, percebi que se trata de algo mais complexo, com gravação e tal... e isso demanda um certo tempo na minha agenda. Estou sendo transparente para não haver mal entendidos e para você esperar um contato meu. Se, se!, a entrevista ocorrer, será dentro da minha disponibilidade, tempo e generosidade.”. Nesse ínterim, dada a sua irritação, tentei por duas vezes encerrar a ligação (“Ok, ex-jogador.”), mas mesmo assim ele continuou a falar. Ao final, pedi novamente desculpas pelo ocorrido e disse que não lhe telefonaria mais e aguardaria um retorno dele, ainda que não acreditasse nisso nem quisesse mais entrar em contato com ele.

Essa experiência levarei para o resto da vida, sobretudo enquanto pesquisador. No momento em que desliguei o telefone, me senti muito mal, culpado não só pelo insucesso no contato, mas também, principalmente, pelo estado de humor do ex-jogador. Da ansiedade de agendar a entrevista ao desânimo dado o desfecho. *Frustração* era o sentimento exato. Até pelas palavras duras ditas por ele, achei que pudesse ter perdido o bom senso na insistência do contato. Talvez até o insucesso em ligações em que nem tive contato pessoal me levaram a isso. Talvez não tenha entendido que as repetidas frases “ele está em uma reunião”, “me manda um e-mail”, “liga mais tarde” eram eufemismos que deveriam me fazer desistir da entrevista ao invés de um sonoro “não”.

Entendo, por outro lado, que ele me enrolou demais, mesmo que realmente tivesse interesse em me conceder a entrevista. Posso até ter me equivocado, mas sempre respeitei o prazo que ele pedia para viabilizar uma data possível para o encontro. Se ele ainda não tinha se decidido quando eu retornava, poderia ter dito logo ou deixar recado para não mais perturbá-lo. Teve inúmeras chances de fazê-lo por e-mail e por telefone, tanto pessoalmente quanto por terceiros. Ele nem iria se desgastar ao ponto que chegou. Tenho certeza de que

demonstrei muito interesse em entrevistá-lo, valorizei a sua experiência e fui cordial como sempre. Sinto muito pelo que aconteceu, mas acho que ele também teve a sua parcela. Talvez ele estava passando por algum problema pessoal e acabou descontando em mim.

Se antes dessa fatídica conversa o ex-jogador já não respondia meus e-mails, não seria depois certamente que ele o faria. Avisei os colegas do “Memórias de boleiros” que não mais intermediaria o contato com ele. No início de 2014, soube que um dos pesquisadores conseguiu conversar com ele. A resposta dele foi uma solicitação de e-mail explicativo e um prazo de duas semanas para avaliar e, se tivesse interesse, tentaria encontrar uma data possível. Acho que já vi esse “filme”...

No exame de qualificação desta pesquisa, o professor José Paulo Florenzano chamou-me a atenção para um ponto que eu não tinha pensado: a possibilidade de o ex-jogador ter se surpreendido ou se incomodado com o fato de eu classificá-lo racialmente como negro no Brasil. Talvez, na Europa, fosse inequívoco ser classificado enquanto tal. Sem dúvida, era nos seus tempos de jogador uma questão fora de seu “controle”. Não, no Brasil. Aqui, dado o jogo de ambiguidade e negociação que caracteriza o nosso sistema de classificação racial, é possível que o ex-jogador se sinta quase branco, seja pelo sucesso profissional, seja pela ascensão econômica, seja pelo *status* social. Talvez, ele não quisesse parar para pensar sobre sua identidade étnica. De fato, apesar de não conhecê-lo pessoalmente, não me lembro de ter lido ou visto alguma matéria em que ele tenha se colocado enquanto tal ou defendido a causa negra.

Pesquisando informações a respeito, tomei conhecimento de que o ex-jogador havia sido vítima de racismo na primeira temporada em que atuou na Europa. Em suas palavras:

Foi somente uma vez num jogo [na cidade tal]. Eu tinha acabado de chegar [ao país] e foi só uma vez. Depois eu morei [mais de dez anos no país] e fui muito bem tratado, fui muito feliz. Lá, a universidade [da cidade] me homenageou, a prefeitura também. Então, prefiro só falar das coisas boas. (excluí os nomes para manter o anonimato).

Não deixa de ser inusitado um atleta negro ter passado mais de dez anos no exterior e ter sofrido racismo “só uma vez”. Em uma trajetória de extremo sucesso profissional, em que

se destacam homenagens de importantes instituições (universidade e prefeitura), não se quer discutir problemas sociais que quebram a narrativa épica⁴⁸⁰ e humanizam ídolos esportivos. A última frase é lapidar nesse sentido: “Então, prefiro só falar das coisas boas.”. Não é de se estranhar, portanto, que ele tenha minimizado na mesma entrevista o racismo no referido país europeu:

Eu não gosto quando se generaliza. O racismo é comportamento de determinadas pessoas e acontece em vários países, [no país em que atuei], no Brasil, nos Estados Unidos e em outros lugares também. Então, a gente nunca pode tachar ou rotular uma sociedade dessa forma. São comportamentos de uma minoria. (excluí os nomes para manter o anonimato).

Ainda sobre esse caso sofrido pelo ex-jogador, cabe uma última nota. De acordo com outra reportagem, de dez anos antes, o jogador “[n]ão entendeu o que acontecia [toda vez que tocava na bola]. Mas descobriu, depois do confronto, que era o único negro em campo.”. Essa passagem sugere que a não percepção do racismo por parte dele está ligada à influência da ideologia da democracia racial, que nega a existência do problema. Quem assume a negritude e é identificado com a causa tem uma percepção fina da discriminação racial, inclusive aquelas que se dão sutilmente. Levando em consideração as suas falas, tem-se a impressão de que ele não se sentia negro no Brasil e “descobriu-se” enquanto tal na Europa.

Figura 21 – O ex-jogador palestrou para o São Paulo em 2015. Na vida pós-atleta, retirou o uniforme esportivo e vestiu o traje social, condizente com o novo status de "businessman". Fonte: internet.

⁴⁸⁰ Cf. MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 118.

O professor Flavio de Campos, por sua vez, salientou que boa parte dos futebolistas bem sucedidos da geração do ex-jogador em questão é hoje “*businessman*”, empresários, agentes de jogadores ou comentaristas esportivos, ainda movimentando altas cifras ou buscando a exposição midiática de outrora. A minha pesquisa, pois, pouco interessaria e praticamente não teria nada a oferecer a eles. A Figura 21, retirada do *site* pessoal do ex-jogador, ilustra exatamente esse novo tipo de profissional descrito pelo professor, que após a carreira abriu empresa de consultoria em marketing esportivo, dando palestras para clubes, atletas e entidades. Deixou de lado o uniforme esportivo e passou a vestir traje social, condizente com o novo *status*.

O contato com esse ex-jogador, após numerosas tentativas ao longo de anos, fez-me lembrar de uma situação parecida enfrentada no mestrado. Naquela época, havia um treinador negro fundamental para a pesquisa, indicado por várias pessoas. Negociando durante um ano, finalmente ele aceitou me conceder a entrevista em sua cidade de residência, na região Nordeste. Quando nos encontramos, o treinador frisou que só agendou a entrevista porque eu insisti muito: “Querida ver se eu era tão importante assim para o seu trabalho.”. É evidente que pessoas como ele ou, principalmente, como um “campeão do mundo” são extremamente requisitadas por diversos profissionais. Sem um mínimo de insistência, embora sempre com cordialidade, não se consegue a realização de uma entrevista. Se se insistir demais, no entanto, certamente o contato se perde e consequentemente qualquer possibilidade viabilizar um encontro com tal finalidade. Descobrir essa linha tênue, que é variável de pessoa para pessoa, está longe de ser tarefa fácil.

Eu me coloco na posição dessas pessoas públicas que, mesmo após a carreira como futebolista, são procuradas frequentemente pela imprensa e têm novas atividades profissionais. Entendo que, nessas condições, é difícil atender a um pedido de uma pessoa comum que não conhecem e que tem muito pouco a oferecer-lhes. O próprio fato de ligar em seus celulares sem nunca termos entrado em contato por outros meios anteriormente é, sem dúvida, um motivo para estranhamento, cuja primeira reação natural é a autodefesa.

A minha posição enquanto pesquisador, por sua vez, também é difícil. Ao contrário dos jornalistas, que ainda podem oferecer-lhes um espaço na mídia, um contato com o público de outrora ou outro produto muito mais atraente do que um texto resultante de entrevista, mal conseguia conversar com essas pessoas de modo a explicar o motivo do contato. Mesmo quando conseguia, ficava geralmente sem uma resposta. Não ouvia um logo “não” de nenhum deles. Quantas vezes eles me disseram para ligar num determinado horário por estarem

ocupados e, quando ligava, nem sequer atendiam ao telefone. Questionava-me se diziam isso para insistir ou para desistir. Até o início de 2014, tinha conseguido apenas seis entrevistas, sendo uma delas da época do mestrado. Preocupava-me com o prazo do doutorado e cobrava-me muito por não avançar com a pesquisa, sem considerar a cobrança do orientador, a da universidade, a dos colegas. Por vezes, considerei a hipótese de mudar um pouco de rumo e entrevistar futebolistas menos consagrados, que não fossem conhecidos do público geral, que tivessem atuado em clubes de menor expressão, em divisões inferiores na Europa.

Minha sorte começou a mudar no início de 2014, quando alguns contatos progrediram concomitantemente. Segui, também, o conselho de alguns colegas pesquisadores que me sugeriram contatar ex-jogadores pelas redes sociais, notadamente o *Facebook*. Enviei mensagens para muitos deles, tendo resposta positiva de cinco pessoas e conseguindo ao final uma entrevista, a do Luís Pereira. Entre fevereiro de 2014 e abril de 2015, marquei dez entrevistas, o que concentrou um volume grande de trabalho, considerando todas as etapas dos procedimentos adotados. Inevitavelmente, o desenvolvimento da pesquisa estava atrasado.

As dificuldades não cessaram quando consegui finalmente agendar encontros para a gravação das entrevistas. Destes dez últimos entrevistados, surgiram imprevistos em cinco oportunidades no dia marcado dos encontros. Um deles chegou a marcar três datas: na primeira, desmarcou na véspera; na segunda, faltou sem avisar; e somente na terceira a entrevista se realizou. Outro ex-jogador, por sua vez, agendou sua entrevista para o dia seguinte em que chegaria ao Brasil. O voo atrasou, e ele chegou no final da madrugada do dia marcado. Ao encontrá-lo, percebi que não havia condições da entrevista ocorrer, inclusive por ele ter outros compromissos, e sugeri que remarcássemos para o dia seguinte. O detalhe era que combináramos o encontro em outro estado, e tive que me reorganizar.

Com outro futebolista, houve o atraso no horário marcado, o que exigiu agendar um novo encontro. O assessor do clube deixou de responder os contatos, havendo o desgaste de procurar outros meios para terminar a entrevista. Como a relação nunca foi direta com o jogador, no dia da segunda entrevista ele nem sabia do que se tratava e mal se lembrava da entrevista anterior. O contato estabelecido com outro ex-jogador foi parecido. Tudo foi combinado com o assessor pessoal. Embora estivesse explicado por várias vezes os motivos do contato, a importância do relato, o tipo de entrevista e a necessidade de um horário mínimo de uma hora com flexibilidade de alongar, o que ele passou ao jogador foi apenas que a entrevista versaria sobre sua carreira, durando no máximo uma hora e agendando antes de um treinamento – naquele momento, o ex-jogador era treinador de um time no interior de São

Paulo. Ao encontrá-lo, apresentei como sempre a proposta, e a fala dele foi reveladora: “Contar a história toda não é muito fácil, mas vamos lá!”. Quando faltava pouco para completar uma hora de encontro, ele disse que teria de sair para trabalhar e lamentou não conseguir abordar tudo. Sugeri marcarmos uma outra data para terminarmos a entrevista. Ele preferiu marcarmos para o final daquele mesmo dia. Prestativo, concluiu a entrevista mais de seis horas depois, após longo dia de trabalho. O segundo encontro durou pouco menos de uma hora também.

Houve um último encontro com imprevisto. Após vários meses negociando, finalmente o ex-jogador marcou a entrevista para às 10h00. Ao chegar ao bairro nobre em que reside na zona sul de São Paulo e me identificar na portaria, o porteiro conversou com o ex-jogador e disse para eu aguardar do lado de fora. Para minha surpresa, ao invés de eu adentrar, vi ele e outro ex-atleta vindo ao meu encontro. Após nos cumprimentarmos, o entrevistado perguntou-me se poderia dar uma carona ao amigo ex-atleta, que estava com a mala na mão e atrasado para um voo. Como diria não? Naquele momento, meu primeiro sentimento foi que se tratava de “retribuição” pela entrevista. Saímos os três no meu carro. O trânsito estava congestionado como de costume, e nenhum de nós sabia rotas alternativas. Depois de um certo tempo, paramos para nos informar em frente a uma concessionária, e o amigo ex-atleta, dada a urgência, decidiu tomar outro transporte até o aeroporto.

Quando pensei que voltaríamos para o seu condomínio, o ex-jogador em questão disse-me que precisava passar no prédio da Receita Federal, que, segundo ele, era relativamente perto. Paramos para pedir informação mais duas vezes até chegarmos ao local. Demorou mais de uma hora para o ex-jogador ser atendido. Ao sairmos do prédio, já estava no horário de almoço, e ele me indicou o caminho de volta. Sugeri almoçarmos em um restaurante próximo de sua residência. Conversamos bastante durante todo o caminho e o almoço, que durou em torno de uma hora. Um dos assuntos abordados foi as várias atividades que vem realizando. Contou-me, por exemplo, que fora convidado para participar de um conhecido programa num canal esportivo de TV fechada, porém não chegaram a um acordo salarial. Outra situação foi uma entrevista que concedera a uma rede de televisão do país em que atuou na Europa, pela qual cobrara cachê. Ao conversarmos sobre a minha pesquisa, falei, entre outras coisas, da dificuldade em conseguir contatos de atletas de sua geração. Ele me passou, então, os números telefônicos de três renomados futebolistas, frisando que um deles costuma cobrar para conceder entrevista. Quando pedimos a conta, estava certo de que eu a pagaria. Embora não tenha custado muito, ele não fez sequer menção de dividir o valor.

Aproveitou a parada para ir a um banco, que ficava por perto, para pagar uma conta e sacar dinheiro. Isso, pelo menos, não demorou.

Finalmente após mais de três horas do horário combinado, chegamos a um outro condomínio em que possui um apartamento, muito próximo do primeiro local, que na verdade é de sua companheira. Depois de todo esse percurso, esperava ao menos ser recebido em sua casa. Ele preferiu realizar a entrevista na área comum do prédio, ao lado de uma pequena piscina. Conversamos por mais de duas horas, sendo ele extremamente atencioso. A entrevista foi muito boa. Transpareceu que sabia o que queria falar. Ao final, pediu desculpas pela “canseira”, justificando que estava “realmente atarefado”. Não permitiu, no entanto, que eu fizesse a gravação em vídeo nem quis assinar o termo de cessão ao final, o qual entregaria ao seu “advogado”. Terminada a entrevista, eu o levei até o primeiro condomínio.

Meu sentimento após nos despedirmos era ambíguo. Por um lado, estava feliz por ter concretizado uma entrevista pela qual havia me esforçado tanto, ainda que não tivesse a autorização para utilizá-la. Por outro, me senti usado pela forma como me “cobrou” pela entrevista. Por que ele havia demorado meses para marcar a entrevista? Era um sinal de que eu deveria ter oferecido dinheiro por ela? Isso valeria para outros entrevistados que também tardaram e “resistiram” a marcar os respectivos encontros? Por que, depois de tantas ligações, ele marcou justamente num dia em que estava “atarefado”? Por que não marcou para o período da tarde então? Fiquei com a nítida impressão de que ele me fez passar por tudo isso para me mostrar que, embora não tenha me pedido dinheiro para conceder a entrevista – talvez por que seja um reles e pobre estudante de pós-graduação –, de alguma maneira eu “paguei” por ela. Valeu a pena ter passado por essa situação? Penso que ele poderia ter agido de modo franco, dizendo que cobrava para dar a entrevista. Evitaria o meu desgaste e, sobretudo, pouparia a sua paciência em ficar recebendo indesejadas e insistentes ligações. Não creio que, após contatar tantos jogadores e lutar para conseguir entrevistas, tenha feito uma leitura errada dessa situação. Gostaria, sinceramente, de estar equivocado.

Que fique bem claro: o problema em si, para mim, não foi ele me fazer aguardar horas para realizar a entrevista ou me fazer pagar uma conta de restaurante, mas sim a atitude de não conversar previamente de modo aberto comigo, sem me dar a chance de poder discordar das circunstâncias, das pré-condições ou dos meios, por me impor situações, enfim, por me desrespeitar. Talvez tenha pessoas que possam pensar por outro ângulo, achando que passar horas ao lado de uma personalidade ou de um ídolo é uma oportunidade única de vê-lo de perto, conhecê-lo e conviver um pouquinho com ele. Ou que ele me fez um favor de conceder

a entrevista. Não vou deixar de agradecê-lo por isso nem negar que seja prazeroso conhecer esse jogadores bem sucedidos por meu lado torcedor e amante do futebol, por sempre ouvir falar deles, ler sobre suas carreiras e feitos ou acompanhá-los pela televisão. É claro que é! Há que se esclarecer, contudo, que a relação é profissional, eu como pesquisador e entrevistador, e eles como atletas ou ex-atletas profissionais de futebol e entrevistados. O motivo do encontro, portanto, é a realização de uma entrevista. Assim sendo, ao concordar com a proposta, há que se ter respeito entre as partes⁴⁸¹. Também tenho as minhas tarefas, por mais desimportantes que elas possam ser. Embora tenha insistido para conseguir as entrevistas, jamais os obriguei a aceitá-las, muito menos implorei por elas. Se ouvisse um “não”, como ouvi por vias tortas daquele referido ex-jogador descrito no caderno de campo, agradeceria e tentaria outro entrevistado.

Relatadas as minhas experiências de pesquisa com personalidades, resta refletir sobre um conceito fundamental e alguns procedimentos formulados e praticados pelo NEHO. Refiro-me ao conceito de “co-labor-ação”, ou seja, a “ação de trabalhar junto”, como gosta de frisar meu orientador. A colaboração pressupõe o “diálogo” entre pesquisador e narrador, o estabelecimento de “uma relação de compromisso entre as partes”, “a existência de uma relação pessoal e subjetiva”, a partir da qual se produzirá “um trabalho de pesquisa de fundo social”⁴⁸². O uso do conceito “fundamenta-se em um procedimento ético”⁴⁸³. Tratar os narradores como colaboradores é, dentro dessa linha de pesquisa em história oral, um ato de respeito, uma vez que aqueles que oferecem por confiança a própria história e experiências para registro não podem ser vistos friamente como “objetos de pesquisa”, “atores”, “sujeitos”, “depoentes” ou meros “informantes”. Almeja-se, assim, superar “formas tradicionais de fazer

⁴⁸¹ No documentário “Futebol”, do qual Paulo César Lima (Caju) foi personagem principal do terceiro episódio, ele deixou os diretores e a produção esperando por horas em várias oportunidades. Em uma ocasião, inclusive, faltou ao compromisso. O que o teria levado a isso? O fato de estar vivendo à época um “período lastimável”, conforme ele mesmo confessou em sua autobiografia, devido à bebida e às drogas? O estrelismo? O desejo de se sentir importante como na época de jogador? Ou se trata de seu jeito de ser mesmo? Faz parte da sua rebeldia? Cf. FUTEBOL, 1998; CAJU, 2006, p. 131.

⁴⁸² Cf. MEIHY, 2005, p. 124-125; MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 23-25.

⁴⁸³ Cf. MEIHY; RIBEIRO, 2011, p. 25.

entrevistas”, alterando a relação de forças entre aquele que até então apertava o botão de gravação e conduzia a entrevista e aquele que não mais tinha poder sobre o que narrou⁴⁸⁴.

A relação de colaboração não termina no momento em que se desliga o gravador. Ao contrário, sugere que a sua continuidade ao longo das demais etapas da pesquisa, em que o colaborador é visto como “parte ativa”⁴⁸⁵. Dá-lhe “ampla liberdade” de ação para se expressar, participar, conferir o texto resultante da entrevista e validar o que deve ou não vir a público em sua narrativa. Implica, pois, em negociação e divisão compartilhada de autoria. Cabe esclarecer, contudo, que os colaboradores não devem assumir juridicamente a responsabilidade do que está escrito, muito menos determinar os rumos da pesquisa.

Feita essa explicação, pergunto: é possível estabelecer uma relação de colaboração com pessoas públicas ou, pelo menos, com futebolistas bem sucedidos? Se eles são de difícil acesso, se os contatos muitas vezes são feitos com intermediários, se mal se consegue explicar o motivo da solicitação da entrevista, se algumas vezes eles se atrasam ou faltam aos encontros, se estes são marcados em lugares públicos, neutros, frios, barulhentos, com a presença de outras pessoas e de pouca introspecção, ou que não revelam elementos da vida privada (escritórios, clubes, instituições, restaurantes, hotéis, áreas comuns)⁴⁸⁶, se eles chegam para as entrevistas sem saber exatamente a proposta nem o formato delas, se eles se preocupam com a duração dos encontros, repito: como é possível estabelecer uma relação de colaboração e os futebolistas bem sucedidos assumirem o papel de colaboradores? Se com muita dificuldade eles encontram tempo para me conceder uma entrevista, dedicarão mais tempo ainda para ler, conferir e validar o texto transcrito de sua narrativa? É prudente eu não levar aos encontros uma carta de cessão que me autorize a usar o que será narrado, sabendo que eu nunca mais certamente irei vê-los de novo?

No início de minha trajetória de pesquisa em história oral, ou seja, desde um pouco antes do mestrado, eu dava como certa a relação de colaboração com meus entrevistados. Eu ia para os encontros com a ilusão de que a entrevista era tão importante e interessante para mim quanto para meus “colaboradores”. Conforme a pesquisa foi se desenvolvendo, percebi que vários deles não se envolviam como esperava. Os entrevistados mais ilustres naquela oportunidade (Junior, Juca Kfoury e Abel Neto) não se importaram com a conferência e a validação do texto transcrito. Não responderam meus contatos de retorno. Logo, percebi que

⁴⁸⁴ Cf. MEIHY, 2005, p. 125-126.

⁴⁸⁵ Ibid., p. 126.

⁴⁸⁶ Dos 16 entrevistados, apenas Junior e Denilson marcaram em suas residências ou de familiares (ver Tabela 19).

nunca mais me encontraria de novo com tais personalidades, muito menos manteria com elas alguma relação por outros meios. Essa situação se reproduziu nesta pesquisa de doutorado. Considerando a minha experiência com futebolistas bem sucedidos e com ilustres desse universo esportivo, a colaboração parece ser uma utopia. Talvez pesquisadores mais experientes ou que possuam cargos em instituições reconhecidas pelos entrevistados possam construir tal tipo de relação com eles. Alguns colegas pesquisadores que estão nessa posição relataram-me, no entanto, dificuldades muito parecidas com as que enfrentei.

Dos futebolistas procurados (ver Tabela 17), comuniquei-me pessoalmente, por telefone ou e-mail, com menos da metade, apenas 16 de 38. Destes 16 futebolistas, o objetivo foi alcançado com dez. Nos contatos com Amoroso e Júlio César, no entanto, precisei da ajuda de outras pessoas para conseguir marcar a entrevista: com o primeiro, a Aira Bonfim estabeleceu novo contato; com o segundo, foi necessário explicar a pesquisa para o irmão, que trabalha com Júlio César na diretoria do Rio Branco. Além destes dez, fiz outras seis entrevistas, sendo quatro negociadas por mim junto com seus assessores ou sócios, uma negociada pelo Sérgio Giglio e outra, novamente pela Aira Bonfim.

Tabela 17 – Futebolistas procurados

Futebolistas	Indicação	Contato		Entre- vistados	Período de atuação	País(es) em que atuou
		Meio	Pessoal			
Amoroso*	Djalminha	Telefone	X	X	1992-2010	Japão, Itália, Alemanha, Espanha e Grécia
Betão	Juca Kfour	Assessor	X	X	2001-	Ucrânia e França
Cafu	Juca Kfour	Assessor			1989-2008	Espanha e Itália
Cané		Ex-clube			1959-1975	Itália
Carlos Alberto Pintinho		E-mail	X		1972-1986	Espanha e Portugal
César Sampaio	Juca Kfour	Telefone			1986-2004	Japão e Espanha
Cláudio Caçapa		Telefone	X	X	1997-2011	França e Inglaterra
Denílson (Atacante)	Paulo Sérgio	Telefone			1994-2010	Espanha, França, Arábia Saudita e Estados Unidos
Denilson (Volante)		Assessor		X	2005-	Inglaterra
Djalminha		Telefone	X	X	1989-2004	Japão, Espanha, Áustria e México
Donato		E-mail	X		1982-2003	Espanha
Élber		Telefone			1989-2006	Itália, Suíça, Alemanha e França
Ewerthon		Assessor		X	1998-2014	Alemanha, Espanha, Rússia e Catar

Continua

Conclusão

Futebolistas	Indicação	Contato		Entre- vistados	Período de atuação	País(es) em que atuou
		Meio	Pessoal			
Fernando Baiano		Assessor			1999-2015	Alemanha, Espanha, Emirados Árabes Unidos, Arábia Saudita
Flávio Conceição		Telefone			1992-2006	Espanha, Alemanha, Turquia e Grécia
Gilberto Silva	Denilson	Assessor		X	1996-2015	Inglaterra e Grécia
Jair da Costa	José Paulo Florenzano	Telefone	X	X	1957-1975	Itália e Canadá
João Paulo [†]	Sérgio Giglio	Telefone		X	1982-2004	Itália e Japão
Jorge Gomes		Ex-clube			1974-1991	Portugal
Júlio César	Juca Kfourir, Junior, João Paulo e André Cruz	Telefone	X	X	1979-2001	França, Itália, Alemanha e Grécia
Junior	Celso Unzelte	Telefone	X	X	1974-1993	Itália
Liédson		Assessor			2000-2013	Portugal
Luís Fabiano		Assessor			1998-	França, Portugal e Espanha
Luis Pereira	Celso Unzelte	Telefone	X	X	1967-1993	Espanha
Marcos Assunção		Assessor			1993-	Itália, Espanha e Emirados Árabes Unidos
Mauro Silva		Telefone	X		1988-2005	Espanha
Müller	Juca Kfourir e Celso Unzelte	Telefone			1984-2004	Itália e Japão
Nenê		Ex-clube			1960-1976	Itália
Paulo César Caju	Celso Unzelte, Fábio Franzini, José Paulo Florenzano	Telefone	X	X	1966-1983	França e Estados Unidos
Paulo Sérgio	Paulo Cesar de Oliveira e Abel Neto	Telefone	X	X	1988-2003	Alemanha, Itália e Emirados Árabes Unidos
Rivaldo		Assessor			1990-2015	Espanha, Itália, Grécia, Uzbequistão e Angola
Roberto Carlos		Assessor			1990-2012	Itália, Espanha, Turquia e Rússia
Robinho		Assessor			2002-	Espanha, Inglaterra e Itália
Roque Júnior	Cláudio Caçapa e Gilberto Silva	Assessor		X	1993-2010	Itália, Inglaterra, Alemanha e Catar
Valdo		E-mail	X		1984-2004	Portugal, França e Japão
Vampeta	Celso Unzelte	Telefone	X		1993-2011	Holanda, Itália, França e Kwait
Waldo		E-mail	X		1954-1971	Espanha
Zé Maria [‡]	Sérgio Giglio	Telefone		X	1991-2008	Itália, Espanha e Inglaterra

Notas: *Entrevista marcada pela Aira Bonfim (Museu do Futebol).

[†]Contato estabelecido por Sérgio Giglio (USP).

[‡]Contato estabelecido pela Aira Bonfim (Museu do Futebol).

Fonte: Arquivo pessoal.

A Tabela 17 também explicita os critérios para a seleção desses futebolistas: o período de atuação e os países em que atuaram. O primeiro critério tinha por objetivo arrolar jogadores de distintas épocas, da década de 1960 até hoje. O segundo, por sua vez, distinguir

os países de atuação, dando preferência aos cinco mercados mais importantes do futebol europeu (Inglaterra, Espanha, Alemanha, França e Itália). Ainda que não esteja discriminado na tabela, procurei priorizar aqueles atletas que passaram a maior parte de suas carreiras na Europa, fosse atuando por anos seguidos em um mesmo país (como o Cafu, por exemplo, que passou 11 anos na Itália), fosse circulando por diferentes países (como o Júlio César, por exemplo, que atuou por cinco anos na Alemanha, por quatro anos na França e por outros quatro na Itália). Ao pré-selecionar futebolistas brasileiros negros de distintas épocas e países de atuação, minha intenção era cobrir o maior espaço temporal possível em cada um daqueles cinco países, sem que fosse necessário um número excessivo de entrevistas, haja vista a dificuldade de consegui-las (ver Tabelas 20, 21, 22, 23, 24, 25 e 26 ao final desta seção em que essas informações estão compiladas considerando as entrevistas realizadas em conjunto e discriminadas por países de atuação).

As etapas até a entrevista com cada um dos 16 futebolistas entrevistados está sintetizado na Tabela 18. A passagem de uma etapa para outra invariavelmente exigiu esforço e tempo consideráveis, o que fica evidente na distância entre o primeiro contato e a realização da entrevista (ver Tabela 19). “Tentativa e erro” foi prática comum. Foram estabelecidos numerosos contatos com futebolistas ou assessores até conseguir marcar a desejada entrevista, inclusive com aqueles que marcaram entrevista num prazo inferior a quinze dias desde o primeiro contato, a saber: Junior, Djalminha, Betão e Luís Pereira. No caso de Betão, é certo que ele tenha agilizado a entrevista por estar naquele momento sem vínculo profissional, o que se traduz ao jogador em uma rotina muito mais tranquila, sem compromissos com o clube nem com patrocinadores. No caso dos outros três, apesar de se tratar de ex-atletas, o fator preponderante para acelerar o processo foi o fato de eu ter deixado claro o meu interesse em entrevistá-los, independentemente de isso significar o meu deslocamento até a cidade de residência (Rio de Janeiro, nos casos de Junior e Djalminha) ou de passagem (Goiânia, no caso do Luís Pereira, que mora e trabalha em Madri). Este último motivo também pareceu ser relevante para agilizar os contatos com Cláudio Caçapa e Roque Júnior.

Tabela 18 – Etapas até a entrevista

Futebolista	Etapas até a entrevista
Leovegildo Lins Gama <i>Junior</i>	E-mail para o <i>site</i> oficial → Resposta pessoal → Telefone pessoal → Entrevista
Sérgio Luís Donizeti (<i>João Paulo</i>)	Telefone pessoal (Sérgio Giglio) → Entrevista
Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento	Telefone de sua empresa → Telefone do sócio → Entrevista
Djalma Feitosa Dias (<i>Djalminha</i>)	Telefone pessoal → Entrevista
José Marcelo Ferreira (<i>Zé Maria</i>)	Contato pessoal por Skype (Sérgio Giglio) → Sem sucesso → Telefone pessoal (Museu do Futebol) → Entrevista
Márcio Amoroso dos Santos	Telefone pessoal → Sem sucesso → Telefone pessoal (Museu do Futebol) → Entrevista
Ebert Willian Amâncio (<i>Betão</i>)	Telefone da assessoria pessoal → E-mail da assessoria pessoal → Resposta pessoal → Telefone da assessoria pessoal → Entrevista
Ewerthon Henrique de Souza	Telefone da assessoria de imprensa do clube → Sem sucesso → Telefone pessoal → Entrevista
Luís Edmundo Pereira	Contato pessoal por Facebook → Resposta pessoal → Telefone pessoal → Entrevista
Denilson Pereira Neves	Telefone da assessoria de imprensa do clube → E-mail da assessoria de imprensa do clube → Entrevista parcial → E-mail da assessoria de imprensa do clube → Sem sucesso → Telefone da assessoria pessoal → E-mail da assessoria pessoal → Entrevista final
Júlio César da Silva	Telefone do ex-clube → Telefone pessoal → Sem sucesso // Telefone pessoal (anos depois) → Sem sucesso → Telefone do clube em que trabalha → Contato com o irmão → Entrevista
Gilberto Aparecido da Silva	E-mail da assessoria pessoal → Telefone da assessoria pessoal → Entrevista
Cláudio Roberto da Silva (<i>Caçapa</i>)	Telefone da escolinha particular → Telefone pessoal → Entrevista
Paulo César Lima (<i>Caju</i>)	Telefone das assessorias de imprensa de ex-clubes → Sem sucesso // Telefone pessoal (anos depois) → Entrevista
José Vítor Roque Júnior	Telefone do clube em que trabalhava → Telefone da assessoria de imprensa do clube em que trabalhava → Telefone da assessoria pessoal → Entrevista
Jair da Costa	Telefone da quadra de futebol <i>society</i> particular → Contato com o filho → Contato pessoal → Sem sucesso → Visita pessoal → Sem sucesso → Telefone pessoal → Contato com o filho → Contato pessoal → Sem sucesso → Carta → Telefone pessoal → Entrevista

Fonte: Arquivo pessoal.

Na tabela 19, estão listadas as informações elementares das entrevistas realizadas: nome completo e artístico, pessoa que indicou o futebolista, data do primeiro contato, data de realização da entrevista, entrevistadores, formato de gravação, cidade e local em que foi realizada a entrevista. Somente quatro futebolistas dos entrevistados foram procurados sem indicação, que, aliás, é algo que boa parte deles não gosta de fazer. Por vezes, havia a indicação, mas não se passava o contato. Nenhum entrevistado fez a mediação de um contato com outro futebolista por mim ou pelos colegas da pesquisa “Memórias de boleiros”.

As entrevistas realizadas no Museu do Futebol foram todas gravadas no formato áudio e vídeo. Excetuando uma entrevista (a do Gilberto Silva), todas as demais que consegui após o término desse projeto coletivo foram gravadas apenas em áudio. A justificativa por parte dos entrevistados para a não gravação em vídeo tinha fundamento: sem eu ter um fim certo para o uso da imagem, não havia a permissão. Em um caso (o do Djalminha), inclusive, não houve essa autorização mesmo em se tratando de uma entrevista para o Museu do Futebol.

Em apenas quatro oportunidades, saí do estado de São Paulo para realizar entrevistas: Junior (Rio de Janeiro/RJ), Djalminha (Rio de Janeiro/RJ), Luís Pereira (Goiânia/GO) e Cláudio Caçapa (Teresópolis/RJ). Em somente duas oportunidades (Junior e Denilson na segunda parte), repetindo, as entrevistas foram realizadas nas residências dos entrevistados ou de familiares. Por duas vezes, o local da entrevista também favorecia a rememoração, dentro do campo do Guarani no caso do João Paulo e no bar repleto de fotografias e *memorabilia* no caso de Jair da Costa. Quatro entrevistas foram gravadas no Museu do Futebol (Zé Maria, Amoroso, Betão e Ewerthon) e outras quatro em locais de trabalho (Paulo Sérgio, Djalminha, a primeira parte da entrevista com Denilson, e Júlio César). Por cinco vezes (Luís Pereira, Gilberto Silva, Cláudio Caçapa, Roque Júnior e Paulo César Lima), a entrevista transcorreu em ambientes públicos, como hotéis. Somente em duas dessas oportunidades, o ambiente estava um pouco barulhento, ainda que não tenha tido interferência de outras pessoas.

Tabela 19 – Entrevistas realizadas

Futebolista	Indicação	1º Contato	Entrevista	Entrevistador(es)	Formato	Cidade	Local
Leovegildo Lins Gama <i>Junior</i>	Celso Unzelte	27 jun. 2008	7 jul. 2008	Marcel Tonini	Áudio	Rio de Janeiro/RJ	Residência dos pais
Sérgio Luís Donizeti (<i>João Paulo</i>)	Sérgio Giglio		29 set. 2011	Marcel Tonini e Sérgio Giglio	Áudio	Campinas/SP	Banco de reservas do Estádio do Guarani
<i>Paulo Sérgio</i> Silvestre do Nascimento	Paulo Cesar de Oliveira e Abel Neto	23 set. 2011	18 out. 2011	Marcel Tonini	Áudio	Barueri/SP	Escritório de sua quadra de futebol <i>society</i>
Djalma Feitosa Dias (<i>Djalminha</i>)		9 jul. 2012	12 jul. 2012	Marcel Tonini e Sérgio Giglio	Áudio e Vídeo	Rio de Janeiro/RJ	Escritório de sua empresa
José Marcelo Ferreira (<i>Zé Maria</i>)	Sérgio Giglio		24 abr. 2013	Aira Bonfim, Marcel Tonini e Sérgio Giglio	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	Auditório do Museu do Futebol
Márcio Amoroso dos Santos	Djalminha	27 mar. 2013	22 ago. 2013	Aira Bonfim, André Feres e Marcel Tonini	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	Auditório do Museu do Futebol
Ebert Willian Amâncio (<i>Betão</i>)	Juca Kfourri	18 fev. 2014	27 fev. 2014	Aira Bonfim, Guilherme Leite, Marcel Tonini e William Contini	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	Auditório do Museu do Futebol
<i>Ewerthon</i> Henrique de Souza		27 jan. 2014	14 mar. 2014	Bruna Gottardo, Guilherme Leite e Marcel Tonini	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	Sala do Museu do Futebol
<i>Luís</i> Edmundo Pereira	Celso Unzelte	1º abr. 2014	14 abr. 2014	Marcel Tonini	Áudio	Goiânia/GO	Recepção de hotel
<i>Denilson</i> Pereira Neves		10 jul. 2011	11 fev. e 9 maio 2014	Bruna Gottardo e Marcel Tonini	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	CT do São Paulo e sua residência
<i>Júlio César</i> da Silva	Juca Kfourri, Junior, João Paulo e André Cruz	27 jun. 2008	14 ago. 2014	Marcel Tonini	Áudio	Americana/SP	Sala do Estádio do Rio Branco
<i>Gilberto</i> Aparecido da Silva	Denilson	25 jun. 2014	11 set. 2014	Marcel Tonini	Áudio e Vídeo	São Paulo/SP	Restaurante de hotel
<i>Cláudio</i> Roberto da Silva (<i>Caçapa</i>)		24 set. 2014	23 out. 2014	Marcel Tonini	Áudio	Teresópolis/RJ	Salão de hotel
<i>Paulo César</i> Lima (<i>Caju</i>)	Celso Unzelte, Fábio Franzini, José Paulo Florenzano	31 ago. 2009	25 nov. 2014	Marcel Tonini	Áudio	São Paulo/SP	Recepção de hotel
José Vítor <i>Roque Júnior</i>	Cláudio Caçapa, Gilberto Silva	28 out. 2014	4 dez. 2014	Marcel Tonini	Áudio	Piracicaba/SP	Restaurante de hotel
<i>Jair da Costa</i>	José Paulo Florenzano	30 maio 2015	16 abr. 2015	Marcel Tonini	Áudio	Osasco/SP	Bar de sua quadra de futebol <i>society</i>

Fonte: Arquivo pessoal

Tabela 20 – Distribuição geral das temporadas dos entrevistados no futebol europeu

[illegible]

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol europeu.

Tabela 21 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol italiano

[illegible]

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol italiano.

Tabela 22 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol espanhol

[illegible]

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol espanhol.

Tabela 23 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol alemão

Entrevistados	Temporadas*																																		
	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13
	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14
Paulo Sérgio										•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•											
Júlio César	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•														
Amoroso														•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•				
Ewerthon																				•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•
Roque Júnior															•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•			

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol alemão.

Tabela 24 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol francês

Entrevistados	Temporadas*																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																	
	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
	67	68	69	70	71	72	73	74	75	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																
Paulo César Caju	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																													
Júlio César															●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																											
Cláudio Caçapa																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		
Betão																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																																		

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol francês.

Tabela 25 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados no futebol inglês

Entrevistados	Temporadas*																															
	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15							
	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16							
Gilberto Silva						•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•					•						
Roque Júnior			•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•													
Denilson															•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•							
Zé Maria	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•															
Cláudio Caçapa							•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•	•												

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas no futebol inglês.

Tabela 26 – Distribuição das temporadas dos futebolistas entrevistados em outros mercados do futebol europeu

Entrevistados	Temporadas*																																				
	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15
	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	00	01	02	03	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16
Júlio César (Grécia)	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Djalminha (Áustria)										●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Amoroso (Grécia)														●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Betão (Ucrânia)																							●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Gilberto Silva (Grécia)																		●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●
Ewerthon (Rússia)																			●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●	●

Fonte: Arquivo pessoal.

Nota: * Em destaque, as temporadas em outros mercados do futebol europeu.

2. HISTÓRIAS ORAIS DE VIDA

2.1 JUNIOR

Figura 22 - Junior com a camisa do Torino. Fonte: barbadillo.it.

Nome	Leovegildo Lins da Gama <i>Junior</i>
Data e local de nascimento	29 jun. 1954 (61 anos) João Pessoa/PB
Clubes	Flamengo (1974-1984, 1989-1993) Torino/ITA (1984-1987) Pescara/ITA (1987-1989)
Seleção Brasileira	1979-1992

Junior surpreendeu-me desde o primeiro contato, quando respondeu a um e-mail que havia enviado ao seu *site* oficial. Cinco telefonemas e dez depois, estava marcada a entrevista para 7 de junho de 2008, no apartamento de seus pais, onde vivera a maior parte da sua infância e adolescência, a duas quadras da Praia de Copacabana, Rio de Janeiro. Chegando ao local, avistei uma SUV importada que estava estacionada sobre a calçada e interrompia o fluxo. Pensei imediatamente: “Será que o carro é dele?”.

Ele já estava a minha espera depois de ter almoçado com os pais. O que me saltou aos olhos assim que adentrei o apartamento não foi o tamanho do imóvel nem o luxo da mobília de outros tempos, mas sim a brancura dos seus pais. Confesso que me veio à mente: “Da onde vem a negrura de Junior? Será que me enganei?”. Junior me levou a um dos quartos do apartamento que estava com a janela entreaberta. Ao abri-la, o raio de sol iluminou em diagonal metade do cômodo e pude ver duas camas desarrumadas. A que eu me sentei só tinha o colchão, a que o Junior se sentou havia também uma pilha de roupas, aparentemente para passar.

De forma cronológica, Junior contou sua vida, desde a infância em João Pessoa, passando pela profissionalização no futebol, da ida à Itália ao retorno para o Brasil, até às experiências enquanto técnico e comentarista. Reproduziu o mito da democracia racial e por vezes parecia falar dos negros em terceira pessoa, ainda que no final tenha dito: “[...] não sou um negão nem sou branco, digo que estou ali no meio da África.”. Apontou também para outras formas de racismo, fruto das diferenças regionais, seja no Brasil, seja na Itália.

Ao longo de toda entrevista, Junior foi muito atencioso e mostrou-se à completamente vontade, inclusive abrindo os botões de sua camisa *jeans*, tão forte era o calor que fazia naquela tarde de inverno carioca. Sua simplicidade e humildade contrastavam em parte com a imagem que eu fazia daquele grande personagem da história do futebol brasileiro. Ao final, após quase duas horas de encontro, desceu junto comigo, um pouco apressado rumo a outro compromisso. De fato, o carrão parado na calçada era dele. Ele abriu a porta de trás, pegou um pôster dele em uma partida de futebol de praia, assinou e me deu de recordação. Despediu-se e partiu. Eu tinha a certeza de que nunca mais o veria pessoalmente de novo.

“Futebol de praia sempre foi a minha paixão!”

Sou de uma família de nordestinos, de João Pessoa... Meu avô, pai do meu pai, foi mestre de obra, conceituadíssimo na cidade. Foi ele quem construiu nos anos 50, 60, a maioria dos grandes monumentos, casas, biblioteca, rodoviária, aeroporto... Ele tinha uma fábrica de mosaico que se chamava Corenos. Era a fábrica da onde saía, na verdade, a maioria dos produtos para essas obras...

A família da minha mãe era de agricultores, tinha fazenda. Meu avô, por parte de mãe, era dono de um engenho de cana de açúcar, de aguardente... Pois é, a minha família sempre teve uma certa condição lá em João Pessoa, tanto de um lado quanto de outro.

As lembranças dessa época são pequenas. Eu me lembro da fazenda do meu tio Américo, que foi casado com a irmã da minha tia-avó. Ele fazia aquelas fogueiras imensas na época de São João... Me lembro da casa em que morei no Parque Solon de Lucena. Era uma casa grandona, aonde eu andava de bicicleta... A Praia do Poço, que é uma praia perto de Tambaú, onde meus tios e meus pais tinham uma casa. Todo ano, praticamente, a gente passava as férias por lá... Eu era muito pequeno, tinha 5 anos de idade... Mas, quando eu vejo fotografias, aí retorna um pouco aquela memória fotográfica da época.

Depois, nos anos 60, veio a transferência pro Rio de Janeiro, aonde, aos poucos, a família foi se juntando. A minha avó, mãe da minha mãe, e o meu tio já estavam no Rio. Por parte de pai, a minha avó também já morava aqui, em Laranjeiras... Meu avô já tinha falecido. E foi exatamente por isso que meu pai decidiu fechar a fábrica de camisas que tinha por lá e tentar a vida aqui de comerciante... Ele não tinha condição de tocar, porque meu avô que era o cabeça mesmo da fábrica... Naturalmente, as perspectivas nos anos 60 no sul-sudeste eram maiores, então eles vieram aos poucos pra cá. Primeiro, veio meu irmão mais velho, depois vim eu em 1959, e, por último, meu irmão mais novo. Já o caçula nasceu aqui, é carioca... Temporão. Eu tenho 54, ele deve ter agora quase 40. Então, a diferença é muito grande.

Morei sempre aqui em Copacabana, nesse prédio mesmo, só que no apartamento 101, ali no primeiro andar. Nesse apartamento, exatamente quando viemos todos, morava minha avó, meu tio avô, minha mãe, meu pai, eu e meus irmãos... Era um apartamento de dois quartos mais a dependência de empregada. No início, a gente dormia naquelas camas dobráveis. Só quando meu tio casou que eu e meus irmãos passamos a ocupar o quarto de trás, que era a dependência da empregada com cama-beliche.

Mas, quer dizer, sempre tivemos uma vida mais ou menos... boa. Estudamos em colégio público até o primário. Que, naquela época, colégio público tinha um ensino bom. Depois, eu passei a estudar em colégio particular. Meu irmão, também... Quer dizer, tivemos uma vida de... praquela época, de classe média normal. Não faltava nada, mas, também, não se extrapolava.

A união da família sempre foi a base de tudo. Um ajudando o outro. Como diz a minha mãe:

— Quem tem mais ajuda o que tem menos.

Foi assim que as coisas foram evoluindo na verdade...

A família nordestina é muito rígida. Respeitar os outros, os mais velhos. Naquela época, ainda se dizia:

— Bença, mãe. Bença, pai.

Hoje, aqui no sudeste, dificilmente você vê as crianças pedindo a bença. Mas, não deixam de respeitar também. Eu acho que o respeito não era somente por isso.

A minha vida toda sempre foi aqui em baixo! Tem uma área interna aqui do prédio onde a gente jogava futebol... Na rua, passavam pouquíssimos carros. Era pique-bandeira, polícia e ladrão, subir nas árvores, passar pro prédio de lá, aquelas brincadeiras todas... E a praia, que, na verdade, era a grande diversão de todo mundo! Não somente pra jogar futebol, vôlei, essas coisas, mas pra fazer amizades, se integrar.

Quer dizer, eu comecei a jogar, com 8 pra 9 anos, futebol de praia no time aqui do Juventus, que existe até hoje. Tinha não somente os caras que moravam, por exemplo, ali na Atlântica, com uma condição financeira melhor, mas, também, o pessoal da Ladeira dos Tabajaras, que é uma favela que tem aqui em cima. Então, a gente sempre conseguiu conviver, vamos dizer assim, com essa integração, sem que houvesse preconceito nem diferença de quem tinha grana, de quem era negro, branco, azul... Quer dizer, eu acho que isso serve exatamente pra que você não crie barreiras entre... entre situações, né? O esporte é a maior meio de integração! E o Juventus eu acredito que tenha sido o grande veículo, porque, quando você bota a camisa pra jogar, pode ser filho do general, do pessoal aqui, que era igual o Miranda ou o Neném Mago, nossos parceiros lá de cima.

Eu tenho amigos de futebol de areia desde aquela época até hoje. A gente foi crescendo junto. Quer dizer, quando nós éramos menores, cada um tinha seu grupinho. Tinha o pessoal do Comandante Neiva, que era o nosso prédio, o pessoal do Marcópolis, que era o prédio do lado, o pessoal do Luís de Camões, do Camões, que era o prédio ali da esquina.

Então, cada prédio tinha o seu grupo, entendeu? No final, quando a gente tinha 16, 17 anos, já andava todo mundo junto... A rivalidade das brincadeiras era normal naquela época. Sem violência, coisa que não existe mais, não é? Infelizmente, hoje, rivalidade é sinônimo de agressividade, de violência...

Eu te juro por Deus, não trocava minha adolescência por nada... Pô! A gente soltava pipa aqui, rodava pião na pracinha, jogava botão, totó, pingue-pongue no meio da rua... e todas aquelas coisas de crianças dos anos 70. Naquela época, era mais fácil você encontrar as diversões. Hoje, a galera tá no computador, no *PlayStation*... A própria evolução fez isso acontecer, mas eu acho que é uma vida que mudou pra pior, não concorda?! Nós tivemos a adolescência na liberdade! A gente ficava sentado lá em baixo, encostado nos carros, conversando nas férias até duas horas da manhã, sem que houvesse nenhuma preocupação. Se via menos televisão... Eu vejo meus filhos: o mais velho, hoje, tá completando 24 anos e fez as coisas dentro daquilo que se apresentou a ele. Não adianta ele querer jogar botão ou rodar pião porque não tem mais ninguém pra fazer isso! As pessoas fazem outras coisas hoje.

Desde essa época, eu sempre fui apaixonado por futebol. Eu tenho uma fotografia junto com dois irmãos no Maracanã, aonde se faziam os jogos da primavera entre os colégios do Rio de Janeiro. Tinha um desfile e tudo... Isso em mil novecentos e sessenta e pouco... eu era pequeno, devia ter 8 anos de idade... Conheci todos os estádios do Rio acompanhando o meu tio e o meu pai nesses jogos que nós íamos assistir.

Quer dizer, a paixão começou ali. Eu lembro que meu tio voltava do trabalho – trabalhava no IPASE – e, à noite, era o último a jantar. Ele gostava de passar as camisas dele – não gostava que ninguém passasse – e ficava passando e eu ficava com ele escutando a resenha da Rádio Globo, conversando sobre futebol... Aí, eu comecei a jogar botão, a jogar bola, a ler os jornais... Entendeu? A paixão vem daí! Mas, eu só comecei a jogar na praia com 9 anos. Com 11, o nosso time aqui do pessoal da rua foi jogar, no Sírío Libanês, futebol de salão. Eles já tinham 13, 14 anos e eu era o menor. Terminei jogando um pouquinho e o cara me convidou pra ficar. Aí, eu já tinha a praia e já tinha o futebol de salão como atividade durante a semana...

Já com 16, 17 anos, aí começou a aparecer. O Sírío Libanês resolveu acabar com o departamento de futebol de salão porque eles não disputavam campeonatos, porque o clube tinha despesa e tal. Eu fiquei lá 4 anos. Aí, o treinador nosso lá do Sírío era muito amigo do treinador do Flamengo. No futebol de salão deles, já jogava o Adílio e o Júlio César, que eram uma categoria abaixo da minha. Eu era infanto-juvenil e eles eram infantis. Então, me

transferi pro Flamengo em 1969-70. Quando eu já estava lá, comecei a ver a transição do salão para o campo. Porque o Júlio César e o Adílio jogavam salão e jogavam campo. E existia uma briga, porque, às vezes, coincidiam as datas dos jogos que aconteciam aos domingos de manhã. O treinador apontava pra cada um e perguntava:

— Vai jogar o quê? Salão ou campo?

Foi a hora que comecei a pensar no negócio de querer jogar campo. Então, foi com 16 pra 17 anos que eu fiz o primeiro teste lá no Flamengo... Fiquei uns três meses por lá. Mas, a minha paixão mesmo era o futebol de praia! Eu não queria perder o meu sábado à tarde, quando eram disputados os campeonatos. Apesar de ser adolescente ainda, eu já jogava no time de adulto... Sem falar que a chuteira me machucava um pouco os pés, porque, naquela época, não era como as de hoje. Cada vez que eu jogava no campo, era um desastre pros pés!

Aí, com 17, 18, já estava começando a fazer vestibular, a fazer cursinho. E a história dentro de casa foi a seguinte:

— Pode fazer o que quiser, mas o estudo vai estar sempre em primeiro lugar.

Quer dizer, naquela época, ninguém pagava escola particular. Durante o ginásio todo, eu estudei no Colégio São Sebastião, aqui em Copacabana. Depois, eu fui fazer o científico no Colégio Princesa Isabel, em Botafogo. Aí, veio o cursinho em Miguel Couto... Já fazia as duas coisas: jogava bola e estudava. A única obrigação era aquela de final de ano, de passar pra justificar o gasto... que não era pouco. Normalmente, todo mundo estudava em colégio público. Sabe aquela história que dizem de colégio particular: “Papai pagou, passou”? Não é verdade. Eu e acho que nem meus irmãos nunca repetimos de ano... Mas, também não era “cdf”. Passava naquele limite sempre do seis, que era o objetivo, na verdade, por alguma razão... Então, eu dividia meu tempo mais ou menos entre o esporte e o estudo nesse período.

Eu fiz vestibular pra veterinária. Primeiro, por quê? Porque não é que eu adorasse animais, gostava deles normalmente, mas não era um apaixonado. E, segundo, porque a relação candidato-vaga era menor naquela área biomédica... Entendeu? E vi que teria chance... Pensei: “Pô! De repente, essa área aqui é uma coisa que pode dar certo.”. E não passei no vestibular por pouco. Pouco mesmo! Era num período que eu já fazia o cursinho e já estava nos juniores do Flamengo, com 18 pra 19 anos.

Então, quer dizer, pra estudar eu ia ter tempo! Mas, pra jogar bola, eu precisava me arriscar ali naquele período até os 20 anos, que é aonde você tem a definição da tua vida no esporte. E logo depois que eu tava no Flamengo, aí prestei vestibular pra Cândido Mendes, lá em Ipanema, já pra Administração. Entendeu? Porque era um curso mais tranquilo que me

dava a possibilidade de fazer as duas coisas... Terminei passando pra Administração e cursei quatro períodos, dois anos: de 74 até 76. Não era fácil, por quê? Eu ia pra faculdade de manhã, chegava às sete horas e saía oito e quarenta e cinco. Por ser perto a faculdade, ia pro Flamengo e treinava no resto da manhã... Às vezes, à tarde também e ainda voltava pra faculdade à noite, porque tinha que cursar um mínimo de três ou quatro matérias. Agora, eu não me lembro direito.

Durante dois anos, eu fiz isso. Só que no segundo ano era horrível porque muitas vezes eu dormia. Por exemplo, na época de prova, a galera me ajudava, entendeu? Quer dizer, me davam matérias. Era aquele negócio: você jogava no Flamengo e tal, não sei que... E todo mundo tinha um orgulho de dizer:

— Ah! Eu estudo com o Junior.

Então, quer dizer, tinha uma ajuda. Quando eu chegava atrasado pra aula, assinavam presença às vezes pra mim. Mas, quando chegou em 76, eu comecei na seleção olímpica. Nós íamos ter um mês e meio de viagem, voltava uma semana e depois mais um mês fora durante as Olimpíadas... Aí, eu fui lá na sala do reitor e falei:

— Ô Sérgio, não vai dar não. Eu vou ter que trancar a matrícula.

— Ah, não faça isso. Se você trancar a matrícula, nunca mais você vai voltar.

— Pô! Se não voltar, é sinal que as coisas deram certo pro lado de lá, né? – falei todo esperançoso.

Ele ainda insistiu:

— Ah, mas dá pra conciliar. A gente te ajuda e tal...

Mas não dava! Chega uma hora que... Eu vou te falar: a vontade era fazer as duas coisas, mas não tinha condição. Por causa dos treinamentos, que já eram *full time*, de manhã e de tarde. No profissional, a coisa já era num outro nível, entendeu? Eu acho que eu não errei em fazer um investimento naquele período ali. Até pra que eu pudesse ter a certeza se iria conseguir virar jogador de futebol... Se desse certo, eu teria, pelo menos, 10 anos de vida útil nessa profissão. Se não desse, com 24 anos, eu poderia voltar a estudar tranquilamente... E a minha família sempre me apoiou. É aquela história:

— Vai fazer, mas vai estudar.

Meu irmão mais velho jogou voleibol. Foi uma geração antes do Bernard, desse pessoal. Jogou na seleção brasileira, disputou Pan-Americano. Foi atuar profissionalmente nos Estados Unidos em 74, onde ficou quatro anos. Estudou na Universidade de El Paso, no Texas... O meu tio, irmão da minha mãe, tinha uma rede de vôlei aqui. Um outro tio jogou

basquete... Todos nós jogamos futebol de praia. Só o meu irmão caçula que nunca praticou nada, foi pro outro lado. Trabalha há 20 anos na TV Globo, na área de produção de elenco. Ele foi pro lado mais da Arte. Mas, do resto: meus filhos, meus sobrinhos... O Rodrigo, meu filho, tá indo quarta-feira pra Portugal. Vai jogar na segunda divisão lá. Quer dizer, sempre teve um envolvimento da família dentro do esporte! Desde o meu pai lá em João Pessoa, que jogava futebol amador... O Auto-Esporte que era o time de lá... Acho que ficou mesmo dentro do sangue, não é?

*

Morava aqui no prédio o senhor Gerson Coutinho, irmão do Giulite Coutinho, que foi depois presidente da CBF... E eles são todos ligados ao América, tanto que o estádio do América se chama Giulite Coutinho... O seu Gerson via sempre os jogos na praia. E uma vez me falou:

— Ah, vamos fazer um teste no América e não sei quê...

O América era bom porque era perto. Eu pegava o ônibus aqui e saltava na porta... Fiquei três meses e um pouquinho ali no América treinando. Fui eu e um outro rapaz, o Bahia, até falecido já, que jogava comigo. Nós passamos no teste e fomos ficando... Nós morávamos perto: eu aqui nesta rua e ele ali na Avenida Copacabana... Tinha um outro rapaz que morava na Lagoa Rodrigo de Freitas e que também tava nesse grupo. Um dia, depois do treinamento, passou um funcionário do clube distribuindo o dinheiro da passagem da galera. Aí, quando chegou a nossa vez, ele pulou a gente.

— Ô, seu Washington, pô! Todo mundo recebeu. E a gente?

— Não, vocês não precisam. Vocês moram em Copacabana, o outro mora lá na Lagoa...

Eu ainda tentei argumentar:

— Pô! Mas isso não é critério! A gente gasta da mesada da gente pra vir pra cá e tal...

— Ah. Não, não, não... – e cortou o papo.

Quer dizer, foi o primeiro preconceito que eu vi já com 18 anos. Que tava errado isso! Não é porque a gente morava em Copacabana que a gente tinha de ser discriminado! Então, eu falei:

— Ah. Não volto mais.

E não voltei nunca mais!... Isso aí até me fez perder um pouco o ânimo por essa luta pra ser jogador de futebol. Eu já vi naquele momento ali o que poderia, de repente, acontecer mais tarde...

Uns seis meses depois, teve um outro dirigente, que morava e vinha sempre aqui, o Mozart Di Giorgio, da CBD na época:

— Junior, eu sou muito amigo do pessoal do Fluminense, sou conselheiro... Você tem que jogar, pô! Você joga bem. – e seguiu falando.

— Pô, Mozart! Você sabe como é que funciona isso, né cara? Esse negócio é meio complicado.

Mas, ele insistiu:

— Ah, vamo lá, vamo lá! Eu sou amigo dos caras.

— Então, tá bom.

E fui fazer o teste no juvenil. Só que nesse teste do Fluminense tinha muuuita gente. Aí, eles foram selecionando, selecionando... O Parreira, inclusive, era o treinador do time do Fluminense em 73... Aí, fiz um, dois, no terceiro teste ele falou:

— Pô! Tem muita gente, papapa...

E eu entendi aquilo como: “Vai demorar.”. Aí, eu também tava estudando e pensei: “Ah, vou pra outra coisa.”.

Esse foi no Fluminense; o outro, no Botafogo. Fui pra treinar como meio campo, mas, na hora, escutei:

— Uhmmm... Tá faltando um lateral.

E pensei: “Eu quero treinar!”. Aí, o Joel Martins perguntou:

— Tem algum lateral?

— Ó eu aqui. – acenei com o braço.

— Ôpa! – e fez sinal para eu ir pro jogo.

Fui nessa!... Fiquei lá, também, mais um mês. Aí, um dia eu falei pra ele:

— Ô seu Joel, eu não jogo de lateral. É porque naquele dia era a oportunidade que eu tinha e queria começar a treinar. – jogava o Mendonça que atuou nesse time do Botafogo.

— Mas no meio tem muita gente e papapa...

— Pô! Não tem um lugarzinho?

— Pô! Mas como é que eu vou fazer? Tem muita gente.

— Então, tá bom. Muito obrigado, um abraço.

Aí, também saí de lá... Foram essas as minhas experiências que eu tive, mas não que eu tenha sido reprovado. Porque, nesse período do amador para o profissional, a concorrência é muito grande. E, se você não olhar a coisa dessa maneira, você se decepciona... Nada disso me incomodava. A única coisa que me incomodava era eu não poder jogar na praia no sábado... Por exemplo: se a família fizesse algum programa sábado à tarde, eu não ia. Futebol de praia sempre foi a minha paixão! Por quê? Porque eu, apesar de jovem, era reconhecido, entendeu? Pelo meu trabalho que fazia. E eu fazia bem! Mesmo no meio dos grandalhões e até dos “coroas”. Eu tinha 18, mas tinha gente de 36 ainda jogando, pais de família e tal. Então, quer dizer, eu me sentia o caçula, as pessoas me tratavam como diferenciado. E isso me fazia bem! Aí, eles me perguntavam:

— Ah, por que você não joga num clube?

— Pô! Não é fácil, né? Às vezes, você joga bem aqui, mas lá tem gente que joga melhor do que você.

Foi exatamente no futebol de praia que um amigo de vôlei do meu tio falou assim:

— Porra, Aloísio! – que era o meu tio, irmão da minha mãe – Por que que o Junior não tá jogando? Ele joga tão bem... – aquelas histórias de sempre – Eu sou amigo do Modesto Bria, lá do Flamengo. – o seu Bria foi um antigo jogador da década de 50, tricampeão pelo Flamengo.

Depois, ele veio falar comigo sobre isso e eu disse:

— Pô, Napoleão! Eu já tive lá... já joguei salão. Mas agora eu tô estudando, vou começar a fazer vestibular...

— Não! Não pode desistir, não. Vamo lá comigo. – insistiu.

— Tá bom.

Na verdade, eu fui muito mais por causa da amizade que ele tinha com o meu tio... Isso foi em junho de 73. Aí, ele me apresentou. Eu cheguei lá com aquele cabelão *Black Power*, e o seu Bria falou com aquele sotaque paraguaio:

— Napoleón, esse aqui é um jogador de fútbol ou um guitarrista? – Muito engraçado...

— Não, não, Bria. Ele joga bem! Eu vi ele jogar na praia e não sei quê...

Então, ele olhou pra mim e disse:

— Eu já te vi aqui.

— É, eu já tive fazendo teste aqui. Joguei futebol de salão.

E esse período foi o período que o pessoal todo do time juvenil do Flamengo tinha subido pro profissional: Zico, Cantarelli, Rondinelli... Todos eles são um ano mais velho que

eu. Então, o que é que aconteceu? Abriu um espaço de praticamente 20 novos jogadores, porque os que eram do infante não cobririam tudo isso. E eu ainda tinha mais um ano de juvenil. Foi quando eles fizeram uma peneira, uma seleção, o que facilitou na verdade... Quer dizer, cheguei em final de agosto, início de setembro, comecei a treinar, a jogar e aí engrenou. Em 74, disputei um campeonato de juvenil. Era o meu último ano na categoria. Eu já tinha 19 anos, completaria 20 no mês de junho.

Foi quando eu voltei a jogar de lateral. Voltei porque eu fui convencido pelos meus treinadores. Teve um dia que o lateral direito se machucou... o Garrido, Jorge Garrido, e eu joguei uma meia hora no segundo tempo. Não tinha substituição mais e eu passei para o lugar dele. Saí do meio e fui pra lá. Aí, joguei legal! Nós ganhamos do Madureira, que era o melhor time, na Gávea... Quando acabou o jogo, o Jairo Valente, o Modesto Bria e o Pavão, que era o treinador, encostaram em mim e falaram:

— Pô, Junior! Tu tem que ficar na lateral direita.

Aí, contei pra eles aquela história:

— Pô! Lá no Botafogo...

— Não, cara. Fica aqui. Tem uma carência nessa posição. Você sabe que no meio a briga é mais difícil e não sei quê e papapa...

Me convenceram. Ainda bem!... Joguei todo o segundo turno do campeonato de lateral direito. Como eu tinha jogado salão, tinha noção de marcação. Quer dizer, não tive tanta dificuldade. E eu fazia um tipo de jogo que poucos faziam: jogava pra frente! Por instinto, né?! Quando chegou no final do ano, passei para o profissional. Um mês depois, o treinador já me deu uma oportunidade e fiquei.

Aquele time veio formado desde essa base. O Flamengo demorou quatro anos para formar um time e depois ficar seis anos ganhando. Por quê? Porque juntou, na verdade, quatro gerações em quatro anos, de 74 a 78: Zico, Rondinelli e Everaldo; a minha geração; a do Adílio e Júlio César; e, depois, ainda veio a do Leandro. A geração do Zico subiu pro profissional no início de 74; eu fui já no final daquele ano; Adílio e Júlio César, dois anos depois; e o Leandro em 78. Ali tinha pessoas que começaram juntas, que se davam muito bem e que se identificavam com o clube. Quer dizer, aquele lado da vaidade e essas coisas nunca existiu. Porque a gente foi educado futebolisticamente de uma outra maneira. E a gente sabia, ao certo ponto, que nós poderíamos ser o divisor de águas do clube. Como? Se nós conseguíssemos fazer o que a gente conseguiu durante seis anos... O Zico, que era o carro-

chefe, vamos dizer, dos salários, do reconhecimento e de todas essas coisinhas, não tinha interesse em sair. Me lembro que em 81, no Mundialito no Uruguai, chegou um cara em mim:

— Ahhh, eu sou representante do Real Madri...

— Não, não. – e cortei o assunto.

Nem pensava nisso! Era bem remunerado, ganhava títulos, quer dizer, tudo isso tinha uma influência grande. E esse lado da amizade, da convivência, permanece até hoje. A gente quando se encontra é como se jamais tivesse cada um ido para um lado.

É a partir de 76 que o clube começou a dar uma guinada. Inclusive, em termos financeiros. Na verdade, nós fomos os grandes responsáveis pela estrutura que o clube tem hoje... pelo profissionalismo que o clube tem hoje... Porque a gente veio desde as categorias de base e só saiu quase no final de carreira: o Zico foi vendido, tinha 30 anos; eu fui vendido com a mesma idade. Quer dizer, a gente, quando saiu, já tinha praticamente dado de tudo! Aquele investimento que o clube fez na gente – no meu caso até menos, porque fiquei um ano e pouquinho só –, de cinco, seis, sete anos antes de ir para o profissional, retornou de uma forma muito maior do que, de repente, se imaginaria...

Quando eu fui embora em 84, depois de 11 anos de clube, o Flamengo tinha em caixa, acho, um negócio de 7 ou 8 milhões de dólares. Se hoje ainda é um número absurdo, você imagina há 24 anos atrás... Quer dizer, toda a parte material mesmo, ginásios, piscinas, tudo isso foi construído com o futebol. Que era 82% da receita do clube. Como se ganhou muito durante muito tempo, isso deu visibilidade... Eu digo até que nós somos, infelizmente, os responsáveis por essa prepotência dos torcedores do Flamengo, porque os caras foram a hegemonia durante seis anos, de 78 até 83. É muito coisa! Isso é, hoje, praticamente impossível de se repetir... pelo cenário do futebol.

Depois, eu fui para a Itália. A motivação maior, na verdade, foi a parte financeira. Quer dizer, não era o primeiro, porque já tinha saído o Zico e tinha a perspectiva de saírem outros. Eu já via aquela dificuldade, aquela cobrança. Principalmente, em cima daqueles que ficaram no clube seria maior. E a oportunidade financeira. Fui pra lá ganhando 10 vezes aquilo que ganhava aqui. Se não fosse naquela época, não teria outra oportunidade pela questão da idade. Estava com 30 anos... Fui achando que ia jogar três anos, mas terminei jogando cinco... Foi até melhor do que eu pensava. E ainda voltei e joguei mais quatro aqui! Que foi melhor ainda. Aí, eu era mesmo o último remanescente daquele período e pude usufruir da melhor forma possível.

Em 83, houve um convite da Itália e nós jogamos um torneio em Milão: Flamengo, Peñarol, Inter e Milan. O treinador da Inter de Milão, nessa época, se transferiu para o Torino no final do ano. E ele tinha me visto jogar no meio-campo... Aí, houve esse contato e quando a gente sentou pela primeira vez:

— Você tá me levando pra jogar aonde?

— Ah, não! No meio-campo.

— É porque, se for pra jogar na lateral, pode esquecer!

Eu já tinha feito o que tinha pra fazer naquela posição, entendeu? Eu queria agora a minha satisfação pessoal de jogar na minha posição de origem. Foi assim que aconteceu esse convite... Conhecia pouco da cidade. Na verdade, conhecia muito pouco! Só depois é que fui ver através de livros o que significava Torino na sociedade italiana, a história da cidade que tinha sido a capital... Eu poderia ter caído na Juventus, que era melhor. Porque o time da família Agnelli, hoje, ainda é o time mais importante da Itália. E ainda caí no rival...

Depois, fui pra Pescara. Mudei porque foi o único desentendimento que eu tive na minha carreira com um treinador. Porqueeee a vaidade dele era maior do que a competência!... Ele era o último treinador campeão no Torino, ganhou o título em 75-76. Então, tinha uma moral absurda. Só que ele queria só ele! Tinha um cara que jogava comigo que tinha sido campeão do mundo em 82 na reserva, o Dossena. Tinha um jogador da Áustria, tinha um outro que tinha jogado duas Copas do Mundo... Mas, ele se achava o cara! Tinha que ser tudo ele!

Quando a gente começou a jogar bem nesse ano – depois de tantos anos –, a torcida começou já a criar a musiquinha pra gente, eu e o Dossena. Isso pra ele jááá... doeu, sabe? Chegou um certo ponto, no segundo ano, que ele já estava puto:

— Que que você tá dando autógrafo?

— Ô, mister, dou autógrafo a hora que eu quiser, pô! Acabou a hora do meu trabalho. – gesticulei com a mão.

A gente já conhecia ele. Nós criamos no Torino uma coisa que não existia nos clubes de lá. Acabava o jogo ou o treino, cada um ia pro seu canto. Havia um restaurante aconchegante, aonde tinha uns caras que tocavam piano e outros instrumentos, e nós começamos a ir pra lá. De repente, começou a ir todo mundo, com as mulheres, com as crianças. Então, toda vez que a gente jogava em Torino, acabava o jogo, a gente ia pra esse restaurante. Aí, o nego tomava dois copos de vinho a mais, começava a discutir sobre o jogo e resolvíamos os problemas do time ali... O treinador nunca participava. Acabava o jogo, ele ia

pra Monza, que é perto de Milão, onde estava a família dele. Às vezes, chegava na terça-feira, ele queria saber:

— Ô, Junior, sobre o...

— Não, mister. Nós já resolvemos tudo. É assim, assim, assim...

Aí, ele começou a ver que ele já não tinha a mesma importância de antes. Que, mesmo sem a presença dele, a gente resolvia. Nós éramos um time mesclado: oito caras com 30 anos e uma garotada toda. Que nos adoravam! Porque a gente estava passando a nossa experiência pra eles. E isso eu acho que aumentou mais ainda o negócio com ele. Primeiro, começou a implicar com o Dossena. Implicava com o cara de graça! Depois, resolveu implicar comigo... Quando tinha jogo fora, chegava 15 minutos do segundo tempo, aí ele me tirava... Uma, duas vezes isso aconteceu. Só que às vezes em casa, quando eu estava jogando mal pra caramba, ele não tinha coragem de me tirar... Teve um dia que eu não aguentei, falei para um jornalista:

— Pô! Não estou entendendo.

— O cara te tirou, mas você tava até bem no jogo.

— É, eu só estranho que lá em Torino, quando tô mal, ele não me tira... Por quê?

Aí, os caras foram falar com ele e ele falou:

— Eu não sou assistente social.

Porra! Aquilo doeu... Isso ainda me emociona... Eu já estava na Itália há 3 anos, falava e escrevia bem. Retruquei:

— Ó, a língua italiana, eu conheço muito bem pra ele me dizer que não é assistente social. E, se eu preciso de assistente social, ele precisa de um psiquiatra. Não é psicólogo, não! É psiquiatra!

Porque eu sabia das histórias dele há muito tempo. Ele bateu de carro uma vez: estava dirigindo e tirou o poste da sua direção, só que acabou pegando no passageiro e o amigo dele morreu. Então, quer dizer, ele era meioooo... meio, não! Ele era completamente perturbado!

Aí, o cara do jornal, que era meu amigo, falou pra mim:

— Junior, tem certeza? Quer que eu bote isso?

— Pode botar! Chega! Ele não pode dizer que eu preciso de assistente social. Ele tá pensando que eu sou o quê?

Aquilo deu uma merda do caramba! Isso na metade do campeonato. Então, um diretor veio me chamar:

— O cara te deu um tiro de 45 e você deu um tiro nele de bazuca.

— Mata, do mesmo jeito? – perguntei.

— Mata.

— Então... Por mim, qualquer coisa que vocês fizerem tá bom. Eu não tô preocupado com ele. Tô preocupado comigo, com minha família!

Bom, terminou aquele negócio. Faltavam quatro meses pra terminar o campeonato, mas eu – sabe? – jogava por obrigação! Já não tinha mais aquela vontade, aquela garra de jogar pelo time... No final daquele ano, ia mudar a presidência e o presidente que ia entrar me chamou pra uma conversa. Porque ele queria que eu ficasse. Só que falei francamente:

— Não. Não dá pra conviver com ele. Eu não vou me sacrificar por ele. Se eu estiver com alguma coisinha, não vou jogar. – e eu sempre jogava sacrificado – O cara não pode falar isso!

Eu já tinha moral. Finalizei:

— Ou ele ou eu! Se ele for continuar, se você optar por ele, ótimo. Eu vou embora. Vou voltar pra casa.

A minha ideia era voltar pro Brasil... O administrador geral do Torino era muito amigo de um dirigente do Pescara. Eles se conheciam por conta de seleção italiana. Então, o Marinelli ligou pro Nizzola, que depois foi até presidente da Federação Italiana, pra saber o que eu achava de ir lá pra Pescara. Porque, naquele ano, o Pescara tinha ido pra primeira divisão. Aí, perguntei a uns amigos:

— Pô! Como é que é a cidade?

— Pescara é legal pra caramba! O poder aquisitivo é muito bom. A cidade tem um time só e papapa, papapa, papapa...

Perguntei, também, a minha mulher, que respondeu:

— Ah, vamo lá. Vamo ver!

Nossa! Caiu do céu. Porque eu era o primeiro estrangeiro que ia pra lá. O fato de jogar contra o Torino, pra mim, já era uma motivação extra. Porque o cara tinha ficado... Pô! Era tudo que eu queria! Que era pra mostrar para os caras que eles tinham errado. Quem tinha que ir embora era ele, não era eu!... Quer dizer, as coisas do futebol que acontecem, interesse e tal, ficaram com o cara lá e caíram pra segunda divisão... E nós permanecemos dois anos com o Pescara, se divertindo, brincando... Só voltei a falar com ele depois, num período que nós estávamos ganhando e eles foram jogar lá em Pescara:

— Nossa! Vocês estão ganhando...

— E vamos ganhar hoje de novo, mister! – falei brincando, mas num tom de provocação.

Mas, eu já tinha perdido ooo... Sabe quando você perde o elã? Pô! O cara, que chegou a um certo ponto a me comparar com o Platini, dizer que eu preciso de assistente social... vai se foder, né!!!

Os caras queriam mandar ele embora, depois do jogo lá no final do campeonato. E nós dizendo:

— Não, não manda ele embora, não. Deixa ele aí. Não pode fazer isso. – e fomos acabando com o assunto.

Só que exatamente os quatro mais experientes que foram pedir pra que ele permanecesse foram os quatro que foram embora na outra temporada... “Nós” éramos as laranjas podres do cesto. Que ironia! Mal eles sabiam que a laranja maior era ele.

Sabe aqueles caras ultrapassados que estão ali porque tem uma imagem boa perante a imprensa e não sei quê? Ele dizia:

— Ah, vamos fazer isso, aquilo...

Aí, chegava no campo a gente mudava tudo. Mas, ninguém dizia que foi a gente. Pelo contrário:

— Não foi o Mister que fez.. Tá de parabéns ele!

Isso ele adorava!

No ano do centenário do clube, em 2006, ele não foi à festa. E, pra ele, ia ser uma porrada! Porque eu fui escolhido como representante dos jogadores da minha época. E o Paolo Pulici porque foi o maior artilheiro da história do Torino. Entre mil jogadores, só nós dois! Isso, pra ele, não ia ser fácil... Ele não foi porque está ainda meio doente, tem um processo de esquizofrenia acelerada...

Mas, pô! Você não tem ideia do que foi aquilo! Imagina o centenário do clube, as pessoas homenageando, gritando seu nome... Quando falam de Léo Junior, é só elogio. Até hoje! Você entra no *site* do clube e os caras escrevem que sou mito de não sei quê, essas coisas assim. Tudo isso por quê? Por meu comportamento não só dentro do campo, mas fora. Que eu acho que é a grande diferença! É aquilo que fica mesmo! Esse reconhecimento como cidadão. Não somente no Torino. Aonde vou, quer dizer, as pessoas me veem como uma figura que fez o que, na verdade, todo estrangeiro deve fazer. Porque tem muito estrangeiro que foi pra lá e fez merda pra caramba! O país te acolheu, te deu a possibilidade, você tá tirando o lugar de um italiano no trabalho. Você precisa saber disso! Tem uma série de coisas que precisa entender pra você poder não somente evoluir, mas se dar bem.

Essa experiência de ir morar fora foi ótima! Eu era recém-casado, tinha casado em janeiro, o Rodrigo nasceu no dia 8 de julho. Amanhã, é aniversário dele. Quer dizer, minha mulher, dia 23, foi embora com ele pequenininho... Aí, saindo, solidifica a família, começa a aprender uma série de coisas: viver em outra sociedade, novos valores... Do mesmo jeito que a gente aprendeu muito vivendo na Itália, a gente ensinou também. Principalmente, certos valores que eles perderam um pouco. Em relação aos pais, por exemplo: quando eles vão ficando velhos, os caras vão deixando de lado. Aquele lado da família mesmo que sempre existiu na Itália, hoje perdeu muito porque o filho começa a trabalhar e não quer saber. Se o pai mora em Pescara, um filho tá morando em Milão e a outra – como a do meu compadre – tá trabalhando em Siena. O cara já tem uma idade; a mulher não trabalha, sempre foi doméstica, viveu pra casa. E aí? Sozinhos? Esse tipo de coisa tem que ser revisto! E eles lá fazem isso com a maior naturalidade do mundo. Por isso que os velhos lá sofrem mais do que aqui...

Quando eu voltei, na verdade, já estava de saco cheio! Entendeu? Do dia a dia. Porque o dia a dia do futebol na Itália é uma coisa muito entediante. Não sei agora, mas, na minha época, não modificava... Era sempre a mesma coisa, sempre as mesmas conversas. Os caras lá se importam muito com jornal, com a nota referente à sua atuação. O cara me ligava pra falar disso:

— Tu leu o jornal?

— Ah, não li, não. Eu sei o que é que eu fiz ontem, pô! Eu vou me importar com o jornalista que tá lá, se ele me deu 5, 7 ou 8. Não preciso!

Os caras, não. Os caras compram três jornais: *Curriere Dello Sport*, *Gazzetta* e *Tuttosport*. Leem os três dentro do carro e, em 15 minutos, nós vamos para o vestiário e discutimos. Essa coisa eu já não aguentava mais. Sabe? Apesar que o ambiente lá em Pescara era ótimo. Ótimo mesmo! Tinha muito amigo fora dos companheiros embora a gente andasse sempre junto também. O mesmo esquema de Torino eu levei pra Pescara. Ontem, estava até aqui o treinador do Genova da Itália, o Gasperini, que jogou comigo. Passou três dias aqui com a gente. Ele era o capitão do time quando o Pescara foi para a primeira divisão. Assim que eu cheguei, ele pegou a faixa de capitão e colocou no meu braço, dizendo:

— Eu não posso ser capitão com você jogando aqui!

Pô! Quer maior prova de amizade do que essa? Do caralho! Então, a gente criou esse mesmo ambiente e, por isso também, conseguimos alguma coisa.

Mas, sabe aqueles papos com dirigente? Era muita fofoca! Era uma cidade que vive muito em cima de glamour e fofoca. Porra! Isso... isso eu não aguentava mais! Tinha 35 anos, já tinha passado por tudo pra ficar escutando abobrinha, abobrinha, abobrinha... Abria o jornal, uma polêmica. Meu treinador era outro meio perturbado, gostava duma polêmica. Eu falava pra ele:

— Pô, cara! Não faz isso. Vai trazer o time adversário pra cima da gente.

Mas, não adiantava nada...

Em 89, o Zico tinha me dado uma fita com os gols dele... O Rodrigo, apesar dos 5 anos, já sabia a meter a fita no videocassete e via aquilo como via o Dumbo e todos aqueles desenhos da época. Aí, uma vez cheguei em casa e ele estava lá vendo a fita e me falou:

— Pai, vem cá! Quando é que eu vou te ver jogar no Maracanã?

Eu olhei pra minha mulher e falei sorrindo:

— Ó, pode começar a arrumar as coisas, hein!? É a hora!

Era a deixa que eu precisava. Sabia que ela não ia contrariar um desejo do Rodrigo. Entendeu? Começamos a amadurecer a ideia de voltar. Ela queria permanecer mais um tempo:

— Ah, vamo ficar mais um pouco. Pelo menos, mais uns dois ou três anos. Pelos nossos filhos.

— Não. Vamo embora. Tá na hora!

Mas, ela me abriu o olho:

— Pô! Você vai voltar e vão te chamar de velho, de não sei quê, papapa...

— Ah, eu sei. Mas, isso é tranquilo. É só o tempo de eu me readaptar e depois a vida vai seguir.

Voltando, tive satisfações que eu não poderia nem imaginar: a Copa do Brasil em 90, o Carioca em 91, o Brasileiro em 92, voltar a seleção brasileira em 92. Porra! Eu não poderia querer mais no final de carreira... Isso é, pra mim, a cereja da torta da minha carreira...

E existe muita diferença entre os dirigentes de lá e daqui. Porque lá os dirigentes são os donos. Donos mesmo! O presidente, por exemplo, bota dinheiro dele dentro do clube e, se a coisa andar errado, é ele que vai perder... Aqui, não. O presidente daqui bota esporadicamente e olhe lá! Nem mais existe isso. Então, aqui a coisa é vista de uma outra forma. Eu digo o seguinte: aqui, a responsabilidade dos dirigentes é mínima em relação ao futebol. Porque eles não têm responsabilidade civil nenhuma em relação ao que eles fazem com o dinheiro da instituição. Isso eu já acho um erro terrível! Ele teria que assumir alguma

posição em relação ao montante de grana que gerencia. Não administra o clube como administra a empresa dele. Entende?

Ele chega no clube às cinco da tarde. O profissional tem que chegar cedo. Eu sei porque eu fui dirigente profissional em 2004. Chegava sete e meia, oito horas. Saía a hora que dava pra sair... Quando chegava o dirigente amador, ele tomava as decisões contrárias até aquilo que os profissionais do departamento achavam. Fazia porque tinha autonomia pra isso. Então, essa relação é complicada! No dia que os dirigentes brasileiros responderem com os seus bens por uma possível administração ruim... serão poucos que vão segurar essa onda. Pouquíssimos! Porque, aí, o cara vai pagar com o dele, não é?! E isso ele não quer. Eles têm muita autoridade, mas pouca responsabilidade.

Lá fora, nós, jogadores, somos consultados. A figura do capitão do time lá é tão importante que, se ele for expulso e penalizado, a pena dele é dobrada... Se você for expulso, não vai tomar um jogo. Como capitão, vai tomar dois... Quer dizer, quando o treinador vai fazer o planejamento da pré-temporada, ele chama o capitão do time, mais dois ou três jogadores experientes e diz:

— Ó, que é que vocês acham disso?

O presidente também:

— E o treinador tem estrutura adequada?

Entendeu?... Lá, o treinador não leva o time em uma determinada cidade pra fazer a preparação porque tem um amigo na prefeitura que vai receber 200 mil. A coisa é feita na forma profissional! Por quê? Porque o presidente tá com dinheiro dele ali dentro. Aqui não existe isso! Aí, é mais fácil. Fazer festa com o dinheiro dos outros é mole! Sem ter a responsabilidade e esse monte de coisa, mais mole ainda...

Essa minha experiência como dirigente no Flamengo foi ótima! Eu aprendi a conhecer o clube... Eu só fui por quê? Porque a ideia do Márcio Braga, que conheço desde 76, era profissionalizar o departamento de futebol. Que era uma coisa que eu já vinha alimentando na cabeça desde quando pensava em parar de jogar. Ser um gerente profissional administrando geral o departamento de futebol. Quando ele colocou toda essa ideia na minha frente, falei pra ele:

— Caramba! É tudo isso que eu pensei.

Eu era credor do Flamengo de uma dívida que ele tinha deixado de pagar num contrato que sumiu lá em 97... E eu já ia receber o dinheiro. Falei pro Márcio:

— Pô! Eu não vou trabalhar pro clube sendo credor dele. Vamos fazer um acordo aí?

E abri mão até duma grana legal pra poder trabalhar porque eu acreditava naquele projeto. Esse projeto do Flafutebol continua de pé ainda hoje... Um dia vão ter que sentar e dizer:

— Pô! Os caras tinham razão lá atrás em 2004.

Mas, aí você entra em guerra com os dirigentes que não querem que isso aconteça. Por quê? Porque você vai acabar com a mamata deles. Dos caras que têm interesse em uma série de coisas: compra e venda de jogador, direito de televisão, patrocinador, fornecedor... Então, você esbarra nesse problema hoje...

Acabei saindo, na verdade, porque os caras começaram a fazer uma guerra. Guerra mesmo! A equipe que trabalhou no Flafutebol, no departamento de futebol, era: eu como diretor executivo, o advogado que ficava com a gente 24 horas e o João Henrique Areias que era o responsável pelo marketing. Ele foi o cara que fez a Copa União em 1987 e que criou o primeiro campeonato nacional de basquete. É, pra mim, o papa do marketing esportivo...

O João Henrique viu que esse projeto não ia à frente porque ele teve uma discussão braba com o vice-presidente. Chegou a querer até dar uma porrada no cara – eu não tava nessa reunião –, mas o Zé Maria Sobrinho, que era o executivo, não deixou. Se talvez tivesse dado, a coisa poderia ter mudado... Então, o João falou:

— Porra! Não vai se conseguir isso aqui porque existem quinhentas mil barreiras.

Mas, eu falei pro Zé Maria:

— Mesmo que o João saia, vamos tocar do jeito que o Márcio botou. Ele tem que bancar isso aqui, ué!

Mas, chegou uma hora que ele fraquejou... Quando ele fraquejou, aí os abutres começaram a... Esse vice-presidente, que chama Arthur Rocha, torcia contra, pra perder! Quando a gente foi campeão carioca, eu e todo mundo do departamento de futebol já sabia. Flamengo campeão carioca e o cara tava assim: com os braços cruzados, emburrado e dentro dos vestiários. Porra! Tinha ganhado do Vasco!!! Apontei na direção dele e falei pros meus colegas:

— Vocês estão pensando que eu estou de marcação? Olha lá... Puta que pariu! Todo mundo alegre e o cara com essa cara de bunda dentro do vestiário. Por quê?

O fato de a gente ter ganhado fortalecia o projeto. E ele via aquilo ali como ameaça a coisas que ele não queria que acontecesse. E eu participava de tudo: reunião com todos, com clube dos treze, tudo, geral!

Depois, acabei saindo... Mas, a relação que eu tenho com o Flamengo vai permanecer *forever*! Tudo que o clube proporcionou pra mim como homem, como jogador... Eu me formei em tudo! Mas, voltar a trabalhar, hoje, com o pessoal que tá lá... dificilmente. Porque é incompatível a minha cabeça com a cabeça deles... Eu acho que o Flamengo precisa se reestruturar, se refazer, se renovar. As pessoas não querem renovação. Elas querem a permanência de um modelo, que é um modelo arcaico, obsoleto... que só traz prejuízo! E eu não vou compartilhar isso.

O Roberto Dinamite, agora, está abrindo um precedente. O Branco, no Fluminense. Pô! Torci mais pro Branco do que pro Fluminense nesta final da Libertadores. O cara está comandando o departamento de futebol. Se ganha, porra! É uma explosão. Teria uma conotação forte pra quem tem pretensão como dirigente...

Eu, hoje, estou indo mais para as escolhas pelas ideias, pelas filosofias do que propriamente qualquer outra coisa. Ninguém vai me remover da cabeça que é necessária a profissionalização de departamento de futebol. Não só no Flamengo, qualquer clube! Ou você faz isso ou, então, você fica sujeito ao bom humor do “dirigente voluntário”, como a gente chama... E eu acho que isso aí acabou. Não tem mais espaço pra isso!

*

Eu virei treinador em 94, logo depois que tinha parado, mais para atender um pedido do pessoal que tinha jogado comigo. Não era da minha cabeça ser treinador, apesar de achar que poderia ter feito uma carreira até legal. Mas... eu quero viver! E treinador ele não vive. Pô! Acabava o treino, todo mundo ia pra casa, ficava eu, com meu auxiliar, com o preparador físico, com o supervisor, planejando uma série de coisa:

— Porra! E se o cara não sei quê, e se o cara...

Quer dizer, a gente está sempre na dependência dos outros! Você não depende do seu trabalho. Isso é conversa... É pelos outros! O cara treina de segunda a sábado. Treina de manhã e, depois, vai almoçar em casa para concentrar às cinco da tarde. Aí, o cara briga com a mulher. Tudo aquilo que passou durante a semana acabou! Não dá!

— Junior, eu tô com um problema com a minha mulher.

E daí? Como é que vai resolver isso? Não resolve... Então, quer dizer, precisa gostar muito dessa vida. E não era o que eu tinha planejado. O meu planejamento, na minha cabeça, era ser um gerente, um supervisor geral do futebol que trouxesse ideias pra fazer a coisa

acontecer. Nãoooo... somente o trabalho de campo. Trabalho de campo, na verdade, é fácil. Difícil é você criar harmonia no grupo. Se você criar essa harmonia, essa amizade, a probabilidade da coisa dentro do campo dar certo é grande.

Administrar ego, administrar vaidade... pô! Essas figuras dos procuradores que fazem a cabeça dos garotos. Botam até palavra na boca deles... É difícil você gerir tudo isso. Precisa gostar ou, então, estar precisando de dinheiro...

No Corinthians, me venderam um peixe que, na verdade, não ia acontecer...

— Ah, vamo fazer um planejamento aqui pro ano que vem. A gente vai ter investimento. Tamo trazendo o Rivelino, tamo trazendo este, aquele.

Já conhecia o Moraci, o Jairo...

— Não tem problema nenhum. Vamo. Dá pra fazer um trabalho legal.

Mas, isso é conversa. Aí, você escuta uma história aqui que não vai ter investimento, escuta uma história ali que os garotos vão embora... Cheguei nos caras e disse:

— Peraí! O que é que tem de verdade nisso tudo?

— É, mas acho que vai ter...

— Comigo não tem esse negócio de acho. Eu não tenho condições de dar o que vocês querem. Mágica, treinador não faz! Sem material humano, a gente não vai a lugar nenhum. Não pensem que o Rivelino vai dar pra vocês também, não! O Corinthians precisa de dinheiro pra comprar jogador pra ganhar título. Sem isso não vai acontecer! E não vai ter dinheiro pra gente comprar e eu não vou ficar com a minha cabeça à frente. Já vivi uma experiência dessa.

Ainda insistiram:

— Ah, mas fica.

— Vocês vão me desculpar, mas pra mim essa coisa não foi feita... O peixe que vocês me venderam era outro!

Aí, choveu aquela loucura toda:

— Porra! Como é que o cara larga o Corinthians? Como é que o cara faz isso? Ele é maluco!

Pô! Então, eu sou maluco... Sete meses depois, eu já não era mais maluco, era o vidente. Se o Grafite não faz aquele gol, tinha caído... Eu passei de maluco a vidente:

— Tu tinha uma bola de cristal?

— Porra, cara! Eu tô nessa vida há trinta anos, sei como é que funciona a coisa. Você acha que eu ia largar o salário que tinha lá, bom pra caralho, por quê? Por um capricho?

Até nisso aquele episódio veio me fortalecer mais ainda: seriedade e equilíbrio. Porque ninguém faz o que eu fiz. Ninguém faz!... Mas, eu saí sem atirar em ninguém. Nem no seu Alberto, nem no Citadini – figurassa ótima –, no Andrés Sanches também... Pra dizer a verdade, no período que eu passei no Corinthians, 18 dias, eu fui muito bem tratado por todo mundo! E eu não podia roubar o Corinthians! A verdade é essa. Eu iria roubar do Corinthians um salário que não preciso e que o Corinthians não precisaria gastar comigo. Quando o Edvar me ligou:

— Junior, você tem um dinheiro pra receber.

— Edvar, eu não tenho dinheiro nenhum pra receber, cara... Pode pegar esse dinheiro e botar nas categorias de base do Corinthians. Eu não quero esse dinheiro. Não trabalhei porra!

Eram 22 mil reais por esses dias que eu trabalhei... Você acha que não foi difícil pra mim? Pensa que eu não queria ser técnico do Corinthians? Porra, cara! Eu ia adorar! O outro lado da família da minha mulher é de São Paulo... Já tinha feito uma porrada de programas e de planejamentos pra ir pra lá... O que acontece? Eu ia sacrificar a minha família de uma forma que eles não mereciam e a gente não precisava passar por uma situação dessas. Porque, na verdade, ia ser porrada por cima de porrada e a minha cabeça à frente. Toda quarta e domingo. Não dava!... Mas, valeu. Foi legal pra caramba!

Hoje, quer dizer, quando eu encontro os caras:

— Porra! Tu é maluco mesmo, né?

— Não, cara. Você viu que eu não era maluco...

Porque ninguém entendeu nada. O tempo vai dizer. É como aquela história: “o tempo é senhor da razão”.

Quería ir pro Corinthians quando a MSI foi pra lá. Aí, era mole, não é? Porra! Bota na minha mão o Mascherano, o Tevez, o Roger... Aí, o meu time ia jogar! Dez vezes melhor do que jogou naquele ano! Aquele time ganhou na individualidade, porque, no conjunto mesmo, não era um *gran equipo*...

*

Comecei com esse negócio de televisão em 95. Tinha trabalhado dois anos lá em Pescara. Eu era o âncora de um programa que chamava *Brasileo*. São ótimas lembranças... Era uma coisa que eu gostava.

Quando me convidaram para trabalhar na TV, eu aceitei na hora. É uma coisa bem mais tranquila. Posso viver! Não tem questão de pressão. *Stress*, você tem porque está ao vivo. As pessoas acham que não... Não é tão fácil. Você precisa se preparar, precisa se preocupar com o que vai falar, tomar cuidado com as críticas que faz ali. Até porque você tem que saber que mais lá na frente... Entendeu? Não é tão fácil, como as pessoas pensam. Mas, me satisfação, me divirto mais do que qualquer outra coisa...

Isso que dizem entre jornalistas e ex-jogadores deve ser problema deles em relação com a gente... Comigo, nunca teve problema! Naturalmente, tem aqueles caras, como também no futebol, que não te olham. Por quê? Será que seria somente o diploma dele ali que conta? Será que ele entende mais do que eu? Será que os erros de concordância dele são menores ou maiores que os meus? Pelo que eu vejo... Acho que os caras ficam na bronca quando tem um cara que entra e que não está preparado. Aí, acho que eles têm razão... Quer dizer, no meu caso, pode ter um ou outro ali, mas do resto... Podem até discordar da minha opinião, mas não sou comentarista. Eu sou opinionista! Dou a minha opinião! Tá entendendo? Ninguém no Sportv ou na Globo diz:

— Ô, Junior, você tem que falar assim.

Não! Eu sei até aonde eu posso ir... O cara pode discordar da minha opinião. Isso eu aceito numa boa. Pois, já fiz duas Copas do Mundo, uma Olimpíada... tenho quase dez anos nessa carreira. Não sou babaca! Eu tenho uma imagem! As pessoas têm respeito pelo que eu falo, pelo que eu digo. Mas, não me preocupo com o que eles pensam da minha opinião.

Por onde passei, sempre foi tudo bem... A única coisa foi a Bandeirantes que, no ano passado, me fez o contrato de um ano e depois rescindiu. Eu fui por causa do Luciano porque a gente já trabalhava na Record. Pô! Na Record, foi ótimo! Acho que televisão é muito ter um ambiente de trabalho. Trabalhava com o Fernando Fernandes, que é aquele baixinho – meu irmão! –, e com o Luciano do Valle, que me convidou pra ir pra lá. Então, a gente fazia essa equipe que funcionava. Porra! Basta ver as audiências... Aí, quando ele foi pra Bandeirantes:

— Vamos todos pra lá e não sei quê...

— Vamos.

Pô! Com cinco meses de trabalho, os caras falaram:

— Ah, nós vamos rescindir o contrato.

— Pô! Mas, eu fiz alguma coisa de errado?

— Não, não. É contenção de despesas.

“Contenção de despesas?”, pensei comigo... Até hoje, eu não sei. O Luciano também não sabe. Os caras que permanecem até hoje lá, como o diretor, queriam saber o porquê disso... Me dei bem demais com o Datena, com o Neto também, independente deles terem uma forma diferente de falar. Não vou brigar com os caras por causa disso. Mas, daí acabou! Eu não tinha muita rescisória. Quer dizer, me pegou meio de surpresa, sabe? Eu tinha me programado todo para o ano. Chegou em maio, acabou. Porra! Mas, são aquelas experiências que, no final, vale. Depois, pensei: “Ah, também não quero fazer mais porra nenhuma! Vou ficar sete meses, até o final do ano, sem fazer nada.”.

Em janeiro daquele ano, os caras do Sportv já tinham vindo de novo atrás de mim. Mas, falei que já ia trabalhar com o Luciano, que ia ser bom pra caramba! Aí, quando chegou em setembro, o pessoal da TV Globo, na verdade, já veio falar comigo. Que eles estavam querendo que eu entrasse na equipe e papapa... Faço Sportv e faço o RJ, que é o jornal do meio-dia local. É de segunda e quinta, depois das rodadas. Vou começar a comentar jogo de final de semana a partir de setembro ou outubro... Televisão aberta é foda, cara. É outra história! Responsabilidade maior. Enquanto na televisão a cabo, você tem no máximo 8 milhões te vendo; a outra, você tem 150... É outro nível, a coisa muda... Mas, o retorno também é maior.

Daqui pra frente, eu acho que vou botar minha cabeça pra essa história da televisão mesmo. Principalmente agora que está se abrindo um horizonte melhor... Quero ver se eu volto de novo a tocar meus projetos sociais. Eu tinha dois: um aqui em Copacabana, outro lá em Realengo. Sempre com criança. Quero ver se consigo reativar isso, que é uma coisa que me dá um retorno!

A gente tem um projeto, o “Samba Dá Sopa”, que é de quinze em quinze dias aqui numa casa de samba na Barra da Tijuca. A gente tem arrecadado uma média de uma tonelada de cestas básicas por mês para distribuir pelas instituições que a gente ajuda. Metade do ingresso, a gente troca pra minha banda. A gente vai lá e é uma diversão legal. Não só a diversão, mas poder ajudar os outros também. Parada muito legal que a gente faz lá... E vou esperar meus filhos crescer pros netos aparecer. Engraçado!

*

Eu, particularmente, não vivenciei nenhuma situação de discriminação, mas vi companheiros... Por que o que acontece? Eu acho que o problema do negro no Brasil é uma

questão muito mais social do que o que a gente vê, sei lá, nos Estados Unidos, por exemplo, não é? Quer dizer, o negro é visto de uma outra maneira. Aqui no Brasil, se o negro tiver uma boa situação social, uma boa situação financeira, praticamente passa despercebido. Existem aquelas pessoas, naturalmente, que dizem “negão”, falando até num tom de voz que você sente que tem um lado de preconceito mesmo!

Mas, eu como... quer dizer, meu avô paterno era mais escuro do que eu, era jambão mesmo! Já por parte da minha mãe, era tudo branco. Então... convivi muito com o pessoal do morro. Pô! Tenho amigos negros. Quando você convive muito tempo, isso não sente, mas, quando você vê, aí sim. Principalmente, com as outras pessoas em relação ao negro. Quando alguém diz:

— Este aqui é o Toninho que joga no Flamengo.

Aí, a coisa já muda. Enquanto a pessoa não identifica... Se fosse só o Toninho, era um negro! Mas, se é o Toninho que joga no Flamengo, aí já... Entendeu? Aqui, a gente tem muito dessa coisa...

Isso é menos comum no futebol de hoje, mas acho que, no passado, teve bem mais. Eu não estou me referindo dentro do jogo porque, no calor, alguém pode falar ali na hora:

— Porra! Seu macaco do caralho!

Isso aí acontece... Aquele caso do Antônio Carlos: quem conhece ele, sabe que jamais... Fez aquilo porque tava puto com o cara! Ao invés de chamá-lo:

— Ô, Sérgio, vai se foder e não sei quê...

Falou:

— Seu macaco!

Sabe? Mas, não que ele tenha sido preconceituoso... Eu acho difícil que exista, dentro do futebol, um cara que tenha esse preconceito porque se convive muito! A não ser que isso venha do sangue do jogador, ou da família dele, sei lá... Entendeu? Mas, dentro do ambiente? No dia a dia? Pô! No sul, tem negros pra caralho! No nordeste, também... Não é que a gente não tenha. Eu já vi! Por exemplo, uma vez fui fazer uma excursão com o juvenil do Flamengo no interior de do Rio Grande do Sul. Tinham dois negros que jogavam com a gente: o Adílio e o Belisário. Porra! Quando a gente jogava no meio da rua, os caras olhavam pra eles com os olhos arregalados. A gente não entendia por que. Aí, o nosso supervisor falou:

— Pô, galera! Porque a colonização é toda alemã. Porque aqui não tem negro. Vê se tem um negro neegro!...

Ainda bem que ele explicou porque eles se sentiram diferenciados. Também, todo mundo olhando com cara de espantinho... Naquela época, a gente era jovem, tinha 19 anos, e pouco se falava desse tipo de situação. Hoje, se debate esse tipo de coisa com a maior naturalidade... Eu sei que essas pessoas, quando saem dali pra outros lugares, levam isso com elas. Agora, no ambiente do futebol, eu presenciei somente isso: do cara ficar puto e chegar a falar, mas não que seja uma coisa pra humilhar, pra degradar...

Os caras dizem:

— Ah, os técnicos negros!

Mas, pô! Se você se preparar bem... não tem isso! É preciso que o cara se prepare, né?! Isso independente da cor da pele... Porra! Se fosse por causa disso, o Rijkaard não poderia ser do Barcelona, o Gullit não ia ser treinador na Inglaterra. Não concorda? Quer dizer, se por acaso os caras não se prepararem e forem pra essa posição, vão ficar expostos. Não por causa da cor da pele! Mas, pela falta de competência... Não tenho nenhuma dúvida.

Com relação a dirigente, é a mesma coisa. Talvez não tenha tido nenhum ex-jogador negro que tenha enveredado por esse lado gerencial. Mas, se o cara se preparar, por que não? Isso não tem problema nenhum! É porque você não tem, não é? Sei lá, de repente o cara prefere fazer uma outra atividade... Não tinha a história do goleiro lá pros anos 50 e 60?

— Ah, goleiro negro não serve!

Esse era o papo na época... E tinha gente que acreditava nisso. Isso é uma mentira. Ela está aí! Basta olhar, hoje, uma quantidade enorme de goleiros negros bons pra caramba! E que não ficam nada a dever aos outros... Eu, que convivi muito tempo em clube, escutava sempre essas histórias! Falavam:

— Ah! Também, porra! É um negão! Por isso tomou aquele gol.

Nada a ver, pô! Tomou porqueee... não era capaz de defender. Não é porque o cara era negro. Isso é besteira.

Lá na Itália, uma vez a torcida da Juventus botou uma faixa assim: “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”. Tomaram uma multa de não sei quantos mil dólares e nunca mais... Isso eu estou te falando em 24 anos atrás. Eu nem vi a faixa pra te dizer a verdade! Só vim saber depois do final do jogo:

— Pô! Você não viu a faixa?

— Que faixa?

— Tinha uma faixa lá na torcida da Juventus te xingando de negro sujo. — porque botaram a faixa e, logo depois, tiraram.

— Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.

E não me senti mal por causa disso, não! Pelo contrário, ganhamos o jogo ainda! Que engraçado! Primeira vez depois de tantos anos que o Torino ganhava da Juventus. Então, teve um sabor melhor ainda. Brinquei:

— Pô! Tomara que volte essa faixa! Que deu sorte, hein?!

Tem que tomar por esse lado! Então, pra te dizer a verdade, essa vez lá de Torino foi a única que vivi isso na pele, mas superficialmente. Depois, é que eu fui ver no jornal a faixa. Achava que isso jamais poderia acontecer!... Não é que tenha me afetado, assim, diretamente, mas eu imagino – entendeu? – as pessoas que, por acaso, tenham vivido situação como a do cara lá na Hungria que, quando um negão pegava a bola, a torcida fazia gesto de macaco, jogava banana... Lá, hoje existe punição: os clubes perdem pontos. A lei antirracismo lá é brabíssima! E tem que ser assim mesmo!

Tem que saber como é que a pessoa vê esse lado também, porque o preconceito, às vezes, começa também por a parte de quem sofre... Dizem que os negros são muito mais preconceituosos do que os brancos em relação a certas coisas, né? Tem que perguntar a alguém que tenha vivido, que tenha sofrido esse tipo de situação... Quer dizer, até porque eu não sou um negão nem sou branco, digo que estou ali no meio da África. Engraçado. Nunca tive esse tipo de coisa, mas não é fácil. A gente vê os casos aí. As pessoas quando querem ofender vão pelo lado da cor da pele. E talvez seja um dos piores preconceitos que se tenha no mundo seja exatamente esse! Como se a cor tivesse alguma relação ao que a pessoa pensa, acha, quer...

Isso aqui no Rio de Janeiro, praticamente, não tem. Acho que, se aplicaram aqui a Lei Afonso Arinos, foi pouco. Às vezes, a gente brinca lá com o nosso barraqueiro da praia, um negão forte. Os caras pra sacanear falam:

— Ô, seu crioulo?

— Olha a Lei Afonso Arinos, hein?! Vou na delegacia da...

Se leva muito pra esse lado. Porque a miscigenação no Rio de Janeiro, ela é muito grande. A convivência entre negros, brancos e mulatos é muito grande. Grande mesmo! Naturalmente, eu acho que em outras cidades, como eu te falei lá do sul, a coisa não é assim... Mas, não existe só preconceito com os negros, não. Por exemplo: o italiano do norte tem em relação ao do sul um racismo tremendo! Eles chamam os caras do sul de “*terrone*”. Acho que, na verdade, quem fez o norte ser o que é foram os caras do sul, que foram trabalhar na Fiat,

nas fábricas... Esse eu acho que é um outro tipo de racismo terrível! Não é? Quando a gente brinca aqui com os nordestinos:

— Porra! Aquele paraíba...

— Pare aí! Paraíba, por quê? Qual é o problema com paraíba?

Porque, aqui no Rio, são os baianos de São Paulo. Mas, não é que o cara tenha bronca do paraíba! O cara, para dizer alguma coisa do outro, se é burro, babaca, não sei quê... intitula “paraíba”. E esse tipo de coisa eu acho que é pior porque aí ascende socialmente... Nunca ninguém me ofendeu por ser paraibano. Eu é que brinco com eles quando eles dizem:

— Ô, parai...

— Peraí! Seu cearense!

Eles chamam uma pracinha que tem aqui de Praça dos Paraíbas. Mas, se você for lá, só tem cearense! É até engraçado...

*

Sabe? Antes dos jogos, eu cortava minhas unhas dos pés e das mãos. Era uma forma que eu tinha de relaxar... Ficava sempre aparando, sabe? Enquanto eu estava conversando com os colegas, ficava me concentrando sempre aparando a unha e tal... Tic tic tic... Gastava uma meia hora fazendo esse meu ritual ali no vestiário... Todo jogador tem a sua maneira de concentração, superstição, oração... Não tem como! Isso é normal. Mesmo não sendo católico, você tem que participar. É trabalho de grupo. Mas, os italianos são muito supersticiosos! Eu não sabia da história que, se você tivesse andando para o estádio e visse uma noiva entrando na igreja, isso dava sorte. Teve um dia, num domingo, jogo em casa, que os caras estavam procurando. E eu não sabia.

— Pô, gente! Vamo embora!

— Não, tamo procurando uma igreja pra ver se tem uma noiva.

— Ah, porra!

E caímos na gargalhada... Eles são extremamente supersticiosos. Talvez mais até do que a gente!

2.2 PAULO SÉRGIO

Figura 23 - Paulo Sérgio com a camisa do Bayern de Munique. Fonte: pesmitidelcalcio.com.

Nome	<i>Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento</i>
Data e local de nascimento	2 jun. 1969 (46 anos) São Paulo/SP
Clubes	Corinthians (1988, 1990-1993) Novorizontino (1989-1990) Bayer Leverkusen/ALE (1993-1997) Roma/ITA (1997-1999) Bayern de Munique/ALE (1999-2002) Al-Wahda/EAU (2002) Bahia (2003)
Seleção Brasileira	1991-1994

Paulo Sérgio tinha sido indicado a mim para uma entrevista ainda no mestrado, tanto pelo ex-árbitro Paulo Cesar de Oliveira, quanto pelo jornalista Abel Neto. Foi somente no

doutorado, contudo, que consegui seu contato, através do sócio de sua empresa, a *Welt*, que significa mundo em alemão. Após aproximadamente dois meses de negociação, primeiramente com seu sócio depois com ele, marcamos a entrevista para 18 de outubro de 2011, em sua imponente quadra esportiva, a Arena Soccer Grass PS7, que se localiza até hoje em uma das avenidas principais de Barueri-SP.

Chegando ao local, deparei-me com um enorme *banner*, em que ele mesmo fazia publicidade de sua “Arena” para locação de quadras e eventos. A foto dele vestido com um uniforme alusivo à Seleção Brasileira, haja vista que foi campeão mundial em 1994, é reveladora da identidade que construiu sobre si. A entrevista durou pouco mais de uma hora e foi concedida em seu escritório, onde se destacavam na parede duas camisas completamente autografadas: uma do Corinthians e outra do Bayern de Munique, os dois clubes mais memoráveis de sua carreira.

Em diversas passagens de sua narrativa, a importância dada à própria imagem de sucesso é notável. A sua ascensão econômica e social através do futebol talvez seja uma explicação – da infância pobre e da prática do futebol na várzea do Bom Retiro a campeão mundial pela Seleção Brasileira e pelo Bayern de Munique –, mas não só. A crença em Deus e em doutrinas religiosas ligadas ao pentecostalismo atravessa a sua narrativa. As dificuldades passadas no exterior, por ser estrangeiro e por ser negro, parecem ter sido superadas com o apoio da família e da religião. No tocante ao racismo, aliás, tem uma “tese”: “o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa enfrenta-se no Brasil também.”, argumentando que a natureza do problema não é racial, mas sim de classe. Ao rememorar a própria trajetória à luz de estímulos sobre esse tema, vangloria-se ao final: “Fui o primeiro negro dentro da Federação Paulista de Futebol a estar como presidente interino.”.

“Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro.”

Bom, eu sou o Paulo Sérgio. Na realidade, nunca pensei em ser um atleta de futebol... As coisas aconteceram naturalmente. Gostava de jogar futebol, é claro. Brincava na ruuua, nas escoliinhas, na vááárzea... Mas meu sonho sempre foi ser piloto de avião. Era um sonho meu um dia estar voando. Como nunca tinha passado pela experiência, tinha muita vontade...

Nasci em 2 de junho de 1969, no bairro da Santa Cecília, no centro de São Paulo... Venho de uma família humilde, uma família que os meus avós tentavam fazer com que ficasse unida. Os meus pais se separaram quando tinha 5 anos de idade. Nós fomos criados pelas minhas tias porque minha mãe tinha que sair para trabalhar. Tive uma infância difícil, mas nunca faltou o arroz e o feijão. Por isso, eu tenho que agradecer a Deus.

Com 13 anos, jogando no Corinthians do Bom Retiro, na várzea, um treinador me convidou para fazer um teste novamente no Corinthians. “Novamente” porque, antes disso, quando jogava na escolinha da Aclimação, já tinham me chamado para fazer um teste lá e outro no Juventus. Fui e acabei passando. Isso foi em 83, e eu comecei nas categorias de base do Corinthians. Até então, era dentinho. Depois, passei para o infantil e assim por todas as categorias.

Até que, em 88, subi para o profissional. Eu tive o privilégio de subir naquela equipe que foi campeã, onde o Viola fez aquele gol de carrinho contra o Guarani. Uns jogos antes da final, senti uma contusão e fiquei praticamente um mês fora por causa de uma lesão muscular. Mas subi em 88 e fui campeão na ocasião.

Em 89, fui emprestado pro Novorizontino... Foi um momento difícil porque nenhum atleta quer sair do Corinthians e ir para o interior de São Paulo, ainda mais a 700 quilômetros da capital ou a 7, 8 horas de viagem de ônibus... Mas o Novorizontino foi uma escola pra mim, onde em 90 nós fizemos a primeira final caipira do Estado de São Paulo, entre Novorizontino e Bragantino. Hoje, todos comentam dessa final.

Depois, voltei pro Corinthians e fui campeão brasileiro. Na ocasião, eu joguei quase todas as partidas. Algumas delas, fiquei de fora por cartão amarelo. Inclusive, tomei o terceiro cartão amarelo contra o Bahia lá e, aí, fiquei de fora do primeiro jogo da final. Como o Mauro tinha jogado bem essa partida, o Nelsinho optou por mantê-lo, mas, no decorrer do segundo jogo, eu entrei e nós pudemos erguer aquela taça tão esperada por todo corinthiano. Era o primeiro título brasileiro do Corinthians!

Em 91, comecei a ir para a Seleção Brasileira, quando o Parreira era o treinador. Dois anos depois, eu me transferi para o Bayer Leverkusen. Lembro que, na ocasião, eles só iriam me contratar se eu não fosse para a Seleção. E optei por não ir. Até tive uma conversa com o Parreira sobre isso. Acabei não participando das Eliminatórias, mas, em 94, fui convocado para a Copa do Mundo. Até porque, fui vice-artilheiro do Campeonato Alemão, e o Parreira estava acompanhando.

Na época, eram poucos brasileiros que jogavam a Bundesliga. Falo pra você que nós tínhamos 5 brasileiros num tempo em que só podiam jogar 3 estrangeiros em cada equipe. No Bayer Leverkusen, tinha eu, um tcheco e um romeno... Foi muito difícil. Hoje, a gente vê que cada equipe tem 3, 4, 5 brasileiros... Ao terceiro mês, tive até vontade de vir embora. A luta com os jogadores... Eles acham que você quer ocupar o espaço deles, e aí se torna muito difícil. Foi assim até o momento em que eu pude aprender a língua, a cultura. Assim, me introduzi muito mais fácil dentro do sistema. Coloquei essas coisas como metas na minha vida...

Pensei que fosse ficar só 2 anos, mas renovei por mais dois logo na minha primeira temporada e acabei ficando 4 anos no Bayer Leverkusen. Depois, fui contratado pela Roma. O Bayer Leverkusen queria que permanecesse por lá, só que eu queria ter uma experiência nova. Foi sempre um sonho jogar na Itália... E fui pra Itália jogar duas temporadas. Na minha primeira, fiz 12 gols, eu que era um meia-atacante. Depois disso, já prorroguei o meu contrato por mais 2 anos, ou seja, era para ter ficado 4 anos na Roma. Só que, no segundo ano, o Bayern de Munique veio e fez uma proposta. Aí, não tem como você deixar de aceitar uma proposta de um Bayern de Munique. Porque era um clube onde sempre pensei em estar, onde sabia que teria a chance de ganhar títulos importantes. Então, voltei pra Alemanha...

Já conhecendo todo o sistema, as coisas ficaram muito mais fáceis. Munique também é uma cidade completamente diferente de Leverkusen. O pessoal é muito mais abeerto... Bom, dentro do Bayern de Munique, fui campeão alemão duas vezes, campeão da supercopa, campeão da *Champions League*, campeão mundial interclubes. Conquistei todos os títulos que um atleta pode almejar...

Tive uma passagem pelos Emirados Árabes também. Foi outro período muito difícil porque é uma cultura totalmente diferente. Tinha um contrato de 2 anos, mas consegui ficar só 6 meses e voltei pro Brasil em 2002. No ano seguinte, fui pro Bahia. Até tive uma proposta do Flamengo, só que eu já tinha dado a minha palavra ao Paulo Maracajá. Isso foi uma coisa que

aprendi muito na Alemanha: quando você dá a sua palavra, precisa honrá-la. E eu honrei a minha palavra. Mas, com 3 meses, o pessoal do Bahia disse:

— Ó, Paulo, nós temos metade de um salário pra pagar.

Isso me desanimou... Enfim, as coisas começaram a acontecer para eu parar e aíí...

Logo em seguida, recebi o convite para ser *scout*, ou seja, observador do Bayern de Munique na América do Sul. Fiquei durante 2, 3 anos ocupando esse cargo. Depois, recebi uma proposta da marca Wilson no Brasil. Eles, que sempre foram muito conhecidos no tênis, entraram no mercado do futebol com todo tipo de material esportivo. Eu era o embaixador da marca no Brasil e optei por ficar na Wilson por um bom tempo também...

Durante esse período, recebi um convite para ser vice-presidente na Federação Paulista de Futebol. Foi uma experiência muito boa, sobretudo pelo relacionamento. Eu cheguei a estar como presidente interino por duas ocasiões, um marco dentro da Federação Paulista pelo fato de ser um ex-atleta. Por mais que fosse como interino, isso, pra mim, foi muito importante!

Nesse período também, fiz um curso de Gestão e Marketing Esportivo na Faculdade Trevisan. Então, me aprimorei para ser dirigente. E, hoje, eu tenho uma empresa de gestão de negócios, a *Welt*. Ela trabalha muito na parte administrativa, jurídica, tática, técnica, de infraestrutura... Nós prestamos essa gestão para aqueles clubes voltados para o esporte... E tem muitas coisas ainda pra contar.

*

A minha chegada no Corinthians não foi a realidade de hoje. Hoje, o garoto que está nas categorias de base já tem um salário. E, quando ele está chegando no profissional então, as coisas facilitam muito mais... Quer dizer, quando cheguei no Corinthians, o máximo que eu ganhava era um passe de ônibus! Pra você ver... As oportunidades não surgiram, as coisas eram muito mais restritas. Eu sou de uma época que, no futebol profissional, tinha um Sócrates, um Wladimir, Wagner Basílio, Hugo De León, Carlos, Waldir Peres, Serginho Chulapa, entre outros atletas. Pra você estar ali no profissional, você tinha que ter muuuita qualidade! E eles viam em mim isso...

Foram momentos de muita superação. Eu lembro que tomava um metrô no Anhangabaú e descia no Tatuapé porque o metrô Carrão nem existia ainda. E, do Tatuapé, ia andando até o Parque São Jorge. Quando tinha um dinheirinho, eu tomava um ônibus no

Tatuapé e ia até a Avenida Celso Garcia. Quando não, pegava o dinheiro da volta para comprar um pãozinho e ia junto com uma galera andando até o metrô Tatuapé. Então, penso com muita dificuldade e foi mesmo a vontade que fez com que eu continuasse porque, se não fosse isso, já teria largado e saído para ir trabalhar. Lembro que, com 18 anos de idade, falei assim:

— Ó, se não subir para o profissional, eu vou arrumar emprego e parar de jogar futebol.

Subi, e as coisas começaram a acontecer. Logicamente, não ganhava esses valores de hoje, mas, pelo menos, o que entrava já ajudava bastante. Eu morava com a minha mãe e, aí, passei a ajudá-la. Depois, me casei quando tinha 20 anos. No começo, moramos na casa da minha mãe. Lembro que, na época, a minha prioridade era: alugar um apartamento, para que a gente tivesse o nosso canto; comprar uma linha telefônica, coisa que hoje nem existe mais; e andar de Fiat 147, quando muitos outros atletas do Corinthians tinham carros melhores. O mais importante pra mim foi sempre andar com os pés no chão.

Bom, depois do título brasileiro, logicamente, as coisas começaram a melhorar pra mim. Creio que foi depois daquele título que eu fiz o meu primeiro bom contrato. Aí, comecei a ir para a Seleção Brasileira em 91. Joguei quase todas as partidas. Lembro que o Cilinho era o treinador, e ele apostava muito em mim. Foi um técnico que me ajudou e me aconselhou muito! Antes do Cilinho, veio o Nelsinho Baptista também. Foi um treinador que me orientou desde o Novorizontino.

Em 92, as coisas já começaram a ter outro rumo, e não consegui jogar tão bem porque, aí, vem o deslumbre, aquela fama e tudo mais... O Corinthians também não teve uma boa fase, mas, na Seleção, eu jogava bem. Tanto que o torcedor corinthiano falava:

— Pô! Por que o Paulo Sérgio joga bem na Seleção e não joga bem no Corinthians?

Nessa época, um pessoal do Bayer Leverkusen tinha ido em um dos jogos da Seleção pra ver o Bebeto, mas acabaram me vendo. E eu joguei muito bem! Só vim saber disso depois. Eles ficaram me observando por dois anos. Em 93, depois da final do Campeonato Paulista – aquele jogo que todos se lembram da entrada do Edmundo em mim, né?! –, uns dirigentes do Corinthians chegaram em casa e falaram:

— Ó, temos uma proposta da Alemanha. É isso, isso, isso... Você quer ir?

Eu sou uma pessoa que crê muito em Deus e, naquele momento, respondi assim:

— Vou ter que orar primeiro. Conversar com a minha esposa, com a minha família...

A minha esposa chorava bastante:

— Pô! Alemanha? Podia ser Itália, Espanha, onde a língua é muito mais fácil, né?! Por que Alemanha?

Então, nós oramos e optamos por ir. Penso que foi a melhor coisa que nós fizemos. A partir daí, a expectativa foi grande, e a gente foi pensando em um monte de coisas: “Como será que é o país?”... Eu nunca tinha viajado para a Europa até então, ainda mais para uma Alemanha.

Na ocasião, tínhamos um intérprete, mas nós éramos em quatro: eu, minha esposa e meus dois filhos. O Felipe tinha 1 ano de idade e a minha filha, 7 meses. Quando nós chegamos lá, foi muito difícil! Eu lembro que fui direto para a concentração e a minha esposa, para o hotel. Tivemos que dividir o intérprete. Quando cheguei na concentração, não sabia falar nada. Ainda bem que encontrei um jogador que me ajudou muito, o Bernd Schuster. Ele, que tinha jogado por muitos anos no Real Madrid, falava um pouco o espanhol e me ajudou como pôde naquele momento imediato. Até então, eu não me preocupava em falar espanhol e vi a necessidade de falar uma outra língua.

Apesar da orientação dele, foi difícil, viu! Quando estava no quarto, na concentração, e queria pedir alguma coisa, não sabia ler o cardápio. Eu lembro que comprei um livrinho de tradução, mas não era a mesma coisa! Porque a pronúncia no alemão é muito diferente... A minha esposa também teve seus momentos difíceis no hotel, principalmente quando queria pedir alguma coisa para ela, para as crianças. A gente dependia sempre do intérprete. Quando ele estava comigo, ela ficava lá sozinha; quando estava com ela, aí era eu que ficava sem ajuda. Então, foi muito complicado! Mas nós passamos por esses obstáculos.

No começo, a relação com os jogadores também foi muito difícil! Eles tinham inveja... Porque você vai pra tirar o espaço deles, o espaço de um outro alemão. E eu cheguei num período em que 4 anos antes tinha caído o Muro de Berlim. Muitas pessoas da Alemanha Oriental, desempregadas, estavam indo para a Alemanha Ocidental. Então, enfrentei oposição de muitos jogadores. Eu lembro que tinha um deles que, quando chegava perto de mim, virava e tocava a bola pra outro. Não fazia isso porque era negro ou alguma coisa desse tipo, mas por ser estrangeiro e estar ocupando o espaço deles. Foi assim até o momento em que, como frisei pra você, comecei a aprender a língua. Aí, as pessoas começaram a me respeitar.

Não era só eu que sofria isso. Tanto é que, na época, tinham até jogos de estrangeiros contra a Seleção da Alemanha. Quando nós nos reuníamos e tal, era um momento muito descontraído, porque queríamos ganhar dos alemães, né?! Foi um período assim... de muito aprendizado. Com 3 meses, lembro que entrei no vestiário um dia tsc!... eu tinha perdido um

pênalti, e os jogadores vieram falar um monte pra mim. Depois disso, fui conversar com o *manager*:

— Eu vou embora. Eu vou embora...

— Não, não. Você tem que ficar, pô! Você tem que superar tudo isso daí. – respondeu ele.

Foi aí que eu optei por colocar essas duas coisas como metas: a primeira delas, aprender a língua e, depois, a cultura. A partir desse momento, foquei nisso, e as coisas começaram a fluir de uma outra forma.

Tinha alguns alemães com quem eu me relacionava bem. O alemão tem um negócio: ele te analisa bastante para, realmente, ter a certeza que você é uma pessoa que não está perto dele por interesse ou para alcançar algo. Então, as pessoas queriam ver qual era o meu objetivo lá. O Bernd Schuster foi uma pessoa que me abraçou, o Dirk Heinen, entre outros atletas... Os torcedores gostavam muito de mim! No meu primeiro ano de Bayer Leverkusen, eles torciam pro clube chegar até uma Copa UEFA. Só que eu levei uma outra mentalidade, que era de ser campeão. Muitos davam risada de mim, mas, depois de 3 anos, começaram a ver que era possível porque nós nos classificamos para uma *Champions League*. Aí, as coisas tomaram outro rumo dentro do próprio Bayer Leverkusen.

O jogador brasileiro, ele é sempre muito mais cobrado do que os outros. Por causa da sua parte técnica, da sua qualidade. Ele tem que ser diferenciado. Tanto é que éramos só em 5 na Bundesliga. Nós tínhamos que ser jogadores âncoras das equipes, né?! E, no Bayer Leverkusen, eles contavam muito comigo! Quando eu não ia bem, aí já vinha a pressão, as cobranças... Isso é normal em qualquer equipe. Como já falei, chegou uma época no Corinthians que começaram a me cobrar também.

O alemão, ele é muito certo... Um pouco depois de chegarmos na Alemanha, nós fomos na casa de um alemão. Só que nem a pessoa que nos levou nem nós tínhamos comunicado antes. Chegamos na hora do almoço. Os alemães continuaram almoçando, e nós ficamos esperando na sala. Se fosse no Brasil, nós teríamos convidado para almoçar junto. É a cultura deles. Se você não é convidado, não pode chegar de surpresa na casa do alemão. Você precisa comunicar antes... Uma das coisas que eu aprendi muito é ser pontual. O alemão é muito rígido nessa questão de pontualidade com horários. Ele gosta das coisas certinhas.

Eu lembro que, quando estava no Roma, veio a proposta do Bayern de Munique. Eles foram na minha casa na Itália, e eu dei a mão pro Uli Hoeneß e pro Rummenigge acertando o contrato. Alguns dias depois, chegou o Borussia Dortmund com uma proposta duas, três vezes

maior que a do Bayern. Não tinha nada escrito, mas eu tinha dado a minha palavra. E isso é uma cultura alemã!

Hoje, dá pra você fazer isso na Alemanha. No Brasil, não dá! Aqui, se você der a mão e pintar outro negócio, o atleta sai fora, vai para outro time. Isso é uma das coisas que eu gosto muito da Alemanha! Estou sempre indo pra lá. Só neste ano de 2011, já fui 7 vezes para a Europa. Tenho relacionamento e estou trazendo empresas que querem investir no Brasil, por conta da Copa do Mundo e das Olimpíadas. São pessoas que veem em mim seriedade. Então, tudo isso foi conquistado com muito trabalho.

Na Itália, foi muito mais fácil pra nós! Lá já tem um pouco de Brasil, um pouco mais de bagunça, correria... Para quem viveu na Alemanha, depois pegar uma Itália é molezinha. Logicamente, o campeonato italiano é um campeonato duro, forte, principalmente naquela época com jogadores importantíssimos, mas, em relação de sobrevivência, foi muito mais fácil a nossa adaptação. Tanto é que, quando nós recebemos a proposta do Bayern, a minha esposa falou:

— Sair agora? Agora que nós estamos bem aqui e tal...

Só que, pra nós, foi uma coisa bem melhor. Então, optamos por sair.

*

Rapaz, o Viola cresceu comigo no Corinthians. Eu lembro que, quando ele foi pra Espanha, falou que comeu bolacha. Pô! A Espanha é um dos melhores lugares do mundo em culinária, e ele falar que comeu bolacha? Tinha que bater nele! Vendo aquela entrevista, queria bater nele... Em todos os países que eu já fui até hoje, encontrei de tudo para comer. Logicamente, tem países asiáticos que já é mais difícil a refeição. Mas, na Alemanha, você tem arroz, carne, frango. Você encontra de tudo! Alimentação não foi um problema pra mim.

O povo brasileiro, o calor humano era o que eu mais sentia falta do Brasil... A temperatura, ainda mais quando nós falamos de Alemanha, onde o frio dura 8, 9 meses. Aqui, são 9, 10, 11 meses de calor. Então, nós sentíamos bastante falta disso. Muita falta! A gente compensava isso vindo duas vezes pro Brasil por ano. Ficando aqui 5, 10 dias, já era ótimo para recarregar as baterias e voltar pra lá. Nas férias, eu sempre vinha pra cá e ficava por aqui.

Desde quando fui pra Europa, eu tinha na cabeça que, quando terminasse a carreira, voltaria ao Brasil... Ahhh, no estrangeiro, você é sempre estrangeiro. Por mais que as pessoas

possam te abraçar e tal, você é estrangeiro. E é muito difícil! Logicamente, tem atletas que conseguem permanecer lá. Mas eu já tinha como foco voltar pro Brasil, ficar por aqui...

Pra te dizer a verdade, nunca ninguém me fez essa pergunta: o que significa ser brasileiro? Eu não sei... Ah, nasci num país que é bem aberto, que sempre tratou as pessoas bem, num país de várias culturas... Eu não sei o que é ser brasileiro!... Ser patriota? Brasileiro não é patriota. É muito difícil. Creio que os americanos são o único povo que é muito patriota, né?! Ou os cubanos ou alguma coisa nesse sentido aí.

*

Um dos momentos mais difíceis que enfrentei foi aquele que eu falei pra você dentro do vestiário do Bayer Leverkusen, no meu terceiro mês na Alemanha... Teve uma outra época por lá – acho que foi a temporada 96-97 –, que quase nós caímos para a segunda divisão. No último jogo, nós conseguimos um empate. Eu creio que, desde quando passei a jogar futebol profissionalmente, esse foi um dos momentos mais difíceis na minha carreira. Lembro que os funcionários do clube vinham apreensivos até mim para falar:

— Paulo, não pode cair... Senão, nós vamos perder o emprego.

Então, não estava em jogo só a minha vida, mas a de outras pessoas também... Depois, eu lembro que, quando nós conseguimos o resultado positivo, os torcedores entraram em campo, me levantaaram... Foi um momento muito legal!

No próprio Novorizontino, também tive um momento muito difícil. O meu primeiro semestre foi horrível, não joguei bem. Fui muito mal! Isso foi em 90. O Nelsinho Baptista veio até conversar comigo:

— Pô, o que você quer?... Ó, se você quiser ser só mais um atleta, eu vou te mandar embora. Porque ou você se dedica e foca na sua profissão ou vai acontecer isso aí. Poxa, você tem um baita de um potencial! – e seguiu falando.

Ele veio me dar essa bronca para que eu colocasse os pés no chão, porque gostava muito de noiiiite, mulheraaaada e tal... Isso na não combina com o atleta. E foi onde o Nelsinho me ajudou bastante! Não só ele, mas também a religião e, principalmente, Jesus me ajudou muito a mudar o meu comportamento, a mudar minha visão. Então, foi isso que me impulsionou pra ter êxito na carreira, porque, senão, eu tenho certeza que não estaria onde estou hoje, não teria ganho o que ganhei hoje em todas as áreas.

Na realidade, eu sou evangélico. Quando cheguei na Alemanha, nós conhecemos alguns brasileiros que moravam lá em Leverkusen e fazíamos algumas reuniões dentro da minha casa. Inclusive, alguns jogadores participavam, como o Dirk Heinen, que era o nosso goleiro na época, o Heiko Herrlich...

O Jorginho, que jogava no Bayern nessa época, vivia em Munique e fazia reuniões na casa dele também. Até teve uma ocasião, quando fui jogar lá, que eu fiquei na sua residência e participei. Em todos os lugares que fui, fazia cultos evangélicos na minha casa. Depois, o Jorginho foi jogar no Japão e deixou um grupo lá em Munique. Nessa época, eu estava em Roma, mas, quando voltei à Alemanha, para jogar no Bayern, comecei a participar desse grupo. Aí, nós demos sequência nesse projeto. Na época, tinham de 20 a 30 pessoas; hoje, nós já temos uma Igreja lá em Munique com mais de 500.

Eu não era pastor. Sempre tinham os pastores adequados que ministravam esses cultos e traziam uma palavra. O que eu mais fazia era dar o meu testemunho, falar das minhas experiências, daquilo que Deus havia feito na minha vida... Enquanto fui atleta, o meu foco sempre foi o futebol. Nunca deixei nada atrapalhar isso! Tinha de dar o máximo porque as cobranças eram grandes.

Sem dúvida nenhuma, Jesus Cristo me ajudou muito nessa minha adaptação na Alemanha, principalmente através da Bíblia, dos conselhos... Outro ponto fundamental também foi a minha família. Uma das coisas que nós sempre colocamos é: aonde vai um, vai todo mundo. A minha esposa e os meus filhos sempre estiveram do meu lado e me apoiaram. Quando os meus pais não iam pra lá, os pais da minha esposa passavam um tempo conosco. Isso foi muito importante também para nos ajudar a permanecer lá fora. Afinal, era uma época que não dava pra você ficar ligando toda hora pro Brasil porque era muito caro. Nós tínhamos que economizar ao máximo, mas, sempre que possível, levávamos os nossos familiares.

Nos bairros onde eu morava nunca tinham outros brasileiros. Esses que participavam dos nossos cultos vinham de fora, de outros lugares. Ainda mais em Leverkusen, onde tinham pouquíssimos! Sou de uma época que poucos brasileiros viviam na Europa. Hoje, há muitos, né?! Mas, quando eles sabiam que nós estávamos lá e fazíamos os cultos, aí vinham até nós... Já o alemão sempre foi muito fechado. Ele se resguardava bastante e não era muito aberto, não. No bairro onde morávamos, cada um tinha a sua privacidade e a gente se relacionava muito pouco. Também me encontrava pouco com os outros quatro brasileiros que jogavam na Bundesliga. Mais por causa das cidades, que eram longe uma da outra.

Nos momentos de lazer, eu e a minha família íamos pra Leverkusen, pra Colônia... Quando vinham parentes, viajávamos um pouco mais, pra Holanda, Bélgica e tal. Bruxelas, por exemplo. Como não tinha praia por lá, íamos para conhecer a cidade: alguma igreja, as praças, o centro... Ou, então, uma arquitetura bonita, mas sempre no sentido de ser algo histórico. Lá, é tudo muito diferente daqui... Só que o tempo era muito curto! Era um jogo atrás do outro. Sempre que possível, a gente passeava um pouquinho...

Um dos períodos também ruins pra mim lá fora foi nos Emirados Árabes. Foi muito difícil!... Era um amadorismo muito grande, sobretudo pra quem viveu e jogou anos na Alemanha. Por outro lado, foi um período de um aprendizado muito bom com uma outra cultura. É uma cultura muito rígida na religião. Isso era trazido para o futebol profissional também. Por exemplo: eles paravam o aquecimento no meio porque tinham que rezar. Depois que terminavam a reza, nós aquecíamos de novo e íamos para o jogo... Foi uma experiência muito boa!

A minha família foi junto comigo pra lá. Nos Emirados Árabes, eu tinha um contrato de 2 anos, mas só fiquei 6 meses. De lá, voltei direto pro Brasil, embora eu tenha recebido algumas propostas para voltar pra Alemanha. Só que não queria mais estar viajando, voltando pra lá... Aí, nós optamos por ficar no Brasil. Nós sempre tratamos as coisas em conjunto: eu, a minha esposa e os meus filhos. Quando se trata em conjunto, é muito mais fácil.

Nessa época, os meus filhos já estavam crescidos. O Felipe estava com 10, 11 anos quando nós voltamos pro Brasil. Ele já sabia bem o que era bom e o que não era bom. Eu me lembro que, quando nós voltamos dos Emirados Árabes, ele mandou um SMS: “Pô, graças a Deus, pai, nós tamos indo embora!”. Então, pra eles, também foi um período muito difícil.

Pra mim e pra minha esposa, o mais importante era eles se adaptarem nesses países. E eles se adaptaram muito bem. Hoje, o Felipe fala quatro línguas, já a minha filha fala inglês e também tem facilidade para aprender. Isso é uma coisa que não tem dinheiro no mundo que pague. Então, por um bom tempo, a gente optou por ficar lá fora para que eles tivessem contato com culturas diferentes da nossa. Pra eles, foi muito bom esse período. Eu e a minha esposa sabíamos que, no tempo certo, eles iriam aprender tudo com relação ao Brasil.

Nessa volta, te digo que estou me readaptando até hoje porque no Brasil é complicado... É um país onde tudo é mais caro. Na política, quando você quer acertar as coisas, as pessoas complicam tudo. Nessa área de *business*, as coisas são muito mais burocráticas. Aqui, as coisas demoram muito mais tempo para acontecer do que imaginava, sendo que na Alemanha as coisas acontecem de maneira muito mais rápida, são muito mais

fáceis, mais cla-ras! No Brasil, já é tudo muito mais difícil... Viver aqui é bom? É bom, mas, pra quem mora em São Paulo e nessas grandes cidades, não é barato. Então, tudo isso é uma questão de adaptação.

Na Federação Paulista, não foi diferente porque tudo aqui no Brasil é aliado à política. Você tem que ter muito equilíbrio em tudo o que vai fazer, em tudo o que vai falar também. Muitas vezes, é melhor você escutar mais do que falar. Tudo isso eu tenho aprendido e é muito bom...

Enquanto eu estava lá na Federação, o presidente Marco Pólo falou pra mim da oportunidade de ser técnico da Red Bull. Até então, podia optar por estar como treinador ou gerente de futebol. Aí, optei por ser treinador. Foi uma experiência muito boa, mas foi quando vi que sou uma pessoa que viaja muito e que tem feito durante todos esses anos muito relacionamento. E eu não consigo ficar parado num lugar só, em função de precisar ir a outros lugares para ter esse contato com as pessoas, abrir negócios, estar em eventos...

Até hoje, eu participo de muitos eventos. Na Alemanha, por exemplo, tenho o máster do Bayern de Munique e sempre vou pra lá. Quer dizer, foi muito difícil pra mim porque tive de me abdicar de tudo isso. Porque treinador de futebol tem que ficar 24 horas focado naquilo! Não tem como ser diferente. Por isso que, depois de um tempo, vi que ser treinador não era pra mim. Hoje, eu sei disso... Já como gestor, tenho flexibilidade de tempo, faço os meus horários, posso participar de vários eventos... Aí, fica muito mais fácil.

Sinto falta da Alemanha também. Eu falo que lá é a minha segunda casa. Não à toa, eu procuro estar sempre lá. Sempre que vou, dou uma recarregada nas baterias... Como frisei pra você, esse meu sentimento é pelo fato de ter recebido o convite para ser *scout* do Bayern de Munique depois que parei de jogar, por ter um bom relacionamento com o pessoal de lá, por jogar no máster... Tem o pessoal da Igreja em Munique também. Além disso, nós ajudamos o projeto social *Star for Kids*. Então, tudo isso daí faz com que eu esteja lá naquela região com frequência... Nós estamos, agora, trazendo alguns produtos da Áustria. Quer dizer, é mais um motivo para estar mais perto da Alemanha.

*

Eu tenho uma tese sobre racismo: o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa enfrenta-se no Brasil também. Vou te dar um exemplo: se você entra em uma loja com um Fusquinha, é tratado de uma forma; se você entra com uma BMW, é tratado de outra. No

Brasil, é a mesma coisa... Na Europa, ainda mais na Alemanha, o único preconceito que eu tive, assim, foi quando nós fomos jogar em Dresden, e a torcida fazia um som de macaco:

— Uh, uh, uh, uh, uh!

Isso era para me provocar. Da mesma forma que aconteceu comigo, depois vi acontecer com o Oliver Kahn, que é alemão, mas era chamado de “macaco branco”. Só que isso daí não me abalava em nada! Não me abalava em nada e, quando acontecia, eu queria mostrar pra eles o meu potencial. E isso não aconteceu várias vezes, aconteceu uma vez ou outra. Depois disso, as pessoas começaram a me respeitar. Eu falo que, até hoje, as portas estão abertas pra mim.

Depois tive uma outra experiência na Roma. Quando nós chegamos lá, eu e o Cafu, estava escrito assim no muro da Trigoria: “*Fuori Cafu! Fuori Paulo Sérgio! La Roma è solo di bianco.*”... Nós nos assustamos, né?! Aí, os torcedores da Roma vieram falar:

— Isso aqui não é de torcedor da Roma. É de torcedor da Lazio.

Depois, nós vimos mesmo que era de torcedores da Lazio porque os torcedores da Roma sempre nos apoiaram. Fui uma pessoa muito querida em Roma! Até hoje, sou muito querido. Tive um evento agora há pouco tempo e encontrei alguns italianos. Eles me abraçaram, ficaram muito alegres com a minha presença. Então, esses momentos extracampo, eu tive poucos. Logicamente, esse mesmo preconceito que você vê no Brasil você vê lá também. Não é uma coisa, assim, absurda, pelo menos nesses países que eu fui. É claro que tem outros atletas que podem ter passado por outras experiências.

Enfim, são coisas que nunca me abalaram. Eu sempre superava com a minha parte técnica e tática dentro de campo e mostrava para as pessoas que estava ali para conquistar o meu espaço. Se fosse me abalar por causa dessa questão de racismo, não estaria onde eu estou hoje, não teria o que eu tenho hoje... Fui o primeiro negro dentro da Federação Paulista de Futebol a estar como presidente interino. Então, eu tenho rompido algumas barreiras, alguns paradigmas até mesmo no nosso próprio país! Não é?! Isso é muito bom.

Não estou dizendo isso porque ouvi algum comentário na época em que estava na Federação, mas a gente sente, a gente sente... Infelizmente, em todos os lugares, você sente a inveja e o ciúme. Eu tenho uma tese quanto a essa questão: a pessoa invejosa não quer ter aquilo que você tem, mas estar onde você está, ou seja, ela quer ocupar o seu espaço, roubar aquilo que é seu. E, quando é dessa forma, nós temos de lutar cada vez mais para permanecer no local onde nós estamos.

O mais importante é que, independente da cor, você sabe da sua qualidade, do seu potencial. Eu já andei na Argentina, onde pessoas ficavam olhando pra mim por ser negro e por estar bem vestido. Quer dizer, essa questão de racismo não é só na Europa, mas é em todo mundo... Nós ficamos tristes com tudo isso! Tristes com tudo isso... Mas você não pode deixar de viver, de sobreviver por causa dessas coisas. Precisa focar nos seus objetivos e ir até o final, independente do que as pessoas vão falar ou até pensar. Tem que continuar focado porque só assim vai conquistá-los. Senão, vai fazer o que as pessoas querem, que você desista. Então, diante de todas as adversidades, continuei focado no meu objetivo.

Agora, eu não acho que o racismo na Europa é maior hoje do que na época em que fui pra lá. A mídia cresceu bastante e a divulgação desses casos, mais ainda. Sou de uma época que o futebol alemão aparecia de vez em quando na TV Cultura. Muitos não viam o campeonato nem conseguiam acompanhá-lo. Hoje, se você quiser qualquer informação do futebol alemão, do futebol russo e de tantos outros países – mesmo do mundo árabe –, você consegue em segundos. Quer dizer, tudo que acontece de negativo chega muito mais rápido até as pessoas. O crescimento da mídia permitiu isso.

*

A Seleção Brasileira de 94 foi muito criticada por todos. Muitos não davam nada para aquela Seleção... Nós chegamos focados lá na Copa do Mundo. Somos de uma época que não tinha *notebook* pra todo mundo, e tinha essa questão da dificuldade de comunicação. Isso foi muito bom porque nós, atletas e comissão técnica, conversávamos bastante, e isso fez com que pudéssemos chegar à conquista do título. Título que era tão esperado por todo brasileiro e que fazia 24 anos que o “país do futebol” não conquistava. Estava engasgado, né?! Mesmo desacreditados, nessa Seleção nós conquistamos. Tiveram seleções importantes? Tiveram, mas quem conquistou foi a nossa... Pra mim, esse foi mais um momento importantíssimo! Quando me convocaram, todos falaram:

— Pô! Por que o Paulo Sérgio?

Porque muitos não estavam vendo como eu estava na Alemanha. Mas o Parreira estava acompanhando. Então, foi uma Copa do Mundo de muita oposição, muita oposição... No final, todos tiveram que aplaudir.

Voltando da Copa, quando cheguei no Bayer Leverkusen, todos me parabenizaram. Fui homenageado! Pra eles, era motivo de muita honra, de muito orgulho. Porque fazia parte daquele grupo, daquela família em Leverkusen. Todos me acolheram com muita alegria.

Logicamente, depois disso, tive muita expectativa de continuar na Seleção e participar da Copa de 98. Tanto é que eu estava muito bem na Europa, e muitos treinadores não entendiam por que não havia sido convocado. Mas aí... são coisas políticas que acontecem, preferências de treinadores que optaram por outros jogadores... Só que isso daí também não me abalou em nada, não fez com que deixasse de fazer nada.

*

Olhando pra trás, pra minha carreira como um todo, posso dizer que conquistei todos os títulos que um atleta pode almejar. As portas se abriram, e elas estão abertas. Costumo dizer que foram anos para construir um nome. Se você falhar, em 5 segundos consegue destruir tudo isso. Então, é sempre bom você manter a mesma postura. Onde muitos não conquistaram, eu conquistei. Dentro da minha área profissional, fui um atleta realizado.

Eu penso que a honestidade é sempre fundamental. Fazer as coisas certas, não querer atrapalhar as outras pessoas... Deus tem dado tantas oportunidades para as pessoas, e elas não têm agarrado. É nas dificuldades que as oportunidades aparecem. Quer dizer, se nós pensarmos dessa forma – que cada um tem o seu espaço –, basta você lutar pelo seu e pelas suas conquistas. Você pode conquistar na medida em que busca. Na Alemanha, vivi um momento de muita luta no início, mas foi uma oportunidade que eu agarrei... Se tivesse deixado passar, poderia não ocorrer novamente. Nessa dificuldade, apareceu essa oportunidade e eu fui vencedor. Talvez, mudaria uma coisa ou outra, alguns comportamentos – o que é normal no ser humano –, mas faria tudo de novo na minha vida.

Aprendi bastante com a minha ida à Europa. Pra mim, foi uma escola, onde Deus me presenteou com tudo isso... Conquistei um espaço num país muito difícil. As oportunidades apareceram e eu consegui agarrá-las. Posso dizer que, dentro de tudo que eu fiz, Deus me honrou... A única coisa que gostaria de dizer ainda é que eu agradeço muito a Deus porque Ele foi a pessoa que me ajudou em todos os meus momentos, de fraqueza, de alegria. Sempre estive perto de mim. Se não fosse Ele, eu não conseguiria superar as adversidades.

Costumo dizer que o meu futuro pertence a Deus. Não faço planos para o futuro, não... Vivo o dia a dia. É lógico que, nos negócios, você tem os seus objetivos, as suas metas, mas

não costumo fazer planos porque, durante todos esses anos, as coisas sempre mudaram: uma vez eu estava *scout*, depois estava nessa área de *business*, depois Federação, faculdade e hoje estou aqui com esse complexo esportivo e com a *Welt*. Então, as coisas foram mudando, e eu não posso dizer: “Pô, vou focar nisso aqui.”. Não dá! Não dá mesmo.

2.3 DJALMINHA

Figura 24 - Djalminha com a camisa do Deportivo La Coruña. Fonte: *Blog Além do Placar*.

Nome	Djalma Feitosa Dias (<i>Djalminha</i>)
Data e local de nascimento	9 dez. 1970 (44 anos) Santos/SP
Clubes	Flamengo (1988-1993) Guarani (1993-1994) Shimizu S-Pulse/JAP (1994) Palmeiras (1995-1997) Deportivo La Coruña/ESP (1997-2002) Áustria Viena/AUT (2002-2003) América/MEX (2004)
Seleção Brasileira	1996-2002

Djalminha foi o segundo jogador, sendo o primeiro negro, que entrevistamos para o projeto “Memórias de Boleiros”. Na época, o material de gravação comprado pelo Ludens/USP estava retido na alfândega devido à greve dos fiscais da Receita Federal, o que atrasava o desenvolvimento do projeto, uma vez que a gravação em alta resolução era uma exigência do Museu do Futebol. Há meses nessa situação, Sérgio Giglio e eu aproveitamos

que passaríamos uma semana no Rio de Janeiro, dada a participação no XI Encontro Nacional de História Oral, sediado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, para contatar o Djalminha e tentar uma entrevista, mesmo utilizando uma câmera amadora.

A partir de uma lista de contatos obtida pelo Sérgio Giglio, telefonei para o celular do Djalminha. Na segunda tentativa, no final da tarde da segunda-feira daquela semana, consegui falar pessoalmente com ele. Desconfiado, como todos ex-atletas nesse primeiro contato, ele esperou eu me apresentar e dizer do que se tratava para confirmar que era ele mesmo do outro lado da linha. De modo resumido, tornei a falar sobre a pesquisa coletiva da USP em parceria com o Museu do Futebol, valorizei a sua experiência no exterior e a importância do seu relato, e perguntei se ele teria disponibilidade de nos conceder uma entrevista até sexta-feira, quando voltaríamos para São Paulo depois de terminado o referido evento acadêmico. Ele disse para retornar a ligação na quarta-feira, depois do almoço. Somente na terceira tentativa, já no início da noite, quando estava sem esperanças, ele atendeu e, objetivamente, marcou a entrevista para o dia seguinte, 12 de julho de 2012, às 14h00, em seu escritório de Showbol, em um imponente edifício na Barra da Tijuca.

Chegamos antes do horário e ele já estava a nossa espera. Como um homem de negócios, embora vestido de camiseta e calça *jeans*, concedeu a entrevista em seu escritório, em uma sala reservada, sentado em sua cadeira o tempo todo, e o Sérgio Giglio e eu do outro lado da mesa. Atrás dele, um enorme quadro de uma partida do Campeonato Carioca, ou Brasileiro, de Showbol, organizado por ele, entre Flamengo e Botafogo, no ginásio do Maracanãzinho, completamente lotado. Atencioso, Djalminha concedeu a entrevista por mais de duas horas e deixou de atender alguns telefonemas, interrompendo uma única vez. Apesar de estarmos filmando, em nenhum momento abaixou a tela de seu *notebook* e não quis ao final assinar o termo de cessão de direitos sobre o vídeo gravado, sem saber como a sua imagem seria usada e divulgada publicamente. Sobre o áudio que viraria texto para fins acadêmicos, não se opôs.

Ter visto o exemplo do pai, Djalma Dias, jogador de futebol nas décadas de 1960 e 1970, dentro de casa foi fundamental Djalminha. Não apenas para “levar a sério” a profissão, conforme narrou, mas principalmente para saber negociar contratos e buscar uma atividade assim que terminou a carreira. A ida para um clube pequeno do futebol espanhol enquanto “objetivo financeiro” custou-lhe espaço na Seleção Brasileira e a tão desejada oportunidade de fazer parte de um grupo de Copa do Mundo. Acerca das experiências no estrangeiro, destacam-se a descrição do Deportivo La Coruña como “Torre de Babel”, a fácil “adaptação”

à Espanha e as dificuldades enfrentadas na Áustria. Quanto ao racismo no futebol, propõe uma distinção entre aquele que é cometido por um jogador, fruto de um “momento de briga”, quando o encara como uma “provocação”, e aquele dos torcedores e cidadãos comuns, visto como “um ranço que vem de geração em geração”. Ainda nesse tocante, Djalminha admite que o fato de “ter sido um jogador famoso” faz com que as pessoas não demonstrem preconceito.

“Eu sempre levei a minha vida, mais ou menos, como na música do Zeca Pagodinho: ‘Deixa a vida me levar...’. Se fosse programar tudo, seria como aconteceu.”

Meu nome é Djalma Feitosa Dias, sou conhecido por Djalminha. Eu nasci em 9 de dezembro de 1970, na cidade de Santos, em função de o meu pai, Djalma Dias, ter sido jogador de futebol e estar na época no time do Santos. Apesar de nascer em Santos, levei minha vida toda praticamente aqui no Rio de Janeiro. **Fui criado no meio do futebol e desde pequeno essa sempre foi a minha paixão.** Comecei cedo a minha carreira, aos 10 anos jogava no futebol de salão. Desde moleque já levava o futebol muito a sério. Não tinha com essa idade, é lógico, a pretensão de ser jogador de futebol profissional. Não tinha essa certeza, mas era o que eu gostava de fazer.

Dentro de casa, meu pai, na verdade, não apoiava muito no início. Apesar de ter sido jogador, era muito preocupado com os estudos, que vinham em primeiro lugar, por isso me cobrava muito. Eu sempre soube conciliar e, como ia bem no colégio, não tive problema para que pudesse jogar. Depois, mais velho, com uns 15, 16 anos, aí sim meu pai começou a apoiar um pouco mais. Até porque, embora eu não fosse profissional, já estava bem encaminhado.

Desde moleque sempre tive a sorte de estar me destacando. Ao mesmo tempo ele me apoiava e me cobrava muito. Por ter sido jogador, ele sempre achava que poderia fazer mais. Às vezes eu jogava bem, fazia gol, mas ele dizia:

— Não, mas podia ter feito outro...

Então, sempre tive essa cobrança por parte dele. No futuro, depois de amadurecer, que eu fui perceber como essa cobrança foi muito importante para a minha carreira, porque era para eu não me acomodar... Depois me tornei profissional, segui a minha carreira, rodei um pouco pelo mundo e terminei jogando fora. Acabei nem jogando no Brasil mais...

Eu comecei no futebol de salão. Jogava pelada na rua com os amigos, aí um cara me viu jogando e me chamou pra jogar no São Cristóvão. Na época, eu morava ali perto e joguei dois anos de futebol de salão – naquele tempo era futebol de salão, ainda não era futsal – no São Cristóvão. Depois joguei um ano no Grajaú Country e outro ano no Bradesco. Do Bradesco, eu saí para o futebol de campo e fui para o Flamengo. E foi no Flamengo que eu me formei como jogador de futebol. É uma escola muito boa, **agradeço muito ao Flamengo pela base que me deu não só em termos de futebol como jogador, mas como homem, como pessoa também.** Ter me formado ali me ajudou muito.

A nossa equipe foi muito vencedora dentro do Flamengo, não só nas categorias de base, onde nós praticamente ganhamos todos os campeonatos que disputamos. Aliás, o que é muito difícil de acontecer hoje no futebol é que quase todos daquele grupo subiram para o profissional. E, no profissional, nós conseguimos, logo no início da carreira, títulos também: o Campeonato Carioca de 1991, a Copa do Brasil de 1990 e o Campeonato Brasileiro de 1992. Então, essa geração, realmente, fez história lá dentro do Flamengo. Nosso objetivo era, inclusive, ser mais ou menos como aquela geração do Zico, do Adílio, do Júnior, que marcou uma época no clube. Só que, infelizmente, o Flamengo não segurou esses jogadores e cada um foi seguir a carreira em outros lugares, até com mais sucesso em outros lugares.

Em 93, eu saí do Flamengo. Na verdade, eu tive um problema com o Renato Gaúcho e acabou culminando com a minha saída do Flamengo. Pensando, seria um “retrocesso” eu sair do Flamengo para o Guarani, mas foi, realmente, onde a minha carreira despontou. No Guarani, só tive alegrias, mesmo. No primeiro ano que cheguei, disputei o Campeonato Brasileiro, nós fizemos uma bela campanha e eu já ganhei a Bola de Prata. No outro ano, já fiz, se não me engano, 18 gols no Campeonato Paulista e fui vendido para o Japão. Fiquei lá seis meses e retornei para o Guarani. Tinha propostas de um monte de clubes, mas voltei para o Guarani. Fiquei mais de dez meses e depois fui vendido de novo para o Palmeiras. **Campinas e o Guarani, principalmente, foram, assim, bastante marcantes na minha história, porque, profissionalmente, foi onde eu estourei mesmo.** No Flamengo, eu sempre fui tido como uma promessa, que poderia ser alguma coisa, mas realmente consegui ser no Guarani.

Eu estava contente no Guarani, tinha acabado de renovar o meu contrato. O presidente na época era o Beto Zini. Ele me chamou e falou que tinha uma proposta do Japão muito boa financeiramente para o clube e para mim também. Perguntou se eu queria ir e disse que o Guarani não se oporia a nada. Como, realmente, era uma proposta muito boa para ambas as partes, eu decidi ir... O Campeonato Brasileiro estava no início, e eu tinha começado jogando muito bem. Eu lembro que já no primeiro jogo nós ganhamos de 2 a 0 do Cruzeiro, e eu fiz os dois gols. No segundo jogo, eu fiz outro gol... São aquelas coisas do futebol: acabou que eu fui embora, e o Amoroso assumiu o posto no time e foi o melhor jogador do campeonato. O Guarani fez uma bela campanha, chegando perto de ser campeão.

Mesmo do Japão, eu procurava sempre estar por dentro de tudo, acompanhando o futebol brasileiro. Assim, eu acho que foi ótimo, porque pra mim foi bom em termos financeiros e de experiência... Eu tive a sorte, também, de o pessoal lá do Japão ter feito um

contrato comigo só de seis meses. Porque eu não fui emprestado, eles me compraram e fizeram um contrato de seis meses. Eu estranhei, mas assinei assim mesmo. No mínimo, eu pensei que ficaria dois, três anos no Japão.

Quando acabou o contrato, eu realmente não queria mais ficar no Japão. Fiz uma proposta absurda, sabendo que eles não iriam aceitar. Eles não aceitaram, e eu voltei para o Brasil. Até porque foi muito mais pelo lado profissional nesse caso, uma vez que já tinha aproveitado aquele momento, aquela oportunidade financeiramente muito boa... Por circunstância da vida, desse contrato de seis meses, **pensei: “Eu tenho objetivos não só financeiros.”** Afinal, eu não tinha ido para a Seleção Brasileira, não tinha consolidado meu nome como um grande jogador no Brasil. E foi isso que fez com que eu voltasse para cá, e graças a Deus eu consegui atingir esses objetivos profissionais.

Na época em que fui para o Japão, eu tinha só o meu primeiro filho, a Júlia. Não tinha as facilidades que tem atualmente. Hoje a televisão brasileira está lá, o mundo é diferente, a comunicação, tudo é muito mais fácil. A adaptação foi difícil, mas eu fiquei seis meses, meia temporada apenas. Eu sabia que não queria ficar lá, tanto que, quando eu retornei para o Brasil, nem pra pegar a minha mudança eu voltei mais para o Japão. Fiquei aqui, não voltei mais lá, deixei tudo para trás...

Depois, aí sim, foi inevitável. A ida à Europa era um objetivo profissional e pessoal, e eu não me arrependo nem um pouco. Foram ótimos todos esses anos que eu fiquei fora! Tem os dois lados: o lado financeiro, que é ótimo, mas não só; e o lado pessoal também, eu evolui muito ao viver em outro país, conhecer outras culturas, conhecer as diferenças... Saber por informação dos outros é uma coisa, viver fora por conta própria é outra. Então, foi muito bom.

No meu time lá no Japão, o Shimizu S-Pulse, tinha outros brasileiros. Na mesma época, estavam jogando comigo o Ronaldão, o Toninho, que jogou na Portuguesa, irmão do Sonny Anderson, e o Sidmar, o goleiro. Ah e o Rivelino, que foi o principal motivo de eu ter ido, era o treinador da equipe e me levou. Então, **a presença de brasileiros facilitou muito porque eu estava sempre com eles, principalmente com o Rivelino,** com quem eu criei um laço de amizade grande, estava sempre na casa dele. Essa parte ajudou a adaptação, mas vivia com eles ali, não tive uma vida social assim... japonesa. Foi completamente diferente do que eu viveria na Espanha, que foi como se eu fosse um espanhol a mais.

Bom, depois do Japão, voltei para o Guarani e logo fui para o Palmeiras. Tive uma ascensão por se tratar de um clube que ganha mais títulos. E o Palmeiras formou, realmente, um time sensacional, que entrou para a história, que passou dos cem gols no Campeonato

Paulista de 1996. Isso tudo ajudou para que consolidasse o meu nome aqui no Brasil. **Aí eu achei que já tinha acabado o meu ciclo no Brasil, que já tinha feito tudo que tinha para fazer aqui e fui buscar outros objetivos fora...** E deu certo. Fui para o Deportivo La Coruña, que nunca tinha sido campeão espanhol.

Ajudou o fato de ter bons jogadores e brasileiros no La Coruña, muito bons jogadores por sinal. Esse, inclusive, foi um dos motivos que me levou também a ir para o La Coruña, uma vez que eu tinha proposta de outros clubes. E o La Coruña conseguiu alcançar o objetivo que a gente tanto queria: ser campeão espanhol, o único título espanhol da história do clube. Além disso, o seu nome foi colocado dentro do cenário europeu, porque antes, na verdade, era um clube historicamente com mais tempo de segunda divisão do que da primeira. Depois se tornou um clube que jogou por cinco anos seguidos a *Champions League* e entrou para a história – entrou para a história?! –, quer dizer, se tornou um time conhecido na Europa toda.

Na Espanha, o meu relacionamento já era... mais natural, com quem tinha mais afinidade. Com aqueles que eu construí uma amizade, eu continuo sempre mantendo o contato. Às vezes, por intermédio do showbol, consigo trazer uma seleção pra jogar aqui no Brasil e aí já ligo para eles... Há pouco tempo estive na Argentina e me encontrei com o Turu Flores, meu parceirão, que hoje é auxiliar técnico do Vélez Sarsfield. Já estive no Marrocos com o Naybet, meu amigo. Já fui para Portugal e vi o Élder... **Com os brasileiros eu também me dava bem, mas não era aquela coisa que eu ficava grudado só com eles, como era no Japão.**

Para a Espanha, eu já fui com a minha família. Na época, eu tinha dois filhos, ainda não tinha nascido o terceiro. A Júlia, minha filha, tinha nascido em São Paulo, o Diego, no Rio, e o Djalminha, o último, veio só para nascer no Brasil, mas a gente já estava morando na Espanha e eu, jogando no La Coruña.

Fora do clube, eu tinha amigos, como tenho até hoje. Levava uma vida social normal, como se estivesse no Brasil, como levo aqui no Rio de Janeiro. Convivia com os amigos de Coruña mesmo... Saía, por exemplo, com os pais dos amigos dos meus filhos de colégio. O Fran, do La Coruña, tinha um bar que eu frequentava muito, e o sócio dele é meu superamigo até hoje, inclusive já veio aqui no Brasil e ficou na minha casa várias vezes. Quando vou para Coruña, estou sempre com eles. Aliás, este ano eu ainda não fui, mas em todos os anos desde que eu parei eu vou para a Espanha.

Lá a gente tinha muito a cultura de sair, jantar com os amigos, conversar... O programa basicamente era esse. Na verdade, com os brasileiros eu até não saía muito, não ficava

convivendo o tempo todo, como foi no Japão. Eu realmente fiz amizade com alguns espanhóis, e de vez em quando saía com os jogadores brasileiros. Depois o Emerson, que jogou no Porto, no Middlesbrough e que joga hoje showbol comigo no Flamengo, foi jogar no La Coruña e era um cara com quem eu andava mais, era mais colado... Com o Mauro Silva, saía pouco e, com o Donato, um pouco menos. A gente se dava muito bem, estava sempre junto no trabalho, mas... cada um tinha a sua vida, como é aqui no Brasil, era bem natural. **A adaptação na Espanha é a coisa mais fácil do mundo. Para os brasileiros, é muito tranquilo.**

Eu aprendi o idioma espanhol lá. O que me ajudou muito foi esse convívio da rua mesmo, com os amigos espanhóis, porque aí se aprende outras coisas, se aprende realmente a falar o espanhol. Eu não tinha aquele convívio só de futebol, senão ficaria com um vocabulário restrito ao que se fala ali no meio do futebol e não aprenderia tanto. Com o convívio, aí fui escutando e falando a toda hora com os amigos e o meu espanhol foi embora... Tem jogador que quando vai para a Europa fica só com brasileiros e acaba falando mais o português do que o idioma local. No nosso caso, lá no La Coruña, até dentro do clube a gente se comunicava em espanhol para que todo mundo entendesse, evitando aquele tipo de comentário interno:

— Ah, eles estão falando alguma coisa diferente...

Então, a gente já procurava falar em espanhol entre nós mesmos. Mesmo assim, dentro do elenco, o relacionamento era complicado... O La Coruña era chamado de “A Torre de Babel”, tinha jogador de todo lugar do mundo! O que menos tinha no nosso time era espanhol. Hoje isso é normal nos times da Inglaterra, mas naquela época não era uma coisa tão comum, na Espanha principalmente... Se eu for lembrar agora de cada um que passou por lá, eu não consigo. Tinha marroquino, francês, português, nigeriano, camaronês, tcheco, russo, brasileiro...

Então, o convívio ali era meio conturbado. Não porque um não se dava com o outro, mas em função da diferença mesmo de cultura, porque cada um tinha um pensamento, uma opinião, uma maneira de ver o futebol. Por conta do idioma também, para um se comunicar com o outro. Com o espanhol até era fácil, mas o outro jogador falava outra língua, falava francês, árabe, russo... era complicado nesse sentido também. Assim, com o tempo, eu fui conhecendo cada um, me adaptando, e nós conseguimos atingir o nosso objetivo, de ser campeão espanhol. Era um grupo que, no final, se dava muito bem entre os jogadores.

Fato é que o Caso Bosman com certeza se refletiu muito no La Coruña, pois abriu realmente o mercado europeu. Tanto é que depois diminuíram o número de estrangeiros. Hoje cada clube pode ter dois se eu não me engano, mas na minha época podia ter quatro. Além dos estrangeiros, ainda tinham os comunitários... Aí tinha brasileiro que conseguia passaporte europeu. No final, eu mesmo depois de três anos lá consegui o passaporte espanhol. Jogadores de outros países também, como os africanos que conseguiram o passaporte francês...

Teve uma época que o clube chegou a ter seis estrangeiros, e desses seis só poderiam jogar quatro. Assim, da minha parte eu nunca tive a preocupação de ficar de fora porque era titular da equipe, mas com certeza para outros jogadores estrangeiros isso influenciava, sim. Tinham dois marroquinos: um era também titular indiscutível e o outro praticamente sempre sobrava. Sobrava também um tcheco, que era muito bom goleiro e que tinha feito uma excelente Eurocopa com a Seleção da Tchecoslováquia, mas no time, por opção, acabava ficando de fora porque tinha ainda o Flávio Conceição, o Luizão, o Rivaldo, tinha um argentino também, todos mais ou menos na mesma época. **Depois alguns saíram, porque não tinha vaga para todos os estrangeiros... Era uma situação complicada.**

Na Espanha, foi tudo muito fácil pra mim. A pior coisa que aconteceu no primeiro ano foi o time, que tinha sido terceiro ou quarto no campeonato anterior, ou seja, tinha feito uma boa campanha. Quando eu cheguei, foram feitas outras contratações, uma delas a do Luizão, e a tendência era o time crescer, melhorar. Aí, na véspera de começar o campeonato, o Barcelona comprou o Rivaldo, saiu um outro jogador também, e o time não foi bem nesse primeiro ano, principalmente nos primeiros seis meses. O time realmente foi muito mal, a gente estava quase na zona do rebaixamento...

Se eu fosse esmorecer naquele momento, de repente se fora de campo não estivesse legal, se a vida não estivesse boa, pensaria em voltar. Porque fui com a ilusão de ser campeão, e o time estava quase na zona do rebaixamento?!... Mas eu estava bem consciente do que queria, e nós brigamos, chegamos mal no campeonato, em décimo, mas o time deu uma subida boa. Já no segundo ano nós já fomos para quinto ou sexto lugar e conquistamos uma vaga para a Copa UEFA. Aí no terceiro ano o time foi crescendo e nós fomos campeões no La Coruña.

Fora de jogo, foi tudo ótimo... **O problema da comida é que não eu não tenho mais... Não tenho mais aqueles mariscos maravilhosos.** Na verdade, a coisa que eu mais sinto saudade é da comida porque não tem aqui. Não dá para ir a um restaurante aqui e pedir aquelas comidas que tem lá, ou melhor, que só dá lá: *percebes*, *cigalas*, mariscos

maravilhosos... Principalmente na Galícia, onde tem o melhor, não é nem na Espanha toda, não. Isso eu sinto falta. Então, **fora de campo não tive nenhum problema de adaptação, não**. Até porque tinha uns brasileiros lá, um pessoal que dava um respaldo, amigos de brasileiros que ajudaram também. Depois foram chegando outros brasileiros, e a gente foi fazendo amizade...

Tanto eu quanto a minha família não sentíamos falta de nada do Brasil, não. Até porque, apesar de a comida espanhola ser maravilhosa, tinha comida brasileira no dia a dia em casa: o arroz e, principalmente, o feijão. No almoço, sempre, tinha que ter arroz e feijão, porque era o hábito de toda a vida. Saía do treino e comia em casa, aí depois na janta comia um marisco ou outra comida espanhola. Até nesse ponto, o da comida brasileira, ficou fácil a adaptação.

E música brasileira também, é claro. O Isidro, meu amigo, tinha um bar lá em Coruña que eu coloquei muito as músicas brasileiras pra tocar, não só o samba. Introduzia as músicas boas de todos os estilos. Hoje em dia isso está em todo o mundo, tocando em tudo que é lugar, mas naquela época não. Da mesma forma, eu gostava da música espanhola e de alguns músicos em especial...

A Espanha é país ótimo e, para o brasileiro, muito fácil de se adaptar. O idioma, mesmo não sabendo falar espanhol no início, foi fácil de entender, deu para pegar rápido. Então, se eu for falar de verdade, coisas negativas não teve. Só positivas, em todos os sentidos! O meu filho menor nem tanto, mas os dois mais velhos falam espanhol fluentemente, foram educados nesse idioma. Depois quando eu joguei na Áustria, eles estudaram em colégio de língua inglesa, e hoje falam, portanto, inglês, espanhol e português. **Por isso que em todos os sentidos foi positivo, foi uma experiência válida. Válida, assim, não só pela parte profissional, de jogar na Europa, e financeira, mas pela parte cultural da vida acrescentou muito também.**

Depois de cinco anos no La Coruña, eu fui para a **Áustria**, onde joguei por um ano no Áustria de Viena. Eu pensei que iria ficar, mas na verdade fui emprestado com a opção de dois anos mais, que eram justamente os dois anos restantes que eu tinha de contrato com o La Coruña. **Assim, não é que eu não me adaptei.** No início estava bom, legal, eu adorei o país, gostei muito de Viena, tanto que voltei lá depois sem jogar. **Mas o nível do futebol era fraco, apesar de a gente ter sido campeão disparado.** Eu achava que ainda estava em condições de jogar em grande nível e preferi voltar para o La Coruña.

E não me arrependi, até porque, apesar de eu já não ter jogado tanto quanto gostaria, joguei bastante e foi o ano em que a gente chegou à semifinal da *Champions League*... Faltou pouco. A gente empatou fora de casa com o Porto e acabou perdendo em casa. O Porto, também, tinha uma excelente equipe, com Deco inclusive, tanto é que foi campeão europeu. Então, voltei, fiquei um ano no La Coruña e pensei: “Ah, já deu, não consegui esse objetivo...”, que seria o máximo chegar a uma final de *Champions League*.

Aí eu fui para o México e joguei seis meses no América. Fiz um contrato de um ano, mas fiquei só seis meses e decidi terminar a carreira. Eu tinha 33 anos quando parei de jogar futebol, iria completar 34 em dezembro daquele ano de 2004... **Assim, tive umas contusões, mas eu comecei a ficar muito chato, reclamando de tudo. O treino estava incomodando, a concentração estava incomodando, tudo estava incomodando. Aí pensei: “Não, é hora de parar. Acho que sou eu que estou já saturado disso tudo.”. E decidi parar...**

Na verdade, para o Áustria de Viena, eu só fui por conta da proposta financeira. E eu tinha a possibilidade de sair do La Coruña porque eu tinha tido um problema com o treinador, então tinha esse argumento com o meu presidente, na época o Lendoiro. Ele não queria me liberar, mas eu forcei a barra porque, financeiramente, foi muuuito bom. Pensei: “Ah, já tenho 31 anos e apareceu uma proposta dessas?! Eu não vou recusar, vou tentar a liberação.”. Se eu estivesse jogando no La Coruña, se não tivesse tido problema com o treinador, primeiro que eu não seria liberado pelo presidente, e segundo que eu também, de repente, não iria querer sair. Tentei com o presidente, o pressionei um pouco, e ele deixou, me liberou um ano. O motivo foi esse.

Depois, quando eu saí do La Coruña e voltei para o Brasil, estava aqui bem tranquilo. Se tivesse que parar ou se aparecesse uma proposta boa, tudo bem. E apareceu essa proposta do América do México e eu pensei: “Ah, prefiro ir jogar no México.”. Na época, o Brasil não estava como hoje, principalmente em termos de organização e de finanças, os clubes não contratavam... Eu preferia jogar fora do Brasil ou ficar no Rio, na minha casa. Para jogar em São Paulo, onde os clubes são até hoje um pouco mais organizados, eu já não queria ir de novo. No Rio de Janeiro, todos os clubes realmente estavam mal, um caos. Por isso que, quando voltei do México, decidi parar: “Ah, então... chega! Se não for para jogar fora, no Brasil não quero mais jogar.”.

Terminar a carreira era uma coisa que lá no México eu já estava amadurecendo muito na cabeça: “Pô... já tá dando já!”. A minha intensão era jogar um ano lá no México e parar. Só que no início o pessoal lá gostou muito de mim e me incentivava:

— Não, você vai ficar mais um ano, tem um projeto e tal...

A partir do terceiro mês, eu tive uma lesão na coxa. Voltei três vezes e senti a mesma lesão. Isso, também, foi um motivo que me desanimou... Já estava até ficando meio sem graça. Parecia que eu não queria jogar, porque toda vez que voltava eu sentia. Inclusive, conversei com o mandatário do América, que tinha sido a pessoa que me levou pra lá:

— Olha, não quero receber enquanto eu não voltar.

— Não, não é nada disso! Esquece.

Eu estava me sentindo incomodado por não poder retribuir. Uma coisa é quando o jogador está há anos no clube, todo mundo o conhece, ele tem um respaldo, já fez coisa por aquele clube. Outra é quando um clube investe um dinheiro em um jogador, ele já chega com uma certa idade e sente uma lesão. **Daí o dirigente duvida: “Será que esse cara veio pra cá por que já estava machucado, estava ruim?”.** Senti isso, mas, no final, voltei a jogar.

O fato de estar tendo essas lesões fez com que eu fosse amadurecendo a ideia na cabeça e decidi parar. Foi uma decisão bem consciente, bem tranquila, o que é difícil, inclusive, de acontecer no nosso meio, parar e não sentir falta. **Logo já entrei em outro ramo, no showbol, em 2005, e segui tendo uma atividade. Porque essa transição sempre é bastante complicada para qualquer jogador.** No meu caso, foi um pouco mais tranquilo, eu fui sentir falta do futebol três anos depois, mas naquele momento eu não senti... Depois, pensando friamente, eu poderia ter jogado, tranquilamente, mais três ou quatro anos, porque eu não parei por problema físico nenhum.

A maioria dos jogadores, assim como eu, sente falta é do ambiente do futebol: do vestiário, daquele clima, do convívio... Do jogar, não, nunca tive falta. Tanto é que, na minha vida, eu jogo no showbol e, fora, jogo futevôlei. Dificilmente eu jogo uma pelada. O esporte que antes e depois de parar eu gosto de jogar é o futevôlei. Se alguém me chamar pra jogar, eu dou um jeito de ir...

Eu sempre levei a minha vida, mais ou menos, como na música do Zeca Pagodinho: “Deixa a vida me levar...”. Se fosse programar tudo, seria como aconteceu. **A minha programação era esta: passar um tempo fora e voltar para o Brasil.** Agora, se nesse tempo que fiquei fora do país eu tivesse uma profissão, um trabalho, alguma coisa pra fazer, algum negócio, eu moraria fora tranquilamente, sem problema nenhum. No entanto, não iria ficar morando na Espanha, ou na Áustria, ou no México, ou em qualquer lugar, para não fazer nada. Para não fazer nada, eu fico no meu país, com os meus familiares, **até porque eu rodei bastante e poucos lugares do mundo são tão bons, bonitos, como o Rio de Janeiro.**

Então, eu não tinha por que morar em outro lugar se não fosse por questões profissionais.

Mesmo jogando fora, eu sempre vinha ao Brasil, em qualquer folga que tinha. Não dá para perder as raízes, não. No dia em que acabava o campeonato lá fora, se tivesse voo à noite no mesmo dia, eu vinha direto para o Brasil. Vinha para passar as férias do meio do ano, em junho, e o Natal no final do ano, o que dava uma semana no máximo. O ano novo, eu tinha que passar lá, pois sempre tinha jogo logo no primeiro final de semana depois da virada do ano. Sempre que dava eu voltava para o Brasil.

Quando parei de jogar, voltei do México e tive a sorte de, rapidamente, entrar em um negócio, no caso o showbol. Isso faz com que eu me ocupe, tenha o que fazer, tenha um trabalho. **Aliás, o grande problema que eu vejo no jogador quando para é este: não ter o que fazer.** Ele pode até estar com a condição financeira excelente, mas não ter o que fazer é complicado. Ficar em casa todo dia é difícil, porque a gente é acostumado a trabalhar. Como falei, eu comecei a jogar com 10 anos. Quer dizer, a gente só sabe fazer isso na vida!

E é difícil conciliar o estudo. Parar com 35, 36 ou 38 anos e começar com essa idade a fazer outra coisa... é difícil, é muuuito difícil! Sair para outro mundo é quase impossível. Claro que, com a vivência, o jogador vai aprendendo uma série de coisas, mas ele vai abrir qualquer negócio?! Pode ter o dinheiro, a cabeça boa, só que ele não é maluco! O problema não é gastar dinheiro, e sim abrir uma coisa que ele não entende nada daquilo! Ele não se preparou para aquilo.

Poucos são os que têm a possibilidade de estudar e têm essa visão. Às vezes o jogador é muito criticado, mas as pessoas não sabem que ele passou a vida inteira fazendo aquilo. E aquilo ocupa o tempo todo dele. Não dá para estar na concentração e estar estudando. Não dá porque senão perde o foco, e o foco é fundamental para que exerça a sua profissão.

Então, eu tive essa sorte de logo já ter uma ocupação. E isso faz com que eu me sinta útil e a vida segue, senão, pô!, parece que a vida acaba. O que acontece com jogador é isto: ele sai do foco. Quando joga, ele vai ao restaurante e não paga, aonde vai as pessoas pedem para tirar uma foto, é reconhecido por todo mundo... E quando para, em pouco tempo, ele sai na rua e ninguém o reconhece mais, ninguém fala mais com ele. Isso, mesmo com uma situação financeira muito boa, mexe com ele. Porque pensa: “Ah, antes eu era

alguma coisa, agora eu não sou mais nada!”... Essa é a dificuldade maior que os jogadores normalmente têm quando param de jogar.

A verdade é a seguinte: eu também tive essa vantagem porque o meu pai foi jogador. É óbvio que eu vi tudo isso acontecendo com ele, foi uma experiência concreta. Foi muito mais fácil pra mim por ter um exemplo dentro de casa, me ajudou... Apesar disso, é como ser pai:

— Ah, não tem que fazer assim. É assim que se faz!

A pessoa só vai saber quando for pai. É igual casar também. Todo mundo fala:

— É ruim, não casa!

Mas todo mundo quer casar, todo mundo quer... E só vai saber quando casar, quando conviver todo dia com a pessoa. Então, são coisas que só! quando acontece que a pessoa sabe. **Eu tive a sorte de o meu pai ter sido jogador, de ter o exemplo ali em casa e de ver que essa transição é difícil.** Então, eu preparava aqui na minha cabeça, mas só na prática é que experimentei.

E a prática, no caso o showbol, foi... por acaso. Não foi uma coisa que eu estava programando: “Ah, quando eu terminar de jogar eu vou fazer isso, vou fazer aquilo...”. Não. Eu pensei assim: “Eu vou parar de jogar porque não quero mais, não está dando, e me preparar para esta fase: o parar de jogar.”. Agora, a outra fase foi por acaso, por intermédio do meu sócio Francisco Monteiro, o Todé. Como o meu pai tinha jogado o showbol nos anos 1970, eu já sabia o que era. E ele veio conversar comigo:

— Vamos voltar com o showbol?

Só que na época eu estava jogando ainda e falei:

— Ah, quando eu parar de jogar a gente conversa disso e vamos ver. É uma ideia legal.

Quando eu parei de jogar, ele me procurou de novo:

— E agora vamos voltar? – perguntou animado.

— Vamos, vamos com tudo! – respondi.

Logo chamamos o Ricardo Rocha também, que era amigo dele, e o negócio foi embora. Em 2005, nós começamos e estamos tocando até hoje. O meu foco, na verdade, é todo no showbol. Parece uma coisa fácil, simples, mas dá muito trabalho, é muito complicado organizar: ir atrás de patrocínio, correr atrás dos outros pra vender, conseguir fazer tudo. Se eu arrumar patrocínio ou não, tenho que entregar os campeonatos porque tenho as obrigações contratuais com a televisão. Então, ocupa muito tempo, é um trabalho desgastante, mas é

gostoso. O meu objetivo, portanto, é cada vez estruturar mais o showbol, dar mais qualidade para o evento. Hoje está excelente a nossa audiência, o nível técnico, só que a gente está sempre buscando melhorar a parte estrutural, visual, dar uma cara diferente ao showbol...

Embora hoje já seja uma realidade, uma coisa que vingou, já esteja dando certo, tem sempre que melhorar para que o negócio cresça. O nosso objetivo principal é criar uma modalidade concreta, fazer a extensão realmente do atleta profissional. Se antes era jogador profissional, passa a ser jogador de showbol. Da mesma maneira que eu saí e fui para um outro meio, um outro jogador vai para a televisão comentar, outro vai ser empresário. O Ronaldo abriu a 9ine, está no COL. O Romário é deputado... Pô! A grande maioria dos jogadores só sabe jogar futebol! Não é todo mundo que consegue ir para outro ramo, outro meio, e dar certo.

É neles que eu tenho de pensar. Por isso que o showbol nos orgulha bastante, eu, o Ricardo e o Todé. Nós fomos jogadores e fazemos alguma coisa pela classe. Se a gente conseguir estender a vida profissional por dez aninhos, já é bastante. O jogador, com 45, 48 anos, parar de trabalhar é razoável. Mas o cara parar com 35 anos, é injusto, né?! Com 35, a pessoa está começando a vida e não pode mais trabalhar?! Tem que trabalhar, mas em outra coisa. É como você que estudou História e com 35 anos tem que ser médico?! Como é que você vai ser médico com essa idade? Você estudou História, é o que sabe. Quer dizer, é complicado para o jogador quando para.

Se o nosso objetivo der certo, o jogador passará a se cuidar mais, porque sabe que vai ter o que fazer. No início até tinha um ou outro, mas pode ver que hoje no showbol é difícil ter alguém mal fisicamente. O jogador sabe que tem que se cuidar porque está todo mundo correndo. Se não se cuidar, passa vergonha. Aliás, a gente mesmo cobra internamente o jogador que está muito gordo e não o deixa nem jogar. Ele pode até estar acima do peso desde que esteja em condições de jogar, aí tudo bem. Se não tiver, não joga. Porque nem ele vai querer entrar ali e fazer feio, uma vez que o jogo é transmitido na televisão e o Brasil inteiro vê.

Além do lado financeiro, queremos ajudá-lo também no lado que ninguém vê: o ego. Queremos dar a ele o estímulo para que se sinta de novo jogador, para que experimente tudo o que isso envolve, para que volte a ser assediado – que a propósito é uma coisa que o jogador sente muita falta. Enfim, o objetivo é crescer e consolidar cada vez mais o showbol. Temos muito trabalho pela frente, mas estamos indo, estamos indo...

Essa minha consciência sobre o futuro do jogador, o que fazer depois de parar de jogar, foi algo que foi acontecendo aos poucos. **Na verdade, jogar futebol é uma atividade tão gostosa, tão boa, que os anos passam tudo muito rápidos, e o jogador está focado muito na profissão e não percebe o que está por vir...** Hoje pode até ser que os jogadores já pensem nisso e têm essa consciência, porque a informação é muito maior, todo mundo está preocupado com isso, atualmente a maioria deles tem uma assessoria... Eu falo isso, mas sempre procuro ressaltar que me refiro aos jogadores *top*, não são todos. Dos *tops*, tiram-se dez!, só que jogam milhares e milhares. Não é fácil!

Acontece que, com raríssimas exceções, no decorrer da vida, você vai para aonde a vida vai te levando, para aonde vê que tem uma aptidão. O jogador pode ter parado de jogar, pode ter sido fera e estar cheio de dinheiro, mas não adianta ele entrar em um negócio que não sabe. Na marra ninguém faz, tem que ir vendo... Um vai para a política porque pode não ter ganhado dinheiro, mas sabe ser político e não sei quê... O outro abre, sei lá, uma farmácia porque alguém da família tem e vai para aquele ramo e aprende. Então, você vai para onde a vida vai te levando, não consegue ter essa clareza: “Não, eu quando parar de jogar vou ser treinador.”. O jogador sente que pode ser treinador, agora afirmar isso é difícil. Se ele tiver capacidade, vai; se não tiver, não vai.

Se eu quis ser treinador? He! He! He!... Eu não falo que “dessa água nunca beberei”, mas é uma coisa que não me atrai hoje em nada!, em nada... Seria voltar para o mesmo mundo, é muito desgastante, tem uma cobrança terrível e o que menos me atrai é isto: a rotina do futebol. Concentração, viagem... É uma vida que a pessoa tem que se dedicar muito e abdicar realmente da família e da vida social. E isso é uma coisa que, hoooje, não me interessa. Assim, eu gosto da parte de fora do futebol, administrativa, de comando, de organização, mas eu não me vejo como treinador, não.

E nem nessa parte administrativa, porque nos clubes é muito complicado. Se eu quisesse uma função dessas, teria que me preparar e estudar pra isso. É claro que a experiência no futebol me ajudou a ter capacidade de gerenciar, administrar, organizar um clube ou um evento. Se eu tivesse... poder dentro de um clube pra fazer isso, *okay*. Agora, entrar pra ser mais um e não conseguir mudar nada, ajeitar nada só pra dizer que estou empregado, que trabalho no clube como gerente ou diretor, aí não vale a pena. Eu teria que ter algum poder pra executar o trabalho, o que no futebol brasileiro é muito difícil por causa dos nossos dirigentes amadores.

Cada um pensa de um jeito, e eu fui para um outro lado, o de ter um próprio negócio. Ainda bem que é ligado ao esporte, ao futebol, porque sem dúvida alguma me dá muito mais prazer de fazer do que se eu tivesse ido para outro ramo de trabalho. Principalmente, porque tem aquela questão que conversamos há pouco sobre sentir falta do convívio do futebol. **Pô! Quando eu me encontro no showbol com a galera, é o melhor que tem! É muito gostoso me encontrar com todo mundo de novo, bater um papo, tomar uma cerveja juntos... isso não tem preço. É bem melhor do que estar ali na quadra jogando...**

A gente relembra muitas histórias... Até porque a galera que joga no meu time do Flamengo no showbol é a mesma que começou a jogar junto desde pequeno. A gente se conhece não só do profissional, mas desde os 14 anos. É uma delícia, é o melhor que tem na verdade. Não sei como é para outros grupos, outros times, que de repente jogaram em épocas diferentes pelo Corinthians ou outros clubes... Já no nosso grupo praticamente todo mundo ali jogou junto, então tem uma intimidade muito grande. O mais gostoso é isto: reviver tudo o que passamos juntos, contar as histórias do passado e as atuais também.

Eu mesmo negocieei os contratos na minha vida profissional. Quando tinha diferença de idioma, fazia assim: na época em que fui para o Japão, eu era novo e falei com o presidente do Guarani. Eu sabia mais ou menos o mercado, quanto um ganhava, quanto outro ganhava. Tinha um tradutor presente na negociação. Então, falei:

— Eu quero isso!

Na mesma hora, o japonês aceitou o meu pedido:

— Não, o seu já está certo. Agora falta negociar com o clube para acertar o valor do passe.

O presidente pediu um valor absurdo, porque viu um interesse muito grande dos japoneses em me contratar. Como faltava uma semana, o prazo estava acabando, o Rivelino me queria, eles tiveram que ser rápidos para me contratar...

Na Espanha, o empresário que intermediou a venda na ocasião, que coincidentemente é o meu sócio hoje no showbol, já sabia as bases do contrato, as cláusulas de praxe e não teve problema. Eu também fiz o contrato. Quando eu fui para a Áustria, eu fazia os meus contratos, mas já trabalhava com uma pessoa que simplesmente fazia os trâmites todos. Era um advogado, sabia das leis, fazia o contrato, mas não era o meu empresário. Eu passava tudo

pra ele, e ele que ia lá conversar. Na Espanha, eles chamam de “representante”. A gente tem amizade até hoje, inclusive ele esteve aqui no Brasil há pouco tempo. Ele é argentino, mas mora em Luxemburgo. Enfim, ele fazia todos os contatos de uma galera lá no La Coruña, e eu tinha esse contato com ele.

Basicamente, eu sempre negocie os meus contratos. Nunca tive experiência boa com empresários. Com quem tive no início da carreira no Flamengo, não deu certo. Não deu certo assim: quando terminou meu primeiro contrato, eu era novo, não estava jogando, e ele não me procurou. Pensei: “Ah, vou seguir a vida sozinho que é melhor.”. E assim segui a minha carreira sem precisar de empresário...

É lógico que os tempos são outros também. Hoje em dia, não é que o jogador não necessite de um empresário, mas dá pra explorar muito mais a carreira. Não estou me referindo ao contrato, à parte financeira, quanto o jogador vai querer ganhar. “Explorar muito mais” é no sentido de ter uma pessoa por trás, uma assessoria, um marketing e tudo isso. É legal ter uma pessoa dessas, mas, lógico, um cara que seja bom, de confiança – o que às vezes é o mais difícil –, alguém que realmente veja para o seu lado, e não só para o dele.

O fim da “Lei do Passe” foi uma mudança fundamental no futebol. Hoje é muito, muito, muuuito melhor! Hoje o jogador é livre. Antes ele dependia do clube, hoje é o clube que depende do jogador. Pô! Cansei de ver o jogador ter o contrato terminado, e o clube não renovar, não ligar. Só que o jogador era do clube! Ele ficava lá, sem contrato, treinando e danava-se. Hoje não, ele está com o contrato em vigor, vai terminar e já está assinando com outro clube na cara do clube atual. Porque pode! Seis meses antes pode. Jogando por um clube, ele já assina um pré-contrato com outro. Quando acaba o contrato, ele comunica:

— Não quero mais, tchau!

— Ah, eu quero te dar...

— Não quero mais jogar. Tchau!

Pega as coisas e vai embora. Por isso que os clubes hoje fazem contrato de quatro, cinco anos, o que, para o jogador, é uma garantia. Se o clube mandar embora, tem que pagá-lo. Se ele quiser ir embora, vai lá briga e sai. Eu digo “briga” no bom sentido, ele insiste, fala que quer ir embora, e o clube não tem como segurá-lo. Então, o fim do passe ajudou muito a profissão de jogador de futebol. Até porque é a coisa mais normal do mundo, né?! **Porque o jogador é trabalhador como qualquer outro, tem uma profissão e como qualquer outra**

tem que ter o direito de trabalhar onde ele quiser, para a empresa que ofereça melhores condições de trabalho, pague melhor, e ele tem direito de dizer:

— Eu quero sair!

Haverá as cláusulas, as multas estabelecidas no contrato, mas tem que ter esse direito...

Meu pai sempre foi muito presente, era um amigo mesmo. O problema maior foi que meu pai faleceu muito cedo, com 50 anos. Eu tinha... 19 para 20 anos e não tive oportunidade de conviver mais com ele. Até esse momento ele me acompanhava em tudo. Eu não era profissional ainda, não tinha assinado o meu primeiro contrato. Talvez se ele tivesse vivo, seria a pessoa que estaria ali do meu lado como empresário...

A Espanha é bastante similar ao Brasil. A vida espanhola não tem tantas diferenças assim da vida brasileira, o que o pessoal gosta, em geral é parecida... **Na Áustria, já é bem diferente. As pessoas, principalmente, são muito mais fechadas.** Não digo que sofria racismo porque não chegava a esse ponto, embora se possa até dizer que se tratava de um racismo, mas notava uma... uma distância maior com quem não é dali, com o estrangeiro em geral, no trato, na vida. **O espanhol é como o brasileiro, é aberto, bem receptivo, e isso, sem dúvida, é uma diferença.**

O clima, na Áustria, é muuuito mais frio! Até nisso, na Espanha, não é tanto, principalmente em La Coruña, onde eu vivia. Chovia bastante, mas frio, frio mesmo, abaixo de zero, era difícil, quase impossível. Já na Áustria, não. Quando eu voltei das férias, no dia 1º de janeiro de 2003, eu não esqueço, saí daqui do Rio com 41°C e cheguei em Viena com -15°C. Ou seja, foram cinquenta e seis graus de diferença!... Eu saí de lá em novembro pra tirar as férias de um mês, e não estava tão frio assim. Quando eu retornei em janeiro, caramba! Foi aí que eu desanimei um pouco de continuar na Áustria, porque esse clima dura muuuito tempo. Foi assim de janeiro... pô! até abril, fazendo muito frio... Pra jogar nem tanto, mas todo dia sair pra treinar era complicado, era duro.

Essas são as diferenças básicas, porque, no final da história, o jogador vive um ambiente de futebol. O futebol no mundo inteiro tem aquele ambiente: de vestiário, de fazer alguma amizade, de jantar junto, de sair algum dia pra tomar uma bebida com algum companheiro... Então, a vida em si não modifica tanto. Quando se vai para a rua, aí se vê essas diferenças culturais, das pessoas, mas a vida do jogador em si não modifica. **Modifica**

muito mais a vida da família, porque a gente está no meio do futebol, logo já conhece outros jogadores, faz amizade rapidamente. Eles, não! Conhecer outras pessoas e fazer amizades é muuuito mais difícil para a família que o acompanha do que para o jogador que está ali no clube jogando no dia a dia.

A primeira dificuldade para a família é o idioma, já que não conseguem se comunicar, o que é normal. O clima, por não estarem tão acostumados, é outra dificuldade. As pessoas não são tão receptivas, não oferecem ajuda, não perguntam se o estrangeiro está com algum problema e tal... Na Espanha, as pessoas são muito mais receptivas nesse sentido:

— O que você precisa? Vamos ali. Te levo lá. Venha aqui...

Na Áustria, ao contrário, já se leva uma vida mais sozinha. É difícil de fazer amizade... Ou melhor, não é que seja tão difícil fazer amizade, mas, se o estrangeiro não consegue se comunicar na língua deles, fica ainda mais difícil. Aí acaba levando uma vida mais sozinha, e isso não é legal. Bom é se sentir em casa aonde for.

O problema maior é que na Espanha eu estava em casa, muito à vontade. Estava há cinco anos, minha família gostava, eu gostava, nós todos, superadaptados... Como eu já estava com uma certa idade, 32 para 33 anos, pensei assim: “Ah, vou voltar!... Ruim de tudo, lá na Espanha pelo menos eu vou desfrutar da vida.”. O futebol, claro, era o que eu gostava de fazer, mas já não era naquele momento o mais importante. **Lógico, a proposta financeira da Áustria foi muito melhor, fiquei lá um ano, mas depois disso comecei a pesar um pouco: “Pô, na Espanha eu sou mais feliz.** Então, prefiro ficar lá.”. E voltei para Coruña, até porque lá eu também tinha um bom contrato.

Eu não analiso o racismo apenas no futebol, eu analiso na vida, na sociedade em geral. Tem, é uma coisa que a gente não pode negar. Tivemos agora na Eurocopa racismo dentro do estádio, que é uma coisa mais explícita, que todo mundo viu, mas aqui no Brasil tem! A gente sabe disso, não adianta esconder de todas as maneiras.

Na minha cabeça... eu fico meio espantado, não entendo... Não entendo o ser humano poder ser assim. É difícil entender, mas a gente tapar o sol com a peneira e falar que não existe é mentira. **Existe em tudo quanto é lugar, em alguns lugares mais e outros menos. Em países que têm uma história muito mais forte de racismo, as pessoas têm isso dentro deles, parece que não saiu deles ainda, passam de geração para geração.** Digo em todos

os sentidos!, não é só racismo em relação à cor, é em relação aos estrangeiros, aaa... a tudo mesmo.

Independente de ter mais ou menos nos lugares, é uma coisa que existe. O que tem que ser feito é isto: tentar combater ao máximo... Tudo o que depende do ser humano é complicado. Vai saber o que se passa dentro da cabeça de uma pessoa para que tenha um tipo de atitude porque o outro é de uma outra cor, porque sexualmente não comparte com o que gosta... Enfim, aí a gente vai entrar em um monte de coisa: racismo, guerra, tudo que tem de errado por aí. O que se pode fazer?... Tem que combater! Pra mim é isso... mas é complicado. A gente tem que torcer pra um dia isso mudar.

Eu não me lembro de nenhuma situação pessoal. Até porque... a minha posição é a de que nenhum tipo de racismo me atinge, porque, embora não seja melhor do que ninguém, essa pessoa não pode ser superior a mim. Então, euuu... descarto completamente. Eu tive a sorte, também, e isso conta, de não acontecer comigo. Uma coisa é falar quando nunca aconteceu comigo, outra é quando acontece, porque não tem como falar que isso não mexeria comigo. Eu, pô!, ficaria louco. Como é que se entende uma pessoa que, sei lá, fala:

— Não, tu não vai passar aqui porque tu é negro... Não vai subir por esse elevador, vai pelo de serviço!

Se isso acontecer realmente comigo na pele, ficarei inconformado. Dentro do futebol, comigo nunca aconteceu, não. Já vi até insultos com alguns jogadores. O Roberto Carlos falava muito sobre isso lá na Espanha, mas... devia acontecer em um jogo pontual, acho que contra o Barcelona, que ele ficava, também, provocando a torcida e tal. Mas não, não, não... **Pô! Tinha um monte de jogadores negros, brasileiros e africanos, que jogavam lá na Espanha e não tinha tanto. Alguns, de repente, provocavam mais, e aí a maneira de a torcida expressar a raiva com esse jogador era através do racismo, do mesmo modo como chamavam alguém de “veado”, buscando uma maneira de ofender pela atitude da pessoa.** Entendeu?

Está errado? É claro que está! Mas aí eu já não encaro nem tanto como racismo, encaro como uma provocação. É como um amigo que não gosta de ser chamado de um determinado nome, e você o chama daquilo. Isso é diferente daquela coisa que já é da pessoa, que é já de dentro da pessoa mesmo, que acha que o negro tem que ir por ali, que o empregado tem que ir por ali. Isso já é da pessoa mesmo, ela faz isso com qualquer um! Não é uma resposta a quem a provocou e daí ela reage.

Então, da minha parte, eu nunca sofri esse tipo de coisa... Mas se de repente uma pessoa me chama de negro:

— Seu negro!

— Caramba... tá bom seu branco.

Eu sou negro e ele é branco. Eu não vou encará-lo. Eu não sei por que ele está me ofendendo, eu não encontro a ofensa. Eu sou mesmo. Por isso responderia:

— Você vai me ofender se me chamar de branco!... Aí sim. Como você tá me chamando do que eu sou, entãoooo... eu não vejo como ofensa.

Uma coisa é falar que eu não posso passar por aqui ou por ali porque sou negro, aí é outra história, né?! Mas se me chamar assim, eu já não irei encarar como ofensa isso. Vai me ofender se me chamar do que eu não sou.

Eu também nunca fui alvo de racismo aqui. No Brasil, isso é muito mais tranquilo... na parte dos esportes. Tem, acontece toda hora é dentro de campo, quando um jogador está brigando e o outro ofendendo, mas eu sinto que é diferente, é diferente... Tem que ter esse discernimento do racismo, de um jogador xingar o outro em um momento de uma briga. É o que eu digo: uma coisa é o que está dentro da pessoa, que ela vai ser racista com todo mundo, seja com uma pessoa, com outra ou com alguém que goste, mas ela vai tratar o negro de forma diferente. A pessoa que tem racismo é assim!, até com alguém que gosta ela... a encara como inferior:

— É inferior por isso, porque ele é negro, porque ele é pobre...

A pessoa já leva isso dentro dela. Volto a dizer: é diferente do momento de uma briga no futebol em que um jogador xinga o outro. Um chama o outro de “macaco”, e este já quer processá-lo?! Não é por aí também, não pode ser a ferro e fogo...

Nem numa situação dessas, eu não me lembro realmente de isso ter acontecido comigo, mas, se aconteceu, pode ter acontecido 500 vezes que... **do que me chamarem dentro de campo pra mim não é nada!** Eu estou concentrado no jogo, quanto mais eu puder tirar o adversário do sério melhor. Eu é que não posso sair do sério. Se eu o provocar, e ele me der porrada e for expulso, isso pra mim é melhor! **Então, eu sempre estou concentrado é no jo-go! Ali dentro de campo como é que eu vou estar pensando emmm... questões sociais?! Não tem essa! Eu estou pensando em jogar e ganhar o jogo: “Qual é o meu objetivo? Aquele cara vai ficar nervoso? Então, tá! Vou provocá-lo, ele vai ficar nervoso e beleza. Aquele jogador ali não adianta provocar, então vou deixá-lo quieto.”.**

Se eu provocava? Se fosse provocado, com certeza provocava também sem problema nenhum. Aconteceu um caso comigo... eu não me lembro do jogador. Foi em um jogo entre Palmeiras e Bragantino. Ele falou um monte de coisa pra mim, me bateu o jogo inteiro, disse que ia me quebrar, me arrebentar. Depois de tudo o que ele fez comigo no jogo, eu falei umas coisas pra ele também:

— Você não vai conseguir jogar em clube nenhum. Dando porrada, ninguém vai te contratar. Quem vai se prejudicar é você. Daqui a pouco você vai ficar sem emprego. Aí você vai me pedir ajuda, e eu não vou te dar!

Ele encarou isso como uma humilhação. Eu não estava o humilhando, estava falando a realidade, só que ele entendeu errado:

— Ah, porque você joga no Palmeiras e eu, no Bragantino, então você me humilhou.

Só que eu avisei:

— Vai ficar batendo? Vai ser pior pra você, vai ser expulso e sua carreira vai acabar...

Quando acabou o jogo, ele foi à imprensa e falou que eu o menosprezei... Como eu jogava no Palmeiras na época, a conotação que deram era a de que eu tinha humilhado o jogador que era do Bragantino. Por mim, eu não me importei, entrou por um ouvido e saiu pelo outro, porque ele sabe o que eu falei pra ele e o que ele falou pra mim. Então, tem que ser homem também nesse momento... Ir à imprensa e falar que eu tinha feito isso com ele?! É o que eu sempre digo: quando eu entrava em campo, eu nunca entrava pra bater em ninguém. Se me batessem, eu buscava uma forma de revidar. Eu nunca entrava pra falar com ninguém, só com os meus companheiros de time. **Se falassem comigo e ficassem me provocando, ouviam também.** Se quisessem esse tipo de jogo, eu não me preocupava com isso.

É mais ou menos o que aconteceu com o Emerson Sheik naquela final da Libertadores, entre Corinthians e Boca Juniors. Ele estava jogando tranquilo, e o jogador adversário o provocando. Daí ele falou:

— Me bate! Que vai ser expulso...

É isso! Aí o jogador na final deu um tapa na cara dele, mas quem foi entrevistado depois do jogo, quem levantou a taça, quem virou o herói? Foi o Emerson... Por causa de um tapa na cara no jogo, o jogador vai sair falando:

— Ai que ofensa... Eu vou lá matar o cara!

É a coisa mais normal do futebol, não pode se esquentar por causa disso. Às vezes acontece de se esquentar e, se revidar, vai ser expulso. **Esse jogo, esse sangue frio tem que ter ali dentro de campo, o que não é fácil, mas o jogador que tiver tira vantagem disso.**

Fora do futebol, o jogador negro vive uma situação difícil. Eu não sofri racismo, mas penso assim: por ter sido um jogador famoso, por conta da minha classe social e da minha condição financeira, as pessoas até querem ser racistas, mas não demonstram e engolem... Eu acho que tem esse lado também, não é? Porque a minha condição às vezes faz com que o outro pense: “Com esse aí eu não vou ser, vou ser com um outro negro.”. Talvez por isso que não tenha acontecido comigo, mas eu sei que existe e sei que pode acontecer comigo. Assim, **pode não ser uma coisa explícita, masss... eu sinto. Não é aquela coisa que a pessoa vai falar um termo racista na minha cara, é mais através de um olhar, de um comportamento...** A própria pessoa, às vezes, até se sente mal por demonstrar isso.

Basicamente é isto: a classe social e a condição financeira de um jogador de futebol ajudam muito. Tudo o ajuda! Porque as pessoas são preconceituosas... em todos os sentidos. Existe racismo com negro e preconceito com branco, racismo é uma coisa e preconceitos são outra. Se for um negro, mas ele estiver de terno e bem arrumado, aí a pessoa pensa: “Opa! Esse cara é importante.”, e o seu tratamento já é diferente. Portanto, isso às vezes a limita de fazer, mas que tem racismo é óbvio que tem!, óbvio que tem... E se não aconteceu comigo, assim, explicitamente, pode ser que venha a acontecer, porque o racismo está aí, não é uma coisa que acabou...

Ah, se eu for comparar os racismos no Brasil e na Europa, sem dúvida que na Áustria era muito mais nítido. Até pra pedir uma informação na Áustria, eu via uma má vontade dos austríacos. Eles não verbalizavam de maneira explícita, mas eu percebia pela atitude deles que tinha uma diferença de tratamento... Parece que eles pensavam: “Isso aqui é meu! Não quero ninguém de fora aqui, porque isso aqui é meu.”, constrangendo em geral quem fosse de fora. Afinal, eles não sabiam a minha nacionalidade, só sabiam que eu não era austríaco, não era dali. Então, eu chegava pra pedir uma informação em inglês, e eles já me respondiam mal porque não queriam ajudar um estrangeiro... Não era uma coisa explícita na fala, mas era nítido e claro. Um austríaco se relacionava com um conterrâneo de maneira amável, e com quem fosse de fora tratava de forma diferente.

Isso não acontecia na Espanha. Pessoas com a cabeça mais fechada é tudo mais complicado, com a cabeça mais aberta é outra história... A informação, a cultura, a educação, isso tudo torna a pessoa melhor. Ela tem mais informação, começa a ter conhecimento, aí ela muda de opinião. Como eu falei, **a pessoa às vezes parece que traz consigo um ranço que vem de geração em geração. Ele é educado daquela forma desde pequenininho:**

— Aquele menino ali é negro. Não ande com ele.

A pessoa que tiver mais educação, cultura e informação vai mudando a própria cabeça. Na Áustria, eles são mais fechados. Na Espanha, não, eles já são mais abertos, mais receptivos, naturalmente como os brasileiros são.

Dentro do clube austríaco, essa diferença de tratamento também era perceptível. Não digo no sentido de racismo, mas sim em relação ao estrangeiro. Havia um ciúme:

— Ah, o cara vem aqui ganhar muito mais dinheiro do que a gente?!

Isso os incomodava. Na Espanha, não, é um país que gosta de futebol. Os jogadores espanhóis queriam os melhores do lado deles, não queriam saber se os estrangeiros ganhavam mais. O que importava era que o time estava melhor. Então, eles não levavam por aquele lado, entendeu?

No vestiário, lá na Áustria, eu tinha uma certa regalia, porque quem é do meio do futebol sabia que eu tinha vindo da Espanha, que já tinha uma história pra jogar num time da Áustria, que era brasileiro, jogava na Seleção Brasileira... Pô! Os funcionários do clube me davam um tratamento não digo melhor, mas com mais atenção. E é lógico que isso gerava um ciúme. Nos outros lugares, como na Espanha, não tinha isso. **No Japão, por exemplo, eu era o último praticamente a ser atendido, porque lá a cultura é outra. E eu não reclamava. Lá tem hierarquia mesmo, os mais velhos têm preferência.** Como eu tinha 22 para 23 anos, quase nunca fazia massagem, porque o horário que sobrava era quase de madrugada! O funcionário vinha me falar:

— Está livre agora.

— Não, não quero.

O jogador podia não jogar, não ser titular, mas era atendido primeiro se fosse mais velho. Depois seguiam por idade... No mundo do futebol isso não é uma coisa normal e eu não concordava:

— Pô! O cara não vai nem jogar e vai tomar massagem?! E eu que vou jogar? Deixa ele ser o último!

Mas tinha que aceitar e conviver com isso... No fim, eu achei isso muito legal mesmo, porque não é da nossa cultura, é da cultura deles: a hierarquia, o respeito extremo aos mais velhos...

O melhor que tem no futebol é estar rodeado de jogadores de alto nível... Eu já ouvi alguns treinadores falando o seguinte:

— Jogador ruim é que dá trabalho, os bons não dão.

E é verdade, porque às vezes ele cria um ambiente ruim no grupo. O jogador que é bom quer os melhores do lado dele, quer um time melhor, quer ganhar... O jogador que é ruim às vezes pode pensar: “Se vier um jogador bom, eu vou ser barrado, vou ficar fora do time.”, e aí começa a conturbar o ambiente.

Conviver com jogadores bons na Seleção Brasileira e ter a oportunidade de jogar junto com Ronaldo, Romário, Edmundo, Bebeto, Roberto Carlos, Aldair, Cafu, Rivaldo, Müller... é do mais alto nível. São pessoas que só na Seleção eu poderia ter jogado junto, pois coincidir de jogar com eles em clubes era difícil, como aconteceu com alguns deles no Palmeiras, em 1996. O entendimento era fácil em todos os sentidos! Alguns eram mais vaidosos, tinham ego, mas era gostoso, foi o meu auge enquanto jogador realmente.

A nossa equipe do Palmeiras era... superamiga. Não tinha ninguém que um não gostasse ou que não se desse bem, era um grupo muito unido. E também é difícil reunir uma galera que não tenha pessoas com vaidade, porque normalmente a estrela é um pouco vaidosa. Mas no nosso time ali, não. O Rivaldo é o cara mais humilde do mundo. Na época não era consagrado, depois se consagrou e até hoje continua sendo a mesma pessoa. Cafu, Júnior, Müller, enfim, as estrelas do time eram todos muito tranquilos, muito gente boa.

Naquele time do Palmeiras, de 1996, a gente tinha tanto prazer em jogar que não tinha problema de vaidade, de assédio. O Vanderlei Luxemburgo nos estimulava muito também. Se ele sentia que o time podia relaxar depois de fazer 2 ou 3 a 0 no placar, ele nos cobrava:

— Vamos fazer 4, 5, 6! Vamos fazer gol, vamos jogar, nosso time é bom!

O time tinha realmente condição, e a gente gostava disso. Não tinha aquele negócio de fazer 2 ou 3 a 0 e ficar segurando o jogo, não tinha isso. A gente jogava o tempo inteiro. O legal é que o grupo tinha essa consciência e tinha potencial, porque não adianta querer fazer sem ter potencial. Se tivesse jogo todo dia, a gente ia querer jogar porque o time tinha prazer mesmo de jogar! E também não tinha esse negócio de jogar atrás fora de casa. A gente jogava normal, para dar goleada. Não que entrássemos em campo já pensando em golear, mas, se fizessemos 1, 2 ou 3 a 0, não parávamos, nós continuávamos...

Por isso que não tinha esse negócio de vaidade, de um jogador querer fazer mais gols do que o outro. Nesse Campeonato Paulista de 1996, eu acho que o Luizão fez 21 gols, o

Rivaldo fez 18, eu fiz 15 e o Müller 15. Não sei quantos gols o Neymar fez agora neste Campeonato de 2012, mas hoje em dia quem faz 15 é artilheiro disparado do Campeonato Paulista. Só eu e o Müller fizemos 15 gols cada um! E o Müller, meu Deus do céu... o que ele deixou o Luizão sem goleiro pra fazer gol foi uma coisa de louco. Ele entrava na área sem marcação, ele e o goleiro, e tocava para o Luizão...

Como foram as minhas relações com os técnicos? Assim... Eu nunca gostei muito de treinador não, sabe? Porque treinador, se ajudar, se for para o bem... beleza. E eu nunca tive problemas com treinador, com exceção do treinador do La Coruña, o Javier Irureta... O problema que eu tinha com ele era completamente diferente. Eu não concordava com as ideias dele sobre futebol, mas não tinha raiva dele, não tinha nada. Por fim, culminou que eu dei a cabeçada nele e deu aquele problema todo porque ele me xingou, mas desde que ele chegou ao La Coruña foi o treinador com quem mais trabalhei na minha vida. Eu fui titular com ele o tempo inteiro.

Fato é que desde que ele chegou as ideias dele sobre futebol não concordavam com as minhas. Eu achava que o nosso time tinha muito mais potencial. Ele colocava o time muito atrás, tinha medo, era um treinador que nunca tinha ganhado nada, nunca tinha trabalhado com um time daquela qualidade, nunca na vida! Ou seja, ele se assustou e nunca foi ofensivo. Só que, com os jogadores que o La Coruña tinha, era pra ser ofensivo, então eu batia muito de frente com ele:

— Caramba! Nós temos mais potencial.

E isso não entrava na cabeça dele. A gente tinha uma divergência que no final fez com que a gente quase não se falasse, porque não adianta ficar discutindo todo dia, já que ele pensava de maneira fechada. Ele não falava comigo e eu não falava com ele, mas eu jogava dentro do que ele pedia... Discordava, mas jogava da maneira dele. Até porque, o time é um conjunto e cada um tem que fazer a sua função, não pode fazer só o que um quer. Claro que quando eu estava com a bola, tinha a minha criatividade e papapá... mas taticamente tinha que cumprir. Basicamente, o nosso problema foi esse. E eu nunca fui de... contestar nada que um treinador falava, apenas jogava o meu futebol.

Ele me xingou por uma discussão de treino... Foi devido a um pênalti que ele marcou. Só que tinha tido um pênalti para o nosso time anteriormente, mas ele tinha marcado apenas falta fora da área, ou seja, uma coisa boba. O treino era feito apenas em metade do campo. A gente sofreu uma falta quase dentro do gol, e ele marcou apenas falta. No outro lado do

campo, tinha a área. Aí a falta lá tinha sido longe pra caramba do gol, mas como tinha a área ele marcou pênalti. Aí eu falei:

— Não, não foi pênalti. Vai ser falta.

Inclusive, era o auxiliar técnico dele que estava apitando. Aí ele entrou em campo e falou:

— Foi pênalti!

— Não foi pênalti! – retruquei – Se lá do outro lado não foi e batemos a falta, aqui também vai ser falta.

Aí ficou esse impasse:

— Foi pênalti!

— Não foi!

— Foi!

— Não foi!

Até que eu falei:

— Não vai bater o pênalti aqui, não vai!

E virei de costas pra sair do lugar. Nisso ele me xingou e foi quando eu voltei e dei a cabeçada. Na verdade, eu encostei a cabeça nele e fiz o movimento de uma cabeçada, mas não cheguei a dar tão forte. E falei sério para ele:

— Lá dentro nós vamos conversar...

A nossa discussão foi por esse motivo, não foi por que eu não estava jogando, nada disso. **Eu nunca me dei bem com ele e, paradoxalmente, foi o treinador com quem eu mais trabalhei na vida! Isso foi duro...** Só no meu primeiro ano no La Coruña que ele não foi o meu treinador, depois ele entrou e o time sempre bem, bem, bem... O presidente não se metia em nada, porque o que ele queria saber era de resultado bom. Como os resultados eram bons, não mudaria... Não tinha jeito, tive que trabalhar com ele obrigado. Depois do ocorrido, eu não saí do clube imediatamente. Na verdade, não aconteceu nada!, tanto que no jogo seguinte eu fui escalado... Eu nunca tive muito trato com ele, só no último ano que eu comecei a falar um pouco mais.

Embora ele fosse natural do País Basco, não acredito que o separatismo da região tenha influenciado na sua maneira de lidar comigo no La Coruña. A opção do Athletic Bilbao de escalar só atletas nascidos no País Basco é uma cultura do clube... No mundo de hoje, essa medida só prejudica eles mesmos. O Athletic Bilbao é um dos poucos clubes espanhóis que nunca foi rebaixado, tem uma história bonita, mas ultimamente está “batendo na trave” direto,

porque é difícil jogar só com jogador que tenha ascendência basca. Inclusive, este ano o clube teve um jogador negro pela primeira vez.

Volto a dizer: não acho que não era por isso que esse treinador se relacionava dessa maneira. Até porque, no La Corunã isso era quase impossível... ainda que depois ele até tenha tentado nacionalizar o time. E isso, para o futebol do time, foi bom! Aos poucos, ele foi contratando mais jogadores espanhóis, caras bons de outros times, jogadores que já estavam acostumados com a liga espanhola. Teve um cara, eu me lembro, que tinha vindo do Real Madri e acabou nem sendo titular do nosso time. Foi bom, porque trazer todo mundo de fora, jogadores que não conhecem o campeonato, é complicado. A gente não encarou isso como uma coisa ruim, não.

É aquilo que já falei: se vinham jogadores bons, eu não queria saber de onde eram; se viessem pra ajudar e se fossem todos espanhóis, beleza! **Ele nacionalizou um pouquinho o time sim, mas não preteria um jogador estrangeiro melhor para colocar um jogador espanhol pior.** Os seus conceitos eram... defensivos, ou seja, ele preferia o mais defensivo ao ofensivo, mesmo que não fosse o melhor. Não fazia isso por causa da pessoa, por motivos particulares, mas sim por causa do sistema. Enfim, **a minha briga com ele era por uma discordância tática, não tinha nada contra a pessoa dele.**

Olhando para os outros treinadores que eu tive, o Vanderlei, apesar de estar sendo muito criticado hoje em dia e de dizerem que ele precisa se reciclar, foi muito bom treinador. Ele era bem claro e explicativo em relação ao esquema tático que queria, e não tinha muita contestação, porque realmente o que a gente treinava se traduzia no jogo. Num ponto ou outro que um jogador discordasse, podia falar sem problema, que ele escutava...

No Guarani, eu tive muitos treinadores. Eu nunca tive problema, na verdade, com os treinadores ou com a parte tática. Às vezes chegava atrasado a um treino, e isso o treinador não gostava. Aí eu tinha que justificar e tal, mas na parte de campo, não. Apesar de ser um jogador mais técnico, eu sempre fui um cara de treinar, sempre gostei de treinar, e nunca tive reclamação dos meus treinadores em relação a isso. Falo isso porque às vezes as estrelas dos times são mais preguiçosas e não gostam de treinar. Não tinha esse problema. Então, com os treinadores sempre tive uma relação legal.

No Japão, o Rivelino era o treinador e um amigo. Na Áustria, tinha um tradutor. O treinador era completamente louco, o Christoph Daum, um alemão, que teve problemas com drogas... Falou que não estava drogado, mas fez o exame do cabelo e estava. Aí saiu da Alemanha execrado. Ele seria o treinador da Seleção Alemã, só que depois disso nunca mais

treinou no país. Foi treinar na Turquia, inclusive está treinando o time do Alex, o Fenerbahçe. O nosso time era... muito superior aos outros da liga austríaca, tanto que nós terminamos com uns vinte pontos na frente do segundo. E o que ele falava também entrava por um ouvido e saía pelo outro, porque eu também já não estava esquentando muito a cabeça de tão chato. Eu também não tive problemas com ele, que não me cobrava tanto.

Assim, treinadores eu tive um monte!, mais ruins do que bons. Treinador bom é aquele que acrescenta algo ao jogador, que ao escutá-lo pensa: “Isso aí eu não sabia, aprendi com ele. Essa maneira de fazer foi ele que me mostrou.”. Poucos treinadores, na verdade, têm essa capacidade. A maioria só dá o treino e fala tudo aquilo que o jogador está acostumado a ouvir. **O Luxemburgo foi um dos bons. O Carlinhos, que foi campeão brasileiro de 1992 com o Flamengo, que estava no Guarani quando eu fui pra lá, também foi muito bom treinador...** Bons na parte tática, já que treinador gente boa tive um monte!

Comigo não teve aquela história de menino pobre criado na favela que passou necessidade, mas também não tive nenhum luxo. Eu levava uma vida supernormal, estudava em escola, brincava na rua. É lógico que na minha infância, quando comecei a jogar, aos 10 anos de idade, eu jamais pensei que iria ter o que eu conquistaria com o futebol: “Ai, eu quero ter uma Ferrari...”. Nada disso, e não tinha as conquistas financeiras na minha cabeça. Era uma coisa mais idealista mesmo, eu só pensava em ser jogador de futebol profissional e, se fosse bem remunerado na profissão que eu gostava, ótimo, maravilhoso. O objetivo era tornar aquele sonho uma realidade. Hoje não, os moleques já sonham com os carros e casas que esses jogadores têm. É evidente que eu sabia que, se me tornasse um jogador de futebol profissional, seria bem remunerado e tudo mais, de acordo é claro com a minha condição enquanto jogador. Assim, sem dúvida nenhuma, eu tive uma ascensão na parte financeira, mas sempre tive uma vida normal.

Sem dúvida, a Seleção Brasileira fazia parte desse sonho meu de infância. Eu dei uma recuada na minha carreira no Japão, poderia ter continuado, ganhando o mesmo que eu ganhava ou um pouco mais. Pedi logo uma coisa absurda, sabendo que eles não iriam aceitar, pra voltar ao Brasil pelos meus objetivos. Repito: eu poderia ir para qualquer outro time no Japão, eu fiquei livre praticamente porque a lei lá no Japão era diferente do que no Brasil. Quando terminava um contrato, o jogador não ficava preso ao clube. Mesmo assim, eu decidi

voltar ao Brasil para isto: para a minha realização profissional. A Seleção Brasileira, sem dúvidas, é o auge, o máximo que um jogador pode alcançar. Na época era mais difícil do que hoje, hoje é mais fácil um pouquinho...

A primeira vez que eu fui convocado acho que foi em 96... e já estava demorando. O técnico era o Zagallo. Aí fiquei até a Copa América de 1997. Depois disso, eu só voltei para a Seleção em 2000, com o Vanderlei... Eu fui para Copa América em 97, onde fomos campeões, e em seguida eu fui para o La Coruña. **A Copa do Mundo seria em 1998 e claro que eu tinha expectativa de ir. Nesse primeiro ano, eu fui bem no campeonato, mas o La Coruña foi horrível!** E até hoje é assim: se um time pequeno não está bem, ele não é nem falado na mídia! Se o La Coruña estiver brigando pelo título espanhol, aí vai ser falado e vai passar os jogos dele aqui no Brasil. Só que na época não saía praticamente nada dele aqui...

Além disso, tinha muitos bons jogadores naquela geração. Na época, o Giovanni estava jogando de cabeça de área no Barcelona, de Louis van Gaal, e foi para a Copa do Mundo pra jogar na minha posição. **Ele foi para a Copa e eu não fui...** Repito: ele estava jogando de cabeça de área no time, mas como o Barcelona estava bem na época com ele e o Ronaldo... ele foi para a Copa.

Para ver que não é coincidência, quando o La Coruña foi campeão eu voltei para a Seleção, com o Vanderlei. E dessa vez não estava esperando, porque fazia três anos que eu não era convocado. Eu estava de férias aqui em casa, a convocação sairia no dia seguinte, e eu nem aí. Fui acordado! Pô, nem para me ligarem antes de ser convocado, como se faz hoje em dia. Saiu a convocação de manhã, e eu nem preparado estava! Estava há uns dez dias sem fazer nada, de férias... Saí de casa igual um louco pra treinar e liguei para o Vanderlei:

— Pô, professor, você nem me avisa...

Eu estava bem fisicamente, mesmo assim treinei bastante. Logo, já teria que me apresentar pra jogar as Eliminatórias!, não era amistoso. O primeiro jogo foi contra o Paraguai, em Assunção, e perdemos ainda. Depois jogamos contra a Argentina, no Morumbi, e aí ganhamos... No total, eu fiquei na Seleção Brasileira de 1996 até 2002, mas não fui convocado por três anos, de 97 até 2000.

É claro que eu também tinha expectativa de ir para a Copa do Mundo de 2002. Esse era o objetivo maior, porque eu sabia que era a minha última chance. Eu voltei a ser convocado para a Seleção com o Vanderlei, depois ele saiu e veio o Felipão, mas eu continuei sendo chamado. **Só que na última hora... não sei se foi por causa da minha cabeçada no**

treinador do La Coruña. O Felipão diz que foi esse o motivo. Depois desse fato, eu até conversei com ele, que me falou:

— Fique tranquilo aí na Espanha. Não faça mais nada de errado, porque eu já conheço o seu futebol...

Assim, eu acho que, se ele quisesse, poderia ter me convocado. Mas também tinha o lado dele, que estava aqui no Brasil com uma pressão muito grande por parte da imprensa para a convocação do Romário, que ele não estava convocando por indisciplina... Então, **o argumento dele era:**

— **Se eu não estou convocando o Romário por isso, não posso levar o Djalminha também.**

Com o Felipão, eu estava indo para a Seleção frequentemente, e a minha indisciplina não foi com ele, não teve nada a ver. Se fosse, tudo bem, mas foi no meu clube. Enfim... mas eu também aceitei, pois ele não tinha obrigação nenhuma de me convocar, ele convocava quem ele quisesse. Só que eu estava ali na porta, porque no último amistoso antes da Copa, Brasil e Portugal, em Portugal, eu fui convocado junto com o grupo; e o meu problema aconteceu depois disso... Pô, eu lamento. **É o que eu falo sempre: a única coisa que faltou na minha carreira foi participar de uma Copa do Mundo. Eu só queria disputar, não precisava nem ganhar, e a Seleção ainda ganhou pra me deixar pior.** Ganhar seria o máximo.

Para os meus filhos, eu dou, basicamente, a mesma educação que eu tive em casa: o estudo está em primeiro lugar, mas, se algum deles quiser seguir a profissão de futebol, beleza. Eu já tive um exemplo em casa. Meu filho tem 18 anos e jogava futebol, eu o levei para a Espanha. Quando ele voltou, aos 16 anos, ele me falou que não queria mais jogar futebol. Voltou aqui de férias e me disse que não queria mais jogar, que tinha perdido a motivação.

Agora, por intermédio do futebol, ele está indo para os Estados Unidos estudar e jogar na universidade. Eu, como pai, só estou para apoiar a decisão dele, não vou influenciar o que ele vai ou não vai fazer. Se quiser, tudo bem. O que não pode nunca é parar de estudar, porque nunca se sabe o que vai dar certo na vida e sem estudos não vai conseguir nada. Se o futebol

estivesse encaminhado e realmente fosse um profissional do futebol, aí não dava pra conciliar. E até saber isso tem que levar o estudo a sério.

É o que eu sempre falo: a única profissão que ninguém garante que vai ser é jogador de futebol. Se ele quiser ser médico, será. Se vai ser bom ou ruim, não sei, mas vai ser médico. Se quiser ser engenheiro, a mesma coisa. Agora, jogador não sabe se vai ser. Ele poderia querer muito, mas o presidente pode mandá-lo embora. Ninguém sabe se vai ser, pois depende de outras coisas, inclusive do talento. Nas outras carreiras, não. Vai estudar, pode até repetir, mas uma hora vai passar na prova e vai ser. Então, não pode largar os estudos, não.

O meu filho mais novo, que tem 13 anos, também parece que quer ser jogador. Eu vou apoiar. Ele está mal no colégio e por enquanto não está jogando. É, não está jogando! Porque não dá, não é certeza que vai ser jogador. Eu, desde os 10 anos, era profissional, porque levava aquilo a sério, me dedicava àquilo. Se eu fosse mal no colégio, o meu pai não deixava treinar. É difícil estar mal e conseguir melhorar sem se dedicar. Eu falo isso pra ele:

— Estuda logo no início do ano, tira nota boa e vai levando o ano bem.

Aí dá pra conciliar. No futebol hoje em dia os treinos são em locais muito longes. E os moleques da base treinam três vezes por semana, quer dizer, são três dias na semana que ele não tem como estudar. Ele sai do colégio, vai para o treino, chega em casa depois das 20h00, “morto”, e vai dormir. Então, se está mal no colégio, não dá, não tem outra coisa a se fazer. Senão, ele vai se ferrar ainda mais no colégio. Até porque, sou da seguinte opinião: se for para ele treinar, tem que levar a sério, se dedicar. Ele estava treinando no Flamengo no ano passado, mas não ia em todos os treinos, faltava. E eu o alertava:

— Pô, assim os caras vão te mandar embora!

E não deu outra. No início deste ano, eles o mandaram embora. Tem que fazer direito! No ano passado, ele parou de ir treinar, porque, para poder passar de ano, precisava de aulas particulares. Por isso que neste ano eu falei para ele começar o ano bem na escola, mas aí já começou mal e não está jogando em lugar nenhum...

E se minha filha quisesse ser jogadora? Ela não quer... He! He! He!... Mas **se ela quisesse eu falaria assim:**

— **Filha, eu vou apoiar, mas o teu futuro é triste. Porque eles não apoiam em nada o futebol feminino aqui no Brasil. É triste! Mas se você quiser...**

Teria que explicar o outro lado, o mercado de trabalho, a profissão que ela estaria seguindo... Meu filho mais velho queria há um tempo estudar História, e eu falei:

— Legal... mas veja quanto um professor de História ganha. É triste, mas é a realidade. O mercado de trabalho é difícil, ver o que tu vai fazer para o lado da História. Mas, se quiser, vai lá, estuda!

Eu falo nesse sentido. Apoiar, eu vou apoiar, mas tenho que dar uns toques, pois às vezes a ilusão de querer seguir em uma determinada área é uma, mas o mercado de trabalho, as condições são outras. A minha filha ainda bem que não foi pra esse lado de jogadora, não tem nem talento pra isso... E tem essa questão: se não tem talento, eu já aviso logo:

— Para! Para que não dá, não! Procure outra coisa pra fazer, porque na bola não vai dar, não. Vai só perder tempo!

Não foi nem o caso do meu filho. O moleque de 18 anos jogava bem, mas não quis. Se não quer, não quer, tudo bem. E o de 13 está querendo. Vamos ver...

A lição que eu tiro da minha história é só positiva. Como falei, o fato de eu não ter ido para uma Copa do Mundo não vai me fazer ficar reclamando, pois na minha carreira eu tive muitas coisas boas: fui para a Seleção Brasileira, fui para uma Copa América, ganhei títulos... **A mensagem que eu deixo é a seguinte: um atleta tem que se dedicar à profissão e levar a sério, porque isso me abriu muitas portas, me possibilitou experiências que eu nunca imaginei na vida...** Coisas simples, por exemplo: eu estive com o rei da Espanha. Essa foi uma das oportunidades que eu não poderia ter desperdiçado...

Conhecer pessoas, culturas diferentes, tudo isso me fez crescer como pessoa. Só o futebol que poderia me levar a isso. De repente eu até poderia ter tido uma profissão que me levasse para morar fora do Brasil, mas as possibilidades seriam menores. Conhecer o mundo inteiro, friso, o mundo inteiro praticamente, não tem um lugar que eu não conheça, isso tudo me engrandece, não é só o lado de ir lá para ganhar dinheiro. Então, para um jovem que goste de futebol ou até para um jogador profissional que está começando, é muito difícil falar que “isso” é o certo. Não tem “isso” é o certo. O certo é se dedicar à profissão, porque sem dúvida ela vai abrir muitas portas na vida e porque passa rápido...

Às vezes o jogador quer fazer tudo quando é jovem e isso pode atrapalhar a própria carreira. Ele acha que é jovem só naquele momento, só que quando parar de jogar com 35 anos estará superjovem para a vida. Hoje eu posso falar isso... E hoje, também, são outros tempos. O Neymar decidiu ficar no Brasil, ele pode ficar aqui, a condição é outra. Por isso

que falo que o certo pode ser permanecer e não ir para a Europa. De repente na condição que ele ficou eu ficaria também, estaria no meu país, jogando, bem remunerado, em um time bom... Se fosse para jogar em um time ruim também, seria outra história.

Assim, tem os dois lados. Se o jogador vai para fora, a parte financeira não vai perder e profissionalmente vai crescer, porque os melhores estão lá. Essa é a diferença. E isso vale para qualquer profissão: todo mundo quer trabalhar com os melhores, porque vai crescer. Não tem como. Se estiver com um bom profissional ao seu lado, vai crescer. E, finalmente, tem a questão cultural, que é o conhecimento de vida, a evolução como pessoa. Então, é por aí mais ou menos. Não é nem um conselho, é contar a minha história, pois cada um segue a sua vida como acha melhor.

Se eu faria tudo de novo? Claro, com certeza, com certeza... Agora, com a experiência mudaria um negocinho aqui, outro ali... **pô! iria ajeitar um pouquinho, mas faria tudo de novo com certeza.**

2.4 DENILSON

Figura 25 - Denilson com a camisa do Arsenal. Fonte: signedsport.co.uk.

Nome	<i>Denilson Pereira Neves</i>
Data e local de nascimento	16 fev. 1988 (27 anos) São Paulo/SP
Clubes	São Paulo (2005-2006, 2011-2015) Arsenal/ING (2006-2011) Al-Wahda/EAU (2015-)
Seleção Brasileira	2005-2007

Somente na última década houve um aumento significativo de futebolistas brasileiros no Campeonato Inglês. Antes dos anos 2000, não chegavam a dez⁴⁸⁷. A contratação de Denilson pelo Arsenal em agosto de 2006 é uma mostra da mudança de postura dos clubes ingleses perante os atletas brasileiros. Aos 18 anos, com passagens pelas categorias de base da Seleção Brasileira e campeão mundial de clubes pelo São Paulo, foi contratado como um

⁴⁸⁷ Cf. COELHO, 2009, p. 192.

jovem talento que seria preparado para ocupar a vaga de outro brasileiro na equipe londrina, o veterano volante pentacampeão Gilberto Silva. Este, aliás, foi citado várias vezes como uma pessoa muito importante na sua integração dentro e fora do clube.

Apesar da presença de outros brasileiros no elenco, Denilson sentiu demais a mudança de São Paulo para Londres. Não era uma questão exclusivamente relacionada à “solidão”, como seu tom vital sugere, uma vez que nem seu pai nem seus três irmãos puderam morar com ele, como no Brasil. Era um conjunto de fatores (solidão, imaturidade, timidez, dificuldades com a língua, frio, culinária, ingleses “muito fechados”) que somados o leva a encarar tanto a profissão quanto a vida no estrangeiro como “sofrimento”. Ainda mais para alguém que passou por uma “transformação” em termos econômicos “muito grande”, da miséria e violência no Jardim Ângela a uma casa de três andares em um condomínio de luxo na pequena e pacata cidade de Saint Albans, a noroeste de Londres. Interpreto, enfim, como uma distância afetiva, da família, das origens, do Brasil e de suas características e culturas. O retorno ao Brasil parecia, assim, inevitável, tal como ocorreu. Na ocasião da entrevista, mais maduro, disse não estar arrependido de ter retornado, mas admitiu que a “minha prioridade é voltar a jogar fora novamente...”, o que aconteceu na última janela de transferências, quando rumou para os Emirados Árabes Unidos. De fala mansa e sotaque nordestino, demonstra ao longo de toda a narrativa muita simplicidade. A escolha da foto de Denilson com autógrafo é uma referência à maneira como ele lidava com as dificuldades relativas ao fato de não dominar a língua inglesa.

A negociação para entrevistá-lo começou em outubro de 2011, através de contato feito por e-mail com o assessor de imprensa do São Paulo, Juca Pacheco. Dois anos mais tarde, em abril de 2013, tentei novamente após trocar algumas mensagens. Foi somente em janeiro de 2014 que numa nova investida consegui, muito provavelmente por se tratar de início de temporada e de um jogador menos requisitado, agendar o encontro para 11 de fevereiro, às 15h00, no Centro de Treinamento do São Paulo, na Barra Funda. A entrevista, é importante dizer, foi marcada de um dia para o outro, o que nos exigiu rapidez na sua preparação e na organização da equipe e do material de gravação. Além de mim, estavam presentes: Bruna Gottardo e Ademir Takara, ambos do Museu do Futebol, e William Contini, do Ludens/USP. Chegamos com bastante antecedência e passamos por duas portarias até sermos autorizados a entrar no prédio em que são dadas as coletivas de imprensa, após mais de meia hora de espera. Juca Pacheco e o outro assessor de imprensa nos receberam e informaram imediatamente que o atacante Alexandre Pato estava naquele momento no CT para ser apresentado ao elenco e

fazer seu primeiro treinamento pelo clube. Como ainda não tinha assinado contrato, pediu gentilmente que não tirássemos foto nem postássemos qualquer comentário nas redes sociais.

Subimos um andar e aprontamos o material de gravação numa sala anexa ao auditório, toda envidraçada e que permite ver os campos de treinamento. Enquanto esperávamos Denilson, o assessor nos informou que teríamos um pouco menos de uma hora, pois o treino começaria às 16h00. Para piorar, Denilson chegou com quase meia hora de atraso, já vestido com o uniforme de treino, porém de chinelo. Pediu desculpas pelo atraso e demonstrou-se desde o início muito solícito. Imaginando que ele mal sabia do que se tratava, tratei de explicar sucintamente a pesquisa, o nosso interesse e a importância do seu relato. Entendendo a proposta, saiu narrando sua vida, sendo pouco interpelado por nós. Só foi interrompido pelo segundo assessor de imprensa quando faltavam poucos minutos para o horário do treinamento. Este assessor, inclusive, acompanhou de pé toda a entrevista, talvez estivesse desconfiado do que seria abordado. Felizmente, sua presença próxima não atrapalhou o andamento da entrevista.

Argumentei que gostaríamos de continuar a entrevista, uma vez que faltavam ainda muitos pontos por explorar, e Denilson mostrou-se aberto e interessado. O assessor disse para enviar novo e-mail, pois tentaria deixar pré-agendado para a semana seguinte. No entanto, nos dois meses que se seguiram ele nunca mais respondeu as nossas mensagens eletrônicas. Minha estratégia, então, foi procurar pela assessoria pessoal do atleta. A atenção, o interesse, a rapidez nas respostas e, claro, o sucesso na tentativa fizeram com que adotasse esse método para contatos futuros. Em dez dias, após poucas trocas de e-mails, a segunda entrevista estava marcada para 9 de maio de 2014, na residência do próprio jogador, um apartamento de luxo na Zona Sul de São Paulo. Cabe destacar que, de todos os entrevistados, ele foi o único a abrir o lar de sua vida privada, algo raríssimo porque há um grande receio por parte dos futebolistas de exporem seus familiares e a própria segurança. Sua empregada doméstica foi nos receber no saguão do edifício. Ao subirmos para o apartamento, sua esposa nos recepcionou e nos acomodou em uma enorme sala de estar. Após alguns minutos, Denilson desceu a escada vestido de modo simples, com blusão, *shorts* e chinelo. Confessou que não se lembrava mais, pois no intervalo de tempo dera muitas outras entrevistas. Reapresentamos a pesquisa, retomamos os pontos narrados por ele e solicitamos para seguir a narrativa a partir da chegada à Inglaterra. Foram mais cinquenta minutos de entrevista. Ao final, ele ofereceu uma mesa de café e nos presenteou cada um com uma camisa do São Paulo, autografada por ele. Nesta

segunda entrevista, estiveram presentes, além de mim, a Bruna e o Yurick Pilon, também do Museu do Futebol.

“A solidão foi a coisa mais triste que eu passei.”

Meu nome é Denilson Pereira Neves. Eu sou da cidade de São Paulo mesmo. Nasci em 16 de fevereiro de 1988 e fui criado aqui na capital a minha vida toda, mas os meus pais são paraibanos, de Alagoa Nova... A minha história como jogador, até hoje, com 25 anos de idade, vem através do meu pai, seu Pereira, que também foi profissional. Ele jogou no Nordeste, jogou pelo Botafogo da Paraíba, Campinense e Auto Esporte. No entanto, não teve a mesma sorte e oportunidade que eu tive, porque quando ele chegou aqui em São Paulo, em 1986, recebeu um convite da Portuguesa, só que não tinha como ele fazer o teste, sabendo que a minha mãe estava grávida e precisando de dinheiro, de um trabalho para dar condição à família. Aí o meu pai seguiu a vida dele como... segurança de banco.

Meus pais tiveram, além de mim, mais três filhos: Lenilson, Genilson e Railson. Todos eles já tentaram ser jogador. Dos meus dois irmãos mais novos, um está jogando em Portugal e o outro, que tem 18 anos, está jogando no São Bernardo. **Quando eu nasci, o meu primeiro presente foi uma bola de futebol.** Cresci jogando bola na comunidade, amava brincar na rua com os meus amigos de infância lá no Jardim Ângela, que é um bairro muito simples, muito humilde onde aconteceram várias coisas... É doloroso lembrar, cansei de ver gente morrendo na minha frente, de sair correndo da rua de volta para casa por causa de tiroteio, de ver gente invadindo o fundo de nossa casa... Muitos amigos morreram baleados porque escolheram o caminho do tráfico de drogas. **Pra mim deu tudo certo porque meus pais me deram educação, mas não era fácil...**

Quando eu tinha 10 para 11 anos de idade, em 1999, eu tive a infelicidade de perder minha mãe, vítima de doença cardíaca. Meu pai teve que se redobrar pra cuidar de nós quatro. Foi uma situação em que nós sofremos bastante pela perda e por não ter o carinho de uma mãe e aquela coisa toda. Só para ter uma ideia, o meu irmão mais velho tinha 8 e o mais novo, 3 anos de idade. **Passamos por muitas dificuldades. Algumas vezes só tinha pão velho pra comer. Eu serrava e botava açúcar pra tentar comê-lo...** Mesmo assim meu pai não desistiu e seguiu fazendo tudo que era possível. Eu sou muito grato a ele. Faço questão de morar perto dele e de que ele esteja bem.

Quando a minha mãe morreu, eu falei que iria trabalhar o máximo possível pra realizar o sonho que eu tinha desde criança: ser um jogador profissional. Aí foi quando Deus me iluminou, e eu tive a felicidade de ser convidado pra estar na base do São Paulo, por recomendação do ex-zagueiro Bauer. Entrei no dente de leite, que na época era no Morumbi.

Eu agradeço a Deus todos os dias da minha vida por isso. Como apareceu a oportunidade de repente, pensei: “Pô, agora é a minha chance!”. Foi em 99 também, pouco depois de a minha mãe ter falecido. Daí eu e o meu irmão mais velho, que hoje é treinador, fomos juntos e começamos a treinar no São Paulo, mas só eu continuei no clube porque ele tinha um problema de coração.

Pouco tempo depois, mais uma vez, o time 87 do São Paulo, do qual fazia parte, foi convidado para disputar a Danone Cup, na França. Foi através do Raí que fomos jogar esse campeonato no estádio do Paris Saint-Germain. Inclusive, antes de viajar, nós fomos ao CT da Barra Funda e tiramos fotos com o Raí, que estava aqui no São Paulo na época, com o Rogério Ceni e com o elenco todo. Eu era o mais novo do grupo.

Foi a minha primeira viagem de avião e foi muito engraçada... He! He! He! Vou até contar a história. Eu, desde pequeno, tinha problema de fazer xixi na cama e naquela época, com 11 para 12 anos, pensei: “Porra, se eu dormir no avião, eu tenho medo de me mijar.”. E eu dormi, eram umas doze horas de voo daqui à França. Quando eu acordei, acordei todo mijado, que vergonha! Falei:

— Meu Deus do céu! Os caras vão colocar apelido em mim que não vai ser brincadeira.

Logo, os colegas souberam, começaram a rir de mim e tal. O elenco todo do São Paulo estava presente. Na hora eu fiquei com vergonha, é claro, mas depois passou. Foi muito engraçado...

Bom, depois dessa viagem para a França, voltei e continuei trabalhando, e trabalhando no São Paulo. Passei assim meus 12, 13 e 14 anos de idade. Aos 15, fui disputar a Copa do Brasil de Futebol Infantil, em Votorantim, para jogadores com essa idade. E foi de lá que saiu a minha primeira convocação, pois já tinha olheiro da Seleção Brasileira observando. Eu fiquei sabendo que fui o único jogador do São Paulo a ter sido convocado. Quando eu recebi a ligação, comecei a tremer, porque pra mim era um sonho, desde criança. Ainda mais depois que a minha mãe morreu, quando eu estipulei: “Porra, agora que eu vou ter que trabalhar.”. Assim que soube, já liguei para o meu pai chorando de alegria:

— Ô, pai, eu fui convocado!

— Porra, que bom! Continue trabalhando e isso, isso, e isso...

Então, **ser convocado pela primeira vez aos 15 anos foi um momento... espetacular pra mim.** Sonhar, eu sonhava, mas acreditava que ia demorar mais pra chegar à Seleção de base, onde os escolhidos são a dedo. Do Brasil todo, vão apenas 22 jogadores, e estar ali no

meio fez eu me sentir muito realizado. Na Seleção, eu fiquei dos meus 15 até os 20 anos. Quando tinha 17 anos, eu disputei o Sul-Americano e fomos campeões em cima do Uruguai.

Ao voltar para o clube, eu não tinha contrato profissional ainda com o São Paulo. Naquela época, o *scout* do Arsenal, que era brasileiro, já estava me observando. Ele se chama Sandro Orlandelli e hoje está nas categorias de base do Santos. Primeiramente eu agradeço a Deus, mas também a ele que levou o meu DVD para o Arsène Wenger, técnico do Arsenal. Aí fui disputar a Copa do Mundo Sub-17, que foi realizada no Peru, em 2005. Acabamos perdendo a final para o México. Ao mesmo tempo em que saí triste por ter perdido o título, eu saí feliz porque fiquei sabendo que o Wenger tinha aprovado o meu nome e que havia o interesse de um grande clube da Europa em meu futebol. Quando voltei para o São Paulo, o presidente Juvenal Juvêncio estava sabendo da situação toda e disse:

— Vamos fazer um contrato e vamos subir esse garoto para o profissional.

Eu, com 17 anos, subi para o profissional, inclusive foi o Autuori que me deu a oportunidade de estreiar. **Pra mim foi um sonho realizado, porque a minha mãe sempre foi são-paulina e falava para as amigas dela, para a patroa dela – já que ela era diarista –, que iria me ver ainda jogar no Morumbi.** A minha estreia foi contra a Ponte Preta, em Campinas, e foi emocionante, mas quando foi no Morumbi, contra o Santos... voltou a fita, voltou o filme todinho, e eu me lembrei do que a minha mãe falava.

Daí teve a convocação do São Paulo para ir ao Mundial de Clubes de 2005, e eu estava entre os escolhidos. Pra mim foi uma alegria imensa em poder estar naquele elenco, que tinha Lugano, Amoroso, Fabão, Mineiro, Josué, Cicinho, jogadores consagrados que conseguiram colocar os seus nomes na história do São Paulo. Quando conquistamos o título, eu estava com 17 anos e pensei: “Eu tô feliz demais, mas não vai parar por aqui!”. Voltamos do Japão e no ano seguinte, em 2006, o Muricy Ramalho assumiu como técnico. Acabei tendo poucas oportunidades, mas aí o Arsenal já tinha feito uma proposta para o São Paulo. Meu empresário me perguntou:

— E aí, Denilson, você vai?

— Não sei...

— Vamos embora? – me incentivou.

— Vou. Eu quero ir embora, quero conhecer um pouco a Europa, conhecer outras coisas na minha vida.

Enquanto o Arsenal e o São Paulo acertavam o negócio, eu viajei para o Japão para disputar a Copa Sendai pela Seleção Brasileira. Faltava um dia para fechar a janela de

transferências internacionais, no dia 31 de agosto de 2006, e a gente ia para a final. Era o último dia para eu assinar. Pô, foi uma correria muito grande, meu ex-empresário teve que mandar fax da Inglaterra para o Japão, e eu tinha que repassar logo a papelada... Quando eu assinei e fiquei tranquilo, aí fui disputar a final. Só que antes do jogo, o treinador na época da Seleção, que era o Nelson Rodrigues, me perguntou se dava pra jogar. É claro que deu pra jogar e tudo.

Foi uma alegria imensa pra mim, primeiro por ter naquela época assinado com o Arsenal, depois por ter ganhado a final da França e logo em seguida por ter sido eleito o melhor jogador do campeonato. Então, pra mim aquele dia foiii... memorável. Foi uma oportunidade muito grande na minha vida, não só pessoal, em termos de conquistas particulares, mas também profissional, uma vez que eu me senti bastante útil e feliz para recomençar uma nova vida. Daí eu voltei para o Brasil e fiquei mais ou menos uma semana e meia... Fui ao São Paulo abraçar todo mundo e me despedir dos jogadores, da comissão, diretoria... Depois fiz uma festinha de despedida com a minha família, é claro.

No meio do caminho, já no avião para a Inglaterra, foi onde meu pai começou a me dar conselhos. Falou que daquele momento em diante eu teria uma nova vida e que ele não poderia mais estar comigo, ao meu lado, de modo que eu pudesse andar com as minhas próprias pernas, mas sempre que precisasse poderia contar com o apoio dele de longe. **O meu pai, pra mim, sempre foi e sempre vai ser um herói na Terra.** Aquele momento foi marcante pra mim, porque eu tinha acabado de fazer 18 e estava indo para um país que eu não conhecia a língua, nada.

Ao chegar à Inglaterra, aí que fui ver o sofrimento. Eu era novo eee... não tinha ninguém pra ficar comigo. Quem ficou comigo durante um tempinho foi o meu ex-empresário, mas na verdade eu queria que alguém da minha família estivesse ao meu lado, meus irmãos ou meu pai. Tampouco eles podiam, porque meu pai trabalhava, era treinador do Estrela da Saúde, e meus irmãos estudavam ou jogavam. Então, eles não podiam mesmo. Só que, para eu conseguir passar por essa situação, eu tinha que suportar esse sofrimento de ficar sozinho em um país onde não conhecia nada.

Eu nunca tinha sentido tanto frio na minha vida como senti na Inglaterra. Ao abrir a porta de casa, parecia que eu estava em um congelador. Para ir ao treino, meu Deus do céu!, um frio que não existe... E era incrível que quando dava 15h00 já está tudo escuro, pensava: **“Nossa, que país é este?!”. Chuviscava, chovia todo dia, um friiii, aquele frio gelado que chega a arder na pele.** Nunca tinha passado por isso, nasci e fui criado aqui no Brasil, onde

sempre convivia com pessoas que se aproximavam, conversavam, eram mais alegres. Lá o pessoal até conversa, mas eles são muito... muito fechados. Passei cinco anos na Inglaterra e nem conheci meus vizinhos. Então, foi uma experiência muito grande na minha vida.

Na realidade, eu aprendi a dirigir lá, do lado contrário. Na Europa, em toda temporada, cada jogador tira fotos com a camisa do clube. Eles nos dão mais ou menos mil fotos, 500 a gente pega, assina e entrega para fãs, e as outras 500 eu já guardava dentro do carro, porque se a polícia me parasse – como eu não sabia falar inglês –, eu pegava e mostrava a minha foto pra dizer que era eu, entende? Às vezes a polícia me parava, porque eu estava a 30, 40 km/h... Devagar até demais, e eles achavam estranho. Fora as batidas de carro que eu já dei lá na Inglaterra... Já entrei na contramão na Piccadilly... sem saber, é claro. Todo mundo buzinou pra mim, e eu me desesperei:

— Meu Deus do céu! Que que eu vou fazer agora?

Eu tive que passar em cima do canteiro e rasguei meu carro todinho, tive que comprar outro depois. Tive que ir à delegacia, eles queriam saber o que estava acontecendo, se eu tinha bebido alguma coisa. Eu não tinha tomado nada, é que eu não sabia mesmo! Porque é totalmente diferente daqui do Brasil, lá se dirige do outro lado, o volante é do lado do passageiro, as mãos das vias são invertidas, tudo ao contrário. Mas, graças a Deus, foi tudo tranquilo.

Conto essas coisas para mostrar como foi sofrido pra mim. Quando eu cheguei lá, não sabia falar inglês também. O meu ex-empresário, que era espanhol, quis mostrar pra mim que sabia falar. Fomos a um restaurante, que estava cheio de gente, aí ele me perguntou:

— Você quer comer o quê?

— Ah, vou pedir o que for mais fácil, porque vai que eu peça alguma coisa que não sei o que é e daqui a pouco posso desperdiçar... Ó, espaguete. É simples de você pedir, né?

— Mas só espaguete?

— Pô, não tem um ovinho aí, não?

— Pode deixar que eu vou pedir.

Aí chegou o garçom, ele pediu o espaguete e na hora de pedir o ovo:

— Ééé... Tsc! *Can I have aaa... iss...*

E passou a mão na cabeça tentando lembrar:

— Como que é galinha ou ovo em inglês? Ovo, galinha... Como que é mesmo?

Com o restaurante lotado, só gente fina, ele se levantou da cadeira e começou a imitar uma galinha pra mostrar ao garçom que ele queria um ovo... Eu juro: nunca dei tanta risada na

minha vida! Pensei: “Meu Deus, que vergonha. Olha o que o meu empresário está fazendo!”. Nunca tinha visto alguém fazer algo parecido. Ele continuou imitando, foi ficando vermelho e tentando se expressar. O garçom, surpreso, olhou para ele e disse:

— *What’s up, man? What’s up?*

Diante da situação, pensei: “Porra, agora vai ser foda.”. Aí, do nada, um português, que estava dentro da cozinha lavando louça, viu a cena e veio nos ajudar:

— Pois não, que gostarias? – com aquele sotaque de português.

— É que a gente tá querendo pedir um ovo. – respondi.

— Ah, um ovo?! Espera que eu vou fazer pra você.

Assim, esse foi um dos momentos inesquecíveis e engraçados que eu passei. **Passei por essa situação e por outras, e aprender o inglês foi muito difícil pra mim... O clube me oferecia aula de inglês, três vezes na semana, com duração de duas horas. Eu não gostava, enchia o saco.** O treino no Arsenal terminava por volta do meio-dia e meia. Eu almoçava no clube e ia para casa dormir. Quando eu acordava, às 17h00 ou 18h00, a mulher tocava a campainha. Ao abrir a porta, ela dizia toda entusiasmada:

— Vamos começar a estudar?!

— Vamos... – respondia desanimado.

Pegava o livro e começava a aprender letras até juntar uma palavra ou outra. Beleza, só que às vezes, nossa!, enjoava, cansava. De vez em quando falava para ela:

— Professora, vamos, sei lá, vamos passear um pouco? Vamos a algum restaurante, eu e você? Porque conversando assim eu vou ficar com sono.

E dava sono. Eu queria aprender, mas não conseguia. De um dia para o outro, eu falei para o Arsenal:

— Ó, não precisa pagar minhas aulas mais, não, que eu vou me virar agora.

Aí comecei a sair nas ruas e a falar com as pessoas. Na Inglaterra as pessoas têm paciência pra ensinar, aqui um brasileiro ensinar um estrangeiro é difícil, hein?! Brasileiro não tem muita paciência pra essas coisas, não! Lá o inglês é muito educado, tem calma, explica, tudo certinho. E eu acho muito legal a educação deles, quanto a isso não tenho o que falar. Depois que eu comecei a sair pelas ruas que comecei a aprender uma coisa aqui, outra ali. Voltava para casa, pegava o dicionário e ia procurar as palavras, e tentava juntar uma com a outra. Era muito engraçado eu falando inglês... Aí fui pegando, fui pegando... **resumindo: fui aprender o inglês mesmo depois de dois anos e pouco.**

A partir disso que eu acostumei mais com Londres. Eu morava numa cidade chamada St. Albans, que fica a vinte quilômetros da capital, mas é no mesmo lugar onde é o centro de treinamento do Arsenal. Eu já morava perto por esse motivo mesmo. Foi a melhor coisa que eu fiz. Não é grande, mas é uma cidadezinha tranquila, boa e tem de tudo. Pra mim era mais fácil, porque ficava muito próximo do treino, há dez ou 15 minutos apenas. Como o treino era às 11h30, eu acordava às 10h30, às vezes às 10h50, e mesmo assim dava tempo de fazer o que tinha pra fazer e ir ao CT. Totalmente diferente daqui do Brasil. O CT da Barra Funda, do São Paulo, fica lá na Zona Oeste, e eu moro aqui na Zona Sul. Pô, até chegar lááá... é complicado.

O único jogador do Arsenal além de mim que morava em St. Albans era o Almunia, a maioria morava em Enfield. Esta, sim, era uma cidade mais movimentada e que fica ainda mais próxima de Londres. Em Enfield, moravam o Gilberto Silva, o Cesc Fàbregas, o Felipe Senderos e muitos outros jogadores... E tinham outros que preferiam Londres mesmo, porque gostavam da capital, do agito, de festa, restaurante e aquela coisa toda.

Mas, assim, **passei por muito sofrimento, muito sofrimento... às vezes eu achava que ia ficar louco.** Normalmente os jogos lá são de sábado, começam ao meio-dia e acabam às 14h00. Depois ia pra casa. **Pô, minha casa era grande, três andares. Eu olhava para um lado, olhava para o outro, em pleno sábado... e não tinha ninguém pra conversar. Entrava no MSN, ninguém também.** Pensava: “Pô, a essa hora no sábado, todo mundo lá no Brasil está no meio da rua, bagunçando, fazendo alguma coisa.”...

Então, eu fui aguentando aquilo ali por cinco anos. Pra mim foi muito sofrido... **Imagine passar Natal e Ano Novo sem a sua família, sem ninguém, sozinho... Não há dinheiro que compense.** É claro que eu ganhava, e ganhava bem, graças a Deus, tinha tudo o que queria, mas o que eu precisava era de uma companhia, de afeto, de pessoas que eu gostasse, de alguém do meu lado para estar no dia a dia, pra poder conversar, brincar, chamar pra sair, ir a um restaurante, fazer alguma coisa. Isso foi um dos fatores muito importantes que eu não tive...

Às vezes, quando batia aquela saudade, eu ligava para o meu pai, falava com os meus irmãos, entrava no MSN pra resenhar, mesmo assim foi bastante complicado... Sem falar que eu sou uma pessoa assimmm... tímida. Se fosse uma pessoa mais extrovertida, eu acho que daria certo, mas, como sou bem introvertido, acabei passando por muitas dificuldades na Inglaterra.

Quando eu cheguei, o Arsenal me deixou durante três meses em um hotel em St. Albans. Durante esse período, eles bancaram tudo. Enquanto isso, eu tinha que procurar uma

casa pra morar sozinho e me virar. As contas que viessem a partir de então saíam todas do meu bolso. Eu cumpri com esses três meses no hotel e depois aluguei uma casa, onde fiquei durante seis meses. No mesmo bairro estavam construindo cinco casas, só que em um condomínio fechado. O meu ex-empresário pegou o *folder*, me mostrou e orientou:

— Denilson, isso aqui acho que é interessante. Talvez não pra hoje, mas sim para o teu futuro. Vamos investir nisso, porque futuramente você pode recuperar todo o valor.

Aí, graças a Deus, eu comprei essa casa. Inclusive, eu a vendi agora, porque não tenho mais nada o que fazer na Inglaterra... Morei nessa casa por quase quatro anos. A casa era minha, Deus que me deu...

Daí em diante eu comecei a correr atrás. Nunca tinha feito compra na minha vida! Tinha que ir ao supermercado, se bem que era bem mais organizado. Às vezes não tinha ninguém para limpar a casa, e eu mesmo fazia os serviços no começo: lavava louça, varria o chão, passava pano, arrumava cama... Só não conseguia lavar roupa, porque roupa até hoje eu não sei. Depois eu fui conhecendo pessoas e pessoas, e apareceram algumas que foram trabalhar pra mim, o que acabou facilitando.

Fora a família, eu sentia muita falta de um arrozinho e um feijãozinho, viu! Que eu passeiii... três anos sem comer um arroz e um feijão. Depois que o Gilberto Silva saiu do Arsenal, ele me ligou dizendo:

— Olha, Denilson, tem uma moça que trabalhou um tempão lá em casa e, como eu tô indo embora, ela vai ficar desempregada. O nome dela é Renata. Ela é uma pessoa de confiança, vai por mim. Você não quer que ela trabalhe na sua casa? Ela iria te ajudar bastante.

Aí eu peguei o contato, liguei e a contratei. Ela é mineira assim como o Gilberto... Como na Inglaterra tem várias mercearias brasileiras, falei pra ela:

— Olha, vou comprar um arrozinho, um feijãozinho, um negócio pra você fazer pra mim.

Daí em diante, as coisas começaram a melhorar pra mim, porque já tinha um arroz, um feijãozinho, um franguinho, uma farofa, tudo do jeito que eu gosto. O arroz e o feijão faziam muita falta pra mim. Que eu não estava aguentando mais! Só comia... hum! legumes, salmão e tomava água. Só vivia disso... Nossa, faz tempo que eu não falo com ela! Pô, durante os três anos que ela trabalhou na minha casa foi muito bom, porque ela fazia feijoada, rabada e muitas outras comidas brasileiras pra mim...

No momento em que cheguei ao Arsenal, eu fiquei todo por fora, né?! Porque eu olhei para o grupo e era *show* de bola, só tinha jogador topíssimo... Pô, a humildade que o Thierry Henry tem é de tirar o chapéu. Veio até mim, me abraçou, me recebeu superbem. Por isso que eu digo: o jogador europeu mesmo, ele é superprofissional. Nós, brasileiros – eu me incluo também –, tínhamos que tirar de exemplo o profissionalismo que eles têm, o comprometimento com o clube. Porra, é extraordinária a educação, a forma de trabalhar deles é diferente.

Então, o período que eu passei fora, pra mim, foi mágico. Porque eu morava com o meu pai aqui no Brasil. Ia para o CT da Barra Funda, do São Paulo, treinava e voltava pra casa. Ia para o jogo e voltava pra casa. **Quando eu saí do Brasil e fui morar na Inglaterra por cinco anos, aí que eu conheci realmente o que é a vida, de ambas as partes, tanto no meu trabalho, quanto fora do campo, pelas experiências que vivenciei. Foi espetacular.**

Dentro de campo, o europeu é muito obediente taticamente. A qualidade técnica, eu fui pegando conforme o tempo passou... Mas a velocidade, o pensamento do jogador da Europa é totalmente diferente de um jogador brasileiro, eles pensam muito rápido. A minha estreia pelo Arsenal foi contra o West Brom. Eu dominava a bola, e na hora que eu ia virar o adversário já tinha tomado a bola de mim. Tomou umas dez vezes, e eu pensei: “Que é isso?!”. Lá os jogadores, o volume de jogo são muito rápidos. É totalmente diferente do brasileiro. No Brasil, o jogador domina a bola, pensa mil vezes e tal... Lá não, é um-dois, um-dois, e movimenta, e movimenta, e não para, e não para, é aquele ritmo frenético...

Assim que cheguei, eu já me encontrei com o Gilberto Silva e o Júlio Baptista no clube. Eles me abraçaram, só que eu sou uma pessoa muito introvertida, como falei, ainda mais quando tinha 18 anos... Sempre fui assim, tranquilo. O Gilberto Silva me perguntava:

— Denilson, tá sozinho?

— Tô.

— Vamos lá pra casa, que eu vou fazer um almoço, uma janta, e a gente fica por lá.

Só respondia assim:

— Pode deixar que eu vou...

Mas eu nunca ia, porque sabia que ele era casado, tinha filhos. Como eu não queria incomodar, pensava: **“Ah, se for pra incomodar, eu prefiro ficar sozinho mesmo.”** Agora, se ele fosse solteiro, estivesse sozinho também, era uma outra coisa. Pra ele, eu não iria atrapalhar, mas pra mim, no meu pensamento, eu achava que iria, sim. Apesar de eu nunca ir, ele sempre insistia:

— Vamos lá, pô! Parece bicho do mato...

— Não, cara, não é isso, não.

Ele é muito gente boa, o homem sempre me chamava, inclusive no Natal e no ano novo. Eu ficava em casa sozinho, passava essas datas sem ninguém, só ia ter jogo no dia 2 de janeiro... Os jogadores com quem eu tinha amizade no Arsenal eram o Cesc Fàbregas, o Carlos Vela, que está na Espanha, o Sagna, francês que está no clube ainda... Quem mais?... O Song, Alex Song, que está no Barcelona, o Ebouè, que está no Galatasaray... Tinha também o Eduardo da Silva, que é meu parceirão. Esses jogadores que eu estou falando eram aqueles com quem tinha mais afinidade.

Eles não eram solteiros, tinham suas namoradas, mas, quando a gente saía, saíamos só nós, jogadores. A gente costumava ir ao Nando's, um restaurante que tem lá, comer frango apimentado. Nós nos encontrávamos principalmente antes de acabar a temporada, era bem legal... Até esses tempos, eu falava, conversava com algum deles, só que com esse negócio de mudar de telefone, trocar de número, acabei perdendo todos os contatos. Mas eu tenho vontade de pegar umas férias aqui, voltar para a Europa, dar um ligada pra eles, marcar de se encontrar, porque, querendo ou não, foi uma passagem muito boa que eu tive e criei uma amizade com eles também. Mantê-la é essencial na vida de qualquer um.

Quando eu saía em St. Albans mesmo, as pessoas me reconheciam, pediam para tirar muitas fotos, essas coisas. Às vezes, eu fazia um sambinha lá em casa. Pô, os vizinhos mandavam até carta para o Wenger, falando que eu estava fazendo barulho demais e tudo... Era engraçado! Eles mandavam mesmo carta direto para o treinador. É um tipo de coisa que aqui no Brasil não tem, é diferente, né?! Por exemplo: se eu começar a fazer um samba aqui neste apartamento e se o vizinho for reclamar, vai reclamar comigo. Jamais vai mandar uma carta para o Muricy. Então, é engraçada a forma de eles tratarem uma situação dessas.

E o Wenger sempre soube que eu gostava de um pagode, de estar com as pessoas, curtir um pouco, porque **eu vou te falar: a vida de jogador também é complicada. Viaja bastante, concentra bastante, se dedica muito. Às vezes o jogador vive mais o trabalho do que com a própria família.** Não acredito que seja assim só para o jogador de futebol, mas o trabalho de jornalistas também é viajando, carregando peso, indo pra lá e pra cá. Assim, cada profissão tem as suas dificuldades. E a nossa: a gente não para e concentra, principalmente aqui no Brasil, onde se concentra bastante. Por isso que, às vezes, quando eu sabia que no dia seguinte eu estaria de folga, eu gostava de chegar em casa, curtir um pouquinho, dar uma relaxada, porque só trabalho e trabalho, não dava, não!... Não dava.

O treinamento no Arsenal começava às 11h30. Meio-dia e meia no máximo, já tinha acabado. Embora o treino fosse curto e não desse nem uma hora, era um trabalho bom, intensivo. Por mais que fosse frio na Inglaterra, pelo menos dava prazer de acordar de manhã e ir para o trabalho. Pô, sabe quando você se sente assim: “Hoje eu tô aliviado porque foi um dia bem aproveitado.”? Lá eu tinha isso. Não que aqui no Brasil não tenha, também tenho, só que aqui é complicado porque o jogador acaba tendo mais jogos, menos descanso, mais concentração. Lá dificilmente se concentra. E quando tem semana de jogos entre seleções, as datas FIFA, quem não é convocado, como era o meu caso, acabava pegando de três a quatro dias de folga pra viajar pela Europa toda e fazer o que quisesse. Então, **é totalmente diferente, por isso que eu acho que a Europa está muito a frente... do Brasil ou de qualquer outra situação.** Em relação a isso aí não tem nem o que falar.

Na Inglaterra, a gente só concentrava quando ia jogar fora. Se o jogo fosse, por exemplo, domingo às 16h00 em Liverpool, a gente viajava somente às 23h00 do sábado... Dormia na cidade e depois ia para o jogo. Ou seja, nada de loucura como é aqui no Brasil. E outra: eu acho que o europeu em si é mais profissional do que o brasileiro. **O brasileiro pega um pouquinho pesado, porque, se não tiver concentração aqui, vai chegar para o jogo bêbado... É, é verdade. O europeu tem um comprometimento maior do que o brasileiro.** O brasileiro não está nem aí, tanto faz como tanto fez.

E até em questão também de horário de trabalho... Tinha jogador que chegava ao CT às 9h30, ou seja, com duas horas de antecedência ao horário do treino. Chegava antes para fazer um trabalho particular, para si mesmo. Porra, tive uma felicidade imensa de poder trabalhar com muitos jogadores de alto nível. E quando eu cheguei, acabei pegando muitas coisas, fui entendendo como funcionava... Eu acho muito legal saber respeitar o horário dos próprios trabalhos: treino, jogo, hora de dormir, hora de comer, tudo isso. Coisa que aqui no Brasil é um pouco bagunçado...

Apesar das folgas, eu sempre fui solteiro, então na época... mal viajava, ficava em casa mesmo. Pô, ia fazer o que por aí?... Ficava em casa jogando videogame, na reseeenha, jogando *Parchesi*, que eu gosto muito... Era isso. O único país para onde eu viajei foi Portugal. Fui a Lisboa ver o meu amigo Sidnei, que na época jogava no Benfica. Fiquei uns três dias lá com ele, e só. Fora isso, nunca gostei de viajar, nunca me interessei por essas coisas, não.

Pô, viajei uma vez... para Glasgow. Fui inventar de ir de carro. Sete horas!... Sete horas para ir a um país mais frio ainda. Pensei: “Meu Deus do céu, é o fim do mundo

mesmo!”. É muita loucura aquela cidade, o povo daquela Escócia é muito maluco mesmo... São memórias que vão passando, que me fazem lembrar de muitas coisas... Porra, que saudade que me dá. Foi uma experiência maravilhosa.

Enfim, eu passei cinco anos na Inglaterra e quis voltar para o Brasil. **A motivação foi a solidão. Quer dizer, o fator do nascimento da minha filha foi maior, foi mais por ela do que por qualquer outra coisa...** Quando eu decidi, fui conversar com o Wenger:

— Professor, eu não tô aguentando mais isso. Gostaria de voltar pro Brasil. Minha filha acabou de nascer, e eu quero me aproximar mais dela. Me empresta pelo menos por um ano, depois eu volto.

Ele me perguntou:

— Você tem certeza que é isso que você quer?

— Tenho, tenho sim, por causa da minha filha.

Sofri bastante porque minha filha tinha acabado de nascer, e eu queria estar próximo dela... Não tinha como ela ir para a Inglaterra, porque a mãe dela mora longe, lá no Campo Limpo. Então, não tinha jeito, eu tinha que voltar... Mas não me arrependo do que eu fiz, não.

Estou aqui no Brasil até hoje e sou muito agradecido por tudo que eu passei no Arsenal, porque o trabalho que eles desenvolvem, a educação deles, a forma como trabalham dentro de campo, e fora também, já que eles se preocupavam comigo, com a vida que eu levava. Eles sabiam que, para mim, sair daqui do Brasil e ir para a Inglaterra não era fácil.

Se tem gente que sofre quando sai do Nordeste e vem para o Sudeste, imagine pra mim! Era um garoto, saí novo do meu país e fui para longe, morar em um lugar que não tem nada a ver comigo, sozinho, sem família, sem amigos, sem ninguém pra estar ao meu lado, pra conversar... Então, foi complicado, passei por muitas situações difíceis. Mesmo assim, eu agradeço primeiramente a Deus pela oportunidade de ter jogado no Arsenal e ao Wenger também. Ele foi um dos melhores treinadores com quem eu já trabalhei, um cara homem, um cara sincero, um cara honesto. Realmente foi um clube... extraordinário por onde eu passei.

Na época em que estive no Arsenal, tinha estrangeiros no elenco. Tinha bastante francês, até hoje tem. Espanhóis, pouco... De brasileiro, quando eu cheguei, tinha eu, o Júlio Baptista e o Gilberto Silva. Depois o Júlio saiu porque tinha voltado de empréstimo para o

Real Madri, aí ficamos eu, o Gilberto e o Eduardo da Silva. Mais pra frente saiu o Gilberto, aí ficamos apenas eu e o Eduardo.

Às vezes as pessoas falam de “panelas” de brasileiros, de estrangeiros, mas não é isso. É queeee... quando um estrangeiro chega a um país onde não conhece nada, como foi o meu caso, se tem jogadores da sua nacionalidade no time, eles querem puxá-lo, vão ficar próximo para que ele se enturme. Não que fosse uma “panela”, não que não gostasse do espanhol ou do africano, mas é que eu acabei pegando mais aquela intimidade, aquela afinidade com os brasileiros, por eu ser brasileiro. É assim também para o africano, o espanhol ou o que for... E eu nunca percebi preconceito. Nunca, de forma alguma. Nem de torcida, nem de nada. Eu nunca vi isso.

Nem mesmo com relação a racismo. É incrível, né?! **Hoje está todo mundo falando desse negócio de racismo aí, mas nunca vi, nunca aconteceu.** Nem com os companheiros, nem com os jogadores de outros clubes, nada. Muito menos na vida social, isso aí nunca... Todo mundo lá se respeitava, era um grupo bom, um grupo fechado, não tinha pessoas más, todo mundo se gostava, lutava pelo mesmo objetivo. Esse negócio de racismo nunca teve, não. Até porque, as medidas tomadas pelas autoridades europeias contra o racismo são bem mais rígidas. Imagina na Inglaterra, muito rígida. Na Alemanha, acredito que também seja...

Como eu vejo esses casos atuais? Tsc! É triste, pô... Eu não sei... eu não sei o que passa na cabeça desses caras, né?! É torcedor... **Se, por exemplo, eu estiver jogando amanhã, sei lá, numa Alemanha, se estiver tudo dando certo pra mim, e alguém jogar uma banana na minha direção, eu vou fazer o quê?... Eu não posso fazer nada, porque ali é coisa de torcedor...** Quem tem que fazer alguma coisa é os responsáveis pela competição ou o país que tem que se responsabilizar por isso, mas eu não posso fazer nada, porque aquilo ali é meu trabalho...

Às vezes eu acho que muitas pessoas ficam falando isso aí, também, pra chamar a atenção. Acho que a pessoa que faz esse ato, ela está querendo ibope. E se derem ibope para aquilo, acabam levantando mais ainda as coisas. Acabam dando muito ibope pra muitas coisas, muitas coisas pequenas... **Então, eu acho que isso tem que acabar, mas vai acabar naturalmente, não forçando porque não adianta.** Hoje está acontecendo muito esse negócio aqui no Brasil também...

Ah, independente de ser europeu, brasileiro, eu acho que o ser humano é preconceituoso, não só em questão de cor, não... Por exemplo, se chega uma pessoa ao Shopping Cidade Jardim, que é um puta de um *shopping*, ela pode ter dinheiro no bolso, mas

se chegar com uma roupa simplesinha, as atendedoras já vão olhar diferente para ela, já não vão nem querer atendê-la. Já começa por aí. Isso é o quê? Isso pra mim é um preconceito. Então, o preconceito não é só em questão de pele, se é branco, se é amarelo ou se é azul. É uma coisa que não poderia existir... Todos nós somos iguais independente de qualquer coisa. Se a pessoa é “a”, se ela é “b”, a gente tem que respeitar, somos iguais.

Nunca passei por isso aqui no Brasil... Acho que não, acho que não... Mas já percebi, sim. Porra! Um dia eu estava com um colega, e, pô, coitado!, ele é muito feio, saca? A gente estava no *shopping*, e uma menina olhou para a outra e falou assim:

— Nossa, amiga, que menino feio!

Disse isso na cara dura, no meio *shopping*, e ele ficou todo sem graça. Tanto que eu falei pra ele:

— Que nada! Pô, isso aí é nada!

Eu me coloquei na situação dele. Pô, é fogo alguém te ver e te chamar assim. A pessoa nem te conhece e faz um comentário desses?! Quer dizer, a gente já pode ver por uma situação cotidiana como essa.

Lá na Inglaterra, eu nunca presenciei isso. Lá o pessoal trata os outros com respeito, educação... Até para tirar foto ou pedir um autógrafo. Eu podia estar em um restaurante, e a pessoa esperava eu terminar de comer pra depois vir pedir:

— Denilson, por favor, me desculpa te atrapalhar, mas você poderia assinar a minha camisa? Você poderia tirar uma foto comigo?

O brasileiro, não, já fala assim:

— Ô, seu malandro, me dá me dá autógrafo aí!... Ô, fulano, vamos tirar uma foto aí!

Isso é pra ver a diferença de um para o outro... **O inglês é muito educado, trabalhador e muito pontual.** Às vezes eu combinava de sair com os jogadores, e eles falavam:

— Ô, Denilson, eu tô chegando na tua casa às 8h30.

Oito e meia em ponto ele já estava em casa, e eu não estava nem pronto ainda pra sair, pra fazer certas entrevistas e tudo... Diziam:

— Pôôô... você tem que ser brasileiro mesmo!

— Porra, cara, me desculpa...

Tem alguns ingleses que são mais fechados, mas a maioria, depois de pegar amizade, eu via que não é tão fechada assim. É que a forma de pensar é diferente. O brasileiro gosta de resenha, principalmente se está na concentração. Juntam-se uns cinco jogadores, e eles acham

um quarto pra resenhar ou jogar um videogame. É um fala daqui, um fala dali e aquela coisa e tal. O inglês já não é assim.

A concentração em si é muito diferente! Até porque, na Inglaterra o quarto é individual, cada jogador concentra sozinho. Eu não tinha ninguém, não tinha companheiro no meu quarto. Então, é cada um na sua e tchau. Depois, quando saía do quarto pra comer ou jantar, os jogadores voltavam a se ver. Era assim.

A minha primeira convocação para a Seleção Brasileira foi em 2006, contra a Suíça. Foi uma experiência muito boa... No dia que eu recebi a ligação dizendo que eu estava convocado, eu estava jantando nesse restaurante no Sopwell, onde fiquei durante três meses. Era o Gilberto Silva quem tinha sido convocado, só que ele, se não me engano, teve um problema familiar ou alguma coisa assim e teve que viajar para o Brasil. Como não tinha ninguém, eles ligaram me convocando:

— **Denilson, você está convocado. Tem que se apresentar amanhã.**

Porra, eu quase me tremi...

— Não tem...

— Sério, sério, sério. — confirmou.

Foi assim. **Não joguei... Fiquei no banco, mas só de eu ter feito parte do grupo pra mim foi muito bom. É algo que levarei para o resto da minha vida, é sempre uma experiência.** Se ela for ruim ou boa, eu tenho que guardar, almejar sempre o melhor para a minha carreira e estar preparado para as situações. Afinal, nem sempre vai ser de vitórias ou derrotas, a vida vai sempre ter altos e baixos. O que vale é a experiência e poder sempre andar com a cabeça erguida... Subi para o profissional com 17 anos, fui campeão do mundo com o São Paulo também com 17 anos, no ano seguinte fui para o Arsenal e joguei durante cinco temporadas na Inglaterra. Então, **a minha vida é uma grande vitória.** Eu me sinto uma pessoa realizada, não de tudo porque eu almejo algo bem maior, mas só de ter vivido e passado por momentos bons, pô, pra mim isso é uma grande vitória.

Depois que fui convocado, mudou muita coisa... Não precisa nem ser em questão só de Seleção, não. Se um jogador hoje está jogando em um clube e amanhã deixa de jogar, para algumas pessoas ele não presta mais. Se ele estiver atuando sempre, passa a valer muito. E se chegar a uma Seleção Brasileira, aí vira “o melhor do mundo”. Por isso que eu acho que **no**

futebol tem muuuita trairagem. Não só no futebol, mas na vida. Para muitos, uma pessoa vale o que tem. Se ela tiver um real, vai valer um real. Se não tiver nada, não vai valer nada. Talvez não seja assim para as pessoas que gostam realmente dela. Mas para as pessoas que só querem ver o mal dela, se ela estiver bem no trabalho, se estiver evoluindo, essas pessoas vão ficar tristes. Eu acredito muito nisso...

E em questão de Seleção Brasileira, é a mesma coisa. Se um jogador for convocado, pô!, as pessoas só faltam beijar o pé dele, acham que ele é Deus... **Na minha opinião, o respeito tem que ser o mesmo pelo ser humano, não pode nunca mudar...** Até porque, a única pessoa que a gente pode exaltar aqui é Deus. E sempre tem que agradecer, porque é Ele quem nos dá a oportunidade de sempre estar melhorando, mais uma chance na vida. É isto em que eu creio: Deus.

Eu acho que cada pessoa tem uma forma de pensar... Tem alguns jogadores que se sentem lá em cima por estar na Seleção Brasileira, por ter sido convocado para a Copa do Mundo; e outros não, se sentem a mesma pessoa de quando eram mais novos e estavam jogando em um time de várzea ou em um time aqui do Brasil. O meu pensamento eu já expressei, não posso falar que todos os jogadores pensam da mesma forma.

Ser jogador brasileiro é uma responsabilidade muito grande, porque já apareceram muitos craques: Garrincha, Pelé, Rivelino, Zico... Então, quando um jogador brasileiro sai daqui do Brasil para ir pra fora, todo mundo acha que é o novo Pelé:

— Se é brasileiro, é o novo Pelé.

Mas nem sempre é do jeito que as pessoas pensam, nem sempre ele acaba mostrando o que se espera dele... Esse pensamento é normal. O futebol brasileiro é muito bonito, o jogador brasileiro em si tem várias qualidades, principalmente técnicas, a habilidade como se vê por aí. É aquela coisa: o futebol brasileiro é a alegria, né?! Então, o jogador sempre vai sofrer pressão por ser brasileiro.

Eu me inspirei no meu pai. Ele sempre me mostrou o DVD, quer dizer, na época o videocassete do Falcão... Não só pela posição, por ter sido volante, mas também pela beleza, classe e elegância de jogar. O argentino Redondo, eu também assistia muito. Fantástico! Outro jogador que eu vi jogar e que foi excepcional, embora minhas características não tenham nada a ver com ele, é o Zinedine Zidane. Esse pra mimmm... não tem nem comentários. Não joguei contra ele, mas tive a oportunidade de jogar contra quem eu acho o melhor do mundo ainda: o Messi...

Joguei cinco *Champions League*, joguei *Premier League*, onde marquei o Cristiano Ronaldo. Achava normal, não tinha nada assim de “Uau!, olha o cara.”, não. Eu tenho o respeito e a admiração pelo que ele é, pelo que faz dentro de campo, pelo que já conquistou como jogador, por tudo. Mas ali dentro de campo é onze contra onze, e eu não vejo diferença do branco para o preto, nem do preto para o branco. Sempre tratei todos com a mesma atenção, de forma igual...

Joguei em estádios conhecidos no mundo inteiro e vou falar: eu sinto... muita saudade, viu! É outra coisa, estádios com 60, 65 mil torcedores, a torcida apoia até o final, mesmo quando o time perde. Teve uma vez que a gente perdeu de 3 a 1 para o Manchester United dentro de casa, pela *Champions* – e olha que essa partida valia a semifinal –, e quando acabou o jogo a torcida nos aplaudiu. Se fosse aqui no Brasil... porra, a torcida já teria mandado a gente para aquele lugar há muito tempo. A diferença é muito grande, não tem nem comparação... **A educação, o povo aplaude, tinha prazer em saber que eu estava jogando no time deles. É tão diferente que só vivenciando para saber o que é aquilo... A Europa é outro mundo.**

A minha prioridade é voltar a jogar fora novamente... Não sei se vai ser para a Europa, se vai ser para a Ásia... pode ser Dubai, não sei. Mas a minha vontade é poder ir pra fora, ficar um tempo lá e depois retornar ao Brasil de novo. **Apesar da solidão, eu me acostumei com a Inglaterra... Lá a gente vive, tem tranquilidade, pode sair.** Quando acaba um treino, o jogador pode descansar, pode ir a um restaurante, pode fazer outras coisas com a família. Aqui no Brasil, dependendo da equipe e do momento em que estiver, o jogador não pode nem ir ali na esquina ver se está passando alguém na rua que já vêm torcedores xingando, querendo nos agredir.

E lá não é assim. Eles têm educação até para pedir um autógrafo ou tirar uma foto com o jogador. São essas coisas que me fazem pensar em voltar. Claro que o Brasil é muuuito bom em vááárias coisas, só que nessa questão da educação, da tranquilidade... **E outra coisa: aqui, porra, joga-se muito e descansa-se pouco. Lá na Europa eles respeitam as datas FIFA, e o jogador tem uns três dias pra descansar.** Quer ir a Dubai? Pega um avião e chega em quatro ou cinco horinhas. Quer ir à Itália? Vai à Itália em uma hora e meia. Aqui hum... se o jogador quiser ir para outra cidade, para Recife por exemplo, demora três horas brincando. Fácil, fácil! Quer dizer, lá o jogador acaba tendo mais opções, o estilo de vida também é outro.

Quem sabe um dia eu possa voltar para a Europa novamente e continuar com a minha vida, aprender outras línguas, aperfeiçoar o inglês, aprender a cada dia, estar sempre melhorando não só dentro, mas fora de campo, ter um outro tipo de cultura... Eu acho isso legal.

Olhando para trás, eu vejo a minha vida como uma vitória. Eu não vejo como uma como derrota, não, apesar de eu ter voltado do futebol inglês para o brasileiro. Eu procuro sempre pensar no lado positivo, pensar que pra mim foi vitorioso... Claro que o lado negativo ele vem, mas eu tenho que ser forte, a minha mente tem que ser forte sempre, porque se não for, já era... Penso em tudo o que eu fiz e não me arrependo... A vida é feita de obstáculos e eu tenho que ir em busca, fazer de tudo pra que dê certo. Infelizmente, nem sempre vai dar, né?! Mas eu não posso desistir independente de qualquer coisa...

Quais as melhores e as piores experiências fora de campo?... Ah, as piores que eu me lembro eram a polícia me parar a toda hora. Ééé... por excesso de velocidade. Ficava triste, mas depois passava. **Eu vou falar: coisa triste mesmo, assim, mesmo foi a solidão... Passar Natal e ano novo sozinho, concentrado ou no meu quarto sem ninguém, me dava aquele vazio... Eu ficava sozinho na minha casa, e o ano novo rolando aqui no Brasil... A solidão foi a coisa mais triste que eu passei.** Agora, os momentos de felicidade foram durante esses cinco anos o aprendizado que eu tive. Tudo isso pra mim valeu mais do que essas coisas tristes que eu também passei.

Dentro de campo, tristeza eu não tive... Se tive, foi um jogo que nós perdemos para o Chelsea por 2 a 1. Estávamos prontos pra ser campeões, seria o meu primeiro título pelo Arsenal, e perdemos. Ali no gramado, fiquei triste pra caramba... E o que me deixava bastante feliz era os gols que eu fiz pelo Arsenal. Eu fazia muitas comemorações, gostava de sambar e aquela coisa toda do brasileiro. São essas as lembranças que eu tenho...

Às vezes eu volto ao Jardim Ângela. Eu ia bastante lá, mas agora vou de vez em quando... Dou uma passada, cumprimento lá o pessoal e só. Depois volto para casa novamente. **A transformação na minha vida foi grande, viu!... Em termos econômicos, a diferença é muito grande.** Eu vejo muitas pessoas de lá que não conquistaram nada ainda... É difícil. Mas cada pessoa, cada ser humano acho que tem o seu objetivo, né? Tem as suas escolhas. E eu escolhi isto aqui pra mim, busquei o meu sonho, o meu objetivo: ser jogador de

futebol... Estou até hoje nessa profissão e vou mais longe ainda com fé em Deus. Vamos que vamos que a congada não para, não!

Eu sou católico, mas hoje eu frequento muita igreja evangélica... Na realidade, eu vou em busca de Deus, não vou em busca de religião. Entende? Eu sou católico, mas se me chamarem para ir à igreja evangélica, eu vou, sim. Vou lá, vou agradecer ao Papai do Céu, porque é o mais importante de tudo... Eu ia muito à igreja católica em Londres. Tem cada igreja bonita. Depois parei de ir, fiquei um tempo sem ir... Mais pra frente eu tive que voltar de novo, porque é sempre bom também estar se fortalecendo e fortalecendo o lado espiritual. **A gente muitas vezes se esquece de que esse é o lado principal da vida.** A gente se preocupa muito com o cabelo. O jogador em si e as pessoas em geral são muito vaidosas. As pessoas malham na academia pra ficar fortes, vão ao cabeleireiro pra deixar o cabelo igual ao do Neymar, querem ficar bonitas pra sair na noite e tudo, mas se esquecem da parte principal, que é Deus...

Na realidade, eu não sei fazer outra coisa se não for futebol. No futuro, eu acho que vou trabalhar com esporte, não sei se como treinador, como preparador físico, empresário, *scout*... Não sei, mas eu quero trabalhar no meio do futebol, porque eu já nasci assim, amo o que eu faço. Será sempre mexendo com futebol, se Deus permitir, é claro... Pensando bem, técnico acho que não. Deixa para outras pessoas por aí. Pra mim, não.

Olha, a rotina de jogador cansa. Nós treinamos no máximo uma hora e meia por dia. Se olharmos, é muito pouco. Só que as coisas que nós passamos são muito complicadas, puxadas. Na pré-temporada, a gente fica de um mês a um mês e meio longe da família, lá na Inglaterra... É viagem, concentração, a gente não para, viaja para o Sul, vai para o Nordeste, vai para vários lugares. E às vezes a gente passa mais tempo com o time, com o grupo, com o São Paulo, do que com a minha esposa. Às vezes eu não tenho nem tempo, quando chego de viagem de madrugada ela já está dormindo. Agora, imagina daqui a pouco quando eu tiver filho com ela, aí vai ser mais complicado... É assim: cada escolha tem seu peso. E é isso que eu escolhi e não reclamo também...

2.5 BETÃO

Figura 26 - Betão com a camisa do Dínamo de Kiev. Fonte: *Blog Maníacos por Futebol*.

Nome	Ebert William Amâncio (<i>Betão</i>)
Data e local de nascimento	11 nov. 1983 (31 anos) São Paulo/SP
Clubes	Corinthians (2001-2007) Santos (2008) Dínamo de Kiev/UCR (2008-2012, 2014-2015) Evian/FRA (2013, 2015-) Ponte Preta (2013)

Betão havia sido indicado a mim ainda no mestrado pelo jornalista Juca Kfourri. Na época, ele tinha acabado de se transferir para a Ucrânia. Ao retornar para o Brasil no segundo semestre de 2013 para jogar em minha cidade, Campinas, lembrei-me da indicação. Esperei a virada do ano, quando os jogadores voltam de férias e fazem a pré-temporada. Soube que seu contrato com a Ponte Preta não fora renovado e procurei descobrir a agência que presta a ele assessoria pessoal, antes que ele partisse para outro rumo. Ao me informar, bastou um

telefonema e um e-mail. Surpreendentemente, o próprio Betão respondeu – diga-se com extrema educação, atenção e interesse – no dia seguinte, passando o telefone celular de seu assessor, que cuida de sua agenda. O fato de estar naquele momento sem vínculo profissional facilitou a marcação da entrevista, após apenas nove dias do primeiro contato, para 27 de fevereiro de 2015, no Museu do Futebol. Além de mim, estiveram presentes: Aira Bonfim, do próprio Museu, Guilherme Manzoni e William Contini, ambos do Ludens/USP.

Chegando dentro do horário combinado, reapresentamos a proposta ao Betão. De todos os entrevistados, parece ter sido quem melhor a compreendeu, posto que não só não precisou de estímulos para narrar sua história de vida, como principalmente pautou por conta própria a entrevista, com destaque para a sequência das experiências vividas na Ucrânia: clima, impressões sobre o país, “choque cultural”, racismo, língua, “cultura do futebol”, culinária, férias e folgas, primeiro filho e integração social, e situação política atual. Trata-se de um “narrador pleno”, conforme escreveu Benjamin (1985, p. 198), ou seja, aquele que manteve intacta sua “faculdade de intercambiar experiências”.

Extrovertido, inteligente e consciente da questão do racismo e da xenofobia, em virtude de sua educação familiar e sua condição de classe média antes de se tornar jogador, Betão conquistou o respeito e a admiração dos ucranianos em pouco tempo através do domínio da língua russa e da postura profissional ao longo dos quatro anos e meio em que jogou pelo Dínamo de Kiev. No tocante ao racismo, faz uma série de ponderações, critica o mito da democracia racial no Brasil, relata situações vividas, traça diferenças entre Brasil e Ucrânia, relaciona com a questão de classe e defende que os jogadores negros que sofrem racismo têm que “se manifestar” para que a imprensa aborde também o problema e, consequentemente, o público em geral. Não é sem razão que ele chegou a lançar em 2011 uma campanha contra o racismo no futebol, que foi apoiada pelo clube. Diante de uma narrativa tão interessante, pouco importa o fato de ele não ter tido o mesmo sucesso profissional que os demais entrevistados, sendo o único entre os dezesseis que não foi convocado pela Seleção Brasileira.

“Acho que nenhuma experiência é melhor do que a experiência cultural, é uma coisa que você guarda pra sempre.”

Primeiramente, eu gostaria de me apresentar: meu nome é Ebert William Amâncio, nasci em 11 de novembro de 1983, na Zona Norte de São Paulo, mais especificamente no Jaconã, onde foi feita toda minha criação. Morei no bairro durante 23 anos, até o meu casamento. Eu tive uma infância... bem explorada, vamos dizer assim. Essa diversão meio que acabou aos dez anos de idade, quando eu entrei pra jogar futebol, no Corinthians, lá no antigo Terrão. **Infelizmente, eu “perdi” um pouco a minha infância**, entre aspas porque, quando se entra pra jogar futebol, tem que se dedicar totalmente ao esporte. O meu pai sempre cobrou isso de mim:

— Se for pra você fazer, tem que fazer direito, fazer bem feito.

Então, desde os dez anos de idade, não tinha muito tempo pra ficar brincando com os amigos, perdi viagens com eles, justamente porque eu tinha que estudar e tinha que treinar. Tentava conciliar as duas coisas. E assim foi até que eu decidi, também, fazer faculdade, quando já jogava no Corinthians. Comecei a fazer o curso de Fisioterapia, consegui fazer dois anos, só que eu tive que trancar a minha matrícula por um simples motivo: em dezembro de 2002, eu estava na semana de provas da faculdade e justo naquela semana calhou de o Corinthians estar fazendo uma intertemporada para a final do Campeonato Brasileiro contra o Santos. O treinador do Corinthians era o Parreira, que é uma pessoa excelente, muito simples, fácil de lidar e um dos profissionais que eu tenho como espelho pela maneira de tratar os atletas, desde aquele que está lá em baixo até o que lá em cima, por isso tive o orgulho de trabalhar com ele. Fui conversar com ele:

— Eu tenho semana de prova na faculdade e preciso tentar conciliar um tempo, um horário aí pra poder fazer a prova e treinar.

— Olha, como o grupo inteiro está em Extrema fazendo a intertemporada, eu não posso deixar você em São Paulo. De repente, o que a gente pode fazer é o seguinte: você treina com o grupo o dia inteiro, à noite vai pra faculdade e faz a prova, e volta pra dormir no hotel. A semana inteira assim.

Tinha dia que a gente treinava em dois períodos, e eu tinha que estudar ainda entre eles. Acabava o treino, eu pegava o carro, andava mais ou menos 100 quilômetros até São Paulo e mais 100 na volta até Extrema de novo. Depois dessa semana de provas, eu pensei: **“Ah, não dá. Eu vou arriscar, tenho que decidir uma carreira.”** Nessa época, eu não

estava jogando ainda, mas estava treinando com os profissionais. Já tinha jogado, é verdade, em 2001, só que em 2002 o elenco ficou muito forte, bem competitivo e eu acabei perdendo espaço. Aí eu decidi por ser jogador de futebol. E acabou que deu certo, tenho saudade de estudar ainda, mas graças a Deus a carreira de jogador está sendo bem aproveitada.

Já que estou falando um pouco do Parreira, acho interessante contar um fato porque muita gente não conhece os bastidores do futebol. Teve um dia que eu estava tomando o café da manhã no clube. Tinha uma mesinha que o pessoal preparava para os jogadores, com lanches, sucos, café e tal, e todo mundo estava parado ali comendo e conversando. Como eu tinha acabado de subir para o profissional, ficava um pouco distante dos jogadores ícones, pois naquela época o Corinthians tinha um elenco recheado: Luizão, Marcelinho, Edílson, Vampeta, Ricardinho... sem falar no Parreira, no Moraci Sant'anna e em toda a comissão técnica. Bom, eu estava todo acanhado tomando o café, e o Parreira chegou, colocou a mão no meu ombro e falou assim:

— Tudo bem com você? Tudo bem com a sua família?

Eu, que nem olhava muito pra ele, ficava um pouco constrangido, pensei: “Puxa vida, que legal! O Parreira se preocupa comigo.”. Quer dizer, mesmo que não estivesse preocupado comigo nem com a minha família, mas o fato de ele vir até mim pra conversar e perguntar isso já dá um ânimo muito grande para qualquer jogador que está começando no futebol.

Fechando esse parêntese e retomando a minha carreira, o meu primeiro jogo como profissional foi em 2001, se não me engano no mês de setembro, aqui no Pacaembu mesmo, contra o Atlético Mineiro. O treinador era o Luxemburgo, foi ele que me colocou no profissional. Eu entrei no intervalo da partida, que estava empatada em 1 a 1. O Atlético Mineiro tinha aquele ataque bem famoso com Marques e Guilherme, toda jogada de ataque saía dos pés dos dois. O lance do segundo gol do Atlético saiu justamente de um cruzamento do Marques para o Guilherme, que cabeceou nas minhas costas. Pensei: **“Pronto! Acabou a minha carreira. Nunca mais vou jogar.”**.

No entanto, consegui depois fazer mais um jogo, em Porto Alegre, contra o Internacional. O Corinthians já não tinha nenhum risco de queda, e o Internacional brigava por uma vaga entre os oito melhores que disputariam o *play-off* para definir o campeão, pois esse ainda era o regulamento do Campeonato Brasileiro naquela época. O Luxemburgo só colocou a molecada pra jogar, os únicos medalhões eram o Dida, o Batata, que era o jogador mais experiente, o César Sampaio, que tinha acabado de chegar, e o Fernando Baiano. Já o

Internacional tinha um elenco muito forte. Quando descemos do ônibus, o Beira-Rio estava lotado e os torcedores gritavam:

— Gurizada, vocês vão perder de 5 a 0!

Mesmo que não tivesse mais importância, vamos dizer assim, para o Corinthians, foi uma situação que nos deixou um pouco tensos. No final, ganhamos por 2 a 0 e o Inter ficou fora dos oito melhores classificados. **Eu acho que esse foi o grande passo profissional da minha carreira, pois era meu primeiro jogo como titular.** Conseguir uma vitória dessa contra o Inter, no Beira-Rio, foi demais!

Isso foi em 2002. Em 2003, teve uma mudança do elenco e eu tive mais espaço pra jogar. Consegui fazer, salvo engano, 21 jogos como titular no Corinthians, tendo uma alavancada boa... Já 2004 começou com o Oswaldo de Oliveira como treinador, teve algumas mudanças ao longo do ano, e eu acabei perdendo espaço de novo. Depois, quando chegou o Tite, aí eu fiquei titular até praticamente 2007, ano em que saí do Corinthians.

Dentro desses quatro anos, eu tive várias experiências... tanto desagradáveis, com a torcida e algumas derrotas, quanto agradáveis, com as conquistas, como o título brasileiro de 2005. Esse foi um título que marcou bastante pela revolução feita no Corinthians através daquela junção com a MSI, bombástica para o futebol brasileiro e mundial. Eles estavam com a intenção de fazer um time só com jogadores que eles trouxeram, que eram de nível muito alto, como o Tévez, o Mascherano, o Carlos Alberto e o próprio Nilmar. Só que também tinha o pessoal da base, que estava com uma certa moral pelo bom trabalho feito anteriormente, como eu, o Coelho, o Rosinei e o Wendel. Nós estávamos num nível bem competitivo e não dava pra nos tirar de repente. Então, teve aquele “choque”, mas ficou interessante porque teve uma mistura muito boa, que resultou no nosso título do Campeonato Brasileiro de 2005. Foi um título questionado por conta daquele escândalo da arbitragem, mas a gente considera que ganhamos na bola. Basta ver os nossos números no campeonato, o tanto de vitórias, por exemplo, foi digno de um campeão.

Mais pra frente, ainda na história do Corinthians, teve um fato que pra mim também foi muito marcante, chocante, chato demais, que foi o rebaixamento... Nós fomos rebaixados no último jogo, contra o Grêmio, no Estádio Olímpico. Foi muito triste... Depois daquela ocasião, eu não saí de casa, fiquei chateado com tudo o que aconteceu, me sentia incapaz, fraco, frágil... Era uma situação que não era só responsabilidade minha, e sim do grupo inteiro, mas eu sempre fui um cara que chamei a responsabilidade, que gostei de falar e de lutar pelo grupo. Então, me sentia responsável e trouxe aquela carga pra mim: “Poxa, não

consegui livrar a equipe do rebaixamento, não consegui fazer aquilo que eu mesmo esperava de mim.”.

Era, também, um misto de vergonha por participar do primeiro rebaixamento do Corinthians. Eu não queria sair de casa, não queria olhar pra ninguém, nem mesmo para a minha família porque, embora tenha sido quem mais me apoiou, fiquei com aquele sentimento: “Putz, desapontei a minha família...”. Não é bem assim, mas acabei pensando isso naquele momento. Fiquei uma semana em casa, junto com minha esposa – já era casado na época. A primeira vez que saí foi difícil, eu queria me esconder, queria colocar chapéu, capuz... A minha esposa tentou conversar comigo:

— Poxa, não adianta você ficar assim. A vida segue. Aconteceu infelizmente.

O que mais me impressionou depois foi a recepção das pessoas na rua, porque você fica esperando sempre uma pedrada, uma acusação, um xingamento, mas foi muito ao contrário de tudo aquilo que a minha mente estava viajando. Quando eu saí nas ruas, as pessoas me falaram:

— Pô, valeu. Você fez a sua parte. Infelizmente aconteceu, mas você sempre lutou...

Foi um incentivo. Aquilo foi levantando um pouco o meu astral, a minha moral, mas, mesmo assim, no fundo, ficava pensando: **“Estou marcado na história por um rebaixamento. Todas as coisas boas, tudo que eu fiz vai ser apagado...”**.

Há um fato, também, muito importante na minha carreira, pelo qual até hoje eu sou lembrado e que cabe o registro: o gol contra o São Paulo. Foi muito marcante para os corinthianos e pra mim foi muito mais especial ainda. Como pode ter alguns jovens que ainda não eram nascidos ou não tinham uma idade pra acompanhar futebol, eu vou fazer um resumo: tinha um tabu desde 2003, em que o Corinthians não ganhava do São Paulo. Esse tabu se arrastou, e eu era o único jogador do elenco que estava no clube desde 2003. Então, sempre que ia ter um clássico Corinthians e São Paulo, em toda entrevista coletiva, eu já sabia as perguntas que seriam feitas. Infelizmente é assim, e os jornalistas me chamavam e perguntavam:

— Betão, e o tabu? É hoje? Dessa vez vai quebrar o tabu? Como que está a sua cabeça e tal?

Eram sempre, sempre as mesmas questões! Eu não era um jogador de ir à área adversária e tentar cabecear a bola em algum escanteio ou falta para o Corinthians. Eu sempre ficava lá atrás quando isso acontecia. A defesa do São Paulo era a menos vazada daquele campeonato, o Rogério Ceni estava numa ótima fase, e já estava tudo encaminhado para o São

Paulo conseguir o título no Campeonato Brasileiro. Aos 39 minutos do segundo tempo, o jogo estava 0 a 0, e saiu um escanteio pra gente. Pensei: “Ah, vou pra área!”.

Fui e lembro como se fosse hoje: o Gustavo Nery, pela esquerda, bateu uma falta no segundo pau atravessado, e o Fábio Ferreira jogou a bola para a área de novo. O interessante é que todo mundo parece que ficou olhando o Fábio Ferreira e me deixou sozinho, quem estava fazendo a marcação em mim era o Richarlyson. Ao ver aquela bola chegando até mim, pensei: “Não é possível que eu estou tão sozinho assim!”. Quem vê o lance acha que foi fácil, mas a bola estava com muito efeito porque ela pingou e voltou rodando. Eu notei que o Rogério Ceni estava parado olhando e pedindo impedimento para o bandeirinha. Aí, eu cabaceei e ali fiquei cego, não via mais nada, não sabia se eu ia para a torcida, se comemorava com os amigos... Só quem passa realmente pela situação pra sentir a emoção, parecia que eu ia sair do chão, que ia cair tudo dentro do campo, porque o jogo estava caminhando para ser um empate, com a continuação do tabu.

Dos 40 minutos em diante, eu fiquei ofegante, não via a hora daquela partida acabar. Quando acabou, eu desabei no campo. Logo veio um monte de repórteres correndo em cima de mim, parecia um gol de título numa final:

— Fala alguma coisa!

— Não consigo falar, não consigo falar, depois eu falo...

Fui até o vestiário soluçando de tão emotivo. Daí, no túnel, o Marco Aurélio Cunha, que era gerente de futebol do São Paulo, veio até mim e me abraçou. Todo mundo achou estranho aquela situação, mas ele me falou:

— Poxa, estou feliz por você porque, se tinha alguém que tinha que fazer esse gol, era você, por tudo o que você passou.

Depois começou a cair a ficha. Um monte de gente me ligou, principalmente jogadores com quem tinha jogado junto e que estavam em outros clubes:

— Pô, Betão, parabéns!

O dia seguinte foi aquele dia de herói. Aos poucos fui vendo como Deus faz as coisas, não é? Eu era o único jogador do elenco do Corinthians que estava na última vitória sobre o São Paulo e que tinha passado por todo o tabu. É muito traumatizante ficar quatro anos sem ganhar um clássico tão importante e ser colocado como foco das pessoas. **Enfim, é como se tivesse tirado um piano das costas!** Era uma carga muito grande sobre mim... Infelizmente, depois teve o rebaixamento, mas, pessoalmente, foi uma conquista e tanto, não pelo fato de ser o São Paulo, mas sim por ter feito parte da história de todo esse tabu...

A torcida do Corinthians é diferente de todas as outras. Tem jogador que joga em outro clube, depois vem jogar no Corinthians, e sente isso. Quantas vezes, em campo mesmo, via o adversário no banco de reservas olhando para a torcida do Corinthians ao invés de prestar atenção no jogo. A torcida do Corinthians cobra diferente, torce diferente, festeja diferente, é tudo diferente.

No Corinthians, pelo menos na época em que joguei, os torcedores tinham acesso para falar com os jogadores, cobrar cara a cara, conversar em concentrações. Quantas vezes eles fizeram reuniões com a gente, principalmente em jogos contra o São Paulo, contra o Palmeiras. No meu caso, eu tinha esse contato tête-à-tête com os torcedores e me identificava um pouco porque já estive do outro lado. Na infância, eu sempre fui ao estádio com a minha família pra ver jogo do Corinthians. Hoje em dia eles são Betão Futebol Clube, mas continuam 99,9% corinthianos. Eu costumo brincar que corinthiano não precisa falar que é “corinthiano roxo”, porque corinthiano é corinthiano. Se falou que é corinthiano, já sabe o que que é.

Eu falo que jogar no Corinthians é ficar na divisa da paixão e do ódio. Porque o jogador pode ser ídolo e ter feito um grande jogo, mas, se passar dois ou três jogos e não for bem, já é odiado. Qualquer um percebe isso constantemente no Corinthians. Um exemplo é o Tévez. Na época, ele era o ídolo maior, de paixão e mesmo assim saiu xingado, chutado. O Ronaldo também se pode dizer que foi um grande ídolo, não tanto quanto o Tévez na minha opinião, mas de modo igual chegou totalmente ovacionado e saiu xingado. A relação com a torcida do Corinthians é assim: se o jogador está bem, a melhor coisa do mundo é jogar no Corinthians; agora, se ele está mal, vai ser a pior coisa do mundo, porque aonde for encontrará corinthiano. Se sair pra jantar fora, o garçom é corinthiano; se for ao *shopping*, o manobrista é corinthiano. Todo lugar que se for vai tem corinthiano. Então, se vive, realmente, esse paradoxo com a torcida.

O jogador que joga no Corinthians tem que ter cabeça, coração e um jogo de cintura muito bons. Não adianta discutir nem bater de frente com o torcedor – e isso vale em qualquer clube – porque a gente não sabe com quem discutiu, mas ele sabe. Quer dizer, é melhor dar razão para o torcedor e tentar conversar na boooa, ainda mais com a torcida do Corinthians que vive essa loucura, essa paixão. O corinthiano costuma dizer que não é o clube que tem uma torcida, é a torcida que tem um clube. E isso é interessante porque torna a torcida do Corinthians diferente das outras.

Voltando à minha história, depois do rebaixamento, eu achei que a minha carreira tinhaaa... não vou dizer terminado, mas achei que daria uma declinada boooa. Porque, como disse, ser rebaixado com o Corinthians, algo que nunca tinha acontecido, acabou me marcando negativamente. Depois daquilo, eu fui para o Santos. Tive uma recepção normal, apropriada diria. Sabia que vinha do seu maior rival. Quando o Santos joga com o Palmeiras ou com o São Paulo é uma coisa, mas quando joga com o Corinthians ééé uma decisão. Então, quando cheguei ao Santos, tinha a parte da torcida que me apoiava e parte que não me apoiava. A Torcida Jovem, que é a maior torcida organizada do Santos, me recepcionou bem, veio falar comigo:

— Você veio do Corinthians – na verdade, eles usam um termo pejorativo em relação ao Corinthians –, mas agora veste a camisa do Santos. Fica tranquilo que aqui a gente vai te apoiar.

Só que a torcida Sangue Jovem, apenas pelo fato de saber que fui contratado, pichou o muro: “Fora Betão”. Eu não tinha nem jogado ainda... Em dia de jogos, a Torcida Jovem gritava o meu nome, a Sangue Jovem pulava o meu nome. Por isso que falei na época:

— Estou chegando pra mais um desafio na minha vida, um desafio que é grande.

Apesar disso, eu fiquei muito à vontade no Santos. Foi um clube que abriu as portas pra mim no momento mais difícil da minha carreira. Não esperava sair do rebaixamento e jogar em um time grande logo na sequência. Dos jogadores rebaixados, eu acho que isso aconteceu só comigo e com o Felipe, o resto tomou rumos totalmente diferentes... Eu tive um começo um pouco difícil no Santos, justamente por essa pressão, mas depois os torcedores passaram a me respeitar muito. Aonde eu vou o pessoal fala:

— Pô, volta pro Santos! Quando você chegou eu falei que não devia ter te contratado, mas depois foi muito bom você ter vestido a camisa do Santos.

Teve um fato principal, também, que contribuiu pra isso: um jogo contra o América do México pela Libertadores. Nós tínhamos perdido no México por 2 a 0, em um jogo polêmico porque um dos gols do América estava impedido e teve um gol nosso que valeu só que o juiz anulou. Então, a gente tinha que vencer na Vila Belmiro de qualquer jeito, por 2 a 0 pra ir para os pênaltis.

Aquele segundo jogo foi demais!, desde a recepção da torcida na rua. Pra quem conhece a Vila, o caminho é estreito, só o ônibus passa, e a torcida faz uma festa muito grande, muito bonita. E o Leão, que era o treinador do Santos na época, começou a me

colocar de lateral-direito. Nesse jogo, o Pelé e o Robinho estavam presentes no estádio, e foi muito emocionante. Enfim, ganhamos de 1 a 0, infelizmente não conseguimos a classificação, mas saímos aplaudidos e eu fiz um jogo muito bom.

Depois da partida é que senti a emoção maior: numa entrevista para uma rádio, o Pelé me elogiou, falou que eu fui o melhor em campo e que eu realmente tinha vestido a alma do Santos. **Pra mim, receber um elogio do Pelé foi o ápice no Santos, um dos momentos mais marcantes na minha história, e vou guardar isso para a vida toda...**

Quando ainda estava no Corinthians, eu tinha aquela vontade de sair do Brasil. Joguei 14 anos no Corinthians e, com o tempo, fiquei um pouco enfadado. Até porque eu exercia função que não era minha. Nunca falei isso pra ninguém. Muitas vezes tinha que responder perguntas como diretor de futebol:

— Betão, como é o relacionamento entre os jogadores da MSI e os do Terrão? Como é ser o melhor amigo do Tévez? Como é isso, como é aquilo?

Então, eram perguntas que os jornalistas me faziam que não cabiam a mim responder, só que eu respondia. Como costumo dizer, ninguém se faz líder, a pessoa já nasce com essa liderança, e eu já a tinha comigo. Sempre quando perdia era eu que tinha que falar; quando ganhava era quem fazia os gols. Não me incomodava com isso, mas com o tempo aquilo foi pesando, sabe? **Passei a achar que as pessoas não me davam o devido valor por tudo que fiz. Por isso pensei: “Não, preciso sair. Eu quero conhecer outras culturas, outras coisas.”** Sou, também, bastante curioso em termos culturais e alimentei realmente esse desejo de sair.

Depois, no entanto, eu assinei um contrato de três anos com o Santos e pensei: “Vou sossegar agora, vou ficar aqui em Santos mesmo, tranquilo com a minha família.”. Só que após seis meses chegou uma proposta da Ucrânia... “Poxa vida, Ucrânia?!”, pensei. É difícil porque a Ucrânia não é um país que normalmente se estuda muito na escola nem se costuma ouvir dizer na televisão. De repente, se fosse uma Espanha, Portugal, Itália ou até uma Alemanha, já teria uma noção. Daí eu comecei a caçar contato com alguns amigos que já tinham ido para lá. O Marcinho Guerreiro, que estava no Santos, não tinha jogado no Dínamo de Kiev, mas já jogado na Ucrânia.

— Pô, Marcinho, estou com uma proposta assim, assim da Ucrânia. É legal lá? Como é que é?

— Ó, Betão... tem as dificuldades, mas é legal. Eu vou te passar o telefone de um cara que está lá no Dínamo e daí você conversa com ele.

Era o Corrêa, que jogou no Palmeiras e que hoje está no Fortaleza. Embora tivesse jogado contra ele, não o conhecia, não tinha amizade nem relação com ele. Liguei, me apresentei e perguntei como era lá na Ucrânia. Ele falou:

— Meu, pode vir. Assim, tem as dificuldades do idioma, da cultura, mas tem tradutor que fala português, tem um preparador físico italiano que nos ajuda aqui. Ele fala um pouco de espanhol e dá pra entender um pouco o que ele fala... Pô, vem!

— Ahhh! – me deu mais vontade ainda.

Eu queria saber mais sobre onde eu iria. Como hoje em dia a gente vai à *internet* para tudo, fui pesquisar sobre a Ucrânia para saber a respeito da moeda, da economia, da política, do clima, um pouco de tudo. E fui conversar com a minha esposa – nós não tínhamos filhos ainda:

— A gente está com uma situação assim, assim, assim. A proposta que eu recebi é esta. Vamos?

— Ah, vamos. – ela respondeu.

E fomos... Só que, na nossa mente, nós planejamos as coisas, mas nem sempre elas acontecem do jeito que planejamos. Por quê? Porque na época, a minha ideia era ficar na Ucrânia por três anos, tentar fazer bons campeonatos e ir depois para um país melhor. No entanto, eu assinei um contrato de cinco anos e cheguei lá na pré-temporada. Eles sempre saem de lá nessa época e vão para outros países europeus por conta do clima.

Então, vou começar a falar um pouquinho da Ucrânia em si e depois eu falo da parte do futebol. Vou falar agora sobre o clima. Sempre quando se fala da Ucrânia, todo mundo logo pensa: “Nossa, que frio! Lá deve ser um gelo, deve ter neve pelas paredes!”. Realmente é, mas lá tem as estações do ano muito divididas, tudo bem separadinho. Se for verão, é verão, não vai fazer frio. Não é igual ao Brasil, onde, de repente, a gente pode ter que sair de blusa de casa no verão, ou de regata no inverno. E eu cheguei lá no verão ucraniano, estava fazendo 37, 38°C. Daí eu me assustei:

— Nossa, será que aqui neva mesmo?!

Quando cheguei, tive, como de costume, que fazer os exames e tudo. Em três dias, no entanto, saímos da Ucrânia por causa do calor – que é muito forte para eles – e fomos fazer a pré-temporada em outro país. Normalmente é feita na Áustria, que é montanhosa e onde o verão é mais ameno, entre 15 e 20°C. Bom, na Ucrânia, as pessoas só falam russo. Tinha um tradutor, só que o treinador falou assim:

— Não, eu não quero que o tradutor vá nessa viagem.

— Como assim? – espantei.

— Não, porque é bom pra você aprender logo o russo, pra você aprender logo o idioma.

— Ah, tá bom. – falei sem muito ânimo.

— Olha, tem um preparador de goleiros aqui que fala um pouco de português, pois ele jogou em Portugal. Então, ele vai te ajudar.

— Então, tá...

Daí eu fui falar com o preparador de goleiros, e ele sabia cinco, seis palavras. Pensei: **“Então vamos lá, vamos começar com o desafio.”** Ao chegar na Áustria, o treinador, no primeiro treinamento, fez aquela roda e me apresentou ao grupo, tudo em russo. E eu, sem o tradutor, fiquei com aquela cara de quadro pintado... O preparador de goleiros traduziu:

— Ele está te dando as boas-vindas. Que você seja bem-vindo! – só que o treinador tinha falado um milhão de coisas!

Fiz um gesto de agradecimento, e o treinador logo jogou o colete de titular na minha mão. Olhei e pensei: “Então é hoje...”. O goleiro veio conversar comigo, falava um pouco de inglês. Eu, assim, não sabia falar muito inglês, apenas aquele inglês de escola. Ele falou:

— Aprende quatro palavrinhas por dia que você vai entendendo aos poucos.

— Tá bom... Quais são as quatro palavras de hoje? – perguntei.

— Direita, esquerda, frente e atrás.

Agradei e levei em consideração o que ele me falou: “Poxa, realmente, se eu conseguir aprender quatro palavras por dia, daqui a pouquinho eu estou me desenrolando.”. Então, nos treinamentos, ao invés de treinar direito, eu ficava com aquela coisa na cabeça e prestava muita atenção na pronúncia, no som das palavras que ele me ensinava. Ao final daquele primeiro dia, tentei memorizar e imitar aquelas palavrinhas em russo, repetindo: direita, esquerda, frente e atrás; direita, esquerda, frente e atrás...

Na pré-temporada, a pessoa que acordava os jogadores no hotel era o massagista. Ele ligava no quarto de cada um e falava em russo, por exemplo:

— Bom dia, tal hora é o café da manhã e tal hora saímos pra treinar.

Eu não entendia nada, mas respondia:

— Ok. – e desligava o telefone.

Qual era a minha estratégia? Pra eu saber se era café da manhã ou treino, eu abria a porta do meu quarto e ficava olhando os meninos passarem. De acordo com a roupa que eles

saíssem, eu me vestia igual. Isso porque eles nos davam uma mala cheia de roupas, algumas específicas para treino e outras para concentração. E desse jeito eu fui indo...

A minha chegada foi mais ou menos assim. O primeiro choque foi o clima, porque eu achei que estaria aquele baita inverno e de repente estava aquele calor danado. O choque cultural, não tive naquele momento porque nos três primeiros dias não deu pra sair e conhecer nada, e logo a gente viajou para a pré-temporada na Áustria, onde ficamos entre 20 dias e um mês. Depois, quando voltamos para a Ucrânia, para Kiev, que eu pude analisar um pouco o país e comecei a me localizar.

A primeira impressão que tive era que estava em um país velho, antigo, um tanto destruído. O aeroporto de Kiev é igual ao de São Paulo, um pouco afastado do centro. Assim que o rapaz me pegou no aeroporto, fui passando pela periferia de Kiev. Comecei a olhar aqueles prédios todo destruídos: **“Meu Deus do céu! Poxa vida, aonde eu vim parar?!”**. Olhei pra esquerda, pra direita, pra lá e pra cá, procurando um prédio melhorzinho e pensei: **“É aqui que eu vou morar.”**. Foi assim até o centro da cidade. Curioso que a pessoa que me levou para a Ucrânia sempre tinha falado maravilhas de Kiev:

— Não, porque a cidade é bonita, que a cidade é isso, é aquilo, que tem coisas boas pra fazer...

Fui com essa imaginação e, ao chegar, me deparei com um país meio que abandonado?! Enfim, cheguei ao Dínamo de Kiev e a estrutura do clube era melhor do que todos os clubes brasileiros, ou ao menos a maioria – pois não sei como eles estão hoje. Se os clubes dão condição de trabalho a um atleta aqui no Brasil, as pessoas falam que isso é mordomia, que é muita regalia para o jogador. Lá não! Tanto na Ucrânia quanto na França, que vou falar mais pra frente, eles querem deixar o jogador à vontade, dão todo o suporte pra não ter o que reclamar depois em campo, oferecendo um centro de treinamento, com bons campos, materiais de trabalho, toda uma estrutura... Por exemplo, no CT do Dínamo de Kiev, são sete campos e um estádio coberto só pra treinar, além de um alojamento com quartos individuais. Quer dizer, eles tratam o jogador de uma maneira que, se falar aqui no Brasil, as pessoas vão ficar assustadas.

Bom, aos poucos fui experimentando um choque cultural, por exemplo: **o ucraniano é grosso na maneira de tratar as pessoas**. Quando você vê, de repente, um homem falando com uma mulher na rua, ele fala forte. Ao escutar, você pensa: “Nossa, ele vai bater na mulher.”. No entanto, quando você vai ver, ele está falando pra ela:

— Eu te amo, eu te amo, eu te amo! – só que de um jeito bruto.

Eles são um pouco grosseiros na maneira de ser. Outro exemplo: no mercado, eles não dizem “dá licença” ou “por favor”, eles vão meio que te empurrando, batendo no seu carrinho. Isso me assustou um pouco no começo. Depois eu não vou dizer que me acostumei, mas me adaptei. Eu via como eles se tratavam e comecei a entrar na onda também, é claro que sempre na medida certa.

Em relação a racismo: **eu nunca sofri um racismo lá, assim, explícito.** Eles falam que os negros são os africanos. Então, eles têm um pouquinho de preconceito com o pessoal do Marrocos, de outros países, enfim, da África em geral. Eles falam que os negros brasileiros são morenos. Mas teve um fato curioso uma vez em que eu estava no mercado... Eu não culpo a criancinha, porque infelizmente ela não foi educada. Na verdade, a culpa é de quem ensina, das escolas, dos professores. Porque para eles só existe a Ucrânia, a Ucrânia é que interessa. A impressão que dá é que eles não ensinam que tem outras culturas, outras etnias, outros idiomas... Então, **quando eu andava na rua, as criancinhas sempre me olhavam assim... com cara de espanto.** Se eu fizesse “Bu!”, acho que as criancinhas sairiam correndo.

Assustava até os adultos. Por eu ter uma condição melhor, devida ser jogador de futebol, andava com um carro um pouco melhor. E as pessoas ficavam me olhando no carro com muita atenção. Não faziam isso por conta da minha profissão, por ser conhecido, mas sim por que deviam pensar: “Poxa, como aquele negro tem um carro desses e eu estou aqui, andando a pé?”. Eu percebia que tinha alguma coisa assim, mas não era nunca falado.

Passou-se o tempo e eu aprendi a falar russo, hoje eu falo uns 80%, consigo me virar muito bem. Depois dessa vez no mercado, teve uma outra em que eu pedi licença a uma senhora que estava com uma criança. Falei em russo:

— Por favor, dá licença?

A criancinha se assustou e ficou me olhando. Quando eu passei, ela falou assim:

— Vovó, vovó, o negro fala russo!

Eu nem contabilizei, passou batido... Ou seja, é nítida a falta de instrução, a falta de ensino. Eles pecam muito nisso na minha opinião. No tocante ao relacionamento com os ucranianos, à sua cultura, o mais chocante era a maneira de eles lidarem, tratarem os outros e a mim também.

Agora, em relação à cultura do futebol, também é muito diferente do Brasil. Como eles passaram pela Segunda Guerra Mundial, são lutadores, batalhadores, e levam isso para o futebol. No Dínamo de Kiev, por exemplo, tem a história do Valeriy Lobanovskyi.

Lobanovskyi era uma pessoa muito influente no futebol, já faleceu. Ele foi jogador e treinador do Dínamo. Inclusive, o estádio do clube leva o nome dele. O pessoal de lá atéé hoje fala:

— Não, porque o Dínamo tem que ser da escola Lobanovskyi, de jogadores guerreiros, que correm, que lutam.

O futebol ucraniano é mais ou menos isso. O Dínamo sempre foi a referência do futebol ucraniano. De uns cinco anos pra cá, o Shakhtar Donetsk meio que atropelou o Dínamo, mas o Dínamo é o time mais tradicional da Ucrânia. Então, o choque cultural no futebol também existe muito. **Eu digo que a adaptação ao futebol ucraniano é mais fácil para um zagueiro do que para um atacante, porque tem muita correria, muito choque, muita trombada...** O zagueiro pode ser grosso, mas se ele for forte, veloz e der uns carrinhos por lá, ele já serve. Já o atacante, ele tem que cumprir a tática, voltar pra marcar, e o brasileiro não está muito acostumado a isso. Então, há muitas diferenças, sim, dentro de campo.

Esse choque cultural também tem muito no vestiário, sobretudo na maneira de se relacionar entre treinador e jogador, entre presidente e jogador também. Se o treinador falar alguma coisa aqui no Brasil, nós temos a liberdade, desde que não faltemos com respeito, de expor a nossa ideia; com o presidente do clube, a mesma coisa. Agora, lá na Ucrânia não. Como eles vêm do comunismo, em que um falava e os outros aceitavam, eles levaram essa maneira de se relacionar para o futebol também. Quando o presidente do clube ia falar com o elenco, por exemplo, os jogadores já abaixavam a cabeça, ficavam nervosos:

— Ai, o presidente vai vir, o presidente vai vir!

Quando o treinador falava de maneira dura, o pessoal abaixava a cabeça e aceitava. Nós, brasileiros, como estamos acostumados a questionar, a gente respondia, e eles se assustavam:

— Poxa vida, ninguém nunca falou, como os brasileiros vêm aqui e rebatem?!

Muitas vezes, no nervosismo, a gente falava para o tradutor e o tradutor tinha que passar para o treinador ou o presidente. E essa atitude os assustava um pouco. Por vezes, tem jogador brasileiro que não assimila essas diferenças. O que eu digo: **todo jogador que sai do Brasil tem que saber que vai sair para uma cultura diferente, para um idioma diferente, para uma comida diferente, para um lugar em que as pessoas não vão bajulá-lo como ele é bajulado no Brasil.** Eu acho que isso faz com que muitos jogadores voltem. De repente, aqui no Brasil o cara é bajulado, ninguém toca, ninguém encosta nele. Na Ucrânia não, ele vai chegar como mais um e por isso vai ter mostrar que merece ser bajulado lá! Daí, quando percebe que na Ucrânia não é como no Brasil, ele geralmente se assusta.

Tem muito jogador brasileiro que chega lá e quer que todo mundo faça um Brasil em torno dele. Mas é o que eu sempre digo: é esse jogador que está chegando a uma cultura diferente, ele que é o diferente, então é ele que tem que se adaptar o mais rápido possível à cultura do país, à cultura local. Eu vi jogadores que passaram lá que não conseguiam se enturmar nem conversar com ninguém, porque não assimilavam isso. Eu, quando deu uns seis meses que eu cheguei, já estava tentando falar russo e querendo deixar até mesmo o tradutor de lado pra me comunicar com as pessoas. **Quando deu um ano, eu me comunicava, conseguia falar russo. Depois de um tempo, quando tinham cinco brasileiros no elenco, eu fazia as vezes de tradutor dos brasileiros. O treinador falava pra mim, e eu passava a orientação para eles.** A gente ficava até com dó do tradutor do clube, porque ele acabou sendo um pouco deixado de lado.

— Ah, deixa eu falar direto com o Betão, que o Betão fala a língua do jogador. — dizia o treinador.

Afinal, o tradutor, por vezes, acaba usando palavras que não são específicas do futebol. Bom, ainda hoje, o pessoal tem muito carisma por mim lá no Dínamo. Eu mantenho contato com alguns meninos. Foi uma passagem, assimmm... muito interessante.

Agora indo para o lado do frio. A temperatura, se não me engano, mais baixa que eu peguei em Kiev foi -22°C. Quando a gente fazia a pré-temporada, saía para outro lugar por conta do inverno rigoroso. Normalmente, a gente ia para Israel, em Jerusalém ou na Galileia, que tem climas de praia. Ou, então, a gente ia para a Espanha, em Marbella, onde, apesar do inverno também chuvoso, fazia 15°C e dava pra treinar tranquilamente.

Teve uma vez que eu estava voltando da pré-temporada para Kiev e estava nevando muito. Conforme as pessoas limpam as ruas e empurram a neve, se formam aquelas montanhas de neve com vários metros de altura. E eu estava com um fone de ouvido no bolso. Quando eu fui tirar a chave de casa, esse fone caiu no chão e virou um arame farpado na hora. Eu peguei o fone do chão e ele já estava durinho, durinho, durinho. Isso pra mostrar a intensidade do frio daquela região.

Numa outra vez, a gente foi jogar na Bielorrússia, pela Copa da Uefa. Lá eles têm o costume de fazer um treino, um alongamento ou uma caminhada na rua no dia do jogo. Ao chegarmos à cidade, estava fazendo -20°C. O jogo seria na noite do dia seguinte e a caminhada, na manhã. Isto é uma outra coisa que eu não me acostumei lá: pode estar chovendo, nevando, não importa!, mas tem que fazer essa caminhada em dia do jogo, e é a céu aberto. No outro dia cedo, fez 22°C negativos e mesmo assim a gente saiu. Eu perguntei:

— Vai ficar todo mundo doente aqui, cara! Com -22°C, a gente vai fazer caminhada na neve?

E fomos, caminhamos. Na hora do jogo, à noite, estava fazendo -24°C e eu falei para o pessoal:

— Não, não vai ter como jogar, não!

— Vai, vai! – disseram.

Isso porque na época podia usar calça térmica, hoje já não pode mais. Eu usei todos os artifícios possíveis: coloquei calça térmica, luva, umas duas ou três camisas térmicas, passei pomada no pé e na orelha, cortei uma touca pra fazer uma espécie de cachecol, pus aquele tipo de gorro que deixa exposta só a parte dos olhos. Fiquei parecendo um ninja jogando! A bola é laranja e o campo, branco, branco, branco...

— Vocês esquentaram? Aqueceram? Passaram pomada? – perguntou o preparador físico.

— Sim.

— Então, vamos pro jogo! – gritou.

E fomos... Pergunto: pra que que existe intervalo? Até hoje, na neve, pra mim, deveria jogar os 90 minutos diretos. Quando você sai daquela neve, vai para o vestiário e se esquentar, você não quer voltar mais. Porque os dedos do pé começam a ficar doloridos. Por pouco eu não pedi pra sair do jogo, não estava aguentando mais. Não era por conta de pancada, nada disso, mas acho que foi devido àquela mudança de temperatura, do frio para o quente. Doía, doía, doía... Daí o rapaz veio, fez uma massagem no local, e eu voltei para o campo de novo. **Essa foi a experiência mais forte que eu tive em termos de inverno: jogar a -24°C...** E o interessante é olhar para a arquibancada. No Leste Europeu, o pessoal gosta de beber vodca, ficar pulando sem camisa e girando o cachecol ou a própria camisa do clube. Quer dizer, todo mundo já está mais pra lá do que pra cá.

Agora, outro fato legal, também, que aconteceu comigo foi quando eu achei que já sabia falar o russo. Fui a uma pizzeria com a minha esposa e queríamos pedir uma pizza meio a meio. Só que lá é muito difícil alguém falar inglês; são mais os jovens que falam, depois de uma certa idade ninguém. Chamei o garçom, fiz o pedido, tentei falar inglês, e ele fez aquela cara de quem não estava entendendo. Gesticulei, fiz o movimento com os braços de uma pizza cortada no meio, e ele falou:

— Ah, entendi.

— Tá bom. — respondi — Vamos ver o que vai vir. — disse em seguida para minha esposa.

— Ele está com cara de que não entendeu nada! — disse ela com ar jocoso.

Nós estávamos em uma mesinha para duas pessoas. De repente, chegou o garçom com duas pizzas que tomaram a mesa. Eu olhei para ele pra dizer que estava enganado, mas a minha esposa falou baixo:

— Ah, deixa pra lá. Até você explicar de novo o que era pra ser... Deixa as duas pizzas aí!

Todo mundo que passava olhava de lado pra gente, aí olhava admirado pra mesa. Deviam pensar: “Um casal comendo duas pizzas?!”. E eram aquelas pizzas grandes assim, foi aquela vergonha toooda...

— Nooossa... que situação vergonhosa! — falei para a minha esposa.

E o gostoso de lá era andar a pé, porque no verão só escurece às dez horas da noite. Então, eu e a minha esposa fazíamos tudo a pé, passeando pela cidade. Daí saímos do restaurante e fomos embora a pé levando uma pizza inteira, como se fosse para viagem... Essa também foi uma experiência bem bacana.

Vou aproveitar o assunto pra falar de culinária. Eu sou um cara que gosto de cozinhar. Não sou o melhor cozinheiro, mas gosto e chamava o pessoal em casa pra comer. **Não tive problema com culinária na Ucrânia, porque... lá tem macarrão, e macarrão todo mundo come.** Há mercados internacionais em Kiev, mas o preço é lá em cima. No dia em que eu vi o preço de um coco, por exemplo, fiquei abismado. Convertendo a moeda, eles estavam vendendo um coco por R\$ 55,00. Cinquenta e cinco reais, um coco!

Como os produtos eram muito caros nesses mercados internacionais, o que a gente fazia? A gente levava do Brasil. Levava arroz, feijão, tudo... Carne também, só que tínhamos de congelar a carne e fazer todo um processo, porque lá eles não têm cortes iguais aos daqui. Se você vai ao açougue no Brasil, verá: picanha, maminha, fraldinha... todos os cortes certinhos. Lá na Ucrânia, eles dão um pedaço de carne cortado. E eu nunca sabia se aquilo era pra fritar, se era pra cozinhar ou pra assar; não sabia que tipo de carne era. No entanto, nãoooo dava pra falar que estava passando fome. Isso, não! Tinha outras maneiras de me alimentar, a menos que eu fosse uma pessoa chata, rejeitasse as comidas de lá e quisesse comer como se estivesse no Brasil.

O lado legal de jogar na Ucrânia é que os jogadores têm duas férias no ano. No centro europeu, só têm no meio do ano e uma semana no final. Lá nós tínhamos um mês no

meio do ano e mais um mês no final por causa do inverno. Então, a gente fazia essa ida e vinda entre Ucrânia e Brasil duas vezes por ano. Era o suficiente para a gente se abastecer pelos próximos seis meses. Tem muita coisa que a gente gosta aqui e que lá não encontra pra comprar, por exemplo: pipoca de farol, aquelas de saquinho. Teve uma vez eu levei uns dez pacotes dessa pipoca pra passar o tempo. E o curioso é que a gente começa a comer contado:

— Poxa, tem mais dois meses ainda pra ir embora para as férias e só tem mais quatro pacotes de bolacha! Então, pera aí, vamos regular o consumo.

Cada vez que viajava para o Brasil, aproveitava o limite de carga, que é de 32 quilos por mala, para levar produtos. O clube me dava a passagem na classe *business*, então tinha direito a levar mais uma mala. Ou seja, eram duas malas de 32 quilos só pra mim, sem falar que também iam a minha esposa e o meu filho. Como a gente não precisava ficar levando roupa a cada viagem, a gente conseguia levar bastante coisa do Brasil.

Desde a primeira vez que eu fui para a Ucrânia, uma coisa que eu levei foi palavra-cruzada. Ah, eu gosto bastante! Das coisas do dia a dia que eu me lembro, é isso. E a Bíblia, eu sempre levo para onde vou... Quando eu tive todas as informações de como funcionavam as coisas por lá, eu pedi para a minha esposa levar algumas coisas quando ela fosse. **Comida, palavra-cruzada, Bíblia... acho que foi isso que eu peguei pra levar.** Não estou me lembrando de outra coisa específica...

Sobre os costumes culinários dos ucranianos... Eu não bebo, então bebida passou batido; mas tem uma sopa que eu gostei que se chama *borscht*. É uma sopa tradicional russa, e como a Ucrânia fez parte da ex-União Soviética os ucranianos levaram também esse costume. Basicamente é uma sopa de beterraba com repolho, em que eles colocam carne de porco, entre outros ingredientes. Não que eu vá fazê-la aqui no Brasil, mas foi uma sopa bacana e uma surpresa legal.

No entanto, os costumes culinários deles, pra quem não está acostumado, eram pesados. Por exemplo: em toda concentração, eles serviam macarrão e salmão; carne era muito difícil. Só que os ucranianos gostam de comer língua de vaca, apenas cozida, sem molho, sem nada. Aqui no Brasil tem gente que faz com molho, na panela de pressão e tal, tal, tal. Lá não, acho que eles só jogam a língua na panela, cortam em rodela e já servem no prato junto com um pouquinho de purê. Eu olhava aquilo, e pensava: “Meu Deus do céu! Isso não dá, não dá!”.

Outro costume que eles têm é comer cebola crua. Eles cortam uma cebola em quatro pedacinhos e comem aquilo como se fosse uma maçã. O alho, também. Pegam uma cabecinha

de alho e mastigam. Falam que no inverno é bom para o sistema respiratório. Eles queriam nos obrigar a comer. Por conta do comunismo, gostavam de impor as coisas:

— Come, vai!

Mas a gente batia o pé:

— Não, não não... a gente não quer.

Outra coisa, também, que os deixava chateados com a gente era a conversa em concentração. A princípio, o time todo sentava em uma mesa só pra comer, mas ficava aquela divisão: os brasileiros, os ucranianos e o resto do mundo, vamos dizer assim; às vezes alguns africanos se juntavam com os brasileiros, porque, no futebol, africanos e brasileiros têm a mesma alegria, a mesma maneira de se tratar. Nós, brasileiros, enquanto comemos, estamos falando, conversando, rindo; e os ucranianos não, é um silêncio só. A mesa dos treinadores ficava separada da nossa. Cada vez que a gente ria e falava alto, eles olhavam bravos pra gente, como se dissessem:

— Que é que esses moleques estão falando?!

No ônibus, indo para o jogo, era um velóóório danaaado! Tinha um treinador que não nos deixava escutar música. **No vestiário, parecia que a gente estava indo para uma guerra, não para um jogo de futebol.** Ficava aquele silêncio, aquela coisa toda, aquela “tensão”. Entre aspas porque, para eles saberem o que é pressão no futebol, têm que vir aqui para o Brasil. Lá não tem pressão, mas o pessoal ficava naquela tensão. Então, esses são os choques culturais que eu tive dentro do futebol e um pouco fora.

Outra coisa, também, que se pode dizer que é muito diferente é o treinamento entre o que se fazia no Brasil na minha época e o que se faz hoje em dia na Ucrânia. Treino lá parece jogo, todo treino é muito, muito, muito intenso! Só que é um pouco mais curto, ao passo que aqui no Brasil era um pouco mais longo e sem tanta intensidade. Quando eu digo intenso quero dizer treinamento com bola. Tanto parece jogo que eles exigem o uso da caneleira e da “botinha”, como a gente fala, que é a proteção do tornozelo que se faz com Coban, aquele tipo de atadura elástica. Todo treino lá é uma competição extremamente acirrada, com muitos choques, divididas, pegadas...

Falando agora da minha vida particular, **foi na Ucrânia que eu tive meu primeiro filho.** A minha esposa engravidou lá, mas ele nasceu aqui no Brasil porque na Ucrânia o sistema de saúde também é bastante precário. Hoje, tenho mais uma filha. Ela tem dez meses e o meu filho, quatro anos... Quando eu fui pra lá, fui sozinho a princípio porque tinha esse mês fora de pré-temporada. A minha esposa ficou aqui no Brasil e depois de um mês foi para

a Ucrânia morar comigo. Como ela estava um pouco receosa de ir sozinha, um primo meu foi junto com ela.

Eu posso dizer que a minha esposa passou os seis meses mais difíceis da vida dela. Porque foi complicado chegar a um país totalmente diferente, com um idioma que ela nunca tinha visto, com aquele alfabeto cirílico que parece desenhinho e não letra, e sozinha além de tudo. Pra mim era mais fácil porque todo dia ia treinar e no fim de semana viajava pra jogar, ou seja, estava sempre ocupando o tempo. Ela não... ficava trancada em casa, com medo de sair na rua, de alguém perguntar alguma coisa e ela não saber responder, da polícia pedir passaporte e querer investigar, enfim passam milhões de coisas na cabeça de uma pessoa que vai pra um lugar desse.

A minha esposa não teve nenhuma interação com a comunidade. As únicas coisas que teve foram a televisão e o computador. Ela ficava em casa assistindo aos canais internacionais ou, então, pra matar a saudade, passava a madrugada acordada falando com a família. Afinal, tem época do ano que a diferença de fuso horário é de quatro horas e em outras é de seis por causa do horário de verão. Enfim, foi triste pra ela no começo, muito difícil, mas com o tempo ela foi se adaptando, se acostumando, ficando mais tranquila. **O que eu digo é que a minha esposa foi uma guerreira por ter me acompanhado todos esses quatro anos.**

Ah... eu também sentia falta do contato com a família e com os amigos aqui do Brasil. Sentia falta de estar junto em datas especiais, mas não tinha como... Eu fiquei cinco anos passando meu aniversário sozinho, sem poder estar com o meu pai no aniversário dele, com a minha mãe no dela. O aniversário do meu filho deu certo porque eu e a minha esposa programamos o nascimento dele. Como ele faz em dezembro, deu para eu acompanhar porque eu estava sempre de férias. Mas os da minha esposa, não. Nós estamos juntos há 13 anos, e dos 13 eu acho que passei apenas três aniversários com ela. Como ela faz em fevereiro, ou eu estava em pré-temporada ou já estava em competição... **O contato com a família foi o que nos fez mais sentir falta do Brasil.**

Um ponto que pesou, também, foi o fato de todos os brasileiros que jogavam lá terem voltado para o Brasil quando nós chegamos à Ucrânia: o Corrêa, se não me engano, tinha voltado para o Palmeiras; o Diogo Rincón tinha vindo para o Corinthians; o Kléber Gladiador; o Rodrigo, zagueiro; o Maicon voltou na minha negociação com o Santos. Como eu sou uma pessoa mais extrovertida, pra mim não fez muita diferença, mas para a minha esposa pesou muito. Então, a gente chegou sozinho, e é sempre bom chegar a um lugar onde se tenha

alguma referência, pelo menos de mercado. Ou, então, de uma academia, de um curso de inglês, sei lá, de algum lugar pra fazer alguma coisa. A gente não tinha nada...

E o nosso tradutor falava português, mas ele era ucraniano, então ele tinha um jeito dele de ser. E uma outra situação que aconteceu foi a seguinte: eu queria fazer uma listinha de mercado pra comprar algumas coisas e abastecer o apartamento enquanto a minha esposa não chegava. Aliás, o clube disponibilizou o apartamento também. Daí eu cheguei para o tradutor e falei:

— Viu, seu Boris, eu preciso fazer uma compra no mercado.

— Que é que você precisa? – falou assim bem seco.

— Ah, arroz, macarrão, sal, óleo, pano de prato, coisas básicas.

— Tá bom.

Aí ele foi ao mercado comigo correndo:

— Aqui tá o arroz, aqui tá o macarrão, aqui tá isso, aqui tá aquilo... Vamos embora?

— Vamos. – falei decepcionado.

Porque eu queria olhar os produtos com calma, ver se estava faltando alguma coisa na minha lista. Não deu outra, cheguei em casa e estava faltando um monte de coisa. Então, era difícil contar com o tradutor...

Foi quando nós conhecemos um peruano que morava na Ucrânia havia sete anos e que sempre ajudou todos os brasileiros que estiveram por lá. Ele começou meio que “trabalhar” para nós também, por exemplo: se a gente queria pedir uma pizza, se faltava um galão de água para o filtro ou se precisava levar alguém ao médico, bastava ligar para o Alex. Tudo que nós precisávamos, ele fazia. **O Alex foi um cara que não quebrou só um galho, quebrou uma árvore pra todo mundo.** Hoje, infelizmente, ele está sozinho lá porque só tem um brasileiro no Dínamo. É uma pessoa muito legal, que nos ajudou demais e com quem podíamos contar toda hora:

— Ô, Alex, minha família vai chegar no aeroporto às quatro horas da manhã...

— Não, não, deixa que eu busco, deixa que eu busco!

Então, ele fazia tudo pra gente e foi uma pessoa que acabou nos ajudando nessa ausência de outros brasileiros como referência na cidade...

O legal da Ucrânia, também, é que sempre tem folga. Por quê? Porque normalmente quando tem jogos das seleções não tem rodada. E os jogadores do Dínamo de Kiev, praticamente, eram todos da Seleção Ucraniana. Como ia quase todo mundo para a Seleção, sobravam poucos. Eu brincava dizendo que o time era uma Torre de Babel, pois

tinha jogador de tudo quanto é lado do mundo: da Romênia, da Nigéria, do Chipre, enfim de milhões de lugares. Nessas datas, eles nos davam três dias de folga. Daí, eu e a minha esposa aproveitávamos e íamos para a Itália passear, íamos para a França, para a Disney... Eram nesses momentos que a gente dava uma relaxada em vista da situação, era o lado legal de estarmos lá.

Em Kiev, tudo se baseia praticamente numa avenida, que infelizmente está totalmente destruída com as manifestações atuais. É nesta avenida onde gira a cidade porque lá estão as melhores lojas, os melhores restaurantes, os melhores bancos... O nosso passeio em Kiev era praticamente este: passear nessa avenida e comer nos restaurantes que tem por ali. Nos fins de semana, ela fica fechada para que mais pessoas possam aproveitar o local e de maneira melhor, inclusive com um grande número de crianças. Já no verão, a gente ia a um clube privado que se pagava pra entrar e frequentar, ou viajava nessas folgas. Mas era meio restrito o que tinha pra se fazer lá. Ah, além disso, nós também fomos aooo... golfinário – não sei como se fala em português, é o recinto destinado aos golfinhos – e aos museus da cidade, onde eu me interessei mais pela Segunda Guerra Mundial, pelos acontecimentos, por que e como tudo se sucedeu, pela questão cultural... **Eu sou bastante curioso nesse sentido e acabei conhecendo também um pouco da história da Ucrânia.**

Com relação às manifestações recentes, eu confesso que não esperava que chegassem a esse ponto. Fiquei muito triste, porque é estranho ver um lugar que eu sempre costumava ir com a minha família, onde o meu filho corria, brincava, estar em guerra hoje, estar todo destruído. Quando eu vejo na televisão, quase não acredito naquilo que está acontecendo... A divisão política lá sempre foi clara, mas a Ucrânia é um país jovem, uma vez que a União Soviética se dissolveu em 1991. Portanto, as pessoas ainda vivem um pouco esse comunismo, elas são mais fechadas, ninguém tem coragem de falar as coisas... E eu gostava de ficar cutucando os ucranianos:

— O que é melhor: comunismo ou o como é hoje? – perguntava aos mais velhos.

— Ahhh... tanto faz. Ah, depende, né?! – respondiam de modo meio rabugento e fugiam do assunto.

Mas eu notava uma insatisfação dos jovens, que querem sair para a vida e melhorar de condição. Vou dar um exemplo. Indo por uma estrada até o CT do Dínamo de Kiev, tinha um *outdoor* que eu achei muito interessante, onde estava escrito assim: “Seu carro, seu *status*.”. Ou seja, propagandas como essa acabavam instigando os jovens a dar valor a um carro bom, a uma roupa de marca, a bens materiais. Na época do comunismo, tudo isso era privado, eles

falavam que tinham apenas cinco modelos de carro na rua. Então, era visível a insatisfação dos jovens, mas sem força pra manifestar.

Havia uma divisão política no futebol também: o Dínamo de Kiev é mais para o lado ucraniano; o Shakhtar Donetsk, mesmo estando na Ucrânia, é mais voltado para o lado russo. Tanto é que no oeste do país, Lviv – que é perto da Polônia –, Kiev e outras cidades, as pessoas falam ucraniano, porém no leste não se fala. Donetsk, por exemplo, que é a região dos minérios, ficou mais sob domínio dos russos. Com tudo isso, já percebia que existia um racha, o qual influenciava muito no futebol. Quando jogam Shakhtar e Dínamo, não é só uma rivalidade do futebol, é também política.

Esse presidente que sofreu o *impeachment* agora, o Viktor Yanukovich, estava querendo levar todo o centro financeiro, comercial, turístico da Ucrânia para Donetsk. Não à toa, ele apoiava mais o Shakhtar do que o Dínamo. Desde a época que eu estava lá, a Yulia Tymoschenko, que foi solta agora, estava presa. Estava presa por quê? Porque ela queria uma abertura de tudo, queria que as coisas fossem mais claras. Como ninguém pode criticar nada na Ucrânia, ela acabou sendo presa sob influência da Rússia, como sempre. Ela foi solta agora porque os ucranianos conseguiram dar esse grito de liberdade. Eles estão lutando para que o país entre na União Europeia. Lá você não consegue, por exemplo, movimentar muito o Euro, já com o Dólar você entra em qualquer lugar.

Com a liberdade da Yulia Tymoschenko e com essa... fúria, vamos dizer assim, dos jovens, eu acho que vai ter uma mudança na Ucrânia, mas, repito, é muito triste ver as imagens e chegar a esse ponto para tal. Inclusive, me falaram que a própria fachada do estádio do Dínamo foi atacada nas manifestações. Eu não vi essa imagem, mas vi a Praça da Independência, que é um lugar que eu ia bastante, totalmente tomada, destruída... **Era uma situação que poderia acontecer, mas não achava que seria tão extrema nem ocorreria tão rápida.**

Por esses dias, eu cheguei a falar com o Alex, o peruano que tanto nos ajudou e com quem a gente criou um vínculo. Liguei pra saber como estava ele, a sua família, o seu filho pequeno, se as manifestações o atingiram de alguma forma. Ele disse que fisicamente não, mas no dia a dia não tem como. Elas estão ocorrendo no centro de Kiev, onde gira tudo. Então, está tudo parado, transportes públicos bloqueados, e isso acaba influenciando todo mundo lá...

Voltando à minha história, depois da Ucrânia eu fui para a França, que é outra escola... **Chegou um momento, depois de quatro anos e meio na Ucrânia, que eu já estava de saco**

cheio de ficar lá justamente pelaaaa... cultura. Aguentei o meu contrato, é verdade que faltou meio ano, mas eu não voltaria ao Brasil, apenas queria sair da Ucrânia. Inclusive, já tinha falado com o presidente de maneira bem aberta, pois tinha essa liberdade com ele:

— Olha, presidente, eu já tive o primeiro filho aqui. Agora a minha esposa está grávida do segundo filho e não vai ser fácil pra gente viajar 15 horas de voo com duas criancinhas. Não vai ser fácil...

Eu costumo falar que morar fora é bom com filho adolescente, com filho pequeno ééé... complicado, principalmente por conta da viagem de avião. Bom, ele entendeu a minha situação e falou:

— Se você tiver uma proposta, a gente te libera sem problema nenhum desses seis meses de contrato que ainda faltam. Mas, se você quiser renovar, é só falar quanto você quer receber e o tempo de contrato, que a gente tenta entrar num acordo.

— Tá bom, presidente. Muito obrigado. – respondi.

Essa conversa foi no final de 2012. No início de 2013, eu tinha que reapresentar e voltar para a Ucrânia. Daí, quando foi no dia 10 de janeiro, me ligou um francês, perguntando:

— Como está a sua situação?

— Assim, assim, assim... – expliquei e completei – Olha, eu tenho que voltar no dia 12.

— Tem um clube que está interessado em você.

— Então, mas tem que tentar resolver até o dia da minha volta pra que eu não precise ir até a Ucrânia.

— Pode deixar que eu vou ligar para o seu clube.

E ele ligou para o Dínamo, conversou com o pessoal e explicou a situação, e eu consegui prorrogar um pouquinho a minha estadia no Brasil. Se não me engano, ele me retornou no dia 14:

— Betão, já está tudo certo. Vai lá para a Ucrânia pegar as suas coisas e de lá você já vai para a França.

— Graças a Deus, deu certo!

E assim eu fui para a França jogar no Évian. Fiquei muito feliz! O lugar onde fiquei também era muito legal: Thonon-les-Bains, que fica no leste da França, na divisa com Genebra, com Lausanne. Eu me estabeleci bem perto de um lago, é uma cidade montanhosa. Foi uma experiência ótima!

O campeonato, também, eu voltaria a disputar tranquilamente. É bem competitivo, mais ou menos igual ao Campeonato Brasileiro, de repente um time que está lá em baixo ganha do que está lá em cima, não é aquela disputa apenas entre dois times... Está assim agora que o Paris Saint-Germain fez essa máquina, e o Mônaco também. Mas nós vencemos o Paris Saint-Germain, o eliminamos da Copa da França. Foi um jogo muito bacana... **É um país que eu gostei de jogar!**

Por que é, então, que eu saí de lá? Eu saí de lá porque eu estava esperando aparecer uma situação um pouco melhor, porque o Évian é um time que financeiramente não é grande coisa. Afinal, quando eu estava lá quem pagava a maior parte do meu salário era o Dínamo ainda. O acordo que eles fizeram era que o Évian pagaria 15% do meu salário e o Dínamo, o resto. Enfim, daí as coisas acabaram não acontecendo, e eu acabei voltando para o Brasil...

Essa minha passagem na Europa foi de muita valia, sobretudo culturalmente falando. Pude aprender o russo. Vou usar o russo? Não sei, quem sabe amanhã na Copa alguém precise... Aprendi um pouco do francês e do italiano, falo espanhol e melhorei bastante o inglês. Então, culturalmente pra mim foi muito boa essa passagem na Europa.

Na França, a minha esposa foi comigo e ficou só um mês em virtude principalmente da gravidez, pois tem aquela limitação que só pode viajar de avião até um determinado tempo de gestação. Ela saiu do inverno da Ucrânia e pegou o inverno da França, que também é muito forte por ser na montanha. É uma pena que tenha ficado pouco tempo comigo lá...

Quando fui para a França também notei diferenças culturais, mas não dá para dizer que tive um choque cultural como na Ucrânia, pois é mais... próximo da gente. Eles costumam dizer que o francês de Paris é diferente do francês das cidades mais afastadas. O pessoal fala que o francês de Paris é um pouco mais arrogante, um pouco mais prepotente e tal, tal, tal. Nessa cidade, no entanto, talvez por ser uma cidade pequena, o povo é totalmente acolhedor, simpático. Se você precisa de informação, eles te dão com a maior atenção. Parece que você faz parte da família, ou melhor, parece que a cidade inteira é uma família.

Esta é a diferença entre os franceses e os ucranianos com quem convivi: na Ucrânia as pessoas são totalmente reservadas, afastadas, sérias; e na França, totalmente acolhedoras, simpáticas, atenciosas. Além disso, o acesso era fácil. Se a gente pegava o carro, chegava a Genebra em 40 minutos. Chegando lá, nós encontrávamos um monte de brasileiros, gente de tudo quanto é nacionalidade. Então, esse também era o lado bacana da França, essa diferença foi muito válida.

Retornar, como eu falei, não era minha pretensão, não era minha primeira opção. Eu queria continuar na Europa, mas... não aconteceu, as coisas que apareceram não foram aquilo que eu esperava, e eu resolvi voltar para o Brasil. Só que muita gente não entende isto que eu vou dizer: **a mesma adaptação que o jogador precisa quando sai, ele precisa depois de um certo tempo quando volta.** Porque ele acostuma com o estilo de futebol, com o jeito de jogar, com o sistema de concentração, com o ambiente do clube, com a maneira como se lida com tudo. Por mais que seja brasileiro, acaba se adaptando a uma outra situação.

Daí eu falo para o pessoal que **a volta é mais difícil pra zagueiro do que pra atacante, e a ida é ao contrário.** Por quê? Porque lá na Europa a defesa joga normalmente em linha de quatro e o zagueiro faz só a função dele. Ao contrário daqui, onde toda hora o zagueiro fica exposto, ele precisa fazer a função de mais três jogadores, os laterais apoiam juntos... E aqui no Brasil as pessoas não me deram tempo, eu cheguei sem pré-temporada. Tanto no Évian quanto na Ponte Preta, quando retornei, eu não fiz uma boa pré-temporada. Através da experiência, aguentei jogar uns quatro jogos seguidos, mas depois comecei a sentir o estilo de jogo diferente, a parte física começou a declinar.

Eu esperava dificuldade? Sim, esperava, mas não tanta como foi. Só que daí eu vi jogadores mais consagrados e de um nível superior ao meu e que também tiveram dificuldades no retorno. Pensei: “Espera aí, então é normal.”. Por exemplo: o Lúcio. Ele é mau jogador? Muito pelo contrário, o cara jogou muitos anos na Seleção Brasileira. Mesmo assim, as pessoas afirmam, depois da volta dele, que ele é mais um, como se ele fosse. O Cris também não é mais um, é um jogador de um alto nível, jogou oito anos no Lyon. Se lá na França ele é ídolo, chega aqui no Brasil é grosso?! Não é, ele precisa de adaptação, só que as pessoas não dão esse tempo pela cultura do futebol brasileiro. Comigo na Ponte Preta foi assim. Eu cheguei na metade do campeonato, joguei sete jogos, quatro no começo e três depois, e não tive mais sequência de jogo. Não esperava que a minha volta fosse assim, que eu tivesse tanta dificuldade...

Agora eu estou com passaporte europeu, consegui tirar a minha cidadania italiana, através da minha esposa, e estou esperando. Nesse começo do ano eu recebi algumas propostas pra disputar campeonato estadual, mas eram contratos curtos. Daí eu falei pra minha esposa:

— Não, vamos esperar um pouco, vamos ver se aparece alguma coisa lá pra fora, com mais tranquilidade de contrato, com um período mais longo. E, se não acontecer lá pra fora,

vamos tentar alguma coisa aqui no Brasil, para o Campeonato Brasileiro, mas que seja alguma coisa mais estável.

Enquanto isso eu estou tentando aprimorar a parte física pra poder estar bem, chegar e jogar...

Agora que voltei, depois de tantos anos lá fora, o meu irmão fala muito que eu pareço um estranho aqui. Eu acabei tendo todo um jeito parecido com o de lá. Deixa-me dar um exemplo. Lá não tem moto, não tem motoqueiro na rua. Então, quando eu ando na rua aqui e vejo uma moto, eu assusto, fico tenso, tanto por receio de batida como por assalto. **Que lá fora só passa desgraça do Brasil!, só passa coisa ruim nos jornais internacionais.** A bem da verdade, todo mundo tem medo do Brasil. As pessoas acham que, ao andar na rua aqui, vão tomar facada na barriga, vão ser assaltadas... Ainda que a Ucrânia não tenha se classificado pra disputar a Copa do Mundo, eles estão com muito medo e, ao mesmo tempo, ansiosos pra saber como vai ser tudo. E eu voltei um pouco com essa mentalidade de lá, sim.

No entanto, agora que estou aqui, não sou de contratar segurança particular. Sou uma pessoa comum, ando a pé na rua, vou ao supermercado de chinelo, normal. A única coisa é que, quando ando na rua com o meu irmão, eu fico ligado, observando o ambiente, olhando para os lados. E é aí que ele me fala:

— Ô, relaxa! Que é que tá acontecendo com você?

Então, eu sinto diferença de ter vivido tanto tempo lá fora. Afinal, eu nunca vi assalto tanto na Ucrânia quanto na França, pelo menos onde eu estava. É claro que existe, mas perto de mim nunca soube nada sobre esses fatos. Enquanto que aqui no Brasil, como a gente sabe que tem, fica um pouco tenso, um pouco preocupado. Esse ponto pesa bastante. Se eu pudesse criar meus filhos lá fora, acho que seria interessante, né?! Se eu pudesse escolher... Mas, não tendo a possibilidade de mudar pra lá, não é uma coisa que eu vou ficar desesperado aqui, até porque eu cresci no Brasil e toda a minha família é daqui.

Infelizmente, a minha carreira, como a de todo mundo, não dá pra ficar escolhendo muito. De repente, tem que ir naquilo que tem, naquilo que aparece pra gente, ainda mais agora que eu estou mais perto do fim da carreira do que para o início. **Se eu tivesse duas propostas equivalentes na minha mão hoje, uma aqui do Brasil e outra lá de fora, eu acho que iria pra fora...** Vou explicar o porquê, eu não vou deixar no ar. Eu acho que lá fora eles vivem mais o esporte, eles se dedicam mais ao esporte, em termos de organização, na importância que dão ao jogador. Eu acho que o jogador de futebol, hoje em dia, virou mercadoria no país inteiro, mas lá eles ainda preservam o lado profissional da coisa.

Hããã... um exemplo: as pessoas comparam que a Libertadores é igual a *Champions League*. Eu tive a oportunidade de disputá-la, se não me engano, por quatro vezes, e a Libertadores não tem nada a ver com a *Champions League*! Talvez as pessoas comparem por ambas serem a maior competição continental, mas para por aí. A organização, a preocupação... Já aqui na Libertadores, se for jogar, por exemplo, Corinthians e Boca Juniors, o Boca Junior vai fazer de tudo pra receptionar o Corinthians da pior maneira possível: vai deixar a água do chuveiro gelada, vai cortar a luz do vestiário, o torcedor vai soltar fogos durante a madrugada na janela dos quartos do hotel...

Lá fora não, ao contrário. Vamos imaginar um Dínamo de Kiev e Arsenal, como eu tive a oportunidade de jogar. Poxa, os ingleses vão querer fazer a melhor recepção possível: vão disponibilizar uma pessoa do clube pra receber, pra deixar o time visitante à vontade. Então, **quando você chega ao estádio, você não está chegando para uma guerra, como é aqui**. Eles fazem de tudo para o espetáculo ser bom, pra quem joga e pra quem está assistindo. Óbvio que a Europa tem seus defeitos, mas são por esses motivos que ela está um pouco à frente e por isso que, se tivesse essa possibilidade, eu optaria em voltar pra lá.

Eu acho que aqui no Brasil as pessoas fingem na verdade. **A ideia que eu tenho sobre o racismo no Brasil é que as pessoas tapam o sol com a peneira:**

— Não, que o Brasil é um país que tem uma mistura, miscigenação...

Poxa, aqui tem racismo. E tem preconceito, o que não é racismo, contra o gordo, o muito magro, o nordestino, o negro... O Brasil é um país que tem esse racismo muito aflorado, onde tanto o negro quanto o gordinho são sempre as referências. Sempre tem alguém que diz que isso é diferente, por exemplo:

— Ah, mas estamos falando porque é costume.

Costume nada! O costume veio a partir do preconceito. Deixa eu te dar um exemplo:

— Olha aquele neguinho ali...

Você ouve alguém falar “aquele branquinho”? A gente não ouve as pessoas usando esse termo.

— Ah, mas é natural falar.

É natural, mas veio de um preconceito, entendeu? É igual quando alguém se veste de uma maneira fora do comum e outra pessoa fala assim:

— Pô, tá se vestindo que nem baiano?!

É um preconceito contra o nordestino, o nortista. No futebol, tem de monte também! Se um negro vai, por exemplo, jogar no Sul do país, onde a maioria é daaa... da raça branca, as pessoas falam pra ele:

— Favelado!

Só por que é ele negro, as pessoas já o associam com favela, né?! Ou então:

— Volta pro Carandiru!

Então, o preconceito no Brasil existe, e muuuito ainda! Falo por mim mesmo, principalmente quando joguei no Sul. Não é que só tenha lá, aqui em São Paulo também já me xingaram:

— Macaco! – e por aí vai...

Existe, acho, até numa intensidade maior do que na Ucrânia, porque lá eu sentia o preconceito na maneira de olhar; aqui no Brasil, já é mais na maneira de falar, entendeu? Então, sofri racismo por parte de torcedores, mas nunca algum jogador chegou até mim e me insultou aqui. E lá na Ucrânia, como eu alcancei um respeito e uma admiração muito grande por todos, não só do Dínamo mas também pelos outros clubes e até torcedores, justamente porque eu dava entrevista em russo, eu não sentia preconceito. Agora, as pessoas que não eram do futebol poderiam ter isso contra mim...

Mesmo quando jogava fora de Kiev ou por campeonatos europeus, nunca senti nada disso contra mim. No entanto, contra companheiros de equipe, sobretudo com os africanos, aí sim aconteceu! Entre jogadores eu nunca vi, pra falar a verdade, mas partindo de torcida, sim... O interessante é que através do futebol eu tive o privilégio de conhecer mais de vinte países e, dentro desses vinte países, nunca teve tantos problemas com racismo, não.

Eu penso que, se o jogador que sofre o racismo não se manifestar, a imprensa não vai se manifestar. Se esse jogador não tiver uma ação como o Roberto Carlos que, se não me engano, jogou a banana de volta para a torcida, como o Balotelli que se manifesta constantemente em relação a isso, como o Eto'o que já saiu de campo ou alguma coisa assim por conta de racismo, as pessoas não vão querer entrar nessa polêmica. O argumento gira em torno disto:

— Ah, se o jogador não se sentiu ofendido, então vou fingir também que não foi nada.

Na Itália teve um caso contra o Balotelli, salvo engano, em que o sistema de som do estádio, sem ele fazer nada, pediu para os torcedores manerarem. No caso do Tinga, que ocorreu por esses dias, a imprensa se manifestou, na minha opinião, porque ocorreu na

América do Sul. De repente, ele não falou nada no momento porque foi durante o jogo e deve ter passado batido. Aí, como aconteceu fora do Brasil, a imprensa brasileira quis fazer um alarde maior, mas acho que também já foi, já baixou, acabou, tal, passou... Entendeu?

Na Europa, não tem mistura de raças. Até tem, mas são pouquíssimos países que têm mistura racial. Quando eu olhava para os ucranianos, até brincava dizendo que todo mundo era igual: alemãozão, grandão, com aquele jeitão, e a mulher era a mesma coisa, todas com os mesmos traços. Se a gente olhar para, sei lá, os alemães, o pessoal também é parecido. Quer dizer, o mundo precisa saber que têm outras raças que estão em outros países! **Eu tenho dó de uma criança que nasce negra na Ucrânia...** não precisa nem nascer negra, mas que nasça com os traços negros, porque ela vai ser totalmente...

Deixa-me dar um exemplo: o Dínamo fazia de vez em quando visitas a creches lá na Ucrânia. Teve uma vez que a gente visitou uma creche, em um lugar humilde como sempre, e todas as crianças eram loiras, exceto uma menininha que era um pouquinho mais morena e que tinha o cabelo crespo – provavelmente deve ter sido filha de um imigrante africano que foi pra lá. No nosso time, tinha um atacante que se chamava Bangoura e era de Guiné. Daí as crianças começaram a chamar a menininha de Bangoura. E ela não era nem negra! – dentro da nossa concepção de brasileiros –, era morena só que tinha o cabelo crespo. E começaram a chamá-la de Bangoura... Tem necessidade disso? Não tem. Então, esse racismo está inserido e, volto a afirmar, falta a orientação de que existem outras culturas, outras etnias, outras pessoas em volta. Muitas vezes, na Europa, acho que falta um pouco disso.

Na época do caso do Roberto Carlos, que aconteceu na Rússia, eu lancei justamente uma campanha no Twitter: #juntoscontraoracismo. Como eu tinha uma certa influência na mídia, entre os ucranianos, teve uma repercussão legal. Foi bacana, eu tive apoio do Dínamo de Kiev. Eles viram o que tinha feito, acharam legal e colocaram no *site* do clube, dando um destaque ainda maior. Claro que tem sempre aqueles que odeiam, xingam e criticam, mas houve um grande número de mensagens apoiando a causa. Fiquei muito feliz.

Para ser bem sincero, eu não acho que a UEFA se empenha realmente pra acabar com o racismo. Eu acho que as campanhas são apenas ummm... cala a boca:

— Ah, vamos fazer aqui um movimento, pelo menos os que se sentem atingidos vão ver que a gente está fazendo alguma coisa.

Eu acho que não é o foco, não é o principal objetivo acabar com o racismo. Acho que tem pessoas e grupos isolados que estão empenhados, mas talvez não eles tenham tanta força, tanto apoio que precisam pra chegar à cabeça do poder e falar:

— Vamos brigar por isso!

Entendeu?... Por exemplo, o que tem de negros na França, no Campeonato Francês é impressionante. Eu acho que isso se deve justamente pelo fato de vários países africanos terem sido colônias francesas. Apesar dessa grande quantidade, eu não via tanto racismo assim, talvez porque o francês já acostumou com os africanos na França. **Eu pude passear bastante lá em Paris e ficava superfeliz porque lá é normal ver um negro com uma moça branca andando na rua ou vice-versa uma moça negra com um parceiro branco.** Eu acho isso muito legal. Coisa que na Ucrânia, quando eu saía com a minha esposa, que é branca, as pessoas ficavam olhando pra cara dela, olhando pra minha cara, olhando pra cara dela, olhando pra minha cara... como se dissesse:

— Como assim? Um rapaz negro com uma moça branca?!

Embora ela não seja loira, já teve gente que achou que ela era da região, ucraniana, russa, ou sei lá. Então, as pessoas ficavam um pouco assustadas com isso, enquanto que na França isso não acontecia. Inclusive, eu acho que tem até mais negros do que brancos disputando o Campeonato Francês.

Eu com a minha esposa sempre conversamos abertamente sobre isso. Por mais que ela convivesse comigo, ela não percebia tanto quanto eu por ser de outra raça. Isto eu acho que é de modo geral: **quem está sofrendo o racismo ou o preconceito**, seja o gordinho que sentou no banco do ônibus, seja o nordestino que chegou a um lugar, seja o negro, **percebe mais do que as pessoas que não sofrem**. Se eu sofrer um preconceito e comentar com você, você pode me falar:

— Não, você tá exagerando, nem aconteceu nada, que é que aconteceu que eu nem vi?

Mas a gente que sofre preconceito sabe. Eu tenho uma amiga que tem o cabelo crespo também, só que ela sempre estudou em colégio da alta sociedade, vamos dizer assim. E lá quase todas as menininhas eram brancas e tinham o cabelo liso. Qual era o apelido dela na escola? “Crespa”, só por causa do cabelo dela. Então, veja você que o preconceito está muito, muito presente.

Voltando pra minha esposa, de repente ela não percebia tanto o preconceito. Quando eu falava:

— Você viu o que aconteceu, uma situação assim, assim, assim lá na loja?

— Não, não percebi.

Como já falei, eu gosto de andar despojado, eu não sou de frescura. Lá em Kiev, nas lojas boas, eu ia de chinelo e bermuda, e quem não me reconhecia como jogador ficava me fitando, como se dissesse:

— Que é que ele quer aqui? Você acha que, com essa roupa aí, vai conseguir comprar alguma coisa da loja?

Eu percebia que os funcionários ficavam pensando: “Vou atender ou não vou?”. Igual a uma vez que eu fui em Milão numa loja comprar um presente para a minha esposa. Eu cheguei até a moça e perguntei:

— Você tem uma bolsa daquela ali?

— Tenho, mas é cara. – ela respondeu.

Aí eu falei:

— Eu não estou querendo saber se ela é cara ou se é barata, estou perguntando se você tem uma bolsa daquela ali. – apontei para a vitrine.

— Ah, eu vou ver se tem.

No fim, ela acabou falando que não tinha a bolsa... Então, eu vejo que o racismo está no dia a dia, enrustido, mas está! Aqui no Brasil, tem aquelas pessoas que se declaram, que são preconceituosos mesmo – igual o caso que aconteceu da australiana com a manicure alguns dias atrás lá em Brasília –, mas a maioria é enrustida, tem preconceito, mas finge que não tem.

No Dínamo de Kiev, nós, brasileiros, sentíamos que éramos mais cobrados que os ucranianos. A gente sentia isso e sempre ficava aquela pergunta:

— Mas por quê?

Sendo direto, o treinador, que era russo, nem ucraniano ele era, chegou um dia, reuniu todos os brasileiros e falou assim:

— Sabe por que que vocês são mais cobrados? **Vocês são mais cobrados porque vocês são brasileiros**, já começa aí. Então, vocês tem que ser melhores que os daqui porque vocês são brasileiros. Vocês são mais cobrados **porque vocês vêm comprados**, os daqui são daqui. Vocês são mais cobrados **porque, normalmente, vocês ganham mais que os daqui**.

Então, o jogador estrangeiro é mais cobrado que o local na Ucrânia. E é mais cobrado ainda se for brasileiro, porque eles acham que todo brasileiro tem que ser igual ao Pelé, ao Ronaldiiinho... tem que ter magia nas pernas. E não é assim, né?! Agora, na França já não é assim. Lá eles veem o brasileiro com respeito, claro, pela história do futebol brasileiro, mas sabem que todos nós somos falhos, temos limites e enfim...

Que tinha uma rivalidade na Ucrânia, sabe?! Depois que eu aprendi a falar russo que eu fui perceber e escutar comentários maldosos, por exemplo: quando chega um brasileiro, um argentino, um sul-americano ao Dínamo, os ucranianos ficam só observando como o cara chuta na bola, se ele dá um passe bom... Daí começam os comentários:

— Olha lá! Pagou não sei quantos milhões e o cara não chuta uma bola no gol! Pagou não sei quantos milhões e não sei quê... Deixa ele fazer sozinho, então!

Eles começam a tirar sarro. Dão um passe mais forte pra gente para ver se a gente vai conseguir fazer um bom domínio, entendeu? Então, tem essas coisinhas, esses detalhezinhos. Tinha na época que eu estava lá e acredito que não tenha mudado hoje porque eu falei com um jogador que acabou de vir de lá, e ele me disse que continua a mesma coisa.

Depois de uma derrota, tinha essa cobrança também, não só em relação aos brasileiros, mas de um modo geral. Eles gostam de apontar, tanto os jogadores como o treinador. Se um jogador errava no lance do gol sofrido, eles vinham falar com veemência:

— Por que é que você errou naquele lance?

Não estou me referindo à entrevista coletiva, isso não. Mas internamente, depois do jogo, eles mostram o vídeo e cobram perante o grupo:

— Vamos ver o lance do gol aqui. Fulano, o que é que você estava fazendo ali parado?... Pô, a culpa foi sua, você está vendo? Olha lá: o gol, a gente tomou por culpa sua!

Coisa que aqui no Brasil pode até ter algum treinador que faz, mas é difícil. Geralmente, ele abafa e coloca como erro do grupo.

Entre nós, estrangeiros, a gente até conversava:

— Pô, você viu como o treinador cobrou fulano? Você viu que é que foi feito ali, tal?

Às vezes, num dia em que estava mais estressado, de cabeça quente, acabava, no calor do treinamento, falando alguma coisa, porque a gente via que o treinador estava cobrando de um brasileiro que não tinha feito do jeito que ele pediu:

— Mas e o ucraniano que também não fez?! – falava um de nós.

No entanto, eram raras as vezes que os jogadores levavam isso para o jogo, entendeu?... Por isso que tinha muito jogador estrangeiro que não conseguia se enturmar e já queria ir embora no primeiro mês...

Se o jogador quer ir para a Europa, tem que ir com objetivo. Se o objetivo for só financeiro, o cara joga seis meses e volta. Dependendo do contrato que se faz, em um ano consegue juntar um bom dinheiro. Vamos fazer de conta que um jogador sai daqui do Brasil com uma mão na frente e a outra atrás. Em um ano, ele consegue comprar um carro, uma casa

para a mãe, um apartamento pra ele. Então, o cara pensa: “Ah, consegui! Por que mais eu vou ficar aqui se eu já consegui comprar tudo?”. Por esse motivo que eu falo do objetivo.

No meu caso, eu fui com o objetivo de conhecer outra cultura, de disputar uma *Champions League*, de repente conseguir uma transferência melhor, para um outro clube. Se eu fosse só com o objetivo do dinheiro, teria ido e voltado. Às vezes, um jogador desses que eu estou falando consegue o dinheiro e começa a inventar história:

— Ah, por que o frio! Ah, por que o clima! Ah, por que a comida! Ah, por que não sei o quê...

Entendeu? E, na verdade, não é nada disso, ele conseguiu o que ele queria e quer ir embora.

Voltando à minha história, eu tive o grande prazer, também, de jogar com o Shevchenko na Ucrânia. Pra mim, isso foi demais! Até brinquei com ele, dizendo:

— Até um ano atrás jogava com você no videogame e agora estou jogando aqui.

E a mesma coisa aconteceu comigo na Ponte Preta por coincidência. Um menino da base, de 18 anos, chegou pra mim e falou assim:

— Pô, Betão, você tá jogando aqui na Ponte?! Que legal, cara!

Aí ele pediu para eu falar do jogo do tabu e em seguida disse:

— E agora você tá aqui no vestiário, do meu lado, que bacana!

Então, esses são, também, os momentos legais da profissão... O que fica são as amizades mesmo. Aliás, no futebol é difícil fazer amizade entre jogador. Amizade que eu digo é aquela de manter contato eterno, vamos dizer assim, igual a que gente faz no dia a dia. É muito difícil... Eu converso mais com o pessoal da base do Corinthians e com o Tevez, com quem fiz uma amizade legal. Nós jogamos contra na Europa. Quando joguei fora da Ucrânia ainda fui à casa dele. Mas, a última vez que eu falei com ele, eu estava na França, faz mais de um ano. Já com os meninos da base do Corinthians, uns seis pelo menos, a gente é amigo mesmo, sabe?! Tem outros que pararam de jogar e a gente continua amigo...

É difícil, porque, pelas centenas de jogadores com que joguei na minha carreira, se eu tiver contato com duas mãos cheias é muito. Se, por um lado, são legais os momentos vividos, a concentração, a brincadeira, tal; por outro, a tristeza do futebol é isto: não conseguir criar

vínculos com as pessoas... Que é uma coisa que eu gostaria de ter criado, mas infelizmente cada um vai para um canto, perde contato, troca o telefone e aí é um abraço...

Uma lição que fica é que tudo passa na vida e você tem que aproveitar o máximo possível. Eu vou tentar passar os aprendizados para os meus filhos. **Acho que nenhuma experiência é melhor do que a experiência cultural, é uma coisa que você guarda pra sempre.** Que a experiência vivida vai passar, mas a cultural você não vai perder nunca. Nesses meus anos de carreira, essa oportunidade que eu tive de conhecer outros países foi maravilhosa! Acho que as pessoas não podem perder essa oportunidade, de crescer sempre culturalmente, seja falando um idioma, conhecendo outra cultura, lendo um livro ou alguma coisa do tipo. Tudo isso é muito válido.

Olhando pra trás, eu faria tudo de novo, acho que até aproveitaria mais. Foi tudo muito bom. E tem coisa ainda pra acontecer, pois eu espero jogar mais... Tem gente que espera o futebol aposentar. Eu não quero chegar nesse ponto, mas eu espero jogar mais uns quatro ou cinco anos em um alto nível. Foi tudo muito bom, tudo que eu passei, as pessoas que eu conheci... Até hoje está sendo tudo muito legal!

3. MEMÓRIA COLETIVA

Nesta terceira parte da tese, considereei o conjunto das entrevistas realizadas com futebolistas brasileiros negros que atuaram na Europa a partir de 1960 para identificar temas recorrentes nas respectivas histórias orais de vida. Embora sejam tantas as abordagens possíveis diante de uma massa documental volumosa, priorizei três temas. O primeiro tem a intenção exatamente de apresentar as origens de cada entrevistado, as condições sociais na infância e o início na profissão de atleta de futebol. Não se pode compreendê-los e analisar os seus discursos sem antes conhecer minimamente as raízes de cada um. O segundo tema trata da ida à Europa, das motivações, das expectativas e das visões sobre a própria profissão. O terceiro tema diz respeito ao racismo e à xenofobia, em que se apresenta e problematiza uma série de situações vivenciadas pelos futebolistas, tanto dentro como fora do futebol. As diferentes leituras sobre os tais fenômenos, seja nos países europeus, seja no Brasil, ganham realce no decorrer da discussão. Julgo que o papel do pesquisador nesta parte é o de reunir trechos comuns das narrativas coletadas, dando amplo destaque às memórias e experiências dos protagonistas do processo histórico em questão, sem deixar de apontar para as semelhanças e as diferenças na forma de pensar e agir entre eles. Em nenhum momento, portanto, a proposta aqui é cotejar fontes.

3.1 ORIGEM SOCIAL: CONDIÇÕES DE VIDA E TRABALHO

As histórias de sucesso de inúmeros futebolistas brasileiros, de Fausto a Dante, passando por Leônidas, Zizinho, Didi, Garrincha, Pelé, Zé Maria, Serginho Chulapa, Romário, Rivaldo, Ronaldo e Adriano, todos jogadores de Seleção Brasileira em Copas do Mundo, ajudaram a criar no imaginário social um estereótipo acerca dessa profissão: negros, de família humilde, infância pobre, escolaridade incompleta, sem posses nem grandes perspectivas de vida. O senso comum enxerga o futebol como um meio eficaz de mobilidade para as pessoas pobres, em especial, para as pessoas negras. Ainda que isso tenha sido desmistificado por vários pesquisadores, em especial por Vieira (2003, p. 235), esse esporte continua se apresentando como uma das poucas possibilidades de ascensão social, dada a miséria da população brasileira e a ineficácia de políticas públicas.

Essa realidade falseada, assim, costuma obliterar uma outra situação, a de negros que tiveram uma trajetória profissional parecida, mas que tiveram uma origem social diferente, possibilitada pelas conquistas de seus ascendentes. Para estes, o futebol não se colocou como a única oportunidade de ascensão social, mas sim como um desejo profissional, por vezes motivado por um talento “inato” ou “divino”, que evidentemente, em nível de excelência, poderia levar a uma melhora da condição social e da qualidade de vida. Entre os dezesseis entrevistados, encontramos as duas realidades. Para minha surpresa, seis deles vinham de famílias melhor estruturadas, de classe média baixa a classe alta, sendo eles: Amoroso, Betão, Djalminha, Ewerthon, Junior e Roque Júnior, sem considerar Paulo César Lima, que ainda criança foi adotado por uma família negra nessa mesma condição. Os outros dez enquadram-se dentro daquele padrão estereotipado. Começemos pelo relato de Amoroso:

[E]u me chamo Márcio Amoroso dos Santos e fui revelado nas categorias de base do Guarani, de Campinas. Cheguei a Campinas em 1991, com 15 anos, vindo de Brasília. [...] Na realidade, meu pai nunca quis que eu fosse jogador de futebol. Ele queria que eu trabalhasse no Senado, estudasse e fizesse a mesma profissão dele. Mas como eu tinha talento e todo mundo falava:

— Põe ele pra jogar no clube!

Por isso meu pai acabou me dando essa oportunidade. Mas sempre me cobrou e foi um pai muito... correto, responsável, dedicado aos três filhos. Ele optou por me deixar sair de casa e não mudou a vida dele pra me seguir, até porque ainda tinha outros dois filhos menores que estavam estudando. Ele me falou na época:

— É a sua opção. Então, nós vamos te apoiar e te cobrar até o final da sua carreira! Você tem que ser dedicado, tem que ser assim, assim, assim...

Para uma família que priorizava os estudos e desejava ver o filho seguir os passos do pai no funcionalismo público, vê-lo optar pela incerta carreira de atleta profissional de futebol não era a primeira opção. Daí o pai “dar essa oportunidade” e “deixar sair de casa”, bem como “cobrar até o final da sua carreira”. A cobrança do pai de Amoroso tinha motivo: José Amoroso Filho, seu irmão, tinha sido centroavante de destaque na década de 1960 no Rio de Janeiro, tendo jogado ao lado de Garrincha no Botafogo. Além do preconceito contra a profissão, vista naquela época como “diversão”, conforme relatou o entrevistado, o sucesso esportivo do tio não se traduziu em uma boa situação econômica. Em suas palavras:

Ao ver dentro da própria família uma situação de insucesso financeiro, ele [seu pai] não queria isso para o filho dele. Tanto que dizia:

— Não, você vai estudar, vai trabalhar e eu quero que você faça o que eu fiz pra ter uma vida melhor, pra que lá na frente possa decidir o que você quer.

Amoroso, no entanto, estava decidido. Começou a jogar no clube social do Senado Federal, a ASSEFE, e disputou campeonatos locais. Logo, “despertou o interesse de olheiros” que o viram atuar. Quando surgiu a oportunidade de ir a Campinas, seu pai teve uma conversa franca:

— É isso que você quer? É realmente esse é o seu desejo?

— Pai, eu gosto de futebol, meu sonho é ser jogador de futebol.

Dada a sua condição social privilegiada, não causa estranhamento ele ter narrado que a mudança em sua vida foi “radical”, uma vez que largou “a vida boa” em Brasília para morar “debaixo da arquibancada” do estádio do Guarani em Campinas:

Quando eu saí de Brasília e optei ir a Campinas, com 15 anos de idade, a minha vida mudou radicalmente, de ter praticamente tudo dentro da minha casa para morar debaixo da arquibancada do Estádio Brinco de Ouro, com outros 48 atletas que eu nunca tinha visto na minha vida. Ou seja, eu larguei toda a boa vida que meus pais me davam para começar a pensar no que eu poderia conquistar longe da minha família. Foi uma decisão importante e graças a Deus acertada.

A experiência familiar de Djalminha é muito parecida com a de Amoroso, tendo sido “criado no meio do futebol” desde cedo também. Seu pai, Djalma Dias, fora zagueiro bem sucedido e atuara na “Primeira Academia” do Palmeiras, nos anos 1960, período contemporâneo ao de José Amoroso Filho. O pai de Djalminha, do mesmo modo, colocava os estudos “em primeiro lugar”, como uma pré-condição para deixar o jovem filho seguir o que “gostava de fazer”, isto é, jogar bola. O apoio, no entanto, vinha seguido da cobrança, conforme relatou:

Dentro de casa, meu pai, na verdade, não apoiava muito no início. Apesar de ter sido jogador, era muito preocupado com os estudos, que vinham em primeiro lugar, por isso me cobrava muito. Eu sempre soube conciliar e, como ia bem no colégio, não tive problema para que *pudesse* jogar. Depois, mais velho, com uns 15, 16 anos, aí sim meu pai começou a apoiar um pouco mais. Até porque, embora eu não fosse profissional, já estava bem encaminhado. Desde moleque sempre tive a sorte de estar me destacando. Ao mesmo tempo ele me apoiava e me cobrava muito. Por ter sido jogador, ele sempre achava que poderia fazer mais. Às vezes eu jogava bem, fazia gol, mas ele dizia:

— Não, mas podia ter feito outro...

Djalminha foi entender o motivo da cobrança do pai somente no futuro, quando já havia se profissionalizado. Depois de abordar a própria trajetória no futebol, iniciada no Flamengo de forma vencedora entre o fim da década de 1980 e o início da de 1990, retomou as suas origens, demonstrando consciência de que ela fora incomum.

Então, sempre tive essa cobrança por parte dele. No futuro, depois de amadurecer, que eu fui perceber como essa cobrança foi muito importante para a minha carreira, porque era para eu não me acomodar... [...] Comigo não teve aquela história de menino pobre criado na favela que passou necessidade, mas também não tive nenhum luxo. Eu levava uma vida supernormal, estudava em escola, brincava na rua.

Junior é outro entrevistado que teve familiares esportistas, com destaque para o irmão mais velho, que fora jogador profissional de vôlei, da geração anterior à “do Bernard”. Seu irmão não só atuou na Seleção Brasileira como nos Estados Unidos, onde concluiu os estudos na Universidade de El Paso, no Texas. De acordo com o entrevistado, a sua família “sempre” o apoiou na sua escolha pelo futebol, mas era “aquela história”: “Vai fazer, mas vai estudar...”. Ao ser estimulado a contar a história da família, na qual certamente abordaria a condição social dos seus ascendentes, Junior começou a sua narrativa falando dos feitos do avô paterno:

Sou de uma família de nordestinos, de João Pessoa... Meu avô, pai do meu pai, foi mestre de obra, conceituadíssimo na cidade. Foi ele quem construiu nos anos 50, 60, a maioria dos grandes monumentos, casas, biblioteca, rodoviária, aeroporto... Ele tinha uma fábrica de mosaico que se chamava Corenos. Era a fábrica da onde saía, na verdade, a maioria dos produtos para essas obras...

Seu avô materno, por sua vez, também tinha posses: “A família da minha mãe era de agricultores, tinha fazenda. Meu avô, por parte de mãe, era dono de um engenho de cana de açúcar, de aguardente...”. Autoavaliando a situação privilegiada de ambos os lados da família, Junior concluiu: “Pois é, a minha família sempre teve uma certa condição lá em João Pessoa”. Outros dados evocados revelam uma vida de luxo, que não era exclusividade de seus patriarcas:

Eu me lembro da fazenda do meu tio Américo, que foi casado com a irmã da minha tia-avó. Ele fazia aquelas fogueiras imensas na época de São João... Me lembro da casa em que morei no Parque Solon de Lucena. Era uma casa grandona, aonde eu andava de bicicleta... A Praia do Poço, que é uma praia perto de Tambaú, onde meus tios e meus pais tinham uma casa. Todo ano, praticamente, a gente passava as férias por lá... Eu era muito pequeno, tinha 5 anos de idade... Mas, quando eu vejo fotografias, aí retorna um pouco aquela memória fotográfica da época.

Através dos imóveis (fazenda do tio, casa grande e casa na praia), dos lugares (Parque Solon de Lucena, à época bairro nobre de João Pessoa, e Praia do Poço) e dos objetos (bicicleta e fotografias) contidos em seu relato, além de ele aproveitar o período de férias ao invés de trabalhar, percebe-se o tamanho do contraste entre a infância de Junior e a da maioria dos futebolistas negros no Brasil. Quando boa parte da família dele se transferiu para o Rio de Janeiro na passagem dos anos 1950 para 1960, o padrão de vida se manteve, uma vez que “[m]orei sempre aqui em Copacabana, nesse prédio mesmo, só que no apartamento 101, ali no primeiro andar.”, a uma quadra da praia.

No início deste século, Betão, do mesmo modo que Junior fizera aproximadamente três décadas antes, levou até onde conseguiu os estudos, interrompendo o ensino superior no quarto semestre, quando já havia se profissionalizado pelo Corinthians. Isso demonstra tanto o peso da educação dentro dos valores de sua família quanto o seu modo diferente de pensar perante o universo da categoria profissional. Ao mesmo tempo que era incentivado a continuar os estudos, Betão era cobrado a encarar o futebol de modo “direito”, desde a tenra idade. A partir dos 10 anos, sentiu-se obrigado a “acabar” com a “diversão” e as “brincadeiras”, sacrificando a própria infância ou, em seus termos, “perdendo-a”. Em suas palavras:

Primeiramente, eu gostaria de me apresentar: meu nome é Ebert William Amâncio, nasci em 11 de novembro de 1983, na Zona Norte de São Paulo, mais especificamente no Jaçanã, onde foi feita toda minha criação. Morei no bairro durante 23 anos, até o meu casamento. Eu tive uma infância... bem explorada, vamos dizer assim. Essa diversão meio que acabou aos 10 anos de idade, quando eu entrei pra jogar futebol, no Corinthians, lá no antigo Terrão. Infelizmente, eu “perdi” um pouco a minha infância, entre aspas porque, quando se entra pra jogar futebol, tem que se dedicar totalmente ao esporte. O meu pai sempre cobrou isso de mim:

— Se for pra você fazer, tem que *fazer direito, fazer bem feito*.

Então, desde os dez anos de idade, não tinha muito tempo pra ficar brincando com os amigos, perdi viagens com eles, justamente porque eu tinha que estudar e tinha que treinar. Tentava conciliar as duas coisas. E assim foi até que eu decidi, também, fazer faculdade, quando já jogava no Corinthians. Comecei a fazer o curso de Fisioterapia, consegui fazer dois anos, só que eu tive que trancar a minha matrícula por um simples motivo: em dezembro de 2002, eu estava na semana de provas da faculdade e justo naquela semana calhou de o Corinthians estar fazendo uma intertemporada para a final do Campeonato Brasileiro contra o Santos.

Compartilhando com Betão e com vários outros entrevistados a visão da profissão enquanto “sofrimento”, Ewerthon, que é natural de São Paulo, ingressou no Corinthians aos 7 anos, passando por todas as categorias de base até o profissional, em 1998. Nessa trajetória, disse ter passado por “muitas dificuldades”, não econômicas, mas sim no sentido de superar obstáculos profissionais, tal como Amoroso. O “encaminhamento” na atividade fez com que ele julgasse a profissão de jogador de futebol como seu “destino” “natural”. Esse padrão narrativo do “sacrifício”, palavra usada por ele em outros momentos, não corresponde, no entanto, com outro discurso por ele formulado, qual seja o do “prazer” por escolher uma atividade. “Fazer algo que gostasse” sempre fora “a obrigação dentro da minha casa”. Nessa linha distinta, ele esclarece que não fora “induzido” pelo pai a ser futebolista profissional. Sua família, “bem estruturada” segundo ele, dera todo o “suporte para acreditar nos sonhos”. Segue o seu relato:

Meu nome é Ewerthon Henrique de Souza. A minha história começa basicamente de 4 para 5 anos, jogando num time de bairro chamado Roque de Moraes, que era da Casa Verde Alta. Aos 7 anos, eu fui para o Corinthians, [...] passando por todas as categorias de base até o profissional.

[...] Eu sou o filho do meio, vou fazer agora 33 anos. Somos uma família bem tranquila, bem estruturada. Meu pai e minha mãe, graças a Deus, nos deram bastante educação, vivência e suporte para acreditar nos sonhos. Afinal, conseguir se tornar jogador de futebol é muito difícil. Você tem que acreditar bastante, trabalhar bastante, ralar bastante, porque as dificuldades ninguém vê, todo mundo só vê a parte boa, que é a parte financeira. Só que, na verdade, são poucos os que conseguem ter uma parte financeira dentro dessa profissão e, consequentemente, uma grande estabilidade.

Meu pai sempre foi apaixonado por futebol. No entanto, não foi uma coisa que ele me induziu a fazer. Foi uma coisa que naturalmente aconteceu, porque eu sempre gostei de bola.

[...] Repito, eu sempre gostei, não foi uma coisa induzida:

— Ah, você tem que fazer isso porque tem que mudar uma realidade da sua família!

Não. Meus pais sempre me deram apoio, me deram uma estrutura para eu acreditar no meu sonho, mas eu tinha que fazer algo que eu gostasse, e fazer com prazer. Esta foi sempre a obrigação dentro da minha casa: os três tinham que praticar algum esporte, mas tinham de fazer com prazer. Então, as coisas foram se encaminhando, acho que era para ser, estava na minha linha de vida, no meu destino, ser jogador de futebol. Passei muitas dificuldades para chegar a ser um profissional. Por isso, tudo que eu tenho, todas as coisas que acontecem na minha vida, eu valorizo bastante, porque chegar aonde eu cheguei não foi fácil, não.

Roque Júnior, por sua vez, nasceu em 1976, na pequena cidade de Santana do Sapucaí, interior de Minas Gerais. Do mesmo modo que os entrevistados anteriores, “sempre tive incentivo para estar praticando esporte em casa” e “sempre tive essa vontade de ser jogador”. Determinado, relatou que ainda na escola, em torno dos 7 anos, “brincava” com os colegas

dizendo: “Falem comigo agora porque na frente vai ser difícil falar.”, projetando uma carreira de sucesso. Segundo o entrevistado, essa “perseverança”, esse “objetivo”, esse “foco” fizeram com que ele concretizasse o sonho, superando “jogadores que tinham mais qualidade do que eu”. O avô paterno teve nove filhos e “mexia com construção civil”, contando com o trabalho dos filhos, inclusive do pai de Roque Júnior, desde cedo. O avô materno “conseguiu de certa forma fazer com que todos estudassem, se formassem”. Esses foram os “dois exemplos dentro de casa”: o trabalho e o estudo, “não que um seja melhor do que o outro, mas se complementam muito”. Sua formação, assim como a de outros entrevistados, privilegiava o estudo e ele não “precisou trabalhar”, até “pela condição do meu pai e da minha mãe que conseguiam nos dar alimentação, roupa...”, situações “mínimas” que deram a ele e aos dois irmãos mais novos uma “base”. Considerando a trajetória familiar, não é surpresa que seu pai tenha dado “força sempre” e sua mãe tivesse “sempre um receio” quanto ao caminho profissional escolhido por Roque Júnior. Num determinado momento, ela cedeu e fez um “trato” com o filho:

— Eu tenho que *deixar* você ir. Se em um ano não der certo, você volta e estuda?

— Está certo, sim. Se não der certo, eu volto e estudo.

Há um ponto crucial na história familiar de Roque Júnior: a “consciência muito grande do que representava ser negro”, o que constituiu a essência de sua educação, fazendo toda a diferença na construção de sua identidade e, conseqüentemente, na sua história de vida. Seu avô materno, em especial, foi protagonista de uma situação inédita na cidade natal:

Meu avô, por parte de mãe, quando chegou em Santa Rita do Sapucaí, as pessoas andavam ainda na praça, os brancos dentro e os negros fora. Só que meu avô tinha vindo de Belo Horizonte, que já era capital e onde já acontecia menos isso. Então, ele foi o primeiro negro a entrar na praça e causar um tumulto do caramba na cidade, porque ficou todo mundo espantado com sua atitude... Ainda mais voltando àquele tempo, eram poucos negros que tinham uma condição um pouco melhor. Meu avô materno tinha um comércio, era alfaiate, e o outro, por parte de pai, também sempre trabalhou junto com a família toda. Até por parte do meu bisavô, que tinha chegado um pouco antes e tinha conseguido adquirir uns lotes na cidade. Então, já era uma família, tanto uma quanto a outra, diferentes. Tinham uma consciência maior, uma autoestima, acreditavam em si, e não tinham vergonha de ser negro, que era comum: “Ah, só porque eu sou negro...”. Não. “Eu sou negro. Você é branco. E nós somos iguais.”. Eu cresci muito com essa afirmação. Por exemplo, quando os caras me chamavam na escola:

— Ô, seu negro! Ô, seu negão!

— Eu sou negro com muito orgulho!

Isso foi a minha educação.

As experiências vividas ainda na infância por Paulo César Lima levaram-no para o mesmo caminho da consciência racial. Nascido em 1949, na favela da Cocheira, no Rio de Janeiro, seu pai era marceneiro, tendo falecido quando tinha um mês de vida, e sua mãe, analfabeta, era empregada doméstica. Ela trabalhava na casa de uma família tradicional no bairro de Copacabana. Uma situação marcante acontecia toda vez que ele ia ao emprego da mãe. O tom contestatório de sua fala faz parte de sua personalidade, sendo algo evidente:

Eu nasci no dia 16 de junho de 1949 na favela da Cachoeira, Rio de Janeiro. Minha mãe foi doméstica durante muitos anos. A família que a trouxe para o Rio ainda pequena era de Três Corações. Ela era, mais ou menos, uma pequena escrava. Era analfabeta e nunca teve direito de aprender a ler nem a escrever, o que é um absurdo! Uma coisa realmente animal. Eu não tinha noção disso, eu era muito garoto, mas aquilo me marcou. Então, todas as vezes que eu ia visitar minha mãe, que trabalhava para uma família tradicional mineira em Copacabana, o porteiro dizia que eu não podia entrar. Pô, chegava da praia ou vinha do colégio na parte da tarde, atravessava o túnel, pegava um bonde, descia do bonde andando, e o porteiro dizia que eu não podia entrar?!

— Entrada de negro e dos empregados é pela porta dos fundos.

— Vou entrar pela porta dos fundos porra nenhuma!

Eu nem tinha noção do que era preconceito, exclusão, discriminação em relação a pele, entendeu? E isso já começou a ficar dentro de mim.

Em seguida conta que sua mãe “batia muito”, não por ser “ladrão”, mas porque “eu precisava apanhar mesmo”, “para que fosse alguém na vida”. Frisou que ela educou tanto ele quanto a irmã a pedirem a “bênção” “quando acordava” e “quando ia dormir”. Devido à condição precária, foi adotado “com 9 para 10 anos” por Marinho Rodrigues, ex-zagueiro do Flamengo e então treinador do Botafogo, também negro. Sua mãe adotiva também é considerada “muito importante” para a sua formação:

— Você não vai ter moleza, você vai ter que conquistar, não vai vir de graça.

Dando razão a ela, Paulo César entendeu que a educação era para “mostrar os caminhos”, analisando a adoção como um “presente”. Na passagem dos anos 1950 para 1960, ele lembrou que “os negros tinham mania de querer ter cabelo liso... passavam ferro quente para alisar”, citando como exemplos o humorista Grande Otelo e o cantor Blecaute, que estavam no “auge” naquela época. Por parte da família adotiva, a reação era de indignação, reproduzindo o discurso do irmão de seu pai:

— Ferro quente no cabelo? O cabelo é nosso, o cabelo é duuuro! Vai ficar usando essa porra pra alisar o cabelo?!

Sua mãe biológica, no entanto, não só alisava o próprio cabelo como queria impor aos filhos. Se a irmã de Paulo César deixava, ele não permitia por mais que a mãe implorasse:

— Não, por favor....

— Deixa o meu cabelo como ele é. Meu cabelo é duro, é crespo, é legal. Não toca no meu cabelo!

Sabedor de seu talento para a prática futebolística, recebendo ainda na infância o apelido de Pelezinho, Paulo César tinha certeza do seu futuro: “Eu queria ser um craque, eu não queria ser um jogador de futebol, eu queria ser um craque, e consegui.”. Os conselhos do pai adotivo e as experiências vividas por conta da profissão dele – convivência dentro do Botafogo e residência em Honduras e na Colômbia – foram fundamentais para o seu sucesso. O objetivo não se restringia aos gramados: “A minha preocupação era eu vencer pra tirar a minha mãe da favela. Não era como hoje, não tinha tráfico, não tinha bandido, era uma infância limpa, era mesmo.”. Após narrar o início de sua trajetória no futebol de salão do Flamengo, fez questão de lembrar e valorizar a educação que recebeu por suas duas famílias: “Eu nunca esqueci também das minhas origens. Eu falei e volto a repetir: a educação. Eu tive duas, duas diferentes, mas tive duas. Nem todo mundo tem uma, e eu tive duas. Muito legal.”.

A pobreza na infância vivida por Paulo César Lima até ser adotado também fez parte da história de vida dos demais entrevistados ainda não citados. Uma geração anterior, tendo nascido em 1940, na cidade de Santo André, Jair da Costa contou que sua família era “muito pobre”. Com a morte do pai, quando tinha 13 anos, dá a entender que abandonou a escola para trabalhar, uma vez que era o filho homem mais velho, tendo duas irmãs e um irmão. Apesar do trabalho, não deixou de jogar campeonatos na cidade de Osasco, para onde a família tinha se mudado anos antes. Ao se destacar, recebeu um convite para um teste na Portuguesa. Quando passou, ficou dividido entre o emprego de três anos e meio de “*office boy*” na Cobrasma (Companhia Brasileira de Materiais Ferroviários), e a incerta carreira, ainda amadora, de futebolista. Segue o relato:

Bom, eu nasci em Santo André no dia 9 de julho de 1940. Com 8 anos de idade, eu vim morar aqui em Osasco, com meus pais. Meu pai trabalhava com o meu tio no matadouro em Carapicuíba. A minha infância foi, praticamente, no Quitaúna, onde tem os quartéis. Foi ali que eu comecei a bater as minhas primeiras bolinhas, a dar pontapés na bola. Eu gostava muito de futebol. Já jogava desde os 9 anos. Tinha os campinhos lá, a rua. Jogava futebol com bola de meia, com bola borracha, a gente não tinha condições nenhuma, mas eu fui aprendendo. Eu era um garoto muito pobre e perdi meu pai com 13 anos de idade. Eu estava fazendo a primeira escola... E tive que cuidar da minha família. Com 14 anos, eu trabalhava com o meu tio em Osasco, em sua padaria. Aí me apareceu uma oportunidade aqui na Cobrasma, para ser *office boy*. Logo eu fiquei conhecendo um garoto que jogava comigo, o Toni Marchetti.

[...] Teve um dia que ele chegou para mim lá na Cobrasma e me perguntou se eu não queria fazer um treino lá na Portuguesa como ponta direita. E eu jogava na meia esquerda. Falei:

— Não custa nada, né?!

Fui para lá, fui aprovado e fiquei uns quatro anos na Portuguesa. [...] Minha mãe ficou dividida, é claro, né?! Eu não sabia se assinava com a Portuguesa ou se continuava na Cobrasma. Foi quando eu decidi. Conversei com a minha mãe e falei:

— Vou tentar esses três anos na Portuguesa.

E graças a Deus deu tudo certo que eu fui jogando e fiz um contrato de três anos. [...] [F]omos campeão paulista juvenil – que tem até a faixa ali na parede –, fui convocado para a seleção paulista, daí fui convocado para a Seleção Brasileira em 62[...].

Segundo Jair da Costa, quando apareceu essa oportunidade na Portuguesa, ele agarrou “com unhas e dentes”, com um único objetivo: “Eu queria jogo, eu só pensava em cuidar da minha família.”. O futebol mostrou-se para ele como a única possibilidade de ascensão social, deixando a condição de pobreza.

As histórias dos demais entrevistados, apesar da distância temporal e geográfica começam a ter muitas semelhanças. Sigamos com a narrativa de Luís Pereira. Nascido em Juazeiro/BA, no mesmo ano que Paulo César Lima, migrou com um ano de idade, junto com a mãe e a irmã para São Caetano do Sul/SP, onde o pai havia conseguido emprego. Na cidade paulista, nasceram mais dois irmãos. Como filho homem mais velho, aos 14 anos, começou “a trabalhar”, uma vez que a família era “humilde” e necessitava de mais “recursos”. Desde muito novo, aproximadamente os 6 anos, já jogava no clube da “*General Motors*”. Enquanto jogou “na frente”, seu apelido era “Pelé”. Quando passou a jogar “atrás”, recebeu a alcunha de “Luís Chevrolet”, que “pegou” exatamente por não gostar. Aos 16 anos, quando trabalhava em uma “firma de anodização, de fundição de ferro”, foi apoiado pelo “patrão” a fazer um teste no Corinthians e pouco depois no São Bento, de Sorocaba, onde foi aprovado. Ao oferecerem um salário um pouquinho maior no contrato, ele não teve dúvida: trocou de profissão e tentou a sorte no futebol profissional. Com sotaque espanhol, por morar há tantos anos na Espanha, vejamos seu relato:

Aí vieram até mim para acertar um contrato. Pensei: “Tudo bem. Vamos ver quanto é que vão me pagar.”. Eu ganhava Cr\$49,00 quando eu entrei na firma e me ofereceram Cr\$52,00. Falei:

— Pô, amigo, é aqui que eu vou ficar! – aceitei com a maior alegria.

Pensei: “Se eu estou ganhando Cr\$3,00 a mais e estou fazendo aquilo que eu gosto, então pra mim ééé... fundamental. Vou dar continuidade nisso.”. E tive *garantizado*, praticamente, dois anos de contrato. Isso foi no ano de... sessentaaa... e seis. Eu tinha

17 anos. [...] Me entreguei totalmente ao futebol, sempre com pensamento positivo, sempre ouvindo as orientações das pessoas. Esse também é um fator principal.

Outros dois entrevistados, cujas famílias também migraram do Nordeste para São Paulo, são Zé Maria e Denilson. José Marcelo Ferreira, conhecido no futebol como Zé Maria, nasceu em Oeiras/PI em 1973. É o mais novo dos dez filhos de seus pais, sendo cinco homens e cinco mulheres. Com descrição que aguça os sentidos, relatou da seguinte maneira a sua chegada a São Paulo e o seu início no futebol:

Cheguei a São Paulo em 78, com 5 anos de idade... Foi um “trauma” sair de uma cidade pequenininha, menor do que qualquer bairro de São Paulo, e chegar à capital paulista, olhar para o alto, uma cidade que cresce pra cima. Tudo novo! Cresci no bairro do Brás, desde os 5 anos de idade até quando eu fui embora para a Europa. Para quem conhece o bairro, eu jogava bola junto com um grupo de amigos no metrô Bresser, quando acabava a feira, no asfalto fedendo a peixe, o que era superlegal.

Após narrar com detalhes a trajetória até conseguir a assinatura do seu primeiro contrato na Portuguesa, no início dos anos 1990, contou emocionado a alegria da mãe e do irmão mais velho, em quem sempre se inspirou. Seu pai, nessa época, já havia falecido, o que privou os filhos mais velhos dos estudos e os levou a trabalhar mais cedo para ajudar na renda familiar. A narrativa de Zé Maria, na sequência, ressalta as dificuldades enfrentadas, a condição social da família e as preocupações de sua mãe por conviverem de perto com a criminalidade na região em que moravam na cidade de São Paulo. Sua profissionalização permitiu a todos uma melhor condição de vida, sendo que o fato de ele ser o filho mais novo sugere a escolha da carreira como um projeto familiar, denominado por Rial (2008, p. 35) como “caçulismo”. Vejamos como relatou:

Nós somos em dez irmãos, cinco homens e cinco mulheres, e eu sou o último... Sou o último da fila, nascido de sete meses, então tem toda uma coisa anormal. Segundo a minha mãe, eu sempre fui o mais mimado. Eu acho que não, fui o que mais apanhou também... Sempre foi uma família com uma casa muito cheia. Casa?! A gente morava em uma pensão no Brás. Imagina: era um quarto em que no mínimo 11 pessoas moravam, muitos já tinham filhos, eu já era tio com 4 anos de idade. Foi uma infância muito apertada do ponto de vista econômico. A minha mãe tinha que sair às cinco horas da manhã pra trabalhar, os meus irmãos trabalhavam, eu não tinha condições de trabalhar, só estudava. Então, todo mundo apertou o cinto, correu atrás e graças a Deus foi tudo bem. Eu falo que graças a Deus foi tudo bem porque eu conheço muito bem a zona leste de São Paulo, que sempre foi muito famosa pela delinquência, pela bandidagem, e minha mãe soube segurar isso aí e não deixou ninguém ir para o lado errado. É claro que depois que eu me profissionalizei a situação familiar melhorou bastante.

[...] A primeira coisa que eu fiz quando recebi meu primeiro salário foi alugar um apartamento pra ela. Eu não tinha condições ainda de comprar uma casa, mas a gente já foi morar em um apartamento, uma coisa mais decente, com três ou quatro irmãos – os outros já eram casados, com família e tudo. Alguns meses depois eu fui

morar sozinho porque a minha namorada ficou grávida, teve um filho, e precisávamos de um outro lugar.

Projetar na carreira de futebolista a ascensão social da família é algo que não se restringiu ao filho mais novo no caso de Denilson. Seu pai tinha sido jogador profissional no Nordeste, passando por Botafogo da Paraíba, Campinense e Auto Esporte. Ao receber um convite para um teste na Portuguesa migrou com a esposa na expectativa de ser bem sucedido na aventura. Uma gravidez não planejada, entretanto, fez com que desistisse da carreira. Passou, então, a tentar o ingresso dos quatro filhos na profissão, dos quais os três mais novos tiveram sucesso. Denilson, que nasceu em 1988, é o segundo filho e o que teve a maior projeção, tendo sido jogador do São Paulo, do Arsenal e até da Seleção Brasileira. Dizer que seu primeiro presente foi “uma bola de futebol”, mais do que uma narrativa perfeita, revela a maneira como foi impelido a esse esporte para satisfazer a vontade do pai e, possivelmente, retirar a família da condição de pobreza. Aos 10 anos de idade, sua mãe faleceu e a situação familiar ficou ainda mais precária, tendo passado fome. A sua narrativa é comovente:

Meus pais tiveram, além de mim, mais três filhos: Lenilson, Genilson e Railson. Todos eles já tentaram ser jogador. Dos meus dois irmãos mais novos, um está jogando em Portugal e o outro, que tem 18 anos, está jogando no São Bernardo. Quando eu nasci, o meu primeiro presente foi uma bola de futebol. Cresci jogando bola na comunidade, amava brincar na rua com os meus amigos de infância lá no Jardim Ângela, que é um bairro muito simples, muito humilde onde aconteceram várias coisas... É doloroso lembrar, cansei de ver gente morrendo na minha frente, de sair correndo da rua de volta para casa por causa de tiroteio, de ver gente invadindo o fundo de nossa casa... Muitos amigos morreram baleados porque escolheram o caminho do tráfico de drogas. Pra mim deu tudo certo porque meus pais me deram educação, mas não era fácil...

Quando eu tinha 10 para 11 anos de idade, em 1999, eu tive a infelicidade de perder minha mãe, vítima de doença cardíaca. Meu pai teve que se redobrar pra cuidar de nós quatro. Foi uma situação em que nós sofremos bastante pela perda e por não ter o carinho de uma mãe e aquela coisa toda. Só para ter uma ideia, o meu irmão mais velho tinha 8 e o mais novo, 3 anos de idade. Passamos por muitas dificuldades. Algumas vezes só tinha pão velho pra comer. Eu serrava e botava açúcar pra tentar comê-lo... Mesmo assim meu pai não desistiu e seguiu fazendo tudo que era possível. Eu sou muito grato a ele. Faço questão de morar perto dele e de que ele esteja bem.

Júlio César foi outro entrevistado de família “humilde”, que passou “muita dificuldade” e perdeu um ente querido, neste caso o pai, aos 13 anos de idade. Nasceu em 1963, em Bauru/SP, e teve uma infância, segundo ele, “de muita alegria, muita tristeza e sofrimento”. “Alegria” porque brincava de “rolimã”, soltava “pipa”, comia “manga madurinha no pé”, uma infância “das melhores possíveis”, sobretudo se comparada com as de “hoje”. “Tristeza e sofrimento” pela ausência do pai e por ter de trabalhar desde cedo, vendendo “jornal”, “pipoca”, “pipa”, olhando “carro” e sendo “servente de pedreiro”. De

acordo com ele: “Fazia de tudo, menos estudar, né?! Porque eu não gostava muito de estudar, vivia sempre na rua.”. Precisando “ganhar dinheiro” e “ajudar dentro de casa”, decidiu aos 14 anos se “aventurar” no Guarani, de Campinas/SP. Demonstrando-se pelo discurso o mais determinado de todos os entrevistados, passou no “primeiro teste”, mas sua mãe achou “meio ruim”. Em pouco tempo, a sua família também melhorou de condição com a sua remuneração. Vejamos como narrou:

Fui aprovado no primeiro teste. Aí eles falaram:

— Ó, você está aprovado e tal. Essas coisas vão ficar com você. – apontando para o material esportivo do clube.

Eu avisei a minha mãe que eu tinha conseguido. Ela até achou meio ruim na época, porque disse que eu tinha que trabalhar, que dependia daquele pouquinho que eu ganhava para ajudar dentro de casa e aquela coisa toda. Aí o pessoal do Guarani foi até Bauru, conversou com a minha mãe, explicou direitinho, dizendo que eu ficaria superbem ali, iria estudar, iria jogar e tal. E acabou... Depois de um ano e pouco, quando eu estava com 17 anos, consegui fazer um contratinho profissional. Daí aluguei uma casa e trouxe a família toda para Campinas.

Se a mãe de Júlio César precisou ser convencida pelos dirigentes do Guarani, no caso de João Paulo foi ele mesmo quem precisou ser persuadido por um treinador do clube de Campinas. Ainda adolescente, já trabalhava “para ajudar a família” e não queria trocar “uma coisa certa” por uma “coisa nova”. Ao contar para os familiares, ficaram divididos, mas sua mãe deu a bênção. Ao contrário de Amoroso, não demonstrou nenhum impacto em ir morar no alojamento do clube, embaixo das arquibancadas do Estádio Brinco de Ouro da Princesa. Em pouco tempo, tomou “gosto” pela profissão e estava decidido a “seguir em frente”. Em suas próprias palavras:

Eu nasci em 9 de julho de 1964 aqui em Campinas. Meu nome é Sérgio Luís Donizetti, mas sou conhecido por João Paulo. O apelido me foi dado ainda na base do Guarani por ser parecido com o João Paulo, da Ponte Preta, que também era ponta-esquerda. Eu caí no futebol por acaso. Trabalhava para ajudar a minha família e nos sábados gostava de bater a minha bolinha sem compromisso nenhum. Em 1981, eu estava jogando no campo Bela Vista, que todo mundo conhece em Campinas, e justo nesse dia estava o treinador do time juvenil do Guarani. Aí ele me viu jogando...

Até foi em casa me buscar depois. Eu não queria ir porque trabalhava já, tinha o meu emprego e não queria deixar uma coisa certa por uma coisa nova que não sabia se ia dar certo. Mas ele insistiu tanto, foi tantas vezes bater na porta de minha casa, que eu acabei vindo aqui para o Guarani em 81. [...] Quando falei para a minha família que ia largar o emprego e tentar a carreira no futebol, metade era de acordo, metade, não. Ficou essa discordância... Mas minha mãe falou:

— Vai! Se é isso que você quer, pode ir.

Aí saí do serviço e vim morar aqui no clube. Morava embaixo das arquibancadas, até hoje é o alojamento do pessoal. Assim começou minha vida, né?! Bola durante o dia e estudo à noite.

Foi um processo rápido. Até porque eu comecei a disputar o Campeonato Paulista Juvenil pelo Guarani. A gente fazia a preliminar antes do time profissional, era gostoso. Então, acabei gostando e não queria largar:

— É isso que eu quero, vou seguir em frente. — dizia.

Paulo Sérgio, por sua vez, nasceu em 1969 na cidade de São Paulo. Embora nem seu pai nem sua mãe tenha falecido quando criança, teve de lidar com o divórcio dos pais logo aos 5 anos de idade. Como a mãe “tinha que sair para trabalhar”, foi criado por suas “tias”. Embora tenha afirmado que “nunca faltou o arroz e o feijão”, sua narrativa transparece muitas e distintas dificuldades na infância, superadas aparentemente pela união familiar e pela religiosidade. A ideia subjacente ao discurso da trajetória “natural” no futebol é a valorização de sua técnica refinada enquanto futebolista, algo que transpareceu também na narrativa de João Paulo. No decorrer de seu relato, contudo, a impressão que se tira é diferente, haja vista os “momentos de muita superação”, a escolha entre gastar o “dinheirinho” com transporte ou com alimentação, a impaciência com demora em “subir para o profissional” e o peso dado à “vontade” em continuar na carreira. Assim como Zé Maria, casou-se cedo e buscou privacidade ao se profissionalizar pelo Corinthians em 1988, sem deixar de ajudar a mãe, é claro. Conforme narrou:

Bom, eu sou o Paulo Sérgio. Na realidade, nunca pensei em ser um atleta de futebol... As coisas aconteceram naturalmente. [...] Nasci em 2 de junho de 1969, no bairro da Santa Cecília, no centro de São Paulo... Venho de uma família humilde, uma família que os meus avós tentavam fazer com que ficasse unida. Os meus pais se separaram quando tinha 5 anos de idade. Nós fomos criados pelas minhas tias porque minha mãe tinha que sair para trabalhar. Tive uma infância difícil, mas nunca faltou o arroz e o feijão. Por isso, eu tenho que agradecer a Deus.

[...] Foram momentos de muita superação. Eu lembro que tomava um metrô no Anhangabaú e descia no Tatuapé porque o metrô Carrão nem existia ainda. E, do Tatuapé, ia andando até o Parque São Jorge. Quando tinha um dinheirinho, eu tomava um ônibus no Tatuapé e ia até a Avenida Celso Garcia. Quando não, pegava o dinheiro da volta para comprar um pãozinho e ia junto com uma galera andando até o metrô Tatuapé. Então, penso com muita dificuldade e foi mesmo a vontade que fez com que eu continuasse porque, se não fosse isso, já teria largado e saído para ir trabalhar. Lembro que, com 18 anos de idade, falei assim:

— Ó, se não subir para o profissional, eu vou arrumar emprego e parar de jogar futebol.

Subi, e as coisas começaram a acontecer. Logicamente, não ganhava esses valores de hoje, mas, pelo menos, o que entrava já ajudava bastante. Eu morava com a minha mãe e, aí, passei a ajudá-la. Depois, me casei quando tinha 20 anos. No começo, moramos na casa da minha mãe. Lembro que, na época, a minha prioridade era: alugar um apartamento, para que a gente tivesse o nosso canto; comprar uma linha telefônica, coisa que hoje nem existe mais; e andar de Fiat 147, quando muitos

outros atletas do Corinthians tinham carros melhores. O mais importante pra mim foi sempre andar com os pés no chão.

União e religiosidade também foram fundamentais na vida de Cláudio Caçapa para que ele, seus pais e mais oito irmãos superassem as dificuldades enfrentadas. Tanto que ressalta ter sido o primeiro filho – é o sétimo – a ser privado de trabalhar para insistir na carreira de atleta profissional de futebol. Assim como outros entrevistados, também foi conversar com a mãe para seguir tentando. O tempo foi passando e a sua idade começou a jogar contra, estando próximo de “estourar” a categoria de juniores. Faltando quatro meses para os 20 anos, “a mão de Deus” o ajudou e várias circunstâncias o levaram a ter uma sequência de jogos. Antes do prazo, conseguiu se profissionalizar pelo Atlético Mineiro, em 1997. Alegria de um lado, tristeza de outro, pois “nunca tinha saído de Lavras”, cidade do interior de Minas Gerais, onde nascera em 1976. Não quis que ninguém o levasse para a rodoviária da cidade para não ter que se despedir. Em suas palavras:

Todos me conhecem como Cláudio Caçapa, mas na verdade o meu nome é Cláudio Roberto da Silva. Nasci em Lavras, Minas Gerais, no dia 29 de maio de 1976. Venho de uma família muito humilde, com nove filhos. Morávamos ali numa casa simples. Mesmo com tanta humildade e simplicidade, tinha muito amor, sabe? Era uma família bem unida. Era, não. É uma família muito unida que tem muito amor um pelo outro. E o mundo da bola já começou desde pequeno.

[...] Só que o difícil foi o quê? Que eu já estava com 19 anos. Então, eu só tinha mais quatro meses para estourar a idade de juniores... O mais difícil foi convencer os dirigentes do Atlético Mineiro a me aceitar mesmo com 19 anos. [...] Eu acho que a mão de Deus já estava ali. Por quê? Quando eu cheguei, os dois zagueiros do Atlético da categoria tinham sido mandado embora, por confusão. Acho que pularam o muro para ir para a bagunça. Outro jogador estava machucado, então eles só estavam com um zagueiro de ofício. Assim, eu cheguei, praticamente, jogando já. Joguei, fiz vários jogos amistosos, treinos, e o treinador gostou. [...] Em 1997, eu assinei o meu primeiro contrato profissional.

Minha família me apoiou 100%. Até porque, todos os meus irmãos, os nove, começaram a trabalhar muito jovens. Teve irmã que começou com 10, com 12, 13... E eu era o único, o único dos nove... Dos nove! Na verdade, dos sete, porque tem dois irmãos mais novos que nunca tinha trabalhado antes. Mas, eu já tinha falado com a minha mãe que era mais quatro meses:

— Só mais quatro meses agora. Se der, beleza. Se não der, eu paro e vou trabalhar.

[...] Foi uma alegria tremenda! Mas, ao mesmo tempo, uma dificuldade muito grande para mim, porque eu nunca tinha saído de Lavras praticamente. [...] Então, um menino do interior ir para a capital, para jogar no Atlético Mineiro, um clube de massa, foi muito difícil. Eu falava que queria que ninguém me levasse na rodoviária, porque a gente tinha uma ligação muito forte. Eu sabia que, se eles me levassem, teria um momento que eu ia falar:

— Não, eu não vou. Vou ficar aqui, porque eu preciso de vocês, eu preciso da minha família.

Mas graças a Deus, no final deu tudo certo, consegui passar, consegui ficar e o sonho se tornou realidade, para mim e para eles também.

O também mineiro Gilberto Silva nasceu no mesmo ano que Cláudio Caçapa, só que em Lagoa da Prata. Tinha outros quatro irmãos, mas era o mais velho. Morou em uma vila de trabalhadores até os 12 anos de idade e começou a trabalhar cedo. Primeiro em uma fazenda de café e depois em uma capotaria. Transpareceu que a pré-condição para ingressar no futebol era ser independente financeiramente de seus pais. Após cinco meses nas categorias de base do América Mineiro, teve de desistir da oportunidade para voltar à cidade natal por conta da doença de sua mãe e ajudar a família, justamente por ser o filho mais velho. A experiência foi “importante” para se “formar” enquanto “homem” e conhecer “o lado difícil da vida”. Depois de dois anos e meio trabalhando em uma fábrica de doces, arriscou-se novamente “numa última oportunidade” no futebol e assinou seu primeiro contrato profissional aos 19 anos. A conquista abriu-lhe novas “perspectivas” de vida. De acordo com seu relato:

Eu sou de Lagoa da Prata, uma cidade com 50 mil habitantes no interior de Minas. Basicamente, eu morei até os 12 anos numa pequena vila de trabalhadores de uma usina de açúcar, onde meu pai trabalhou por muitos anos. [...] Comecei a trabalhar muito cedo. O primeiro emprego que eu tive foi junto com minhas tias apanhando café. Fiquei uma semana na fazenda, depois voltei para a vila. Com 12 para 13 anos, quando eu cheguei em Lagoa da Prata, fui trabalhar numa capotaria, como a gente falava. [...] Fiquei um período trabalhando nesse emprego, já era autossuficiente, totalmente independente do meu pai para comprar as coisas para mim. Assim que comecei a trabalhar, ingressei numa escolinha de futebol aos 13 anos.

[...] Tive outra oportunidade, e passei no América. [...] Depois de cinco meses, devido à doença da minha mãe e à condição financeira difícil em casa, eu, como filho mais velho, resolvi voltar. Voltar para ajudar. Nesse período, eu trabalhei numa fábrica de doces por aproximadamente dois anos e meio. [...] Foi um período difícil. Eu era ainda muito novo e entrei num processo de formação de homem. Foi muito importante para mim esse período, pois, quando eu cheguei no futebol, já tinha experimentado o lado difícil da vida. E o futebol é apenas mais uma dificuldade.

Só retornei ao América aos 19 anos. A minha trajetória no futebol, ela foi meio tardia, não é? Daí, que as coisas começaram a desenrolar. Em 96, nesse mesmo ano, eu assinei o meu primeiro contrato profissional com o clube. E aquilo ali para mim foi muita alegria porque, até pouco tempo atrás, eu vivia um mundo totalmente diferente. Trabalhava numa fábrica de doces da cidade, e a única perspectiva que eu tinha era, de repente, conseguir um melhor emprego ali dentro da fábrica mesmo. [...] para mim era a última oportunidade no futebol. E tudo deu certo.

3.2 IDA À EUROPA: MOTIVAÇÕES, EXPECTATIVAS E RECEIOS

Dentre os 16 futebolistas entrevistados, já foi dito que o único que não foi convocado sequer uma vez para a Seleção Brasileira, fosse para as categorias de base, fosse para a principal, foi Betão. Todos os demais vestiram a camisa “amarelinha”, uns com passagens marcantes e disputando Copas do Mundo, outros com médias ou curtas passagens e participando de competições menores ou até mesmo amistosos. Pode-se afirmar que até os anos 1980 representar a seleção nacional significava estar habilitado para receber propostas dos mais importantes clubes europeus. Muitas vezes era preciso ter tido sucesso para tal. Esse cenário, contudo, se alterou a partir da referida década. A própria Seleção Brasileira, ao disputar alguns torneios amistosos desimportantes, escancarou tratar a convocação como um “balcão de negócios”. O livre trânsito de empresários pela concentração em competições oficiais resultava em transações e trocas de clubes assim que tais torneios cessavam. Foram inúmeras as transferências concretizadas após jogadores serem convocados pela primeira vez.

Considerando meu pequeno grupo de entrevistados, composto principalmente por futebolistas das décadas de 1980 em diante, não surpreende, portanto, que apenas três deles tenham ido para o futebol europeu já veteranos. São eles, por ordem cronológica: Paulo César Lima, Luís Pereira e Junior. O primeiro já havia disputado a Copa do Mundo de 1970 e assinou pré-contrato durante a preparação para a Copa do Mundo de 1974. O segundo foi um ano depois de disputar a Copa do Mundo de 1974 como titular, após passagem marcante pela Segunda Academia do Palmeiras. O terceiro partiu para a Itália depois de ser titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982, também tendo ficado na história do seu clube no Brasil, a “geração de ouro” do Flamengo.

Todos os demais entrevistados foram para o exterior após serem destaque nos respectivos clubes brasileiros, especialmente ao disputar o campeonato nacional, e na sequência de convocações para a Seleção Brasileira. Jair da Costa partiu depois da Copa do Mundo de 1962, na qual era reserva de Garrincha. Júlio César foi para o modesto Brest, da França, em seguida à Copa do Mundo de 1986, em cuja competição foi eleito o melhor zagueiro. João Paulo, por sua vez, saiu do Brasil dois anos depois de disputar a Copa América de 1987 e um ano após os Jogos Olímpicos de Seul, em 1988. Paulo Sérgio foi para o futebol alemão após se destacar no Corinthians e ser convocado para as Eliminatórias da Copa do Mundo de 1994. Djalminha saiu depois de grande campeonato pelo famoso ataque de cem gols do Palmeiras de 1996 e consequentemente ser convocado para a Seleção. Amoroso partiu nesse mesmo ano para a Udinese, depois de ter ganhado a Bola de Ouro da Revista Placar em

1994 e ter vestido a “amarelinha” pela primeira vez em 1995. Zé Maria despertou interesse do futebol italiano ainda no Pré-Olímpico de 1996, quando já era destaque do último grande time da Portuguesa. Roque Júnior recebeu várias propostas após conquistar a Libertadores pelo Palmeiras em 1999 e ser convocado para as Eliminatórias de 2002. Cláudio Caçapa saiu depois de ótimos campeonatos pelo Atlético Mineiro e algumas convocações. Ewerthon, do mesmo modo, por ser muito jovem e fazer bons campeonatos pelo Corinthians, bem como por fazer parte do elenco da Seleção Brasileira na Copa América de 2001. Gilberto Silva partiu para a Inglaterra tão logo acabou a Copa do Mundo de 2002, da qual fora titular. Denilson, finalmente, estava sendo monitorado pelo Arsenal desde os 15 anos, quando era destaque das Seleções Brasileiras de Base, e saiu durante a Copa Sendai Sub-18.

Isso mostra a fragilidade do mercado brasileiro nos últimos trinta anos perante outras épocas, quando conseguíamos segurar atletas promissores e até mesmo alguns renomados. Foram vários os fatores que alteraram o quadro, como vimos na Parte 1 desta tese, sendo que um deles é a pujança do mercado europeu na oferta de compra de “passes” para os clubes brasileiros e de salários para os nossos futebolistas. O peso da “questão financeira” foi abordado por vários entrevistados. Luís Pereira, por exemplo, exclamou acerca de sua venda para o Atlético de Madri, em 1975:

Nós [o Leivinha e eu] fomos vendidos por um milhão de dólares! Entende? Naquela época, um milhão de dólares era dinheiro! E o Palmeiras não poderia pagar aquilo que eu pudesse pedir. Nem eles sabiam, nem eu sabia quanto eu ia poder pedir para assinar um novo contrato de um ou dois anos com o Palmeiras. Só que eles acharam que na Espanha eu poderia ganhar mais. Como de fato, é claro, automaticamente o jogador ganha mais, porque eles dão tudo.

Junior, que disse ter negado uma proposta do Real Madri, quando disputara o Mundialito de 1981, escancarou a maior motivação ao receber a investida do Torino, da Itália, em 1984: “a parte financeira”. Segundo contou, fora “ganhando dez vezes aquilo que ganhava” no Brasil. Outras razões são perceptíveis em sua narrativa: “a questão da idade”, a oportunidade de fechar o último bom contrato, mas também o fato de Zico já ter saído e a expectativa de outros jogadores marcantes daquela “geração de ouro” do Flamengo do início dos anos 1980 tomarem o mesmo caminho. Aparentemente, ele não queria ficar sozinho com a responsabilidade de segurar a pressão dos torcedores com a iminente queda técnica do elenco rubro-negro. Ele contou que a oportunidade surgiu quando fora disputar um torneio na Itália. Já consagrado, exigira no acordo verbal com o novo treinador do Torino atuar no meio de campo e não mais na lateral, uma vez que “queria agora a minha satisfação pessoal de jogar na minha posição de origem”. Numa época em que não havia *internet*, disse ter buscado

informações sobre a cidade em livros. Na sequência de sua fala, transpareceu o desejo de ter recebido convite semelhante por parte da Juventus, e não do “primo pobre” – expressão usada em outro momento – da cidade de Turim. Conforme relatou:

Depois, eu fui para a Itália. A motivação maior, na verdade, foi a parte financeira. Quer dizer, não era o primeiro, porque já tinha saído o Zico e tinha a perspectiva de saírem outros. Eu já via aquela dificuldade, aquela cobrança. Principalmente, em cima daqueles que ficaram no clube seria maior. E a oportunidade financeira. Fui pra lá ganhando dez vezes aquilo que ganhava aqui. Se não fosse naquela época, não teria outra oportunidade pela questão da idade. Estava com 30 anos... Fui achando que ia jogar três anos, mas terminei jogando cinco... Foi até melhor do que eu pensava. E ainda voltei e joguei mais quatro aqui! Que foi melhor ainda. Aí, eu era mesmo o último remanescente daquele período e pude usufruir da melhor forma possível.

Em 83, houve um convite da Itália e nós jogamos um torneio em Milão: Flamengo, Peñarol, Inter e Milan. O treinador da Inter de Milão, nessa época, se transferiu para o Torino no final do ano. E ele tinha me visto jogar no meio-campo... Aí, houve esse contato e quando a gente sentou pela primeira vez:

— Você tá me levando pra jogar aonde?

— Ah, não! No meio-campo.

— É porque, se for pra jogar na lateral, pode esquecer!

Eu já tinha feito o que tinha pra fazer naquela posição, entendeu? Eu queria agora a minha satisfação pessoal de jogar na minha posição de origem. Foi assim que aconteceu esse convite... Conhecia pouco da cidade. Na verdade, conhecia muito pouco! Só depois é que fui ver através de livros o que significava Torino na sociedade italiana, a história da cidade que tinha sido a capital... Eu poderia ter caído na Juventus, que era melhor. Porque o time da família Agnelli, hoje, ainda é o time mais importante da Itália. E ainda caí no rival...

Ewerthon, por sua vez, não deixa dúvidas quanto ao peso da convocação para a Seleção Brasileira e à exigência de um bom contrato, tanto em termo de valores salariais, quanto de longevidade. Atendendo esses requisitos, o lugar para onde se vai parece não ter tanta importância. Vejamos:

Sempre indo bem, acabei sendo convocado para a Seleção Brasileira para disputar a Copa América. Ao voltar, recebi uma proposta do Betis, a qual eu não quis, não me interessou. Logo em seguida, apareceu o Borussia Dortmund, e aí tudo que eu pedi foi atendido, cinco anos de contrato, tudo tranquilo... Assim eu fui embora para a Alemanha.

Jair da Costa, nos idos da década de 1960, também recebeu a proposta da Inter de Milão como uma oportunidade de fazer a propalada “independência financeira”. Em seguida representou um diálogo que teve com sua mãe, preocupada com o fato de ele ser jovem, ir sozinho e não saber falar italiano. A sua resposta aos questionamentos da mãe é reveladora de sua determinação. Em suas palavras:

[...] logo em seguida o treinador da Inter de Milão, que treinava a seleção espanhola, me viu num treino da Seleção Brasileira de quarta-feira lá no Chile. Quando eu cheguei aqui de volta da Copa do Mundo, veio a proposta de eu fazer a minha independência no futebol italiano. E eu agarrei essa oportunidade com unhas e dentes também e fui para lá. [...] Quem decidiu na época foi eu e minha mãe mesmo. Mas ela me questionou:

— Mas você vai sozinho pra lá? Como é que você vai fazer? Você não sabe falar!

Eu respondi:

— A gente aprende... A minha fala é dentro das quatro linhas.

E deu tudo certo, graças a Deus.

Essas dúvidas quanto ao lugar de destino na migração também estiveram presentes em outras narrativas. Paulo Sérgio, por exemplo, revela uma conversa que teve com a esposa ao contar sobre a proposta que tinha em mãos do Bayer Leverkusen, em 1993. A língua alemã era a maior preocupação naquele instante, ficando evidentes o desconhecimento e o estranhamento ao país europeu. Nas entrelinhas de sua fala, percebe-se como a venda do seu “passe” interessava também ao Corinthians. De acordo com o entrevistado:

Nessa época, um pessoal do Bayer Leverkusen tinha ido em um dos jogos da Seleção pra ver o Bebeto, mas acabaram me vendo. E eu joguei muito bem! Só vim saber disso depois. Eles ficaram me observando por dois anos. Em 93, depois da final do Campeonato Paulista – aquele jogo que todos se lembram da entrada do Edmundo em mim, né?! –, uns dirigentes do Corinthians chegaram em casa e falaram:

— Ó, temos uma proposta da Alemanha. É isso, isso, isso... Você quer ir?

Eu sou uma pessoa que crê muito em Deus e, naquele momento, respondi assim:

— Vou ter que orar primeiro. Conversar com a minha esposa, com a minha família...

A minha esposa chorava bastante:

— Pô! Alemanha? Podia ser Itália, Espanha, onde a língua é muito mais fácil, né?! Por que Alemanha?

Então, nós oramos e optamos por ir. Penso que foi a melhor coisa que nós fizemos. A partir daí, a expectativa foi grande, e a gente foi pensando em um monte de coisas: “Como será que é o país?”... Eu nunca tinha viajado para a Europa até então, ainda mais para uma Alemanha.

A reação de Betão, por sua vez, ao receber a proposta do Dínamo de Kiev, da Ucrânia, foi muito semelhante à da esposa de Paulo Sérgio. O desconhecimento foi solucionado, naquele momento, de dois modos: primeiro, ligando para um colega de profissão que atuava na época no país do Leste Europeu; segundo, pesquisando na *internet* diversas informações “a respeito da moeda, da economia, da política, do clima, um pouco de tudo”. O incentivo do

companheiro brasileiro e a visão peculiar na busca por conhecimento explicam ter tido ainda “mais vontade” de migrar:

Só que após seis meses chegou uma proposta da Ucrânia... “Poxa vida, Ucrânia?!”, pensei. É difícil porque a Ucrânia não é um país que normalmente se estuda muito na escola nem se costuma ouvir dizer na televisão. De repente, se fosse uma Espanha, Portugal, Itália ou até uma Alemanha, já teria uma noção. Daí eu comecei a caçar contato com alguns amigos que já tinham ido para lá. O Marcinho Guerreiro, que estava no Santos, não tinha jogado no Dínamo de Kiev, mas já jogado na Ucrânia.

— Pô, Marcinho, estou com uma proposta assim, assim da Ucrânia. É legal lá? Como é que é?

— Ó, Betão... tem as dificuldades, mas é legal. Eu vou te passar o telefone de um cara que está lá no Dínamo e daí você conversa com ele.

Era o Corrêa, que jogou no Palmeiras e que hoje está no Fortaleza. Embora tivesse jogado contra ele, não o conhecia, não tinha amizade nem relação com ele. Liguei, me apresentei e perguntei como era lá na Ucrânia. Ele falou:

— Meu, pode vir. Assim, tem as dificuldades do idioma, da cultura, mas tem tradutor que fala português, tem um preparador físico italiano que nos ajuda aqui. Ele fala um pouco de espanhol e dá pra entender um pouco o que ele fala... Pô, vem!

— Ahhh! – me deu mais vontade ainda.

Eu queria saber mais sobre onde eu iria. Como hoje em dia a gente vai à *internet* para tudo, fui pesquisar sobre a Ucrânia para saber a respeito da moeda, da economia, da política, do clima, um pouco de tudo. E fui conversar com a minha esposa – nós não tínhamos filhos ainda:

— A gente está com uma situação assim, assim, assim. A proposta que eu recebi é esta. Vamos?

— Ah, vamos. – ela respondeu.

E fomos...

Após conhecer a cidade de Marseille, Paulo César Lima também ficou disposto a migrar para a França. As características geográficas e culturais pesaram em sua decisão, sobretudo por ser parecido com sua cidade natal. Outro fator preponderante era a sua “experiência”, haja vista que três anos antes tinha dito não ao Ajax, da Holanda. Um dos motivos, além de não desejar sair do Rio de Janeiro, era o fato de jogar ao lado de craques e amigos no Botafogo. Paulo César, sem dúvida, era e é uma pessoa com personalidade:

Só que antes de eles me procurarem, eu já tinha recebido uma proposta do Olympique, que já era da primeira divisão, tinha sido campeão dois anos antes e cujo treinador tinha ficado louco por mim:

— Eu quero, quero, quero!

E eu tinha um empresário nessa época, o Elias Zaccour, que arrumava excursões pra gente, para o Santos e o Botafogo, que eram os times brasileiros que viajavam muito. Fui a Marseille passear e aí quando vi... Pô, primeiro que o desenho

geográfico era igual ao do Rio, né?! Praia, montanha, lago, mistura de argelino, tunisiano, marroquino... Me encantei! E assinei um pré-contrato com o Olympique durante a preparação para a Copa do Mundo de 1974. E aí não aceitei a proposta do Paris Saint-Germain, o que, pô!, os caras não acreditaram.

[...] Quando fui para a Europa, na França, fui eu que escolhi. Podia ter dito não, assim como tinha feito com uma proposta anterior para jogar no Ajax, da Holanda. Eu sei que eles sondaram o Botafogo, mas eu tinha 21 anos e falei:

— Vou sair do Rio de Janeiro, onde tem tudo, pra jogar no Ajax?!

Eu jogava com Jairzinho, Gérson, Roberto... Não que eu cagasse para a Holanda, mas ia fazer o que na Holanda? Aí já com 24 anos, não, entendeu? Paris, França, já tinha duas Copas do Mundo, era outra experiência.

Após seis temporadas no Lyon, da França, Cláudio Caçapa sabia que sairia do clube no verão de 2007. As propostas que surgiram vieram do Qatar e da Turquia, mas nenhuma delas chamou a sua atenção. Até que apareceu a do Newcastle, da Inglaterra. Ao buscar informações sobre o clube e a cidade, entusiasmou-se e aceitou prontamente. Apesar de a experiência do ponto de vista esportivo não ter sido a esperada, dadas as lesões que lhe acometeram, em termos culturais foi “maravilhoso”. Aproveitou o tempo de recuperação para conhecer lugares e pontos turísticos, passando momentos raros e memoráveis ao lado da esposa e do filho. Em suas palavras:

E aí apareceu, do nada assim, o Newcastle da Inglaterra.

— Não, que o Newcastle te quer.

E eu fui procurar saber um pouco da história do Newcastle. O estádio era maravilhoso, tudo. Eu falei:

— Eu vou. Eu vou para esse time aí.

Conversamos, viajei para lá, acertamos tudo e fiquei. Fiquei dois anos. Mas o Newcastle não dá nem para dizer que foi muito bom. A nível, também, cultural foi maravilhoso, foi ótimo, conhecer outra cultura, outro país e tal. Mas a nível futebol, para mim, foi muito ruim porque tive muitas lesões, principalmente no segundo ano. Aí, não consegui jogar. Se eu fiz cinco jogos num ano, foi muito. Então, tive uma lesão que me atrapalhou demais.

[...] Fui para a Escócia para conhecer um pouco do país. Até porque, todo mundo falava:

— Vai à Escócia porque tem uns castelos bonitos.

E eu gostava de ir, de ver, de entrar. Nós fomos para Londres, conhecemos alguns pontos turísticos de lá: a roda gigante, o relógio, isso e aquilo. Foram momentos que eu tenho tudo gravado e registrado com foto. Eu acho que isso é importante também. É lógico que eu ficava muito triste quando eu machucava, mas, ao mesmo tempo, não dava tempo de ficar triste porque eu estava perto das pessoas que eu gostava, em especial da minha esposa e do meu filho. E ainda dava para viajar, passear, conhecer outras coisas! Então, não tinha nem tempo de sofrer, nem tempo de chorar.

Além do “lado financeiro”, o “cultural” também foi considerado por Djalminha para assinar um contrato com o Deportivo La Coruña, da Espanha, em 1996. Almejava “evoluir” como pessoa e ter uma experiência fora do Brasil “por conta própria”. Tomou essa decisão de “buscar outros objetivos fora” depois de fazer parte de um “time sensacional”, que “entrou para a história” do Palmeiras. Naquele momento, já havia atingido a meta de “consolidar” o seu nome no Brasil, achava que seu “ciclo” por aqui “já tinha acabado”. A ida para a Europa tornou-se, assim, “inevitável”. Segundo seu próprio relato:

Depois, aí sim, foi inevitável. A ida à Europa era um objetivo profissional e pessoal, e eu não me arrependo nem um pouco. Foram ótimos todos esses anos que eu fiquei fora! Tem os dois lados: o lado financeiro, que é ótimo, mas não só; e o lado pessoal também, eu evolui muito ao viver em outro país, conhecer outras culturas, conhecer as diferenças... Saber por informação dos outros é uma coisa, viver fora por conta própria é outra. Então, foi muito bom.

[...] Bom, depois do Japão, voltei para o Guarani e logo fui para o Palmeiras. Tive uma ascensão por se tratar de um clube que ganha mais títulos. E o Palmeiras formou, realmente, um time sensacional, que entrou para a história, que passou dos cem gols no Campeonato Paulista de 1996. Isso tudo ajudou para que consolidasse o meu nome aqui no Brasil. Aí eu achei que já tinha acabado o meu ciclo no Brasil, que já tinha feito tudo que tinha para fazer aqui e fui buscar outros objetivos fora... E deu certo. Fui para o Deportivo La Coruña, que nunca tinha sido campeão espanhol.

A visão de Djalminha aponta para uma forma de encarar a ida à Europa como uma etapa intrínseca da carreira de futebolista. Num processo de ascensão profissional, ela é posterior à subida para o profissional, à consolidação da titularidade, à atuação em clube grande e à convocação para a Seleção Brasileira. Aparentemente, parece ser analisada como objetivo maior da carreira, uma vez que, em nível de excelência, permite a “independência financeira”, integrar os maiores clubes do mundo, disputar os campeonatos mais valorizados e a experiência cultural de viver em outro país, comumente conceituados como de “primeiro mundo”. O discurso de Júlio César, por exemplo, segue esse caminho:

No começo, o sonho que você tem é ser jogador de futebol profissional. O passo seguinte é sempre estar jogando, estar competindo, estar disputando... Quando a carreira vai andando, você vai amadurecendo, vai conseguindo enxergar outras coisas, vai vendo o cenário do futebol, como é que funciona e tal. Aí você começa a imaginar coisas maiores: “Fulano foi pra lá. Pô, eu quero chegar lá.”. E, assim, você vai colocando planos, ideias, sonhos na sua cabeça para atingir.

[...] Na época, as pessoas falavam:

— Ah, os italianos...

Então, quando você atinge um nível aqui, você tende sempre a querer subir. Aí você começa a olhar quem está em situações melhores. Tinha uma época que eu pensava: “Ah, eu tenho que chegar na Seleção Brasileira.”. Depois, quando eu já estava participando de todas as categorias de base – torneio de Toulon, sub-20, mundial... –

pensei: “Eu tenho que chegar na principal agora.”. E, graças a Deus, consegui chegar e aí fui embora.

João Paulo, que no fim da década de 1980 se transferiu para o Bari, da Itália, apresentou uma visão muito próxima. Como naquela época, vigorava a “Lei do Passe”, ele não conseguiu sair do Guarani para um clube grande do Brasil, embora tivesse “interessados”. Ao se desvincular do clube campineiro, saiu direto para o exterior. Em outra passagem de sua história oral de vida, João Paulo retomou espontaneamente a ida à Europa, revelando ser um “sonho” disputar o “Campeonato Italiano”, ao lado de atletas “*top*” como Maradona e Careca. Nitidamente, sentiu-se orgulhoso e envaidecido por “pegar essa fase” e por sua “chegada” significar a manutenção da “equipe pequena” em que jogava por “cinco anos lá em cima”, ou seja, na primeira divisão. Conforme relatou:

Quando um jogador sobe para a categoria profissional, a expectativa é se firmar, depois disputar títulos, ir para a seleção, sair do Brasil, tudo isso. Primeiro, eu me firmei de titular, depois tiveram vários clubes grandes interessados em mim. Mas antigamente era difícil o jogador sair de um clube. Os clubes faziam contrato com você e não tinha essa liberdade como tem hoje. Eu não consegui sair, só saí daqui para ir à Itália em 1989. Fiquei cinco anos lá...

[...] Voltei da Olimpíada e fiquei mais um ano ainda aqui no Guarani, até a final de 89. Depois da final com o Corinthians, eu fui pra Itália, onde fiquei cinco anos... Eu fui na melhor época do Campeonato Italiano, que era o *top* do futebol. Hoje é a Espanha, mas na época era a Itália, com Maradona, Careca, só tinha nego de nome lá. E eu peguei essa fase... Era um sonho disputar o Campeonato Italiano. Eu fui para uma equipe pequena, o Bari, que jogava pra não cair. Com a minha chegada lá, o time ficou cinco anos lá em cima. Agora, está mal, está na segunda, é uma pena... Foi legal.

Em sete das 16 narrativas, os entrevistados chamaram atenção para o campeonato italiano, que na passagem da década de 1980 para 1990 era transmitido no Brasil pela TV Bandeirantes, com a narração marcante de Silvio Luiz. Somando a isso o fato de os maiores times e futebolistas mundiais estarem naquele período no “País da Bota”, incluindo os brasileiros ídolos daquela geração (Falcão, Toninho Cerezo, Zico, Sócrates e Junior, pela ordem), tem-se a explicação da causa que transformou o futebol italiano no “sonho” para os jovens jogadores brasileiros naquele período. Gilberto Silva foi um dos entrevistados que fizeram esse destaque. Embora fosse “garotinho ainda”, ele viu seus “ídolos jogado fora” e “imaginou-se” seguindo os passos deles “um dia”. A pouca idade, o lugar em que “vivía” e a condição social na época fizeram com que Gilberto Silva, hoje, analisasse o desejo como “uma coisa sonhadora demais”, algo muito distante de sua realidade e de difícil concretização. Vejamos:

Olha, jogar fora do país era algo que eu tinha em mente, ter uma experiência, né? Até porque eu cresci vendo jogadores que se tornaram meus ídolos jogando fora. E, quando morava na vila de trabalhadores, garotinho ainda crescendo, eu adorava assistir o campeonato italiano na televisão. Naquela época, nos anos oitenta... 1990, por aí, o campeonato italiano era muito forte dentro do Brasil, passava bastante. Eu gostava de ouvir as narrações do Silvio Luiz, era bem emocionante. Assim, ficava com aquela coisa de menino, imaginando um dia. Era uma coisa sonhadora demais pelo lugar onde eu vivia, quando ainda era muito pequeno.

Por passar “muito Campeonato Italiano na TV”, Zé Maria também queria ir para a Itália, transformando-se no seu “objetivo” profissional. O ex-lateral é outro entrevistado envaidecido que manifestou não ter “controle” de sua carreira devido seu talento ser requisitado pelo mercado do futebol. Após negociação frustrada com o Real Madri, acertou sua transferência para o Parma, exatamente numa época de grande investimento de seu patrocinador a Parmalat, em 1996. Isso mostra que Zé Maria foi visto como uma das grandes promessas do futebol brasileiro, quando sua participação nos Jogos Olímpicos daquele ano era dada como certa. A repentina transformação de sua vida, tanto em termos sociais quanto profissionais, foi ressaltada pelo entrevistado, cuja frase escolhi como seu tom vital.

Depois do Pré-Olímpico, vieram alguns convites pra jogar em equipes do futebol europeu. A coisa já saiu do meu controle... eu não queria isso pra mim. No começo, eu queria brincar, depois eu queria ser jogador, depois eu cheguei na Seleção Brasileira, aí veio o convite do Barcelona e do Real Madri. Eu não queria ir para a Espanha porque não gostava do Campeonato Espanhol. Naquela época, passava muito Campeonato Italiano na TV, e eu queria ir para a Itália. Passava Milan, Juve, Inter, então aquele era o meu objetivo. E o meu presidente, na ocasião, começou a tratar com o Real Madri. Fui, conversei com o empresário e tudo, mas deu um problema e acabei não indo para a Espanha. Aí veio o Parma. Na época, o Parma estava muito em evidência também, com o patrocínio da Parmalat, que estava chegando no Palmeiras e em outras equipes do Brasil. E eu já conhecia como era o Parma, então acabei aceitando o convite. Isso tudo dos 17 aos 23! *Em cinco anos, eu consegui ser jogador profissional, virei pai, cheguei na Seleção Brasileira e fui para a Europa*, num período muito curto da minha carreira

Roque Júnior, por sua vez, esforça-se para lembrar da época em que era adolescente e via jogadores saindo do Brasil. Em sua análise, marcada nitidamente pela experiência pessoal, ele julga que a maior circulação de informações e de atletas com a globalização e o início da transmissão dos campeonatos europeus no Brasil, já na década de 1990, com destaque para o italiano e o alemão, levaram ao desejo do futebolista brasileiro em “ir embora” e “jogar num grande clube da Europa”. Até então, o “sonho” ainda era jogar no Brasil. Ao perceber, quando já estava no Palmeiras, que esse era “o caminho que todos estavam... fazendo” também começou a pensar em “ir embora”. Conforme disse em um tom de voz baixo e calmo:

A minha ideia inicial era o que eu queria, o meu foco era sair de Santa Rita e chegar num clube. Eu estou com 38 anos e, na época em que saí de casa, em noventa... 91-92, acho que o mundo ainda não estava tão globalizado. Você não tinha tanta

informação do mundo inteiro. O futebol é um reflexo de tudo isso. O futebol brasileiro ainda era o sonho do jogador brasileiro. Se você for pegar os jogadores que foram para fora na década de 80, são poucos eu acho. Que eu me lembre o Andrade foi para a Roma, o Zico para a Udinese... o Renato Gaúcho, o Falcão... Mas você não tinha tantos brasileiros. Na década de 90, já foram mais. Começaram a sair jogadores do Palmeiras, foram para a Espanha, foram para a Itália... Então, a partir do momento que as coisas foram se abrindo mais, que você começa a ter mais informação, a ter mais contato com o mundo todo, quando começaram a transmitir aqui o campeonato italiano, o campeonato alemão – que passava na época na TV Cultura, que não transmitia tantas partidas como a TV Bandeirantes fazia com o campeonato italiano –, aí começou essa coisa de também querer ir embora e de jogar num grande clube na Europa. Você sabia dos grandes clubes, mas você não tinha tanta informação assim, e não saíam tantos brasileiros. Quando eu cheguei no São José e principalmente no Palmeiras, ali eu já pensava em ir embora porque eu acho que era o caminho que todos estavam... fazendo.

Roque Júnior transferiu-se, na virada do século, do Palmeiras para o Milan, um clube que sempre tivera jogadores brasileiros em seu elenco. Esse fator foi considerado por ele na aceitação de uma proposta para sair do referido clube italiano para o Bayer Leverkusen, em 2004, uma vez que tanto a presença de conterrâneos como a experiência do clube na relação com brasileiros facilitariam a sua “adaptação”. Fez questão de citar nominal e cronologicamente vários jogadores brasileiros que passaram por esse clube alemão. Segue o trecho:

Depois eu fui para a Alemanha, para um time que – embora tenha diminuído hoje – também sempre teve brasileiros: o Bayer Leverkusen. Desde o Tita, o Jorginho, o Paulo Sérgio, o Robson Ponte, o Lúcio, o Zé Roberto, o Emerson, o Juan, eu, o França, o próprio Marquinhos, que está no Avaí... É muita gente. Então, isso também fez com que eu decidisse ir para lá. Daí disputei os melhores campeonatos nos melhores países.

Antes de encerrar esta seção, apresento as primeiras impressões de Betão e Denilson ao chegarem, respectivamente, na Ucrânia e na Inglaterra. O ex-zagueiro do Corinthians demonstrou espanto enquanto percorreu o trajeto do aeroporto de Kiev até o Dínamo. Sua expectativa positiva se devia às “maravilhas” que tinha ouvido sobre a capital ucraniana da “pessoa que me levou” para o país. “Velho”, “antigo”, “um tanto destruído” e “meio que abandonado” foram as expressões usadas por Betão para retratar a Ucrânia naquele primeiro momento. As impressões negativas sobre o país, mais propriamente sobre Kiev, foram compensadas por outro lado ao se deparar com a ótima “estrutura do clube”. Comparando com as realidades vividas no passado tanto no Corinthians como no Santos, não tem dúvida de que o Dínamo de Kiev oferece melhores condições. Aproveitou para fazer uma crítica aos brasileiros, provavelmente se referindo aos dirigentes, torcedores e jornalistas, que veem nisso uma “mordomia”, uma “regalia”. De acordo com seu relato:

A primeira impressão que tive era que estava em um país velho, antigo, um tanto destruído. O aeroporto de Kiev é igual ao de São Paulo, um pouco afastado do centro. Assim que o rapaz me pegou no aeroporto, fui passando pela periferia de Kiev. Comecei a olhar aqueles prédios todo destruídos: “Meu Deus do céu! Poxa vida, aonde eu vim parar?!”. Olhei pra esquerda, pra direita, pra lá e pra cá, procurando um prédio melhorzinho e pensei: “É aqui que eu vou morar.”. Foi assim até o centro da cidade. Curioso que a pessoa que me levou para a Ucrânia sempre tinha falado maravilhas de Kiev:

— Não, porque a cidade é bonita, que a cidade é isso, é aquilo, que tem coisas boas pra fazer...

Fui com essa imaginação e, ao chegar, me deparei com um país meio que abandonado?! Enfim, cheguei ao Dínamo de Kiev e a estrutura do clube era melhor do que todos os clubes brasileiros, ou ao menos a maioria – pois não sei como eles estão hoje. Se os clubes dão condição de trabalho a um atleta aqui no Brasil, as pessoas falam que isso é mordomia, que é muita regalia para o jogador. Lá não! Tanto na Ucrânia quanto na França, que vou falar mais pra frente, eles querem deixar o jogador à vontade, dão todo o suporte pra não ter o que reclamar depois em campo, oferecendo um centro de treinamento, com bons campos, materiais de trabalho, toda uma estrutura... Por exemplo, no CT do Dínamo de Kiev, são sete campos e um estádio coberto só pra treinar, além de um alojamento com quartos individuais. Quer dizer, eles tratam o jogador de uma maneira que, se falar aqui no Brasil, as pessoas vão ficar assustadas.

Denilson, finalmente, relatou o teor da conversa que teve com seu pai durante a viagem até a Inglaterra. Os conselhos, as orientações e o apoio do pai fizeram com que ele o avaliasse para “sempre” como um “herói na Terra”. Aquele momento foi “marcante” para o ex-jogador do São Paulo não somente porque ele se deslocou para um país que não conhecia “nada”, conforme narrou, mas porque representou pela primeira vez em sua vida uma separação da família, um afastamento do lar e do bairro onde crescera e morara até então. A solidão somada à imaturidade, típica de um jovem que recém completara 18 anos, levaram-no a conhecer o que era “sofrimento”. Sua narrativa emocionada nos convida a compartilhar o sentimento e estabelece relação direta com a questão da integração social e familiar no estrangeiro.

No meio do caminho, já no avião para a Inglaterra, foi onde meu pai começou a me dar conselhos. Falou que daquele momento em diante eu teria uma nova vida e que ele não poderia mais estar comigo, ao meu lado, de modo que eu pudesse andar com as minhas próprias pernas, mas sempre que precisasse poderia contar com o apoio dele de longe. O meu pai, pra mim, sempre foi e sempre vai ser um herói na Terra. Aquele momento foi marcante pra mim, porque eu tinha acabado de fazer 18 e estava indo para um país que eu não conhecia a língua, nada.

Ao chegar à Inglaterra, aí que fui ver o sofrimento. Eu era novo eee... não tinha ninguém pra ficar comigo. Quem ficou comigo durante um tempinho foi o meu ex-empresário, mas na verdade eu queria que alguém da minha família estivesse ao meu lado, meus irmãos ou meu pai. Tampouco eles podiam, porque meu pai trabalhava, era treinador do Estrela da Saúde, e meus irmãos estudavam ou jogavam. Então, eles não podiam mesmo. Só que, para eu conseguir passar por essa situação, eu tinha que suportar esse sofrimento de ficar sozinho em um país onde não conhecia nada.

3.3 RACISMO E XENOFOBIA: OLHARES E EXPERIÊNCIAS

Racismo e xenofobia, enquanto fenômenos centrais desta pesquisa, foram cuidadosamente estimulados durante as entrevistas. É notório que sejam temas tabus de serem abordados em uma entrevista no Brasil, tanto por efeito da influência da ideologia da democracia ao longo de décadas, quanto pelo fato de se tratar de um branco entrevistando jogadores negros. Minha intenção sempre foi que os entrevistados abordassem por livre e espontânea vontade esses assuntos tão delicados. Era fundamental, para tanto, que conseguisse explicar minimamente os propósitos desta pesquisa antes da realização das entrevistas. A maioria dos futebolistas entendeu perfeitamente a proposta e adentrou nesse escorregadio terreno sem que eu precisasse estimulá-los. Outros levaram-me a adotar algumas estratégias, de modo que não tivesse que partir de mim o primeiro passo. Para estes poucos, primeiro estimei que falassem das origens, depois da infância, das dificuldades enfrentadas na integração social ao migrarem para a Europa, das diferenças culturais em relação ao Brasil e, finalmente, das relações pessoais no estrangeiro. Se ainda assim não tivessem abordado voluntariamente, tratei com extremo cuidado de incitá-los na questão. O resultado, de uma maneira ou de outra, foi excepcional, uma vez que relataram inúmeras experiências, expressaram suas opiniões, traçaram paralelo com a realidade brasileira, aprofundando, enfim, o debate e correspondendo às minhas expectativas. De modo a organizar a apresentação dos trechos referentes aos respectivos fenômenos, começarei pelas situações pessoais relacionadas à xenofobia, passando em seguida aos casos de racismo até chegar às visões abrangentes sobre tais fenômenos no futebol, no Brasil e na Europa.

Cláudio Caçapa chegou à França sem saber falar a língua. Após relatar que não sofreu pressão do clube para aprender logo, disse que essa cobrança tinha de partir do próprio atleta migrante, uma vez que “é muito ruim você estar num ambiente onde você não fala, você não entende ninguém, entendeu?”. Em seguida, contou um caso aparentemente jocoso, em que dois colegas do Lyon o procuravam no vestiário para conversar com o objetivo de zombarem do jeito que ele pronunciava as palavras em francês. Sua narrativa sugere que essa situação se prolongou por meses até ele aprender a falar a língua corretamente. Embora levasse “na brincadeira” e não visse “maldade”, demonstrou-se incomodado com a atitude dos dois franceses, que futuramente “se tornaram” seus amigos. Vejamos:

E até tem um caso engraçado. Tinham dois companheiros – que virariam meus dois amigos franceses – que gostavam demais de me ouvir falar francês, porque eu falava errado. Não tinha coisa melhor para eles. Às vezes, eles esperavam eu ir ao vestiário para tomar banho. Assim que eu ia, iam os dois logo em seguida e começavam a

perguntar coisas pra mim só para eles ficarem dando risada. Acontecia direto. Às vezes, eu fazia hora para ir tomar banho porque eu já sabia que eles iam lá me perturbar. Às vezes, eu ficava só aguardando, inventava que tinha alguma coisa ou ia para a musculação para ver se eles iam embora do clube. Tinha dia que funcionava, mas tinha dia que não funcionava, não. Pois eu chegava ao vestiário às vezes e não tinha ninguém. Ficava aliviado:

— Opa, beleza! Não tem ninguém.

Quando eu ia para o banho, chegavam os dois. Aí eles começavam a conversar só para dar risada. Mas acabaram se tornando meus dois grandes amigos franceses... Eu levava tudo na brincadeira também. Eles começavam a dar risada, e eu também dava junto com eles. Sabia que era brincadeira deles, que não tinha maldade. É lógico que a gente sabe quando tem maldade e quando não tem. Eu sabia que eles queriam, simplesmente, dar risada, entendeu?

Roque Júnior, por sua vez, assim que chegou ao Milan, sofreu uma situação escancaradamente xenofóbica. O autor foi Demetrio Albertini, conhecido jogador italiano dos anos 1990. Antes de um treinamento no clube, Roque Júnior passou ao lado de Albertini já no gramado, que começou a chutar bolas em sua direção. Na terceira vez, ele reagiu e chutou a bola de encontro. Sem entender o que estava acontecendo, foi conversar com Serginho, futebolista brasileiro que já estava no clube havia anos. Então, percebeu que se tratava de um “teste”. Ter brio e impor-se é a maneira de “ganhar respeito deles”, dos jogadores nacionais. Em suas palavras:

Eu me lembro de uma passagem que é assim. O Albertini, que hoje é o presidente da federação italiana, me viu passando por ele, e começou a chutar a bola em mim. Ele chutava a bola, e eu olhava pra ele. Olhei para o Serginho, e ele continuou a chutar a bola em mim... Pensei: “Pô! Qual que é a desse cara?”... Eu olhava e não entendia por quê... Na terceira vez, eu virei e chutei a bola nele. Aí ele fez sinal:

— Ah, tá legal! Beleza!

Fui conversar com o Serginho, brasileiro que estava há mais tempo no clube:

— E aí, Serginho, qual que é?

— O cara está te testando.

Aí eu entendi. Se você não falar nada, não reagir, o cara de repente é assim, não só no futebol, mas na vida. Se você não se impõe, o cara vai pensar: “Ah, com esse aí...”. E aí você já consegue de certa forma, ganhar respeito deles. E eles já começam a a te tratar diferente. Isso é uma questão de quem viveu em diferentes culturas. O italiano tem uma maneira de pensar que é diferente do que a gente pensa aqui no Brasil. Isso você consegue ver.

Em outras três situações, os estrangeiros Amoroso, Djalminha e Zé Maria relataram que não foram mal recebidos pelos jogadores nacionais dos respectivos clubes europeus, Udinese, Áustria Viena e Parma. Não tardou, no entanto, a percepção de um relacionamento diferente entre eles e os europeus, e entre os próprios europeus, em que havia “intimidade” e “brincadeiras”. Amoroso argumentou que *ser um jogador reconhecido na profissão* pode

alterar essa relação. Se o atleta “famoso” for o estrangeiro, torna “mais fácil” esse momento inicial; se for o nacional, aí pode “atrapalhar um pouco” pelo fato de este atleta “se sentir ameaçado” na posição dentro do time titular. Embora não fosse algo manifestado diretamente, era perceptível “pelos olhares de soslaio”. Disse o entrevistado:

Ah, sempre tem um pouco deee... de receio entre os jogadores nacionais e os estrangeiros. Até o estrangeiro se adaptar, até ganhar a confiança deles é... difícil. É mais fácil quando chega com nome, *status* de jogador internacionalmente conhecido, aí é outra história, né?! Mas quando o atleta estrangeiro vai para um clube que já tem alguns jogadores famosos, os quais estão se sentindo ameaçados, isso atrapalha um pouco. Era uma coisa que eu percebia, por exemplo, pelos olhares de soslaio.

Sendo contratado pelo Áustria Viena depois de passagens vitoriosas pelo Deportivo La Coruña e pela Seleção Brasileira, Djalminha já era naquele instante um atleta internacional. Admirado por sua trajetória, recebeu tão logo “um tratamento com mais atenção” dos funcionários do clube. Ao contrário do que expressou Amoroso, o reconhecimento do jogador brasileiro não foi bem aceito pelos colegas austríacos. Segundo Djalminha, eles demonstraram “ciúme” por chegar ganhando “muito mais dinheiro” e por ter “uma certa regalia” dentro do clube. Conforme narrou:

Dentro do clube austríaco, essa diferença de tratamento também era perceptível. Não digo no sentido de racismo, mas sim em relação ao estrangeiro. Havia um ciúme:

— Ah, o cara vem aqui ganhar muito mais dinheiro do que a gente?!

Isso os incomodava. Na Espanha, não, é um país que gosta de futebol. Os jogadores espanhóis queriam os melhores do lado deles, não queriam saber se os estrangeiros ganhavam mais. O que importava era que o time estava melhor. Então, eles não levavam por aquele lado, entendeu?

No vestiário, lá na Áustria, eu tinha uma certa regalia, porque quem é do meio do futebol sabia que eu tinha vindo da Espanha, que já tinha uma história pra jogar num time da Áustria, que era brasileiro, jogava na Seleção Brasileira... Pô! Os funcionários do clube me davam um tratamento não digo melhor, mas com mais atenção. E é lógico que isso gerava um ciúme. Nos outros lugares, como na Espanha, não tinha isso.

Para Amoroso e Zé Maria, ganhar a “confiança” dos jogadores nacionais é uma conquista que se dá “devagarziinho”, conforme disse longamente o ex-atleta da Portuguesa. Usando as suas expressões, “o italiano” “quer te conhecer primeiro” e só então avalia se “vai dar aquilo que você acha que merece” receber. Fala praticamente idêntica foi dita por Paulo Sérgio a respeito do “alemão”:

Tinha alguns alemães com quem eu me relacionava bem. O alemão tem um negócio: ele te analisa bastante para, realmente, ter a certeza que você é uma pessoa que não está perto dele por interesse ou para alcançar algo. Então, as pessoas queriam ver qual era o meu objetivo lá.

Mesmo havendo o esforço em aprender “a língua e a cultura”, como disse Paulo Sérgio em vários momentos de sua narrativa, de modo a conquistar a confiança dos futebolistas nacionais, a maioria dos entrevistados demonstrou se “sentir” e ser tratado “sempre” como “estrangeiro” no interior dos clubes europeus. O relato de Zé Maria torna isso evidente:

Estrangeiro, a gente sempre é, né?!... O pessoal gosta, conversa, mas é normal que, entre eles, eles tenham um outro tipo de relacionamento, um outro tipo de intimidade, de falar, de brincar. Pra nós, sempre teve o respeito:

— Poxa, que legal que você está aqui...

Mas muita coisa acabava ali. Aquela amizade profunda mesmo só depois que você está dentro pra fazer parte da comunidade, quando você está há algum tempo lá, quando a pessoa já sabe que pode confiar em você, já sabe que você é uma pessoa séria. Então, aquela coisa você vai conquistando devagarzinho. Você não chega lá e o cara confia em você completamente, isso é difícil... Devagarziinho você vai conquistando a confiança do italiano, porque ele quer te conhecer primeiro e depois vai ver se ele te dá aquilo que você acha que merece.

João Paulo, por sua vez, relatou um ambiente de trabalho silencioso, de nenhum relacionamento pessoal entre jogadores nacionais e estrangeiros. Ao contrário de sua experiência no Brasil, “todo mundo” “chegava em cima da hora” para a rotina de trabalho e, terminadas as atividades, “cada um virava e ia pra ao seu lado”. A descrição do tratamento de parte a parte estritamente profissional é notável em sua última frase. Vejamos:

Agora, dentro do clube, no dia a dia, era assim: eu chegava, me trocava... já ia direto para o campo e treinava. Não tinha muito isso que nem aqui de você chegar antes e começar a conversar, não. Eu já chegava em cima da hora. Todo mundo era assim. Trocava e subia pra treinar. Após o treino, voltava para o vestiário, tomava banho e ia para casa. Cada um já se virava e ia para o seu lado... Mas dentro de campo éramos todos amigos. Nosso time era unido pra caramba.

João Paulo foi à Itália numa época em que o regulamento do campeonato nacional tinha sido alterado, ampliando o limite para “três jogadores estrangeiros para cada equipe”, “independente de ser comunitário ou não”. Naquele cenário em que o jogador nacional estava enfrentando maior concorrência, não é de se estranhar que João Paulo tenha ouvido “que o estrangeiro estava pegando a vaga de um italiano” e que atletas de fora fossem mais “cobrados”. A cobrança se dava tanto pelo número limitado de vagas quanto por chegar “ganhando mais” do que os jogadores nacionais, tal como havia dito Djalminha. Vejamos o seu relato:

De vez em quando, a gente ouvia que o estrangeiro estava pegando a vaga de um italiano. Como agora tem muitos, eles não podem nem fazer muita coisa. Cada clube de lá tem cinco, seis jogadores que não são italianos. Então, hoje já diminuiu... Antes de me firmar no Bari, enfrentei esse tipo de situação. [...] Cobravam mais dos

estrangeiros porque o estrangeiro sempre vai ganhando mais do que eles. Tinha que render mais, né?! Ainda mais com vaga limitada, tinha que produzir mesmo.

Em sua narrativa, Paulo Sérgio expôs uma circunstância extremamente semelhante, referindo-se, porém, à Alemanha. Ao invés de “relacionamento” usou a palavra “luta” para descrever o contato com os jogadores alemães, os quais consideravam que os estrangeiros estavam “ocupando o espaço deles”. Enquanto Djalminha falou em “ciúme”, Paulo Sérgio preferiu “inveja” para falar dos sentimentos dos futebolistas nacionais em relação aos que vêm de fora. Em seguida, o entrevistado lembrou as transformações políticas, econômicas e sociais vividas pela Alemanha na passagem dos anos 1980 para 1990. Essa é a explicação que ele encontrou para a xenofobia sofrida no interior do clube alemão, conforme relatou na sequência.

Na época, eram poucos brasileiros que jogavam a Bundesliga. Falo pra você que nós tínhamos cinco brasileiros num tempo em que só podiam jogar três estrangeiros em cada equipe. No Bayer Leverkusen, tinha eu, um tcheco e um romeno... Foi muito difícil. Hoje, a gente vê que cada equipe tem três, quatro, cinco brasileiros... Ao terceiro mês, tive até vontade de vir embora. A luta com os jogadores... Eles acham que você quer ocupar o espaço deles, e aí se torna muito difícil.

[...] No começo, a relação com os jogadores também foi muito difícil! Eles tinham inveja... Porque você vai pra tirar o espaço deles, o espaço de um outro alemão. E eu cheguei num período em que quatro anos antes tinha caído o Muro de Berlim. Muitas pessoas da Alemanha Oriental, desempregadas, estavam indo para a Alemanha Ocidental. Então, enfrentei oposição de muitos jogadores. Eu lembro que tinha um deles que, quando chegava perto de mim, virava e tocava a bola pra outro. Não fazia isso porque era negro ou alguma coisa desse tipo, mas por ser estrangeiro e estar ocupando o espaço deles. Foi assim até o momento em que, como frisei pra você, comecei a aprender a língua. Aí, as pessoas começaram a me respeitar.

O zagueiro Júlio César, que atuou na Alemanha naquele mesmo período, relativizou a xenofobia sofrida exatamente por considerar as transformações vividas pelo país. Havendo “racismo e problema” entre os próprios alemães ocidentais e orientais, ele compreendeu como “normal” a discriminação para com o estrangeiro. Do mesmo modo que João Paulo e Paulo Sérgio, o ex-jogador do Borussia Dortmund acredita que a situação dos estrangeiros tenha melhorado atualmente. Em suas palavras:

As coisas hoje vão ficando muito mais fáceis. Hoje o pessoal está com uma aceitação melhor, com uma cabeça melhor. Veja: na Alemanha eles tinham racismo e problema entre eles, pô! Alemanha Ocidental com Oriental... Quando eu cheguei lá, já tinham quebrado o muro. Mas isso aí acontecia entre eles lá, um país colado no outro, e existia esse problema. Agora, imagina chegando um estrangeiro lá do outro mundo na Alemanha, se os caras não tinham a mentalidade deles. Lógico que tinha!... Isso aí é normal.

Como a maior contratação do Bari para a temporada 1989-1990, João Paulo relatou haver “uma pressão danada em cima de mim!”. Sem ter tido tempo para “se adaptar” à

“chuteira”, à “grama” e às várias outras circunstâncias diferentes, ele não “começou bem o campeonato”. Dirigentes do clube italiano, então, telefonaram para o presidente do Guarani para dizer que tinha vendido “um jogador fraco”. Ao tomar conhecimento, João Paulo sentiu-se indignado e começou a “jogar” bola. Segundo ele, nos “sete jogos” seguintes foi escolhido como o “melhor em campo”. Depois os dirigentes italianos quiseram conversar com ele, mas João Paulo “nem olhava na cara deles...”. Assim que “justificou” o valor investido em sua contratação, o brasileiro manifestou não ter sido perturbado por se ausentar do clube para defender a Seleção Brasileira. Vejamos:

Quando eu cheguei, tinha uma pressão danada em cima de mim!... Porque eu não comecei bem o campeonato. Ligaram aqui no Guarani para falar com o presidente. Depois ele mesmo me ligou na minha casa na Itália e contou:

— Pô, os caras falaram que eu vendi um jogador fraco para eles e não sei que tem...

Ele me falou isso pessoalmente. Nossa senhora! Na hora que eu ouvi isso... comecei a jogar e só dava eu. Em sete jogos seguidos, eu fui o melhor em campo. Sete seguidos! O que é difícil na Itália. Os diretores do Bari vinham em cima de mim, mas eu nem olhava na cara deles... Fiquei sem olhar praticamente o campeonato todo. Vem falar esse tipo de coisa antes de dar um tempo pra você?! Nem olhava!... Isso me motivou a mostrar, né?!... Depois foi ficando mais tranquilo. Eu também era convocado direto aqui para a Seleção Brasileira. Vinha, ficava aqui um mês e depois voltava. Tinha a Copa América, tinha não sei o que, vinha direto... E eles ficaram quietinhos, não falaram mais nada, não...

Enquanto João Paulo teve de perceber por conta própria a razão da cobrança sobre ele, Betão vivenciou uma situação em que o motivo foi enunciado em uma discussão com “todos os brasileiros”. A questão financeira, no entanto, não é a única causa da cobrança, conforme relatou. A origem nacional também o é, por se acreditar “que todo brasileiro tem que ser igual ao Pelé, ao Ronaldiinho...”, pela “história do futebol brasileiro”, argumento reproduzido nas entrevistas de Denilson, Gilberto Silva e Paulo Sérgio. Depois de aprender a falar russo, Betão demonstrou perceber comentários entre colegas ucranianos que expunham um ambiente hostil aos estrangeiros. Diferentemente da forma como encarou Caçapa no início desta discussão, o “tirar sarro” não foi visto sem problemas por Betão, que revelou como a “rivalidade” entre jogadores nacionais e estrangeiros é levada para dentro de campo, através de “um passe mais forte pra gente para ver se a gente vai conseguir fazer um bom domínio”, por exemplo. O ex-zagueiro do Corinthians tornou público, inclusive, que o tratamento do treinador era diferente, uma vez que se cobrava mais dos atletas vindos de fora da Ucrânia. Este, segundo Betão, é um fator preponderante para o desejo de retorno de “muito jogador estrangeiro” aos respectivos países de origem. Outros detalhes estão presentes em sua fala:

No Dínamo de Kiev, nós, brasileiros, sentíamos que éramos mais cobrados que os ucranianos. A gente sentia isso e sempre ficava aquela pergunta:

— Mas por quê?

Sendo direto, o treinador, que era russo, nem ucraniano ele era, chegou um dia, reuniu todos os brasileiros e falou assim:

— Sabe por que que vocês são mais cobrados? Vocês são mais cobrados porque vocês são brasileiros, já começa aí. Então, vocês tem que ser melhores que os daqui porque vocês são brasileiros. Vocês são mais cobrados porque vocês vêm comprados, os daqui são daqui. Vocês são mais cobrados porque, normalmente, vocês ganham mais que os daqui.

Então, o jogador estrangeiro é mais cobrado que o local na Ucrânia. E é mais cobrado ainda se for brasileiro, porque eles acham que todo brasileiro tem que ser igual ao Pelé, ao Ronaldiinho... tem que ter magia nas pernas. E não é assim, né?! Agora, na França já não é assim. Lá eles veem o brasileiro com respeito, claro, pela história do futebol brasileiro, mas sabem que todos nós somos falhos, temos limites e enfim...

Que tinha uma rivalidade na Ucrânia, sabe?! Depois que eu aprendi a falar russo que eu fui perceber e escutar comentários maldosos, por exemplo: quando chega um brasileiro, um argentino, um sul-americano ao Dínamo, os ucranianos ficam só observando como o cara chuta na bola, se ele dá um passe bom... Daí começam os comentários:

— Olha lá! Pagou não sei quantos milhões e o cara não chuta uma bola no gol! Pagou não sei quantos milhões e não sei quê... Deixa ele fazer sozinho, então!

Eles começam a tirar sarro. Dão um passe mais forte pra gente para ver se a gente vai conseguir fazer um bom domínio, entendeu? Então, tem essas coisinhas, esses detalhezinhos. Tinha na época que eu estava lá e acredito que não tenha mudado hoje porque eu falei com um jogador que acabou de vir de lá, e ele me disse que continua a mesma coisa.

[...] Entre nós, estrangeiros, a gente até conversava:

— Pô, você viu como o treinador cobrou fulano? Você viu que é que foi feito ali, tal?

Às vezes, num dia em que estava mais estressado, de cabeça quente, acabava, no calor do treinamento, falando alguma coisa, porque a gente via que o treinador estava cobrando de um brasileiro que não tinha feito do jeito que ele pediu:

— Mas e o ucraniano que também não fez?! – falava um de nós.

No entanto, eram raras as vezes que os jogadores levavam isso para o jogo, entendeu?... Por isso que tinha muito jogador estrangeiro que não conseguia se enturmar e já queria ir embora no primeiro mês...

Este último motivo, exatamente, quase fez Paulo Sérgio desistir da Alemanha ainda no terceiro mês de clube, quando perdera um pênalti em uma partida do campeonato nacional e fora fortemente cobrado pelos jogadores alemães do Bayer Leverkusen. O treinador, no entanto, o fez desistir da ideia. Por ser brasileiro, Gilberto Silva também era cobrado pelos atletas europeus na Inglaterra. Mesmo nos treinamentos do Arsenal, um domínio de bola ou uma finalização a gol errados eram criticados pelos colegas com a seguinte frase: “Pô, você é

brasileiro, você não pode errar!”. Cláudio Caçapa também teve uma passagem pela “Terra da Rainha”. Em sua experiência no Newcastle, ficou “clara” a divisão do elenco entre um “grupo dos ingleses” e outro “grupo do resto do mundo”, algo comum até mesmo no refeitório do clube. Assumindo uma postura estritamente profissional, tanto quanto João Paulo em trecho anterior, não se importava com a situação desde que não comprometesse “o bom rendimento da equipe”. Em suas palavras:

Olha, eu posso dizer que os jogadores ingleses são muito entre eles. Eles não gostam muito de ficar com outras nacionalidades. Na época minha na Inglaterra, no Newcastle, tinha o grupo dos ingleses e tinha o grupo do resto do mundo, composto por africano, por brasileiro – eu, no caso –, por espanhol, por argentino... Dentro do clube, isso era claro. Mesmo quando a gente ia a uma reunião ou ao refeitório, os jogadores sentavam separados. Se chegasse alguém, essa pessoa procurava o seu grupo para se juntar. Os africanos com o resto do mundo aqui, e os ingleses lá. No horário de almoço ou jantar, se tivesse duas mesas, uma mesa era dos ingleses e outra mesa para o resto da turma... Eu via isso como algo normal. Pra mim, o caboclo faz o que quer. Se eles querem formar o grupo deles, o problema é deles. Desde que eles não atrapalhem o bom comportamento, o bom rendimento da equipe...

Expostas essas experiências dentro do futebol, vejamos três situações pessoais de xenofobia vivenciadas nas sociedades europeias pelos familiares dos futebolistas brasileiros entrevistados. Em sua narrativa, Roque Júnior destacou em dois momentos um mesmo caso marcante ocorrido com sua esposa, quando moravam na Itália. Segundo ele, um homem ao vê-la, foi a sua direção e afrontou-lhe dizendo: “Você é estrangeira, não é bem-vinda aqui, volta para o seu país!”. Roque Júnior disse ter conhecimento de outros relatos parecidos que ocorreram na Itália, afirmando em seguida: “Não aconteceu comigo nem com a minha família na Inglaterra nem na Alemanha.”. Para ele, a explicação de não terem sofrido nesses outros dois países é que o primeiro já está “mais acostumado” com a presença de “muito estrangeiro” e o segundo, por sua história ligada ao nazismo, procurou “mudar um pouco essa imagem”, citando como exemplo a mobilização dos cidadãos alemães na Copa do Mundo de 2006. Outra razão encontrada está na cidade em que moraram na Alemanha, Colônia, um lugar com forte presença de jovens por conta da universidade local.

Não é essa, contudo, a impressão de Amoroso e sua família. Contou com detalhes uma situação vivida em um supermercado na Alemanha. Sua esposa fora ofendida por fazer uma pergunta em inglês a uma funcionária do estabelecimento. Ao ouvir a discussão, Amoroso, que “falava um pouquinho de alemão”, interviu e dera uma resposta “rípida”. A funcionária o reconheceu e mudara a forma de tratamento. Segue o relato:

Teve uma vez, na Alemanha, que aconteceu uma situação em um supermercado. Não foi comigo, mas sim com a minha esposa. Ela não falava alemão, falava inglês. Só que os alemães respondiam na língua deles. E eu já falava um pouquinho de alemão, entendia mais do que eu falava, mas eu já sabia dar umas respostas um pouco mais ríspidas. Bom, a gente estava fazendo compras, e a minha esposa chamou uma funcionária e perguntou em inglês:

— Por favor, você poderia me indicar onde está tal produto?

A mulher virou e falou assim pra ela em alemão:

— Ué, se você não fala a nossa língua, o que é que você está fazendo aqui no nosso país?

E eu escutei porque estava do lado dela. Com educação, falei em alemão:

— Desculpa, eu não entendi o que a senhora falou para a minha esposa.

Quando ela me olhou e percebeu quem era a pessoa que estava conversando com ela, nossa!, pediu milhares de desculpas. Mas aí já pesa o fato de eu, no caso, ser uma pessoa ser conhecida, de ter um nome, para que eles pudessem me respeitar, entendeu? Porque quando é uma pessoa comum... é complicado. Pensei rápido e usei o Schumacher como exemplo, porque, trabalhando pela Scuderia Ferrari, ele não dava entrevista em italiano, falava em alemão. Quem quisesse entendê-lo, que soubesse alemão e traduzisse para a sua língua. E os italianos de maneira alguma exigiram que ele falasse em italiano ou o proibiram que concedesse entrevista em alemão. Então, retruquei a funcionária dizendo:

— A minha esposa só falará alemão quando o Schumacher falar italiano.

A minha resposta acabou com a conversa, porque tomei como exemplo um ídolo do país dela falando a língua nativa no país dos outros. Aí ficou aquela situação chata, e ela só nos pedia desculpas. Só essa vez, de resto não me lembro de outra circunstância...

Ewerthon, por fim, retoma alguns pontos abordados e faz uma avaliação sobre a xenofobia na Europa. Após dizer que os europeus são “fechados”, afirmou peremptoriamente: “existe, sim, é claro, muito preconceito contra o estrangeiro na Europa.”. Disse também que a crise europeia e mundial agrava a situação dos estrangeiros que não são bem-vindos por se acreditar que eles venham “roubar, pegar o dinheiro deles [dos cidadãos nacionais], o trabalho deles, as coisas deles...”, frase presente também na narrativa de Roque Júnior. Na análise de Ewerthon, os europeus se veem “superiores” a nós, “sul-americanos”. Em relação ao Brasil, “eles acham que aqui é terra de índio”. Em seguida, o ex-atacante do Corinthians disse ter “clareza” de que fora à Europa numa “situação profissional diferente de uma pessoa normal”. Ao “observar” fatos cotidianos ocorridos com vários familiares, percebeu a diferença de tratamento, justamente por eles não terem uma “posição na sociedade” igual à dele. Com suas próprias palavras:

Além de eles serem fechados, existe, sim, é claro, muito preconceito contra o estrangeiro na Europa. Normal... Não deveria existir, mas ele existe. Foi o que eu disse há pouco: o único país em que o estrangeiro chega e é valorizado mais do que

nós, do que eles mesmos se valorizam, é o Brasil. Todo mundo que vem ao Brasil é supervalorizado, superintegrado. Vai você para o país deles que você vai ver! Eles não te dão essa abertura. Então, existe, é claro que existe, porque o modo de pensar deles é que você está indo roubar. Agora com essa crise – a qual, aliás, eu digo que não é só europeia, é mundial –, eles não querem que o estrangeiro venha roubar, pegar o dinheiro deles, o trabalho deles, as coisas deles... Esse é o pensamento que eles têm, entendeu? Por eles serem europeus e por nós sermos sul-americanos, eles já se veem superiores, porque eles acham que aqui é terra de índio. Muitos acham que no Brasil ainda existe índio correndo pelado na Avenida Paulista. Não deveria ser assim, mas eles se veem superiores nessa relação.

É no dia a dia que eu acabei vendo, percebendo, identificando essas situações. Eu sou um cara muito extrovertido, muito brincalhão, mas nas 24 horas do dia eu sou observador. Então, eu observo, vejo, percebo... Eu tenho clareza de que eu fui à Europa numa situação profissional diferente de uma pessoa normal. Só que eu tinha irmão, eu tinha prima, eu tinha pais, eu tinha amigos, que não têm a “posição”, digamos, “na sociedade” igual a minha. Eu observava isso quando, por exemplo, ia a um restaurante:

— Ah, chegou fulano de tal...

Normal, me respeitavam. Agora, se fosse o meu irmão:

— Ah, tudo bem, mas brasileiro, negro, como está num lugar desses? O que é que ele faz, com que é que ele trabalha, como é que ele ganha dinheiro?

É assim que eles pensam, que eles são.

Este último caso citado expõe o ponto de convergência entre os dois fenômenos, xenofobia e racismo. Metade dos entrevistados, ao menos, externou ter plena consciência de que o fato de serem pessoas públicas influencia completamente na forma como são tratados pelas pessoas comuns, sejam elas europeias, sejam brasileiras, na interação social. Se não fossem futebolistas consagrados, a experiência migratória e social teria sido outra. Nas vezes, contudo, em que não eram reconhecidos, sofreram racismo da mesma maneira que um negro comum. Betão, Cláudio Caçapa e Júlio César citaram situações idênticas ao adentrarem estabelecimentos comerciais. Por sua educação familiar, Betão formou uma personalidade que foge do estereótipo do boleiro que pensa e se comporta de modo parecido, usando, por exemplo, roupas e adornos extravagantes. Esse é um elemento que faz com que se torne mais difícil de identificá-lo como futebolista profissional, tanto em Milão quanto em Kiev, cidade em que atuava e onde a presença de negros é rara. O racismo sofrido em ambos os lugares foi caracterizado por ele como “enrustido”. Vejamos:

Como já falei, eu gosto de andar despojado, eu não sou de frescura. Lá em Kiev, nas lojas boas, eu ia de chinelo e bermuda, e quem não me reconhecia como jogador ficava me fitando, como se dissesse:

— Que é que ele quer aqui? Você acha que, com essa roupa aí, vai conseguir comprar alguma coisa da loja?

Eu percebia que os funcionários ficavam pensando: “Vou atender ou não vou?”. Igual a uma vez que eu fui em Milão numa loja comprar um presente para a minha esposa. Eu cheguei até a moça e perguntei:

— Você tem uma bolsa daquela ali?

— Tenho, mas é cara. — ela respondeu.

Aí eu falei:

— Eu não estou querendo saber se ela é cara ou se é barata, estou perguntando se você tem uma bolsa daquela ali. — aponte para a vitrine.

— Ah, eu vou ver se tem.

No fim, ela acabou falando que não tinha a bolsa... Então, eu vejo que o racismo está no dia a dia, enrustido, mas está! Aqui no Brasil, tem aquelas pessoas que se declaram, que são preconceituosas mesmo — igual o caso que aconteceu da australiana com a manicure alguns dias atrás lá em Brasília —, mas a maioria é enrustida, tem preconceito, mas finge que não tem.

Cláudio Caçapa, por sua vez, disse ter presenciado por “várias vezes” a mudança no tratamento a partir do momento em que alguém o identificou. Vestido “de chinelo e bermuda”, ao entrar em lojas com “cinco” funcionários, “nenhum” costuma atendê-lo. “Basta alguém chegar e pegar autógrafo, vem os cinco já de uma vez!”, contou inconformado. Ao invés de ir embora do estabelecimento nesse mesmo instante, prefere fazer a compra primeiro. O motivo: a lição que ele quer passar, uma vez que tem “certeza absoluta” de que essas cinco pessoas ficam “envergonhadas depois”, conversando entre si:

— Nossa, que vergonha!

— Está vendo? A gente não pode olhar a aparência.

Não tendo essa mesma frieza, Júlio César não se importa com lição de moral, muito menos com o que as pessoas pensam. Simplesmente, sacia a sua vontade. Em tom visivelmente indignado, argumenta que a “discriminação está aí, ó!”, no “dia a dia” da vida de “todo mundo”. O que se pode retirar da sua fala é que, apesar de serem racistas, as pessoas passam por cima dos próprios pensamentos por conta do “dinheiro”, valor maior na sociedade capitalista.

Foda-se! Não tô nem aí! “Ah, quero ter um carro bom.”. Então, vou lá na concessionária, pego o carro, compro, pago, até logo e acabou. A cor do meu dinheiro é a mesma da sua... Entendeu? O homem vale o que tem, independente de ser negro, branco, azul ou qualquer cor... Então, a discriminação na sociedade nossa é essa. Não é por cor de pele, não... Hoje, a cor de pele é o que menos conta... Discriminação está aí, ó! Cada dia, o dia a dia está atuando na sua vida, na minha vida, na de todo mundo. Todo mundo discrimina todo mundo.

Outro fato destacado por dois entrevistados, Betão e Luís Pereira, diz respeito ao exotismo em torno do negro no exterior. Tendo migrado para a Espanha na metade da década de 1970, Luís Pereira afirmou que tinha poucos negros no campeonato local naquela época. Lembrou-se apenas do malinês Keita, que jogava no Valencia, do gambiano Biri Biri, no Sevilha, e do inglês Cunningham, no Real Madri. Dado o número diminuto de negros, argumentou, “havia uma curiosidade” “normal”, especialmente das “crianças”. Como na época usava cabelo “*black*”, elas “metiam a mão no meu cabelo”. Não era “racismo”, salientou, pois se fazia isso “com um respeito muito grande”.

Tinham poucos negros na Espanha, nessa época que fomos para lá, em 1975. Havia uma curiosidade, o que é normal. Quando nós íamos jogar na Suécia, tinha só “alemão”, só branco. Então, os garotinhos ficavam ali por perto e metiam a mão no meu cabelo. Aonde eu ia na Europa, eles metiam a mão no meu cabelo e se divertiam. Eu tinha o cabelo um pouquinho *black*, né?! *Black* era moda He! He! He!... Então, as crianças metiam a mão na minha cabeça porque ficava molinho, era um cabelo distinto. Mas não era esse negócio de racismo. Jamais, jamais, jamais! Faziam isso sempre com um respeito muito grande.

Para quem pensa que tal curiosidade era exclusiva daqueles idos tempos, Betão contou em sua narrativa ter sido alvo de olhares de crianças, principalmente, na Ucrânia, por sua cor de pele e seu cabelo. Em outro trecho, afirmou que “são pouquíssimos países que têm mistura racial”. Tal como Luís Pereira, descreveu genericamente os ucranianos e os alemães com os mesmos “traços” físicos: “alemãozão, grandão, com aquele jeitão”. Em mais de um momento em sua história oral de vida, Betão manifestou que o “mundo precisa saber que têm outras raças”, pois disse sentir “dó” de crianças negras ou com “traços negros” na Ucrânia. Essa fala, muito provavelmente enunciada por influência de sua própria experiência, revela a recorrência da discriminação racial naquele país do Leste Europeu. Para justificar a sua forte opinião, citou um episódio que presenciou em uma creche local. Vejamos:

Na Europa, não tem mistura de raças. Até tem, mas são pouquíssimos países que têm mistura racial. Quando eu olhava para os ucranianos, até brincava dizendo que todo mundo era igual: alemãozão, grandão, com aquele jeitão, e a mulher era a mesma coisa, todas com os mesmos traços. Se a gente olhar para, sei lá, os alemães, o pessoal também é parecido. Quer dizer, o mundo precisa saber que têm outras raças que estão em outros países! Eu tenho dó de uma criança que nasce negra na Ucrânia... não precisa nem nascer negra, mas que nasça com os traços negros, porque ela vai ser totalmente...

Deixa-me dar um exemplo: o Dínamo fazia de vez em quando visitas a creches lá na Ucrânia. Teve uma vez que a gente visitou uma creche, em um lugar humilde como sempre, e todas as crianças eram loiras, exceto uma menininha que era um pouquinho mais morena e que tinha o cabelo crespo – provavelmente deve ter sido filha de um imigrante africano que foi pra lá. No nosso time, tinha um atacante que se chamava Bangoura e era de Guiné. Daí as crianças começaram a chamar a menininha de Bangoura. E ela não era nem negra! – dentro da nossa concepção de

brasileiros –, era morena só que tinha o cabelo crespo. E começaram a chamá-la de Bangoura... Tem necessidade disso? Não tem. Então, esse racismo está inserido e, volto a afirmar, falta a orientação de que existem outras culturas, outras etnias, outras pessoas em volta. Muitas vezes, na Europa, acho que falta um pouco disso.

Pouco adiante em sua narrativa, Betão fez questão de registrar que uma amiga sua vivenciou racismo semelhante no Brasil. Estudante de “colégio de alta sociedade” em que “quase todas as meninas eram brancas e tinham o cabelo liso”, ela recebera o apelido de “Crespa” por causa do seu cabelo. Antes mesmo de apresentar esses dois acontecimentos, Betão havia refletido sobre o racismo no Brasil, cuja característica elementar apontada foi a dissimulação através da falsa justificativa da “miscigenação” racial. Conforme relatou:

Eu acho que aqui no Brasil as pessoas fingem na verdade. A ideia que eu tenho sobre o racismo no Brasil é que as pessoas tapam o sol com a peneira:

— Não, que o Brasil é um país que tem uma mistura, miscigenação...

Poxa, aqui tem racismo. E tem preconceito, o que não é racismo, contra o gordo, o muito magro, o nordestino, o negro... O Brasil é um país que tem esse racismo muito aflorado, onde tanto o negro quanto o gordinho são sempre as referências.

Ao comparar com o excerto destacado anteriormente, nota-se uma ambiguidade entre esta declaração e o argumento subjacente daquela fala, em que Betão defendeu que a “mistura racial” traria como efeito positivo um conhecimento da existência de outras “raças” e, conseqüentemente, uma menor incidência da discriminação racial. O próprio exemplo dado por ele, contudo, contradiz o raciocínio, uma vez que a “menininha” vítima do racismo em questão “nem era negra!”. A ideia básica daquele argumento apresentado é a mesma que constitui a democracia racial, qual seja a de que a miscigenação corresponde a uma ausência de racismo. Se essa pode ser lida como uma reprodução inconsciente do famoso mito, a versão consciente se dá no discurso de Zé Maria. Após revelar ter sido discriminado racialmente por torcedores e por um jogador no futebol italiano, perguntei a ele se tinha passado por situações semelhantes no Brasil. Sua negação veemente não deixa dúvidas: “No Brasil não, no Brasil não, no Brasil não... não aconteceu comigo. Não tem como acontecer isso porque o Brasil é a maior mistura de raças que existe.”.

Junior, que concorda abertamente com essa interpretação clássica das relações raciais no Brasil, tal como foi analisado na Introdução desta tese, em outro trecho de sua narrativa defendeu que o “problema do negro no Brasil é uma questão muito mais social” do que racial. De modo a sustentar seu pensamento, valeu-se da distinção do negro na sociedade: “Toninho que joga no Flamengo”. Tendo “uma uma boa situação social, uma boa situação financeira”, o negro no Brasil “praticamente passa despercebido”, completou. Sua fala corrobora a ideia de

que a ascensão econômica do negro é seguida da social, que por sua vez leva ao embranquecimento. A presença, no entanto, do advérbio “praticamente” permite dizer que de algum modo, seja rico, seja pobre, o negro será notado por sua cor de pele, a qual não o deixa passar “despercebido”. Junior, que vacilou na sua autoidentificação étnica, evidenciou, assim, algumas características do racismo à brasileira: dissimulado, assistemático, assimilacionista. Vamos ao excerto:

Eu, particularmente, não vivenciei nenhuma situação de discriminação, mas vi companheiros... Por que o que acontece? Eu acho que o problema do negro no Brasil é uma questão muito mais social do que o que a gente vê, sei lá, nos Estados Unidos, por exemplo, não é? Quer dizer, o negro é visto de uma outra maneira. Aqui no Brasil, se o negro tiver uma boa situação social, uma boa situação financeira, praticamente passa despercebido. Existem aquelas pessoas, naturalmente, que dizem “negão”, falando até num tom de voz que você sente que tem um lado de preconceito mesmo!

Mas, eu como... quer dizer, meu avô paterno era mais escuro do que eu, era jambão mesmo! Já por parte da minha mãe, era tudo branco. Então... convivi muito com o pessoal do morro. Pô! Tenho amigos negros. Quando você convive muito tempo, isso não sente, mas, quando você vê, aí sim. Principalmente, com as outras pessoas em relação ao negro. Quando alguém diz:

— Este aqui é o Toninho que joga no Flamengo.

Aí, a coisa já muda. Enquanto a pessoa não identifica... Se fosse só o Toninho, era um negro! Mas, se é o Toninho que joga no Flamengo, aí já... Entendeu? Aqui, a gente tem muito dessa coisa...

Isso é menos comum no futebol de hoje, mas acho que, no passado, teve bem mais.

Com uma postura totalmente oposta, Paulo César Lima retirou os véus do racismo no Brasil ao analisar a ausência de negros em várias profissões no mercado de trabalho: atores, pilotos, treinador de futebol, poetas, jornalistas. Após avaliar o racismo no Brasil como “nojento”, ampliou o cenário e olhou para a crise migratória vivida na Europa. Refletiu sobre os problemas e a condição humana na atualidade. Paulo César criticou indiretamente aqueles negros que assimilaram o ideal de branqueamento e não têm consciência racial. O trecho é longo, mas sua contestação e indignação são notáveis:

Quando você pega os artistas negros da Globo, o cara que está na novela sempre tem um cargozinho, ou ele é secretário ou ele é mordomo. Melhorou um pouquinho esse contexto, agora que estão dando o papel principal para o Lázaro e para a Taís. Mas quantas vezes o Milton Gonçalves, que é um craque, faz papel principal, né? O Pitanga, o Tony Tornado, o Romeu Evaristo, o Cosme, são os negros que eu tenho afinidade, tenho amizade. Tem outros, tem um que parou, o Antônio Pompêo, que até sumiu, foi se instalar na Bahia lá como presidente da Nação Zumbi, que era um gênio como ator. Mas tudo coisa rara.

Vamos na aviação. Eu viajo muito, estou com 66 anos e viajo desde os 12. Porra, peguei Convair, peguei bimotor, peguei Constellation, peguei Electra, DC-10, Jumbo, Concorde... Nunca vi um negro comandante no Brasil, nunca vi! E olha que

eu continuo viajando, hein?! De vez em quando você vê umas aeromoças, na própria Air France. Na Europa não tem isso. Tem uma mistura de raças ali, eles têm as morenas, têm as colônias francesas. Mas aqui?

Aí tu vai na história... Quais são os historiadores negros que você conhece de nome, famosos?... Joel Rufino dos Santos? E na medicina? Na arquitetura? Na engenharia... né?! Voltando para o futebol, nunca vi um treinador negro na Seleção Brasileira principal, principalmente, nem nas bases. É o Gallo lá o treinador, vai cagar! E aí, que mais, de outras profissões? Poetas? Tem o Machado de Assis, lá no século retrasado...

[...] Vai no SBT, quantos negros tem lá? De locutor, ator ou atriz? Bandeirantes é a mesma coisa. Agora tem um pouquinho, o Denílson está lá, o Ronaldo. Não sei qual a cor que ele tem, não sei se ele é amarelo, se ele é branco, sei lá, esquisito, né cara?... Aí vai na ESPN, quantos negros tem na ESPN? Quantos analistas de computadores tem lá na ESPN? Não, sério! Eu não sei, quantos tem? Nenhum. Vai na Fox Sports. Tem uns dois só, tem um mestiço – que até você pode entrevistar. Ele vai achar que ele é mestiço, que ele é mulato, que ele é pardo... É isso aí! Aí tu vai ver o cabelo dele. O cabelo dele é duro, tem uma porrada. Mas é raro, cara, é raro.

No cinema, os atores de cinema, as atrizes, você conta nos dedos, né?! Lá embaixo a Ruth de Souza, a Zezé Motta. De repórter, tem a Glória Maria, tem aquela... acho que é Zileide, de Brasília. Tem uma escurinha de Curitiba, que eu já vi, que estava meio desaparecida, hoje ela apareceu. Você conta nos dedos. No Sul do país, acho que não tem ninguém. Agora no Bom Dia Brasil tem uma que fala sobre meteorologia, muito bonita. Você vai contando. Isso é o quê?

É, porra!, isso é racismo. Nojento, cara, muito. Eu não sei como ainda existe ser humano que ainda tem esse tipo de pensamento, sério. Do jeito que está todo mundo, essa violência, essa desigualdade, essa miséria... Você vai pra Europa hoje, as pessoas estão – até lá também, sabia? – numa agressividade impressionante. Entendeu? Acho que não é nem em relação ao preto, cara, é todo mundo. É ao imigrante, pode ser espanhol, português, árabe ou asiático. Porra, hoje se você rodar na Europa, é impressionante!, é impressionante.

O discurso de Paulo César Lima trata basicamente da falta de oportunidades dadas aos negros nas mais diversas áreas do mercado de trabalho no Brasil, inclusive no meio artístico onde se acredita ainda hoje que a barreira racial a ser transposta seja menor. A discussão feita pelo jogador é a mesma que marcou os estudos raciais nas décadas de 1960 e 1970, quando se procurou demonstrar as falácias do mito da democracia racial pelo ângulo da desigualdade. Para tornar ainda mais visível o conflito de ideias entre Paulo César e Junior, voltemos à narrativa do ex-jogador do Torino. Em outro momento da entrevista, Junior disse não ter “nenhuma dúvida” quanto ao motivo da ausência de negros como treinadores e dirigentes no futebol brasileiro. Isso se deve, segundo ele, à “falta de competência”, de preparo para assumir esses cargos dentro do mercado de trabalho futebolístico. Ao buscar na memória alguns exemplos, acabou citando, no entanto, dois estrangeiros, Rijkaard e Gullit. A fim de fortalecer seu argumento, lembrou que “nos anos 50 e 60” havia racismo em relação ao goleiro negro, uma posição que requer confiança. Rebatendo com veemência essa atitude,

disse: “Basta olhar, hoje, uma quantidade enorme de goleiros negros bons pra caramba! E que não ficam nada a dever aos outros...”. Em suas próprias palavras:

Os caras dizem:

— Ah, os técnicos negros!

Mas, pô! Se você se preparar bem... não tem isso! É preciso que o cara se prepare, né?! Isso independente da cor da pele... Porra! Se fosse por causa disso, o Rijkaard não poderia ser do Barcelona, o Gullit não ia ser treinador na Inglaterra. Né? Quer dizer, se por acaso os caras não se prepararem e forem pra essa posição, vão ficar expostos. Não por causa da cor da pele! Mas pela falta de competência... Não tenho nenhuma dúvida.

Com relação a dirigente, é a mesma coisa. Talvez não tenha tido nenhum ex-jogador negro que tenha enveredado por esse lado gerencial. Mas, se o cara se preparar, por que não? Isso não tem problema nenhum! É porque você não tem, né? Sei lá, de repente o cara prefere fazer uma outra atividade... Não tinha a história do goleiro lá para os anos 50 e 60?

— Ah, goleiro negro não serve!

Esse era o papo na época... E tinha gente que acreditava nisso. Isso é uma mentira. Ela está aí! Basta olhar, hoje, uma quantidade enorme de goleiros negros bons pra caramba! E que não ficam nada a dever aos outros... Eu, que convivi muito tempo em clube, escutava sempre essas histórias! Falavam:

— Ah! Também, porra! É um negão! Por isso tomou aquele gol.

Nada a ver, pô! Tomou porqueee... não era capaz de defender. Não é porque o cara era negro. Isso é besteira.

Roque Júnior discorda frontalmente desse discurso da falta de competência. A favor das cotas raciais, defendeu que elas são justas por “toda a nossa [negra] história, por não ter tido no passado a condição de ter oportunidade”, pela “escravidão”, pelos negros terem sido “deixados de lado”, por serem excluídos das cidades, por não poderem “estudar”. As cotas, assim, são uma maneira de “encurtar um pouco todo esse prejuízo que a raça negra teve”, possibilitando uma desigualdade menor no “futuro”. Advertiu, contudo, que se “levará tempo” para “diminuir” esse prejuízo. Sua clareza quanto a essa discussão é rara e notável. Com suas próprias palavras:

Hoje se fala muito das cotas e tal, e eu acho que é justo. É justo por toda a nossa história, por não ter tido no passado a condição de ter oportunidade. Então, hoje é justo, não é racismo. É apenas uma situação que aconteceu no passado que se reflete hoje. O que nós vemos aí é um reflexo na nossa história. Tem pessoas que não discutem:

— Não tem que dar vaga, é um favorecimento.

Pô, mas olha para trás o que aconteceu com os negros, a escravidão. Veja quanto tempo nós fomos deixados de lado, sem oportunidade. Olha para a época, há longo tempo, em que foram criadas essas favelas ou para a própria periferia. Quando acabou a escravidão, o negro não podia morar nas cidades, tinha que ir para a

periferia, não podia estudar. Pô, isso é a nossa história! Hoje você tem que fazer com que a história encurte um pouco todo esse prejuízo que a raça negra teve. Não só os negros, não é só racismo, mas é social também. Você tem hoje mais gente nessa situação. Mas falando do negro, da nossa história, eu acho que dessa forma você consegue dar oportunidade para que, de repente, a grande maioria não tenha que ser roupeiro no futebol, possa então estudar, possa chegar, o que é muito mais difícil. Isso é uma cadeia. Se ouve:

— Vou estudar, mas, pô!, eu preciso trabalhar pra ajudar em casa.

Muitos pais negros tiveram só que trabalhar e não conseguem, de certa forma, enxergar no estudo uma melhora e sim no trabalho porque precisa. Pô, as cotas vão diminuir no futuro um pouco esse prejuízo, mas leva tempo.

Muitas situações pessoais de racismo no Brasil foram relatadas nas entrevistas. Luís Pereira, por exemplo, contou que: “Em Sorocaba, tinha um clube em que não entrava negro: o Sorocaba Clube. Me lembro o nome até hoje. Não entrava negro, era só da *society*.”. História idêntica foi relatada por Paulo Cézar sobre uma excursão do Botafogo a Bagé, onde no restaurante do *Coutry Club* tinha uma placa com “letras garrafais: ‘Proibida a entrada de negros’”. Em outro momento, Luís Pereira revelou três episódios que envolveram a polícia, pelo fato de ele, familiares e amigos, todos negros, estarem em “carros novos”, duvidando-se que não tivessem condição de comprá-los e suspeitando, pois, que fossem ladrões. Paulo Cézar, novamente, disse ter namorado uma moça rica, de uma família tradicional no Rio de Janeiro, cuja mãe “não admitia” que ele subisse ao apartamento. Cláudio Caçapa também contou um caso em um aeroporto, onde, assim que se sentou em um dos bancos, as pessoas ao lado “se levantaram”. Revelou, também, que pais “buscaram suas crianças” só por conta de ele estar perto delas, e, ainda, que pessoas atravessaram a rua ao verem que ele estava no mesmo “passeio” vindo ao encontro delas. Junior lembrou-se de um caso, também no Sul do país, em que as pessoas olharam “com cara de espantinho” para Adílio e Belisário, jogadores negros do Flamengo naquele tempo. Betão, por sua vez, contou um episódio no futebol, em que o Corinthians foi a Porto Alegre jogar contra o Internacional, e os torcedores colorados insultaram-lhe: “Favelado! Volta pro Carandiru! Macaco!”. Esses e outros episódios relatados revelam como o racismo se manifesta no Brasil em diferentes épocas, lugares e situações, em áreas “pesadas” das relações raciais (interações com a polícia e relações interétnicas), de forma escancarada (proibições), de forma verbalizada (Betão), não verbalizada (Caçapa) ou ainda estereotipada (Junior).

Considerando os objetivos da tese, volto a atenção para o cenário europeu. Ao serem estimulados a falar das características ou especificidades do racismo no Brasil e nos países europeus em que atuaram, alguns futebolistas entrevistados traçaram comparações à luz das

próprias experiências. Djalminha, por exemplo, disse: “se eu for comparar os racismos no Brasil e na Europa, sem dúvida que na Áustria era muito mais nítido.”. Exemplificou com um episódio corriqueiro na vida social, em que “pediu uma informação”. Por mais que os austríacos não verbalizassem, Djalminha “percebia pela atitude deles que tinha uma diferença de tratamento” e por imaginar que eles quisessem defender o território nacional, uma situação diferente do que ele vivenciou na Espanha. Demonstrou acreditar que a diferença está na “educação, cultura e informação”. Em suas palavras:

Ah, se eu for comparar os racismos no Brasil e na Europa, sem dúvida que na Áustria era muito mais nítido. Até pra pedir uma informação na Áustria, eu via uma má vontade dos austríacos. Eles não verbalizavam de maneira explícita, mas eu percebia pela atitude deles que tinha uma diferença de tratamento... Parece que eles pensavam: “Isso aqui é meu! Não quero ninguém de fora aqui, porque isso aqui é meu.”, constringendo em geral quem fosse de fora. Afinal, eles não sabiam a minha nacionalidade, só sabiam que eu não era austríaco, não era dali. Então, eu chegava pra pedir uma informação em inglês, e eles já me respondiam mal porque não queriam ajudar um estrangeiro... Não era uma coisa explícita na fala, mas era nítido e claro. Um austríaco se relacionava com um conterrâneo de maneira amável, e com quem fosse de fora tratava de forma diferente.

Isso não acontecia na Espanha. Pessoas com a cabeça mais fechada é tudo mais complicado, com a cabeça mais aberta é outra história... A informação, a cultura, a educação, isso tudo torna a pessoa melhor. Ela tem mais informação, começa a ter conhecimento, aí ela muda de opinião. Como eu falei, a pessoa às vezes parece que traz consigo um ranço que vem de geração em geração. Ele é educado daquela forma desde pequenininho:

— Aquele menino ali é negro. Não ande com ele.

A pessoa que tiver mais educação, cultura e informação vai mudando a própria cabeça. Na Áustria, eles são mais fechados. Na Espanha, não, eles já são mais abertos, mais receptivos, naturalmente como os brasileiros são.

João Paulo, por sua vez, relatou um episódio de racismo sofrido no futebol italiano, em que torcedores do Verona “faziam som de macaco”. Disse em seguida que na região “norte” da Itália “sempre tem” atos parecidos, pois “quando você pegava na bola, eles começavam a fazer uma pancada de preconceito, de racismo.”. Considerando essas experiências no futebol italiano, voltou-se para a realidade brasileira e julgou: “Eu acho que aquilo [na Itália] é... totalmente diferente.”, uma vez que no Brasil nunca se deparou urros simiescos quando jogou nos clubes brasileiros. Conforme relatou:

Na Itália, tinha racismo. Lá em Verona, uma vez que nós fomos jogar, quando pegava na bola, eles faziam som de macaco. Foi só uma vez também, depois pararam. Joguei várias vezes lá e foi só essa vez... E naquele dia nós ganhamos de quatro ainda deles, eles ficaram quietos. Dentro do Bari, ninguém tocou no assunto... Mas tinha uma coisinha assim mesmo, principalmente naquele lado de Verona. No norte sempre tem, né?!... Depois desse caso, aí proibiram, cortaram tudo e ficou tranquilo... Então, dentro do jogo tinha racismo. Quando você pegava na bola, eles começavam a fazer uma pancada de preconceito, de racismo. Faziam uns sons... mas

eu nem ligava pra essas coisas, não... Naquela época, tinha isso na Itália. Hoje ainda existe um pouquinho, mas diminuiu bastante.

Aqui no Brasil, nunca aconteceu, nunca tive problema nenhum, não... Outra torcida xingar é normal. Quando você vai jogar fora, os caras te xingam, mas xingam porque está jogando contra o time deles... Aqui acho que nem tem racismo. Tem, assim: os torcedores te xingam às vezes de alguma coisa, masss... Não tem, não. Igual lá fora não tem, não. Eu acho que aquilo é... totalmente diferente.

Outros entrevistados, porém, tão logo abordaram o racismo nos países europeus em que atuaram, fizeram questão de falar do racismo no Brasil, de modo a esclarecer que também somos um país racista. Paulo Sérgio, por exemplo, sustentou: “o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa enfrenta-se no Brasil também.”. A fim de explicar, ilustrou com uma situação em que uma pessoa é vista chegando a uma loja com um carro barato ou com um carro caro. O tratamento do atendente, segundo ele, mudaria conforme o poder aquisitivo da pessoa. A ideia passada nas entrelinhas é que o “dinheiro embranquece”, como se o problema racial desaparecesse com a classe social ou com a ascensão econômica. Tal como narrou:

Eu tenho uma tese sobre racismo: o mesmo racismo que nós enfrentamos na Europa enfrenta-se no Brasil também. Vou te dar um exemplo: se você entra em uma loja com um Fusquinha, é tratado de uma forma; se você entra com uma BMW, é tratado de outra. No Brasil, é a mesma coisa...

Ewerthon, do mesmo modo, afirmou taxativamente: “Nós somos um país extremamente racista, essa é a grande verdade”. Disse em seguida haver, além do racismo, vários preconceitos no Brasil e que toda a questão gira em torno da “educação”. Considerou, assim, que, mesmo sendo racistas, “eles [europeus] te respeitam” e os brasileiros “não”, um argumento que dialoga com o que foi dito por Djalminha. Vejamos:

E não é só lá, aqui dentro do Brasil também. Nós somos um país extremamente racista, essa é a grande verdade. Quando eu digo “racista”, eu quero dizer que nós somos racistas em relação à classe social, à cultura, à raça. Esse é o desnível do nosso país. A gente não pode mentir. Então, eu digo assim: eles são, mas eles te respeitam. Aqui as pessoas são e não te respeitam. Infelizmente, é assim. Não é que o nosso país seja pior, não é. Eu acho que ééé... a educação. Eles são educados de uma forma e nós somos educados de outra. São coisas que existem no mundo, em geral. É claro que aqui a proporção é maior porque o nosso país é mil vezes maior do que o país deles... Mas eu não me apego a essa coisa, não, eu nunca me apeguei a esse lado, não.

Um terceiro grupo de entrevistados, vamos dizer assim, julgou que o racismo no Brasil se dá numa “intensidade maior” do que exterior, ou pelo menos disseram ter sido discriminados mais vezes “aqui” do “lá”. Roque Júnior e Cláudio Caçapa, por exemplo, relativizaram argumentando que não só viveram por mais tempo como passaram a infância no Brasil, uma fase da vida em que não eram reconhecidos na sociedade. Betão, por sua vez, de

maneira parecida com a visão de Djalminha, no referido trecho, disse que ter sentido por parte dos ucranianos um “preconceito na maneira de olhar”, enquanto que dos brasileiros sente “mais na maneira de falar”. Na sequência, também relativizou a experiência na Ucrânia não só por ser uma pessoa pública como por ter alcançado “respeito” e “admiração” em virtude de ter aprendido a falar russo. Em suas palavras:

Existe, acho, até numa intensidade maior do que na Ucrânia, porque lá eu sentia o preconceito na maneira de olhar; aqui no Brasil, já é mais na maneira de falar, entendeu? Então, sofri racismo por parte de torcedores, mas nunca algum jogador chegou até mim e me insultou aqui. E lá na Ucrânia, como eu alcancei um respeito e uma admiração muito grande por todos, não só do Dínamo mas também pelos outros clubes e até torcedores, justamente porque eu dava entrevista em russo, eu não sentia preconceito. Agora, as pessoas que não eram do futebol poderiam ter isso contra mim...

Em tom colérico, Júlio César demonstrou-se incomodado tanto com o tema quanto com a pauta por parte da imprensa, e minha também, em discutir a “discriminação na Europa” após ter vindo à tona inúmeros casos de racismo envolvendo brasileiros nos campeonatos europeus. Afirmando com outras palavras ser este um problema mundial, citou “as maiores discriminações” existentes entre as populações de distintas regiões e estados do Brasil. Parecendo conclamar a atenção pública para as nossas causas, vociferou: “A discriminação nossa está aqui. A maior discriminação hoje que tem no mundo é nossa aqui.”. De acordo com o entrevistado:

Todo mundo tem a sua discriminação... Aqui nós temos, Sul com o Norte, Norte com não sei o quê... Tem uma discriminação fodida! Paulista com carioca, carioca com mineiro, mineiro com baiano, baiano com cearense, nordestino com... Ahhh, pô, nós vivemos num país ondeee... as maiores discriminações estão aqui! Aí, tem gente que quer falar da discriminação na Europa. Para, gente! Olha aqui:

— Ó, é nordestino. Ah, é paraibano. Ah, é não sei o quê...

Gente! E aí? A discriminação nossa está aqui. A maior discriminação hoje que tem no mundo é nossa aqui.

Paulo César Lima, por sua vez, fez a mesma avaliação, tanto em relação ao Brasil, quanto em relação ao Rio de Janeiro, sua própria cidade natal: “Pra mim, o povo mais preconceituoso, acho que um dos mais preconceituosos do mundo é o brasileiro. Carioca, então, pra mim é o pior, é o mais racista. E é o povo mais sem-educação. Tô falando da minha cidade, entendeu?”. Tendo como referência de combate ao racismo a Lei Afonso Arinos, datada de 1951 – para a qual, cabe dizer, a prática de atos resultantes de preconceitos de raça e cor era apenas uma contravenção penal, e não um crime –, não é de se estranhar que Junior,

mais uma vez em opinião oposta à de Paulo Cézar, tenha feito uma leitura sobre o Rio de Janeiro fundamentada na ideia de democracia racial:

Isso aqui no Rio de Janeiro, praticamente, não tem. Acho que, se aplicaram aqui a Lei Afonso Arinos, foi pouco. Às vezes, a gente brinca lá com o nosso baraqueiro da praia, um negão forte. Os caras pra sacanear falam:

— Ô, seu crioulo?

— Olha a Lei Afonso Arinos, hein!? Vou na delegacia da...

Se leva muito pra esse lado. Porque a miscigenação no Rio de Janeiro, ela é muito grande, né? A convivência entre negros, brancos e mulatos é muito grande. Grande mesmo!

A proposta não era e não é, evidentemente, comparar o racismo brasileiro com os racismos nos países europeus, haja vista que não existem “bons/melhores” nem “maus/piores” racismos. Todos são igualmente ruins e vitimizam pessoas. Fiquemos, então, com a frase dita por Roque Júnior: “O racismo é racismo em qualquer lugar.”.

Quase todos os entrevistados relataram casos de racismo ocorridos no futebol europeu, tanto com eles quanto com seus colegas de profissão. A maioria desses episódios citados se referia a atos praticados por torcedores, enquanto poucos foram manifestados por jogadores de futebol. Vários foram os países onde ocorreram: Espanha, Itália, Alemanha, França, Grécia e Holanda. Excetuando quatro atos praticados por torcedores, todos os demais descreveram os conhecidos urros de macaco ocorridos durante as partidas de futebol. Das quatro manifestações diferentes, uma remetia ao uso de faixa (Junior, torcedores da Juventus) e outra ao de banana inflável (Gilberto Silva, torcedores do PSV) por torcedores adversários dentro de estádios de futebol; e outras duas referiam-se às situações fora de jogo praticadas por torcedores do próprio clube, sendo uma relativa às pichações no muro do centro de treinamento (Paulo Sérgio e Cafu, torcedores da Roma) e outra à manifestação contrária à contratação do jogador (Zé Maria, torcedores do Verona).

De todas essas situações, apresento e analiso quatro delas. A primeira ocorreu com Gilberto Silva em um jogo da *Champions League* entre Arsenal e PSV, na Holanda⁴⁸⁸. No intervalo da partida, percebeu que o francês negro Henry “chegou muito agitado ao vestiário”. Como “ainda não falava inglês direito”, perguntou ao brasileiro Edu “o que estava acontecendo” e, então, soube que o motivo era urros de macaco vindos de torcedores do clube

⁴⁸⁸ Vítimas: jogadores negros do Arsenal, em especial Henry. Agressores: torcedores do PSV Eindhoven. Partida: PSV Eindhoven 0 x 4 Arsenal. Campeonato: *Champions League* 2002-2003. Local: Eindhoven (HOL). Data: 25 set. 2002. Cf. ARSENAL..., 2002.

holandês. De acordo com o jogador, não percebeu porque a “minha preocupação era o jogo”, frase repetida por alguns entrevistados, conscientes ou não do insulto racial sofrido. Gilberto Silva em pouco tempo vai do desconhecimento à indiferença em relação às atitudes dos torcedores. Admitiu, ao final, não saber como reagiria se sofresse um “preconceito direto”, dizendo que procuraria “saber lidar com a situação”. Guardemos essas dúvidas do entrevistado. Conforme ele mesmo narrou:

Diretamente, pelo menos no início, eu não percebia isso comigo. Até porque, no meu time tinham muitos negros: africanos e franceses negros com origem africana. Então, eu não sentia muito essa diferença. Eu sabia que existia esse problema de racismo na Europa... Uma vez que foi muito forte aconteceu em um jogo na Holanda, que nós fomos jogar contra o PSV. Eee... no intervalo do jogo, o Henry chegou muito agitado ao vestiário. Eu ainda não falava inglês direito, e eu perguntei ao Edu o que estava acontecendo. Aí, ele me falou que o Henry estava bravo porque a torcida estava fazendo som de macaco:

— Uh, uh, uh, uh! — aquela coisa.

Mas, eu estava tão ligado no jogo que nem percebi isso. [...] A minha preocupação era o jogo. Então, eu não estava nem preocupado se estavam me chamando de macaco, me chamando de negro ou imitassem macaco, o som de macaco... Pra mim era indiferente, meu foco era o jogo... Se eu sofrer algum preconceito direto assim, eu não sei qual vai ser a minha reação, entendeu? Espero que, primeiro, isso nunca aconteça; e que as pessoas deixem isso de lado. Mas, se um dia isso acontecer... eu vou ver como vou reagir perante uma situação dessa. Acima de tudo, vou procurar ter sabedoria para saber lidar com a situação. A gente sabe que essas situações ainda existem, não só na Europa, mas também aqui no Brasil e em várias partes do mundo.

A segunda situação vem a partir dos estímulos que fiz a Júlio César para que ele aprofundasse uma fala dita no começo da entrevista em que afirmara ter tido “problema de discriminação racial no campeonato italiano”. Era uma informação da qual já tinha tomado conhecimento antes através de notícias na *internet*, inclusive o futebolista era na época o único negro do elenco da Juventus. Como se trata de um tema tabu, e por perceber o tom narrativo de Júlio César no decorrer da entrevista até então, retomei uma frase dele próprio, tentando ser o mais cuidadoso possível na abordagem. Conforme sua reação, o assunto parecia estar incomodando. De todo modo, ele expressou seus sentimentos e pensamentos acerca do racismo no futebol.

Júlio César disse que sofrera “com piadinha de jogador adversário”, visto como “normal”, assim como no Brasil que “está cheio”. Não demonstrou se incomodar com os insultos vindos da arquibancada, aliás criticou o jogador brasileiro Daniel Alves por chamar a atenção para a discussão, posto que “aconteceu uma vez” em “dez anos no Barcelona”. Aparentemente, o fato ocorrera com ex-zagueiro por várias vezes e vindo de vários atores do universo do futebol, haja vista que deixou no ar: “se eu for sair brigando com torcedor e todo

mundo...”. Transpareceu ter tolerado as “piadinhas” dos colegas de profissão, mas não as discriminações verbalizadas tête-à-tête. De acordo com ele: “Com respeito, se trata com respeito. Com ignorância, se trata com ignorância.”. A mensagem ao final sugere ser a explicação para ter suportado tamanha ofensa: sua “origem sofrida, pobre e tal, aquelas coisas. Não tem nada que me assusta, não.”. Nada parece ter sido capaz de mudar o seu objetivo de ascender socialmente. Segue o trecho de sua narrativa carregado de indignação:

Como foi na Itália? Ah, não, foi normal. Normal, como tem aqui no Brasil também. Está cheio aqui também. Mas nada... Foi em campo, às vezes com piadinha de jogador adversário, essas coisas assim... Como eu encarava? Ih, filho, aqui dentro não tem cor... Por baixo da pele não tem cor. Lá dentro são onze contra onze, e aí? Quem tiver melhor fisicamente, tiver mais personalidade... Ele pode achar o que ele quiser! E aqui no Brasil existe também. Acho que não vale nem a pena você ficar comentando de “Ah, da Europa e tal...”. Aqui no Brasil está cheio disso daí, ó!

Eu nem ligo para isso daí. Eu nem entro nessas conversas porque isso pra mim é ridículo... Embaraça esse tipo de comentário. Isso aí pra mim é uma... bobeira. O homem tem que ter personalidade independente de qualquer coisa...

— Ah, existe.

— Isso é problema seu, filho.

Entendeu? Não vindo por o dedo na minha cara e querendo me menosprezar...

— Ah estava na arquibancada, o cara xingou lá.

— Pode xingar.

Aí tem gente que vem falar:

— O cara jogou banana para o Daniel Alves.

— Ah, gente... o Daniel ficou dez anos no Barcelona, aconteceu uma vez e fica dando ênfase a essa situação. Pô!

Pra mim quem comenta essas coisas é muito mais do que... para! O cara ficou dez anos no Barcelona, aconteceu uma vez com o cara, e tem cara que já começa a falar:

— Isso é racismo, discriminação e não sei o quê...

— Ah, para!

— Ah, o juiz xingou o outro de negro de...

— Gente!

É lógico que, se o cara chegar na minha cara, e falar, e me ofender, e esse negócio, eu não vou ficar quieto. Lógico que não vou ficar quieto porque não tenho sangue de barata! Mas se eu for sair brigando com torcedor e todo mundo... Cada um fala a sua versão, fala uma história. Ô, gente, para!

Quando aconteceu comigo, ninguém veio falar na minha cara, não. Porque se fala na minha cara eu já vou... A ignorância é tão grande que eu acabo virando ignorante também, entendeu? Acho que a pessoa que tem esse nível aí não pode se tratada com educação. Tem que ser com ignorância também. Com respeito, se trata com respeito. Com ignorância, se trata com ignorância. Acabou. Não tem essa de:

— Ah, você quer levar ao extremo?

— Leva ao extremo, a gente leva ao extremo, não tem problema. Vamos respeitar? Sem problema nenhum, com o maior respeito. Vou retribuir aquilo que você está me dando e vice e versa.

Agora, não adianta... [...] A minha realidade é a minha origem. É o que eu falei: tive aquele momento de dez, quinze anos pra ganhar dinheiro, atingir meu objetivo, mas eu vim de lá de baixo, vim da origem sofrida, pobre e tal, aquelas coisas. Não tem nada que me assusta, não.

A terceira situação ocorreu com Zé Maria em um jogo entre Parma e Perugia. Mesmo ganhando a partida por 5 a 1, um jogador foi atrapalhá-lo na cobrança de uma falta. Na discussão, o atleta disse a Zé Maria: “Sai pra lá negro...”, o que foi recebido com inconformidade. O árbitro da partida ouviu, mas não o expulsou, apenas tentou acalmar o brasileiro. Isso é revelador de como a “cultura do futebol” é permissiva ao racismo, pois, embora o árbitro tenha demonstrado não concordar, não tomou nenhuma atitude contra o jogador do Parma. Zé Maria, ao final, foi quem melhor expressou o limite da tolerância frente ao racismo no futebol, os dois excertos anteriores, tanto quanto outros: “Se o racismo vem da torcida é uma coisa, agora se vem do seu companheiro de profissão, na tua frente, falar uma besteira dessas?!”. Face a face com o racista, é preciso ter “autocontrole” e “contar até mil!”. Nas palavras de Zé Maria:

Dentro de campo, já aconteceu comigo de um adversário me xingar. Foi uma coisa que eu fiquei muito chateado porque aconteceu em Parma. Era Parma e Perugia, esse jogo nós perdemos de 5 a 1, jogamos mal pra caramba... E um jogador do Parma fez uma falta no final do jogo. Quando eu fui bater, ele me segurou e eu falei:

— Cara, para com isso. Pô, vocês estão ganhando de 5 a 1, não tem necessidade disso.

— Sai pra lá negro...

E o árbitro estava a meio metro de distância e me disse:

— Zé, deixa pra lá. Esse cara é ignorante, ele é assim mesmo.

Era o Collina, o melhor árbitro do mundo... Se o racismo vem da torcida é uma coisa, agora se vem do seu companheiro de profissão, na tua frente, falar uma besteira dessas?! Ali, sim, tem o problema de o jogador reagir, que é uma coisa bem direta. Eu tive que contar não foi nem até dez, mas até mil!... Repliquei:

— Cara... não vale nem a pena falar com você.

Não vale mesmo. Se eu fosse um cara com a cabeça um pouco mais quente, teria reagido ali no campo e seria pior pra mim porque eu seria expulso e ninguém saberia o que ele me falou. O árbitro escutou, mas não falaria nada. Se ele quisesse fazer alguma coisa, teria expulsado o cara... São detalhes que um jogador negro precisa ter autocontrole, senão acaba se perdendo...

A quarta e última situação apresentada acometeu Ewerthon. Em um mesmo trecho, o entrevistado relatou ter sofrido vários casos no futebol espanhol, em Málaga, Madri, Coruña. Todos esses, atos racistas praticados por torcedores, que “fizeram som de macaco”. Duas outras “passagens” foram destacadas: uma com o camaronês Eto’o, outra com ele mesmo, que fora insultado pelo jogador espanhol Apoño. Sobre a primeira, Ewerthon demonstrou sentir orgulho por fazer Eto’o, que era do time adversário, “repensar” a decisão de “abandonar o jogo”, sob o argumento de que ele não poderia “dar esse gostinho” aos torcedores. Além disso, falara que a “ofensa” dos torcedores do próprio time também o “atingia”, assim como a “todos os negros”. A melhor resposta era “jogar”. A respeito da segunda “passagem”, Ewerthon precisara ser contido pelos companheiros do time após um jogador adversário insultá-lo racialmente. Vejamos a fala do jogador:

Na Espanha, esses gritos racistas de torcedores eram direcionados a mim. Eu tive uma passagem, inclusive, com o Apoño, que jogava no Málaga... Tive uma passagem com o Eto’o também, que nós estávamos jogando a Liga Espanhola, e num determinado momento o estádio praticamente inteiro começou a fazer som de macaco para ele, e ele ia abandonar o jogo, não queria jogar mais. Aliás, recentemente, um ou dois anos atrás, quando ele ainda estava no Anzhi, ele até acabou citando o meu nome, porque eu o fizera repensar no que estava acontecendo naquele jogo. Eu cheguei nele e falei:

— Olha só, você vai parar de jogar por quê? Por causa desses babacas? – porque pra mim são babacas, desculpa-me, não gosto de usar esse tipo de termo, de palavra de baixo calão – Por causa dessas pessoas?

E completei na sequência:

— Grande aqui é você! Então, faz o seguinte: joga. Não dá esse gostinho pra eles. Do outro lado, que é o lado que eles torcem, que eles comemoram, também tem negro – aponte para mim – e aí? Do mesmo jeito que eles estão te ofendendo, estão me ofendendo também. Eu também sou negro.

Dentro disso, ele repensou a situação e acabou terminando o jogo. Depois da partida, eu disse que era lamentável porque não estavam fazendo isso com o jogador Eto’o e, sim, com o cidadão. E quando se faz isso com o cidadão negro, atinge a todos os negros: ele é negro, eu sou negro, meu filho é negro, meus pais são negros... Fere-se o cidadão, a pessoa, não o jogador. O jogador pode ser bom, pode ser ruim, pode ser “amarelo”, pode ser “preto”, pode ser o que for, mas é a educação do cidadão. Enfim, foi esse fato que aconteceu na Espanha e foi marcante.

Fui jogar em Málaga e a torcida fez som de macaco, fui jogar em Madri e foi a mesma coisa, fui jogar em Coruña, a mesma coisa. Só que euuu... nunca propus:

— Ah, vamos fazer não sei o que contra o racismo.

Esta aí! Racismo é todo dia, não acontece só com jogadores de futebol, acontece com qualquer cidadão. Infelizmente, é assim. E o caso do Apoño foi que, num determinado momento dentro da partida, ele me chamou de “macaco” e “negro de merda”. Aí é um pouco complicado, né?! Porque me chamar até de “macaco” eu não vou nemmm... agora “negro de...”?! Aí dentro do calor do jogo, teve aquele episódio. Depois da partida, já de cabeça fria, eu nem acabei fazendo nada, nem

comentando muito sobre esse assunto. Mas são coisas que acontecem, infelizmente acontecem.

Diante desses e de tantos outros casos de racismo, seja no futebol, seja na sociedade, seja na Espanha, seja no Brasil, Ewerthon parece ter sido desencorajado a combater o racismo. Tudo, assim, é um convite a “deixar de lado” (SCHWARCZ, 2001, p. 56): a recorrência dos episódios, as diferentes alegações, a falta de seriedade no combate por parte dos dirigentes esportivos e das autoridades policiais e jurídicas, a aplicação de penas irrisórias (mesmo diante do flagrante e das gravações das partidas), a falta total de apoio (seja dos jogadores, treinadores e dirigentes, seja dos empresários e dos próprios familiares, que acham que a denúncia pode prejudicar a sequência da carreira) e a “cultura do futebol”, da qual os insultos “fazem parte do jogo” ou “o que acontece dentro de campo é dentro de campo” (frases retiradas das entrevistas realizadas com Jair da Costa, Júlio César, Djalminha e com o próprio Ewerthon).

Em vista desse quadro pessimista, como os futebolistas entrevistados veem as medidas antirracistas tomadas pela FIFA e UEFA? Betão apresentou uma visão realista sobre esse assunto. Ele entende que a UEFA não “se empenha realmente pra acabar com o racismo”. Para ele, “as campanhas são apenas ummm... cala a boca”. Até acredita haver “grupos isolados” empenhados na causa, mas que não têm “força” nem “apoio” para “chegar à cabeça do poder”. Conforme relatou:

Para ser bem sincero, eu não acho que a UEFA se empenha realmente pra acabar com o racismo. Eu acho que as campanhas são apenas ummm... cala a boca:

— Ah, vamos fazer aqui um movimento, pelo menos os que se sentem atingidos vão ver que a gente está fazendo alguma coisa.

Eu acho que não é o foco, não é o principal objetivo acabar com o racismo. Acho que tem pessoas e grupos isolados que estão empenhados, mas talvez não eles tenham tanta força, tanto apoio que precisam pra chegar à cabeça do poder e falar:

— Vamos brigar por isso!

Entendeu?...

Na concepção de Luís Pereira, as medidas têm de ser outras. Punição pecuniária é “fácil” dos clubes pagarem. Tem “que proibir, que perder ponto”, “perder o mando de campo”. Esta última, para ele, é a ideal, pois pode redundar em um descenso. Falou, inclusive, de uma “educação” da “própria torcida”. Ainda que não tenha usado a palavra “ultras”, ele deu a entender que tais torcedores “praticamente, todo mundo conhece”. Assim sendo, não se pune por falta de vontade. Segue o trecho com seu leve sotaque espanhol:

Eu vejo que as medidas contra o racismo estão certas. Eu acho que tem que proibir, tem que perder ponto. Por que eu digo perder ponto? Porque uma competição que está *jogada*, mas sim perder o mando de campo. Só se for por isso. Sou a favor que até se eduque a própria torcida, tem que educar. É difícil, mas acho que tem que ter uma penalização não de dinheiro, porque dinheiro os clubes pagam fácil. Se tu perder o mando de campo, na situação que está no momento, e se considerar que é difícil você perder *un partido* em casa, tu vai perder tudo e tu pode descer para a segunda divisão. Entende? E aí, é claro, que os próprios, dirigentes vão conversar com os próprios torcedores, porque são torcedores que, praticamente, todo mundo conhece.

Cláudio Caçapa, por sua vez, mostrou-se cético quanto às medidas antirracistas: “pouco importam”. Para ele, a multa em dinheiro é possível de ser paga, e “a pessoa pode fazer de novo”, ou seja, voltar a cometer racismo. A medida que inibe novos atos, a seu ver, é o banimento do torcedor racista. Além disso, “precisa ter leis mais severas”, porém, advertiu, “que se cumpram”, senão é a mesma coisa que “não existisse”. Parecendo pessimista quanto à aplicação de suas próprias propostas, disse finalmente que o “essencial é esnobar”, isto é, mostrar ao torcedor racista que o jogador “não está nem aí” para o que ele faz na arquibancada.

Algumas são medidas que pouco importam, né?! Eu acho que, para acontecer, tem que achar os culpados e banir do futebol para dar o verdadeiro exemplo. Por quê? Se você tira de um, de dois, de três jogos, não resolve. Se faz pagar uma multa de 500, de mil ou de 10 mil reais, a pessoa pode fazer de novo. Agora, se você banir essa pessoa do futebol, todos os amantes do futebol vão pensar duas, três, cinco vezes antes de fazer, porque eles vão lembrar daquele caso:

— Olha, o cara foi banido ou a cidadã lá foi banida porque fez isso.

Então, eu acho que precisa ter leis mais severas, não simplesmente as leis que existem, mas leis que se cumpram porque, senão, se você não cumprir a lei, é a mesma coisa que se a lei não existisse. É algo triste? É, mas eu acho que, quanto mais você fala, argumenta, fica chateado, fica com isso, você está dando crédito para a pessoa que fez. Eu acho que o essencial é esnobar, é esnobar. Aí, sim, eles vão sentir:

— Nossa, cara, ele não está nem aí. Eu fiz isso e ele não está nem aí.

Ao abordar o assunto, Roque Júnior também concordou, como era de se esperar, com a existência da punição “para esses atos racistas”. Pensando na realidade brasileira, disse, inclusive, que o combate ao racismo no futebol pode “ajudar a fazer o papel inverso”, ou seja, a combater o racismo na sociedade. Do mesmo modo que Caçapa, criticou a não punição dos atos, dando a entender que a impunidade encoraja o racista. Adiante, demonstrou uma visão progressista sobre as medidas: “antes não tinha”, “hoje passa a ter” e futuramente pode “cobrar uma punição mais forte”, as quais fazem parte de um “lento processo”. Falou do papel que pode ser ocupado por pessoas de “dentro do futebol”, cuja “cobrança” nesse tocante “tem um peso grande”. Quase ao final da entrevista, retomou o assunto ao comentar um caso de

racismo em que um torcedor do clube em que trabalhava como dirigente, o Paraná, insultou um jogador do São Bernardo. Na ocasião, ele defendeu o jogador adversário, uma atitude raríssima no universo do futebol espetacular. Nesse sentido, ele trabalhou para identificar o torcedor, o que conseguiu. Quando se tem vontade, os casos não ficam impunes, nem mesmo em clubes pouco estruturados, como o Paraná. Seguem suas serenas palavras:

Eu acho que tem que existir essa punição para esses atos racistas. Se você não consegue, de certa forma, combater o racismo fora – pelo menos aqui no Brasil, é velado isso –, de repente você consegue fazer o inverso. O futebol é o que todo mundo está vendo, então essas medidas podem ajudar a fazer o papel inverso também, de combate. Ou, se o cara é mesmo racista, ele não vai fazer aquilo porque sabe que ele vai sofrer uma punição. Porque, se fizer esses atos racistas e não sofrer punição...

[...] Tem que haver punição e, claro, cada vez mais ela deve ser mais forte para realmente punir. Eu acho que nós já estamos numa evolução, porque antes não tinha. Hoje passa a ter. Agora nós vamos, de repente, passar a cobrar uma punição mais forte. Antes você não tinha o crime de racismo, hoje você tem. Hoje você tem que punir. Então, eu acho que é lento o processo, mas ele tem que acontecer. Nada se muda mesmo de um dia para o outro. Às vezes você fica querendo mudar logo, você tem que lutar realmente, tem que lutar para que isso mude. E está mudando. Eu acho que tem umas questões que vêm acontecendo e que têm tido a punição. Isso vai cada vez mais, com certeza, ter uma pena maior, porque cada vez mais tem gente dentro do próprio futebol que não suporta isso, que é contra. E essa pessoa falando cobrando mais tem um peso grande.

[...] Racismo é mais grave do que eu defender o clube em que trabalho, né? Claro, você tem que identificar o torcedor, mesmo que seja do seu clube. O clube que identifique, então. Se é assim, eu acho que tem toda a situação para identificar o torcedor e aí punir o cara. Naquele caso ocorrido no Paraná, o clube conseguiu fazer isso. E viram que não era o ingresso do clube, era o ingresso que eles passavam ao patrocinador, então foi identificado o torcedor. O clube, se quiser, consegue. Então, isso, o clube não precisa ficar com a culpa, é só apontar o responsável. É por aí.

Ainda acerca dessa discussão, Gilberto Silva seguiu o caminho indicado por Roque Júnior, qual seja o de que o “futebol pode e deve ocupar um espaço na sociedade”, “um papel social de conscientização”, sendo o “jogador” uma figura importante para transmitir uma “mensagem” que é potencializada pela “mídia” em torno do futebol. Vejamos o que ele disse:

O futebol pode e deve ocupar um espaço na sociedade porque é uma ferramenta muito importante. Ela gera um impacto muito grande porque tem mídia. O que o jogador faz no futebol, a mensagem que ele dá, muita gente vai ver, vai ouvir. A informação, ela chega rápido. Esse é o papel que o futebol tem que fazer, um papel social de conscientização, para que a gente não só contribua dentro de campo com o futebol, mas com o lado social. Isso é importante, até para a gente se sentir bem também, como parte da sociedade.

Seria o “jogar”, do qual falou Ewerthon, a contribuição do jogador para a sociedade? Seria a resistência ao racismo por dentro do futebol? Seria a melhor forma de combatê-lo? A melhor resposta? Partindo dessas indagações, voltei-me para o conjunto das histórias orais de

vida dos futebolistas brasileiros negros entrevistados a fim de encontrar outros indícios que me apontassem caminhos. Um discurso que permeia quase todas as narrativas é o do profissionalismo. Júlio César, em especial, fez dele a escada para a aspiração social, sobrepujando os obstáculos enfrentados, dentre eles o racismo. Paulo Sérgio, no entanto, via profissionalismo, demonstrou almejar tanto a ascensão social, que o permitisse sair de uma condição de pobreza, quanto o reconhecimento de seu trabalho pelos europeus. Nesse sentido, “focou” nos seus “objetivos” e foi “até o final”, mesmo “diante de todas as adversidades”, a fim de mostrar “para as pessoas que estava ali para conquistar o meu espaço”, para “conquistá-los”. Conforme suas próprias palavras:

São pessoas [alemães] que veem em mim seriedade. Então, tudo isso foi conquistado com muito trabalho. [...] Enfim, são coisas [racismo] que nunca me abalaram. Eu sempre superava com a minha parte técnica e tática dentro de campo e mostrava para as pessoas que estava ali para conquistar o meu espaço. Se fosse me abalar por causa dessa questão de racismo, não estaria onde eu estou hoje, não teria o que eu tenho hoje... [...] O mais importante é que, independente da cor, você sabe da sua qualidade, do seu potencial. [...] Nós ficamos tristes com tudo isso! Tristes com tudo isso... Mas você não pode deixar de viver, de sobreviver por causa dessas coisas. Precisa focar nos seus objetivos e ir até o final, independente do que as pessoas vão falar ou até pensar. Tem que continuar focado porque só assim vai conquistá-los. Senão, vai fazer o que as pessoas querem, que você desista. Então, diante de todas as adversidades, continuei focado no meu objetivo.

Além do trabalho, outra resistência ao racismo que atravessa invariavelmente as narrativas é “o jogar”. Através da qualidade técnica, os entrevistados buscaram justificar a sua contratação, a sua ida ao exterior, a sua permanência, o seu lugar no futebol. “Ganhar o jogo/campeonato”, “driblar” e “fazer o gol” são as respostas aos insultos sofridos. Vejamos como isso está presente nas várias histórias orais de vida:

Luís Pereira:

Se acontecer isso, eu dou risada. Eu mato rindo. Agora, se tu comprar uma briga, o prejudicado é você. Então, aí tem que entrar por aqui e sai por aqui. Entende? Ah, nós estávamos comentando agora a pouco do jogo do Palmeiras e Corinthians, jogado no Pacaembu. Aí a torcida do Corinthians começa a me xingar quase no minuto final, 43 minutos. Estou lá atrás, e sai um escanteio. Os caras:

— Lui-sãão viaaa-do!

Eu comecei a olhar pra eles e falei:

— Espera. – fiz sinal com a mão

E fui, cabeceei, *meti o gol*, voltei e falei:

— Vamos! – chamava a torcida.

Ah, os caras não aguentam. Os caras não aguentam porque é um tipo de uma brincadeira que tu está fazendo, sabe?

— Vamos, aplaude aí! *Meti um gol*. Aplauda aí!

Os caras ficavam loucos, sabe?

Paulo Sérgio

No começo, a relação com os jogadores também foi muito difícil! Eles tinham inveja... Porque você vai pra tirar o espaço deles, o espaço de um outro alemão. E eu cheguei num período em que quatro anos antes tinha caído o Muro de Berlim. Muitas pessoas da Alemanha Oriental, desempregadas, estavam indo pra Alemanha Ocidental. Então, enfrentei oposição de muitos jogadores. Eu lembro que tinha um deles que, quando chegava perto de mim, virava e tocava a bola pra outro. Não fazia isso porque era negro ou alguma coisa desse tipo, mas por ser estrangeiro e estar ocupando o espaço deles. Foi assim até o momento em que, como frisei pra você, comecei a aprender a língua. Aí, as pessoas começaram a me respeitar.

Não era só eu que sofria isso. Tanto é que, na época, tinham até jogos de estrangeiros contra a Seleção da Alemanha. Quando nós nos reuníamos e tal, era um momento muito descontraído, porque queríamos *ganhar dos alemães*, né?!

Amoroso:

Ah, uma vez, quando eu estava machucado, em Parma, eu fui a um restaurante com a minha esposa, e uma senhorinha fez um comentário também. Hoje é até engraçado, mas na época foi duro. Nós estávamos comendo, e ela sentou-se em uma mesa ao lado. Ao me olhar, falou em italiano:

— *Settanta milioni de lira per stare lì seduto, per non fare niente*.

Só que ela não imaginava que o italiano para mim é igual ao português. Traduzindo, seria: “Setenta milhões de liras – que era a moeda italiana na época, o que convertendo daria 35 milhões de euros – para estar ali sentado sem fazer nada.”. Nossa! aquilo... me subiu o sangue na cabeça. Pô, eu estava machucado. A gente, os jogadores, não tem culpa de se machucar. Não é que eu estava ali por querer, não é? Eu a mirei pra dar uma resposta, mas a Raquel me acalmou:

— Não, fica tranquilo, calma. Você vai *dar a resposta dentro do campo*. Fica sossegado que você vai voltar.

Daí eu deixei passar. Lá na frente acabei *fazendo uns golzinhos* no Parma. Perdemos uma final de Copa da Itália, mas depois *ganhamos a Supercopa Italiana*. Então, acabou ficando elas por elas mesmo. No final, essa senhora deve ter pensado: “Pelo menos um título ele ganhou aqui. Está bom.”...

João Paulo:

Na Itália, tinha racismo. Lá em Verona, uma vez que nós fomos jogar, quando pegava na bola, eles faziam som de macaco. Foi só uma vez também, depois pararam. Joguei várias vezes lá e foi só essa vez... E naquele dia nós *ganhamos de quatro ainda deles*, eles *ficaram quietos*. Dentro do Bari, ninguém tocou no assunto...

Zé Maria:

Eu não conversava sobre isso com ninguém. Nunca dei muita ênfase para essas coisas... Parar um jogo é deixar essa pessoa ganhar. O Milan, naquele caso, parou o amistoso. Era o objetivo do cara, ele não queria ver o jogo. Foi lá pra xingar, pra atrapalhar e conseguiu alcançar seu objetivo... Falava sempre:

— Entra por um ouvido e sai pelo outro, ou nem entra por aqui!

Ou eu tentava dar alguma coisinha a mais e o *sacaneava dentro de campo*, no bom sentido é claro, *fazendo meu time ganhar...* A torcida da Lazio também é racista, eles ficavam xingando. Eu *ganhava da Lazio toda hora, fazia gol e tirava um barato deles*. Então, você pode responder de outro jeito e mostrar: “Poxa, o que você está falando não me interessa. Eu vou pelo meu caminho.” Não ligo para essas bobagens. Não vejo diferença entre um branco, um japonês, um preto, um mulato... Pra mim, é todo mundo igual. Isso nunca me afetou.

Junior:

Lá na Itália, uma vez a torcida da Juventus botou uma faixa assim: “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”. Tomaram uma multa de não sei quantos mil dólares e nunca mais... Isso eu estou te falando em 24 anos atrás. Eu nem vi a faixa pra te dizer a verdade! Só vim saber depois do final do jogo:

— Pô! Você não viu a faixa?

— Que faixa?

— Tinha uma faixa lá na torcida da Juventus te xingando de negro sujo. – porque botaram a faixa e, logo depois, tiraram.

— Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.

E não me senti mal por causa disso, não! Pelo contrário, *ganhamos o jogo ainda!* Que engraçado! Primeira vez depois de tantos anos que o Torino ganhava da Juventus. Então, teve um sabor melhor ainda. Brinquei:

— Pô! Tomara que volte essa faixa! Que deu sorte, hein?!

Tem que tomar por esse lado! Então, pra te dizer a verdade, essa vez lá de Torino foi a única que vivi isso na pele, mas superficialmente. Depois, é que eu fui ver no jornal a faixa.

Achava que isso jamais poderia acontecer!...

Paulo César Lima

Nunca ouvi, nunca ouvi, honestamente. Nós ouvíamos negro... mas não era um negro por ser negro, negro preconceituoso, nunca... Não, não tinha... palavra de honra, não tinha. Mas tinha o preconceito, eu sabia que tinha. Eu acho que depende, também, muito do teu comportamento, da tua educação. Então, *eu me impunha não só pelo meu talento, mas pela minha educação e pela minha personalidade*. Eu

vinha atropelando, entendeu? E atropelava o preconceito e o cara que me discriminava. Eu não dava chance pra ele me ofender, me chamar de “preto”, de “negro”. Podia até chamar, mas pessoalmente... E no comportamento da torcida igual, entendeu? *Eu jogava futebol*, eu nunca dei pontapé, nunca agredi ninguém. *Eu desfilava a minha arte*, então isso, quer dizer, mexia com as pessoas. E eu não tinha um futebol agressivo como é hoje.

[...] Tinha o preconceito, mas não em relação a mim, ao meu comportamento, nada. Eu não era uma pessoa agressiva, *meu futebol era um futebol de drible, de arte, de toque de bola, de domínio, de balãozinho, de embaixada*... Não era um futebol agressivo. E eu me vestia bem, eu incomodava nesse ponto. Agora, como ser humano, de jeito nenhum. É. E, além disso, o momento do Brasil também não tinha essa agressividade que tem hoje.

Finalmente, a terceira resistência encontrada diz respeito ao escárnio. Luís Pereira, ainda que tenha demonstrado aspirar um “branqueamento social” (IANNI, 2004, p. 97), atitude comum aos negros de sua geração, “mata” o racismo “rindo”, dizendo: “Branco, eu não sou”. Fala idêntica está presente também na narrativa de Djalminha, porém foi dita de modo sério. Luís Pereira julgou que, “por levar à maneira que eu sempre levei a vida, sempre alegre”, o racismo não o “afetou” nada. De acordo com seu relato:

Se acontecer isso, *eu dou risada*. Eu *mato rindo*. [...] Então, é o que eu te falo, talvez eu não tive essa dificuldade. E se me chamar de negro eu ia dar risada, eu ia falar:

— Branco, eu não sou.

Entende? Branco eu não sou. Mas se me chamar de “café com leite”, eu ficar contente... Porque eu falo que sou das “seis horas”, que ainda está começando a escurecer, eu não sou “da noite”. Mas passou das “seis da noite”, entende? Então, talvez por levar à maneira que eu sempre levei a vida, sempre alegre, sempre... não me afetou nada, nada.

Gilberto Silva demonstrou uma frieza ainda maior. Relatou episódios de racismo ocorridos no futebol grego. Em um deles, atiraram uma banana inflável e a própria fruta, também, para dentro do gramado. Em outros jogos, “com times pequenos”, os torcedores “ficavam imitando macaco”. Ele os “encarava” e, pouco depois, “começava a rir”, a “fazer língua”, “beijava a pele”, reações que deixavam os torcedores “bravos”. Em suas palavras:

Teve caso, não comigo direto, mas em jogos que nós fizemos na Grécia. Em um dos jogos, foi atirada uma banana no Cissé, e até uma banana inflável, uma banana de plástico grande assim, foi arremessada no campo. O jogo, nesse dia, teve uma repercussão muito grande na imprensa. Teve outros jogos com times pequenos que os torcedores ficavam imitando macaco. Eu olhava e começava a rir. Fazia língua para os caras. Aí os caras voltavam a urrar:

— Uh, uh, uh, uh!

Eu olhava e encarava. Eu encarava e, daqui a pouco, começava a rir. Daí, eu fazia língua para os caras. E os caras ficavam bravos, entendeu? Daqui a pouco, eu beijava a minha pele, como quem diz:

— Pra mim, o que você está falando não está me atingindo.

Enfim, é um processo de civilização no mundo, de uma melhora em todos os sentidos, principalmente nessa questão para que as pessoas entendam de vez que ninguém é melhor do que ninguém, independente da cor.

Seriam essas resistências especificidades dos futebolistas brasileiros negros no combate ao racismo no futebol? É o que responderei nas Considerações Finais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os homens não devem apenas saber, eles devem agir.

W.E.B. DuBois

O ponto de partida desta tese foi um trecho de uma entrevista realizada com o ex-jogador Junior (Leovegildo Lins Gama Junior), registrada durante a pesquisa de mestrado. Na passagem em questão, ele retratou uma conversa com um companheiro do Torino em que foi indagado sobre uma faixa de torcedores da Juventus cujos dizeres eram: “Junior, negro sujo! *Sporco negro!*”. A sua reação ao tomar conhecimento do fato veio pela expressão de uma frase significativa: “Ah, eu vivo num país em que a miscigenação é total. Isso aí... não me preocupa por nada.”. Surgiu-me, então, a pergunta fundante desta pesquisa de doutorado: A visão de Junior sobre a questão, nitidamente influenciada pela democracia racial, corresponderia a de toda uma coletividade de futebolistas brasileiros negros que passaram pelas mesmas experiências de migração e racismo? A fim de responder a pergunta propus um estudo sobre o fenômeno do racismo e da xenofobia na Europa tomando por base um levantamento bibliográfico, fontes diversas e, principalmente, histórias orais de vida de alguns futebolistas brasileiros negros que atuaram no continente europeu a partir da década de 1960.

De modo a alicear a tese teoricamente, foi preciso elaborar os conceitos fundamentais que nortearam esta pesquisa, quais sejam: negritude; raça e etnia; preconceito, discriminação e racismo; xenofobia; nação e nacionalismo; migração; e diáspora. Trata-se de termos complexos e polissêmicos, que se interligam, se cruzam, se misturam, se assemelham e, não raro, se confundem. Trabalhar, dessa maneira, os sentidos atribuídos a cada um deles foi etapa necessária para evitar imprecisões e ambiguidades. A partir do referencial teórico, pude avançar a discussão, propondo uma série de perguntas para os temas abordados.

Olhar o tema em perspectiva histórica foi o passo seguinte para compreender melhor minha problemática. Através de um levantamento de fatos relacionados ao racismo, à xenofobia e à migração de futebolistas brasileiros negros, selecionei e apresentei aqueles que julguei mais relevantes para o debate. Como os fenômenos em questão não acometem apenas minha comunidade de destino, fiz questão de salientar episódios que ocorreram com atletas negros e estrangeiros de outros países, tanto dentro quanto fora do futebol. Tratar sobre esses acontecimentos se justificou pela extrema relevância deles no contexto geral e pela influência direta ou indireta no universo do futebol. Utilizei, para tanto, variadas fontes escritas e visuais: jornais, revistas, dados estatísticos, leis, relatórios, discursos, entrevistas, autobiografias, biografias, crônicas, charges, fotografias, documentários, ensaios; algumas

delas disponíveis em suporte eletrônico, outras consultadas em uma bibliografia pertinente (livros, artigos, teses e dissertações).

Nesse longo caminho, tracei um histórico da migração de futebolistas brasileiros para o continente europeu, desde a metade da década de 1920 até hoje. Atentei para os fluxos e os influxos desse movimento, levantando as causas internas e externas ao futebol brasileiro. Dentro desse processo, destaquei, evidentemente, a participação dos jogadores negros e as experiências vividas por alguns deles, bem como por negros de outras nacionalidades, sobretudo com a abertura do mercado futebolístico europeu. A reação das comunidades esportiva e nacional diante desse processo inevitável a partir da década de 1980 foi ponto importante para compreender os fenômenos do racismo e da xenofobia tanto dentro quanto fora da cena futebolística, bem como identificar momentos em que eles se cruzam. Voltei, assim, ao ponto inicial: Quais as experiências vividas nesse contexto pelos futebolistas brasileiros negros que migraram para a Europa no decorrer dos últimos cinquenta, de 1960 até hoje? Como eles encararam e reagiram à discriminação sofrida, fossem por ser negros, fossem por ser estrangeiros? De que maneira essas vivências influenciaram as suas visões acerca do racismo no Brasil? Era chegada a hora de entrevistar alguns desses personagens.

A minha hipótese era que os futebolistas brasileiros negros que migraram para o continente europeu até fins da década de 1970 tenderiam a minimizar o racismo no futebol por terem sido educados no Brasil ainda num período de valorização do discurso da democracia racial, quando a transformação do pensamento de intelectuais e ativistas negros não tinha atingido o grosso da população brasileira. Supus que esses futebolistas tenderiam a caracterizar o racismo no continente europeu como mais claro e segregacionista do que o brasileiro, visto como dissimulado e assistemático. Já os futebolistas brasileiros negros que migraram a partir da década de 1990 tenderiam, por sua vez, a não estabelecer grandes diferenças entre o racismo na Europa e no Brasil, haja vista que foram educados num contexto de redemocratização e de lutas e conquistas dos movimentos negros no Brasil. Depois da experiência de viver no exterior, supus que eles perceberiam o racismo (e os demais problemas sociais) no Brasil de forma mais crítica. De qualquer maneira, tratando-se dos atletas negros migrantes dos anos 1970 ou daqueles dos anos 1990, haveria um afloramento da negritude na Europa, fosse para o “bem” (como sinônimo de ser bom jogador de futebol, o que recai no discurso biologizante), fosse para o mal (sofrer situações mais claras de discriminação racial).

Antes de partir para as entrevistas, cabia justificar e explicar os procedimentos metodológicos utilizados no registro das histórias orais de vida. Se a proposta era realizar um estudo sobre o fenômeno do racismo e da xenofobia no futebol e na Europa, entendi que um dos caminhos mais apropriados fosse entrevistar os protagonistas desse processo histórico, entre eles os futebolistas brasileiros negros que atuaram no continente europeu dos anos 1960, ou quanto antes fosse possível, até hoje. Expliquei em seguida cada uma das etapas de uma pesquisa em história oral, quais sejam: (1) elaboração de um projeto; (2) gravação das entrevistas; (3) estabelecimento do documento escrito; (4) sua eventual análise; (5) arquivamento; e (6) publicação ou devolução social. A escolha pela linha de pesquisa do NEHO se deu pela importância e tratamento dado às histórias e experiências dos sujeitos históricos. A história oral, nessa abordagem, orienta toda a elaboração do projeto de pesquisa, no qual as narrativas resultantes das entrevistas são ressaltadas como o centro da investigação. Dentre os gêneros de história oral, privilegiei a história oral de vida por estar interessado mais nas memórias e experiências do que nas eventuais informações objetivas contidas nas narrativas dos entrevistados. Por lógico, essa escolha implicou um tipo aberto de entrevista, cujos procedimentos são: pré-entrevista, entrevistas, tratamento dos arquivos e sistematização dos dados. Passei, então, a relatar as minhas próprias experiências ao longo da pesquisa, destacando a peculiaridade e a dificuldade de se contatar e entrevistar futebolistas que atingiram grande sucesso profissional, o que acarretou em atraso no desenvolvimento da pesquisa.

Realizadas as entrevistas e feita a passagem do código oral para o escrito, cheguei aos textos transcritos através dos quais pude identificar temas recorrentes e apresentar semelhanças e diferenças nos olhares e nas experiências dos futebolistas entrevistados. A fim de compreender as suas idiossincrasias e os processos migratórios vivenciados por eles, trabalhei com três tópicos: (1) origem social: condição de vida e trabalho, (2) ida à Europa: motivações, expectativas e receios, (3) racismo e xenofobia: olhares e experiências. Cabe, então, retomar a hipótese. Diria que ela não se verificou totalmente. Sim, com a exceção de Paulo César Lima, os entrevistados (Jair da Costa e Luís Pereira) que migraram para o continente europeu até fins da década de 1970 minimizaram o racismo no futebol europeu. Outros que seguiram o mesmo caminho na década de 1980 (Junior e Júlio César) apresentaram discurso semelhante. Já os entrevistados que migraram a partir da década de 1990, com a exceção de Denilson, não só não negaram como relataram diversas experiências xenofóbicas e racistas nos países europeus em que residiram. Não estabeleceram, no entanto,

grandes diferenças entre o racismo na Europa e no Brasil. Pelo contrário, trataram de modo crítico desse problema no Brasil, trazendo, também, muitos exemplos. Julgo, assim, que outros fatores, além do tempo em que nasceram e da educação que receberam, interferem na maior ou menor conscientização racial. A condição social e as experiências vividas, ao menos, são outros elementos a serem considerados. Para quem passou fome até se profissionalizar e não teve oportunidades básicas de educação, saúde e moradia, como é o caso de Denilson, pensar em racismo beira a utopia. Está longe de ser, nessas circunstâncias, uma preocupação ou uma questão de sobrevivência diária. Paulo César Lima, por sua vez, passou por experiências racistas na infância que o marcaram e levaram-no a adotar uma postura contestadora mesmo em uma época em que a democracia racial pouco era contestada fora do âmbito acadêmico e da militância negra. Certo é que não existem fórmulas ou modelos prontos. Junior, por exemplo, que dentre os entrevistados é quem teve melhor condição social e educação formal desde a tenra idade, demonstra ainda hoje acreditar no mito da democracia racial.

Cabe discutir, finalmente, se existe um jeito brasileiro de lidar com o racismo no futebol. De acordo com o que as histórias orais de vida apresentaram, os brasileiros em diferentes tempos e espaços reagiram ao problema através do profissionalismo, ou seja, da dedicação ao trabalho, de modo a cumprir da melhor maneira possível suas obrigações, a superar as dificuldades enfrentadas e a obter o reconhecimento de seu trabalho pelos europeus, sem dar motivos para serem criticados. A resistência se deu de outro modo pelo sucesso dentro de campo, valendo-se do próprio jogo, ou por dentro dele, fosse por meio de um drible, de um gol, de uma vitória ou conquista. É a “imposição pelo talento”, pela “arte”, conforme relatou Paulo César Lima. Uma terceira via apontada foi o escárnio, a ironia, o sarcasmo, ridicularizando o racista através do riso, da careta, de uma língua mostrada ou do orgulho racial expresso no beijo a pele. Aqueles que tiveram maior frieza e perspicácia diante do racismo foram capazes de usar o próprio ícone racista para zombar do agressor, tal como fizeram John Barnes, que deu “de letra” na banana atirada, e Daniel Alves, que restabeleceu as energias ao comer a mesma fruta em sua direção arremçada (ver Figura 27)⁴⁸⁹.

⁴⁸⁹ Não se trata aqui, evidentemente, da banalização do racismo, seja pela “bananização”, seja pela “macaqueação”, atitude oportunista, alienante e despolitizada iniciada por Neymar nas redes sociais, logo após o caso envolvendo o companheiro de equipe, e seguida por inúmeras personalidades, em sua maioria brancas. Cf. FARIA, 2014; GONÇALVES, 2014.

Figura 27 – Daniel Alves comeu uma banana que foi atirada em sua direção durante a partida entre Villareal e Barcelona, disputada no El Madrigal, em 27 abr. 2014. Fonte: The Mirror.

As maneiras encontradas e relatadas pelos entrevistados para lidar com o racismo sofrido no futebol foram soluções individuais, por vezes momentâneas, no intuito de combatê-lo ou de resistir a ele. Diante da recorrência dos insultos vindos das arquibancadas, da indiferença dos colegas de profissão, da conivência dos árbitros, da passividade dos dirigentes do próprio clube, e da falta de atitudes e das medidas inócuas tomadas pelas autoridades máximas do esporte, talvez este seja um caminho: fazer do veneno o próprio remédio, utilizando a capacidade de alcançar e mobilizar as massas para passar uma mensagem e um modo diferente de lutar contra o racismo. Se os insultos raciais foram construídos como parte da “cultura do futebol”, eles podem, igualmente, ser desconstruídos. O futebol pode ocupar, nesse tocante também, um papel social importante, na tentativa de dar um basta no racismo e ensinar novos valores. Ao invés da violência racial e da impunidade, o respeito e a igualdade. Isso não retira, absolutamente, a necessidade da denúncia e da punição, seja por se tratar de um crime no Brasil, seja pelo fato de a eliminação da discriminação racial ser um compromisso público assumido pelos Estados-membros da ONU. A ação coletiva, nesse

sentido, além de mais eficaz, transformaria indubitavelmente as experiências e escolhas individuais em um discurso e uma prática comuns. Esse certamente é o passo adiante a ser dado pelos futebolistas negros em geral, não apenas os brasileiros, no intuito de se unirem, aprofundarem a discussão, traçarem objetivos coletivos e conclamarem a opinião pública e as instituições competentes na luta antirracista a fim de propor e exigir novas medidas e maneiras de enfrentamento.

FONTES E BIBLIOGRAFIA⁴⁹⁰

⁴⁹⁰ De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

Fontes

Endereços Eletrônicos

<https://alemdoplacar.wordpress.com/>
<http://articles.chicagotribune.com/>
<http://www.barbadillo.it/>
<http://www.bbc.com/>
<http://www.blackhistorymonth.org.uk/>
<http://blogdojuca.uol.com.br/>
<http://www.brasil.gov.br/>
<http://brasilescola.uol.com.br/>
<http://brazilofallworldcups.com/>
<http://www.cartacapital.com.br/>
<http://www.cbf.com.br/>
<http://www.conmebol.com/>
<http://www.dailymail.co.uk/>
<http://doentesporfutebol.com.br/>
<http://www.economist.com/>
<http://esporte.uol.com.br/>
<http://espn.uol.com.br/>
<http://esportes.terra.com.br/>
<http://www.estadao.com.br/>
<http://europa.eu/>
<http://www.fifa.com/>
<http://www.folha.uol.com.br/>
<http://futebol.as.com/>
<http://www.futebolfinance.com/>
<http://g1.globo.com/>
<http://www.gazetaesportiva.com/>
<http://gazetapress.com/>
<http://www.gazzetta.it/>
<http://www.geledes.org.br/>
<http://globoesporte.globo.com/>
<http://www.goal.com/>
<http://www.ibge.gov.br/>
<http://www.independent.co.uk/>
<http://www.infoescola.com/>
<http://www.lance.com.br/>
<http://www.lancenet.com.br/>
<http://www.lemonde.fr/>
<http://www.literaturanaarquibancada.com/>
<http://www.ludopedio.com.br/>
<http://www.maisfutebol.iol.pt/>
<http://maniacosprofutebol.blogspot.com.br/>
<http://www.marca.com/>
<http://museuvirtual dofutebol.webs.com/>
<http://news.bbc.co.uk/>
<http://www.nydailynews.com/>
<http://oglobo.globo.com/>

<http://www.olympic.org/>
<http://www.pesmitidelcalcio.com/>
<http://www.record.xl.pt/>
<http://revistaplacar.uol.com.br/>
<http://www.rtp.pt/>
<http://sabotagetimes.com/>
<http://salabioquimica.blogspot.com.br/>
<http://signedsport.co.uk/>
<http://www.soccertimes.com/>
<http://www.stf.jus.br/>
<http://www.telegraph.co.uk/>
<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/>
<http://www.theguardian.com/>
<http://www.thisisanfield.com/>
<http://trivela.uol.com.br/>
<http://www.triviafoot.com/>
<https://twitter.com/>
<http://www.uefa.com/>
<http://ultimosegundo.ig.com.br/>
<http://veja.abril.com.br/>
<https://www.wikipedia.org/>
<http://zh.clicrbs.com.br/>

Fílmicas

FUTEBOL. Direção: Arthur Fontes; João Moreira Salles. Produção: Raquel Freire Zangrandi. Rio de Janeiro: GNT Globosat; Videofilmes, 1998. 3 DVDs, son., color.

PRETO contra branco. Direção: Wagner Morales. Produção: Wagner Morales, Secretaria do Audiovisual do Ministério da Cultura, Fundação Padre Anchieta (TV Cultura) e Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais (Abepec). São Paulo: TV Cultura, 2004. 1 DVD, son., color.

Impressas

BUENO, Rodrigo. Eurocopa-96 é estopim para o racismo no futebol. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 jun. 1996, p. 10.

FEDERAÇÃO é acusada de propor segregação racial. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 abr. 2011, p. D16.

FREYRE, Gilberto. Foot-ball mulato. **Diário de Pernambuco**, Recife, 17 jun. 1938. p. 4.

GIMENEZ, Alexandre. HC monta ‘plano de saúde’ para atletas. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. 4, 21 abr. 1996.

JÚLIO César pensa em jogar no Brasil daqui a 3 anos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. D3, 26 dez. 1988.

LOS gringos. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. D1, 23 maio 2010.

O ARTILHEIRO Mazinho já quer jogar na Europa. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. D3, 13 mar. 1990.

PERRONE, Ricardo. Real Madri agora oferece US\$ 25 mi para ter Robinho. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, p. D2, 27 jun. 2005.

PLACAR, n. 1097, out. 1994. 100 anos de futebol no Brasil: de Charles Miller ao tetra mundial. Edição histórica.

RANGEL, Sérgio. Crise derruba saída “clandestina” de jovens jogadores. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 7 mar. 2010, p. D2.

_____. Sou exceção, diz “ilegal” mais famoso. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 7 mar. 2010b, p. D2.

ROSSI, Clóvis. A França, de tricolor a monocolor. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 19 abr. 2012, p. A18.

SANDERS, Charles L. Contess who risks fortune to wed negro. **Jet**, Chicago, Estados Unidos, 23 mar. 1967.

Oficiais

BRASIL. Decreto nº 70.391, de 12 abril de 1972. Promulga a Convenção sobre Igualdade de Direitos e Deveres entre Brasileiros e Portugueses. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 7 set. 1971. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/D70391.htm>. Acesso em: 8 dez. 2015.

_____. Ministério das Relações Exteriores. **Brasileiros no mundo**: estimativas. Brasília, 2011.

CBF. **Raio-X do futebol: salário dos jogadores**. Rio de Janeiro: [s.n.], 23 fev. 2016. Disponível em: <<http://www.cbf.com.br/noticias/a-cbf/raio-x-do-futebol-salario-dos-jogadores>>. Acesso em: 23 fev. 2016.

_____. **Brazilian players and coaches in Italy**. Rio de Janeiro: [s.n., 200-a].

_____. **Brazilian players in Argentina (1st level)**. Rio de Janeiro: [s.n., 200-b].

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2002. Rio de Janeiro: [s.n.], 10 dez. 2004a. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2002.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2003. Rio de Janeiro: [s.n.], 10 dez. 2004b. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2003.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2004. Rio de Janeiro: [s.n.], 11 mar. 2005. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2004.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2005. Rio de Janeiro: [s.n.], 23 jan. 2006. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2005.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2006. Rio de Janeiro: [s.n.], 22 jan. 2007a. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2006.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

_____. **Relatório de transferências internacionais**: 2007. Rio de Janeiro: [s.n.], 18 nov. 2007b. Disponível em: <<http://www2.cbf.com.br/bid/ti2007.htm>>. Acesso em: 1 fev. 2013.

FIFA \ TMS. **Market insights**: Brazil, a key player in the international transfer market. Zurique: [s.n.], jul. 2014. Disponível em: <<http://reports.fifatms.com/monthly-insights/>>. Acesso em: 12 fev. 2015.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007-2008**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sintese/tab1_2.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2010.

INSTITUTE FOR EUROPEAN AFFAIRS (INEA). **Legal opinion upholds 6+5 rule**. Düsseldorf: INEA, 27 mar. 2009. Disponível em:

<http://www.fifa.com/mm/document/affederation/federation/01/03/27/09/inea_media_release_e.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2016.

Orais: entrevistas

AMÂNCIO, Ebert Willian. **Ebert Willian Amâncio (Betão)**: entrevista [27 fev. 2014]. Entrevistadores: Aira Bonfim, Guilherme Leite, Marcel Diego Tonini e William Contini. São Paulo, 2014. Documento digital (109 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

COSTA, Jair da. **Jair da Costa**: entrevista [16 abr. 2015]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Osasco, 2015. Documento digital (114 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

DIAS, Djalma Feitosa. **Djalma Feitosa Dias (Djalminha)**: entrevista [12 jul. 2012]. Entrevistadores: Marcel Diego Tonini e Sérgio Settani Giglio. Rio de Janeiro, 2012. Documento digital (131 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

DONIZETI, Sérgio Luís. **Sérgio Luís Donizete (João Paulo)**: entrevista [29 set. 2011]. Entrevistadores: Marcel Diego Tonini e Sérgio Settani Giglio. Campinas, 2011. Documento digital (52 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias olímpicas por atletas olímpicos brasileiros”. Arquivo pessoal.

FERREIRA, José Marcelo. **José Marcelo Ferreira (Zé Maria)**: entrevista [24 abr. 2013]. Entrevistadores: Aira Bonfim, Marcel Diego Tonini e Sérgio Settani Giglio. São Paulo, 2013. Documento digital (154 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

GAMA JUNIOR, Leovegildo Lins da. **Leovegildo Lins da Gama Junior**: entrevista [7 jul. 2008]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Rio de Janeiro, 2008. Documento digital (92 min). Entrevista concedida ao projeto “Além dos gramados: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010)”. Arquivo pessoal.

LIMA, Paulo César. **Paulo César Lima (Caju)**: entrevista [25 nov. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2014. Documento digital (135 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

NASCIMENTO, Paulo Sérgio Silvestre do. **Paulo Sérgio Silvestre do Nascimento**: entrevista [18 out. 2011]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2011. Documento digital (70 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

NEVES, Denilson Pereira. **Denilson Pereira Neves**: entrevista [11 fev. e 9 maio 2014]. Entrevistadores: Bruna Gottardo e Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2014. Documentos digitais (31 min e 50 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

PEREIRA, Luís Edmundo. **Luís Edmundo Pereira**: entrevista [14 abr. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Goiânia, 2014. Documento digital (140 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

ROQUE JÚNIOR, José Vítor. **José Vítor Roque Júnior**: entrevista [4 dez. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Piracicaba, 2014. Documentos digitais (61 min e 43 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

SANTOS, Márcio Amoroso dos. **Márcio Amoroso dos Santos**: entrevista [22 ago. 2013]. Entrevistadores: Aira Bonfim, André Feres e Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2013. Documento digital (165 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

SILVA, Cláudio Roberto da. **Cláudio Roberto da Silva (Caçapa)**: entrevista [23 out. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Teresópolis, 2014. Documento digital (139 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

SILVA, Gilberto Aparecido da. **Gilberto Aparecido da Silva**: entrevista [11 set. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2014. Documento digital (107 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

SILVA, Júlio César da. **Júlio César da Silva**: entrevista [14 ago. 2014]. Entrevistador: Marcel Diego Tonini. Americana, 2014. Documento digital (88 min). Entrevista concedida ao projeto “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu”. Arquivo pessoal.

SOUZA, Ewerthon Henrique de. **Ewerthon Henrique de Souza**: entrevista [14 mar. 2014]. Entrevistadores: Bruna Gottardo, Guilherme Leite e Marcel Diego Tonini. São Paulo, 2014. Documento digital (90 min). Entrevista concedida aos projetos “Dentro e fora de outros gramados: histórias orais de vida de futebolistas brasileiros negros no continente europeu” e “Memórias de boleiros”. Arquivo pessoal.

Bibliografia

Artigos, Dissertações, Referências Científicas e Teses

ABRAHÃO, Bruno Otávio de Lacerda. **O “preconceito de marca” e a ambiguidade do “racismo à brasileira” no futebol**. 2010. 409 f. Tese (Doutorado em Educação Física) – Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2010.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou morrer**: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2005.

ALEGI, Peter. **African soccerescapes**: how a continent changed the world’s game. Athens: Ohio University Press, 2010.

ALVITO, Marcos. “A parte que te cabe neste latifúndio”: o futebol brasileiro e a globalização. **Análise Social**, Lisboa, v. XLI, n. 179, p. 451-474, 2006.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANTUNES, Fatima Martins Rodrigues Ferreira. **Com brasileiro não há quem possa!** Futebol e identidade em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Ed. da UNESP, 2004.

ARCHETTI, Eduardo P. Estilo y virtudes masculinas en *El Gráfico*: la creación del imaginario del fútbol argentino. **Desarrollo Económico**, Buenos Aires, v. 35, n. 139, p. 419-442, Oct./Dec. 1995.

ARRUDA, José Jobson de Andrade. Immanuel Wallerstein e o moderno sistema mundial. **Revista de História**, São Paulo, n. 115, jul./dez. 1983, p. 167-174.

BACK, Les, CRABBE, Tim; SOLOMOS, John. **The changing face of football: racism, identity and multiculturalism in the English game.** Oxford: Berg, 2001.

_____; _____. Racism in football: patterns of continuity and change. In: BROWN, Adam. (Ed.). **Fanatics! Power, identity & fandom in football.** London: Routledge, 1998, p. 71-87.

BANTON, Michael. Xenofobia. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais.** São Paulo: Summus, 2000. p. 560-561.

BASS, Amy. **Not the triumph but the struggle: the 1968 Olympics and the making of the black athlete.** Minneapolis: University of Minnesota Press, 2002.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: produzir e analisar dados etnográficos.** Petrópolis: Vozes, 2007.

BEBBER, Brett. **Violence and racism in football: politics and cultural conflict in British society, 1968-98.** London: Pickering & Chatto, 2012.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 197-221.

BERGHE, Pierre L. van den. Raça: como sinônimo. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais.** São Paulo: Summus, 2000. p. 453-456.

BERND, Zilá. **O que é negritude.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

BHABHA, Homi K. **O local da cultura.** Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

BORJAS, George J. Economics of migration. In: INTERNATIONAL Encyclopedia of the social and behavioral sciences. Section 3.4, article 38. S.l.: feb. 2000.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade.** 14. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral.** 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

BOURDIEU, Pierre. Programa para uma sociologia do esporte. In: _____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. Como é possível ser esportivo? In: _____. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

BROMBERGER, Christian. **Le match de football**: ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin. Paris: Maison des Sciences de l'Homme, 1995.

CALDAS, Alberto Lins. Pontuação em história oral. **Oralidades: Revista de História Oral**, São Paulo, n. 4, p. 163-167, jul./dez. 2008.

_____. Transcrição em história oral. **NEHO-História**, São Paulo, n. 1, p. 71-80, 1999a.

_____. **Oralidade, texto e história**. São Paulo: Loyola, 1999b.

CARRINGTON, Ben. "Football's coming home" but whose home? And do we want it? Nation, football and the politics of exclusion. In: BROWN, Adam (Ed.). **Fanatics!** Power, identity & fandom in football. Londres; Nova York: Routledge, 2001. p. 101-123.

CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000a.

_____. Bode expiatório. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000b. p. 94-97.

_____. "Brancura". In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000c. p. 97-102.

_____. Colonialismo. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000d. p. 130-135.

_____. Escravidão. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000e. p. 188-193.

_____. Etnia. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000f. p. 196-203.

CASHMORE, Ellis. Martin Luther King (1929-68). In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000g. p. 288-292.

_____. Ku Klux Klan. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000h. p. 292-295.

_____. Malcolm X (1925-65). In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000i. p. 332-335.

_____. Movimento pelos direitos civis. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000j. p. 367-371.

_____. Neonazismo. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000k. p. 390-392.

_____. Preconceito. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000l. p. 438-442.

_____. “Raça”: como significante. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000m. p. 450-453.

_____. Racismo institucional. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000n. p. 469-473.

_____. Racismo invertido (“racismo negro”). In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000o. p. 473-475.

_____. Skinheads. In: _____. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000p. p. 511-513.

CASTLES, Stephen. Migrations and minorities in Europe. Perspectives for the 1990s: eleven hypotheses. In: WRENCH, John; SOLOMOS, John (Ed.). **Racism and migration in Western Europe**. Oxford: Berg, 1993. p. 17-34.

CHATTERJEE, Partha. Comunidade imaginada por quem? In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). **Um mapa da questão nacional**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000. p. 227-238.

CHNAIDERMAN, Miriam. Racismo, o estranhamente familiar: uma abordagem psicanalítica. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz; QUEIROZ, Renato da Silva (Org.). **Raça e diversidade**. São Paulo: Edusp/Estação Ciência, 1996. p. 83-95.

CLIFFORD, James. Diasporas. **Cultural Anthropology**, Houston, v. 9, n. 3, Aug. 1994, p. 302-338.

COHEN, Robin. **Global diasporas: an introduction**. 2nd. ed. Londres/Nova York: Routledge, 2008.

_____. Migração. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 352-357.

D'ADESKY, Jacques. **Pluralismo étnico e multi-culturalismo**. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

DAMO, Arlei Sander. Os racismos no esporte. In: MANDARINO, Ana Cristina de Souza; GOMBERG, Estélio (Org.). **Racismos: olhares plurais**. Salvador: EDUFBA, 2010, p. 155-178.

_____. **Do dom à profissão: formação de futebolistas no Brasil e na França**. São Paulo: Hucitec/ANPOCS, 2007.

_____. Dom, amor e dinheiro no futebol de espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 23, n. 66, p. 139-150, fev. 2008.

DARBY, Paul. Migração para Portugal de jogadores de futebol africanos: recurso colonial e neocolonial. **Análise Social**, Lisboa, v. XLI, n. 179, p. 417-433, 2006.

DEBERT, Guita G. Problemas relativos à utilização da história de vida e da história oral. In: CARDOSO, Ruth (Org.). **A aventura antropológica: teoria e pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. [S.l.]: eBookLibris, 2003.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

DEPESTRE, René. Bom dia e adeus à negritude. In: BERND, Zilá (Org.). **Antologia de textos fundadores do comparatismo literário interamericano**. Porto Alegre: UFRGS, 2001

[1980]. CD-ROM. Não paginado. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cdrom/depestre/index.htm#>>. Acesso em: 10 out. 2015.

DOMINGOS, Nuno. Futebol e colonialismo, dominação e apropriação: sobre o caso moçambicano. **Análise Social**, Lisboa, v. XLI, n. 179, p. 397-416, 2006.

DUNAWAY, David K.; BAUM, Willa K. (Ed.). **Oral history**: an interdisciplinary anthology. 2. ed. Walnut Creek: Altamira, 1996.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12. ed., 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2007.

FAZITO, Dimitri. 2005. Dois aspectos fundamentais do retorno: símbolos e topologias dos processos de migração e sua circularidade. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 4., 2005, Rio de Janeiro. *Anais...* Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008. 2 v.

_____. **O negro no mundo dos brancos**. 2. ed. São Paulo: Global, 2007.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

FERREIRA, Ricardo Franklin. **Afro-descendente**: identidade em construção. São Paulo: EDUC; Rio de Janeiro: Pallas, 2000

FLORENZANO, José Paulo. A babel do futebol: atletas interculturais e torcedores ultras. **Revista de História**, São Paulo, n. 163, p. 149-174, jul./dez. 2010. Dossiê História e futebol.

_____. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo: FAPESP; EDUC, 2009.

_____. **Afonsinho e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998.

FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, sociedade, cultura. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol**: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950). 144 f. 2000. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FREYRE, Gilberto. O negro no futebol brasileiro (prefácio à primeira edição). In: FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FUSCO, Wilson. **Capital social e dinâmica migratória**: um estudo sobre brasileiros nos Estados Unidos. Campinas: Núcleo de Estudos de População/Unicamp, 2007. Textos NEPO 52.

GARDINER, Simon. The law and hate speech: “Ooh Aah Cantona” and the demonization of “the other”. In: BROWN, Adam (Ed.). **Fanatics!** Power, identity & fandom in football. New York: Routledge, 1998. p. 249-264.

GARLAND, Jon; ROWE, Michael. **Racism and anti-racism in football**. London: Palgrave, 2001.

GASTALDO, Édison Luis; LAHUD, Simoni (Org.). **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional, Niterói: Intertexto, 2006.

GATTAZ, André Gastanheira. Lapidando a fala bruta: a textualização em história oral. 1996. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

GELLNER, Ernest. **Nações e nacionalismo**. Lisboa: Gradiva, 1993.

GIL, Gilson. O drama do “futebol-arte”: o debate sobre a seleção nos anos 70. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 25, 1994.

GILROY, Paul. **O Atlântico negro**: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol**: dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

GOMES, Artur Nunes. Um amor de 500 anos: irmandade e ambiguidade nas relações entre Brasil e Portugal. **Oficina do CES**, Coimbra, n. 116, maio 1998, p. 1-20.

GOMES, Eduardo de Souza. Caminhos da profissionalização: migração, política e nacionalismo na profissionalização do futebol colombiano (1948-1951). In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-RIO, 15, 2012, São Gonçalo. **Anais...** São Gonçalo: ANPUH-Rio, 2012. p. 1-21.

GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

GONÇALVES, Ortelinda. **Migrações e desenvolvimento**. Porto: Fronteira do Caos, 2009.

GORDON JÚNIOR, Cesar. “Eu já fui preto e sei o que é isso”: história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 3/4, p. 65-78, 1996. Futebol: síntese da vida brasileira.

_____. História social dos negros no futebol brasileiro: primeiro tempo: “essa maravilhosa obra de arte fruto da mistura”. **Pesquisa de Campo**, Rio de Janeiro, Eduerj, n. 2, p. 71-90, 1995. Futebol e cultura brasileira.

GUEDES, Simoni Lahud. **O Brasil no campo de futebol**: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro. Niterói: EDUFF, 1998.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ed. 34, 2005.

_____. A modernidade negra. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 41-61, jan./jul. 2003.

_____. **Classes, raças e democracia**. São Paulo: Ed. 34, 2002.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**. São Paulo: Contexto, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2009.

_____. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HANDERSON, Joseph. **Diáspora**: as dinâmicas da mobilidade haitiana no Brasil, no Suriname e na Guiana Francesa. 429 f. 2015. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

HARINK, Douglas Karol. **1 & 2 Peter**. Grand Rapids: Brazos Press, 2009.

HARRIS, Othello. Muhammad Ali and the revolt of the black athlete. In: GORN, Elliott J. (Ed.). **Muhammad Ali**: the people's champ. Urbana: University of Illinois, 1997. p. 54-69.

HARTMANN, Douglas. **Race, culture, and the revolt of the black athlete**: the 1968 Olympic protests and their aftermath. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de massa no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1997.

_____; GORDON JÚNIOR, César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999.

HOBBSBAWM, Eric. **Nações e nacionalismo desde 1780**: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

HOURLCADE, Nicolas. Torcedores radicais e transformações dos estádios na França. In: HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos (Org.). **Hooliganismo e Copa de 2014**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2014.

HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony D. (Ed.). **Nationalism**. Oxford: Oxford University Press, 1994.

IANNI, Octavio. **Raças e classes sociais no Brasil**. 3 ed. rev. São Paulo: Brasiliense, 2004.

JANOTTI, Maria de Lourdes Mônaco. A incorporação do testemunho oral na escrita historiográfica: empecilhos e debates. **História oral**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 9-22, jan./jun. 2010.

_____. Refletindo sobre a história oral: procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

JANSEN, Clifford J. Some sociological aspects of migration. In: JACKSON, John A. (Ed.). **Migration**. Cambridge: Cambridge University Press, 1969.

JENNINGS, James. Black Power. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 89-91.

JOHNSON, Allan G. **Dicionário de sociologia**: guia prático da linguagem sociológica. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

JOUTARD, Philippe. **Esas voces que nos llegan del pasado**. 2. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1999.

KASSIMERIS, Christos. **Anti-racism in European football**. Lanham: The Rowman & Littlefield, 2009.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. São Paulo: Ateliê, 2001.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

LANFRANCHI, Pierre; TAYLOR, Matthew. **Moving with the ball**: the migration of professional footballers. Oxford/Nova York: Berg, 2001.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. História oral: muitas dúvidas, poucas certezas e uma proposta. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo; CAMPOS, Maria Christina Siqueira de Souza; DEMARTINI, Zeila de Brito Fabri. **História Oral, Sociologia e pesquisa**: a abordagem do CERU. São Paulo: Humanitas/CERU, 2010.

LEE, Everett S. A theory of migration. **Demography**, Ann Arbor, v. 3, n. 1, 1966, p. 47-57.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2003.

LIMA, Ricardo. Mercado de trabalho: o capital humano e a teoria da segmentação. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, abr. 1980, p. 217-272.

LOPES, José Sergio Leite. Classe, etnicidade e cor na formação do futebol brasileiro. In: BATALHA, Cláudio Henrique de Moraes; SILVA, Fernando Teixeira da; FORTES, Alexandre (Org.). **Culturas de classe**: identidade e diversidade na formação do operariado. Campinas: Ed. da Unicamp, 2004.

_____. A vitória do futebol que incorporou a pelada. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 64-83, jun./ago. 1994. Dossiê Futebol.

LYRA FILHO, João. **Introdução à sociologia dos desportos**. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: INL, 1973.

MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996a.

_____. A questão racial no pensamento de Guerreiro Ramos. In: _____. SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996b. p. 179-193.

MASSEY, Douglas S. Why does immigration occur? A theoretical synthesis. In: HIRSHMAN, Charles; DEWIND, Josh; KASINITZ, Philip (Ed.). **The handbook of international migration**: the American experience. New York: Russell Sage Foundation, 1999. p. 34-52.

_____ et al. Theories of international migration: a review and appraisal. **Population and Development Review**, New York, v. 19, n. 3, sep. 1993, p. 431-466.

MAUAD, Ana Maria. Fontes de memória e o conceito da escrita videográfica: a propósito da fratura do texto videográfico Milton Guran em três tempos. **História oral**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 141-151, jan./jun. 2010.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Vidas putas: globalização e prostituição de mulheres brasileiras na Europa. **Revista Diversitas**, São Paulo, ano 1, n. 1, mar./set. 2013. Dossiê Fronteiras em Movimento.

_____. **Manual de história oral**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

_____. The radicalization of oral history. **Words and silences: Journal of the International Oral History Association**, México, v. 2, n. 1, p. 31-41, jun. 2003.

_____. (Org.). **(Re)Introduzindo a história oral no Brasil**. São Paulo: Xamã, 1996.

_____; RIBEIRO, Suzana Lopes Salgado. **Guia prático de história oral**: para empresas, universidades, comunidades, famílias. São Paulo: Contexto, 2011.

_____; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MILES, Robert. Nacionalismo. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 383-386.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil**: identidade nacional versus identidade negra. Belo Horizonte: Autêntica, 2004a.

_____. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: BRANDÃO, André Augusto Pereira. **Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira**. Niterói: EdUFF, 2004b.

MURRAY, Bill. **Uma história do futebol**. São Paulo: Hedra, 2000.

NOGUEIRA, Oracy. **Tanto preto quanto branco**: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OSMAN, Samira Adel. **Entre o Líbano e o Brasil**: dinâmica migratória e história oral de vida. 2 v. 2006. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2006.

PAES, Vanessa Generoso. **Trânsito de identidades e estratégias de negociação familiar**: deslocamentos populacionais entre Bolívia e Brasil. 556 f. 2011. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2011.

PEIXOTO, João. As teorias explicativas das migrações: teorias micro e macro-sociológicas. **SOCIUS Working Papers**, Lisboa, n. 11, 2004, p. 1-36.

PENA, Sérgio D. J.; BIRCHAL, Telma S. A inexistência biológica *versus* a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o etos social? **Revista USP**, São Paulo, n. 68, p. 10-21, dez./fev. 2005-2006.

PERALVA, Angelina. **Globalização, migrações internacionais e identidades nacionais**. São Paulo: Instituto Fernando Henrique Cardoso, 2007.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PODALIRI, Carlo; BALESTRI, Carlo. The ultras, racismo and football culture in Italy. In: BROWN, Adam (Ed.). **Fanatics!** Power, identity & fandom in football. New York: Routledge, 1998. p. 88-100.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

_____. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

PORTES, Alejandro. Convergências teóricas e dados empíricos no estudo do transnacionalismo imigrante. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 69, out. 2004, p. 73-93.

PRINS, Gwyn. História oral. In: BURKE, Peter. (Org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

PRONI, Marcelo Weishaupt. **Esporte-espetáculo e futebol-empresa**. Tese (Doutorado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

RACINES, Rafael Jaramillo. El fútbol de El Dorado: “el punto de inflexión que marcó la rápida evolución del ‘amadorismo’ al ‘profesionalismo’”. **Revista de ALESDE**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 111-128, set. 2011.

REIS, Marilise Luiza Martins dos. **Diáspora como movimento social**: a Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora e as políticas de combate do racismo numa perspectiva transnacional. 237 f. 2012. Tese (Doutorado em Sociologia Política) – Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

RENAN, Ernest. O que é uma nação? [1882]. In: MELLO, Renato de. A nação de Renan. **Caligrama**, Belo Horizonte, n. 4, p. 139-180, dez. 1999.

RIAL, Carmen Silvia. Fronteras y zonas en la circulación global de los jugadores brasileños de fútbol. In: GODIO, Matías; ULIANA, Santiago (Comp.). **Fútbol y sociedad**: prácticas locales e imaginarios globales. Sáenz Peña: Universidad Nacional de Tres de Febrero, 2011. p. 27-50.

_____. Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008. Antropologia e esporte.

RICOUER, Paul. Etapa atual do pensamento sobre a intolerância. In: BARRET-DUCROCQ, Françoise (Dir.). **A intolerância**: Foro Internacional sobre a Intolerância, Unesco, 27 de março de 1997, La Sorbonne, 28 de março de 1997. Academia Universal das Culturas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. **O fim do passe e a modernização conservadora no futebol brasileiro (2001-2006)**. 346f. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ROSENFELD, Anatol. **Negro, macumba e futebol**. São Paulo: Perspectiva/Edusp; Campinas: Ed. da Unicamp, 1993.

SAFRAN, William. Diasporas in modern societies: myths of homeland and return. **Diaspora**, Toronto, v. 1, n. 1, Spring 1991, p. 83-99.

SALUN, Alfredo Oscar. **Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?** 279 f. 2007. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SANTOS, Gislaine Aparecida dos. Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, ano 24, n. 2, p. 275-289, 2002.

SANTOS, João Manuel Casquinha Malaia. **Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)**. 501 f. 2010. Tese (Doutorado em História Econômica) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SANTOS, Joel Rufino dos (Org.). **O que é racismo**. 15. ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **História política do futebol brasileiro**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SAYAD, Abdelmalek. **A imigração ou os paradoxos da alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Imaginar é difícil (porém necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 9-17.

_____. **Racismo no Brasil**. São Paulo: PubliFolha, 2001.

_____. **O espetáculo das raças**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEYFERTH, Giralda. Construindo a nação: hierarquias raciais e o papel do racismo na política de imigração e colonização. In: MAIO, Marcos Chor; SANTOS, Ricardo Ventura (Org.). **Raça, ciência e sociedade**. Rio de Janeiro: Fiocruz; CCBB, 1996.

SERRA, Carlos. **Diário de um sociólogo** [blog na internet]. Maputo: Carlos Serra. Abr. 2006-. Racismo, etnicismo, xenofobismo. 11 out. 2011; [aproximadamente 1 tela]. Disponível em: <http://oficinadesociologia.blogspot.com.br/2011/10/racismo-etnicismo-e-xenofobismo.html#ixzz3pRQwdy48>. Acesso em: 28 set. 2015.

SILVA, Ana Paula. **Pelé e o complexo de vira-latas**: discursos sobre raça e modernidade no Brasil. 217 f. 2008. Tese (Doutorado em Ciências Humanas – Antropologia Cultural) – Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2009.

SKIDMORE, Thomas. **O Brasil visto de fora**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

_____. **Preto no branco**: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SMITH, Anthony D. **Nacionalismo**: teoria, ideologia, história. Lisboa: Teorema, 2006.

SOLOMOS, John. Racismo europeu. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 465-469.

SOUZA, Denaldo Alchorne de. **O Brasil entra em capo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Annablume, 2008.

SOUZA, Jessé (Org.). **Multiculturalismo e racismo**: uma comparação Brasil – Estados Unidos. Brasília: Paralelo 15, 1997.

SOUZA, Marcos Alves. Gênero e raça: a nação construída pelo futebol brasileiro. **Cadernos Pagu**, Campinas, n.6/7, p. 109-152, 1996. Raça e gênero.

STALIN, Joseph. The nation. [1973]. In: HUTCHINSON, John; SMITH, Anthony D. (Ed.). **Nationalism**. Oxford: Oxford University Press, 1994. p. 18-21.

STREAPCO, João Paulo França. **“Cego é aquele que só vê a bola”**: o futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F. C. (1894-1942). 224 f. 2010. Dissertação (Mestrado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

THOMAS, Paul. Marching althogether? Footbal fans taking a stand against racism. In: LONG, Jonathan; SPRACKLEN, Karl (Ed.). **Sport and challenges to racism**. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011. p. 185-198.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

THOMSON, Alistair. Aos cinqüenta anos: uma perspectiva internacional da história oral. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; FERNANDES, Tania Maria; ALBERTI, Verena (Org.). **História oral**: desafios para o século XXI. Rio de Janeiro: Ed. da Fiocruz/Casa de Oswaldo Cruz/CPDOC – Fundação Getúlio Vargas, 2000.

_____; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (Org.). **Usos & abusos da história oral**. 8. ed. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2006.

TODOROV, Tzvetan. **Nós e os outros**: a reflexão francesa sobre a diversidade humana. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. v. 1.

TOLEDO, Luiz Henrique de. **Lógicas no futebol**. São Paulo: Hucitec/FAPESP, 2002.

_____. **Torcidas organizadas de futebol**. Campinas: Autores Associados/ANPOCS, 1996.

TONINI, Marcel Diego. Os racismos no futebol: memórias e experiências de negros no Brasil. In: MARIVOET, Salomé et al. **O que é futebol?** Lisboa: Escolar, 2015. p. 69-106.

_____. Os negros e o estilo brasileiro de jogar futebol, ou como as Copas do Mundo ajudaram a inventar uma tradição. In: GIGLIO, S. S.; SILVA, D. M. M. (Org.). **O Brasil e as Copas do Mundo**: futebol, história e política. São Paulo-SP: Zagodoni, 2014. p. 109-120.

_____. **Além dos gramados**: história oral de vida de negros no futebol brasileiro (1970-2010). 2010. 432 f. Dissertação (Mestrado em História Social)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim/Finep, 1994.

TROYNA, Barry. Frente Nacional. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 221-222.

VERTOVEC, Steven. Diáspora. In: CASHMORE, Ellis (Org.). **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Summus, 2000. p. 169-171.

VIANNA, Hermano. **O mistério do samba**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1989.

VIEIRA, José Jairo. Considerações sobre preconceito e discriminação racial no futebol brasileiro. **Teoria e Pesquisa**, São Carlos, n. 42-43, p. 221-244, jan./jul. 2003.

VOGEL, Arno. O momento feliz: reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DAMATTA, Roberto (Org.). **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

WEBER, Max. **Ensaaios de Sociologia**. Rio de Janeiro: LTC, 1982.

WIEVIORKA, Michel. **O racismo, uma introdução**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

WORCMAN, Karen; PEREIRA, Jesus Vasquez. **História falada**: memória, rede e mudança social. São Paulo: SESC-SP/Museu da Pessoa/Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006.

Biografias, Crônicas, Ensaaios, Obras Memorialísticas

BELLOS, Alex. **Futebol**: o Brasil em campo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAJU, Paulo Cesar Lima. **Dei a volta na vida**. São Paulo: Girafa, 2006.

CASTRO, Ruy. **Estrela solitária**: um brasileiro chamado Garrincha. 14. reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

COELHO, Paulo Vinicius. **Bola fora**: o êxodo do futebol brasileiro. São Paulo: Panda Books, 2009.

COSTA, Alexandre da. **O Tigre do futebol**: uma viagem nos tempos de Arthur Friedenreich. São Paulo: DBA, 1999. Versão digital.

FILHO, Mario. **O negro no futebol brasileiro**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

GALEANO, Eduardo. **Futebol ao sol e à sombra**. 2. ed. Porto Alegre: L&PM, 2002.

JACOBS, Claudia Silva; DUARTE, Fernando. **Futebol exportação**. Rio de Janeiro: Senac Rio, 2006.

JAL & GUAL. **A história do futebol no Brasil através do cartum**. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

MÁXIMO, João. **Gigantes do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Lidador, 1965.

MORAES NETO, Geneton. **Dossiê 50**: os onze jogadores revelam os segredos da maior tragédia do futebol brasileiro. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

NEVES, Marcos Eduardo. **Nunca houve um homem como Heleno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2012.

PALACIOS, Ariel; CHACRA, Guga. **Os hermanos e nós**. São Paulo: Contexto, 2014.

PERDIGÃO, Paulo. **Anatomia de uma derrota**. 2. ed. rev. e aum. Porto Alegre: L&PM, 2000.

REGO, José Lins do. Biografia de uma vitória. In: FILHO, Mario. **Copa do Rio Branco, 32**. Rio de Janeiro: Irmãos Pongetti, 1943. p. 7-8.

RIBEIRO, Péris. **Didi**: o gênio da folha-seca. 3. ed. Rio de Janeiro: Gryphus, 2014. Livro digital.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013.

_____. **À sombra das chuteiras imortais**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SANTOS, Joaquim Ferreira dos. **Feliz 1958**: o ano que não devia terminar. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SANTOS, Nilton. **Minha bola, minha vida**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

SARETTA, Lúcio Humberto. **Alicate contra Diamante e outras histórias do esporte**. Caxias do Sul: Maneco, 2007.

UNZELTE, Celso Dario. **Almanaque oficial do Sport Clube Corinthians Paulista**. São Paulo: Bola Dentro, 2016. Aplicativo digital.

WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio**: o futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Em Suporte Eletrônico

ADGHIRNI, Samy. “Neymar é amarelo?”. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 30 maio 2010. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/especial/fj3005201012.htm>>. Acesso em: 7 set. 2014.

ALMEIDA, Pedro Ivo. Paulo C. Caju diz que Pelé também tem culpa por racismo no futebol. **UOL**, Rio de Janeiro, 10 abr. 2014. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2014/04/10/paulo-c-caju-diz-que-pele-tambem-tem-culpa-por-racismo-no-futebol.htm#fotoNav=1>>. Acesso em: 10 abr. 2014.

ANTON Ferdinand se diz chocado com atitude racista de Terry contra ele. **Globoesporte**, Londres, 30 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2011/10/anton-ferdinand-se-diz-chocado-com-atitude-racista-de-terry-contra-ele.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

APÓS polêmica, FA nega racismo contra os irmãos Anton e Rio Ferdinand. **Lancenet**, Londres, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Associacao-Futebol-Inglaterra-racismo-Ferdinand_0_891510904.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

ARSENAL victory spoiled by racism. **BBC**, Londres, 26 Sep. 2002. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/cbbcnews/hi/sport/newsid_2282000/2282425.stm>. Acesso em: 4 abr. 2016.

BILLINGHAM, Neil. How Holland became the Brazil of European football. **Sabotage Times**, 5 jul. 2010. Disponível em: <<http://sabotagetimes.com/football/how-holland-became-the-brazil-of-european-football>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

BLATTER contra as naturalizações. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 11 nov. 2009. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/impreso,blatter-contra-as-naturalizacoes,464508,0.htm>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

BOICOTE de negros à Copa de 2018? Racismo na Rússia faz Fifa demonstrar temor. **Geledés**, São Paulo, 17 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/boicote-de-negros-copa-de-2018-racismo-na-russia-faz-fifa-demonstrar-temor/>>. Acesso em: 20 nov. 2014.

CAMPOS, Amanda. Entenda a crise migratória na Europa. **IG**, São Paulo, 29 ago. 2015. Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2015-08-29/entenda-a-crise-migratoria-na-europa.html>>. Acesso em: 6 set. 2015.

CAPITÃO do City diz que jogadores boicotarão Copa-2018 se Rússia não combater racismo. **Folha de S.Paulo**, São Paulo, 25 out. 2013. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/esporte/folhanacopa/2013/10/1362045-capitao-do-city-diz-que-jogadores-boicotarao-copa-2018-se-russia-nao-combater-racismo.shtml>>. Acesso em: 25 out. 2013.

CHADE, Jamil. Entidade denuncia propaganda neonazista durante a Copa. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 4 ago. 2014. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,entidade-denuncia-propaganda-neonazista-durante-a-copa,1538332>>. Acesso em: 4 ago. 2014.

COIMBRA, David. Histórias de Didi e Guiomar. **Blog do Juca Kfour**, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://blogdojuca.uol.com.br/2012/02/historias-de-didi/>>. Acesso em: 27 fev. 2012.

COM 6,1% de “gringos”, Brasileiro é o campeonato com menos estrangeiros no mundo. **ESPN Brasil**, São Paulo, 19 fev. 2016. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/579014_com-61-de-gringos-brasileiro-e-o-campeonato-com-menos-estrangeiros-no-mundo>. Acesso em: 19 fev. 2016.

CONTRA o racismo, jogadores do Rostov pedem a demissão de treinador. **Globoesporte**, Rostov, 3 nov. 2014. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/2014/11/contra-o-racismo-jogadores-do-rostov-pedem-demissao-de-treinador.html>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

COOKE, Lorna. Entenda as diferenças entre as crises migratórias na Europa e na Ásia. **Associated Press**, Bruxelas, 21 maio 2015. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/05/1631851-entenda-as-diferencas-entre-as-criises-migratorias-na-europa-e-na-asia.shtml>>. Acesso em: 6 set. 2015.

CRISE interna na seleção inglesa só aumenta. **Lancenet**, Londres, 21 dez. 2011. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Crise-English-Team-so-aumenta_0_641935820.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

DILMA publica mensagem no Twitter contra racismo. **Portal Brasil**, Brasília, 9 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/governo/2014/03/dilma-publica-mensagem-no-twitter-contra-o-racismo>>. Acesso em: 9 mar. 2014.

ENGLAND'S first black international footballer. **BBC**, Nottingham, 11 May 2010. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/local/nottingham/hi/people_and_places/history/newsid_8649000/8649243.stm>. Acesso em: 27 dez. 2015.

ENNIS, Darren. Blow for Blatter as EU rejects “6+5” plan to limit foreign players. **The Independent**, Londres, 8 maio 2008. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/sport/football/news-and-comment/blow-for-blatter-as-eu-rejects-65-plan-to-limit-foreign-players-824091.html>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

ENTIDADE inglesa denuncia racismo contra Rio Ferdinand. **Lancenet**, Londres, 28 mar. 2013. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Entidade-inglesa-denuncia-Rio-Ferdinand_0_890911078.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

EX-TÉCNICO da Itália critica “excesso” de negros no futebol local. **Veja**, São Paulo, 17 fev. 2015. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/ex-tecnico-da-italia-critica-presenca-de-negros-no-futebol-local/>>. Acesso em: 17 fev. 2015.

EXPORTAÇÃO de atletas supera a de bananas. **G1**, São Paulo, 30 jul. 2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Economia_Negocios/0,,MUL76681-9356,00.html>. Acesso em: 02 maio 2012.

FABIO Capello quits as England manager after meeting with FA. **BBC**, Londres, 8 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/football/16941457>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FALCAO: “Roma divina. Garcia mi piace, abbiamo grandi possibilità”. **La Gazzetta dello Sport**, Rio de Janeiro, 5 ott. 2013. Disponível em:

<http://www.gazzetta.it/Calcio/Squadre/Roma/05-10-2013/falcao-roma-divina-garcia-mi-piace-abbiamo-grandi-possibilita-201299050092.shtml?refresh_ce-cp>. Acesso em: 30 dez. 2015.

FARIA, Higor. Sobre macacos, bananas, Daniel Alves e Neymar: não somos macacos, porra! **Geledés**, São Paulo, 30 abr. 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/sobre-macacos-bananas-daniel-alves-e-neymar-nao-somos-macacos-porra-por-higor-faria/>>. Acesso em: 2 maio 2014.

FEDERAÇÃO INGLESA libera evidências do caso Suárez. **Lancenet**, Londres, 1 jan. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Federacao-Inglesa-libera-evidencias-Suarez_0_619738030.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FERDINAND aceita jogar com Terry. **Record**, Lisboa, 3 maio 2012. Disponível em: <<http://www.record.xl.pt/internacional/detalhe/ferdinand-aceita-jogar-com-terry-754855.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FERDINAND arrasa com Terry e Ashley Cole! **Triviafoot**, 15 set. 2014. Disponível em: <<http://www.triviafoot.com/noticias/ferdinand-arrasa-com-john-terry-e-ashley-cole>>. Acesso em: 14 mar. 2016.

FERDINAND CRITICA Ashley Cole e o compara a chocolate que é branco por dentro. **UOL Esporte**, Londres, 15 jul. 2012. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/ingles/ultimas-noticias/2012/07/15/ferdinand-critica-ashley-cole-e-o-compara-a-chocolate-que-e-branco-por-dentro.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

FIFA scraps plans for “home-grown” player rule. **BBC**, Londres, 10 jun. 2010. Disponível em: <<http://news.bbc.co.uk/sport2/hi/football/8733164.stm>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

FIFTY years in five minutes. **FIFA**, s/d. Disponível em: <<http://www.fifa.com/worldcup/matches/round=220/match=1344/classic-match/index.html>>. Acesso em: 3 out. 2015.

FOOTLOOSE: a growing export trade in soccer players. **The Economist**, São Paulo, Jan. 20th. 2005. Disponível em: <<http://www.economist.com/node/3577950>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

FOTO histórica: imagem da Holanda na Euro-96 levantou questão racista no time. **UOL Esporte**, São Paulo, 13 jun. 2012. Disponível em:

<<http://uolesporte.blogosfera.uol.com.br/2012/06/13/foto-historica-imagem-racista-da-holanda-na-euro-96-foi-na-verdade-um-mal-entendido/>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

GONÇALVES, Ana Maria. A bananização do racismo. **Geledés**, São Paulo, 1 maio 2014. Disponível em: <<http://www.geledes.org.br/a-bananizacao-do-racismo-por-ana-maria-goncalves/>>. Acesso em: 2 maio 2014.

HARDING, David. FC Rostov soccer coach Igor Gamula angers with racist remarks, makes Ebola joke. **New York Daily News**, Nova York, 1 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/world/fc-rostov-coach-igor-gamula-soccer-coach-angers-racist-remarks-article-1.1995361>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

HERSH, Philip. Dutch reverse racial acrimony of past. **Chicago Tribune**, Chicago, 7 jul. 1998, p. 1-2. Disponível em: <http://articles.chicagotribune.com/1998-07-07/sports/9807070264_1_holland-black-star-world-cup>. Acesso em: 14 mar. 2016.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. A sacração dos “reis do futebol”. **Ludopédio**, 8 maio 2013. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/a-sagracao-dos-reis-do-futebol/>>. Acesso em: 10 maio 2013.

HULK diz ter sofrido ofensa racista de árbitro em jogo do Russo: “Não gosto de você, nem de preto”. **ESPN Brasil**, Rio de Janeiro, 30 nov. 2014. Disponível em: <http://espn.uol.com.br/noticia/464029_hulk-diz-ter-sofrido-ofensa-racista-de-arbitro-em-jogo-do-russo-nao-gosto-de-voce-nem-de-preto>. Acesso em: 14 mar. 2016.

HULK cita “racismo quase diário” na Rússia e diz que agora reage com beijos. **UOL Esporte**, São Paulo, 20 jul. 2015. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2015/07/20/hulk-cita-racismo-quase-diario-na-russia-e-diz-que-agora-reage-com-beijos.htm>>. Acesso em: 20 jul. 2015.

IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios 2007-2008. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2008/sintese/tab1_2.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2010.

INGLATERRA tira a braçadeira de capitão de Terry. **Mais Futebol**, Lisboa, 3 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.maisfutebol.iol.pt/inglaterra-tira-a-bracadeira-de-capitao-a-terry>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

IRMÃO de Ferdinand quase briga com Ashley Cole nos Estados Unidos. **Lancenet**, Londres, 1 fev. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Irmao-Ferdinand-Ashley-Estados-Unidos_0_940106192.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

JACKSON, Jamie. Holland row was more about money than divide over racism. **The Guardian**, Londres, 27 fev. 2012. Disponível em: <<http://www.theguardian.com/football/blog/2012/feb/27/holland-euro-96-racism-england>>. Acesso em: 13 jun. 2012.

JEAN-MARIE Le Pen in his own words. **The Telegraph**, Londres, 28 abr. 2002. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/france/1392487/Jean-Marie-Le-Pen-in-his-own-words.html>>. Acesso em: 04 fev. 2002.

JOHN Terry found not guilty of racism: the verdict in full. **Telegraph Sport**, Londres, 13 jul. 2012. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/chelsea/9398132/John-Terry-found-not-guilty-of-racism-the-verdict-in-full.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

JOHN TERRY tira outro da seleção inglesa. **UOL Esporte**, São Paulo, 17 maio 2012. Disponível em: <<http://m.esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/2012/05/17/john-terry-tira-outro-da-selecao-inglesa.htm>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

JORGE Gomes o primeiro estrangeiro no Benfica. **RTP Notícias**, Lisboa, 4 mar. 2011. Antena 1. Disponível em: <http://www.rtp.pt/noticias/benfica/jorge-gomes-o-primeiro-estrangeiro-no-benfica_a421523>. Acesso em: 23 dez. 2015.

JULGAMENTO de Terry será após a Eurocopa. **Lancenet**, Londres, 1 fev. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Julgamento-Terry-sera-Eurocopa_0_638336203.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

JUNIOR, Gonçalo. Combater o racismo é o principal desafio da Rússia para 2018. **O Estado de S.Paulo**, São Paulo, 11 abr. 2015. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,combater-o-racismo-e-o-principal-desafio-da-russia-para-2018,1667705>>. Acesso em: 11 abr. 2015.

JÚNIOR, Cirilo; PIMENTEL, Mauro. Político, ícone no Japão, treinador; Zico abraça desafios pós-Fla. **Terra**, Rio de Janeiro, 3 mar. 2013. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/politico-icone-no-japao-treinador-zico-abraca-desafios-pos-fla,4227b8c1dbc2d310VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 20 jan. 2016.

LA ARENGA de Luis a Reyes scandaliza en Inglaterra. **As**, Madri, 7 out. 2004. Disponível em: <http://futbol.as.com/futbol/2004/10/07/mas_futbol/1097130408_850215.html>. Acesso em: 11 abr. 2015.

LARA, Miguel Ángel. Argentina, Brasil, monos y racismo. **Marca**, Madri, 2015. Disponível em: <http://www.marca.com/reportajes/2014/02/el_poder_del_balon/2015/06/11/seccion_01/1434053518.html>. Acesso em: 5 set. 2015.

LEITE, José Ricardo. Brasileiro de lendário Real diz que time foi bem melhor do que o Barcelona de Messi e nega boicote a Didi. **UOL Esporte**, São Paulo, 19 jan. 2013. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/01/19/brasileiro-de-lendario-real-diz-que-time-foi-bem-melhor-que-o-barcelona-de-messi-e-nega-boicote-a-didi.htm>>. Acesso em: 19 jan. 2013.

LOBO, Felipe. Blatter critica ideia de boicote à Rússia-2018 e ainda alfineta o Brasil. **Trivela**, São Paulo, 28 out. 2014. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/blatter-critica-ideia-de-boicote-russia-2018-e-ainda-alfineta-o-brasil/>>. Acesso em: 28 out. 2014.

M. FINKIELKRAUT s'excuse pour ses propos dans le quotidien israélien "Haaretz". **Le Monde**, Paris, 25 nov. 2005. Disponível em: <http://www.lemonde.fr/societe/article/2005/11/25/m-finkelkraut-s-excuse-pour-ses-propos-dans-le-quotidien-israelien-haaretz_714143_3224.html>. Acesso em: 6 mar. 2016.

MADEIRA, Eduardo. Quando o gol era exclusividade dos atacantes. **Doentes por futebol**, 14 fev. 2014. Disponível em: <<http://doentesporfutebol.com.br/2014/02/quando-o-gol-era-exclusividade-dos-atacantes/>>. Acesso em: 10 set. 2015.

MADUREIRA, Nuno. O ponta-esquerda e a "Contessa": o romance que mudou o "calcio". **Mais Futebol**, Portugal, 20 fev. 2014. Disponível em: <<http://www.maisfutebol.iol.pt/o-ponta-esquerda-e-a-contessa-um-romance-que-mudou-o-calcio-139285506>>. Acesso em: 28 out. 2015.

MAGALHÃES, Fabio Dias. Somos todos macacos? (sobre biologia e racismo). **Sala Bioquímica**, 21 maio 2014. Disponível em: <<http://salabioquimica.blogspot.com.br/2014/05/somos-todos-macacos-sobre-biologia-e.html>>. Acesso em: 25 maio 2014.

MORAES, Paula Louredo. Xenofobia. **Brasil Escola**, 2015. Disponível em: <<http://brasilecola.uol.com.br/doencas/xenofobia.htm>>. Acesso em: 28 set. 2015.

PARA Madri, racismo contra Juan e Roque Júnior é complô inglês. **UOL Esporte**, São Paulo, 25 nov. 2004. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2004/11/25/ult59u89087.jhtm>>. Acesso em: 6 nov. 2014.

PAULO César Caju. **Terceiro tempo**, São Paulo, 2014. Disponível em: <<http://terceirotempo.bol.uol.com.br/que-fim-levou/paulo-cezar-caju-3750>>. Acesso em: 27 out. 2014.

PERGUNTAS e respostas: crise imigratória na Europa. **Carta Capital**, 11 set. 2015. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/internacional/perguntas-e-respostas-crise-imigratoria-na-europa-9337.html>>. Acesso em: 11 set. 2015.

PERKINS, Keith. Forgotten heroes: Howard Gayle. **This is Anfield**, 5 abr. 2007. Disponível em: <<http://www.thisisanfield.com/2007/04/forgotten-heroes-howard-gayle/>>. Acesso em: 27 dez. 2015.

PETER, Laurence. Seis perguntas sobre a crise de imigração na Europa. **BBC News**, 29 ago. 2015. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150829_entenda_migracao_ab>. Acesso em: 6 set. 2015.

PIRES, Sérgio. Iñaki Williams: o primeiro “negro, negro” da história do Athletic. **Mais Futebol**, Lisboa, 18 nov. 2015. Disponível em: <<http://www.maisfutebol.iol.pt/espanha/athletic-bilbao/inaki-williams-o-primeiro-negro-negro-da-historia-do-athletic>>. Acesso em: 5 mar. 2016.

PLATINI critica grande presença de sul-americanos na Europa. **UOL Esporte**, São Paulo, 16 jun. 2011. Disponível em: <<http://esporte.uol.com.br/ultimas-noticias/reuters/2011/06/16/platini-critica-grande-presenca-de-sul-americanos-na-europa.jhtm>>. Acesso em: 04 fev. 2012.

POLÍCIA abre investigação contra Terry por conta de suposto insulto racista. **Globoesporte**, Londres, 25 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2011/10/policia-abre-investigacao-contraterry-por-conta-de-suposto-insulto-racista.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

POMBO, Bernardo. Futebol brasileiro registra recorde na importação e repatriação de jogadores. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1 nov. 2011. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/esportes/futebol-brasileiro-registra-recorde-na-importacao-repatriamento-de-jogadores-3048488>>. Acesso em: 28 ago. 2015.

POR conta de racismo, Terry pode perder posto de capitão da Inglaterra. **Globoesporte**, Londres, 25 out. 2011. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2011/10/por-conta-de-racismo-terry-pode-perder-posto-de-capitao-da-inglaterra.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

POR racismo, Uefa só pune CSKA com fechamento parcial de estádio. **Terra**, Rio de Janeiro, 30 out. 2013. Disponível em: <<http://esportes.terra.com.br/futebol/internacional/liga-dos-campeoes/por-racismo-uefa-so-pune-cska-com-fechamento-parcial-de-estadio,2ab068fadb402410VgnCLD2000000dc6eb0aRCRD.html>>. Acesso em: 30 out. 2013.

PRIMEIRA reacção dos comissários Padraig Flynn e Karel van Miert. **European Commision**, 22 out. 2015. Disponível em: <http://europa.eu/rapid/press-release_IP-95-1411_pt.htm>. Acesso em: 29 jan. 2016.

RECEITAS dos clubes brasileiros em 2011. **Futebol Finance**, Portugal, 23 maio 2012. Disponível em: <<http://www.futebolfinance.com/receitas-dos-clubes-brasileiros-em-2011>>. Acesso em: 23 jun. 2012.

REJEITADO recurso do Flamengo sobre título brasileiro de 1987. **Supremo Tribunal Federal**, Brasília, 11 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=311893>>. Acesso em: 11 mar. 2016.

RIBEIRO, André. Os reis do futebol. **Literatura na Arquibancada**, 7 mar. 2013. Disponível em: <<http://www.literaturanaarquibancada.com/2013/03/os-reis-do-futebol.html>>. Acesso em: 15 set. 2015.

RIBEIRO, Diego. Após debandada, Corinthians se protege com fatias maiores de reforços. **Globoesporte**, São Paulo, 8 fev. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/corinthians/noticia/2016/02/apos-debandada-corinthians-se-protege-com-fatias-maiores-de-reforcicos.html>>. Acesso em: 8 fev. 2016.

RIO Ferdinand admite não jogar mais pela seleção da Inglaterra. **Globoesporte**, Manchester, 9 jun. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2012/06/rio-ferdinand-admite-nao-jogar-mais-pela-selecao-da-inglaterra.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

RIO FERDINAND fined £45,000 by FA over “choc ice” tweet. **The Telegraph**, Londres, 17 ago. 2012. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/manchester-united/9482601/Rio-Ferdinand-fined-45000-by-FA-over-choc-ice-tweet.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

RIO FERDINAND lamenta racismo da própria torcida: “Não é brincadeira”. **Lancenet**, Londres, 29 mar. 2013. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Fifa-Inglatterra-ofensas-racistas-Ferdinand_0_891510855.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

RODRIGUES, Vanessa. Ferdinand critica organização contra o racismo por não terem apoiado seu irmão no tribunal. **Goal**, Rio de Janeiro, 2 out. 2014. Disponível em: <<http://www.goal.com/br/news/3597/inglaterra/2014/10/02/5152467/ferdinand-critica-organiza%C3%A7%C3%A3o-contra-o-racismo-por-n%C3%A3o-terem>>. Acesso em: 16 mar. 2016.

ROGOVITSKIY, Dmitriy. Russian Premier League coach gets five-match ban for racist remarks about black players and Ebola... then blames British media for not understanding his “joke”. **Daily Mail**, 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/football/article-2831665/Russian-Premier-League-coach-gets-five-match-ban-racist-remarks-black-players-Ebola-blames-British-media-not-understanding-joke.html>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

RONALDINHO Gaúcho. **Globoesporte**, Rio de Janeiro, [2005]. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/FlashShow/0,,7104,00.swf>>. Acesso em: 4 fev. 2016.

RUSSIAN coach Igor Gamula banned for racist comments. **BBC**, Londres, 12 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.bbc.com/sport/football/30023249>>. Acesso em: 18 mar. 2016.

SANTANA, Ana Lucia. Xenofobia. **Infoescola**, 2015. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/psicologia/xenofobia/>>. Acesso em: 28 set. 2015.

SILVA, Jones Lopes da. Estilo gaúcho mata o futebol brasileiro, critica Paulo César Caju. **Zero Hora**, Porto Alegre, 6 set. 2014. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/noticia/2014/09/estilo-gaucha-mata-o-futebol-brasileiro-critica-paulo-cezar-caju-4592102.html>>. Acesso em: 7 set. 2014.

SIQUEIRA, Igor. Vaivém promete esquentar com abertura da janela. **Lancenet**, Rio de Janeiro, 28 dez. 2010. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Vaivem-esquentar-janela_0_398360167.html>. Acesso em: 18 jun. 2012.

SUPOSTO racismo de torcedores faz Chelsea acionar polícia. **Lancenet**, Londres, 22 jan. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/acusacao-racismo-Ferdinand-reencontra-Tery_0_635336637.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

TERRY é denunciado pela promotoria britânica. **Lancenet**, Londres, 21 dez. 2011. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Terry-denunciado-promotoria-britanica_0_613138732.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

TERRY É culpado de racismo e acaba suspenso por quatro jogos. **Lancenet**, Londres, 27 set. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Terry-culpado-racismo-Federacao-suspende_0_781721891.html>. Acesso em: 26 nov. 2013.

TERRY SE aposenta da seleção inglesa: “Minha posição ficou insustentável”. **Globoesporte**, Londres, 23 set. 2012. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/futebol-ingles/noticia/2012/09/terry-se-aposenta-da-selecao-inglesa-minha-posicao-ficou-insustentavel.html>>. Acesso em: 26 nov. 2013.

THOMAS, Ian. Jesse Owens. **Black History Month**, Reino Unido, 26 ago. 2015. Disponível em: <<http://www.blackhistorymonth.org.uk/article/section/sporting-heroes/jesse-owens/>>. Acesso em: 22 set. 2015.

UM OLHAR sobre a pior crise de migração desde a Segunda Guerra Mundial. **UOL**, São Paulo, 6 set. 2015. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2015/09/06/um-olhar-sobre-a-pior-crise-de-migracao-desde-a-segunda-guerra-mundial.htm>>. Acesso em: 6 set. 2015.

VÍTIMA de racismo, Touré ameaça boicote de negros na Copa da Rússia. **Globoesporte**, Manchester, 25 out. 2013. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/liga-dos-campeoes/noticia/2013/10/vitima-de-racismo-toure-ameaca-boicote-de-negros-na-copa-da-russia.html>>. Acesso em: 25 out. 2013.

WAGMAN, Robert. FIFA, UEFA seeking EU waiver to greatly limit foreign players. **Soccertimes**, Bruxelas, 20 dez. 1999. Disponível em: <<http://www.soccertimes.com/wagman/1999/dec20.htm>>. Acesso em: 3 mar. 2016.

XAVIER, João Vitor. Após Terry ser “esnobado” por Anton Ferdinand, nova polêmica pode ocorrer na próxima semana, quando Evra e Suárez se reencontram. **Lancenet**, Rio de Janeiro, 17 set. 2012. Disponível em: <http://www.lancenet.com.br/minuto/Inglaterra-mobiliza-acabar-aperto-jogos_0_775722476.html#ixzz2mG7muXd2>. Acesso em: 26 nov. 2013.